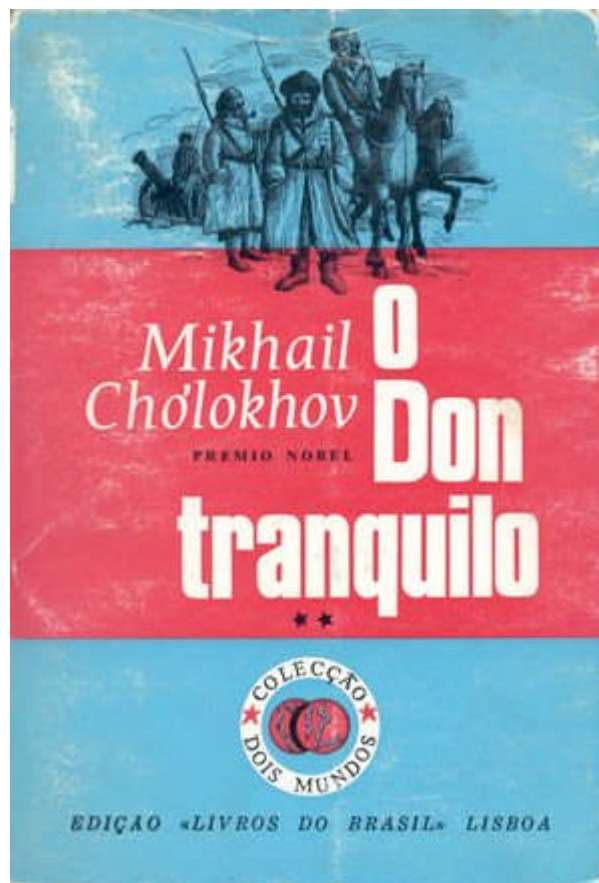


Mikhail Cholokhov

O Don tranquilo

Volume Segundo







<http://groups.google.com/group/digitalsource>

TÍTULO: O Don tranquilo

AUTOR: Cholókhov, Mikhail

GÉNERO: Romance

CLASSIFICAÇÃO: Literatura Russa - Século XX - Ficção

EDITORA: Livros do Brasil

Lisboa, 19**

COLEÇÃO: Dois Mundos, nº 104

Mikhail Cholókhov

O Don Tranquilo

Versão portuguesa integral de

Armindo Rodrigues

Esta obra é constituída por quatro volumes

QUARTA PARTE

I

Era uma noite de Outubro de 1916, na Poléssia. Chovia e ventava. Ao longo de um pântano orlado de amieiros, rasgavam-se trincheiras, reforçadas à frente por arame farpado. Nas trincheiras, havia uma lama gélida. Molhada da chuva, a chapa de protecção da sentinela brilhava debilmente. Nos abrigos, as luzes eram raras. À entrada de um dos abrigos dos oficiais, um vulto atarracado parou um instante; passou os dedos encharcados pelos botões do capote, desabotoou-o rapidamente, sacudiu-lhe a água da gola, limpou com força os pés a um feixe de palha mergulhado na lama, empurrou a porta e entrou, baixando-se.

Um raio de luz amarela e como que oleosa, que um candeeirinho de petróleo projectava, iluminou-lhe a cara. Um oficial de dólman desabotoado soergueu-se na cama de tábuas, meteu as mãos por entre os cabelos grisalhos, despenteados, e bocejou.

- Está a chover?

- Está respondeu o recém-chegado. - E pendurou num prego, à entrada, o capote e o boné, mole da humidade. - Aqui dentro está calor. Deve ser da vossa respiração.

- Acabámos de acender o lume. A desgraça é a água que surde do chão. Este raio desta chuva acaba por nos atirar daqui para fora. Que lhe parece, Buntchu?

Buntchuk curvou-se, estendendo as mãos, e acorrou-se em frente do fogãozinho.

- Vocês precisam de assentar aqui tábuas. No nosso abrigo, é outra coisa: podemos andar descalços. Onde está o Lisstnítzki?

- Está a dormir.

- Há muito tempo?

- Fez a sua ronda e deitou-se.

- Já se pode acordar?

- Acho que sim. Jogaremos o xadrez.

Buntchuk passou o dedo indicador direito sobre as sobrancelhas largas e espessas, para as enxugar da água da chuva, e disse em voz branda, sem levantar a cabeça:

- Evguéni Níkoláievitch!

Lisstnítzki ergueu-se sobre um cotovelo.

- Hã?

- Vamos jogar o xadrez?

Sentou-se Lisstnítzki à borda da cama, e esfregou demoradamente, com a palma de uma mão rosada e gorda, o peito rechonchudo.

Dois oficiais do quinto esquadrão, o capitão Kalmíkov e o tenente Tchubov, chegaram no fim do primeiro jogo.

- Uma novidade! - gritou Kalmíkov, mal entrou. - Parece que o regimento vai ser rendido.

- Como sabes tu isso? - inquiriu o capitão Merkulov, com um sorriso céptico.

- Não me acreditas, meu velho Pétia?

- Confesso que não

- Comunicação telefónica do comandante da bateria. Como o sabe ele? Pois bem: acaba de voltar do Estado-Maior da Divisão.

Tomava agora de bom grado um banho de vapor. Sorrindo beatificamente, Tchubov fez menção de fustigar as nádegas com um molho de raminhos de árvores. Merkulov desatou a rir.

- Só o que nos falta é a caldeira. Água temo-la nós com fartura.

- Está húmido, muito húmido, realmente, meus senhores - rosnou Kalmíkov, considerando as paredes de toros de madeira e o chão ensopado.

- Estamos à beira de um pântano.

- Agradeçam ao Altíssimo: à beira deste pântano, estão vocês como no céu interveio Buntchuk. Onde a terra é seca, eles atacam; num sítio destes gasta-se um carregador por semana.

- Mais valia atacarmos que apodrecermos para aqui vivos.

- O papel dos cossacos não é morrerem numa ofensiva, meu velho Pétia. Armas em mais ingénuo do que és.

- E que papel é então o deles, na tua opinião?

- Quando o achar necessário, o governo apoiar-se-á neles, seguindo a velha tradição.

- Isso é uma heresia! - replicou Kalmíkov com um gesto de repúdio.

- Como é que é uma heresia?

- Está claro que é.

- Deixa-te disso, Kalmíkov. Não serve de nada negar a verdade.

- Não sei a que verdade te referes...

- Mas toda a gente sabe. Porque finges tu não saber?

- Atenção, se-nhores oficiais! - clamou Tchubov, apontando Buntchuk teatralmente. - Dentro de alguns momentos, o alferes Buntchuk vai prever o futuro, em conformidade com a democracia social-democrata!

- Estás a fazer de palhaço? - observou Buntchuk a sorrir, mas fitando Tchubov de modo a fazer-lhe baixar o olhar. - Podes continuar: cada um tem a sua vocação. Estou eu a dizer-lhes que desde os meados do ano passado nós não sabemos o que seja a guerra. A partir do começo da guerra de posições, os regimentos cossacos foram deslocados para os sítios tranquilos, e aí ficarão de reserva o tempo que seja necessário.

- E depois?- perguntou Lisstnítzki, que estava a arrumar na caixa as peças do xadrez.

- Depois, quando estalarem na frente os primeiros motins, e isso é inevitável, porque os soldados principiam a estar fartos da guerra, como o prova o aumento do número de desertores, mandar-se-ão os cossacos reprimir, esmagar os rebeldes. O governo guarda as tropas cossacas como a sua última pedra. Chegado o momento, servir-se-á dela para partir os dentes à revolução.

- Estás a exagerar! As tuas suposições são pouco consistentes. Em primeiro lugar, não se podem prever os acontecimentos. Como sabes tu que haverá motins e tudo o mais que afirmas? Suponhamos o seguinte: os aliados batem os alemães, a guerra acaba por uma vitória brilhante. Que papel será, então, o dos cossacos? objectou Lisstnítzki.

Buntchuk sorriu discretamente.

- O fim da guerra é que nós não vemos próximo, e, muito menos, brilhante.

- Sim, a guerra prolonga-se...

- E há-de prolongar-se mais ainda garantiu Buntchuk.

- Quando voltaste tu de licença? indagou Kalmíkov.

- Anteontem.

Buntchuk estendeu os lábios, expeliu uma nuvenzinha de fumo, e deitou fora a ponta do cigarro.

- Onde estiveste?

- Em Petrogrado.

- E como vai lá vida? Continua a haver a mesma animação na capital? Ah, diabos, o que eu daria para lá passar nem que fossem oito dias.

- A alegria é pouca - retorquiu Buntchuk, pesando as palavras. - O pão falta. Nos bairros operários há fome, e sente-se um descontentamento, um protesto surdo crescer.

- Esta guerra não vai acabar bem para nós. Que lhes parece, meus senhores? - lançou Merkulov, com um olhar interrogativo à roda.

- A guerra russo-japonesa desencadeou a revolução de 1905. Também o fim desta será uma revolução. E não só uma revolução, como uma guerra civil.

Lisstnítzki, que escutava Buntchuk com atenção, havia feito um vago gesto, como que para o interromper no meio de uma frase; e depois erguera-se e pusera-se a andar de um lado para o outro do abrigo, de expressão carregada. Findou por dizer, com contida raiva:

- Surpreende-me verificar que existem entre os nossos oficiais indivíduos desta espécie. - E apontou Buntchuk, que se sentara. - Surpreende-me isso, porque até agora não percebi bem qual seja a atitude deles em relação à pátria e à guerra... Este exprimiu-se um dia, em conversa comigo, de modo muito nebuloso, mas suficientemente claro, no entanto, para eu poder compreender que era partidário da nossa derrota. Compreendi-te bem, Buntchuk?

- Sim, sou pela derrota.

- Mas porquê? Quanto a mim, sejam quais forem as tuas opiniões políticas, desejar a derrota da pátria... é uma traição, uma infâmia, aos olhos de qualquer homem honrado.

- Lembrem-se vocês de que o grupo bolchevique da Duma (*Etimologicamente, pensamento. Assim se designava o Parlamento do Império*) se manifestou contra o governo e trabalha em prol da derrota interveio Merkulov.

- O teu ponto de vista é o mesmo, Buntchuk? - perguntou-lhe Lisstnítzki.

- Visto que sou partidário da derrota, evidentemente que o meu ponto de vista é o mesmo. Aliás, seria cómico que eu, que sou membro do Partido Social-Democrata, bolchevique, da Rússia, não partilhasse os, seus pontos de vista. O que me admira, Evguéni Nikoláievitch, é que tu, um homem ilustrado como és, sejas politicamente analfabeto.

- O que eu sou, antes do mais, é um soldado devotado ao monarca. A simples presença de «camaradas socialistas» me desgosta.

«Antes do mais, o que tu és é um imbecil e, ainda por cima, um militarão feliz de si» pensou Buntchuk, reprimindo um sorriso.

- Só Alá é Deus...

- Sempre os militares constituíram um corpo à parte - disse Merkulov, como que à laia de desculpa. - Sempre nos mantivemos arredados da política. A política não é connosco.

O capitão Kalmíkov estava sentado, mordiscando o bigode caído, com os seus olhos de mongol a luzirem-lhe. Estendido numa cama, Tchubov examinava, ao mesmo tempo que seguia a conversa, um desenho de Merkulov, pregado na parede, e que o fumo do tabaco amarelara: uma mulher meio nua, com cara de Madalena, de sorriso langoroso e

lascivo, fitando o peito descoberto. Apertava entre dois dedos da mão esquerda um dos mamilos castanhos, de mendinho afastado, em riste; a luz quente das pupilas filtrava-se-lhe por entre as pálpebras semicerradas; um ombro um pouco subido impedia-lhe a camisa de descair por completo; uma mancha doce de luz enchia-lhe as fossas supraclaviculares. Tanta graça natural e tanta verdade havia na posição daquela mulher, tão agradável era o colorido do desenho, que Tchubov, sorridente sem dar por isso, se absorveu na sua contemplação; e a pouco e pouco se foi alheando da conversa.

- Está muito bem! - comentou ele, desviando os olhos do desenho, e muito pouco a propósito, porque, naquele momento, Buntchuk acabava assim uma frase:

- O tsarismo será destruído, podem ter a certeza. - Enrolando um cigarro, com um sorriso sarcástico, Lisstnítzki olhava alternadamente Buntchuk e Tchubov.

- Buntchuk! - exclamou Kalmíkov. - Espera aí, Lisstnítzki!... Buntchuk!... Estão-me a ouvir?... Admitamos que esta guerra se transforme em guerra civil... E depois?... Vocês deitam abaixo a monarquia... Mas que governo implantariam vocês a seguir? A quem dariam vocês o poder?

- Ao proletariado.

- Vocês querem um parlamento, não é isso?

- Não é bem! E Buntchuk sorriu.

- Então que é, exactamente?

- Uma ditadura operária.

- É isso, então?... E os intelectuais e os camponeses que papel desempenhariam?

- Os camponeses seguir-nos-ão, e uma parte dos intelectuais conscientes igualmente... Quanto aos outros, aqui está o que lhes faremos... - Buntchuk torceu com um movimento brusco um papel que tinha nas mãos, brandiu-o no ar e repetiu entre os dentes:

- Aqui está o que lhes faremos.

- Vocês sonham com altos voos - disse Lisstnítzki, trocista.

- E voaremos alto - replicou Buntchuk.

- Pois despachem-se em arranjar palha que lhes amortença a queda...

- Mas por que diabos se alistou você para vir para a frente de batalha e procurou que o promovessem a oficial? Como concilia você isto com as suas concepções? É extraordinário! Ora aqui está um homem que é contra a guerra... hã-hã!... contra a exterminação dos seus... irmãos de classe, como ele diz... e é alferes!

E Kalmíkov deu uma palmada nos canos das botas e rompeu a rir, com um riso sincero.

- Quantos operários alemães mataram vocês com o vosso grupo de metralhadoras? -
inquiriu Lisstnítzki.

Buntchuk tirou de uma algibeira interior do capote um maço de papéis, que folheou algum tempo, de costas viradas para Lisstnítzki; em seguida, dirigiu-se para a mesa, sobre a qual endireitou com a mão larga, de veias salientes, uma velha folha amarela.

- Quantos operários alemães matei? Aí está um problema!

- Eu alistei-me, porque, de qualquer modo, ter-me-iam mobilizado. Penso que os conhecimentos que adquiri nas trincheiras me serão úteis mais tarde... mais tarde. Ora escutem vocês isto...

E pôs-se a ler este artigo de Lénine:

«Vejam os exércitos actuais. Eis um bom exemplo de organização. E esta organização só é boa porque é maleável, e porque é capaz, a par disso, de imprimir a milhões de homens uma vontade única. Um dia, esses milhões de homens estão nas suas casas, por todos os cantos do país. No dia seguinte, chega uma ordem de mobilização, e eles concentram-se nos pontos para que foram convocados. Um dia, estão nas trincheiras, e demoram-se lá por vezes meses seguidos. No dia seguinte, lançam-se num ataque, numa nova formação de combate. Um dia, fazem milagres, para se livrarem das balas e das granadas. No dia seguinte, fazem milagres num combate descoberto. Um dia, os seus elementos avançados colocam minas debaixo do chão. No dia seguinte, deslocam-se para verbas de distância, guiados pelas indicações de aviadores que sobrevoam a terra. Uma organização é isto: para um mesmo fim, animados de uma mesma vontade, milhões de homens modificam a forma das suas relações mútuas e, dos seus actos, mudam de lugar e de modo de actividade, de ferramentas e de armas, conforme as modificações das circunstâncias e as exigências da luta.

A mesma doutrina é de aplicar à luta da classe operária contra a burguesia. Actualmente, não estamos perante uma conjuntura revolucionária...»

- Que é isso de «conjuntura»? interpelou-o Tchubov.

Buntchuk reagiu como um homem a quem tivessem acordado de repente, buscando compreender a pergunta, enquanto coçava a testa proeminente com a base de um polegar.

- Pergunto eu o que quer dizer aqui a palavra «conjuntura».

- Compreender o que é compreendo-o bem. Vamos a ver se sou capaz de o explicar com exactidão. Buntchuk teve um sorriso límpido, simples, um sorriso de criança, estranho na sua face severa, como a passagem fugaz, num campo outonoal, entristecido pela chuva,

de uma lebrezinha cinzenta-clara, a brincar e às cabriolas. Conjuntura... é uma situação, um conjunto de circunstâncias, enfim. Estão a perceber?

Lisstnítzki aquiesceu imperceptivelmente com a cabeça.

- Continua a ler!

«Actualmente, não estamos perante uma conjuntura revolucionária. Faltam para isso as condições de uma fermentação de massas, de um aumento da sua actividade. Se vos puserem hoje um boletim de voto na mão, aceitai-o, e procurai organizar-vos para o utilizar contra os vossos inimigos, não para mandar para o Parlamento, para lugarzinhos cómodos, homens que se agarrarão às suas cadeiras, com medo da prisão. Se amanhã, em vez do vosso boletim de voto, vos puserem nas mãos uma carabina ou um soberbo canhão de tiro rápido, fruto da última palavra da técnica, aceitai esses engenhos de morte e de destruição, não escuteis os choramingas sentimentais a quem a guerra assusta; há ainda no mundo muitas coisas que devem ser destruídas a ferro e fogo, em prol da libertação da classe operária; e, se a cólera e o desespero crescerem nas massas, se se criar uma conjuntura revolucionária, preparai-vos para constituir novas organizações e pôr em acção esses engenhos tão úteis de morte e de destruição contra o vosso governo e a vossa burguesia...»

Antes de Buntchuk haver terminado a leitura, batia à porta e entrava no abrigo o ajudante do quinto esquadrão.

- Vossa Nobreza - disse ele a Kalmíkov -, está lá fora um estafeta que veio do Estado-Maior do regimento.

Kalmíkov e Tchubov vestiram-se e saíram. Merkulov pôs-se a desenhar, assobiando. Lisstnítzki continuava a andar de um lado para o outro do abrigo, cofiando o bigode e meditando. Não tardou que Buntchuk se despedisse e abalasse. Segurando a gola do capote com a mão esquerda, e com a direita mantendo-lhe as abas cruzadas, meteu pela trincheira adiante, chapinhando na lama líquida. O vento, encanado pela passagem estreita, assobiava e redemoinhava nos ângulos dela. Buntchuk caminhava na obscuridade, com um sorriso nos lábios. Ao chegar ao seu abrigo, estava de novo encharcado e impregnado do cheiro das folhas de amieiro podres. O comandante do grupo de metralhadores dormia. A cara dele, tisonada, de bigode preto, tinha sinais lívidos de insónia: três noites seguidas ele havia jogado as cartas. Buntchuk remexeu na sacola que guardara do tempo em que era simples soldado, queimou junto à porta um maço de papéis, meteu nas algibeiras umas latas de conservas e algumas mãos-cheias de balas de revólver, e voltou a sair. O vento penetrou

um instante pela porta novamente aberta, espalhou a cinza dos papéis queimados, e apagou o candeeirinho fumarento.

Depois da abalada de Buntchuk, Lisstnítzki havia continuado a andar cerca de uns cinco minutos, depois do que se acercou da mesa. De cabeça inclinada a um lado, Merkulov desenhava. O lápis dele, finamente afiado, ia espalhando sombras leves no papel, de cujo fundo branco sobressaía a cara de Buntchuk, cortada pelo seu sorriso discreto e como que contrafeito.

- É uma cara expressiva - disse Merkulov, tirando a mão de cima do desenho, e erguendo os olhos para Lisstnítzki.

- A tua opinião sobre ele? - inquiriu este.

O diabo o entende ripostou Merkulov, que penetrou o sentido da pergunta. É um homem esquisito. E hoje, que se abriu, percebi muitas coisas que ainda não tinha conseguido decifrar. Sabes que ele é muito popular entre os soldados, em especial os de metralhadoras? Não tinhas reparado nisso?

- Já - replicou Lisstnítzki, em tom vago.

Os soldados de metralhadoras, todos sem excepção, são bolcheviques. Ele deu-lhes volta ao miolo. Estou surpreso de que tenha posto o seu jogo à mostra. com que propósito? Para nos irritar, com certeza! Sabendo como sabe que nenhum de nós é da opinião dele, para que terá ele feito isto? Não é um exaltado. É um tipo perigoso.

A reflectir sobre o comportamento estranho de Buntchuk, Merkulov pôs o seu desenho de banda e principiou a despir-se. Pendurou do fogão as meias húmidas, deu corda ao relógio, fumou um cigarro, e deitou-se. Pouco depois, estava a dormir. Lisstnítzki sentou-se no banco que Merkulov ocupara um quarto de hora antes, e em letra rasgada, nas costas do desenho, partindo o bico aguçado do lápis, escreveu:

«Vossa Alta Nobreza:

As suspeitas que eu lhe havia já precedentemente comunicado confirmaram-se hoje por completo. No decurso de uma conversa que hoje teve com alguns oficiais do nosso regimento (estando presentes, além de mim, o capitão Kalmíkov e o tenente Tchubov, do quinto esquadrão, e o capitão Merkulov, do terceiro), o alferes Buntchuk expôs, com um fim que, confesso-o, não entendo, as ideias que o movem, conformes às suas convicções políticas, e certamente em obediência às ordens do seu partido. Tinha na sua posse um maço de papéis de carácter ilegal. Leu, assim, extractos do órgão do mesmo partido, «O Comunista», que se publica em Genebra. O alferes Buntchuk faz sem dúvida um trabalho clandestino no nosso regimento (é legítimo pensar que foi para isso que se alistou).

E os soldados de metralhadoras são o objectivo imediato da sua propaganda. Esses soldados estão desmoralizados. A perniciosa influência dele exerce-se sobre o espírito de todo o regimento: já tivemos casos de recusa em executar ordens de combate, e outros equivalentes, do que em tempo devido informei a Repartição Especial do Estado-Maior da Divisão.

O alferes Buntchuk voltou de licença há dias (esteve em Petrogrado), com uma abundante literatura subversiva; deve tentar agora intensificar a sua actividade.

Apoiando-me nos pontos acima expostos, cheguei às seguintes conclusões: a) a culpabilidade do alferes Buntchuk é indubitável (os senhores oficiais que assistiram à conversa podem, sob juramento, confirmar o meu relatório); b) é indispensável, para pôr termo à sua actividade revolucionária, prendê-lo e julgá-lo em tribunal militar; c) deve-se, com urgência, depurar o grupo de metralhadoras, prender os elementos particularmente perigosos e mandar os outros para a retaguarda, ou dispersá-los por regimentos vários.

Peço-lhe que creia no meu sincero desejo de servir os interesses da pátria e do monarca. Uma cópia do presente relatório vai ser por mim enviada ao general comandante do Corpo do Exército.

Capitão *Evguéni Lisstnítzki*.

20 de Outubro de 1916. Sector N° 7.»

No outro dia de manhã, Lisstnítzki enviou um estafeta com o seu relatório ao Estado-Maior da Divisão, almoçou e saiu do abrigo. Por trás do parapeito peganhento, por sobre o pântano, um nevoeiro flutuava, em flocos que pareciam agarrar-se aos dentes do arame farpado. Uma polegada de lama líquida cobria o fundo das trincheiras. Regueiras castanhas corriam dos sulcos cavados pelo apoio das armas. Alguns cossacos acorados, de capotes ensopados e sujos, ferviam chá nas gamelas, por sobre as chapas de protecção, e fumavam, de carabinas arrimadas à parede.

- Quantas vezes já se lhes disse que é proibido acender lume nessas chapas? Não percebem o que se lhes diz, súcia de malandros? - gritou raivosamente Lisstnítzki, ao aproximar-se do primeiro grupo de homens que viu assim de cócoras em torno das chamas fumarentas.

Dois deles levantaram-se de má vontade, ao passo que os outros continuaram a fumar, com as abas dos capotes apanhadas. Um cossaco barbudo, com uma argola de prata pendente do lobo negro de uma orelha, respondeu, enfiando um feixe de raminhos por baixo da gamela:

- Muito felizes nos sentiríamos nós se pudéssemos passar sem elas. Mas como quer Vossa Nobreza que se acenda o lume? Veja a água toda que aqui há. Tem bem um quarto de archine de altura.

- Tira imediatamente essa chapa daí!

- Temos então que ficar sem comer? É isso?... proferiu um cossaco de larga face bexigosa, virando-lhe as costas, com ar sombrio.

- Estou a falar contigo... Tira daí a chapa!

E Lisstnítzki espalhou os raminhos que ardiam por baixo da gamela.

Com um sorriso de atrapalhão e de ódio, o cossaco barbudo, da argola na orelha, entornou a gamela de água a ferver e rosou:

- Já bebemos o chá, rapazes...

Os cossacos seguiram com os olhos, em silêncio, o capitão que se afastava. O olhar húmido do barbudo despedia chispas.

- Ofendeu-nos, o cão!

- Aaaah!... - rouquejou outro e enfiou no ombro a bandoleira da carabina.

Quando chegou ao sector ocupado pelo quarto pelotão, Lisstnítzki foi abordado por Merkulov. Este estava ofegante, o casaco de coiro novo rangia-lhe, o hálito dele cheirava fortemente a tabaco ordinário. Afastou-se para um lado com Lisstnítzki e sussurrou-lhe rapidamente:

- Sabes a novidade? Buntchuk desertou a noite passada.

- Buntchuk? Quê?

- Desertou... Estás a compreender? Ignátitch, o comandante do grupo de metralhadoras, que, como sabes, dorme no mesmo abrigo em que ele dormia, disse que ele não se tinha recolhido à noite. Isto significa que, depois de nos deixar, se raspou... Aqui tens tu.

Lisstnítzki limpou demoradamente as lunetas, de testa franzida.

- Dir-se-ia que isto te perturbou? - observou Merkulov, com um olhar penetrante.

- A mim? Olha que ideia! Tu és maluco! Porque havia isso de me perturbar? Fiquei surpreendido, simplesmente. Não o esperava.

II

No dia seguinte de manhã, o ajudante entrou contrafeito no abrigo de Lisstnítzki e anunciou-lhe, depois de um momento de hesitação:

- Os homens encontraram esta manhã estes papéis nas trincheiras, Vossa Nobreza... Isto é um pedaço maçador. Eu vim imediatamente comunicar-lho. Poderíamos vir a ter aborrecimentos. ..

- Que papéis são? - perguntou Lisstnítzki, levantando-se da cama.

O ajudante estendeu-lhe várias folhas que trazia amarrotadas numa das mãos. Em papel de má qualidade, viam-se as mesmas palavras impressas em todas. Lisstnítzki leu de um fôlego:

«Proletários de todos os países, uni-vos!»

CAMARADAS SOLDADOS!

Há dois anos que dura esta maldita guerra. Há dois anos que vós sofreis nas trincheiras por interesses que não são os vossos. Há dois anos que corre o sangue dos operários e dos camponeses de todos os países. Centenas de milhares de mortos e de mutilados, centenas de milhares de órfãos e de viúvas são o resultado desta chacina. Por quem estais em guerra? De quem são os interesses que defendeis? O governo tsarista mandou milhões de soldados para as linhas de fogo, para se apoderar de novas terras e oprimir as suas populações, como oprime a Polónia e as outras nacionalidades que domina. Quando os industriais do mundo inteiro não conseguem pôr-se de acordo sobre a divisão dos mercados por que poderiam escoar a produção das suas fábricas e oficinas, quando não conseguem dividir à boa paz os seus lucros, essa divisão efectua-na pela força das armas, e vós, os pequenos, caminhais para a morte, combatendo pelos interesses deles, e matando outros homens que são trabalhadores como vós.

Basta de sangue fraterno vertido! Trabalhadores, reflecti! O vosso inimigo não é o soldado austríaco ou alemão, enganado como vós, mas o vosso próprio

tsar, os vossos industriais, os vossos proprietários rurais. Virai contra eles as vossas armas. Confraternizai com os soldados alemães e austríacos. Através do arame farpado, por meio do qual vos separam, estendei uns aos outros as vossas mãos. Sois irmãos pelo trabalho. As vossas mãos estão ainda marcadas pelos calos sangrentos do trabalho. Não tendes nada a perder. Abaixo a autocracia! Abaixo a guerra imperialista! Viva a unidade indestrutível dos trabalhadores do mundo inteiro!»

Lisstnítzki leu as últimas linhas, sufocado. «Ora aqui está! A coisa começa!» pensou ele, tomado de ódio, esmagado ao peso de pressentimentos que o invadiam. Telefonou ao general comandante do regimento e explanou-lhe o que se havia passado.

- Que ordens dá Vossa Excelência? - rematou ele. Através do zumbido de mosquito do telefone e do tinido das suas campainhas longínquas, as palavras do general ressoavam pesadamente no auscultador:

- Proceda imediatamente a uma busca, com o ajudante e os oficiais comandantes de pelotão. Reviste-se toda a gente, incluindo os oficiais. Hoje mesmo perguntarei para o Estado-Maior da Divisão quando tenciona render o regimento. Vou ver se isso se consegue depressa. Se descobrir qualquer coisa durante a busca, comunique-mo imediatamente.

- Tenho a impressão de que é trabalho dos soldados de metralhadoras.

- Ah, sim? Vou também dar ordens a Ignátitch para fazer o mesmo com os homens dele. Até outra vez.

Lisstnítzki reuniu os oficiais comandantes de pelotão no abrigo dele e comunicou-lhes as ordens do general.

- Mas isso é odioso! - desabafou Merkulov. - Vamos então passar busca uns aos outros?

- O senhor primeiro, Lisstnítzki - propôs o jovem e imberbe tenente Razdórtsev.

- Tira-se à sorte.

- Não. Por ordem alfabética.

- Meus senhores, deixemo-nos de brincadeiras - cortou Lisstnítzki com severidade. - O nosso velho exagera, bem entendido: os oficiais deste regimento estão acima de toda a suspeita, como a mulher de César. Suspeito havia um, o alferes Buntchuk, mas desertou; o que é preciso é fazer uma busca aos cossacos. Chamem o ajudante.

Entrou o ajudante, um cossaco já idoso, cavaleiro de São Jorge de terceira classe. A tossir, considerou os oficiais.

- Na tua opinião, quais são os suspeitos do esquadrão? Quem te parece que pudesse ter distribuído estes manifestos? inquiriu Lisstnítzki.

- Ninguém. Vossa Nobreza - respondeu o ajudante com segurança.

- No entanto, eles foram encontrados no sector do nosso esquadrão. Veio alguém dos outros esquadrões às nossas trincheiras?

- Ninguém. Não veio ninguém dos outros esquadrões.

- Temos que lhes passar uma busca a um e um - disse Merkulov, com um gesto de lassidão, dirigindo-se para a porta.

A busca começou. As faces dos cossacos exprimiam sentimentos diversos: uns mostravam-se carrancudos e admirados, outros olhavam receosamente para os oficiais que remexiam nos seus pobres equipamentos de soldados, outros ainda riam-se. Um sargento batedor, perguntou resolutamente:

- Mas digam-nos o que procuram. Se roubaram qualquer coisa, talvez a gente saiba onde esteja.

Não deu qualquer resultado a busca. Só um cossaco do primeiro pelotão é que tinha um manifesto, amarrotado, num bolso do capote.

- Leste isto? - interrogou-o Merkulov, atirando a folha para o chão com um gesto cómico.

- Apanhei-o para enrolar cigarros - replicou o cossaco, com um sorriso, baixando os olhos.

- Estás a sorrir? - berrou Lisstnítzki, corando e aproximando-se dele, com as pestanas curtas e doiradas a tremerem-lhe nervosamente por trás das lunetas.

A cara do cossaco fez-se subitamente séria, como se um sopro de vento lhe tivesse varrido o sorriso.

- Ora, Vossa Nobreza! Mas eu quase não tenho instrução. Leio muito mal. Apanhei isso porque não tinha mortalhas. Tabaco tenho, mas papel não. Não foi por mais nada.

O cossaco falava em voz alta, ofendida, em que lhe transparecia a irritação.

Lisstnítzki cuspiu para o lado e afastou-se, com os oficiais atrás.

No outro dia, o regimento foi rendido e transferido para a retaguarda, a uma dezena de verstás da frente. Dois homens do grupo de metralhadoras foram presos e julgados em tribunal militar, e dos outros uma parte passada para regimentos de reserva, e outra parte dispersa pelas unidades da 2.^a Divisão cossaca. Ao fim de alguns dias de descanso, o regimento tinha um aspecto relativamente decente. Os cossacos tinham-se lavado, limpadado tudo o que lhes pertencia, e barbeado cuidadosamente. Não tinham feito isto como nas trincheiras, em que libertavam as faces da sua vegetação por uma forma simples, mas

dolorosa: pegando fogo aos pêlos com um fósforo; mal o fogo, queimada a barba, chegava à pele, aplicavam-lhe por cima, à pressa, uma toalha molhada. A isto chamavam eles «barbear à porco».

- Queres que eu te barbeie à porco? - perguntavam os barbeiros dos pelotões aos seus clientes.

O regimento descansava. Os cossacos tinham um aspecto mais arranjado e mais alegre, mas Lisstnítzki sabia, e como ele todos os oficiais, que aquela alegria era incerta, como o tempo em Novembro. Bastava falar de partida para a frente, para que a expressão das faces imediatamente se lhes mudasse, com um descontentamento, uma hostilidade manifesta a assomar-lhes por entre as pálpebras. Sentia-se neles uma lassidão mortal, um esgotamento, que os mantinha moralmente instáveis. Lisstnítzki sabia bem quanto os homens são terríveis em tal estado, se se empenham nalgum propósito.

Em 1915, tinha ele visto uma companhia de infantaria lançar-se em cinco ataques sucessivos, sofrer perdas tremendas, e aceitar de cada uma das vezes a mesma ordem de voltar a atacar. Finalmente, os restos da companhia tinham abandonado as suas posições, sem autorização de o fazerem, e dirigiram-se para a retaguarda. Lisstnítzki recebera ordem de os fazer parar; mas ao tentá-lo, com o seu esquadrão em linha, eles haviam desatado a atirar. Da companhia não restavam mais de sessenta homens; ele notara, no entanto, com que valentia insensata, desesperada, aqueles homens se defendiam dos cossacos, baixando a cabeça às sabradas, deixando-se matar, precipitando-se ao encontro da destruição, do aniquilamento, indiferentes ao modo de morrer.

Acudia-lhe aquele incidente à memória, como uma recordação cruel, e perscrutava, cheio de angústia e com olhos novos, as caras dos cossacos, interrogando-se: «Também eles um dia virarão as costas e se irão embora, sem que nada, excepto a morte, os faça parar?» E, reparando-lhes no olhar fatigado e irritado, a si próprio respondia honestamente: «com certeza que sim.»

Os cossacos estavam radicalmente mudados em relação aos anos precedentes. Até as canções deles não eram as mesmas, mas outras novas, nascidas da guerra, impregnadas de uma negra desolação. À tardinha, ao passar ao lado do vasto armazém de uma fábrica em que o esquadrão se aboletara, Lisstnítzki ouvia a maior parte das vezes uma canção melancólica, de uma indefinível tristeza. Era sempre cantada a três ou quatro vozes. Uma voz de tenor, de uma pureza e de uma força raras, erguia-se, estridente, sobre as dos baixos profundos:

Ô meu país, minha terra natal,

Nunca mais te verei!
Nunca mais verei, nunca mais ouvirei
O rouxinol de madrugada, no jardim.

Mas não chores por mim,
Minha mãe, minha terra,
Porque nem todos nós, minha mãe querida,
Morreremos na guerra.

Lisstnítzki parava, escutava, e sentia que aquela tristeza singela se lhe comunicava também com violência. No coração, que lhe rompia a bater mais rápido, uma corda tensa vibrava-lhe dolorosamente à voz do tenor. De pé, perto do armazém, Lisstnítzki fixava as sombras do crepúsculo outonal, de olhos molhados de lágrimas, e uma dor viva e doce a pruir-lhe as pálpebras.

Aqui vou, aqui vou, numa planície rasa,
E dentro de mim o meu coração sente,
Ai, o meu coração sente e pressente,
Que o rapaz que sou não voltará para casa.

Ainda os baixos não tinham terminado as últimas palavras, já o tenor lhes dominava as vozes com a dele, palpitante como as asas de uma abetarda de peito branco, e cantava:

Uma bala assobion
Que no peito me feriu
E a crina do meu cavalo
Do meu sangue se tingiu.

Durante todo o tempo que o descanso durou, só uma vez Lisstnítzki ouviu as palavras entusiásticas e desafiadoras de uma velha canção cossaca. Foi uma tardinha, em que ele, como habitualmente, passava junto do armazém. Vozes e gargalhadas avinhadas feriram-lhe os ouvidos. Pensou com os seus botões que o furriel, que fora buscar mantimentos ao burgo de Nezviszka, havia trazido samogone (*Aguardente de cereais, destilada pelos camponeses*) e o distribuíra pelos cossacos. Estes, emborrachados, questionavam e riam,

não se percebia porquê. No regresso do passeio, ouviu ele o estridor violento de uma canção e um assobio selvático, estrídulo, mas harmonioso:

*Quem nunca esteve na guerra
É que não sabe o que é medo.
De dia encharcado, à noite a tremer,
Nem um instante se tem sossego.
Fi-iú-iú-iú-iú-iú-iú!
Fi-iú-iú-iú-iú-iú-iú! Fii-iú-iú!*

E o assobio modulado, ininterrupto, subia e descia como que em espiral, com trinta vozes retumbantes, pelo menos, a cobrirem-no:

*Em campanha, o medo e a desgraça
Não nos largam, a todas as horas.*

Um folião qualquer, por certo um jovem, assobiando com fúria e rapidez, dançava uma prissiadka no pavimento de madeira. As calcanharadas dele ressoavam distintamente a par do canto.

*O mar Negro ruge.
Nos barcos há luzes.
As luzes apagaremos,
E os turcos esganaremos.
Glória aos cossacos do Don!*

Lisstnítzki afastou-se, com um sorriso involuntário, procurando acertar o passo pelo ritmo das vozes. «Talvez a nostalgia da terra seja menos viva nos soldados de infantaria» pensou ele. Mas logo a razão lhe insinuou frias objecções: «Mas porque hão-de os soldados de infantaria ser diferentes dos outros? Sem dúvida, os cossacos reagem pior a esta inacção forçada das trincheiras: o trabalho deles habituou-os a um contínuo movimento. E há dois anos que os obrigam a estar para aqui sem fazer nada, sem irem além de umas tentativas infrutíferas de ofensivas. O exército está, como nunca esteve, enfraquecido. Era preciso que uma mão forte, um grande êxito, uma avançada os sacudisse. Mesmo os exércitos mais valentes e disciplinados se vão moralmente abaixo ao fim das guerras prolongadas. O

próprio Suvórov passou por isso... Mas os cossacos hão-de aguentar-se. Se cederem, serão os últimos. No fim de contas, sempre são uma espécie de uma nação, tradicionalmente guerreira, e não um amontoado qualquer de operários e de camponeses.»

Como que para o desenganar, uma voz aguda entoou no armazém a «Kálinuchka». Outras vozes intervieram e Lisstnítzki sentiu, enquanto se afastava, a angústia que enchia aquela velha canção:

*O jovem oficial a Deus ergue preces.
O jovem cossaco pensa no regresso.
Meu jovem oficial,
Deixa-me ir para casa,
Deixa-me ir para casa,
Para ao pé do meu pai,
Do meu pai e da minha mãe querida.
Do meu pai e da minha mãe querida
E da minha jovem mulher.*

Três dias depois de ter abandonado as trincheiras, Buntchuk chegou uma noite a um grande burgo comercial, situado na zona da frente. Já as casas tinham as luzes acesas. Cobria os charcos uma camada fina de gelo e os passos dos raros transeuntes ouviam-se de longe. De ouvidos atentos, Buntchuk evitava as ruas iluminadas e escolhia as mais estreitas e desertas. À entrada do burgo, por pouco não esbarrou com uma patrulha. Caminhava agora como um lobo, rapidamente cingindo-se às sebes, sem tirar a mão direita da algibeira do capote incrivelmente sujo: passara o dia num armazém, deitado por entre folhelho.

O burgo servia de base ao corpo de exército, com várias unidades nele aboletadas, de modo que a possibilidade de encontrar uma patrulha era constante. Na algibeira do capote, os dedos peludos de Buntchuk não largavam a coronha estriada do revólver.

À outra ponta do burgo, demoradamente perscrutou os portões e examinou a uma e uma as casas pobres de uma ruazinha sem ninguém. Ao fim de uns vinte minutos, acercou-se de uma, miserável, a uma esquina, espreitou por uma frincha da janela, sorriu, e entrou no pátio, com decisão. Bateu. Abriu-lhe uma mulherzinha, enrolada num xaile.

- Boriss Ivánovitch mora em sua casa? - perguntou Buntchuk.

- Mora. Faça favor de entrar.

Buntchuk entrou, encolhendo-se. Atrás dele, ouviu o ruído do trinco que se fechava. No quarto de tecto baixo, iluminado por uma lâmpada minúscula, sentado a uma mesa,

estava um homem de meia-idade, de uniforme militar. Os olhos dele preguearam-se para fitar o recém-chegado. Depois ergueu-se, com uma satisfação contida.

- Onde vens tu?

- Da frente.

- Sêrio?

- É como estás a ver. - Buntchuk sorriu, e tocando com um dedo num ombro do homem fardado, ciciou: - Há um quarto para mim?

- Há. Vem comigo.

Introduziu Buntchuk num quarto ainda mais pequeno, sem acender a luz, fê-lo sentar numa cadeira, fechou a porta, correu a cortina da janela, e atirou:

- A partida foi definitiva? Foi definitiva.

- Como vão as coisas por lá?

- Está tudo pronto.

- Os rapazes são de confiança?

- Ah, são!

- Cuido que seria melhor mudares primeiro de roupa. Depois falaremos. Dá-me cá o capote. Vou trazer-te água para te lavares.

Enquanto Buntchuk se lavava numa bacia de cobre esverdeada, o homem fardado ia dizendo, em voz suave e cansada, a par afagando os cabelos em escova:

- Por agora, eles são incomparavelmente mais fortes que nós. O nosso papel consiste em crescermos, ao alargarmos a nossa influência, em explicarmos sem desfalecimento as causas verdadeiras da guerra. E a nossa organização há-de aumentar, podes ter a certeza. Tudo o que a eles os enfraquece nos fortalece a nós. O adulto é incontestavelmente mais forte que a criança, mas, quando se torna decrépito, toma-lhe a criança o lugar. E, neste momento, não é apenas a uma decrepitude que assistimos, mas à paralisia progressiva de um organismo inteiro.

Buntchuk, que acabara de se lavar, e se limpava a uma toalha grossa de pano cru, pôs-se a contar:

- Antes de partir, expus o que pensava aos meus oficiaizinhos... Garanto-te que foi divertido... com certeza devem ter atazanado os soldados de metralhadoras, e é natural que um ou outro seja mesmo julgado em conselho de guerra. Mas, como não há provas, que lhes poderá suceder? Espero que os dispersem por unidades várias, que é precisamente o que nos convém: que eles espalhem a boa semente... Ah, que belos rapazes ali há! Talhados em rochedos!

- Recebi um recado do Stepane. Pede-me para lhe mandarmos um camarada que perceba de assuntos militares. Irás tu. Mas os documentos? Poderão arranjar-se?

- De que trabalho se trata? - inquiriu Buntchu, que se ergueu na ponta dos pés, para pendurar a toalha num prego.

- Instrução militar dos rapazes. Mas tu nunca mais cresces? - ironizou o homem.

- Não preciso - retorquiu Buntchuk. - Principalmente, na situação actual. Do tamanho de uma ervilha gostaria eu de ser, para ninguém dar por mim.

Conversaram até de madrugada. No dia seguinte, Buntchuk, irreconhecível, de cabelos pintados de outra cor e roupa diferente, munido de documentos com o nome de Nikolai Ukhvátov, soldado do 441.º regimento de Orcha, reformado por causa de uma ferida no peito, saiu do burgo em direcção à estação.

III

Nos últimos dias de Setembro, o comando resolveu desencadear uma ofensiva na zona de Vladímir-Volínsskoi a Kovel, quer dizer no sector de operações do exército Especial. (Na realidade, tratava-se do 13.º Exército, crismado de «Exército Especial», por o número 13 ser tido supersticiosamente por aziago mesmo pelos grandes generais). Escolheu-se, não longe da aldeia de Sviniúkhi, uma zona propícia à ofensiva, e a preparação da artilharia principiou.

Uma quantidade incrível de peças de artilharia havia sido ali concentrada. Centenas de milhares de granadas de calibres diversos caíram durante nove dias no espaço ocupado por duas linhas de trincheiras alemãs. Logo no primeiro dia, mal o bombardeamento intenso se iniciara, os alemães abandonaram a primeira daquelas linhas, nela deixando apenas alguns observadores. Alguns dias mais tarde, abandonaram a segunda linha, e recuaram para uma terceira.

No décimo dia, os atiradores do Corpo de Exército do Turquestão passaram à ofensiva. Avançavam à francesa, em vagas sucessivas. Dezas seis vagas se levantaram das trincheiras russas. Vacilantes, as vagas cinzentas daquele mar humano rebentavam, minguadas e refervendo, contra os medonhos novelos do arame farpado desfeito. Do lado alemão, de detrás dos troncos carbonizados de um amial pardacento e de montículos corcovados de areia, um bramido pesado e ininterrupto soava, e um incêndio crepitante de tiros desarraigava, abalava, revolvía, queimava a terra.

Guuuuú... Guuuuú... Guque! Gaque! Buuuuum!

De quando em quando, ouvia-se uma salva de uma bateria isolada, mas de novo, cobrindo, invadindo, enchendo um espaço de várias verstás à roda, reboava:

Guuuuú... Guuuuú... Guuuuú...

E as metralhadoras alemãs, insanamente, açodavam-se:

Trrrrraá-rrraá-tá-tá-tá-tá!

Na extensão de uma verstá, as colunas de fumo negro das explosões estorciam-se por sobre o terreno arenoso, mutilado, e as vagas dos assaltantes fragmentavam-se, agitavam-se, estalavam, esparrinhando lama, em torno das covas abertas, e rastejavam, rastejavam...

Os estoiros lúgubres, cada vez mais numerosos, que sacudiam a terra, a chuva oblíqua, cada vez mais densa, das granadas uivantes, as chicotadas, cada vez mais violentas, das metralhadoras, ao rés do solo, esforçavam-se por impedir os assaltantes de ultrapassarem o arame farpado. E os assaltantes não o ultrapassaram. Das dezasseis vagas, só as três últimas lhe alcançaram a barreira batida pelo fogo, com as *suas* estacas queimadas erguidas para o céu, por entre o arame torcido, mas para refluírem, destroçadas, em regueiras, em gotículas...

Mais de nove mil vidas se perderam nesse dia na terra arenosa e triste, não longe da aldeia de Sviniúkhí.

Duas horas volvidas, a ofensiva recomeçou. Foram mandadas avançar agora a 2.^a e a 3.^a Divisões do Corpo de Atiradores do Turquestão. À esquerda delas, elementos da 53.^a Divisão de Infantaria e a 307.^a Brigada de Atiradores Siberianos progrediam ao longo das valas de acesso, em direcção à primeira linha das trincheiras, e, à direita, alguns batalhões da 3.^a Divisão de Granadeiros marchavam a passo.

O tenente-general Gavrílov, comandante do 30.^o Corpo do Exército Especial, recebera do Estado-Maior ordem de enviar duas divisões para o sector de Sviniúkhí. O 320.^o Regimento, de Tchemebar, o 319.^o, de Bugulma, e o 318.^o, de Tchórni-lar, que pertenciam à 80.^a Divisão, foram rendidos durante a noite por atiradores letões e soldados recentemente chegados. Ao entardecer, um destes regimentos havia feito, ostensivamente, um movimento numa direcção falsa, e só depois de andadas doze verstás ao longo da frente fora mandado voltar para trás. Por caminhos diferentes, todos se orientavam para um mesmo fito. À esquerda da 80.^a Divisão, marchavam o 283.^o Regimento, de Pavlograd, e o 284.^o, de Venegrov, da 71.^a Divisão, seguidos imediatamente por um regimento de cossacos do Ural e o 44.^o Regimento de Cossacos a pé.

O 318.^o, de Tchórni-lar, ocupava, antes desta transferência, o sector da aldeia de Stokhod, não longe da herdade de Rudka-Merínsskoiê. De manhã, após uma primeira marcha, instalou-se numa floresta, nos abrigos abandonados, e durante quatro dias se instruíram os soldados no sistema de ataque à francesa, em linhas de atiradores, por meias companhias e não por batalhões, aos granadeiros se ensinando a cortar o mais rapidamente possível o arame farpado e uma nova forma de lançamento das granadas. Depois, novamente o regimento partiu. Três dias caminhou através de florestas, de clareiras, de estradas vicinais, invadidas pela erva e retalhadas pelas rodas dos carros. Um nevoeiro flocos e, em farrapos, flutuava, impelido pelo vento, prendendo-se ao alto dos pinheiros, deslizando ao longo das clareiras, e, como um milhafre sobre um cadáver, rodando por entre os amieiros, sobre a verdura azulada e as exalações dos charcos. Do céu resumava

uma chuva miúda. Os homens avançavam ensopados, irritados. Ao cabo de três dias de marcha, pararam, não longe do sector da ofensiva, nas aldeias de Bólchiê Porek e de Máliê Porek, onde descansaram um dia, antes de retomarem o rumo da morte.

Nessa mesma altura, um esquadrão cossaco isolado dirigia-se também, com o Estado-Maior da 80.^a Divisão, para o local dos próximos combates. Havia sido completado com cossacos da segunda reserva, originários de Tatársski. O segundo pelotão contava apenas homens da aldeia: Martine e Prokhor, os dois irmãos de Alekcei Chamil; Ivane Alekcêievitch, que fora mecânico da moagem de Mokhov; Afonka Osérov, picado das bexigas; Manítzkov, o antigo atamane da aldeia; Evlánti Kalínine, o coxo, vizinho dos Chamiles, que tinha uma grande poupa de cabelos caída para a testa; Borchtchov, um latagão, alto e mal feito; Zakhar Koroliov, com o seu pescoço curto, e desajeitado como um urso; o folgazão do esquadrão, Gavrila Likhóvidov, homem de aspecto francamente selvagem, conhecido por apanhar pancada da mãe, septuagenária, e da mulher, franzina, mas muito senhora do seu nariz; e muitos outros mais, como, aliás, no resto do esquadrão. Alguns deles haviam sido, primeiro, estafetas do Estado-Maior da Divisão, mas substituídos mais tarde por lanceiros. O esquadrão fora enviado para a primeira linha por ordem do comandante da Divisão, o general Kitchenko.

Ao amanhecer de 3 de Outubro, o esquadrão entrou na aldeia de Máliê Porek, no momento em que o primeiro batalhão do 318.º de Tchórni-lar de lá partia. Os soldados saíam à pressa dos casebres abandonados, meio destruídos, e formavam em filas na rua. Um jovem aspirante trigueiro caminhava ao longo do pelotão da vanguarda, mastigando um pedaço de chocolate que tirara da bolsa (com as comissuras dos lábios húmidos e vermelho todos besuntados) e o capote comprido e amarrotado, de orla suja de lama seca, agitando-se-lhe por entre as pernas, como a cauda grossa de um carneiro. Os cossacos passaram para o lado esquerdo da rua. O mecânico Ivane Alekcêievitch ia à ponta direita da sua fila. Cuidadosamente fitava o chão que pisava, para evitar as poças. Como do outro lado da rua alguém lhe gritasse o nome, virou a cabeça e passeou o olhar pelas filas dos soldados.

- Ivane Alekcêievitch! Meu querido amigo!...

Um soldadito despegou-se do seu pelotão e deu uma corridinha para ele, bandeando-se como um pato, a atirar para trás a carabina, cuja bandoleira teimava em lhe descair para a frente, e cuja coronha lhe batia no cantil, com um ruído surdo.

- Não me reconheces? Esqueceste-te de mim?

A custo Ivane Alekcêievitch reconheceu naquele soldadito, de faces cobertas até aos malares por um denso matagal cor de cinza, o seu amigo Valet.

- Donde vens tu, diabo?

- Como vês, sou soldado.

- De que regimento?

- Do 318, de Tchórni-lar. O que eu não esperava... o que eu não esperava era encontrar aqui patrícios.

Ivane Alekcêievitch sorria, comovido e feliz, apertando na mão rude a mãozinha encardida de Valet. Este recomeçou a sua corridinha, para acompanhar o passo largo de Ivane Alekcêievitch, a quem fitava nos olhos, olhando-o de baixo para cima, com os olhinhos estreitos e maldosos, agora ternos e húmidos como nunca o haviam sido.

- Vamos atacar... É como vês...

- Também nós..

- E como estás tu, Ivane Alekcêievitch?

- Ora! Que queres tu que eu te diga?

- É o mesmo que eu. Desde novecentos e catorze que não saio das trincheiras. Nunca tive um tecto nem família, e agora tenho de arriscar a pele nem eu sei por quem... Atrela-se a égua, tem o poldro de a seguir.

- Lembras-te de Chtókman? Nunca conheci ninguém como o nosso Ossip Davídovitch! Estivesse ele aqui, explicava-nos tudo isto. Aquilo é que era um homem... ha? Era alguém... ha?

- Tudo isto ele nos punha a claro! - corroborou Valet, com entusiasmo, brandindo o seu punho pequeno, de face hirsuta franzida num sorriso. - Se eu me lembro dele? Tenho mais respeito por ele que pelo meu pai. O meu pai para mim a importância que tem... E soube-se alguma coisa a respeito dele? Ou não se soube nada?

- Está na Sibéria - disse Ivane Alekcêievitch, com um suspiro. - Lá continua.

- Como? - alvoroçou-se Valet, saltando como um pardal ao lado do seu avantajado companheiro e estendendo para ele uma orelha pontiaguda.

- Está preso. A não ser que tenha morrido.

Valet andou um bocado mais, em silêncio, quer olhando para a sua companhia, que se ia formando, quer para o queixo duro de Ivane Alekcêievitch, cortado ao meio por uma fosseta profunda.

- Adeus! - atirou ele, ao libertar a mão dos dedos glaciais do outro. - O mais certo é não nos tornarmos a ver.

Ivane Alekcêievitch tirou o boné com a mão esquerda, e vergando-se, apertou as costas débeis de Valet. Abraçaram-se com força, como dois homens que se despedem um do outro para sempre, e Valet deixou-se ficar para trás. De súbito, encolheu a cabeça entre

os ombros, a ponto de só as pontas das orelhas lhe ultrapassarem a gola cinzenta do capote, e abalou, curvado, aos tropeções, apesar do chão direito.

Ivane Alekcêievitch saiu da forma e chamou-o em voz trémula:

- Eh, irmãozinho! Eh lá, pulga! Tu eras ruim... Lembras-te? Eras rijo... ha?

Valete virou para ele uma face que parecia envelhecida pelas lágrimas, e bradou, dando punhadas no peito ossudo, que o capote escancarado e a gola desabotoada do dólman punham a descoberto:

- Era duro, era! Mas deram cabo de mim!... Estou como um cavalo esfalfado!...

Bradou ainda qualquer coisa mais, mas o esquadrão dobrou para a rua seguinte e Ivane Alekcêievitch perdeu-o de vista.

- É o Valete, não é? - perguntou a este Prokhor Chamil, que ia atrás dele.

- É um homem - respondeu surdamente Ivane Alekcêievitch, de lábios trémulos, acariciando a carabina que levava ao ombro, como se fosse uma mulher.

À saída da aldeia, começaram a encontrar-se feridos, isolados primeiro, depois aos grupinhos, e mais longe em massas compactas. Os poucos carros que transportavam os feridos graves iam apinhados e com dificuldade avançavam. Os cavalos que os puxavam impressionavam, de magros. Nos dorsos salientes, lacerados pelas incessantes chicotadas, assomavam-lhes ossos rosados, mosqueados de vermelho, a que nalguns pontos aderiam tufo de pêlos. Arquejando, esticavam-se tanto entre os varais, que as ventas espumantes quase lhes roçavam a lama da estrada. De espaço a espaço, um ou outro parava, enchia com esforço o peito escavado, de costelas salientes, e baixava a cabeça, que a magreza dir-se-ia avolumar. Uma chicotada impunha-lhe de novo que andasse, e, oscilando primeiro a um lado, depois ao outro, lá quebrava a fugaz imobilidade, e arrancava. A par dos carros, agarrados aos dois lados deles, seguiam outros feridos.

- De que unidade és tu? - indagou o comandante do esquadrão, ao ver uma cara mais enérgica que as outras.

- Do Corpo de Exército do Turquestão, Terceira Divisão.

- Foste ferido hoje?

O soldado virou-lhe a cara, sem lhe retorquir. O esquadrão abandonou a estrada e dirigiu-se para um bosque, que se avistava a meia verstá dali. Atrás deles, os cossacos ouviam o passo pesado e arrastado dos soldados do 318.º Regimento de Infantaria, de Tchórni-lar, que acabavam de sair da aldeia. Ao alto, no céu noturno, descolorido pelas chuvas, um balão-cativo alemão punha uma mancha cinzenta-amarelada.

- Olhem, rapazes, o que ali está suspenso!

- É uma salsicha.

- Lá de cima vêem os malandros os movimentos das tropas.
- Julgavas, se calhar, que aquilo estava ali para coisa nenhuma?
- Eh, se está alto!
- Querias que estivesse baixo? Eu acho até que nem os canhões lhe chegam!

No bosque, a primeira companhia do 318.º Regimento de Tchórni-lar juntou-se aos cossacos. E ali esperaram até anoitecer, cerrados contra os pinheiros molhados; a água escorria-lhes pelas golas dos capotes, provocando-lhes arrepios nas costas: era proibido acender lumes, o que, aliás, com a chuva, seria difícil. No momento em que a noite caía, os soldados entraram nas valas de ligação das trincheiras. Pouco profundas, apenas ligeiramente mais que a altura de um homem, estas valas tinham água até meio archine de altura. Cheirava a lama, a caruma podre, a chuva: era um cheiro enjoativo, doce, como um veludo. Arregaçadas as abas dos capotes, os cossacos acocorados fumavam, desenrolando o fio cinzento e frágil das suas conversas. Após terem dividido a ração de tabaco recebida antes de para ali partirem, os cossacos acumulavam-se num cotovelo de uma vala, em torno do sargento. Este, sentado em cima de um rolo de arame farpado abandonado, contava as suas recordações acerca do general Kopilóvski, morto na segunda-feira anterior, e sob cujo comando ele servira em tempo de paz. Ainda ele não tinha acabado, gritou o comandante do pelotão: «Às armas!» Levantaram-se os homens de um salto, e avidamente, queimando os dedos, puxaram as últimas fumaças. Ao sair da vala, o esquadrão desembocou novamente no pinhal, que a noite escurecia. Enquanto caminhavam, os homens confortavam-se mutuamente com gracejos. Um assobiava.

Numa clareirazinha, descobriu-se uma enfiada de cadáveres. Estavam estendidos ao lado uns dos outros, em posições diversas, algumas delas desrespeitosas ou horríveis. Um soldado rondava, de carabina ao ombro e máscara contra os gases pendente do cinturão. A terra húmida, à roda dos cadáveres, por toda a parte estava revolvida, com inúmeras marcas de passos e sulcos fundos na erva, feitos pelas rodas dos carros. O esquadrão ia a alguns passos dos cadáveres, de que se exalava já o cheiro repugnante e adocicado da putrefacção. O comandante do esquadrão mandou os homens fazer alto, e dirigiu-se para o soldado de sentinela, acompanhado dos oficiais comandantes dos pelotões. Trocaram entre si algumas palavras. Entretanto, os cossacos, saídos da forma, haviam-se acercado dos cadáveres. De cabeça descoberta, examinavam-nos com o sentimento secreto e inquietante de terror e a curiosidade animal que são comuns aos vivos perante o mistério da morte. Eram todos oficiais. Os cossacos contaram quarenta e sete. Quase todos aparentavam ser novos: de vinte a vinte e cinco anos; apenas o primeiro da direita, que tinha dragonas de capitão, era um homem idoso. Um espesso bigode preto pendia-lhe sobre a boca escancarada, em que

parecia ecoar-lhe mudamente o último grito, e sobranceiras largas franziam-se-lhe ao alto da face empalidecida pela morte. Alguns dos mortos tinham casacos de coiro, salpicados de lama, e outros, capotes. Os cossacos miraram demoradamente um tenente a quem a morte não alterara a beleza. Jazia de costas, de mão esquerda muito apertada contra o peito, e a direita atirada para longe do corpo, crispada para sempre na corronha do revólver. Era visível que haviam tentado tirar-lho: as costas da mão, amarela e larga, tinha arranhões; mas dir-se-ia que o aço se lhe soldara à pele, porque a mão não cedera. A cabeça coberta de caracóis loiros, de que o boné caíra, apoiava no solo uma das faces, como que numa carícia, mas os lábios alaranjados, com manchas azuis, torciam-se-lhe numa expressão de tristeza e de dúvida. O vizinho da direita desta estava de borco; o capote, a que tinham arrancado a correia da patrona, fazia-lhe um fole nas costas, deixando-lhe a descoberto as pernas robustas, de músculos sólidos, cingidas numas calças de caqui, com as suas botas curtas, de cabedal amarelo e tacões cambados. Este perdera não só o boné, como a parte superior da cabeça, levada por um estilhaço de granada; a água da chuva, rosada de sangue, enchia-lhe a caixa craniana esvaziada, enquadrada de cabelos coroados de palhetas de gelo. Ao lado dele, via-se um homem robusto, de meia estatura, de capote aberto e dólman rasgado, sem cara: o maxilar inferior repousava-lhe de esguelha no peito desnudo; por baixo dos cabelos aparecia-lhe uma nesga de testa, estreita e branca, limitada por um retalho de pele queimada; no meio, entre o maxilar e o cimo da testa, tudo eram detritos de ossos e uma massa mole, negra e vermelha. Mais adiante, havia fragmentos de membros, pedaços de capotes em montão, uma perna esmagada, estendida, no lugar de uma cabeça. Mais adiante ainda, notava-se um rapazinho novo, um verdadeiro garoto, de lábios túrgidos e a cara oval dos adolescentes; uma rajada de metralhadora crivara-lhe o peito, e pelos quatro buracos que lhe abrisse no capote saíam flocos de lã tisonada.

- Este... este aqui, no momento de morrer, por quem terá chamado? Pela mãe? - comentou Ivane Alekcêievitch, a bater os dentes. E, virando-se bruscamente, despediu dali como um cego.

Rapidamente, os cossacos afastaram-se, benzendo-se e sem olhar para trás. E por muito tempo continuaram calados, enquanto atravessavam as clareiras estreitas das florestas, esforçando-se por esquecer depressa o que tinham visto. Foram mandados parar à beira de uma longa linha de abrigos abandonados. Os oficiais entraram num deles, juntamente com um estafeta acabado de chegar do Estado-Maior do Regimento de Tchórni-lar. E só então é que Afonka Osérov, o bexigoso, murmurou, apertando um braço de Ivane Alekcêievitch:

- O rapazito... aquele último... com certeza nunca na vida dele beijou uma mulher... E mataram-no! Como é isto possível?

- E onde teriam arranjado aquele monte de mortos? - interveio Zakhar Koroliov.

- Tinham tomado parte num ataque. Disse-mo a sentinela de guarda a eles - esclareceu Borchtchov, após um instante de silêncio.

Os cossacos estavam em «descanso». As trevas cerraram-se por sobre o bosque. O vento afastava e rasgava as nuvens, deixando a descoberto as cintilações violáceas das estrelas longínquas.

Entrementes, no abrigo em que os oficiais se haviam reunido, o comandante de esquadrão, depois de ter mandado regressar o estafeta, abriu o sobrescrito que ele lhe trouxera, e leu primeiro para si e a seguir em voz alta, à luz de um coto de vela:

«No dia 3 de Outubro, ao amanhecer, os alemães, tendo usado gases asfixiantes, intoxicaram três batalhões do 256.º Regimento, e ocuparam a primeira linha das nossas trincheiras. Ordeno que essas forças avancem até à segunda linha de trincheiras e, estabelecida ligação com o primeiro batalhão do 318.º Regimento, de Tchórni-lar, tomem posição no sector dessa segunda linha, a fim de desalojarem da primeira o inimigo, esta mesma noite. No vosso flanco direito, estarão duas companhias do segundo batalhão e um batalhão do Regimento de Fanagória, da 3.ª Divisão de Granadeiros.

Os oficiais discutiram a situação, fumaram o seu cigarro e saíram. O esquadrão reatou a marcha.

Enquanto os cossacos descansavam ao lado dos abrigos, o primeiro batalhão do 318.º Regimento, de Tchórni-lar, ultrapassava-os e alcançava a ponte sobre o Stokhod. Defendiam esta um forte destacamento de metralhadoras e um dos regimentos de granadeiros. O ajudante explicou a situação ao comandante do batalhão, e o batalhão atravessou a ponte e dividiu-se: duas companhias cortaram à direita, uma à esquerda, e a quarta ficou de reserva, com o comandante do batalhão. Avançava-se em linha de atiradores. A floresta estava encharcada e cheia de covas. Ao avançarem, os soldados tenteavam cautelosamente o terreno com os pés; de vez em quando, um caía, praguejando a meia voz. A companhia de Valet constituía a ala direita, e Valet era o sexto homem a partir da ponta. Dada a voz de «preparar!», armou a carabina, e com ela em riste prosseguiu, arranhando aqui e além os arbustos e os troncos dos pinheiros. Dois oficiais passaram à beira dele, falando em surdina. O comandante da companhia lamentava-se, com a sua voz quente e firme de barítono:

- Lá se reabriu a minha velha ferida. Diabos levem este tronco de árvore! Está a ver, Ivane Ivánovitch? Esbarrei contra um tronco na escuridão, e dei com a perna nele. O resultado é ter-se-me a ferida reaberto e eu não poder andar. Tenho de voltar para trás.

Calou-se um minuto a voz de barítono do comandante da companhia, mas um bocado adiante, mais baixo, reatou:

- O senhor toma o comando da primeira meia companhia, e Bogdanov o da segunda. Eu... palavra de honra, não posso mais. Sou forçado a voltar para trás.

A voz rouca de tenor do aspirante Belíkov uivou em réplica:

- É esquisito! Sempre que temos de atacar, as suas velhas feridas abrem-se.

- Peça-lhe o favor de se calar, senhor aspirante - impôs o comandante da companhia, erguendo a voz.

- Ora essa! Pode-se ir embora!

Atento aos seus próprios passos e aos dos outros, Valete ouviu atrás de si uma crepitação precipitada de ramos, e compreendeu que o comandante da companhia abalava para a retaguarda. Um momento volvido, Belíkov, encaminhando-se em direcção do ajudante, que ia na ponta esquerda, passava por diante dele, a rosnar:

São uns espertalhões estes malandros! Mal a coisa se torna séria, caem doentes, ou abre-se-lhes uma velha ferida. E tu, que acabas de sair da escola, és encarregado de comandar metade de uma companhia... Safados! Eu a estes... e os soldados...

Calaram-se de súbito as vozes. E Valete passou a ouvir apenas o ruído dos próprios pés patinhando lama, e na cabeça o som de um guizo.

- Eh, patrício! sibilou um qualquer à esquerda.

- Que é?

- Tu avanças?

- Avanço - replicou Valete, ao tempo de lhe faltar o chão debaixo dos pés e cair num buraco cheio de água.

- Que escuro que está! - acrescentou o da esquerda.

Um bocado os dois caminharam, sem se verem um ao outro, até que de repente Valete ouviu, mesmo junto a um ouvido, a voz sibilante:

- É melhor irmos a par! Não teremos tanto medo...

De novo se calaram, arrastando as botas cheias de água no terreno encharcado. A Lua em quarto minguante, toda malhada, surdiu subitamente de detrás da orla de uma nuvem; luzidia, como se a cobrissem escamas amarelas, mergulhou alguns segundos, como um caracino, na onda movediça de outras nuvens, e logo, emergindo novamente, derramou sobre a terra uma luz crepuscular; a caruma molhada dos pinheiros brilhou, fosforescente,

e, àquela claridade, o cheiro deles pareceu mais intenso, e mais áspero o hálito frio do solo empapado. Valete fitou o companheiro. De repente, este parou, abanou a cabeça, como se lhe tivessem dado nela uma pancada, e descerrou os lábios.

- Olha! - murmurou ele.

A três passos de ambos, debaixo de um pinheiro, estava um homem, de pernas abertas.

- Um homem! - disse Valete, se é que não cuidou apenas dizê-lo.

- Quem está lá? - bradou o soldado, companheiro dele, apontando rapidamente a carabina. - Quem és tu? Responde, ou atiro.

O homem não respondeu. A cabeça pendia-lhe a um lado, como uma flor de girassol.

- Está a dormir! - comentou Valete, com um riso forçado; e, todo ele numa tremura, continuando a rir para se encorajar, deu um passo em frente.

Aproximaram-se do homem. Valete olhava, de pescoço estendido. O companheiro dele tocou com a coronha da carabina no vulto cinzento e imóvel.

- Olá, compincha! Estás a dormir? Patrício!... - disse ele, em tom de graça. - Isso é paródia, ou que é isso? Mas a voz transtornou-se-lhe. Está morto! gritou ele recuando um passo.

Batendo os dentes, Valete deu um salto para trás; onde um segundo antes ele tinha os pés, o homem que estava encostado ao pinheiro caiu como uma árvore serrada. Viraram-lhe a cara para eles e compreenderam finalmente que por baixo daquele pinheiro procurara o seu último abrigo, a fugir à morte por asfixia, que levava já nos pulmões, aquele soldado de um dos três batalhões do 256.º Regimento de Infantaria. Era um homenzarrão, de costas largas. A cabeça dele estava tombada a um lado; a face sujara-se-lhe da lama peganhenta, ao cair; os olhos, corroídos pelo gás, haviam-se-lhe liquefeito; e entre os dentes cerrados assomava-lhe a língua carnuda, negra e reluzente, semelhante a uma pedra de amolar.

- Vamo-nos embora! Vamo-nos embora, por amor de Deus! - sussurrou o companheiro de Valete, puxando-o por um braço.

Foram-se dali; mas imediatamente deram com outro cadáver. À medida que prosseguiam, tornavam-se os mortos mais numerosos. Em certos pontos eram aos montões; alguns haviam morrido de cócoras, outros estavam de gatas, como animais pastando, e um havia, enrolado em bola, exactamente à entrada de uma vala de acesso à segunda linha de trincheiras, que metera um punho na boca e, do sofrimento, o mordera.

Valete e o soldado que se lhe juntara alcançaram os camaradas que iam à frente; ultrapassaram-nos e continuaram juntos. Juntos saltaram ainda para dentro do fosso de uma trincheira, que na escuridão se sumia em ziguezague, e aí decidiram tomar cada um por seu lado.

- Temos que rebuscar nos abrigos. Talvez haja qualquer coisa que se coma - propôs, sem convicção, o companheiro de Valete.

- Vamos a isso.

- Tu vais pela direita e eu pela esquerda. Enquanto os outros não chegam, há tempo.

Valete riscou um fósforo e penetrou no primeiro abrigo, pela porta que estava aberta, mas para logo recuar, de um salto, como se uma mola o houvesse projectado: deitados em cruz um em cima do outro, dois cadáveres jaziam lá dentro. Sem resultado entrou em mais três abrigos, e com um pontapé abriu a porta de outro. O timbre metálico da voz de um estrangeiro quase o fez cair de costas.

- Wer ist da? (*Quem está aí?*)

Inundado por um fluxo de sangue ardente, Valete recuou, sem uma palavra.

- Das bist du, Otto? Weshalb bist du so spat gekommen? (*És tu, Otto? Porque te demoraste tanto?*) perguntou o alemão, saindo do abrigo, a ajeitar com um movimento indolente o capote pendente dos ombros.

- Mãos ao alto! Mãos ao alto! Rende-te! - gritou Valete em voz rouca; e vergou as pernas, como se lhe tivessem dado ordem de «apontar».

Mudo de espanto, o alemão levantou lentamente os braços, e virou-se de lado, fixando, com um olho como que hipnotizado, a ponta da baioneta direita a ele. O capote tombou-lhe dos ombros; o dólman cinzento-esverdeado, com uma fila de botões, franziase-lhe nas axilas; e as mãos grandes de operário tremiam-lhe, de dedos inquietos, como se tocassem num teclado invisível. Valete, imóvel, considerou o corpanzil poderoso do alemão, os botões metálicos do uniforme, as botas curtas, de costura ao lado, o boné sem pala, posto um pouco de esguelha. Depois, moveu-se, indeciso, pareceu que qualquer coisa o impelia para fora do capote demasiado largo, emitiu um estranho som gutural, não se percebeu se tosse, se soluço, e deu um passo para o alemão.

- Foge! - disse-lhe ele em voz átona e trémula. - Foge, alemão! Eu não te tenho ódio. Não atiro.

Pousou a carabina contra a parede da trincheira, e, erguendo-se nos bicos dos pés, tocou no braço direito do alemão. Os gestos seguros dele fascinavam o prisioneiro, que baixou os braços, e escutou com atenção as intonações esquisitas daquela voz russa.

Sem hesitação, Valete estendeu-lhe a mão rude, deformada por vinte anos de trabalho, apertou nela a do alemão, fria e inerte, e mostrou-lhe a palma da dele, em que os relevos de velhos calos punham manchas castanhas, e se desfolhavam as pétalas azuladas da Lua a declinar.

- Sou um operário - explicou Valete, a tremer como se tivesse febre. - Porque havia eu de te matar? Foge! - com a mão direita empurrou de leve as costas do alemão, e indicou-lhe o pântano escuro. - Foge, idiota, que os outros não tardam aí.

O alemão olhava a mão baixada de Valete, tenso, um pouco curvado para diante, tentando adivinhar o sentido daquelas palavras que não entendia. Isto durou um ou dois segundos; em seguida os olhos dele encontraram os de Valete, e neles lhes dançou um sorriso feliz. Recuou um passo, adiantou as mãos num gesto largo, cerrou com força as mãos de Valete, sacudiu-lhas, iluminado pelo seu sorriso, e fitando o olhar de Valete, dobrou-se para ele.

- Du entlässt mich?... O, jetzt hab'ich verstanden! Du bist ein russischer Arbeiter? Sozial-Demokrat, wie ich? So? O! O! Das ist wie im Traum... Mein Bruder, wie kann ich vergessen? Ich finde keine Worte. Nur du bist ein wunderbarer wagender Junge... Ich... *(Deixas-me ir embora?... Oh, agora percebo. És um operário russo? És social-democrata como eu? ÉS? Oh, oh! Isto parece um sonho... Meu irmão, como te poderei eu esquecer? Nem sei o que te diga. Simplesmente, que és um rapaz extraordinário, um valente... Eu...)*

Daquela onda efervescente de palavras estrangeiras. Valete só reconheceu «sozial-demokrat», pronunciada em tom interrogativo.

- Sou, pois, sou social-democrata. Mas tu foge... Adeus, irmão. Deixa ver esses ossos.

Tinham-se intuitivamente compreendido, e encaravam-se nos olhos, o bávaro, alto e robusto, e o soldadinho russo. O bávaro murmurou:

- In den zukünftigen Klassenkämpfen werden wir in denselben Schützengräben sein, nicht wahr, Genosse? *(Nas lutas de classe do futuro, estaremos nas mesmas trincheiras; não é isto verdade, camarada?)*

E, como um grande bicho cinzento, saltou para o parapeito da trincheira.

Os outros estavam já próximos. Ouvia-se-lhes a mastigação ruidosa dos passos na floresta. Um destacamento de batedores checos, com o respectivo oficial, vinha à frente. Ao verem um soldado sair de um abrigo, em que rebuscara com a esperança de encontrar que comer, por pouco o iam matando.

- Eu sou amigo! Vocês não estão a ver?... - exclamou o soldado, atentando no olho negro da carabina dirigido para ele. - Eu sou amigo repetiu, apertando contra o peito, como se fosse uma criança, um naco de pão escuro.

Um sargento, que reconheceu Valete, saltou por cima da trincheira e deu-lhe com toda a gana uma coronhada nas costas.

- Eu rebento-te! Ponho-te as trombas em sangue! Onde estavas tu?

Valete avançou para ele, mole e exausto. A própria coronhada pouco o havia afectado. A cambalear, surpreendeu o sargento pela bonomia desabitual da resposta:

- Passei adiante dos outros. E tu não me batas.

- E tu não andes como te apetece, como os cães. Tão depressa ficas para trás, como vais à frente de todos. Não conheces o regulamento? Já não és nenhum recruta. Ou és? E, após uma pausa, acrescentou: Tens tabaco?

- Só muito desfeito.

- Dá cá.

O sargento acendeu um cigarro e voltou para a retaguarda do pelotão.

Era quase dia, quando os batedores checos encontraram um posto de observação alemão. Os alemães quebraram o silêncio com uma salva. Duas outras salvas se lhe seguiram, com intervalos iguais. Um foguetão vermelho subiu por sobre as trincheiras, soaram vozes, e, ainda as centelhas cor de púrpura do foguetão não se tinham apagado no ar, já o fogo da artilharia alemã se iniciava.

Bum! Bum! E logo, como um eco das duas primeiras explosões, outras duas reboaram: Bum! Bum!

Clé-clé-clé-clé-vzziii... cacarejaram as granadas, com um rumor crescente, perfurando o espaço como verrumas, ao passarem, rangendo, por cima dos soldados da primeira meia companhia; houve uma pausa de um instante, e logo ao longe, perto da ponte sobre o Stokhod, um barulho atenuado de novas explosões soou: Bah! Bah!

A linha de atiradores que seguia os batedores checos a quarenta ságenas de distância, lançou-se ao chão, após a primeira salva. À luz escarlate de outro foguetão, Valete viu os soldados rastejarem, como formigas, por entre as moitas de arbustos e por entre as árvores, cingindo-se sem repugnância à terra lamacenta, em cata de protecção. Não havia charco que não refervesse de homens, prega de terreno, por pequena que fosse, por trás da qual eles se não escondessem, buraco que encontravam em que não encafuassem a cabeça. Mas quando o tiroteio tagarela das metralhadoras prorrompeu a martelar a floresta, a inundá-la como uma bátega do mês de Maio, não se aguentaram mais, e puseram-se a rastejar para trás, de cabeça encolhida entre os ombros até mais não poderem, colando-se ao solo como lagartas, e deslocando-se sem dobrarem nem os braços nem as pernas, serpenteando e deixando rastos na lama... Alguns ergueram-se e desataram a correr. Pela floresta inteira,

rasgando as árvores, quebrando a caruma dos pinheiros, as balas explosivas mergulhavam no chão, com silvos de víbora, ou ricocheteavam, para estalarem como beijos sonoros.

Faltavam dezassete homens à primeira meia companhia, quando se tornou para a segunda linha de trincheiras. Não longe dali, os cossacos do esquadrão especial reconstituíam as fileiras. Tinham avançado com prudência à direita da primeira meia companhia, e teriam podido apanhar os alemães de surpresa, porque haviam começado por matar as sentinelas; mas a salva atirada contra os batedores checos pusera de sobreaviso todo o sector. Fazendo fogo ao acaso, os alemães tinham morto dois cossacos e ferido um. Tendo levado para a retaguarda os seus dois mortos e o ferido, e reconstituído as fileiras, os cossacos puseram-se a discutir:

- Temos de enterrar os nossos mortos.
- Mesmo sem nós, eles se enterram.
- Nos vivos é que é preciso pensar. Os mortos não precisam de nada.

Meia hora mais tarde, chegou uma ordem do Estado-Maior do Regimento:

«Depois de uma preparação da artilharia, o batalhão, em conjunto com o esquadrão cossaco especial, atacará o inimigo e desalojá-lo-á da primeira linha de trincheiras.»

A preparação da artilharia, mais fraca que forte, durou até ao meio-dia. Os cossacos e os soldados de infantaria tinham instalado postos de vigilância e descansavam nos abrigos. Ao meio-dia, iniciaram o ataque. À esquerda deles, no sector principal, os canhões roncavam: também ali, o combate recomeçava.

À ponta do flanco direito estavam os cossacos da Transbaicália, à esquerda deles o regimento de Tchórni-lar, com o esquadrão cossaco especial, mais longe o Regimento de Granadeiros de Fanagória, e mais longe ainda os regimentos de Tchemebar, de Bugulma, o 208.º e o 211.º de infantaria, e os regimentos de Pavlograd e de Venegrov; os regimentos da 53.ª Divisão atacavam ao centro; todo o flanco esquerdo era ocupado pela 2.ª Divisão de Atiradores do Turquestão. Por todo o sector, a barulheira era atroadora: os russos atacavam por todos os lados.

O esquadrão avançava em linhas espaçadas. A sua ala esquerda apoiava-se na ala direita do Regimento de Tchórni-lar. Mal os russos avistaram a crista do parapeito da trincheira, os alemães começaram a atirar em rajadas. Lançou-se o esquadrão a correr, sem um grito: os homens deitavam-se, esvaziavam os carregadores, retomavam a corrida para diante. Estacaram por fim a cinquenta passos do inimigo. Disparavam sem levantar a cabeça. Os alemães haviam colocado cavalos-de-frisa e arame farpado a todo o comprimento da linha das trincheiras. Duas granadas atiradas por Afonka Osérov rebentaram, depois de terem ricocheteado na rede de arame farpado. Ao erguer-se

ligeiramente para lançar terceira granada, uma bala entrou-lhe abaixo do ombro esquerdo, para lhe sair perto do sacro. Ivane Alekcêievitch, estendido não longe dele, viu-o torcer por breve espaço as pernas e quedar-se inerte. Prokhor Chamil, irmão de Alekcei, o maneta, foi morto também, e depois Manítzkov, o antigo atamane; logo a seguir à morte deste, uma bala atingiu o vizinho dos Chamiles, Evlánti Kalínine, o coxo, que tinha uma poupa de cabelos muito linda.

Em meia hora, o segundo pelotão perdeu oito homens. O capitão comandante do esquadrão foi morto, bem como dois oficiais comandantes de pelotão. Sem comando, o esquadrão recuou. Uma vez fora da zona de fogo, os cossacos reuniram-se: metade deles faltava. Também os homens do Regimento de Tchórni-lar haviam batido em retirada. No primeiro batalhão, as perdas eram mais consideráveis ainda. Apesar disso, o Estado-Maior da Divisão deu a ordem seguinte:

«Recomeçar imediatamente o ataque, e desalojar o inimigo, custe o que custar, da primeira linha de trincheiras. Do regresso à situação inicial depende o êxito final da operação em todo o sector.»

Dispôs-se o esquadrão em linha ainda mais espaçada e voltou a avançar. Sob o fogo mortífero dos alemães, os homens arremessaram-se para o chão a uns cem passos das trincheiras. De novo, as unidades começaram a ser dizimadas, com os homens dementados, enraizados no solo, estendidos sem erguer a cabeça, quietinhos, paralisados pelo medo de morrer.

Para a tardinha, a segunda meia companhia do Regimento de Tchórni-lar fraquejou e fugiu. Ouvindo gritar «estamos cercados!», os cossacos puseram-se de pé, precipitaram-se para a retaguarda, partindo os arbustos, tropeçando, abandonando as armas. Chegado a um ponto seguro, Ivane Alekcêievitch deixou-se cair debaixo de um pinheiro que uma granada quebrara, recuperou o fôlego, e reparou em Gravila Likhóvidov, que caminhava ao encontro dele. Caminhava atirando as pernas para os lados, como se estivesse bêbedo, de olhos baixos, dir-se-ia que procurando agarrar o que quer que fosse no ar com uma das mãos, e com a outra arrancando da face uma invisível teia de aranha. Vinha sem carabina nem sabre, com os cabelos castanhos-escuros, lisos e molhados de suor, tombados para os olhos. Cruzou a clareira em vários sentidos, e acercou-se de Ivane Alekcêievitch. Parou, olhando a terra com um olhar oblíquo, incerto e indefinível. Ivane Alekcêievitch via-lhe os joelhos tremerem-lhe um pouco e vergarem-se-lhe, como que tomando balanço para despedir voo.

- Estás a ver?... - principiou Ivane Alekcêievitch, para dizer qualquer coisa.

Mas uma convulsão crispou a face de Likhóvidov.

- Espera aí! - clamou ele. Agachou-se, abriu os dedos, e olhou à roda, com expressão assustadora. - Ora escuta! Vou-te cantar uma canção. É a de uma pobre avezinha que foi ter com uma coruja. Disse-lhe ela assim:

*Diz-me cá, minha coruja,
De cauda tão bonita.
Quem é maior que tu,
Quem é mais importante?
A águia é o tsar,
O abutre o major,
O busardo o tenente.
Os falcões os do Ural,
Os pombos os da Guarda,
As abecoinhas praças,
Os estorninhos kalmukes,
As gralhas os ciganos,
As pegas damas nobres,
Os patos os recrutas,
As patas as moldávias.*

- Olha lá! - E Ivane Alekcêievitch estava lívido. - Likhóvidov, que tens tu? . Estás doente? Ha?

- Não me interrompas.

Likhóvidov fez-se roxo, os lábios distenderam-se-lhe novamente num sorriso insano, e prosseguiu o seu sinistro recitativo:

*As patas as moldávias,
As abetardas estúpidas,
Os alcaravões brigões,
Os gralhos artilheiros,
Os corvos os valáquios,
Os guinchos violinistas...*

Ivane Alekcêievitch levantou-se de um salto:

- Anda comigo! Vamos ter com os outros. Senão, os alemães apanham-nos. Estás-me a ouvir?

Likhóvidov soltou-se dele e continuou a berrar cada vez mais depressa, com uma saliva morna a escorrer-lhe da boca:

Os rouxinóis cantores.

As andorinhas ricos,

As toutinegras pobres.

Os melharucos aios,

E os pardais físcals...

Repentinamente, a voz falhou-lhe, e entoou um canto arrastado e rouco, ou nem um canto, um uivo de lobo, que se lhe soltava, crescendo, da boca torcida num esgar. A saliva punha-lhe nos caninos aguçados um brilho de madrepérula. Ivane Alekcêievitch fitava-lhe com terror os olhos, que pouco antes eram os de um camarada e que a loucura agora envesgava, os cabelos colados ao crânio, as orelhas como de cera. com uma espécie de raiva, Likhóvidov ululava:

Soam as trompas da glória.

Para lá do rio Danúbio.

Vencemos o sultão turco,

E os cristãos os libertámos.

Voámos sobre as montanhas,

Ao modo dos gafanhotos,

Disparando as carabinas,

Como cossacos do Don.

Matar-vos-emos as frangas,

E os perus vos mataremos,

E aos vossos filhos e filhas

Levaremos prisioneiros.

- Martine! Martine, chega aqui! - bradou Ivane Alekcêievitch, ao ver Martine Chamil, que atravessava uma clareira, a coxear.

Este aproximou-se, amparando-se à carabina.

- Ajuda-me a levá-lo. Estás a ver? - E Ivane Alekcêievitch indicava com os olhos o louco. - Está de todo... Subiu-lhe o sangue à cabeça.

Chamil ligou a perna ferida com uma manga que arrancou à camisa, e, sem olhar para Likhóvidov, pegou-lhe por um braço, enquanto Ivane Alekcêievitch lhe pegava pelo outro, e lá foram os três.

*Voámos sobre as montanhas,
Ao modo dos gafanhotos...*

Agora, Likhóvidov cantava mais baixo. De cara dolorosamente contraída numa careta, Chamil suplicava-lhe:

- Pára com isso! Não faças tanto barulho! Pára com isso, por amor de Deus! Já voaste tudo o que tinhas de voar. Pára com isso!

Matar-vos-emos as frangas,
E os perus vos mataremos...

O louco tentava libertar-se das mãos dos dois homens, sem cessar de cantar, apenas de vez em quando apertando as fontes com as mãos, a ranger os dentes, de maxilar inferior tremendo-lhe, e abanando de espaço a espaço para os lados a cabeça que um bafo tórrido escandecia.

IV

A umas quarenta verstás mais abaixo, perto do rio Stokhod, travavam-se combates. Os urros dos canhões duravam, sem parar, havia quinze dias; à noite, os feixes de luz dos projectores rasgavam até longe o céu violáceo, cintilantes, brilhantes, semelhantes a radiações de fogachos de todas as cores do arco-íris, despertando uma inexprimível angústia em todos os que os viam a distância.

O Sector do 12.º Regimento de Cossacos era pantanoso e agreste. Durante o dia, atirava-se de longe em longe contra os austríacos, que se viam passar, correndo, nas suas trincheiras pouco fundas; à noite, dormia-se ou jogavam-se as cartas, sob a protecção do pântano; só as sentinelas observavam os sinistros e pálidos jactos luminosos, lá longe, na zona em que se combatia.

Numa noite gélida, em que os clarões longínquos esmaltavam o céu com particular intensidade, Grigóri Melekhov saiu do abrigo, meteu por uma vala de acesso, e alcançou a floresta, que se erguia por trás das trincheiras, como uma grenha grisalha no crânio negro de uma colina baixa, e estendeu-se na vasta terra odorífera. No abrigo escuro e malcheiroso, uma fumaceira densa flutuava, como uma toalha de franjas, por sobre a mesinha em que oito cossacos jogavam as cartas. Mas ali, na floresta, no cimo da colina, soprava uma brisa ligeira, que parecia levantada pelas asas de uma invisível ave; um cheiro, indizivelmente triste, subia das ervas mortificadas pela geada. Ao alto das árvores, monstruosamente tosqueadas pelas granadas, na escuridão intensa do céu, o braceiro das Pleiades consumia-se, a Ursa Maior, perto da Via Láctea, fazia lembrar um carro virado, de eixo espetado obliquamente no espaço, e ao norte a Estrela Polar derramava serenamente a sua luz tremulante.

Grigóri fitava-a, de olhos franzidos, e aquela luz álgida, muito viva não obstante a sua lividez, fazia-lhe vir aos olhos lágrimas tão frias como ela.

Deitado naquela colina, ocorreu-lhe, sem saber porquê, a noite em que calcorreara de Níjni-Iablonóvski a lagodnói para ir ter com Akcínia; e, de repente, a lembrança dela puniu-o dolorosamente. As feições, infinitamente queridas e agora estranhas da cara dela, esfumadas, diluídas pelo tempo, desenharam-se-lhe na memória. Tentou, de coração inesperadamente a bater-lhe mais forte, reconstituir-lhe a imagem, tal como a vira pela

última vez, desfigurada pelo sofrimento, com o vergão roxo do chicote na face; mas a que lhe acudia obstinadamente era outra, um pouco inclinada para um lado, com um sorriso triunfante. E aí voltava ela a cabeça para ele, provocante e amorosa, fixando-o com o olhar baixo dos olhos negros como carvões; os lábios vermelhos, ávidos e sensuais, murmuravam-lhe palavras ardentes; depois, lentamente, desviava o olhar, virava a cabeça, mostrando-lhe na nuca dois caracóis largos e macios... que ele gostava muito de beijar, antigamente .

Grigóri estremeceu. Por um momento, sentira o perfume delicadíssimo de meimendro dos cabelos de Akcínia; encolheu-se, inflou as narinas... Mas não: era o cheiro perturbador das folhas podres. A cara oval de Akcínia empalideceu, sumiu-se. Grigóri fechou os olhos, pousou as mãos na pele rugosa da terra, em seguida, demoradamente, desta vez sem pestanejar, fitou, nos confins do céu, por trás de um pinheiro partido, a Estrela Polar que tremeluzia, como uma linda borboleta azul batendo as asas, num voo imóvel.

Retalhos de recordações esparsas obscureciam-lhe a imagem de Akcínia. Lembrou-se das semanas que passara em Tatárski, em casa da família, depois do rompimento com ela; à noite, as carícias ávidas, devastadoras, de Natalia, que parecia querer desferrar-se da sua anterior frieza de esposa incipiente; de dia, os cuidados atentos, quase obsequiosos, dos seus, a consideração dos habitantes da aldeia pelo seu primeiro cavaleiro de São Jorge. Por todos os lados, mesmo entre os membros da família, ele notava olhares que o espreitavam, admirados e respeitosos, como se não se acreditasse que ele fosse o Grigóri de antes, atrevido e alegre. Os velhos conversavam com ele de igual para igual na praça do mercado, e respondiam-lhe aos cumprimentos descobrindo-se, e as raparigas e as mulheres contemplavam-lhe com indissimulado enlevo a figura máscula, um pouco curva, de capote, com a sua cruz pendente de uma fitinha listrada. Via que Pantelei Prokófievitch se orgulhava de o acompanhar à igreja ou à praça. E aquele veneno ténue e complexo, feito de lisonjas, de deferências, de admiração, gradualmente destruía e extirpava-lhe da consciência os germes da doutrina que nela Garanja havia semeado. Ao voltar para a frente, Grigóri não era o mesmo que à chegada. O que fizera dele o que ele era, um cossaco, e que ele mamara com o leite materno e desde que nascera o havia acalentado, dominara nele a grande vaidade dos homens.

- Eu sabia, Grichka - disse-lhe Pantelei Prokófievitch, comovido e um pouco pingado, alisando os cabelos cor de prata salpicados de fios pretos -, eu sabia há muito tempo que havias de ser um bom cossaco. Quando fizeste um ano, escarranchei-te no pátio em cima de um cavalo, à antiga moda cossaca. (Lembras-te, velha?) E tu, bandido,

agarraste-te logo às crinas dele com as tuas mãozinhas .. Nesse dia compreendi que havias de ser alguém. E foi o que aconteceu.

E como bom cossaco Grigóri voltou para a frente: se bem que no fundo da alma continuasse a não aceitar a absurdidade da guerra, à glória cossaca a zelava honradamente...

Estava-se no mês de Maio de 1915. Perto da aldeia de Olkhóvtchik, num prado de um verde brilhante, o 13.º Regimento de Ferro de infantaria alemã atacava. As metralhadoras cantavam como cigarras. A de uma companhia russa, entrincheirada por trás do rio, crepitava pesadamente. O 12.º regimento de cossacos contra-atacou. Grigóri avançava, alinhado com os outros homens do seu esquadrão; ao virar-se para trás, viu o disco flamejante do Sol a pino no céu, e ao mesmo tempo numa curva do rio, orlado da astracã amarela dos salgueiros. Do outro lado da água, os guardas dos cavalos escondiam-se por detrás de uns choupos. Diante dele, a linha dos alemães avançava, com o amarelo das águias de cobre dos capacetes reluzindo. O vento agitava o fumo azulado e acre dos tiros.

Grigóri atirava sem pressa, apontando cuidadosamente; e entre dois tiros, atento às vozes de comando do seu comandante de pelotão, teve até tempo de sacudir com cautela um bichinho sarapintado que lhe subira por uma manga do dólman. Depois, fora o ataque... com uma coronhada da carabina, Grigóri derrubou um tenente alemão de alta estatura, capturou três soldados, e, atirando-lhes por sobre as cabeças, forçou-os a correr para o rio. Em frente de Rava-Rússkaia, em Julho de 1915, com um pelotão cossaco, retomou uma bateria que caíra nas mãos dos austríacos. Durante o combate, penetrou na retaguarda do inimigo, e, com uma espingarda-metralhadora, pôs os assaltantes em debandada.

Depois de se haver passado Badanetz, fez prisioneiro, numa escaramuça, um corpulento oficial austríaco, atravessou-o na sela como um carneiro, e continuou a galope, sentindo o cheiro repugnante dos excrementos que subia dele e a tremura do corpo húmido de terror.

Mas o que lhe acudia com particular nitidez, estendido na calvície negra daquela colina, era o encontro com o seu inimigo figadal, Stepane Asstakhov. O 12.º regimento havia sido retirado da frente e enviado para a Prússia Oriental. Os cavalos cossacos pisavam os campos cuidados dos alemães, os cossacos incendiavam-lhes as casas. Fumos fulvos e ruínas carbonizadas de paredes e de telhados, acabados de arder, assinalavam-lhes a passagem. Perto da cidade de Stolipine, o regimento havia tentado uma ofensiva juntamente com o 27.º regimento de Cossacos do Don. Num relance de olhos, Grigóri havia avistado o irmão, emagrecido, a face bem barbeada de Stepane, e alguns outros cossacos da aldeia. Os dois regimentos foram batidos.

Os alemães cercaram-nos; e quando os doze esquadrões cossacos, um após outro, procuraram romper o cerco que sobre eles se fechava, Grigóri viu Stepane saltar do seu cavalo morzelo, que havia tombado morto, e rodopiar como um pião. Animado de súbito por uma viva decisão, Grigóri a grande custo conteve o cavalo, e depois de o último esquadrão ter passado, galopou em direcção a Stepane, a quem por um triz ia pisando, e gritou-lhe:

- Agarra-te ao estribo!

Stepane agarrou-se-lhe com força à correia e correu cerca de meia verstá ao lado do cavalo de Grigóri.

- Não corras tanto! Não vás a galope, por amor de Deus! - suplicou ele, arquejante.

Conseguiram romper o cerco. Faltavam para aí umas cem ságenas para alcançar o bosque em que os que se haviam libertado se apeavam dos cavalos, quando uma bala atingiu Stepane numa perna; largou o estribo e caiu de costas. O vento arrancou o boné de Grigóri e atirou-lhe a poupa de cabelos para os olhos. Grigóri sacudiu os cabelos para trás e virou-se. A coxear, Stepane corria direito a um bosque; e, chegado lá, escondeu o seu boné de cossaco, sentou-se e pôs-se à pressa a tirar as calças tufadas, de listras vermelhas. Os alemães aproximavam-se rapidamente, vindos de trás de um montículo. Grigóri compreendeu que Stepane queria fazer-se passar por soldado de infantaria: é que naquela época os alemães não faziam prisioneiros cossacos... Ouvindo o próprio coração, Grigóri forçou o cavalo a dar meia volta, galopou em direcção ao bosque, e saltou, sem parar:

- Monta!

Nunca mais ele se esqueceria do olhar rápido de Stepane. Ajudou-o a saltar para a sela, e correu a par do cavalo, num charco de suor, segurando o estribo.

Tsiú-iú-iúuu...

As balas passavam com um silvo escaldante, que terminava bruscamente: tsiút.

Por sobre a cabeça de Grigóri, por sobre a face cor de greda de Stepane, aos ouvidos de ambos, aquele silvo penetrante como uma verruma não cessava tsiú-iú-iúuu-iút, tsiúuu-iút e por trás deles o estampido dos tiros, como vagens maduras de acácias estoirando: puke-paque, puke-paque, ta-taque-aque-aque!

Uma vez internados no bosque, Stepane desmontou do cavalo, de cara crispada pela dor; arremessou as rédeas, e afastou-se coxeando. O sangue escorria-lhe através do cano da bota esquerda, e, a cada passo da perna ferida, um esguichozinho cor de cereja saía-lhe do intervalo da sola solta. Apoiou-se ao tronco de um castanheiro copado e chamou Grigóri com um dedo. Este acercou-se dele.

- Tenho a bota cheia de sangue - disse Stepane.

Grigóri olhou para o lado, sem lhe responder.

- Grichka!... Há bocado, quando atacávamos... Estás-me a ouvir, Grigóri? - enunciou Stepane, procurando com os olhos encovados os olhos do outro. - Quando atacávamos, atirei contra ti, pelo menos três vezes... Deus não quis que eu te matasse.

Encontraram-se os olhos de ambos. Nas suas órbitas fundas, os de Stepane, muito fitos, chispavam agudamente. Quase sem descerrar os dentes, Stepane proferiu:

- Salvaste-me da morte... Obrigado... Mas, por causa da Akcínia. não te posso perdoar. É superior às minhas forças... Não exijas isso de mim, Grigóri...

- Não exijo - respondeu o outro.

E separaram-se sem se haverem reconciliado.

Mas já outra recordação lhe acudia... No mês de Maio, o regimento, com outras unidades do Exército de Brussílov, abriu uma brecha nas linhas do inimigo, perto de Lutzk, e, alternadamente avançando e recuando, desorganizara-lhe a retaguarda. Em frente de Lvov, Grigóri havia arrastado, por sua iniciativa, o esquadrão ao ataque, e tomado aos austríacos uma bateria de artilharia, com a respectiva guarnição. Um mês depois, atravessou o Bug a nado, para aprisionar um homem.

Meio nu, derrubou uma sentinela que estava no seu posto; demoradamente, o alemão, forte e atarracado, havia lutado com ele, tentando gritar e impedir que ele o amarrasse.

E, ao recordar-se disto, Grigóri sorriu.

Muitos dias semelhantes, recentes uns, distantes outros, ele tinha vivido nos campos de batalha. Como firme guardião da honra cossaca, Grigóri aproveitava todas as ocasiões para mostrar a sua inesgotável bravura, arriscando a vida, cometendo loucuras, penetrando disfarçado na retaguarda dos austríacos, e apoderando-se-lhes de postos sem derramar sangue; comportava-se como um cossaco autêntico, alheado definitivamente do sofrimento dos homens, que nos primeiros tempos da guerra o atormentava. O coração ressequira-se-lhe, endurecera-lhe, como as terras salgadas nos períodos de seca, e, do mesmo modo que as terras salgadas não absorvem água, também o coração se lhe fechara à piedade. Brincava com um frio desprezo com a vida dos outros, como com a própria, e assim adquirira a reputação de valente e ganhara quatro cruzes de São Jorge e quatro medalhas. Nas paradas, agora mais raras, alinhava ao lado da bandeira do regimento, coberta pelo pó de muitas guerras; mas sabia que nunca mais se riria como dantes; sabia que se lhe haviam encovado os olhos e acentuado as maçãs do rosto; sabia que lhe doía, ao beijar uma criança, encarar-lhe o olhar límpido; sabia bem por que preço havia pago as suas cruzes e as suas promoções.

Naquela colina em que estava estendido, apoiado ao cotovelo esquerdo, com uma aba do capote dobrada por baixo dele, revinha-lhe à memória quanto vivera, e aos fragmentos esparsos das recordações de guerra misturava-se por vezes o ténue fio azul de um acontecimento da infância. Grigóri demorava um instante nele um olhar interior, terno e triste, e em seguida tornava às lembranças recentes. Nas trincheiras austríacas, alguém tocava bandolim à perfeição. Os sons ténues, soprados pelo vento, transpunham o Stokhod e vibravam sobre aquela terra tantas vezes embebida de sangue humano. Ao alto as estrelas brilhavam mais, a sombra adensava-se, e uma corcova de nevoeiro nocturno avolumava-se sobre o pântano. Grigóri fumou dois cigarros, um atrás do outro, acariciou rudemente a correia da carabina, e, apoiando-se nos dedos da mão esquerda, ergueu-se da terra acolhedora e voltou para a trincheira.

No abrigo, os outros continuavam a jogar as cartas. Grigóri atirou-se para cima da cama de campanha. Quis ainda errar através das recordações, pelos caminhos antes trilhados, mas o sono venceu-o. Adormeceu numa posição incómoda, e viu em sonhos a planície imensa, queimada pela seca, a profusão arroxeadada das perpétuas, e, por entre os tufo violáceos de tomilho, as marcas dos cascos de cavalos por ferrar .. A planície deserta tinha uma serenidade que assustava. Ele caminhava num solo duro de areia e de argila, mas sem ouvir os próprios passos, o que o enchia de terror . Acordou, alçou a cabeça; a posição incómoda deixara-lhe na face vergões oblíquos; demoradamente moveu os lábios, como um cavalo que houvesse sentido momentaneamente, e logo perdido, o cheiro de alguma erva preciosa. Depois, readormeceu e não sonhou mais.

No dia seguinte, levantou-se com uma angústia inexplicável a oprimi-lo.

- Estás hoje com cara de enterro! Sonhaste com a aldeia? - perguntou-lhe o Cabeludo.

- Adivinhaste. Sonhei com a estepe. Parece-me que tenho a alma vazia... Queria estar em casa. Estou farto de servir o tsar.

O Cabeludo sorriu, compreensivo. Continuava a ocupar o mesmo abrigo que Grigóri e tinha por ele a estima de um animal forte por outro de força igual. Desde a contenda de 1914 que não houvera entre eles qualquer zanga, e a influência do Cabeludo marcara nitidamente o carácter e a psicologia de Grigóri. A guerra modificara muito o conceito que o Cabeludo tinha do mundo. Lentamente, mas com segurança, resvalara para o repúdio da guerra, falando agora muito de generais traidores e dos alemães emboscados no palácio do tsar. De uma vez saiu-lhe esta frase: «Não há nada de bom a esperar, porque a própria tsarina tem sangue alemão. É só ela poder, vende-nos por coisa nenhuma...»

Expôs-lhe Grigóri um dia a súmula do que aprendera com Garanja; mas o Cabeludo não o aprovou.

- A cantiga é bonita, mas a voz desafinada - comentou ele, com um sorriso irónico, dando palmadas na careca azulada. - Também o Michka Kochevói canta loas dessas, como um galo empoleirado numa sebe. Essas revoluções não têm ponta por onde se lhes pegue; criancices é o que são. Nós, os cossacos, do que precisamos é de um governo nosso, de mais nada. Devíamos ter era um tsar firme, no género de Mikolai Mikoláitch (*Correctamente, Nikolai Nikoláievitch. Grão-duque, nascido em 1856 e morto em 1929, foi comandante-chefe do exército russo desde o começo da guerra. Refugiado no estrangeiro durante a guerra civil, apoiado por Vrangel e pela maioria dos monárquicos, foi, depois da revolução, um dos pretendentes ao trono da Rússia*). O nosso caminho não pode ser o mesmo que o dos mujiques: um ganso e um porco não fazem boa companhia. Os mujiques querem obter terras e os operários que lhes aumentem os salários; e a nós que nos caberia? Terras temos nós com fartura! De que mais necessitamos? Lérias! O nosso tsar pode-se dizer que é um sendeiro. O pai dele era, mais rijo. com este há-de acabar por haver uma revolução, como em 1905; e aí teremos nós o mundo de pernas para o ar. Isso para nós não é bom. Se, por desgraça, o tsar for deitado abaixo, nós é que acabamos por pagar as favas: hão-de vir à tona os velhos ódios e querer-se dividir as nossas terras pelos mujiques. Temos de ter muito cuidado...

- Não és capaz de pensar noutra coisa - disse Grigóri, franzindo os sobrolhos.

- E tu não sabes o que dizes. Ainda és muito novo: falta-te a experiência. Espera um pouco mais, que te dêem uns abanões maiores, e verás de que lado está a razão.

As conversas deles findavam em geral assim. Grigóri calava-se e o Cabeludo mudava de assunto.

Naquele dia, o acaso enredou Grigóri numa história desagradável. Ao meio-dia, como habitualmente, a cozinha de campanha parou do outro lado da colina. Pelas valas de comunicação, os cossacos acorreram, procurando cada qual chegar primeiro que os outros. Coube a Michka Kochevói ir buscar a sopa do terceiro pelotão. Apareceu com as marmitas fumegantes enfiadas num pau comprido, e, mal entrou no abrigo, gritou:

- Isto não pode ser, irmãos! Que é lá isto? Seremos nós cães?

- Porque dizes tu isso? - inquiriu o Cabeludo.

- Dão-nos de comer carne podre exclamou Kochevói com indignação.

Sacudiu para trás, com um movimento da cabeça, a sua poupa doirada, como um cacho de lúpulo bravo, pousou as marmitas em cima das camas, e, com uma olhadela de través ao Cabeludo, propôs-lhe:

- Ora cheira a sopa.

O Cabeludo curvou-se sobre a marmita dele, aspirou-a e fez uma careta. Imitando-o involuntariamente, Kochevói mexia também as narinas, franzindo a cara mal-humorada.

- Cheira a carne podre - declarou o Cabeludo. Afastou de si a marmita, com repulsa, e fitou Grigóri. Este saltou da cama, estendeu para a sopa o nariz, já de si comprido, recuou, e, com a ponta vagarosa de um pé atirou para o chão a marmita da ponta.

- Porque fizeste tu isso? - observou-lhe o Cabeludo, indeciso.

- Não vês? Olha bem. Ou és cego? Isto aqui que é? - Grigóri apontava o líquido turvo que lhe alastrava aos pés.

- Oh-oh! Bichos!... Ah, minha mãe!... Eu não tinha visto!... Isto não é sopa; é aletria... Em vez de carne, dão-nos bichos.

No chão, junto de um pedaço de carne, de um vermelho de putrefacção, no meio de olhas de gordura, viam-se vermes cozidos, esbranquiçados, inchados, enrolados.

- Um, dois, três, quatro... - contou Kochevói, a meia voz, sem perceber porquê.

Houve um momento de silêncio. Grigóri cuspiu por entre os dentes. Kochevói desembainhou o sabre.

- Devemos levar esta sopa debaixo de escolta ao comandante do esquadrão.

- Estou de acordo! Boa ideia! - aprovou o Cabeludo. soltou a baioneta da carabina e propôs:

- Nós escoltamos a sopa, e tu, Grichka, vais connosco. Farás tu o relatório ao comandante.

E lá foram, o Cabeludo e Kochevói, de sabre em punho, com uma marmita cheia de sopa pendurada da baioneta, e Grigóri atrás deles. Os cossacos saíam dos abrigos e seguiam-nos, pelos ziguezagues das trincheiras, como uma grande vaga cinzenta-esverdeada.

- Que se passa?

- É alguma alerta?

- Talvez seja a paz!

- Não querias mais nada! .. A paz! Talvez queiras também um biscoito.

- Foram eles que aprisionaram a sopa de bichos!

O Cabeludo e Kochevói estacaram à porta do abrigo dos oficiais. De boné na mão esquerda, Grigóri entrou, baixando-se no «covil das raposas».

- Não empurrem! - rosnou o Cabeludo, arreganhando os dentes a um cossaco que lhe tinha dado um encontrão.

O comandante do esquadrão apareceu, a abotoar o capote, lançando os olhos perplexos e o seu tanto desassossegados a Grigóri, que lhe vinha às espaldas.

- Que há, rapazes? - perguntou ele, relanceando agora as cabeças dos cossacos.

Grigóri avançou e ripostou-lhe, no meio do silêncio geral:

- Trouxemos um prisioneiro.

- Qual prisioneiro?

- Este... - E Grigóri mostrou a marmita de sopa no chão, diante do Cabeludo. - O prisioneiro é isto... Faça o favor de ver o que se dá de comer aos seus cossacos.

Uma das sobranceiras ergueu-se-lhe em bico, estremeceu-lhe de leve, e voltou a endireitar-se-lhe. O comandante do esquadrão reparou com atenção na expressão de Grigóri; e, com ar carregado, deitou os olhos à marmita.

- Agora dão-nos carne podre a comer? - soltou Michka Kochevói, com arrebatamento.

- Tem de se mudar o rancheiro!

- O safado!...

- Malandro, que engorda à nossa custa!

- Ele come sopa com rins de vaca...

- E, para nós, bichos!... - Apoiaram os mais próximos. O comandante do esquadrão esperou que o besoirar das vozes se calasse e bradou em tom cortante:

- Si-lêncio! Agora calem-se. Já chega. Hoje mesmo substituirei o rancheiro. Vou nomear uma comissão de inquérito à actividade dele. Se a carne está em mau estado...

- É julgá-lo em conselho de guerra! - rugiram algumas vozes à retaguarda.

Uma nova onda de gritos cobriu a voz do comandante do esquadrão.

A substituição do rancheiro fez-se durante a marcha. Algumas horas depois de os cossacos revoltados terem «aprisionado» e levado a sopa ao comandante do esquadrão, o Estado-Maior do 12.º Regimento recebeu ordem de abandonar as posições que ocupava e dirigir-se para a Roménia, em conformidade com um itinerário anexo. Os cossacos foram rendidos durante a noite por atiradores siberianos. Retomaram posse dos cavalos na aldeia de Rinvítchi, e abalaram ao alvorecer para a Roménia, a marchas forçadas.

Após derrota sobre derrota, os romenos haviam recebido importantes reforços de tropas. A prova disso teve-se logo no primeiro dia: enviados antes do anoitecer para a aldeia indicada no itinerário, na qual deviam pernoitar, os rancheiros regressaram descoroçoados; a aldeia estava cheia de soldados de infantaria e de artilharia, que por igual se dirigiam para a frente romena. Para se aboletar, foi o regimento obrigado a fazer um desvio de oito verstás.

Durante dezassete dias caminharam. Os cavalos, mal alimentados, emagreciam a olhos vistos. Na zona da frente, devastada pela guerra, as forragens faltavam; os habitantes

tinham fugido para o interior da Rússia, ou ocultavam-se nas florestas; pelos buracos negros das portas escancaradas, as casas mostravam as suas paredes nuas, e os raros habitantes, sombrios e assustados, que os cossacos encontravam nas ruas abandonadas, apressavam-se a esconder-se, mal viam militares. Esgotados por aquela caminhada interminável, gelados, furiosos do seu próprio estado e do dos cavalos, por tudo o que haviam sido forçados a suportar, onde quer que alguma aldeia houvesse escapado à destruição, os cossacos arrancavam a palha dos telhados das casas e não hesitavam em roubar os pobres alimentos que topavam, não havendo ameaça de superior que os retivesse na pilhagem, ou os impedisse de fazer o que lhes apetecia.

Pouco antes da fronteira romena, numa aldeola mais rica, o Cabeludo conseguira palmar um alqueire de cevada. O proprietário, um bessarábio sossegado, apanhara-o em flagrante, mas o Cabeludo espancara-o e abalara com a cevada, para a dar ao cavalo. O comandante do pelotão surpreendeu-o perto dele. O Cabeludo pendurara-lhe a sacola da cabeça, e, andando de um lado para o outro, acariciava-lhe com as mãos trémulas os flancos escavados, e ossudos, e fitava-lhe os olhos, como se fossem os de um homem.

V

- Uriúpine! Vai já devolver essa cevada, filho de uma cadela! Olha que te fuzilam por isso, imbecil!

O Cabeludo deitou de esguelha um olhar ruim ao oficial, arremessou o boné ao chão e, pela primeira vez desde que era militar, rompeu a berrar, aos uivos:

- Julguem-me! Fuzilem-me! Podem matar-me imediatamente. Mas a cevada não a devolvo. . Querem que o meu cavalo morra de fome? Ha? A cevada não a devolvo. Nem um grão!

Tão depressa deitava as mãos à cabeça, como às crinas do cavalo, que mastigava avidamente, como ao sabre .

Quedou-se um bocado o oficial sem dizer nada, mirou os jarretes descarnados do cavalo, e proferiu, abanando a cabeça:

- Dás então cevada a um cavalo cansado desta maneira? - E a voz dele traía um nítido constrangimento.

- Ele já descansou um pedaço - replicou o Cabeludo, quase num cicio, apanhando nas palmas das mãos os grãos que caíam, para os pôr de novo na sacola.

O regimento chegou ao seu destino nos primeiros dias de Novembro. O vento redemoinhava por sobre as montanhas da Transilvânia, um nevoeiro glacial acumulava-se nos desfiladeiros, os pinheiros queimados pelas geadas espalhavam um cheiro intenso, e na neve muito limpa os olhos dos homens descobriam cada vez com mais frequência rastos de animais, lobos, alces, cabras-monteses, apavorados pela guerra, que haviam abandonado os seus refúgios solitários para mergulharem no interior da região.

A 7 de Novembro, o 12.º Regimento lançou-se ao assalto da cota 320. As trincheiras estavam ocupadas na véspera por austríacos, que haviam sido substituídos na manhã do ataque por saxónios, transferidos de fresco da frente francesa. Os cossacos trepavam a pé as vertentes pedregosas, levemente salpicadas de neve, esboroando sob os pés a terra gelada e à neve a levantando em forma de poalha fina. Grigóri ia ao lado do Cabeludo e dizia-lhe com um sorriso contrafeito, desusualmente tímido:

- Não sei porquê, mas sinto-me hoje inquieto... É como se fosse este o meu primeiro combate.

- Essa agora!... - admirou-se o Cabeludo.

Levava a espingarda a tiracolo, e chupava os pedacinhos de gelo que lhe pendiam do bigode.

Os cossacos progrediam na colina em linhas irregulares, sem atirarem. A crista das trincheiras inimigas conservava-se num silêncio ameaçador. Lá no cimo, por detrás dos parapeitos, um tenente saxónio de cara avermelhada pelo vento, nariz pelado, e torso fortemente arqueado, bradava, sorridente, aos seus soldados:

- Kameraden! Wir haben die Blaumäntel oft genug gedroschen! Da wollen wir's auch diesen einpfeffern, was es heisst mit uns'n Hühnchen zu rupfen! Ausharren! Schiesst noch nicht (*Camaradas! Já batemos mais de uma vez os capotes azuis. Vamos mostrar a estes o que é haverem-se connosco. Aguentem-se! Não atirem ainda!*).

Os cossacos avançavam. As rochas friáveis desfaziam-se-lhe sob os passos. Grigóri sorria nervosamente, enquanto erguia a borda do capuz desbotado do uso. As faces dele, cavadas, cobertas do colmo negro da barba, que havia muito tempo não rapava, e o nariz adunco tinham reflexos azuis-amarelados, e, sob as sobrancelhas cobertas de geada, os olhos luziam-lhe torvamente, como pedaços de antracite. A serenidade habitual abandonara-o. Para esmagar aquele funesto sentimento de medo que inesperadamente o tornara a assaltar, falava ao Cabeludo, piscando os olhos inquietos em direcção à crista alvejante das trincheiras que uma neve ligeira toucava:

- Não se ouve nada. Estão a deixar-nos aproximar. E eu tenho medo, não tenho vergonha de o confessar... Que aconteceria se tornássemos para trás?

- Que conversa é essa? - sobressaltou-se o Cabeludo, irritado. - Aqui, meu caro, é como a jogar as cartas: quem não tem confiança em si está perdido. Tens a cara toda amarela, Grichka... Ou estás doente, ou então... apanhas hoje um balázio. Repara! Não viste?

Um soldado alemão, de capote curto e capacete rematado em ponta tinha-se apumado um segundo por sobre as trincheiras e desaparecido imediatamente.

À esquerda de Grigóri, um belo cossaco de cabelo castanho-claro, da stanitsa de Elánsskaia, descalçava e calçava incessantemente a luva da mão direita, a andar em passo apressado, dobrando os joelhos com dificuldade, e tossindo muito. «Parece que vai a avançar de noite e a tossir para se encorajar» pensou Grigóri. Atrás dele, viu a face coberta de sardas do sargento Makssáiev, e a seguir Emeliane Grochov, que segurava com firmeza a carabina, de baioneta torcida. Grigóri lembrou-se de que Emeliane roubara um saco de milho a um romeno, alguns dias antes, servindo-se da baioneta para lhe forçar a fechadura

do celeiro. Muito perto de Makssáiev, ia Michka Kochevói. Fumava avidamente, assoava-se com frequência aos dedos, que depois limpava a uma aba do capote.

- Estou com sede - proferiu Makssáiev.

- As botas apertam-me, Emeliane. Não posso andar - queixou-se Michka Kochevói.

Grochov interrompeu-o, exasperado:

- Ora não haviam de ser as botas!... Espera e verás como os alemães nos vão dar, não tarda nada, uma boa esfrega com as metralhadoras.

Logo à primeira salva, atingido por uma bala, Grigóri tombou, com um urro. Quis ligar o braço, estendeu a mão para a patrona, em que tinha uma ligadura, mas a sensação de sangue quente, que lhe espirrava com força do cotovelo para o interior da manga, enfraqueceu-o. Deitou-se ao comprido, e, escondida a cabeça pesada por trás de uma pedra, pôs-se a lamber com a língua subitamente seca os flocos de neve macia. De lábios trémulos, sorvia sequiosamente aquela poalha fresca e esparsa, escutando com terror, com uma tremura interior até ali desconhecida, a crepitação seca e brutal dos tiros, o fragor crescente das salvas. Levantou a cabeça e viu os homens do esquadrão dele descendo a encosta a correr, escorregando, caindo, atirando ao calhar para trás, para o cimo da colina. Um medo incompreensível, injustificável, fê-lo pôr-se de pé e correr, ele também, encosta abaixo, para a orla dentada do pinhal, donde o ataque partira. Ultrapassou Emeliane Grochov, que arrastava o comandante do pelotão, que fora ferido. Grochov amparava-o na descida íngreme; o tenente metia os pés um pelo outro, como os bêbedos, e deixava descair de vez em quando a cabeça para o ombro de Grochov, para vomitar um sangue negro e coalhado. Os esquadrões rolavam como uma enxurrada para a floresta. Os mortos acumulavam-se em montículos cinzentos nos declives cinzentos; os feridos que não houvera tempo de recolher desciam de rastos. As metralhadoras retalhavam-nos.

U-u-u-cá-cá-cá-cá!... faziam os tiros delas, como uma chuva cerrada.

Grigóri mergulhou na floresta, apoiado a um braço de Michka Kochevói. Numa ladeira suave em frente dela, as balas ricocheteavam. Ouvia-se uma metralhadora crepitar no flanco esquerdo dos alemães. Lembrava uma pedra atirada com força, em saltos sucessivos sobre o gelo recente e frágil de um rio.

U-u-u-cá-cá-cá-cá-cá! ..

- Cascaram-nos bem! - exclamou o Cabeludo, em tom admirativo.

Encostado ao tronco arruçado de um pinheiro, atirava vagarosamente contra os alemães que corriam na crista das trincheiras.

- É bom que os imbecis aprendam! Pois então! - berrou Kochevói, sufocado de ira, soltando o braço a que Grigóri se apoiava. - O povo é como uma cadela! Pior ainda! Há-de perder o seu sangue todo, antes de compreender por que se bate.

- Que conversa é essa? - lançou o Cabeludo, pregueando os olhos.

- Os inteligentes hão-de compreender sozinhos. Quanto aos imbecis... com os imbecis não há que contar.

- Esqueceste-te do juramento que prestaste? Prestaste juramento, ou não? - insistiu o Cabeludo.

Kochevói tombou de joelhos, sem responder, fez um montinho de neve com as mãos trementes, e pôs-se a sorvê-la, com sofreguidão, arrepiado e cheio de tosse.

No céu enrugado de nuvens brancas, o Sol outoniço rodava sobre a aldeia de Tatársski. Ao alto, um vento leve empurrava lentamente as nuvens, fazendo-as deslizar para oeste, ao passo que em baixo, na aldeia, na planície verde-escura do Don, e nas florestas desnudas, curvando os cimos dos salgueiros e dos choupos, encrespando a água do rio, e enxotando rebanhos de folhas mortas pelas ruas, um vendaval violento soprava. Uma meda de palha mal feita desgrenhava-se no pátio de Khrisstónia; o vento cavou-a por baixo, fez-lhe cair a vara delgada que a mantinha, e depois, subitamente, como uma forquilha, ergueu o fardo doirado por sobre o pátio, fê-lo rodopiar por cima da rua e, juncando generosamente o caminho, arremessou um monte eriçado de palha para o telhado de Stepane Asstakhov. Em cabelo, apertando a saia entre os joelhos, a mulher de Khrisstónia surgiu precipitadamente de casa, contemplou aquele trabalho do vento, e de novo se recolheu.

O terceiro ano de guerra era *bem* sensível na aldeia. Nas herdades que haviam ficado sem homens, os armazéns escancaravam-se, as sebes destroçavam-se, uma ruína progressiva marcava-as miseravelmente. A mulher de Khrisstónia tratava do que lhes pertencia, sozinha com o filho de nove anos; a de Anikuchka não se incomodava a trabalhar, aproveitando a ausência do marido para se ocupar apenas de si própria: pintava-se, embelezava-se, e, à falta de homens feitos, recebia em casa garotos de catorze anos e menos, o que com eloquência comentava o portão copiosamente lambuzado de pinceladas de alcatrão, acusadoras (*Nas aldeias da Rússia, fazia-se isto às portas das mulheres mal-comportadas*). A casa de Stepane Asstakhov estava vazia: antes de abalar, o proprietário reforçara-lhe as janelas com tábuas; o telhado, coberto de bardana, desabara nalguns sítios; a fechadura da porta enferrujara-se; e pelo portão, aberto de par em par, do pátio coberto de ervas maninhas, os animais errantes, em busca de abrigo contra o calor ou contra o mau tempo, entravam à vontade. A parede da casa de Ivane Tomíline estava quase a cair para a rua,

aguentada por uma escora em forma de corno: sem dúvida, vingança do destino, por todas as casas alemãs e russas que o valente artilheiro havia destruído.

O mesmo se passava em todas as ruas, em todos os becos. Exceptuava-se, à ponta inferior da aldeia, a herdade de Pantelei Prokófievitch: aí, tudo mantinha o seu aspecto habitual, tudo estava intacto. Ou, melhor: nem tudo. Os galos de lata tinham tombado de velhice do telhado do celeiro, e este estava um pouco inclinado: uma certa falta de cuidados não passaria despercebida a um olhar atento. As mãos do velho não podiam fazer tudo, de modo que se tinham reduzido as sementeiras, mais valendo não falar do resto; só a família não diminuía: para substituir Petro e Grigóri, enquanto eles eram atirados de uma frente para outra, no Outono anterior Natalia deitara ao mundo um casal de gémeos, um rapaz e uma rapariga, com grande alegria dos avós. A gravidez de Natalia fora penosa; por vezes, dias inteiros não podia andar, tanto as pernas a incomodavam, crispando-se ao arrastar os pés, mas suportando em silêncio as dores, sem nada deixar transparecer na face tisonada, emagrecida, feliz. Quando, porém, as cãibras eram mais fortes, o suor borbulhava-lhe nas fontes; então, Ilínitchna percebia-lhe o sofrimento e ralhava-lhe, abanando a cabeça:

- Raio de mulher, porque não te deitas? Queres dar cabo de ti?

Num dia claro de Setembro, ao sentir vir as dores do parto, Natalia saiu de casa.

- Onde vais tu? - perguntou-lhe a velha.

- Vou lá abaixo ao prado. Vou ver as vacas. - Estugando o passo, deixou a aldeia, a gemer, de mãos no ventre, meteu-se por uma moita densa de ameixieiras bravas, e deitou-se. Ao voltar para casa, pelas traseiras das propriedades, caía a noite. Trazia os gémeos no avental de pano grosso.

- Minha querida! Estupor de mulher! Que fizeste tu?... Onde é que estiveste?... - gemeu Ilínitchna.

- Tive vergonha... Por causa do pai... Eu estou lavada, mãezinha, e também a eles os lavei... Pegue-os lá... - desculpou-se Natalia, empalidecendo.

Duniachka foi a correr chamar a parteira. Daria pôs-se a arranjar uma caminha numa joeira. A rir e a chorar ao mesmo tempo, Ilínitchna gritou-lhe:

- Dachka! Larga essa joeira! Mas isto são gatos, para os queres pôr aí?... Oh, Senhor, dois gémeos! E um deles, Senhor, um rapaz!... Nataliúchka!... Metam-na já na cama!

Pantelei Prokófievitch, que estava na corte do gado quando soube que a nora tivera um casal de gémeos, primeiro deixou cair os braços, de espanto, e depois, torcendo a barba, rompeu a chorar de alegria, e a invectivar disparatadamente a parteira, mal ela apareceu a correr.

- Estás enganada, estafermo! - berrava ele, brandindo um dedo em gancho por baixo do nariz da velha. - Estás enganada! Ainda não é desta que a raça dos Melekhoves acaba. A minha nora deu-me um cossaco e uma rapariga. Isto é que é uma nora! Oh, Senhor, meu Deus! Como hei-de eu pagar um presente destes àquele anjo?

O ano ia fértil: a vaca teve dois vitelos, cada uma das ovelhas dois cordeirinhos, e as cabras... Maravilhado daquelas coincidências, Pantelei Prokófievitch dizia para consigo:

«Feliz e proveitoso ano! Tudo vem aos dois. Está tudo a medrar agora, cá em casa É verdade!»

Natalia alimentou os filhos ao peito até à idade de um ano. Em Setembro tirou-lhes a mama; mas só lá para o fim do Outono se restabeleceu por completo; os dentes dela brilhavam-lhe, como leite, na face macilenta, e os olhos, que lhe pareciam enormes por causa da magreza, luziam-lhe, ardentes e húmidos. Consagrava-se inteiramente aos filhos, não cuidando dela, e gastando com eles todo o tempo que sobrava do trabalho da casa: lavava-os, lavava-lhes a roupa, fazia malha para eles, passajava-lhes o que eles rompiam, e várias vezes por dia, sentada de esguelha à borda da cama, com uma perna pendente, tirava os gémeos do berço, libertava da camisa larga, com um movimento dos ombros, os grandes seios túrgidos, brancos-amarelados como melões, e ao mesmo tempo os amamentava aos dois.

- Já te chuparam até à última gota. Dás-lhes de mamar vezes de mais dizia-lhe Ilínitchna, dando palmadinhas nas pernocas rechonchudas e cheias de refegos dos netos.

- Alimenta-os bem! Não poupes o leite. Não precisas dele para fazer manteiga intervinha Pantelei Prokófievitch, com ciumenta aspereza.

A vida escoava-se com moleza, como a água do Don depois das grandes cheias. Os dias, lânguidos e aborrecidos, seguiam-se insensivelmente uns aos outros, em incessantes trabalhos, obrigações insignificantes, alegrias breves, e a grande angústia vigilante pelos que estavam na guerra. De Petro e de Grigóri raras cartas chegavam da frente, em sobrescritos sujos, cobertos de carimbos do correio. A última carta de Grigóri havia passado por mãos alheias: metade do texto fora cuidadosamente borrado com tinta cor de violeta e o papel cinzento com que a tinham fechado trazia um sinal incompreensível. Petro escrevia mais vezes que Grigóri, e nas cartas dele ameaçava Daria, pedia-lhe que renunciasse à sua vida dissoluta, sem dúvida por lhe haverem chegado rumores do seu comportamento leviano. com as cartas dele, Grigóri mandava dinheiro: o soldo e as subvenções de cavaleiro de São Jorge; prometia em todas vir de licença, mas nunca vinha. Os caminhos dos dois irmãos afastavam-se: a guerra vergara Grigóri, roubara-lhe as cores da cara, dando-lhe um tom bilioso; cuidava ele que não lhe veria o fim; Petro, por seu lado, subia rápida e regularmente

de posto; um pouco antes do Outono, recebera duas cruzes, à custa da simpatia do comandante de esquadrão; e contava que estava a fazer o possível para o mandarem para uma escola de oficiais. No Verão, havia mandado para casa, por Anikuchka, que fora de licença, um capacete e um capote alemães, e uma fotografia sua. Num quadradinho de cartão, a cara dele, envelhecida, exibia um ar satisfeito, e, sob o nariz arrebitado, o bigode loiro e frisado erguia-se-lhe em duplo gancho, e os lábios duros torciam-se-lhe no seu sorriso habitual. É que a vida sorria a Petro, e a guerra agradava-lhe, porque lhe abria extraordinárias perspectivas: simples cossaco, agarrado desde a infância à cauda dos bois, como poderia ele antes aspirar a ser oficial e a viver diferentemente? E eis que a guerra se havia ateado: ao clarão dela, ele entrevia agora distintamente um futuro mais livre... Só uma nuvem lhe escurecia a vida: os mexericos desagradáveis que corriam na aldeia a respeito da mulher. Stepane Asstakhov estivera lá de licença no Outono, e gabara-se, ao voltar, diante do esquadrão em peso, de se ter fartamente divertido com a mulher de Petro. Este a princípio não ligara importância aos ditos dos camaradas; a cara dele carregava-se ao ouvi-los, mas sorria e comentava:

- O Stepane mente. Diz isso para se vingar em mim do que lhe fez o Grigóri.

Um dia, porém, fosse por acaso ou de propósito, ao sair de um abrigo, Stepane deixou cair no chão um lenço bordado; Petro, que ia atrás dele, apanhou o lenço, que tinha uma renda e era muito bem bordado, e reconheceu o trabalho da mulher. Entre Petro e Stepane havia-se dado mais um nó de rancor. Petro esperava apenas a ocasião. A morte espreitava Stepane era mais que certo que cairia perto do Dvina Ocidental, com a marca do sabre de Petro no crânio. Mas as coisas sucederam de outro modo: pouco tempo depois, Stepane ofereceu-se como voluntário para um assalto a um posto alemão, e não regressou. Segundo os cossacos que tinham partido com ele, a sentinela alemã surpreendera-os a cortar o arame farpado, e lançara contra eles uma granada; ainda tinham conseguido alcançá-la, Stepane derrubara-a com um murro, mas uma segunda sentinela fizera fogo e Stepane havia caído. Tinham degolado esta segunda sentinela, arrastaram com eles a que Stepane derrubara com o seu punho de chumbo, e ainda tentaram levantar Stepane para o trazerem; mas, como ele era muito pesado, não tiveram outro remédio senão abandoná-lo. Stepane, ferido, suplicava: «Irmãos, não me deixem morrer! Irmãos, porque me abandonam?...» Naquele momento, uma metralhadora varrera a sebe de arame farpado, e eles tinham abalado, rastejando. «Cossacos! Irmãos!» gritara Stepane. Mas a caridade bem entendida começa por cada qual.

Ao saber o que acontecera a Stepane, Petro sentiu-se aliviado, como se lhe tivessem untado uma arranhadela com óleo de marmota. Mesmo assim, decidiu: «Em indo de

licença, sangro a Daria. Eu não sou o Stepane; o caso, comigo, é outro...» Pensou em matá-la; mas imediatamente pôs a ideia de parte. «Se mato uma porcaria daquelas, dou cabo da minha vida toda. Vou parar à prisão e todos os meus esforços se perdem: lá se vai tudo!...» Decidiu, simplesmente, dar-lhe uma sova, mas de tal ordem que ela perdesse para sempre a vontade de dar ao rabo. «Arranco-lhe um olho, à víbora, de maneira que nem o diabo a queira.» Assim cogitava Petro nas trincheiras, não longe da margem de greda do Dvina Ocidental.

O Outono franzia a erva e as folhas, as geadas queimavam-nas, a terra arrefecia, e as noites iam-se tornando mais compridas e mais escuras. Nas trincheiras, os cossacos cumpriam enfadonhamente os seus deveres, atirando contra o inimigo, trocando palavrões com os ajudantes, a ver se obtinham roupas mais fortes, comendo mal, mas nem um se esquecendo da região do Don, longe daquela terra inóspita da Polónia.

Entretanto, naquele Outono, Daria Melekhova desforrava-se de todo o tempo que havia passado sem homem. No dia da festa da Intercessão, Pantelei Prokófievitch, que fora como sempre o primeiro a acordar, ao sair do pátio, deitou as mãos à cabeça: o portão, arrancado dos gonzos por mãos insolentes, tinha sido arrastado para o meio da rua. Era um enxovalho. O velho colocou imediatamente o portão no seu lugar, e, depois do almoço, chamou Daria à cozinha de Verão. O que eles disseram não se sabe: mas Duniachka viu Daria sair da cozinha ao fim de alguns minutos, de lenço descaído para os ombros, desgrenhada e a chorar. Encolhia os ombros, com os traços pretos e agudos das sobranceiras a tremerem-lhe na cara lacrimosa e perversa.

- Deixa estar, miserável!... Hás-de-te lembrar de mim! - murmurava ela, por entre os lábios inchados.

A blusa rasgada nas costas mostrava-lhe na pele branca uma equimose recente, azul e vermelha. Subiu a correr os degraus do patamar, com a saia a dar a dar, e sumiu-se no vestíbulo; ao mesmo tempo, Pantelei Prokófievitch surgia da cozinha, a coxear, furioso como um demónio, dobrando em quatro umas rédeas novas de cabedal.

E Duniachka ouviu o pai rosnar em voz rouca:

- Não era ainda só assim que tu devias apanhar, cadela vadia!...

Restabelecera-se a ordem na herdade. Durante três dias, Daria andou mais macia que um veludo, mais rasteira que a erva, deitando-se antes do resto da família e respondendo ao olhar compadecido de Natalia com um sorriso frio, arqueando os ombros e as sobranceiras, como significando: «Não tem importância; havemos de ajustar as contas.» Mas ao quarto dia houve um incidente cujo segredo ficou entre ela e Pantelei Prokófievitch. A seguir a ele, o sorriso dela tornou-se triunfante, e durante uma semana o

velho se mostrou perturbado, confuso, como um gato que tivesse feito uma maldade; não disse nada à velha; e ao próprio padre Vissarione, ao confessar-se, escondeu o caso e os pensamentos culposos que nele haviam despertado.

Ora o que sucedera fora o seguinte.

Logo após a Intercessão, Pantelei Prokófievitch, convencido da emenda definitiva de Daria, havia dito a Ilínitchna:

- Não poupes a Dachka. Quanto mais trabalho ela tiver, melhor. Enquanto trabalha, não tem tempo da pouca-vergonha. Tu bem sabes de que força ela é. Só no que pensa é em sair e se divertir.

Com este fito, obrigara Daria a limpar a eira, a empilhar a lenha no pátio das traseiras da casa, a acomodar o palheiro com ele. À tardinha do quarto dia, lembrou-se de transportar a tarara do armazém para o palheiro, e chamou a nora:

- Daria!

- Que é, pai? - replicou ela, do palheiro.

- Vem cá. Vamos levar para aí a tarara.

Ela compôs o lenço na cabeça, sacudiu a poeira de folhelho que lhe havia penetrado pela gola da blusa, saiu do palheiro, atravessou a eira e dirigiu-se para o armazém. Pantelei Prokófievitch, que vestia um casaco preto enchumado de algodão e umas calças rasgadas, coxeava à frente dela. O pátio estava deserto. Duniachka e a mãe fiavam lã recentemente cardada e Natalia amassava. O vermelho do crepúsculo extinguiu-se por trás da aldeia, os sinos tocavam a vésperas. Ao alto, no céu transparente, via-se, imóvel, uma nuvenzinha carmezim; do outro lado do Don, nos ramos nus e grisalhos dos choupos, as gralhas-calvas pareciam farrapos escuros e queimados. No meio do silêncio puro e suspensivo, o menor ruído soava nítido, definido, rigoroso. Do estábulo vinha um cheiro penetrante de estrume húmido e de feno. Ajudado por Daria, Pantelei Prokófievitch, a gemer do esforço, levou para o palheiro a tarara vermelha, descorada, instalou-a a um canto, ancinou a moinha que se soltara do folhelho amontoado, e dispunha-se a ir-se embora, quando Daria o chamou em voz baixa e chilreada:

- Pai!

Sem suspeitar do que se tratava, ele dirigiu-se para o lado da tarara e perguntou:

- Que há?

Daria estava diante dele, de blusa largamente aberta e mãos atrás da cabeça, a arranjar os cabelos. Coado por uma fresta da parede, um raio cor de sangue do sol poente incidia sobre ela.

- Olhe, pai. Veja isto... Venha cá ver... - disse ela inclinando-se para um lado, com um olhar de ladra, por cima do ombro do sogro, para a porta escancarada.

O velho acercou-se dela. E de repente ela deitou-lhe os braços à roda do pescoço, de mãos enganchadas uma na outra, e recuou, arrastando-o com ela e murmurando:

- Ali, pai... Ali é fofinho...

- Que queres tu dizer com isso? - perguntou Pantelei Prokófievitch, assustado.

Agitando a cabeça, procurava libertar o pescoço dos braços de Daria; mas ela puxava-lha cada vez mais contra a cara, e sussurrava-lhe o que quer que fosse por entre a barba, com a boca ardente a rir.

- Deixa-me, desavergonhada! - gritou o velho, que ao empertigar-se sentiu contra ele o ventre firme da nora.

Ela atirou-se de costas, colada a ele, arrastando-o na queda.

- És maluca, diabo!... Larga-me já!

- Não queres? - atirou-lhe Daria, ofegante. E, descerrando os braços, com um empurrão no peito o repeliu. - Não queres?... Ou talvez não possas!... Nesse caso, não tens nada que me julgar!... É assim mesmo!

Ergueu-se de um salto, endireitou rapidamente a saia, limpou o folhelho das costas e berrou em frente da cara de Pantelei Prokófievitch atordado:

- Porque me bateste no outro dia? Achas que eu sou velha? Quando eras novo, não fazias a mesma coisa? Há um ano que estou para aqui sem marido!... Ou queres que eu me governe com algum cão? Vai bardamerda, coxo! Engole lá isto!

Fez-lhe um gesto obsceno e, movendo as sobrancelhas, encaminhou-se para a porta. Perto desta, examinou-se com atenção uma vez mais, sacudiu a poeira da blusa e do lenço, e proferiu, sem olhar para o sogro:

- Sem isso não posso passar... Preciso de um cossaco. E, se tu não queres, hei-de encontrar algum. Mas tu cala-te!

Alcançou a eira a passo rápido e ondulante, e desapareceu sem se virar. Pantelei Prokófievitch continuava ao lado da tarara vermelha, mordiscando a barba e olhando, com expressão perplexa e culpada, o palheiro e as biqueiras das botas remendadas. «Será possível que ela tenha razão? Talvez eu devesse dividir o pecado ao meio com ela» cogitava ele, confusamente, ainda tonto com o que se havia passado.

VI

No mês de Novembro veio um frio de rachar. Caíram as primeiras neves. No sítio em que faz um cotovelo, diante da parte alta de Tatársski, o Don gelou. Sobre o gelo azulado e frágil, raras pessoas o atravessavam; mais abaixo, apenas ao longo das margens havia uma camadinha de gelo esponjoso, e no meio a corrente cachoava, de vagas verdes umas atrás das outras, meneando as suas cristas cinzentas. No buraco em frente da Barroca Negra, nos ramos submersos, a onze ságenas de profundidade, havia muito tempo que os siluros se tinham instalado para o Inverno, em companhia das carpas viscosas; só o peixe miúdo continuava a percorrer o rio, e nos rápidos as percas perseguiram as mugsens. As solhas repousavam na areia do fundo. Os pescadores esperavam pelos frios maiores, para abrirem buracos no gelo e apanharem algum caracino doirado.

Nesse mês, os Melekhoves receberam uma carta de Grigóri. Escrevia de Kuvínsski, a contar que havia sido ferido no seu primeiro combate em território romeno, por uma bala que lhe partira um osso do braço esquerdo, e que fora mandado, até se curar, para a Região Militar, na stanitsa de Kaménsskaia. Logo a seguir a ter-se recebido esta carta, outra desgraça desabou sobre os Melekhoves: cerca de ano e meio antes, Pantelei Prokófievitch tivera necessidade de dinheiro e pedira emprestados cem rubles a Serguei Platónovitch Mokhov. No Verão, Atiópine-Tsatsa chamara-o ao armazém e dissera-lhe, de lunetas de armação de oiro presas no nariz, fitando a barba do velho por sobre as lentes:

- Então, Pantelei Prokófievitch, queres pagar, ou não?

Pantelei Prokófievitch considerou as prateleiras vazias e o balcão lúcido do uso e respondeu, após um momento de hesitação:

- Espera um pouco mais, Emeliane Konstantínitch. Deixa-me desembaraçar, que eu pago.

A conversa tinha ficado por aqui. Mas o velho não conseguira desembaraçar-se, porque a colheita fora má e ele não tinha gado para vender. E eis que um belo dia um oficial de diligências apareceu na aldeia, mandou chamar o mau pagador, e sem mais tir-te nem guar-te lhe declarou:

- Tem de pagar imediatamente os cem rublos que deve Não havia nada a replicar. Lá estava escrito num papel grande, pousado em cima da mesa do quarto do oficial de diligências, na estalagem.

EXECUÇÃO

«Em nome de SUA MAJESTADE IMPERIAL. Nós, juiz de paz da Sétima Circunscrição da Região do Don, depois de examinada a acção cível movida pelo burguês Serguei Mokhov contra o sargento-chefe de cavalaria Pantelêimone Melekhov, por falta de pagamento deste da soma de cem rublos que aquele lhe emprestou, em conformidade com os artigos 81, 100, 129, 133 e 145 do Código de Processo Civil, despachamos, com data de 27 de Outubro de 1916, o que segue:

Proceder-se-á à respectiva cobrança, na pessoa do devedor, o sargento-chefe de cavalaria Pantelêimone Melekhov, em proveito do credor, o burguês Serguei Mokhov, da soma de cem rublos, por este emprestada àquele, na data de 21 de Junho de 1915, acrescida de três rublos de custas do processo. O presente despacho é interlocutório e será tornado público imediatamente.

A presente sentença, em conformidade com o parágrafo 3 do artigo 156 do Código de Processo Civil é declarada executória por provisão, sem embargo de recurso. Em nome de SUA MAJESTADE IMPERIAL, Nós, juiz de paz da Sétima Circunscrição da Região do Don, ordenamos a todas as pessoas e autoridades, a quem a presente sentença interesse, que a executem e auxiliem, e, às autoridades policiais e militares locais, que prestem sem qualquer dilação, ao oficial de diligências encarregado de a executar, o concurso previsto pela lei.»

Depois de ouvir o oficial de diligências, Pantelei Prokófievitch pediu licença para ir a casa e prometeu pagar no próprio dia. Da estalagem meteu direitinho a casa do compadre Korchunov. Na praça, encontrou Alekcei Chamil, o maneta.

- Sempre coxo, Melekhov? - disse-lhe Chamil, à laia de cumprimento.
- Um pedacinho.
- Vais muito longe?
- A casa do meu compadre. Por causa de um negócio.

- Ah, sim? Mas hoje há lá festa. Não sabias? O filho de Mirone Grigóritch, o Mitka, voltou da frente, ao que para aí dizem.

- É sério?

- Foi o que eu ouvi - disse Chamil, com um espasmo do olho e da face, aproximando-se de Pantelei Prokófievitch e puxando da bolsa do tabaco. - Vai uma cigarrada, avô? Eu dou o papel, e tu o tabaco.

Pantelei Prokófievitch começou a fumar, a si próprio perguntando se iria ou não a casa de Korchunov; havendo por fim decidido ir, despediu-se do maneta e lá foi, a coxear.

- Também o Mitka foi condecorado. Quer apanhar o teu filho - berrou Chamil atrás dele. - Agora há mais cavaleiros de São Jorge que pardais por esse arbusto.

Sem se apressar, Pantelei Prokófievitch chegou à extremidade da aldeia; em frente da casa de Korchunov, mirou as janelas e dirigiu-se para a porta. O próprio Korchunov veio ao encontro dele; de alegria, a cara parecia-lhe literalmente lavada, mais lisa e com menos sardas.

- Soubeste da nossa felicidade? - perguntou ele a Pantelei Prokófievitch, apertando-lhe a mão.

- Soube-o no caminho, por Alekcei Chamil Venho por causa de um negócio, compadrinho...

- Não fales em negócios agora. Entra lá, para veres o nosso militar. Confesso-te que já bebemos uma pinga a mais, para festejar o caso A minha mulher tinha posto de banda uma garrafa de vodka boa para uma ocasião solene.

- Não precisavas de mo dizer. - Pantelei Prokófievitch sorriu, de narinas palpitando. - Já de longe me tinha cheirado.

Mirone Grigórieitch abriu a porta, para o compadre passar. Este, mal entrou, deu logo com os olhos em Mitka, sentado à mesa, no lugar de honra.

- Aqui está o nosso militar! - exclamou o avô Grichaka, choramingando, e cingindo Mitka contra um ombro, no momento em que ele se ia levantar.

- Bem-vindo à aldeia, moço cossaco!

Pantelei Prokófievitch apertou a mão comprida de Mitka, deu um passo à retaguarda, e examinou-o com expressão admirada

- Que tens tu que olhar para mim dessa maneira, compadre? proferiu Mitka, em voz baixa e rouca.

- Estou a olhar para ti e não caibo em mim de espanto: quando eu e o teu pai os levámos para o exército, ao Grichka e a ti, eram vocês dois garotos; e agora, sim senhor, estás um verdadeiro cossaco, mesmo a calhar para a Guarda.

Lukínitchna, que não despegava do filho os olhos chorosos, vazou um copo de vodka sem reparar no que fazia, de modo que a vodka se entornou.

- Olha lá, sarnosa! Dessa maneira estragas uma coisa tão boa? - berrou-lhe Mírone Grigórievitch.

- À alegria de todos e ao teu feliz regresso, Mítri Mirónitch!

Pantelei Prokófievitch rebolava para todos os lados os globos azulados dos olhos e esvaziava às goladinhas, sem tomar a respiração e de pálpebras a tremerem-lhe, o seu copinho barrigudo. Limpou devagar com a palma da mão os lábios e o bigode, fitando sempre o fundo do copo, inclinou a cabeça para trás, e deixou cair na boca escancarada, de dentes escuros, uma última gota solitária; e só depois respirou, e mastigou um pepino de conserva, semicerrando demoradamente os olhos, com ar de beatitude. com segundo copo que a velha lhe serviu, de súbito ficou comodamente bêbedo. Mitka observava-o, sorrindo. As suas pupilas de gato, tão depressa se estreitavam, até os olhos lhe ficarem completamente verdes, como se alargavam e lhos ensombreciam. Aqueles anos tinham-no tornado irreconhecível. Naquele cossaco alto e vigoroso, de bigode preto, quase nada subsistia do Mitka delgado e franzino que três anos antes fora para a tropa. Desenvolvera-se muito: estava mais largo de ombros, um pouco arqueado, mais gordo, não pesando com certeza menos de cinco pudes, e a voz e a cara haviam-lhe endurecido, com tudo isso aparentando ser mais velho do que era. Só os olhos é que lhe não tinham mudado, sempre inquietos e inquietadores; a mãe afogava-se neles, rindo, chorando, tocando constantemente com uma mão franzina e seca os cabelos curtos e a testa branca e estreita do filho.

- Foste condecorado? - interrogou-o Pantelei Prokófievitch, com um sorriso de bêbedo.

- Qual é o cossaco que não tem uma cruz? - retorquiu Mitka, franzindo os sobrolhos.

- Três ganhou Kriutchkov, à força de fazer vénias no Estado-Maior.

- Está vaidoso como todos nós - apressou-se o avô Grichaka a dizer. - O patife sou eu, é o avô escarrado. Curvar a espinha não é com ele.

- Parece-me que também dão cruzeiros por outras coisas - começou Pantelei Prokófievitch.

E já a expressão se lhe carregava. Mas Mírone Grigórievitch arrastou-o para o quarto de cama, fê-lo sentar numa arca, e atirou:

- A Natalia como vai, mais os pequenos? Todos estão bons? Ora seja Deus louvado! Não me disseste tu que vinhas cá por causa de um negócio? Que negócio é esse então? Conta lá, antes de continuarmos a beber e nos embebedarmos?

- Preciso de dinheiro. Empréstimo, por amor de Deus! Ajuda-me, ou fico na miséria.

Pantelei Prokófievitch falava com a humildade excessiva dos bêbedos. O compadre interrompeu-o:

- Quanto?

- Cem notas.

- Quais notas? Notas há muitas.

- Cem rublos.

- Podias tê-lo dito logo.

Mirone Grigórievitch foi à arca, tirou dela um lenço encardido, desfez-lhe o nó que o atava, e contou dez notas vermelhas (*Notas de 10 rubles*), com um ruído seco do papel.

- Obrigado, compadrinho... Salvaste-me de uma desgraça

- Pronto! Não se fala mais nisso! Entre parentes, tudo se arranja.

Mitka demorou-se cinco dias na aldeia. As noites passava-as em casa da mulher de Anikuchka, simplória e dócil, compadecido da sua amarga solidão. Durante o dia, visitava os parentes e os amigos. Alto, enfiado numa simples blusa de campanha, ufano da sua resistência ao frio, deambulava pelas ruas da aldeia, de boné ao lado, bandeando os ombros. Uma tardinha foi a casa dos Melekhoves. com ele penetrou na cozinha bem aquecida uma baforada álgida e o cheiro característico e penetrante dos soldados. Um bocado ali se demorou a falar da guerra e das notícias da terra; antes de se levantar par; abalar, fitou em Daria os seus olhos verdes, cor de junco Daria, que não cessara de o olhar, oscilou como a chama de uma vela, quando ele, ao sair, atirou com a porta; premiu os lábios e pôs um xaile por sobre os ombros; mas Ilínitchn; perguntou-lhe:

- Dachka, onde vais tu?

- Vou lá fora... fazer as minhas necessidades.

- Eu vou contigo.

Pantelei Prokófievitch manteve-se sentado, sem sequer erguer a cabeça, como se não tivesse ouvido a conversa. Dária passou-lhe por diante, ocultando por trás das pálpebras descidas um olhar de raposa; pesadamente, a sogra seguia-a, gemendo Mitka estava ao pé do portão, tossicando, fazendo ranger as botas, de cigarro aceso no côncavo da mão. Ao rumor do trinco da porta, deu um passo em direcção a ela.

- És tu, Mítri? Perdeste-te no nosso pátio? - lançou-lhe perfidamente Ilínitchna. - Corre o trinco ao fechares o portão não o vá o vento fazer bater toda a noite... Está hoje uma destas ventanias!...

- Não, não me perdi... Eu ia já sair... respondeu Mitka, irritado, após um momento de silêncio.

Tossiu, e resolutamente atravessou a rua, cortando a direito para casa de Anikuchka.

Mitka vivia como uma ave, despreocupadamente, sem pensar no dia de amanhã. Servia no exército sem entusiasmo, e, embora não soubesse o que fosse medo, não procurava em especial qualquer promoção; a sua folha de serviço estava longe de ser brilhante: por duas vezes havia sido julgado em conselho de guerra, uma acusado de violação de uma polaca, súbdita russa, a outra por pilhagem; e os castigos que sofrera em três anos eram inúmeros; uma ocasião, por pouco não fora mesmo condenado à morte. Mitka, porém, safara-se sempre, e, se bem que mal reputado no regimento, os cossacos estimavam-no pelo seu carácter alegre e folgazão, as canções obscenas em que era verdadeiramente mestre, o seu espírito de camaradagem e a sua desafecção, e os oficiais pela sua audácia nos combates. Sempre sorridente, Mitka pisava o chão com pés leves de lobo; com os lobos tinha ele, aliás, muitos traços comuns, desde os passos lentos, medidos, e os olhos verdes, de olhar baixo, até ao modo como virava o corpo todo, para observar atrás dele, porque uma contusão no pescoço o impedia de mover só a cabeça. Todo feito de músculos tensos a cobrirem-lhe um esqueleto sólido, era, no entanto, lesto e de movimentos precisos, e dele emanava um acre cheiro de saúde e de força, como o da terra negra revolvida pelo ferro das charruas. A vida de Mitka era simples e rectilínea como um rego; e ele vivia-a, como senhor dela, seguro dos seus direitos. Por igual elementares e ingênuos eram os pensamentos dele. Havendo fome, não só achava um direito como um dever roubar, mesmo os próprios camaradas; e assim, se tinha fome, roubava. Tendo-se as botas gastas, o mais natural figurava-se-lhe descalçar um prisioneiro alemão. Desde que se cometesse uma falta, forçoso considerava que se pagasse; e Mitka pagava as faltas que cometia, trazendo sentinelas alemãs, meio estranguladas, dos reconhecimentos de que participava, e oferecendo-se como voluntário para os cometimentos mais arriscados. Em 1915, havia sido feito prisioneiro, sovado e ferido à baionetada; mas à noite, gastando as unhas até ao sabugo, fizera um buraco no tecto do cubículo em que o tinham fechado, e por ali se evadira, levando com ele uns arreios de cavalo como recordação. E era por tudo isto que se lhe desculpava muita coisa.

Ao cabo de seis dias, Mirone Grigórievitch acompanhou o filho à estação de Milerovo, até ele entrar na carruagem, ouviu o rumor do comboio verde que se afastava, e demoradamente ali se quedou, a remexer com o cabo do chicote um monte de detritos que se acumulara contra o cais, sem pespregar do chão os olhos perturbados. Lukínitchna chorava. O avô Grichaka gemia, assoando-se com um ruído de corneta à mão, que limpava

ao capote sebooso. Também a mulher de Anikuchka chorava, a pensar no corpanzil ávido de carícias do soldado e a sofrer do esquentamento que ele lhe havia deixado.

O tempo ia entrançando os dias, como o vento enreda as crinas dos cavalos. E de repente, antes do Natal, principiou o degelo; durante um dia inteiro a chuva caiu, jorrando em torrentes pela colina que limitava o Don; a erva do ano anterior e o musgo que cobria as camadas de greda davam uma coloração verde às línguas de terra libertas da neve; a água espumosa depositava-se, como um sarro, nas margens, e, no meio do rio, o gelo inchava e assumia uma cor azul de cadáver. Um cheiro de um inexprimível adocicado subia da terra negra posta a nu. Na estrada dos Atamanes, a água refervia nos velhos trilhos. Do outro lado da aldeia, os barrancos argilosos escancaravam as bocarras dos aluimentos recentes. O vento do sul trazia do Tchir o hálito deletério da erva podre, e, já ao meio-dia, como na Primavera, apareciam no horizonte laivos azulados e brandos. Na aldeia, poças variegadas cercavam os montículos de cinzas erguidos contra as sebes. Junto às medas, as eiras degelavam, e o bafo adocicado da palha em decomposição impressionava as narinas de quem passava. Todo o dia, das cornijas dos telhados de colmo uma água escura escorria, nas sebes as pegas pairavam sem descanso, e o toiro comunal, que passava o Inverno à guarda de Mirone Grigóievitch, assaltado precocemente pelos pruídos da Primavera, mugia, quebrava à cornada a paliçada do pátio, roçava-se contra o arado de velho castanho, e patinhava a neve friável e liquescente do solo.

No dia seguinte ao de Natal, o gelo fendeu-se no Don. com estalidos e rangidos, o meio do rio rompeu a mover-se. Contra as margens, como enormes peixes adormecidos, blocos de gelo estacavam Do lado oposto do Don, perseguidos pelo vento sul, os choupous arquejavam, numa vacilante corrida imóvel.

Chuuuuuuu... ouvia-se surdamente assobiar.

E um pouco antes de anoitecer, a colina rugiu. Na praça, os corvos desataram a crocitar, o porco de Khrisstónia passou a correr em frente da propriedade dos Melekhoves, com um tufo de feno no focinho, e Pantelei Prokófievitch sentenciou: «Está a Primavera tramada. Amanhã vai gelar.» E com efeito, durante a noite, o vento começou a soprar de leste, e uma leve camada cristalina de geada substituiu o gelo derretido dos charcos. No outro dia de manhã, o vento soprava rijo das bandas de Moscovo. O Inverno voltava. Recordação única do degelo, blocos de gelo flutuavam, como folhas brancas, a meio do Don, e o cimo desnudo da colina fumegava, com o frio.

Pouco depois do Natal, o secretário da stanitsa informou Pantelei Prokófievitch, no decurso de uma reunião, que encontrara Grigóri em Kaménsskaia, e que ele lhe havia pedido para informar os pais da sua próxima chegada.

VII

Com as suas mãozinhas crestadas, cobertas de pêlos luzidios e ralos, Serguei Platónovitch Mokhov sondava a vida em todos os sentidos. Uma vez ela sorria-lhe, outras pesava-lhe como uma pedra atada ao pescoço de um afogado. Durante a sua existência, Serguei Platónovitch tinha visto muitas coisas e passado por muitas tribulações. Uma ocasião, ainda ele negociava em cereais, havia comprado por baixo preço a uns cossacos quatro mil pudes de trigo fermentado, que tivera de deitar fora, por um barranco abaixo, longe da aldeia. Recordava-se também do ano de 1905, em que, numa noite de Outono, tinham disparado contra ele uma caçadeira. Mokhov enriquecera, arruinara-se, enriquecera de novo, até juntar finalmente sessenta mil rublos, que depositara no Banco do Volga e do Kama. O faro apurado dele dizia-lhe, porém, que uma era de grandes convulsões se acercava. Esperava por dias sombrios, e não se enganava. Em Janeiro de 1917, o professor Balanda, que lentamente se finava de tuberculose, lamentava-se diante dele:

- E dizer que a revolução vai estalar, exactamente no momento em que eu estou à beira de morrer da mais sentimental e estúpida das doenças! É aborrecido, Serguei Platónovitch!... É aborrecido que eu não possa ver o dia em que os seus capitais se vão água abaixo e o senhor seja corrido do seu aconchegado ninho.

- Mas porque é que isso o aborrece?

- Porquê? Porque me seria agradável, fique sabendo, ver desfazer-se tudo em nada.

- Não, meu caro! Primeiro que eu hás-de tu morrer dizia-lhe Serguei Platónovitch, com recalcado ódio.

Desde o mês de Janeiro que nas stanitsas e nos khutores mais longínquos ressoavam os ecos do que na capital circulava acerca de Rasputine e da família imperial. No princípio de Março, a notícia da queda do tsarismo tombou sobre Serguei Platónovitch como uma rede sobre uma abetarda. Tal notícia de o regime haver mudado acolheram-na os cossacos com reserva e contida inquietação. No dia em que a souberam, os velhos e alguns jovens juntaram-se em frente do armazém fechado de Mokhov. O atamane da aldeia, Kiriúchka Soldátov (sucessor de Manítzkov, que havia sido morto), um cossaco corpulento, de bigode ruço, um bocado zarolho, sentia-se demolido e quase não participava da conversa animada

que se desencadeara, limitando-se a passear o olhar torvo por sobre os cossacos e a atirar de espaço a espaço alguma exclamação desolada:

- Ora uma destas!... Ai-ai-ai!... E como é que nós vamos viver agora?...

Ao ver, pela janela da casa, a multidão aglomerada diante do armazém, Serguei Platónovitch decidiu ir conversar com os anciãos. Enfiou a sua peliça de pele de rato e apareceu no patamar, apoiando-se a uma bengala castanha, discretamente ornada com as suas iniciais de prata. Da rua subia um alarido.

- Então, Platónitch? Tu, que és um homem instruído, diz-nos lá o que se irá passar, a nós que não sabemos nada - lançou Matvei Kachúline, com um sorriso timorato, que o enchia de rugas oblíquas em torno do nariz gelado.

Os anciãos responderam ao cumprimento de Serguei Platónovitch, tirando respeitosa e os gorros, a par se arredando para lhe dar lugar entre eles.

- Vamos viver sem tsar... - articulou, hesitante, Serguei Platónovitch.

Os velhos puseram-se a falar todos ao mesmo tempo:

- Mas como é que isso pode ser?

- Os nossos pais e os nossos avós viveram debaixo do governo de tsares, e agora os tsares já não são precisos?

- Cortada a cabeça, não sei como as pernas possam andar sozinhas.

- E quem é que vai governar em vez dele?

- Não te acanhes, Platónitch! Fala-nos com franqueza De que tens tu medo?

- Talvez ele mesmo o não saiba - observou Avdeitch, por alcunha o Mentiroso, com um sorriso que lhe cavou mais fundas as covinhas das faces rosadas.

Serguei Platónovitch olhou fixamente as suas velhas botas de borracha, e disse, arrancando custosamente de si as palavras:

- Quem vai governar é a Duma do Estado Vamos ter uma República.

- Ao que nós chegámos, com os diabos!

- Quando eu servi na tropa, sendo tsar o falecido Alexandre Segundo - começou Avdeitch.

Mas o velho Bogatírov interrompeu-o com severidade:

- Já sabemos! Mas não é disso que se está a tratar.

- Quer isto dizer que é o fim dos cossacos?

- Enquanto entre nós se fazem greves, vão os alemães chegar a São Petersburgo.

- Com a igualdade, hão-de querer comparar-nos aos mujiques.

- Vão-nos, então, bulir nas terras?

Esforçando-se por sorrir, Serguei Platónovitch fitou as faces transtornadas dos velhos, e um sentimento amargo e desagradável subiu nele. Separou em duas, com o seu gesto habitual, a barba ruça, e proferiu, com uma raiva não sabia exactamente contra quem:

- Vejam lá, velhos, ao que se fez chegar a Rússia! Vão-se igualar os cossacos aos mujiques. Retirar-vos-ão os vossos privilégios, e os antigos rancores virão à tona. Os tempos que vão vir hão-de ser duros. É preciso saber a que mãos irá parar o poder. Tudo depende disto. Podemos até ser levados à ruína completa

- O tempo é que o há-de dizer! - considerou Bogatíriov, abanando a cabeça, e mirando Serguei Platónovitch com os seus olhos incrédulos, por sob o matagal das sobrancelhas. - Tu, Platónitch, vês as coisas à tua maneira. Mas talvez para nós a vida se torne mais fácil...

- E como é que isso seria? - disse Serguei Platónovitch, sarcástico.

- Talvez o novo governo acabe com a guerra... Pode ser que sim! Ha?

Serguei Platónovitch sacudiu os ombros e encaminhou-se, claudicando, de costas vergadas, para a elegante escada azul da sua casa. Pensando simultaneamente no dinheiro, no moinho, no comércio, que ia de mal a pior, lembrou-se de Elisaveta que estava naquela altura em Moscovo, e de Vladimir, que não devia tardar em regressar de Novotcherkassk. Esta surda inquietação pelos filhos não lhe quebrou o fio incoerente dos pensamentos. com o sentimento de que a vida se entenebrecera de um dia para o outro, e de que ele próprio, ao peso das suas cogitações dolorosas, se deixara intimamente ir abaixo, chegou à entrada de casa. Um gosto acre de ferrugem na boca encheu-lha de saliva. Voltou-se para os anciões, juntos em frente do armazém, cuspiu por sobre a balaustrada esculpida do patamar e atravessou o terraço, em direcção às salas de habitação, arrastando a perna. Ana Ivánovna veio ao encontro do marido à casa de jantar, deixou divagar-lhe pela cara o olhar indiferente e átono, e disse-lhe:

- Queres comer qualquer coisa antes do chá?

- Não quero nada. É mesmo ocasião para comer! - recusou Serguei Platónovitch, com expressão amarga.

Tirou o capote. A boca continuava a saber-lhe a ferrugem, e sentia na cabeça um enorme vazio.

- Está aqui uma carta de Lisa.

Ana Ivánovna foi ao quarto de cama em passo sonolento (desde que se casara, por virtude da enormidade do trabalho que pesava sobre ela, andava sempre assim), e tornou de lá com um sobrescrito aberto.

«Uma rapariga fútil e parece-me que pouco esperta» formulou em pensamento pela primeira vez Serguei Platónovitch; e o perfume que se exalava do sobrescrito grosso fez-lhe franzir o nariz. Distraidamente percorreu a carta, estacou sem saber porquê na expressão «estado de alma», e demoradamente reflectiu sobre ela, procurando devassar-lhe o sentido incompreensível. No fim da carta, Elisaveta pedia para lhe mandarem dinheiro. Serguei Platónovitch leu aquelas últimas linhas, com a mesma sensação de vazio na cabeça, e, subitamente, deu-lhe vontade de chorar. Toda a sua vida erguida perante ele lhe mostrava num relance o nada que albergava.

«É uma pessoa estranha para mim» pensou ele da filha «exactamente como eu sou um estranho para ela. Sentimentos filiais só os tem quando precisa de dinheiro... É uma desavergonhada. Tem amantes... E em pequena era tão loira e tão carinhosa!... Meu Deus, como tudo muda!... Até envelhecer, fui sempre um parvo, à espera de uma vida feliz mais tarde; afinal, estou mais só que uma capela numa encruzilhada... Enriqueci porcamente (mas será possível enriquecer-se com limpeza?), fui um intrujão, fui um avarento; agora vem a revolução, e amanhã os meus criados são capazes de correr comigo da minha própria casa... Para que me serviu tudo o que fiz? E os meus filhos? O Vladimir é um imbecil... Mas isto que me importa? Tanto se me dá como se me deu!...»

Por uma confusa associação de ideias, ocorreu-lhe um incidente já antigo, no moinho. Um freguês cossaco tinha protestado por achar excessivamente elevado o preço da moenda, e recusava-se a pagar; naquele momento, estava ele, Serguei Platónovitch, na sala das máquinas; acudiu ao barulho, e, informado do que se tratava, deu ordem aos moleiros e ao peneireiro para não entregarem a farinha. O freguês, que era um cossacozito fracote, puxava o saco por um lado, e o moleiro Zavar, forte e espadaúdo, pelo outro. O cossacozito deu um murro no moleiro, que reagiu, atingindo-o numa fonte com um punho enorme. Caiu o cossacozito, mas logo se reergueu, cambaleante, com a fonte a sangrar. De repente, avançou um passo para Serguei Platónovitch, e atirou-lhe em voz sibilante:

- Fica lá com a farinha! E come-a! - E foi-se dali, numa tremura.

Sem qualquer motivo aparente, Serguei Platónovitch lembrava-se deste episódio e da sua continuação. A mulher do cossacozito havia aparecido, a suplicar que lhe entregassem a farinha, chorando e lamentando-se, para concitar a compaixão da mais freguesia:

- Mas que é isto, boa gente? Será isto justo? Dêem-me a farinha!

- Vai-te embora, mulherzinha, ou arranco-te os cabelos - ripostava-lhe Zavar, a rir.

A Serguei Platónovitch fora desagradável e irritante ver Valete, tão fracalhote e baixo como o cossacozito, lançar-se contra Zavar, para a seguir, duramente sovado, lhe vir pedir

contas e deixar o moinho. Enquanto virava e revirava entre os dedos a carta já lida, de olhos fitos, mas sem ver nada, tudo aquilo lhe perpassava fugazmente pela memória.

Aquele dia deixou-lhe uma pungente mágoa. À noite dormiu mal, às voltas na cama, torturado por pensamentos sem significação e por desejos vagos; só passada a meia-noite adormeceu. De manhã, ao saber que Evguéni Lisstnítzki, de regresso da frente de batalha, chegara a casa do pai, em lagodnói, decidiu ir lá falar com ele, para tirar a limpo o que sucedia, e expulsar da mente a espuma azeda dos pressentimentos que o agitavam. A chupar o seu cachimbo, Emeliane atrelou um cavalo ao trenó de passeio, e levou o patrão a lagodnói.

Como um damasco cor de laranja, o Sol amadurecia por sobre a aldeia; nuvens vaporosas consumiam-se a alturas diversas. Saturava o ar cortante e frio um aroma penetrante de fruta. O gelo da estrada rangia sob os cascos do cavalo, de cujas narinas saíam rolos de vapor, que soprados pelo vento, se lhe depositavam nas crinas, em forma de cristais de geadas. Serenado pelo frio e pela velocidade em que ia, Serguei Platónovitch dormitava, baloiçava-se, de costas roçando o espaldar do trenó. Entretanto, na aldeia, uma multidão escura de cossacos, com os seus agasalhos de peles, enchia a praça, de mulheres apartadas deles como um rebanho de ovelhas, encafuadas nas suas peliças orladas de lontra castanha.

No meio da multidão, o professor Balanda arengava, com um lenço na boca esverdeada, uma fita vermelha na botoeira da peliça curta, e os olhos a arderem-lhe em febre:

- Como vêem, acabou-se a autocracia maldita! Nunca mais se mandarão os vossos filhos chicotear os operários. Nunca mais servireis o tsar, bebedor de sangue. Quem governará a nova Rússia será uma Assembleia Constituinte. Ela saberá construir uma vida diferente, quer dizer uma vida luminosa!

Por trás dele, a amante puxava-o pelas abas da peliça curta e murmurava, em tom suplicante:

- Deixa lá isso, Mítia! Sabes perfeitamente que isso te faz mal, que não deves falar! Vais mais uma vez deitar sangue pela boca... Mítia!

Os cossacos escutavam Balanda, de olhos baixos, hesitantes, tossicando e sorrindo à socapa. Mas não o deixaram acabar o discurso. Uma voz de baixo, compassiva, provinda de uma das primeiras filas, interrompeu-o:

- Pode muito bem ser que a vida venha a ser luminosa; mas tu, rapaz, é que lá não chegas. É melhor que vás para casa, que aqui está fresco...

- Balanda - balbuciou algumas palavras, que não terminou, e saiu dali extenuado.

Serguei Platónovitch chegou a lagodnói ao meio-dia. Emeliane conduziu o cavalo pela arreata para uma manjedoura exterior, ao lado da cavalaria, e, enquanto o patrão descia do trenó e afastava uma das abas do capote para tirar um lenço, já ele o tinha desaparelhado e aliviado do xairel. Um galgo grande, cinzento com manchas ruças, acolheu Serguei Platónovitch à entrada do patamar. Ergueu-se, esticou as patas compridas e nervosas, e bocejou; com igual indolência se ergueram também os outros cães que ao lado dele estavam deitados, semelhantes a novelos negros.

«Oh, diabo, são muitos!...» pensou Serguei Platónovitch, olhando receosamente em torno; e subiu os degraus às arrecuas.

O vestíbulo vasto, seco e claro, cheirava a cães e a vinagre. Por sobre uma arca, pendiam dos cornos ramalhudos de um veado um gorro de oficial, de astracã, um capuz com fechos de prata e um capote de feltro. Por um momento, Serguei Platónovitch cuidou ver um vulto peludo e escuro de pé sobre a arca, erguendo os ombros com perplexidade. Uma mulher opulenta, de olhos pretos, surgiu de uma porta lateral. Fitou com atenção Serguei Platónovitch, que estava a despir o seu capote de pele, e disse, sem se lhe alterar a expressão séria da bela face tisonada:

- Quer falar com Nikolai Alekcêievitch? Eu vou anunciá-lo.

Entrou na sala sem bater, e fechou a porta. A custo Serguei Platónovitch reconheceu Akcínia Asstakhova naquela mulher robusta e bela, de olhos pretos. Ela que, em contrapartida, o havia reconhecido imediatamente, apertara os lábios cor de cereja e sumira-se com uma rigidez voluntária, mexendo apenas de leve os cotovelos nus e trigueiros. Um minuto depois, foi o próprio velho Lisstnítzki quem apareceu. Sorrindo com afabilidade distante e condescendente, exclamou na sua voz grave:

- Ah! O comerciante! Que bom vento o traz por cá? Faça favor - E, afastando-se para um lado, com a mão o convidou a entrar na sala.

Serguei Platónovitch inclinou-se com a deferência a que havia muito tempo se habituara perante as pessoas de categoria, e entrou. Franzindo os olhos por trás das lunetas, Evguéni Lisstnítzki avançou para ele.

- Foi muito amável em vir visitar-nos, meu caro Serguei Platónovitch. Como está? Mas quê? Dir-se-ia que está a envelhecer! Ha?

- Ora agora, Evguéni Nikoláievitch! Tenho a certeza de que hei-de morrer depois do senhor. E o senhor como vai? Rijo e são?

Com um sorriso que lhe punha à mostra os dentes de ouro, Evguéni apontou ao visitante uma cadeira de braços. Sentados em frente de uma mesinha, trocaram algumas frases insignificantes, procurando cada um deles descobrir na cara do outro as mudanças

nela havidas desde que se tinham encontrado a última vez. O dono da casa, que havia ido dar ordem para se lhes servir chá, reapareceu, a fumar, de grande cachimbo curvo seguro entre os dentes. Parou diante da cadeira de Serguei Platónovitch, e perguntou-lhe, pousando na mesa a sua mão comprida, velha e ossuda:

- Como vão as coisas na sua aldeia? Já lhe chegaram... as lindas notícias?

Serguei Platónovitch levantou os olhos para as pelancas que pendiam do queixo e do pescoço escanhoados do general, e suspirou:

- Como haviam de não ter chegado?...

- Era fatal que isto acontecesse!...- A maçã-de-adão do general oscilou, com o movimento da aspiração de uma fumaça. - Desde o começo da guerra eu o havia previsto. O caso... é que a dinastia estava condenada. Ocorreu-me imediatamente Merejkóvski... Lembras-te, Evguéni, do livro dele, «Pedro e Aleixo»? Depois de ter sido torturado, o tsárevitch Aleixo diz ao pai: «O meu sangue recairá sobre os teus descendentes...»

- Ao certo, ao certo, pouco sabemos - suspirou Serguei Platónovitch, numa grande agitação. Não parava um momento quieto na cadeira. Acendeu um cigarro, e prosseguiu: - Há já uma semana que não recebemos jornais. Correm os boatos mais inverosímeis; anda toda a gente de cabeça perdida. É uma catástrofe, meu Deus! Mal soube que Evguéni Nikoláievitch estava cá de licença, decidi vir inquirir do que se passa, do que nos ameaça.

Evguéni, cuja face branca, bem barbeada, já não sorria, replicou:

- Passam-se factos terríveis... Os soldados estão literalmente desmoralizados, e não querem continuar a bater-se. A verdade é que já não há nesta altura, soldados propriamente. Há bandos de criminosos desencadeados e selvagens. Aqui tem, por exemplo, o meu pai... Pois nem ele consegue apreender a que ponto de decomposição desceu o exército... Os soldados abandonam as suas posições, pilham, assassinam as pessoas, matam os oficiais, vagueiam por onde lhes apetece... A recusa de execução das ordens de combate é agora uma coisa vulgar.

- O peixe começa sempre a apodrecer pela cabeça - atirou o velho Lisstnítzki, por entre uma nuvem de fumo.

- Eu não penso assim. - Evguéni havia franzido a testa, um tique agitava-lhe as pálpebras venosas. - Eu penso de outro modo... É pela base que o exército apodrece, dissolvido pelos bolcheviques. As próprias unidades cossacas, sobretudo as que contactaram estreitamente com a infantaria, se tornaram moralmente instáveis. É a extrema fadiga, é a nostalgia da aldeia... E, por cima de tudo isto, os bolcheviques...

- Mas que querem eles? - não se conteve Serguei Platónovitch que não perguntasse.

- Oh!... - E Lisstnítzki sorriu. - O que eles querem... É pior que a cólera. É pior, porque contamina mais facilmente os homens, porque penetra mais facilmente nas massas militares. Estou a referir-me às ideias deles. E contra isto não há quarentenas que valham. Há entre os bolcheviques, incontestavelmente, homens de talento; aconteceu-me discutir com alguns. Há também autênticos e simples fanáticos. A maioria esmagadora deles, porém, é constituída por indivíduos à solta, sem fé nem lei. A esses o que interessa não é o fundo da doutrina bolchevique, mas unicamente a possibilidade de roubarem e de abandonarem a frente de batalha. O que eles querem, antes de tudo, é assaltar o poder, pôr termo à guerra «imperialista», como eles dizem, não importa em que condições, mesmo por uma paz separada, e dar a terra aos camponeses e as fábricas aos operários. Está claro que isto é tão utópico como estúpido, mas é com meios assim primários que se conquista a simpatia dos soldados.

Lisstnítzki discorria, dominando a sua raiva surda. A boquilha de marfim rolava-lhe entre os dedos. Serguei Platónovitch escutava-o dobrado para diante, como se se preparasse para saltar. O velho Lisstnítzki passeava pela sala, assentando com força no chão as suas botas escuras de feltro felpudo, e mordiscando o bigode esverdinhado.

E Evguéni referiu que, mesmo antes da mudança do regime, tivera de fugir do regimento, receoso da vingança dos cossacos, e narrou os acontecimentos de Petrogrado, de que havia sido testemunha.

Decaiu um momento a conversa. Fixando Serguei Platónovitch acima dos olhos, o velho Lisstnítzki perguntou-lhe:

- Sempre queres comprar o cavalo ruço que viste no Outono, o filho da «Boiarínia»? (*Castelã. À letra: filha de boiardo*).

- Quem tem cabeça para pensar nisso agora, Nikolai Alekcêievitch? - retorquiu Mokhov, com uma careta de fazer dó e um gesto desesperado das mãos.

Entrementes, no pavilhão do pessoal, Emeliane aquecia-se, bebia chá, enxugava a um lenço encarnado o suor que lhe corria pelas bochechas cor de beterraba, e falava da aldeia e das últimas notícias. De pé à beira da cama, de peito encostado ao espaldar torneado, estava Akcínia, enrolada num xaile penugento.

- Calculo que a minha casa já tenha caído arriscou ela.

- Não caiu. Porque havia ela de ter caído? Lá está! Que querias tu que lhe tivesse acontecido? - retorquiu Emeliane, arrastando penosamente as palavras.

- E os nossos vizinhos, os Melekhoves, como vão eles?

- Lá vão andando.

- O Petro não foi de licença à aldeia?

- Cuido que não.

- E o Grigóri? O Grichka foi?

- O Grichka esteve lá a seguir ao Natal. A mulher dele teve dois gémeos o ano passado... E o Grigóri... pois é verdade... esteve lá por causa das feridas.

- Foi ferido?

- E de que maneira! Num braço. Ficou tão cheio de buracos como um cão depois de uma zaragata com outro: não se sabe se tem mais cruzeiros, se cicatrizes.

- E como está ele, o Grichka? - inquiriu Akcínia, a quem um soluço reprimido obrigou a tossir, para aclarar a voz que lhe enrouquecera.

- Está como sempre... Escuro e de nariz comprido... Um autêntico turco, como está bem de ver.

- Não é isso o que eu quero saber... Está mais velho? Não está mais velho?

- A peste é que o sabe! Talvez um pedaço!... Mas, se a mulher teve dois filhos, é porque, mesmo assim, não envelheceu muito.

- Está gélido, aqui... - disse Akcínia, que, estremecendo, abandonou o quarto.

Emeliane, que estava a vazar a sua oitava chávena de chá, seguiu Akcínia com o olhar; e comentou com lentidão, como os cegos avançam os pés:

- Porcaria mal cheirosa! Pior que isto não sei eu o que haja! Ainda não há muito tempo andava de patas ao léu e já não sabe dizer que está «frio»... Para mim, mulheres destas só trazem dano ao mundo. A coirões assim, pudesse eu... Serpente! E larga-me ela esta: «Está gélido, aqui!» Burra ranhosa! Uma destas!...

De indignado, não acabou de beber o chá, levantou-se, benzeu-se, e saiu com ar indiferente, riscando de propósito com as botas o chão encerado.

Durante todo o regresso, manteve-se sempre tão carrancudo como o patrão. Toda a ira que Akcínia lhe provocara a fazia ele pagar ao cavalo, chicoteando-o nas partes pudendas e chamando-lhe vadio e coxo. Contra o seu hábito, até à aldeia, nem uma só vez dirigiu a palavra a Serguei Platónovitch. Este, por seu turno, também não quebrou nunca o seu silêncio de medo.

VIII

A primeira brigada de uma das divisões de infantaria da frente do sudoeste, com o seu reforço do 27.º Regimento de Cossacos do Don, havia sido retirada da frente, em que estava de reserva, antes da revolução de Fevereiro; devia ser transferida para os arrabaldes da capital, para reprimir os motins que principiavam. Fora enviada para a retaguarda com equipamentos novos de Inverno, abundantemente alimentada durante um dia, para, no seguinte, embarcar em vagon e partir. Os acontecimentos anteciparam-se-lhe, no entanto, quando ela se acercava de Minnsk. Já no dia da partida corria seriamente que o imperador assinara a sua abdicação no Grande Quartel General.

Houve, pois, que arrepiar caminho a meio da viagem. Na estação de Razgone, o 27.º Regimento recebeu ordem de se apear dos vagon. Os comboios atravancavam as linhas. Os soldados, que haviam colocado fitas vermelhas nos capotes, andavam de um lado para o outro nos cais, com sólidas carabinas novas de tipo russo, mas de fabrico inglês. A maior parte deles mostrava-se excitada e olhava com receio para os cossacos, que se iam formando em esquadrões.

O dia escuro estava no fim. Dos telhados dos edificios da estação a água pingava; nas linhas, as poças cobertas de manchas de petróleo reflectiam a pele de carneiro, cinzenta e espessa, do céu. O mugido das locomotivas em manobras reboava, quebrado e roufenho. Por trás do armazém das mercadorias, o regimento montado esperava o general comandante da brigada. As pernas dos cavalos fumegavam de alto a baixo. Os corvos pousavam sem medo atrás das fileiras, debicando e espalhando o excremento alaranjado.

Montado num grande morzelo regulamentar, o general aproximou-se dos cossacos, acompanhado do coronel comandante do regimento. Retesou as rédeas, considerou os esquadrões, e em seguida começou a falar, parecendo afastar de si com as mãos as palavras surdas e inseguras que lhe saíam da boca:

- Cossacos! Por vontade do povo, o imperador Nicolau II, que até agora reinou... ha... foi destronado. O poder foi transferido para a Comissão Provisória da Duma do Estado. Como todo o exército, devemos aceitar... ha... esta notícia com serenidade. O dever dos Cossacos é defender a pátria dos inimigos externos, e . ha... como direi? .. dos inimigos do exterior. Manter-nos-emos à margem das perturbações que estalaram e

deixaremos à população civil o cuidado de escolher os meios de organizar o novo governo. Devemo-nos manter à margem. Para o exército, a guerra e a política são incompatíveis... Nestes dias em que todas as nossas bases... ha... estão a ser abaladas, devemos conservar-nos firmes como (aqui, o general, velho soldado pouco habituado a discursos e pouco dotado para eles, hesitou na escolha de um termo de comparação apropriado; da dolorosa mudez, as sobrancelhas moviam-se-lhe na cara gorda; o regimento esperava com paciência)... ha... como o aço. O dever militar dos cossacos é obedecer aos seus chefes. Continuaremos a combater o inimigo com valentia, como até aqui, enquanto na capital (e com um largo gesto apontou a retaguarda) .. a Duma decide da sorte do país. Terminemos a guerra, e, em seguida, também nós poderemos, por nosso lado, participar da vida dele. Mas até lá... ha... não o podemos fazer. Não podemos sacrificar o exército... No exército não deve haver política!

Alguns dias depois, naquela mesma estação, os cossacos prestaram juramento ao Governo Provisório; e embora assistissem aos comícios, organizados por regiões de origem, mantinham-se afastados dos outros soldados que tinham invadido a estação. Demoradamente discutiam os discursos que haviam escutado, repetiam-lhes frases, medindo com desconfiança o significado de cada palavra duvidosa. Sem saberem bem porquê, tinham chegado todos à mesma conclusão de que a liberdade significava o fim da guerra; e os oficiais que, por seu lado, afirmavam que a Rússia devia bater-se até ao fim, viam-se em grandes dificuldades para disso os convencer.

A confusão que se apossara do comando após a mudança do regime repercutia-se nos escalões inferiores; o Estado-Maior da Divisão esqueceu-se positivamente da existência da brigada que parara a meio caminho. Esta havia comido a ração de oito dias de víveres que recebera, e, abandonando o comboio, os soldados arriscavam-se em grupos até às aldeias vizinhas; álcool de proveniência desconhecida apareceu à venda; e não tardou a ser vulgar encontrar soldados e oficiais bêbedos.

Arrancados à rotina habitual das suas obrigações, os cossacos exasperavam-se nos seus vagons de mercadorias, à espera de que os recambiassem para o Don (com grande insistência corria que a primeira reserva seria desmobilizada); descuravam os cavalos, passeavam dias inteiros na praça do mercado, negociavam com toda a casta de coisas provenientes da frente e susceptíveis de interesse: cobertores alemães, baionetas, serras, capotes, mochilas de cabedal, tabaco...

A ordem de voltarem para a frente foi acolhida com indissimulados murmúrios. O segundo esquadrão começou mesmo por se recusar a partir, tendo os cossacos impedido de ligar a locomotiva ao comboio; com a ameaça, porém, do coronel, de os desarmar, a

agitação diminuiu, até que serenou de todo. E os comboios retomaram o caminho da frente de batalha.

- Que quer isto dizer, rapazes? Falam-nos de liberdade mas temos de suportar a guerra e tornar a verter nela o nosso sangue.

- É a velha opressão que recomeça.

- Mas, então, para que se deitou abaixo o tsar?

- Tão bem estamos sem o tsar como estávamos com ele!

- Afinal, as calças são as mesmas, vestidas do avesso,

- Ora aí é que está!

- Quanto tempo irá durar isto ainda?

- Há três anos que não largamos as carabinas!

Era só o que se ouvia. Na estação de um entroncamento, como se tivessem passado palavra, os cossacos abandonaram os vagon, e, indiferentes às exortações e às ameaças do coronel, organizaram um comício. Em vão o comissário militar e o velho chefe da estação se agitavam por entre a massa cinzenta dos capotes, suplicando aos cossacos que voltassem para os vagon, para se desobstruírem as linhas: com viva atenção, eles continuavam a escutar o discurso de um sargento do terceiro esquadrão. A seguir a ele, falou um cossaco baixo, mas robusto, Manjúlov. Da boca lívida e torcida pela ira, saíam-lhe a custo palavras raivosas:

- Cossacos! Isto não pode ser! Mais uma vez não nos deixam ver claro. Querem-nos enganar! Se houve uma revolução e se deu a liberdade a toda a gente, quer isso dizer que tem de se parar com a guerra, visto nem o povo nem nós a querermos! É justo, ou não é justo o que eu digo? Tenho, ou não tenho razão?

- Tens razão, pois!

- Merda para a guerra.

- Já estamos todos fartos dela.

- Os calções que temos já não aguentam mais. Como é que se pode combater assim?

- Estamos faaaartos! Vamos para casa!

- Desatrelem a locomotiva. Fédote, vamos a isso!

- Cossacos! Esperem aí! Cossacos! Diabos, calem-se aí, súcia de safados!... Irmãos! esfalfava-se Manjúlov a gritar, tentando cobrir com a dele as vozes de um milhar de homens. Esperem aí! Não toquem na locomotiva! Não é disso que se trata. Do que se trata é que nos estão a enganar... Sua Nobreza, o coronel comandante do regimento, tem de nos mostrar a ordem: queremos saber se nos mandam ir para a frente, ou se é um capricho de Sua Nobreza!...

Só depois de o coronel, perturbado, sem domínio de si, de lábios a tremer, lhes ter lido em voz alta o telegrama que havia recebido do Estado-Maior da Divisão, mandando regressar o regimento à frente de batalha, é que os cossacos tornaram de novo para os vagons.

Seis homens de Tatársski, pertencentes todos ao 27.º regimento, viajavam juntos num mesmo vagom: Petro Melekhov, Nikolai Kochevói, tio de Michka Kochevói, Anikuchka, Fédote Bodóvsskov, Merkulov, que parecia um cigano, com a sua barba preta e anelada e os seus olhos castanhos de louco, e Makcime Griáznov, vizinho dos Korchunoves, um rapaz alegre e despreocupado, que adquirira durante a guerra, por toda a parte, a reputação de ladrão de cavalos. Constantemente, para se divertirem à custa dele, lhe diziam: «Merkulov, com o seu ar de cigano, é que devia roubar cavalos, e não os rouba. E tu então, Makcime, mal vês a cauda de um cavalo, dá-te a febre!» Griáznov corava, piscava um olhinho azul como uma flor de linho, e respondeu com uma graça de mau gosto: «A mãe do Merkulov dormiu com um cigano, e com certeza que a minha a invejou... Sem isso, como havia Deus de me deixar fazer o que eu faço?...»

Soprava no vagom um vento encanado; presos às manjedoiras instaladas à pressa, iam os cavalos; a meio do vagom, troços húmidos de madeira ardiam sobre um montículo de terra gelada, e o fumo acre escoava-se-lhe pelas frinchas da porta. Sentados nas selas à roda daquele lume, os cossacos secavam as tiras de pano que lhes serviam de meias, fétidas de suor e de humidade. Fédote Bodóvsskov aquecia as suas pernas arqueadas e nuas, e na cara de kalmuk, de malares salientes, errava-lhe um sorriso de satisfação. Cosendo conforme podia com um cordel uma das solas arrancada, Griáznov pôs-se a contar, em voz que o fumo lhe enrouquecia, dirigindo-se a um auditor indeterminado:

- Quando eu era pequeno, tinha o hábito, no Inverno, de trepar para cima da lareira, e a minha avó (que naquela altura tinha já mais de cem anos!) caçava-me os piolhos às cegas e dizia-me: «Meu Makcímuchka, minha florinha, antigamente as pessoas não viviam como agora; viviam como era devido, segundo as regras; e não havia desgraças. Tu, meu lindo, hás-de viver o bastante para veres a terra toda enredada de arames, e no céu azul pássaros com bicos de ferro, capazes de picar os homens como as gralhas-calvas picam as melancias... E há-de vir a peste, e a fome, e os irmãos erguerem-se contra os irmãos, e os filhos contra os pais... Dos homens ficarão tantos como fica de erva depois de um incêndio». Pois bem prosseguiu ele após uma pausa foi isso o que aconteceu. Inventou-se o telégrafo: aí estão os arames. Os pássaros de ferro são as aeroplanos, que já deram cabo de mais de um de nós. E a fome também há-de vir. A minha família, por exemplo, está a

semear metade do trigo que semeava nos outros anos. E por todos os lados é o mesmo. Nas stanitsas o que há são crianças e velhos; bastava uma colheita má, e a fome aí estava.

- Mas os irmãos contra os irmãos é que eu acho história! - disse Petro Melekhov, espevitando o lume.

- Espera, que lá chegaremos.

- Não conseguirão arranjar um governo, e vai haver sarilho - interveio Fédote Bodóvsskov.

- Lá teremos nós de ir mais uma vez restabelecer a ordem.

- Trata mas é de acabar primeiro com os alemães - ripostou-lhe Kochevói, a rir.

- Pois bem! É o que nós vamos fazer...

Com terror simulado, Anikuchka franziu a sua face glabra de mulher, e exclamou:

- Santa Maria, Rainha do Mundo, até quando teremos nós que nos batermos?

- Até ao dia em que os pêlos da barba te cresçam, capado! - atirou-lhe Kochevói, imitando-o.

Os homens sentados à roda do lume deram uma gargalhada em uníssono. Petro aspirou fumo e rompeu a tossir, de olhos cheios de lágrimas, apontando um dedo para Anikuchka.

- Os pêlos não sabem o que fazem - balbuciou Anikuchka, atrapalhado. - Nascem às vezes onde não deviam. Escusas de estar para aí a impar, Kochevói...

- Pronto! Já chega! Estamos todos já fartos e refartos! - estoirou de repente Griáznov.

- Para aqui estamos como uns desgraçados, consumidos de piolhos, enquanto as nossas famílias vivem na miséria, e que miséria! É cortar-lhes a pele, e nem sangue corre!

- Que raio de mosca te mordeu? - lançou Petro, ironicamente, mordiscando o bigode loiro como trigo.

- A mosca que lhe mordeu toda a gente sabe qual é... - replicou Merkulov em lugar de Griáznov; e ocultou um sorriso na sua barba anelada de cigano. - Toda a gente sabe que os cossacos sofrem... que não podem mais... Quando um pastor leva um rebanho a pastar, enquanto o sol enxuga o orvalho, os animais conservam-se sossegados, mastigando; mas, mal o sol sobe e os atabões se põem a zumbir e a picar, então... - Merkulov deitou uma olhadela maliciosa aos outros, e prosseguiu, virado para Petro - então, senhor sargento, entra o diabo no corpo dos animais. Mas tu sabes bem isso! Tu não és um intelectual, ha! Também guardaste bois... Em geral, a coisa começa por uma vitela que se sacode com o rabo, que dá um mugido... e ela aí vai! E logo o rebanho todo dispara atrás dela! Corre o pastor: «Ai-ai-ai!...» Mas não há nada a fazer. O rebanho avança como uma carga de

cavalaria, como nós contra os alemães em Nelvisska. Que se há-de fazer numa altura dessas? Quem é que pode parar aquilo?

- Onde queres tu chegar?

Merkulov não respondeu logo. Tinha enrolado num dedo um anel da barba preta como alcatrão; puxou-o com raiva, e reatou, mas desta feita por modo concreto e sem sorrir:

- Há três anos que andamos na guerra. Há três anos que nos acachapamos nas trincheiras. Para quê e porquê? Ninguém o sabe. Por mim, estou em dizer que de um momento para o outro um Griáznov ou um Melekhov qualquer se raspa, e atrás dele o regimento todo, e atrás do regimento o exército em peso... Estamos todos fartos...

- Era então aí que tu querias chegar! .

- Exactamente! Eu não sou cego; tenho olhos para ver: isto está por um fio! Basta um assopro para tudo cair, como um capote velho nos cai das costas. Em três anos de guerra, o Sol já subiu no céu também para nós.

- Mais cuidado! - aconselhou Bodóvsskov. O Petro é sargento.

- Acho eu que nunca fiz mal a nenhum camarada - observou Petro, encavacado.

- Não te zangues. Eu disse isto por brincadeira. - Bodóvsskov, confuso, mexeu durante um bocado os dedos nodosos dos pés nus, após o que se levantou e se encaminhou para o lado do cavalo, a passo lento.

A um canto, perto dos fardos de feno, uns cossacos de outras aldeias conversavam a meia voz. Dois deles, Fadéiev e Kárguine, eram de Karguínsski, os outros oito de stanitsas e khutores diversos.

Ao fim de algum tempo, puseram-se a cantar. Alímov, do Tchir, cantava a primeira voz. Tinha ele principiado uma cantiga de dança, quando outro qualquer lhe deu uma palmada nas costas e lhe gritou em voz rouca:

- Deixa lá isso!

- Vocês aí, órfãos, venham para aqui, que está quente! - convidou-os Kochevói.

Avivou-se o lume com uns pedaços de madeira, de uma paliçada arrancada na última paragem do comboio, e as vozes ergueram-se, mais alegres.

O cavalo de batalha, selado e aprestado.

Relincha ao pé da igreja, à espera de alguém.

No pátio a avó chora abraçada ao neto.

A mulher do cossaco está em pranto também.

Da porta da igreja

Saiu o cossaco armado.

A mulher conduz-lhe o cavalo pelas rédeas.

Um sobrinho dele entrega-lhe a lança.

No vagom anterior, um harmónio de som roufenho tocava uma dança cossaca. Ouvia-se o martelar furioso dos tacões das botas. Uma voz desafinada berrava deploravelmente:

- Malditos sejam os amargos cuidados. São apertadas as coleiras do tsar. Magoam os pescoços dos pobres cossacos, A quem não deixam sequer respirar. Ao longo do Don, Pugatchov, clama, A chamar os cossacos de toda a região: Atamanes, cossacos...

Dominando a primeira, uma segunda voz irrompeu, a ganir com insensata fúria:

Servimos o tsar com sincera fé,

Mas sentimo-nos tristes sem as nossas mulheres.

Se encontrarmos outras, deixaremos de o estar.

Que se lixe o tsar!

Oh, vasa! Oh, queima!

Uh-uh! Uh-uh-ab!

Ab-ab-ih-oh-uh-ab-ab!

Havia já muito que os cossacos tinham deixado de cantar e que, escutando o barulho despreocupado que no vagom anterior crescia, trocavam piscadelas de olhos e sorriam com ar aprovador. Não se contendo mais, Petro Melekhov largou uma gargalhada:

- Estão endiabrados de todo!

Os olhos castanhos de Merkulov, salpicados de pontinhos amarelos, despediam chispas alegres. De um salto ergueu-se, espalhou com a ponta de uma bota, para apreender o ritmo, o milho miúdo das notas, e de súbito, com os pés ágeis e elásticos, rompeu a dançar uma prissiadka em redor do lume. Sucessivamente, todos dançaram, aquecendo-se com o movimento. O harmónio do vagom anterior acabara por calar-se: agora o que lá se ouvia eram injúrias violentas, proferidas por vozes roucas. O ímpeto da dança excitava os cavalos. Só pararam de dançar quando Anikuchka, de cabeça perdida, caiu de cu no lume, ao executar um passo excepcionalmente complicado. Levantaram-no os outros, rindo às gargalhadas, e à luz de um coto de vela lhe examinaram os calções novos, cujos fundilhos estavam irremediavelmente queimados, bem como a borda do dólman acolchoado.

- Tira os calções - aconselhou-lhe Merkulov, compadecido.

- Estás maluco, Cigno? E que vou eu vestir? - Merkulov remexeu na sacola e tirou dela uma camisa de mulher, de pano cru. Reavivou-se o lume. Merkulov segurava a camisa pelas ombreiras estreitas e dizia, todo inclinado para trás, a gemer de riso:

- Pega lá!... Oh-oh! Roubei isto à pressa, de uma sebe... Trouxe-a para a fazer em tiras para os pés... Oh! Mas não a vou rasgar... Pega-a lá!

Apesar dos palavrões dele, à força a enfiaram em Anikuchka: e tanto e tão gostosamente riam que às portas dos vagons mais próximos assomaram cabeças curiosas, e vozes invejosas berravam no meio da noite:

- Que é que vocês estão a fazer?

- Súcia de malandrões!

- De que riem vocês assim?

- Que se passa aí, parvalhões do diabo?

Na paragem seguinte, agregaram a eles o tocador de harmónio do vagom anterior; do comboio todo apareciam cossacos, que, aos encontrões, partiam as manjedoiras, se amontoavam e empurravam os cavalos. No meio de um circulozinho Anikuchka exibia-se. A camisa branca, que com certeza pertencera a uma mulher robusta, era comprida de mais para ele, que nela encahava. Mas a risota encorajava-o: dançou até cair.

Por sobre a Rússia Branca, empapada em sangue, as estrelas choravam tristemente. O céu nocturno, negro, fluido e fumarento, lembrava a bocarra de um abismo. O vento soprava contra a terra impregnada do cheiro acre das folhas mortas, da argila húmida, da neve de Março...

IX

Vinte e quatro horas decorridas, já o regimento não estava muito longe da frente. Os comboios haviam parado num entroncamento. Os sargentos deram ordem de apear. Os cossacos faziam descer à pressa os cavalos, selavam-nos, corriam pelos vagons fora em cata dos objectos esquecidos, atiravam directamente para a areia húmida das linhas os fardos de feno um pouco desfeitos, agitavam-se.

O impedido do coronel comandante do regimento chamou Petro Melekhov:

- Vai à estação. O coronel quer falar contigo.

Petro compôs o boldrié sobre o capote e dirigiu-se vagarosamente para o cais.

- Anikei, toma conta do meu cavalo! - pediu ele a Anikuchka, que ficara de plantão aos animais.

Sem lhe responder, Anikuchka seguiu-o com o olhar; e na face dele, habitualmente franzida, ao tédio de todos os dias misturavam-se novas preocupações. Petro avançava, mirando as botas salpicadas de argila amarela, e a si próprio perguntando que lhe queria o coronel. Um ajuntamento pequeno, que se formara à ponta do cais, perto da cuba da água fervente, chamou-lhe a atenção. Caminhou em direcção a ele, e, ainda de longe, procurou ouvir o que ali se dizia. Uns vinte soldados rodeavam um cossaco ruivo, que estava de pé, encostado à cuba, numa atitude de atrapalhação, como a de um homem perseguido. Erguendo a cabeça, Petro viu a face barbuda do ruivo, um cossaco da Guarda (aquela cara afigurou-se-lhe não lhe ser estranha de todo), e o número 52 num ombro, sobre as divisas de sargento; e de si para si quase jurou ter já visto aquele homem em qualquer parte.

- Como é que tu fizeste uma coisa destas? E ainda por cima sargento como és!...censurava com uma alegria ruim o ruivo, um alistado voluntário, de cara inteligente, cheia de sardas.

- Que há? - inquiriu Petro, com uma palmada nas costas de um soldado de infantaria que estava à frente dele.

O soldado virou a cabeça, e respondeu de mau modo:

- É um desertor que foi apanhado... Um dos vossos, um cossaco.

Esforçava-se Petro por se recordar onde tinha visto aquela face larga, de bigode e barba ruiva. Sem dar troco às perguntas insistentes do alistado voluntário, o desertor ia

bebendo água quente às goladinhos por um vaso de cobre, feito do invólucro de uma granada, e comendo um biscoito escuro que na água molhava. Piscava os olhos afastados, à flor da pele, e, enquanto mastigava e bebia, movia as sobrancelhas, e fitava o chão e tudo à roda. Guardava-o um velho soldado atarracado, que segurava a carabina pela baioneta. Ao acabar de beber, o desertor passou um olhar cansado pelas caras dos soldados que o observavam sem cerimónia, e um lampejo duro incendeu-lhe bruscamente os olhos azuis e simples como os de uma criança.

Rapidamente engoliu a última golada, lambeu os lábios, e bradou, numa voz de baixo, sem hesitações:

- Isto diverte-os? Não me podem deixar comer em sossego, súa de safados? Nunca viram um homem, se calhar!

Os soldados desataram a rir. Mas, mal ouviu a voz do desertor, Petro lembrou-se de repente, com surpreendente precisão, como é frequente acontecer, que aquele homem era da aldeia de Rubéjine, da stanitsa de Elánsskaia, e que se chamava Fómine. Antes da guerra, na feira anual de Elánsskaia, Pedro e o pai tinham regateado com ele um toiro de três anos.

- Fómine! Iakov! - gritou ele, abrindo passagem, direito ao outro com um gesto desastrado e confuso, este pousou a vasilha em cima da cuba; e, continuando a mastigar, fixou Petro com ar perplexo e disse:

- Não te reconheço, irmão...

- Não és de Rubéjine?

- Sou. E tu és por acaso de Elánsskaia?

- Não. Sou de Viochénsskaia. Mas recordo-me de ti. Juntamente com o meu pai, há cinco anos, regateei um toiro contigo.

Sempre com o mesmo sorriso contrafeito e infantil, Fómine tentava visivelmente lembrar-se.

- Não, não tenho ideia... Não te reconheço - enunciou ele, com evidente pena.

- Eras do 52?

- Era.

- E fugiste? Como foi isso possível, irmão?

Fómine tirou o gorro de pele, e de dentro dele uma bolsinha de tabaco, toda amachucada; depois curvou-se, enfiou devagar o gorro debaixo de um braço, rasgou um pedaço de papel para enrolar um cigarro, e, fixando finalmente em Petro um olhar grave e húmido, tornou-lhe em voz quase imperceptível:

- Eu já não podia aguentar mais aquilo, irmãozinho...

Aquele olhar perturbou Petro, que tossiu e se pôs a morder o bigode loiro.

- Vamos lá, rapazes, acabem com a conversa, que não estou para arranjar alguma chatice por causa de vocês - suspirou o robusto soldado que guardava o preso, pondo a carabina ao ombro. - Anda daí, paizinho!

Fómine encafou à pressa a sua vasilha na sacola, despediu-se de Petro sem olhar para ele, e partiu para o comissariado da estação, num passo pesado como o de um urso.

Na sala que havia sido o bufete da estação, o coronel e dois comandantes de esquadrão estavam curvados sobre uma mesinha.

- Fizeste-nos esperar, Melekhov - atirou o coronel, semicerrando com fadiga os olhos ruins.

Petro foi informado de que o esquadrão dele ficava dependente do Estado-Maior da Divisão, e que a ele lhe incumbia vigiar cuidadosamente os seus homens, e informar o comandante do esquadrão de todas as mudanças que notasse no comportamento deles. Sem pestanejar, encarava o coronel nos olhos, enquanto o escutava com atenção; mas o olhar húmido e a voz tranquila de Fómine não lhe saíam da memória: «Eu já não podia aguentar mais aquilo, irmãozinho.»

Saiu da sala quente e húmida e encaminhou-se para o seu esquadrão. O comboio do regimento estava também na estação. Ao chegar perto do seu vagom, e ao ver os homens do comboio e o ferrador do esquadrão, a recordação de Fómine e da conversa com ele dissipou-se-lhe. Estugou o passo para ir falar ao ferrador, a lembrar-lhe que lhe ferrasse o cavalo (de novo enredado nas suas preocupações e cuidados quotidianos), quando viu surgir de detrás de um dos vagons vermelhos uma mulher elegantemente toucada de uma mantilha de pelúcia branca e vestida de modo diferente das mulheres da região. Aquela figura estranhamente familiar, fê-lo olhá-la melhor. De súbito, a mulher virou-se para ele e caminhou-lhe ao encontro, baloiçando de leve os ombros e o busto esbelto, menos um busto de mulher que de rapariga. Sem lhe distinguir ainda bem a cara, pelo andar leve e ondulante Petro reconheceu a sua própria mulher. Alvorçou-se-lhe agradavelmente o coração. A alegria dele era tanto maior quanto menos esperada. Dirigiu-se para ela, de propósito retardando o passo, para que os soldados do comboio, que o observavam, lha não notassem. Demoradamente abraçou a mulher, beijou-a três vezes, e dispunha-se a perguntar-lhe qualquer coisa, quando a comoção o venceu, e os lábios se lhe puseram a tremer, mal o deixando falar.

- Não te esperava... - pronunciou ele finalmente, gaguejando.

- Meu querido! Como tu estás mudado!... - disse Daria, juntando as mãos. - Não pareces o mesmo... Como vês, vim saber notícias tuas... A família não queria deixar-me vir: «Nunca se sabe o que pode suceder...» Mas eu disse que vinha mesmo, que vinha ver como

estava o meu querido... - E fazia um grande alarido, cerrando-se muito contra ele, e fitando-lhe os olhos com os olhos húmidos.

Rodeava-os uma multidão de soldados, que tossicavam, se entreolhavam maliciosamente, mas se sentiam desamparados.

- Tem sorte, o Petro.

- A minha loba é que não vem. Nem ela tem mais nada que fazer!

- Sem mim, homens em casa tem a minha os que quer!

- O Melekhov bem podia emprestar a mulher ao pelotão por uma noitezinha... À míngua como andamos!... Ah!

- Vamo-nos embora, rapazes! Só de a ver agarrada a ele, até podemos dar um estoiro!

Esquecido da intenção de lhe dar uma sova mestra, Petro acariciava-a diante de todos, passava-lhe um polegar queimado do tabaco pelas belas sobrancelhas arqueadas, a estalar de contente. E também Daria já se não lembrava de que duas noites antes dormira numa carruagem com um veterinário de um regimento de dragões, que com ela viajava desde Kharkov, a caminho da sua unidade. Esse veterinário tinha um bigode extremamente preto e sedoso. Mas aquilo passara-se havia duas noites. E agora ela beijava o marido com lágrimas de sincera alegria, e era com um olhar claro e franco que o fitava.

X

De volta da licença, o capitão Evguéni Lisstnítzki foi incorporado no 14.º Regimento dos Cossacos do Don. Em vez de regressar ao seu regimento, de que tivera vergonhosamente de fugir antes da revolução de Fevereiro, dirigiu-se ao Estado-Maior da Divisão, cujo comandante, um jovem general, pertencente a uma família da alta nobreza cossaca, lhe arranhou com facilidade aquela mudança.

- Eu sei, capitão - disse ele a Lisstnítzki, a sós com ele, no seu gabinete -, que lhe seria difícil manter-se na sua antiga unidade, porque os cossacos estão irritados contra si. O seu nome não lhes é simpático. É evidentemente mais razoável ir para o 14.º Regimento. Há lá um grupo de oficiais excepcional, e os cossacos são lá mais seguros, menos contaminados: pertencem na sua maioria às stanitsas do sul da circunscrição de Usst-Medvéditzkaia.

- Estará lá melhor O senhor é o filho de Nikolai Alekcêievitch Lisstnítzki, não é assim? - perguntou o general, após um momento de silêncio; e, obtida resposta afirmativa, prosseguiu: - No que me diz respeito, posso declarar-lhe que me agradam os oficiais como o senhor. Actualmente, os próprios oficiais jogam na sua maioria com pau de dois bicos. Não há nada mais fácil que mudar de ideias, ou servir dois deuses ao mesmo tempo . terminou ele, com amargor

Lisstnítzki sentia-se muito feliz daquela mudança. No próprio dia partiu para Dvinssk, onde estava o 14.º Regimento; vinte e quatro horas depois apresentava-se ao coronel Bikadórov, que comandava o regimento, e verificava com satisfação a justeza das palavras do chefe do Estado-Maior: os oficiais eram quase todos monárquicos; os cossacos, um terço dos quais eram velhos-crentes, originários principalmente das stanitsas de Usst-Khopérskaia, Kumiljénsskaia e Glazunóvsskaia, estavam longe de ter qualquer espírito revolucionário, tendo prestado de má vontade juramento ao Governo Provisório e não compreendendo nada nem querendo compreender dos acontecimentos que em torno deles referavam: o Conselho do Regimento e os Conselhos dos Esquadrões eram compostos por cossacos servis e sossegados... Lisstnítzki estava contente no seu novo meio.

Entre os oficiais, foi encontrar dois dos seus camaradas do regimento Atamánsski, que se mantinham à parte; os outros eram excepcionalmente unidos e unânimes, e abertamente falavam em restaurar a dinastia.

Cerca de dois meses o regimento se conservou em descanso em Dvinssk, em que foi reposto sob um comando único. Até ali, os seus esquadrões tinham sido muitas vezes incorporados numa ou noutra divisão de infantaria, tão depressa num sítio como noutro, ao longo da frente de Dvinssk a Riga, até que em Abril uma mão providente os reunira; agora, o regimento estava pronto a entrar em acção. Estreitamente vigiados pelos oficiais, os cossacos faziam os seus exercícios, davam de comer aos seus cavalos, viviam uma vida de caracol, pautada, isolada de qualquer influência exterior.

As suposições que entre eles corriam acerca do seu destino eram confusas; os oficiais, por seu lado, diziam abertamente que o regimento não tardaria, guiado por certa mão muito firme, em alterar o curso da História.

A frente estava próxima. Os exércitos, sem munições nem mantimentos, sentiam-se tomados de uma febre mortal estendendo as suas mãos inúmeras para a ideia fantasmagórica da paz; nem todos acolhiam do mesmo modo o chefe do Governo Provisório, Kerénsski; apesar do estímulo dos seus gritos histéricos, falharam na ofensiva de Junho; como a água de uma fonte profunda, uma violenta cólera subia neles...

Entretanto, em Dvinssk, os cossacos viviam placidamente; os estômagos dos cavalos iam digerindo as rações; e das próprias memórias a lembrança do que haviam sofrido na frente dissipava-se-lhes; os oficiais reuniam-se com frequência, comiam bem, e ardorosamente discutiam a sorte da Rússia.

Até aos primeiros dias de Julho assim foi. Mas em 3 de Julho, chegou a ordem de partida imediata, e o regimento embarcou em direcção a Petrogrado. A 7 de Julho, as ferraduras dos cavalos ressoavam já nos pavimentos de madeira das ruas da capital.

O regimento instalou-se na Perspectiva Névsski. O esquadrão de Lisstnítzki foi aquartelado num armazém comercial desocupado. O cuidado posto pelas autoridades da capital em arranjar os locais a eles destinados testemunhava bem a impaciência e a alegria com que eram esperados os cossacos. As paredes caiadas de fresco luziam, os pavimentos lavados estavam num brinco, as tarimbas novas, de pinho, cheiravam a resina; a cave limpa e clara tinha um aspecto quase confortável. Franzindo o nariz sob as lunetas, Lisstnítzki examinou tudo com atenção, reparou na brancura ofuscante das paredes, e concluiu não haver nada a dizer. Satisfeito da sua inspecção, dirigia-se para a porta que dava para o pátio, juntamente com um representante da administração municipal, um homem baixo, bem posto, encarregado de receber os cossacos, quando surgiu um incidente desagradável: ao pousar a mão na aldraba, viu na parede um desenho executado por mão de mestre, representando uma cabeça de cão mostrando os dentes, e uma vassoura. Os operários que ali haviam trabalhado deviam saber perfeitamente a quem aquele desenho se destinava...

- Que é isto? - perguntou Lisstnítzki, de sobranceiras tremendo-lhe, ao funcionário que o acompanhava.

Este fitou o desenho com os seus olhos cinzentos e vivos, e fungou medonhamente. O sangue afluíu-lhe com tal intensidade à cara, que o próprio colarinho de goma pareceu rosar-se-lhe...

- Desculpe, senhor oficial... Qualquer mão mal-intencionada...

- Espero que não fosse do seu conhecimento estar aqui o emblema da Oprítchina (*Foça policial, criada por Ivane o Terrível, para assegurar a defesa do regime contra os boiardos, e que deixou na Rússia uma negra recordação*).

- Como? Como? Ora, por favor!... Isto é uma partida dos bolcheviques... O patife que se atreveu a fazer isto!... Vou já dar ordem para se pintar de novo a parede. A mim mesmo pergunto... Desculpe... É um incidente estúpido... Acredite que estou envergonhado desta baixeza...

Lisstnítzki tomou-se de uma pena sincera por aquele insignificante civil, tão perturbado. Adoçou o olhar impiedosamente frio e disse:

- Houve um errozinho de cálculo do artista: é que os cossacos não conhecem a história da Rússia. Em todo o caso, não se pode dizer que seja encorajador este acolhimento.

Com as suas unhas bem tratadas, erguido nos bicos dos pés contra a parede, o funcionário esgaratou o desenho feito na cal, levantando uma fina poeira branca que lhe sujou o fato de boa fazenda inglesa. A limpar as lunetas, Lisstnítzki sorria; mas o que naquele instante sentia era uma amarga tristeza.

«Aqui está como nos recebem, e que é o reverso do que nos mostram!... Mas se fosse verdade que aos olhos da Rússia inteira nós assumíssemos a imagem da Oprítchina?» cogitava ele, ao atravessar o pátio para visitar as cavaliças, desatento e indiferente ao que lhe dizia o funcionário que atrás dele trotava.

Os raios do sol caíam a prumo no poço vasto e profundo do pátio. Pessoas debruçadas das janelas dos prédios altos da vizinhança observavam os cossacos, que enchiam o pátio e conduziam os cavalos para a cavaliça; os que já estavam despachados encostavam-se à parede, de cócoras ou de pé, aos grupinhos, à sombra.

- Porque não vão vocês lá para dentro, rapazes? - atirou-lhes Lisstnítzki.

- Temos tempo, meu capitão.

- Tanto nos aborrecemos nós lá como aqui.

- Em os cavalos estando todos arrumados, iremos.

Lisstnítzki passou em revista o depósito transformado em cavalaria e disse em tom severo, esforçando-se por tratar com a dureza inicial o funcionário que o acompanhava:

- Dirija-se a quem de direito para se mandar abrir aqui uma porta mais. O senhor bem vê que não nos chegam duas portas para vinte cavalos. Em caso de alerta, precisávamos de meia hora para os pôr cá fora. É incrível. Não podiam ter pensado nisso mais cedo? Vou ser obrigado a informar do caso o coronel.

Obtida a garantia de que, não uma, mas duas novas portas seriam abertas ainda naquele mesmo dia, Lisstnítzki despediu-se do funcionário, agradecendo-lhe com secura o incômodo que tivera, deu instruções sobre o serviço da guarda, e subiu ao primeiro andar, que servia de alojamento aos oficiais. Enquanto subia pela escada de serventia, desabotoou o dólman e pôs-se a enxugar o suor que lhe escorria pela testa; e foi com prazer que, chegado ao cimo, sentiu o frescor levemente húmido dos quartos. A não ser o capitão Atarchtchíkov, não estava lá ninguém.

- Onde estão os outros? - inquiriu Lisstnítzki, estirando-se sobre a cobertura da cama de campanha, e afastando pesadamente as pernas, enfiadas nas suas botas poeirentas.

- Saíram. Andam a ver Petrogrado.

- E tu?

- Ora! Acho que não vale a pena. Mal chegámos, já estão todos na cidade. Eu estava a ler o que se passou nestes últimos dias. É interessante.

Lisstnítzki continuava deitado, agora sem dizer palavra; a camisa encharcada em suor, ao arrefecer-lhe nas costas, dava-lhe uma sensação agradável; fatigado da viagem, faltava-lhe a coragem de se levantar e ir lavar-se. Por fim, com um esforço de vontade saltou da cama, e demoradamente se lavou, resfolegando de felicidade.

- Vai-te lavar, Vânia - aconselhou ele a Atarchtchíkov, enquanto esfregava com uma toalha esfiampada o pescoço gordo, marcado pelo sol. - Ficas mais bem disposto... E os jornais que dizem?

- Realmente, talvez me devesse ir lavar. Ficava mais bem disposto, dizes tu?... Que dizem os jornais? Relatam a manifestação dos bolcheviques, as medidas do governo... Lê.

Retemperado pela lavagem, Lisstnítzki ia pôr-se a ler, quando o coronel o mandou chamar. Tornou a erguer-se, contrariado, enfiou um dólman limpo, que cheirava a sabão, amarrotado ainda da mala, cingiu o sabre e saiu. Atravessou para o outro passeio da avenida, e virou-se para ver o edifício em que o esquadrão estava aquartelado. Exteriormente, em nada se distinguia dos outros, alinhado com eles, com os seus quatro andares e a sua fachada de pedra cinzenta e porosa. Acendeu um cigarro, e lentamente seguiu passeio fora. Via-se uma multidão de chapéus de palha e de coco, de bonés, de

chapéus de senhora, uns elegantes, outros de uma simplicidade procurada. E de longe em longe, no meio daquele mar, um boné de soldado punha uma nota democrática, para logo desaparecer, sorvido pelas ondas multicolores.

Uma brisa fresca e estimulante soprava do mar em baforadas que embatiam nas massas enormes dos edifícios, e se espalhavam desigualmente em correntes húmidas. No céu de uma palidez de aço azulado, as nuvens vogavam para o sul, de orlas leitosas eriçadas de dentes pontiagudos. Um calor viscoso, anunciador de chuva, envolvia a capital. Cheirava a asfalto quente, a gasolina queimada, ao mar próximo, aos perfumes das mulheres, indefiníveis e embriagantes, e àquela mistura confusa de cheiros vários, característica das grandes cidades.

Lisstnítzki caminhava devagar, a fumar, pelo passeio da direita, de espaço a espaço reparando no olhar respeitoso de algum transeunte. A princípio sentira um certo constrangimento, pelo seu dólman amarrotado e o seu boné sujo, mas acabou por dizer de si para consigo que um combatente não tem que se envergonhar do seu aspecto, e muito menos ele, que havia pouco saíra do comboio.

Os toldos que cobriam as portas das lojas e dos cafés projectavam no passeio manchas preguiçosas de sombra amarela-esverdeada. O vento agitava-lhes os panos queimados do sol, a par se lhes movendo e lacerando as sombras do passeio, sob os passos arrastados das pessoas. Embora já tivesse passado a hora do almoço, a avenida fervilhava de gente. Lisstnítzki, a quem os anos de guerra haviam desabituaado da cidade, deixava-se invadir com delícia pelo rumor das vozes entrecortadas de risos, das buzinas dos automóveis, dos gritos dos vendedores de jornais; no meio daquela multidão bem vestida e bem nutrida, sentia-se entre os seus; no entanto, pensava:

«Como vocês todos hoje, comerciantes, corretores de câmbios, funcionários de todas as categorias, proprietários, nobres, estão contentes, alegres, felizes! Mas que diziam vocês há três ou quatro dias? Que ar teriam quando o populacho e a soldadesca corriam como um metal em fusão, aqui mesmo, nesta avenida, e por essas ruas? Em consciência, sinto-me contente e não me sinto contente de os ver. E não sei se hei-de regozijar-me da vossa satisfação...»

Tentou analisar o seu sentimento contraditório, perscrutar-lhe as origens, e sem custo chegou à conclusão de que, *se* pensava e sentia assim, era porque a guerra, com tudo o que nela havia sofrido, o afastara daquela massa de pessoas ditosas e bem alimentadas.

«Aquele rapaz de aspecto farto, por exemplo», pensou ele de um jovem gordo, sem bigode, de bochechas vermelhas «porque não estará na frente de batalha? É com certeza filho de algum industrial ou de algum bonzo do comércio, safou-se ao serviço militar, o

malandro, está-se nas tintas para a pátria, ”trabalha em prol da defesa nacional”, engorda, tem as mulheres que quer...»

«Mas com quem estás tu, afinal?» acabou ele por perguntar a si próprio, e a si próprio respondeu, sorrindo: «Está visto que estou com estes! Há neles uma parcela de mim, do mesmo modo que eu sou uma parcela deles... Tudo o que neles existe de bom e de mau em mim existe também, mais ou menos. Talvez eu tenha a pele mais fina que aquele porco a abarrotar de sopa, e é porventura por isso que reajo mais dolorosamente a tudo, e por isso com certeza que honradamente combato na guerra, em vez de ”trabalhar em prol da defesa nacional”, e por isso também que este Inverno, em Moguilev, quando vi o deposto imperador deixar, de automóvel, o Quartel-General, com os seus lábios tristes, a sua mão impotente pousada num joelho, daquele modo inexprimível, pungente, caí sobre a neve a soluçar como um garoto... Não, honestamente, não aceito a revolução, não posso aceitá-la. O meu coração e a minha *razão* opõem-se a que a aceite... Ofereceria a minha vida pelo antigo regime, dá-la-ia sem hesitação, sem prosápia, com simplicidade, como soldado que sou. Haverá muitos que a isto estejam prontos?»

Com uma nitidez extrema, perturbadora, empalidecendo, recapitulou aquele colorido fim de dia de Fevereiro, a cara do governador de Moguilev, a grade de ferro fundido coberta de geada, e, por trás da grade, a neve que o sol baixo, um pouco velado, salpicava de manchas escarlates. Por detrás da margem inclinada do Dniepr, o céu laivava-se de azul, de vermelho, de oiro-velho, e o horizonte era tão impalpável, tão aéreo, que era doloroso tocar-lhe com o próprio olhar. Em frente da entrada, havia um grupinho de personalidades do Quartel-General, militares, funcionários... Um automóvel fechado saiu. Através do vidro adivinhavam-se Fredericks e o tsar, este tombado contra o espaldar do assento. A cara dele, escavada, tinha como que um tom violáceo. O hemicíclo da borda do gorro de pele negra dos cossacos da Guarda cortava-lhe de través a testa pálida.

Lisstnítzki corria agora quase por entre as pessoas, que o fitavam com expressão admirada. Os olhos dele viam a mão do tsar caindo da borda do gorro negro, no gesto de continência, e aos ouvidos acudia-lhe de novo o rumor leve do automóvel e o silêncio humilhante da multidão, que sem uma palavra deixava partir o último imperador...

Com lentidão subiu a escada da casa em que o Estado-Maior do Regimento se havia instalado. As bochechas ainda lhe tremiam, e nos olhos inchados e vermelhos tinha ainda lágrimas. No patamar do primeiro andar, fumou dois cigarros de enfiada, limpou as lunetas, e subiu ao segundo andar, galgando os degraus a dois e dois.

O coronel designou-lhe, numa planta de Petrogrado, o sector em que o esquadrão dele tinha de guardar os edifícios oficiais, enumerou-lhos, indicou-lhe com toda a minúcia

em que pontos e em que ocasiões devia postar ou recolher as sentinelas, e acabou por estas palavras:

- No Palácio de Inverno, onde vive Kerénsski ..

- Não me fale de Kerénsski!... - retorquiu Lisstnítzki em voz surda, pálido como um morto.

- Evguéni Nikoláievitch, tem de se dominar...

- Meu coronel, peço-lhe o favor...

- Mas, meu caro...

- Tenha paciência!... Os seus nervos...

- As patrulhas para a fábrica Putilov, quer que as mande imediatamente? - inquiriu Lisstnítzki, respirando a custo.

O coronel mordeu os lábios, sorriu, encolheu os ombros, e respondeu:

- Sim, imediatamente. E sob o comando de um oficial. É indispensável.

Lisstnítzki deixou o Estado-Maior moralmente vazio, oprimido pelas suas recordações e pela conversa com o coronel. Já perto do edifício em que o esquadrão dele estava aquartelado, encontrou uma patrulha do 4.º Regimento dos Cossacos do Don, de guarnição em Petrogrado. Umas flores murchas pendiam tristemente das rédeas do cavalo baio do oficial, que sorria por entre o bigode loiro.

- Vivam os salvadores da pátria! - gritou um senhor velho, exaltado, que desceu do passeio, a agitar o chapéu.

Amavelmente, o oficial levou a mão à pala do boné. A patrulha meteu a trote. Lisstnítzki olhou a face do senhor que vitoricara os cossacos, os seus lábios húmidos, o nó composto da sua gravata, e rapidamente enfiou pelo portão, bruscamente vergado e de feições crispadas.

XI

A nomeação do general Kornilov para o posto de comandante-chefe da frente do sudoeste foi acolhida com grande satisfação pelos oficiais do 14.º Regimento. Dele falavam com estima e respeito, como de um homem de ténpera de ferro, capaz de fazer sair o país da situação em que o Governo Provisório o havia mergulhado.

Disto se mostrava Lisstnítzki particular entusiasta. Por intermédio dos oficiais do seu esquadrão e de alguns soldados que conhecia bem, procurou saber como tinham os cossacos recebido aquela nomeação. As informações que colheu não lhe deram, porém, prazer nenhum. Os cossacos ou não diziam nada, ou limitavam-se a respostas dúbias:

- Para nós, tanto faz assim como assado...
- Alguém sabe quem ele seja?...
- Se ele fizer alguma coisa em favor da paz, então, está claro...
- Quem não ganha nada com a promoção dele somos nós...

Alguns dias mais tarde, correram entre os oficiais, que tinham relações com certos círculos civis e militares da capital, rumores insistentes de que Kornilov fazia pressão sobre o Governo Provisório para conseguir o restabelecimento da pena de morte na frente de batalha e a aplicação de múltiplas medidas de que dependiam a sorte do exército e o desfecho da guerra. Dizia-se que Kerénsski tinha medo de Kornilov e que, sem dúvida, tudo faria para o substituir no comando da frente do sudoeste por um general mais maleável. E citavam-se os nomes de alguns generais conhecidos nos meios militares.

Em 19 de Julho, a decisão governamental de nomear Kornilov comandante supremo surpreendeu toda a gente. Pouco depois, o capitão Atarchtchíkov, que tinha grandes relações com a Comissão Directiva da União dos Oficiais, contou, fundamentado em informações absolutamente fidedignas, que, num memorial destinado a ser apresentado ao Governo Provisório, Kornilov insistia na necessidade de se promulgarem as medidas seguintes: estabelecimento em todo o território, inclusivamente para as tropas da retaguarda e para a população civil, de tribunais militares de campanha e aplicação da pena de morte; restabelecimento do poder disciplinar dos comandantes militares; limitação estreita da actividade das comissões dentro das unidades militares; e assim por diante.

Na noite desse mesmo dia, no decurso de uma conversa com os oficiais do seu e de outros esquadrões, Lisstnítzki apresentou com clareza o problema: quem estavam eles dispostos a seguir?

- Senhores oficiais - disse ele com contida comoção -, nós constituímos uma família unida. Sabemos o que cada um de nós representa; mas, até agora, ainda não foram esclarecidas entre nós muitas questões fundamentais. Hoje, que vemos esboçar-se nitidamente um conflito entre o Alto-Comando e o Governo, a nós próprios devemos perguntar, francamente, com quem estamos e por quem somos. Falemos, pois, como camaradas, sem subterfúgios.

O capitão Atarchtchíkov foi o primeiro a responder.

- Pelo general Kornilov, estou pronto a verter o meu sangue e o dos outros! É um homem de uma pureza de cristal e o único capaz de endireitar a Rússia. Vejam o que ele faz no exército! Graças a ele é que os chefes militares voltam a ter em parte liberdade de acção; antes, o que vigorava eram o poder absoluto das comissões, a confraternização, as deserções. Não há discussão possível: todos os homens honrados estão com Kornilov.

Atarchtchíkov falava com calor. As pernas dele eram delgadas, o peito desmedidamente desenvolvido, os ombros largos. O caso apaixonava-o visivelmente. Ao acabar, relanceou os oficiais reunidos à volta da mesa, e bateu com um cigarro na cigarreira, à espera de réplica. Tinha na pálpebra inferior direita uma excrescênciazinha castanha, que lhe impedia de fechar completamente o olho, e parecia, a quem o via pela primeira vez, que o olho lhe sorria constantemente, com expressão de condescendência e de desafio.

- Se tem de se escolher entre os bolcheviques, Kerénsski e Kornilov, então é evidente que somos por Kornilov.

- É difícil saber o que Kornilov quer: simplesmente restabelecer a ordem na Rússia, ou instaurar qualquer outra coisa...

- Isso não é uma resposta a uma questão de princípio!

- Ai isso é que é!

- Pois se é uma resposta, não é inteligente.

- Que receia, tenente? A restauração da monarquia?

- Não só não a receio, como, pelo contrário, a desejo.

- Onde está, então, a dúvida?

- Meus senhores - começou em voz surda e rouca Dolgov, antigo sargento, promovido havia pouco a tenente em combate -, porque são essas discussões? Pensem antes que nós, os cossacos, nos devemos agarrar ao general Kornilov como uma criança às saias da mãe. E sem pensamentos reservados, com toda a franqueza. Se nos arredarmos

dele, estamos perdidos. A Rússia atira connosco para uma estrumeira. O caso é claro: para onde quer que ele vá, iremos nós.

- É assim mesmo!

Atarchtchíkov deu uma palmada de aplauso num ombro de Dolgov e fixou em Lisstnítzki os olhos risonhos. Este, sorridente, comovido, alisava nos joelhos as rugas das calças.

- Então, senhores oficiais, atamanes? - exclamou Atarchtchíkov, em voz forte. - Somos por Kornilov?

- Naturalmente que sim!

- Dolgov cortou o nó górdio.

- Todos os oficiais estão com ele.

- Não serei eu a excepção!

- Pelo nosso estimado Lavr Gueórguievitch Kornilov, cossaco e herói, hurrá!

A rir, os oficiais tocaram com os copos uns nos outros e beberam o chá. Toda a tensão havia desaparecido. Agora, a conversa girava em torno dos acontecimentos dos últimos dias.

- Todos nós somos partidários do general, mas os cossacos hesitam... - observou Dolgov, pouco seguro.

- Como é que «hesitam?» - ripostou Lisstnítzki.

- Hesitam. O facto é esse... Querem voltar para casa, os safados, para junto das mulheres... Estão fartos desta vida pouco amena ..

- O nosso papel é arrastar os nossos homens connosco! - E o tenente Tchernokútov deu uma punhada na mesa. - Arrastá-los! Não é para mais nada que usamos galões de oficiais. Temos que explicar-lhes com paciência a quem é do interesse deles que sigam.

Lisstnítzki bateu com a colherinha no copo dele, e, obtida a atenção dos outros, atirou, acentuando bem as palavras:

- Peço-lhes licença para lhes lembrar, meus senhores, que o nosso trabalho deve consistir agora, como disse Atarchtchíkov, em explicar aos cossacos a situação real. Precisamos de os arrancar à influência das comissões. Isso exige um rompimento com os nossos hábitos, tão considerável, se é que não mais, que o suportado, digamos, pela maioria de nós, a seguir à revolução de Fevereiro. Antigamente, em 16, por exemplo, eu podia bater num cossaco, e tudo a que me arriscava era a apanhar um tiro pelas costas no decurso de um combate; a seguir a Fevereiro, teve de se recuar: se eu batesse num imbecil qualquer, ali mesmo, na trincheira, ele me podia matar, sem esperar por ocasião mais propícia. Actualmente, as coisas são outras ainda. Temos e Lisstnítzki acentuou a palavra de

confraternizar com os cossacos. Tudo depende disto. Sabem os senhores o que se passa neste momento no 1.º e no 4.º Regimentos?

- Isso é um pesadelo!

- É esse o termo: um pesadelo! - prosseguiu Lisstnítzki.

Os oficiais não abateram o velho muro que os separava dos respectivos homens, e o resultado é que os cossacos caíram sem excepção sob a influência dos bolcheviques, e em bolcheviques se tornaram noventa por cento deles. Está visto que também nós estamos ameaçados de acontecimentos terríveis... Os dias 3 e 5 de Julho não passaram de um aviso severo para todos os despreocupados. Por isso, ou nos batemos em apoio de Kornilov, contra as tropas da democracia revolucionária, ou os bolcheviques continuarão a juntar forças, a alargar a sua influência, e desencadearão uma nova revolução. Nesta altura, sem cuidar de mais nada, juntam eles todas as forças que podem; e entre nós é um pagode... Será isso admissível? O certo é que os cossacos leais podem representar um papel importante durante os abalos que se anunciam...

- Sem homens, evidentemente, somos menos que nada - suspirou Dolgov.

- Tem razão, Lisstnítzki!

- Tem mesmo muita razão.

- A Rússia está à beira de um abismo...

- Julgas tu que não compreendemos isso? Compreendêmo-lo. O que não temos, por vezes, é força para fazer o que quer que seja. A «Ordem N.º 1» e a «Pravda das Trincheiras» (*A «Ordem N.º 1», de 1 de Março de 1917, da Comissão Executiva do Soviete de Petrogrado, preconizava organizações electivas nas unidades militares e a fiscalização por elas da actividade dos antigos quadros do exército czarista. A «Pravda das Trincheiras», criada no mesmo ano, era o quotidiano bolchevique de propaganda revolucionária no exército*) fazem a sua sementeira.

- E nós admiramos os rebentos que crescem, em lugar de os cortarmos e queimarmos! - exclamou Atarchtchíkov.

- Não, não admiramos. O que não temos é força bastante.

- Isso não é verdade! O que somos é negligentes.

- Prove-o.

- Serenidade, meus senhores!

- A redacção da «Pravda» foi assaltada... Kerénsski não tem o sentido da oportunidade...

- Mas que é isto? É uma feira, ou quê? Isto não pode ser!

Gradualmente, aquela gritaria absurda foi-se atenuando. Um comandante de esquadrão, que havia escutado Lisstnítzki com marcado interesse, pediu silêncio.

- Proponho que se dê ao capitão Lisstnítzki a possibilidade de exprimir por inteiro o seu pensamento.

- Ele que fale, então.

Esfregando com as mãos os ângulos agudos dos joelhos, Lisstnítzki reatou:

- Penso eu que nessa altura, quero dizer por ocasião dos combates futuros, na guerra civil, convencido como estou agora de que ela é inevitável, teremos necessidade de cossacos leais. Temos de lutar e arrancar os cossacos à influência das comissões que gravitam em torno dos bolcheviques. É isto uma necessidade vital. Os senhores sabem perfeitamente que, no caso de novas perturbações, os oficiais do 1.º e do 4.º Regimento serão fuzilados pelos seus homens...

- Isso é evidente.

- Não hesitarão mesmo nada.

- Precisamos de tirar todas as ilações da experiência deles, devemos dizer que amarga. Aos cossacos do 1.º e do 4.º Regimentos, se é que se pode ainda chamar cossacos àquilo, há que enforcar um em cada dois, ou, talvez, executá-los a todos... Temos de arrancar a erva ruim. Preservemos, portanto, os nossos cossacos de erros que se arrisquem a ter de pagar mais tarde.

A seguir a Lisstnítzki, tomou a palavra o comandante de esquadrão que o havia escutado com uma atenção vivíssima. Velho oficial do activo, que servia no regimento havia nove anos e fora ferido quatro vezes, disse quanto era penoso antes o serviço. Os oficiais cossacos eram relegados para segundo plano, faziam-lhes a vida num inferno, e as promoções eram para eles difíceis, não indo a maioria além de tenente-coronel. Na opinião dele, isto explicava a inércia dos comandantes cossacos no momento da queda da monarquia. No entanto, em seu entender, devia-se apoiar Kornilov e estabelecer com ele contactos mais estreitos, por intermédio da União dos Oficiais.

- A salvação dos exércitos cossacos está em Kornilov se tornar ditador. Com ele, estaremos talvez melhor que com o Tsar.

Já passava muito da meia-noite. Uma noite esbranquiçada envolvia a cidade no seu véu de nuvens desgrenhadas. Através da janela, via-se a flecha escura do Almirantado e um oceano de luzes amarelas.

Os oficiais continuaram a conversar até ao amanhecer. Decidiram organizar, três vezes por semana, conversas com os cossacos sobre temas políticos, e recomendar aos comandantes de pelotão que promovessem exercícios quotidianos de ginástica, para ocuparem o tempo livre e arrancar o espírito dos cossacos à atmosfera corrupta da política.

Por despedida, cantaram em coro o «Cresce e agita-se o ortodoxo Don tranquilo», e beberam o décimo samovar, entre'chocando os copos em saúdes fantasistas. Mas, no momento em que iam separar-se, após ter trocado a meia voz algumas palavras com Dolgov, Atarchtchíkov bradou:

- Para sobremesa, vamos-lhes cantar uma velha canção cossaca. Silêncio, façam favor! E abram a janela, que está aqui uma fumaceira terrível.

A princípio, as duas vozes, a de baixo, forte e áspera, de Dolgov, e a de tenor, doce e agradável, de Atarchtchíkov, não acertaram uma com a outra, cada qual cantando no seu ritmo, mas não tardou que poderosamente se casassem numa melodia de uma irresistível beleza.

*É altivo o nosso Don,
O Don tranquilo, nosso pai.
Não se dobrou aos muçulmanos,
Nem a Moscovo pediu que a viver o ensinasse
Aos turcos sandou-os sempre ,
Com os sabres afiados no pescoço...*

*Ano atrás de ano, a planície nossa mãe,
Pela pura Mãe de Deus e a nossa fé,
E pelo nosso livre Don de ondas mugindo,
Chama à luta contra os nossos inimigos.*

De dedos cruzados nos joelhos, Atarchtchíkov mantinha-se sempre num tom alto, sem se atrapalhar nunca com as variações da potente voz grave de Dolgov; a expressão dele tinha uma seriedade desabitual; e só no fim Lisstnítzki lhe apercebeu uma lagriminha brilhante e fria no rebordo das pálpebras trigueiras.

Depois de os oficiais dos outros esquadrões terem abalado, e de os que haviam ficado se disporem a ir-se deitar, Atarchtchíkov foi sentar-se na cama de campanha de Lisstnítzki, e, esticando para a frente os suspensórios azuis, desbotados, murmurou:

- Compreendes, Evguéni... Eu amo apaixonadamente o Don e toda a vida cossaca, afeiçoada por séculos e séculos. Quero aos meus cossacos, amo as mulheres cossacas: a tudo isso eu amo. O cheiro do absinto da estepe dá-me vontade de chorar... O mesmo acontece quando os girassóis florescem, e cheira às vinhas molhadas pela chuva, nas margens do Don... Tudo isso eu o amo profundamente, até à dor... estás a compreender-

me?... E por isso a mim pergunto: não estaremos nós a preparar-nos para enganar os cossacos? Será este o caminho que a eles convém?...

- Que queres tu dizer? - inquiriu Lisstnítzki, atento.

O pescoço bronzeado de Atarchtchíkov erguia-se-lhe, grácil e impressionante de juventude, da gola da camisa branca. A pálpebra azulada caía-lhe pesadamente sobre a verruga castanha; Lisstnítzki via-lhe, de perfil, o brilho húmido do olho semicerrado.

- Cogito eu: é isto útil para os cossacos?

- E que seria então útil para eles?

- Não sei .. Mas porque se afastam eles assim, espontaneamente, de nós? A revolução separou-nos, literalmente, como ao trigo do joio; dir-se-ia que os nossos interesses divergem.

- É que - começou com cuidado Lisstnítzki - a nossa interpretação dos acontecimentos é diferente. Nós temos mais cultura, somos capazes de uma apreciação crítica dos factos, ao passo que neles tudo é mais primitivo, mais elementar. Os bolcheviques enchem-lhes os ouvidos de que é preciso pôr ponto à guerra, ou então transformá-la em guerra civil. Excitam os cossacos contra nós; e como eles estão cansados, e mais próximos que nós dos animais, sem esta firme consciência moral do dever e da responsabilidade para com a pátria, que nós temos, é perfeitamente compreensível que aquilo encontre neles eco. Que é a pátria para eles? Uma noção inteiramente abstracta. Dizem eles para consigo: «A Região do Exército do Don está longe da frente de batalha e os alemães não chegam lá.» É esta a desgraça toda. Necessitamos de lhes explicar com clareza as consequências que para eles adviriam da transformação desta guerra em guerra civil.

No fundo de si próprio, Lisstnítzki sentia que as suas palavras não atingiam o alvo, e que Atarchtchíkov se ia meter na concha.

E foi isso o que sucedeu: Atarchtchíkov balbuciou algumas frases confusas, e acabou por se calar. Em vão Lisstnítzki procurava perceber em que trevas errava o pensamento do seu camarada.

«Fiz mal em não o deixar explicar-se completamente» pensou ele, arrependido.

Atarchtchíkov deu-lhe as boas-noites, e foi-se sem adiantar mais nada. Por um momento havia desejado uma conversa sincera e levantado uma ponta da cortina escura por trás da qual cada homem se esconde dos outros; mas logo a deixara cair.

Esta impossibilidade de conhecer os outros, os seus segredos, irritava Lisstnítzki. Acendeu um cigarro, ficou-se um pedaço de olhos fixos, na obscuridade cinzenta e densa, e lembrou-se de Akcínia, dos dias de licença, todos cheios dela. E, apaziguado por

aquele pensamento e pelas recordações desconexas das mulheres cujo caminho alguma vez se cruzara com o dele, adormeceu.

XII

Lisstnítzki tinha no seu esquadrão um cossaco da stanitsa de Bukanóvsskaia, chamado Ivane Lagútine. Nas primeiras eleições, fora escolhido para a comissão militar revolucionária do regimento; até à chegada a Petrogrado, não se tinha feito especialmente notar, mas num dos últimos dias de Julho, o oficial ao pelotão havia informado Lisstnítzki de que Lagútine frequentava a secção militar do Soviete dos Deputados Operários, e Soldados, e de que por certo estava em ligação estreita com ele, visto ter-se notado que fazia discursos frequentes aos cossacos do pelotão e sobre eles exercia uma influência nefasta.

Tinha havido no esquadrão dois casos de recusa, uma a fazer guarda e a outra a participar de uma patrulha, e o oficial atribuía-os à acção de Lagútine.

Resolveu Lisstnítzki, por lhe parecer isso indispensável, conhecer Lagútine um pouco melhor, e tenteá-lo. Convocá-lo para uma conversa franca com ele pareceu-lhe estúpido e imprudente, de modo que decidiu esperar. A ocasião não tardou. No fim de Julho, coube ao terceiro pelotão a vez de patrulhar as ruas próximas da fábrica de Putilov.

- Eu vou com os cossacos - comunicou Lisstnítzki ao oficial do pelotão. - Mande selar o meu morzelo.

Lisstnítzki tinha dois cavalos, «para o que desse e viesse», como ele dizia. Vestiu-se com a ajuda da ordenança e desceu ao pátio. O pelotão já estava montado. No meio da escuridão brumosa, salpicada de estrelas, percorreram-se várias ruas. Lisstnítzki deixou o pelotão ultrapassá-lo, e chamou Lagútine. Este virou a pileca que montava e colocou-se a par do capitão, a quem observou de esguelha, com olhar interrogativo.

- Que há de novo na vossa comissão? - perguntou Lisstnítzki.

- Não há nada.

- De que stanitsa és tu, Lagútine?

- De Bukanóvsskaia.

- De que aldeia?

- De Mitiakine.

Os cavalos deles avançavam ao lado um do outro. Pelo canto do olho, à luz dos candeeiros, Lisstnítzki examinava a face barbuda do cossaco. Algumas mechas de cabelo liso saíam-lhe de sob o boné, uma barbicha irregular e arruçada cobria-lhe as faces cheias, e

nos olhos inteligentes dele, profundamente encovados e protegidos por arcadas supraciliares salientes, luzia uma ponta de malícia.

«Tem um ar simples e reservado. Mas que pensará ele realmente? com certeza que me odeia, como a tudo o que esteja ligado ao antigo regime, ao «bastão do cabo»... cogitou Lisstnítzki, a quem de súbito assaltou o desejo de conhecer o passado de Lagútine.

- Tens família?

- Sim, meu capitão. Mulher e dois filhos.

- E propriedades?

- Ora, o que eu tenho! - disse Lagútine ironicamente, e com uma vaga tristeza. - Vai-se vivendo como se pode. O boi trabalha para o cossaco e o cossaco para o boi. É assim a vida... A terra lá para os meus sítios é arenosa acrescentou ele gravemente, depois de um momento de reflexão.

Lisstnítzki tinha um dia passado pela stanitsa de Bukanóvsskaia, a caminho da estação de Seبریákovо. Lembrou-se nitidamente daquela stanitsa perdida, afastada da estrada principal, que confinava ao sul com um prado raso que o olhar não abrangia, e contornada pelas curvas caprichosas do Khopr. Do alto de uma colina, no termo do território da stanitsa de Fjánsskaia, a uma dúzia de verstás de distância, avistara a mancha verde de uns jardins e um grande campanário branco, desnudo como um osso.

- O que temos é terra arenosa - suspirou Lagútine.

- Gostavas de voltar para casa, ha?

- De que maneira, meu capitão! É claro que estou impaciente por voltar. Já chega de miséria, nesta guerra.

- Não acho que se possa voltar tão cedo para casa, meu Velho...

- Isso é que voltamos.

- Mas a guerra ainda não acabou!

- Não há-de durar muito mais... Não tarda a estarmos em casa - repetiu, obstinadamente, Lagútine.

- Teremos ainda de nos bater entre nós. Que pensas tu disso?

Após um silêncio, sem erguer os olhos do arção da sela, Lagútine atirou:

- Com quem teremos de nos bater?

- O que não falta é com quem. com os bolcheviques, por exemplo.

Novamente Lagútine se quedou calado um pedaço, como que adormentado pelo ruído seco e cadenciado dos cascos do cavalo. Três minutos assim decorreram. Devagar, articulando as palavras a uma e uma, Lagútine disse por fim:

- Contra esses não temos nós nada.

- E a terra?

- Terra há-a que chegue para toda a gente.

- Sabes o que querem os bolcheviques?

- Ouvi qualquer coisa a esse respeito...

- E que pensas tu que devemos fazer, se os bolcheviques decidirem tirar-nos as terras e dominar os cossacos? Já te bateste contra os alemães, em defesa da Rússia.

- Os alemães são outra coisa.

- E os bolcheviques?

- Ora, meu capitão! - começou Lagútine, agora visivelmente disposto a falar, e procurando insistentemente com os olhos o olhar de Lisstnítzki. - Os bolcheviques não me vão roubar a terra que eu tenho. O que eu tenho é só um bocadinho. Para que quereriam eles a minha terra?... Ao passo que, por exemplo, o senhor seu pai, seja isto dito sem ofensa, tem mais de dez mil deciatinas...

- Dez, não. Quatro.

- É a mesma coisa. Pois sejam quatro! Vamos lá, que já é um bom tassalho, ha? Raio de justiça esta, é o caso de se dizer! E se olharmos para a Rússia toda, gente como o senhor seu pai há muita. Reflita bem, meu capitão: todas as bocas desejam o seu naco de pão. Se o senhor precisa de comer, também os outros precisam. Houve uma vez um cigano que quis ensinar uma égua que tinha a não comer. Dizia ele para consigo que ela se habituaria. Foi-se o pobre animal habituando, e ao fim de dez dias estava morto... No tempo do tsar as coisas não estavam bem; a vida era dura para os pobres... Ao senhor seu pai deram-lhe quatro mil diciatinas, como quem dá uma fatia de empada; e, no entanto ele não tem duas bocas para comer; come com uma só como os mais. Está visto que isto é vexatório para o povo!... Os bolcheviques têm razão; e o senhor fala em nos batermos contra eles!...

Lisstnítzki escutava-o, escondendo o seu alvoroço. Sentia-se impotente para lhe opor qualquer argumento de peso, ao passo que o outro, com o seu arrazoadado elementar, tremendamente simples, o entupia. E como, no fundo da consciência, surdamente entrevia que quem estava errado era ele, perdeu a cabeça, e berrou, colérico:

- És, então, bolchevique?

- O rótulo não importa... - retorquiu Lagútine com ironia, em voz arrastada. - A questão não é de rótulos, é de justiça. O povo do que precisa é de justiça, e à justiça o que se quer é enterrá-la. Cuido mesmo que já morreu há muito tempo.

- É isso que os bolcheviques do soviete te ensinam... Vejo que te aproveita andar de gorra com eles.

- Ah, meu capitão! Quem nos ensina, aos burros de carga como eu, é a vida. Aos bolcheviques basta-lhes atear o rastilho...

- Acaba lá com as gracinhas! O caso não é para rir! - replicou Lisstnítzki, furioso. - Ora diz-me cá! Falas das terras do meu pai, das terras senhoriais, em geral. Mas isso é a propriedade. Se tu tiveres duas camisas e eu nenhuma, na tua opinião deves-me dar uma?

Lisstnítzki não viu a cara de Lagútine, mas pelo som da voz adivinhou que ele sorria.

- A que eu tivesse a mais por mim próprio a daria. Na frente de batalha, dei a minha última camisa, e andei de capote em cima da pele. Mas, quanto a terra, não há ninguém que a dê aos outros.

- Mas tu não tens terra bastante? O que tens não te chega? - disse Lisstnítzki, elevando a voz.

Lagútine empalideceu, e quase gritou, de garganta estrangulada pela comoção:

- Julgas tu então que eu só penso em mim? Estivemos na Polónia. Reparaste como as pessoas lá vivem? Viste ou não viste?... E, na Rússia, sabes como vivem os camponeses? Pois eu vi!... Até o sangue me fervia... E julgas tu que a vida daquela gente me não faz pena? A Polónia pôs-me doente, à força de pensar na crueldade da terra.

Preparava-se Lisstnítzki para lhe dar uma resposta mordente, quando um grito penetrante soou, vindo de um dos edifícios pesados e cinzentos da fábrica de Putilov: «Agarrem-no!» Ouviu o barulho dos cascos dos cavalos percutindo o pavimento, e o estalido de um tiro varou-lhe os ouvidos. Brandiu o pingalim e lançou o cavalo a galope.

Não tardou que Lagútine e ele alcançassem juntos a patrulha, que se aglomerava numa encruzilhada. Os cossacos haviam desmontado, e ressoavam-lhes os sabres; um homem, que eles haviam prendido, debatia-se-lhe no meio.

- Que é isso? Que há? - gritou Lisstnítzki, abrindo caminho com o cavalo.

- Foi este miserável que nos atirou uma pedra... Atirou-nos uma pedra e fugiu.

- Dá-lhe, Arjanov!

- Malandro! Achas bem atirares-nos pedras?

O sargento do pelotão, Arjanov, dobrado na sela, segurava pela gola um homenzinho vestido de uma camisa preta, sem cinto. Três cossacos que haviam acorrido imobilizaram-no, torcendo-lhe os braços atrás das costas.

- Quem és tu? - bradou-lhe Lisstnítzki, fora de si.

O prisioneiro levantou a cabeça, de lábios mudos, crispados na face de um branco-acinzentado.

- Quem és tu? - repetiu Lisstnítzki. - Atiras então pedras, ha? Não dizes nada? Arjanov!...

Arjanov desmontou, largou a gola do prisioneiro e com toda a força deu-lhe uma bofetada.

- Cheguem-lhe! - ordenou Lisstnítzki; e com brusquidão virou o cavalo.

Três ou quatro cossacos atiraram o homem ao chão e desataram a chicoteá-lo. Lagútine saltou do cavalo e precipitou-se para Lisstnítzki.

- Meu capitão!... Que está o senhor a fazer?... Meu capitão!

Agarrava-se com os dedos trémulos a um joelho de Lisstnítzki e gritava:

- Não pode ser!... É um homem! Que está o senhor a fazer?

Lisstnítzki não lhe retorquiou e esporeou o cavalo. Lagútine foi direito aos cossacos e agarrou Arjanov; oscilando nas pernas, que se lhe enredavam no sabre, tentava arrastá-lo com ele. O outro resistia, resmungando:

- Não te metas nisto! Deixa-nos cá! Ele atira-nos pedras, e nós não havíamos de fazer nada?... Larga-me!... Larga-me, digo-te para teu bem!...

Um dos cossacos curvou-se, libertou a carabina do ombro, e pôs-se a dar coronhadas no corpo mole e rangente do homem estendido no chão. Um momento depois, um grito pungente, animalesco, selvático, ergueu-se do pavimento da rua.

Fez-se um silêncio de alguns segundos, e de novo a mesma voz soou, mas agora mais débil, como a de um adolescente, entrecortada, dilacerada pela dor, por entre o rouquejar que se seguia a cada pancada.

- Bandidos!... Contra-revolucionários!... Batam à vontade!... Ooh!... Aaaaah!...

- Trás! Trás! Trás! - ressoavam as pancadas, umas após outras.

Lagútine correu direito a Lisstnítzki, cingiu-se-lhe contra o joelho, de unhas fincadas no coiro da sela, arquejando:

- Tem piedade!

- Sai-me daqui!

- Capitão!... Lisstnítzki!... Estás a ouvir-me? Responde!

- Vai bardamerda! - exclamou Lisstnítzki em voz sibilante, atirando o cavalo contra Lagútine.

- Irmãos! - berrou este, correndo para os cossacos que a um lado se conservavam alheados. - Sou membro da Comissão Revolucionária do Regimento... Ordeno-lhes que salvem aquele homem da morte!... Todos... serão todos responsáveis!... Os tempos mudaram!...

Um ódio cego, irraciocinado, submergiu Lisstnítzki. Vergastou o cavalo entre as orelhas, avançou para Lagútine, pôs-lhe sob o nariz o revólver negro, que cheirava à gordura das armas de fogo, e ganiu:

- Cala-te, traidor, bolchevique, ou mato-te!

Só por um enorme esforço de vontade não disparou; por fim, tirou o dedo do gatilho, empinou o cavalo, e partiu a galope.

Alguns minutos volvidos, três cossacos seguiram-no; entre os respectivos cavalos, Arjanov e Lápine, levavam o prisioneiro. De pernas inertes, camisa ensopada, colada ao corpo, aguentado pelas axilas pelos dois soldados, cambaleava ligeiramente, de pés de rojo no pavimento. Entre os ombros pontiagudos, a cabeça, caída para trás, baloiçava-lhe, sangrenta, reduzida a uma massa de carne, em que o queixo espetado punha uma mancha branca. O terceiro cossaco, a cavalo também, seguia a curta distância. À esquina de uma ruazinha iluminada, viu um trem de praça; ergueu-se nos estribos e alcançou-o a trote. Disse algumas palavras ao cocheiro, fez estalar com eloquência o chicote contra o cano da bota, e o trem acercou-se, solicitamente, de Arjanov e de Lápine, que haviam parado.

No dia seguinte, Lisstnítzki acordou com a consciência de ter cometido um enorme e irreparável erro. Mordendo os lábios, recordou a sova no homem que apedrejara os cossacos e o que em seguida se passara entre Lagútine e ele. Fez uma careta, e tossicou, pensativo. Enquanto se vestia, decidiu não fazer nada, imediatamente, contra Lagútine, por receio de exacerbar as suas relações com a Comissão do Regimento; seria melhor esperar que a alteração com Lagútine se desvanecesse na memória dos cossacos que haviam assistido à cena, para só nessa altura se desembaraçar dele sem consequências.

«É o que se chama confraternizar com os cossacos.. » cogitou ele, com amarga ironia; e uns poucos de dias a impressão penosa do que se havia passado o dominou.

No princípio do mês de Agosto, num belo dia de sol saiu a dar uma volta pela cidade com Atarchtchíkov. Desde a conversa que haviam tido a seguir à reunião dos oficiais, nada havia acontecido que tivesse dissipado a reserva surgida então entre eles. Atarchtchíkov mantinha-se fechado, ocultando os seus pensamentos; a todas as tentativas de Lisstnítzki para provocar uma franca explicação, opunha ele a barreira opaca por trás da qual a maior parte das pessoas esconde a sua verdadeira face dos olhares estranhos. Sempre a Lisstnítzki se afigurara que cada homem, nas suas relações com os outros, guarda, por sob a sua face exterior, outra que lhes não confia espontaneamente, e que só esgaravando tal invólucro se poderá desnudar a verdadeira essência, despojada de mentiras, de cada um. Por isso, havia sempre dolorosamente desejado saber o que se esconde por trás da fachada grosseira, ou grave, ou intrépida, ou insolente, ou feliz, ou alegre das pessoas. Ora, ao pensar em Atarchtchíkov, só uma coisa entrevia: que aquele homem escondia penosamente uma ânsia de sair das contradições que o enleavam, esforçando-se por coadunar as posições cossaca e

bolchevique. Esta suposição levava-o a não fazer qualquer tentativa de aproximação com Atarchtchíkov, a conservar-se distante dele.

Caminhavam eles pela Perspectiva Névsski, trocando apenas de longe em longe alguma frase insignificante, quando, apontando com o olhar a porta de um restaurante, Lisstnítzki propôs:

- Vamos comer qualquer coisa?

- Pois sim! - concordou Atarchtchíkov.

Entraram, estacaram a meio, e relancearam em torno os olhos sem esperança: todas as mesas estavam tomadas. Já Atarchtchíkov se resolvia a abalar, quando, de uma mesa perto de uma janela, um senhor bochechudo, bem vestido, que estava acompanhado por duas senhoras, os fitou e se aproximou deles, tirando respeitosamente o chapéu

- Façam o favor de tomar a nossa mesa. Íamos sair. - Sorria, mostrando os dentes ralos, amarelados do tabaco, a par reforçando o convite com um gesto. - Sinto-me feliz por poder prestar um serviço aos senhores oficiais. Os senhores são o nosso orgulho.

Ergueram-se as senhoras. Uma, alta e morena, demorou-se a compor o chapéu, ao passo que a outra, mais nova, esperava, a brincar com o guarda-chuva.

Os oficiais agradeceram ao senhor que tão amavelmente lhes cedera a mesa, e instalaram-se perto da janela. O sol, que atravessava a cortina baixada, punha na toalha tracinhos amarelos. O cheiro da cozinha sobrepujava o aroma delicado e perturbador das flores frescas que ornavam as mesas.

Lisstnítzki pediu uma botvínia (*Sopa fria, preparada com kvass, folhas de beterraba e peixe*) gelada; e enquanto ela não vinha, pôs-se, pensativo, a desfolhar uma chaga que tirara do respectivo vaso. Atarchtchíkov enxugava com o lenço a testa suada, de olhos baixos, fatigados, atentos a um reflexo do sol que tremeluzia num pé da mesa próxima.

Ainda eles não tinham acabado de comer, entraram no restaurante dois outros oficiais, falando alto.

Ao procurar com a vista uma mesa livre, o que entrara à frente virou para Lisstnítzki a cara uniformemente tisonada. E um clarão de alegria brilhou-lhe nos olhos pretos e amendoados.

- És tu, Lisstnítzki? - exclamou com segurança, sem a menor hesitação, encaminhando-se para ele.

Sob o bigode preto reluziam-lhe os dentes. Lisstnítzki reconheceu o capitão Kalmfkov, que vinha acompanhado por Tchubov. Vigorosamente apertaram as mãos. Lisstnítzki apresentou Atarchtchíkov aos seus antigos camaradas:

- Que bom vento vos traz por cá?

Cofiando o bigode e olhando à roda, Kalmíkov fez com a cabeça sinal de não poder falar no caso ali:

- É uma missão especial. Depois te conto. Fala-me de ti. Como vai isso no teu regimento?

Saíram juntos os quatro. Kalmíkov e Lisstnítzki, que iam atrás, dobraram à primeira rua lateral. Meia hora depois, tinham abandonado a parte mais animada da cidade, e caminhavam, conversando baixo e lançando em torno olhares circunspectos.

- O nosso 3.º Corpo está actualmente de reserva na frente romena contava Kalmíkov, com animação. Há uns dez dias, o coronel deu-me ordem para abandonar a minha companhia e me colocar à disposição do Estado-Maior da Divisão, com o tenente Tchubov. Assim fiz. Passei o meu comando a outro. Chegámos ao Estado-Maior da Divisão. O coronel M., da secção de operações, que tu conheces, anunciou-me confidencialmente que eu me devia apresentar sem mais delongas ao general Krimov. E aí partimos nós para o Estado-Maior do Corpo de Exército. Krimov recebeu-me, e como sabe que espécie de oficiais lhe mandam, declarou-me sem reservas: «Estão no poder homens que deliberadamente conduzem o país à ruína. É absolutamente necessário mudar os governantes, substituir mesmo o Governo Provisório por uma ditadura militar.» Apontou-me Kornilov como o candidato provável, e em seguida decidiu que eu me dirigisse a Petrogrado, a pôr-me à disposição da Comissão Directiva da União dos Oficiais. Actualmente, cá estamos, agrupados, várias centenas de oficiais seguros. Calcularás em que consiste a nossa incumbência! A Comissão Directiva da União dos Oficiais trabalha em contacto com o nosso Conselho da União dos Exércitos Cossacos, e organiza batalhões de choque nos entroncamentos ferroviários e nas divisões. Tudo isto será útil num futuro próximo.

- Onde iremos nós parar? A ti que te parece?

- Olha que pergunta! Pois é crível que, vivendo aqui, ainda não tenhas compreendido a situação? O governo vai cair, disso não há dúvidas, e Kornilov assumirá o poder. Todo o exército o apoia. Na nossa opinião, só há duas possibilidades: Kornilov ou os bolcheviques. Kerénsski não tem qualquer saída: se não for um, são os outros que o esmagam. Ele que vá dormindo, até lá, na cama da Alice (*Alekssandra Fiodórovna, esposa de Nicolau II, era, originariamente, a princesa Alice de Hesse*). Por pouco tempo será califa.

Calou-se Kalmíkov por um momento, mas logo reatou, pensativo, brincando com o fiador do sabre:

- De facto, o que nós somos é peões de xadrez, e os peões não sabem a que jogadas a mão do jogador os levará... Eu, por exemplo, ignoro em absoluto o que se prepara no

Quartel-General. Sei só que entre os generais Kornilov, Lukómsski, Romanóvsski, Krimov, Denikine, Kalédine, Erdéli, e muitos outros, há uma ligação misteriosa, um acordo...

- Mas o exército... todo o exército apoiará Kornilov? - perguntou Lisstnítzki, estugando o passo.

- Os soldados está claro que não. Nós os arrastaremos.

- Sabes que, apertado pela esquerda, Kerénsski quer exonerar o comandante-chefe?

- Não se atreverá a isso! Seria derrubado no dia seguinte. A Comissão Directiva da União dos Oficiais apresentou-lhe o seu ponto de vista por forma suficientemente categórica.

- Ontem recebeu ele os delegados do Conselho da União dos Exércitos Cossacos - disse Lisstnítzki, sorrindo. - Declararam-lhe eles que os cossacos nem sequer o pensamento admitiam da exoneração de Kornilov. E sabes tu o que ele retorquiou? «São insinuações. O Governo Provisório não pensa em nada disso.» O que ele quer é tranquilizar a opinião pública, ao mesmo tempo que faz tagatés, como uma prostituta, à Comissão Executiva do Soviete.

A caminhar sempre, Kalmíkov tinha tirado de uma algibeira o seu caderno de oficial em campanha. Leu alto:

«A conferência dos homens públicos saúda-vos como chefe supremo do Exército Russo. A conferência declara considerar como criminosa qualquer tentativa susceptível de causar prejuízo à vossa autoridade no exército e na Rússia, e une a sua voz à dos oficiais, dos condecorados com a cruz de São-Jorge e dos cossacos. Nesta hora terrível das difíceis provações, toda a Rússia que pensa vos considera com esperança e confiança. Deus vos ajude na grande obra de reconstituição de um exército poderoso e de salvação da Rússia. Assinado: Rodzianko.» É claro, acho eu. Nem pensar numa exoneração de Kornilov!. . A propósito, viste a chegada dele, ontem?

- Não. Ontem voltei já de noite de Tsárskoiê Sielo.

Kalmíkov sorriu, mostrando uma fiada de dentes iguais e as gengivas sadias. Os olhos amendoados pregueavam-se-lhe numa profusão de ruguinhas delgadas.

- Foi o que era de calcular! Como guarda-de-honra, um esquadrão do Turquestão. Automóveis armados de metralhadoras. E tudo aquilo a caminho do Palácio de Inverno. Um aviso inequívoco. . ah-ah-ah! Devias ter visto aquelas caras, com os seus gorros de pele, que valia bem a pena. Causava uma impressão bastante curiosa.

Depois de uma volta pelo bairro de Moscovo-Narva, os dois oficiais separaram-se.

- Temos de continuar a encontrar-nos, Evguéni - disse Kalmíkov ao despedirem-se. - Estão-se a preparar dias duros. É preciso estarmos firmes, para não caírmos.

E, já Lisstnítzki ia uns passos adiante, gritou-lhe:

- Ia-me esquecendo de te dizer. Merkulov, não sei se estás lembrado... o nosso pintor!

- Que lhe aconteceu?

- Foi morto, em Maio. Não pode ser!

- E de que maneira! Por mero acaso! Não pode imaginar-se morte mais absurda. Uma granada que rebentou nas mãos de um dos nossos batedores. O batedor perdeu apenas um braço, ao passo que de Merkulov se encontrou, por junto, um pedaço de intestino e os restos do binóculo. Durante três anos a morte o tinha poupado...

Kalmíkov disse mais qualquer coisa, mas o vento que de repente soprou, levantando um turbilhão de poeira, não lhe deixou ouvir as palavras. Lisstnítzki fez um gesto com uma das mãos e prosseguiu o seu caminho, olhando de espaço a espaço para trás.

XIII

No dia 6 de Agosto, o general Lukómsski, chefe do Estado-Maior do comandante-chefe do Exército, recebeu por intermédio do general Romanóvsski, primeiro major-general do Quartel General, ordem de concentrar o 3.º Corpo de Cavalaria da Divisão Indígena (*A Divisão Indígena, também chamada Divisão Selvagem, era constituída por montanheses do Cáucaso*), no sector de Nevelh - Novo-Sokólnik - Velíkiê Lúki.

- Nesse sector porquê? Essas unidades fazem parte da reserva da frente romena - disse Lukómsski, admirado.

- Não sei, Alekssandr Serguêievitch. Transmito-lhe exactamente a ordem do comandante-chefe.

- Quando a recebeu?

- Ontem. O comandante-chefe convocou-me para as onze horas da noite e ordenou-me que lha transmitisse hoje de manhã.

Romanóvsski pôs-se a andar de um lado para o outro, silenciosamente, em frente da janela do gabinete de Lukómsski; depois, parou diante de um mapa estratégico da Europa Central, que ocupava metade da parede, examinou-o com fingida atenção, de costas viradas para Lukómsski, e disse-lhe:

- Entenda-se com ele... com certeza o encontra agora.

Lukómsski tomou alguns papéis de cima da secretária, empurrou a cadeira, e dirigiu-se para a porta, no passo ostensivamente firme de todos os militares idosos que começam a engordar. À porta, deixando passar primeiro Romanóvsski, proferiu, seguindo aparentemente os seus pensamentos íntimos:

- Pois claro. Tem razão.

Um coronel alto e desengonçado, que Lukómsski não conhecia, saía precisamente naquele momento do gabinete de Kornilov. Respeitosamente se desviou para lhes dar passagem, e afastou-se, corredor fora, claudicando francamente, e com uma contracção, ao mesmo tempo cómica e desagradável, de um ombro contuso.

Kornilov, um pouco dobrado para diante, com as duas mãos pousadas obliquamente na mesa, dizia a um velho oficial, de pé em frente dele:

- Era de esperar. Compreendeu-me? Peço-lhe que me comunique imediatamente a sua chegada a Pskov. Pode retirar-se.

Esperou que a porta se fechasse atrás do oficial, deixou-se cair na cadeira com um movimento jovem e ágil, e, empurrando outra cadeira para Lukómsski, atirou-lhe:

- Romanóvsski transmitiu-lhe as minhas instruções sobre a transferência do 3.º Corpo?

- Transmitiu. Vinha falar-lhe sobre isso. Porque escolheu como zona de concentração o sector que me indicou?

Lukómsski fitava com atenção a cara bronzeada de Kornilov, impenetrável, impassível, como as caras asiáticas; nas faces, vincos oblíquos, que toda a gente conhecia, desciam-lhe das asas do nariz à boca implacável, sobrepujada por um bigode descaído e ralo. Apenas uma mecha de cabelos, que lhe tombava puerilmente para a testa, lhe contradizia a expressão dura e severa. De cotovelo apoiado na secretária e o queixo na palma de uma mão escorrida, Kornilov franziu os olhos mongóis, que lhe brilhavam, e respondeu, aflorando com as pontas dos dedos da outra mão um joelho de Lukómsski:

- Quero concentrar a cavalaria num sector que não dependa exclusivamente da frente norte, mas do qual ela possa ser transferida com facilidade, caso seja preciso, para as frentes norte ou oeste. Na minha opinião, é o sector que escolhi o que melhor corresponde a esta exigência. Pensa de outro modo, não é verdade?

Lukómsski teve uma vaga encolhedela de ombros.

- Não há nada a reear do lado da frente oeste. Valia mais concentrar a cavalaria no sector de Pskov.

- De Pskov? repetiu Kornilov.

Inclinara o busto todo para diante, de face crispada, avançando ligeiramente o lábio inferior fino e pálido. Abanou a cabeça, em sinal de rejeição da ideia.

- Não! O sector de Pskov não convém.

Com um gesto fatigado, um gesto de homem velho, Lukómsski pousou as mãos nos braços da cadeira, e disse, escolhendo com prudência as palavras:

- Lavr Gueórguievitch, vou transmitir imediatamente as instruções necessárias, mas tenho a impressão de que não me diz tudo... O sector que escolheu para zona de concentração seria muito bom se se pensasse em lançar a cavalaria contra Petrogrado ou contra Moscovo, mas não tem qualquer interesse para a frente do norte, pela simples razão de ser difícil transportar as tropas. Se me não engano, se efectivamente me não diz tudo, peço-lhe que me mande para a frente, ou me comunique inteiramente as intenções que

tem. Um chefe de Estado-Maior só pode manter-se no seu lugar se tiver a confiança total do comandante-chefe.

Kornilov escutava-o com atenção, de cabeça descaída, mas reparando, não obstante, com o seu olhar acerado, nas ligeiras manchas vermelhas, quase imperceptíveis, que a comoção fizera assomar na cara aparentemente fria de Lukómsski. Reflectiu alguns segundos, e replicou:

- Tem razão. Há certas considerações de que eu lhe não falei... Peço-lhe que dê as ordens da transferência da cavalaria e que convoque com urgência o general Krimov, comandante do 3.º Corpo. Em ele voltando de Petrogrado, teremos o senhor e eu, uma conversa minuciosa. Acredite-me, Alekssandr Serguêievitch, que não o deixarei na ignorância seja do que for.

Kornilov acentuou esta última frase. E, como naquele momento batessem à porta, virou-se com vivacidade.

- Entre.

Acompanhado de outro general, baixo e loiro, o general von Vízine, adjunto do comissário junto do Quartel-General, entrou. Lukómsski ergueu-se; ao sair, ouviu Kornilov responder secamente a uma pergunta de von Vízine:

- Não tenho tempo agora de examinar o caso do general Miller. Quê?... Sim, bem sei.

Regressando ao seu gabinete, Lukómsski demorou-se largo tempo à janela, acariciando a ponta grisalha da barba, e olhando, sonhador, como o vento afagava a cabeleira espessa dos castanheiros e fazia ondular a erva vergada, quase transparente ao sol.

Uma hora mais tarde, o Estado-Maior do 3.º Corpo de Cavalaria recebia do chefe do Estado-Maior do comandante-chefe ordem de se preparar para uma operação. No mesmo dia, o general Krimov, comandante do 3.º Corpo, que anteriormente recusara, em conformidade com os desejos de Kornilov, o comando do n.º Exército, era convocado com urgência para o Quartel-General, por telegrama cifrado.

Em 9 de Agosto, escoltado pelo seu esquadrão turquemenos, Kornilov partia em comboio especial para Petrogrado.

No dia seguinte, corria no Quartel-general o rumor de que o comandante-chefe havia sido exonerado, e mesmo preso. Mas a 11, de manhã, Kornilov regressava a Moguilev.

Logo após o regresso, convocou Lukómsski a ir falar com ele. Sem parar de ler os Telegramas e os comunicados, compunha cuidadosamente os punhos irrepreensivelmente brancos da camisa, com os quais lhe contrastavam as mãos esguias, cor de azeitona. Os seus movimentos rápidos e febris traíam nele uma emoção desabitual.

- Podemos agora acabar a nossa conversa do outro dia - disse ele em voz baixa. - Refiro-me às considerações que me levaram a deslocar o 3.º Corpo para Petrogrado, e que então lhe não comuniquéi. Aquando da reunião governamental de 3 de Agosto, em Petrogrado, a que assisti, Kerénsski e Savínkov advertiram-me de que eu não devia aludir aos problemas particularmente importantes da defesa, visto haver, segundo eles, entre os ministros, pessoas pouco seguras. Assim, eu, comandante-chefe, ao fazer o meu relatório ao governo, não posso falar dos planos de operações, por não haver garantia de as minhas palavras não serem conhecidas, passados alguns dias, do comando alemão! Mas é isto um governo? Como posso eu acreditar, depois de uma coisa destas, que ele salve o país? - Kornilov dirigiu-se à porta a passo firme e rápido, fechou-a à chave, tornou até à secretária, e prosseguiu, passeando de um lado para o outro com agitação. - É amargo, é revoltante pensar que o país seja governado por tais moluscos. Ausência *de* vontade, fraqueza de carácter, incapacidade, irresolução, e a maior parte das vezes cobardia pura e simples, eis o que comanda a acção deste «governo», se assim se lhe pode chamar. com a benevolente participação do senhor Tchernov e outros que tais, os bolcheviques deitarão Kerénsski abaixo. . E aí está, Alekssandr Serguêievitch, em que situação a Rússia se encontra. Guiado pelos princípios que o senhor conhece, posso preservar a pátria de novos abalos. Desloco o 3.º Corpo de Cavalaria, essencialmente, para que, em fins de Agosto, esteja concentrado próximo de Petrogrado, e, se os bolcheviques atacarem, acabar, como convém, com esses traidores à pátria. Encarrego o general Krimov da direcção imediata das operações. Estou convencido de que, em caso de necessidade, ele não hesitará em prender todo o Soviete dos Deputados Operários e Soldados. Quanto ao Governo Provisório... depois veremos... Para mim, não quero nada. Salvar a Rússia... salvá-la, custe o que custar!...

Kornilov, que cessara de passear, parou diante de Lukómsski, e perguntou-lhe abruptamente:

- Partilha a minha convicção de que só tais medidas poderão assegurar o futuro do país e do exército? Está disposto a acompanhar-me até ao fim?

Lukómsski ergueu-se e apertou com força, comovidamente, a mão seca e ardente de Kornilov.

- Partilho inteiramente o seu ponto de vista! Acompanhá-lo-ei. É preciso reflectir, sopesar tudo bem, e dar o golpe. Conte comigo, Lavr Gueórguievitch.

- Elaborei um plano, cujos pormenores o coronel Lébedev e o capitão Rojenko estão estudando. O senhor está cheio de trabalho, Alekssandr Alekcêievitch. Confie em mim. Temos tempo ainda de discutir tudo isto, e, se for necessário, de o corrigir.

Uma actividade febril reinou no Quartel-general durante dias. Quotidianamente se apresentavam no Palácio do Governador de Moguilev oficiais tismados, queimados do sol, vestidos de dólmanes de combate poeirentos, vindos de todas as frentes, de todas as unidades, a propor os seus serviços, e elegantes i representantes da União dos Oficiais e da União dos Exércitos Cossacos, mensageiros, vindos do Don, enviados por Kalédine, o primeiro atamane designado (*Os chefes dos exércitos cossacos, designados pelo Governo, eram habitualmente oficiais gerais de origem não cossaca*) de origem cossaca da Região do Exército do Don. Apareciam também alguns civis. Havia entre eles homens que sinceramente pretendiam ajudar Kornilov a reerguer a velha Rússia que caíra em Fevereiro, mas, a par desses, abutres que por antecipação farejavam uma grande sangueira, e que, adivinhando a mão firme que abriria as veias do país, se haviam precipitado para Moguilev, na esperança de algo lhes caber. Os nomes de Dobrínsski, de Zavóito, de Aládine citavam-se com frequência no Quartel-General, como o de pessoas em relações estreitas com o comandante-chefe. No quartel-general e no estado-maior do atamane de campanha (*Em tempo de guerra, cada unidade cossaca tinha a comandá-la um atamane eleito, chamado atamane de campanha*) do Exército do Don, repetia-se que Kornilov era demasiado confiante, e que se deixara rodear de aventureiros. Prevalencia, contudo, na maioria dos oficiais, a convicção de que Kornilov era o porta-estandarte da reedificação da Rússia. E todos os que apaixonadamente desejavam uma restauração acudiam de todos os lados, a colocar-se sob as suas ordens.

Em 13 de Agosto, Kornilov partiu para assistir à Conferência do Estado, em Moscovo.

O dia estava quente, levemente nublado. O céu azulado parecia de alumínio. De uma nuvem a prumo, lanugenta e orlada de um tom lilás, pôs-se a cair sobre os campos, sobre as calhas que o comboio percorria com fragor, sobre a floresta com o seu manto fantástico de folhas mortas, sobre os perfis aguardados das bétulas, sobre todo o solo, com as suas cores de viuvez, a adivinhar o Outono, uma chuva oblíqua, benéfica, cheia de reflexos de arco-íris.

Deixando atrás de si um rasto de fumo arruivado, o comboio galgava o espaço. Numa carruagem, de pé em frente de uma janela aberta, ia um general baixo, de uniforme de campanha, condecorado com várias cruces de São Jorge. Franzindo os olhos amendoados, pretos como o carvão, deitou a cabeça de fora. Gotas de chuva tépida molharam-lhe abundantemente a cara tismada e o bigode preto descaído, e o vento atirou-lhe para trás a mecha pueril que lhe tombava para a testa.

XIV

Na véspera da chegada de Kornilov a Moscovo, havia ali chegado o capitão Lisstnítzki, encarregado pelo Conselho da União dos Exércitos Cossacos de uma missão de particular importância. Ao entregar um sobrescrito no estado-maior do regimento cossaco de Moscovo, soube que Kornilov era esperado no dia seguinte.

Ao meio-dia, Lisstnítzki lá estava na estação de Alekssandróvski. Uma densa massa humana, sobretudo de militares, enchia a sala de espera e os bufetes da primeira e da segunda classes. A guarda-de-honra, constituída por cadetes do Instituto Militar de Alekssandróvski, estava formada no cais; perto do viaduto, estava o Batalhão Feminino da Morte (*Era um dos numerosos batalhões de choque criados naquela época, e compostos unicamente de voluntários. Em fins de Outubro havia quarenta e três batalhões destes, bem como outros inteiramente compostos de cavaleiros de São Jorge*) da região de Moscovo. Cerca das três horas, surgiu o comboio. De súbito, todas as conversas se calaram. Ruidosamente uma música irrompeu, encheu o espaço, e passos múltiplos soaram no solo. A multidão desordenada arrastou Lisstnítzki, envolveu-o, atirou com ele para o cais. Ao libertar-se finalmente dela, reparou nos turquemenos alinhados em dupla fila em frente da carruagem do comandante-chefe. Os capotes deles, de um vermelho-vivo, reflectiam-se, às ondas, no verniz das carruagens. Acompanhado por vários oficiais, Kornilov apeou-se e passou em revista a guarda-de-honra e as delegações da União das Cruzes de São Jorge, da União dos Oficiais do Exército e da Marinha, e do Conselho da União dos Exércitos Cossacos.

Entre as pessoas importantes que se apresentaram ao generalíssimo, Lisstnítzki reconheceu Kalédine, o atamane do Don, e o general Zaiontchkóvski: os nomes dos outros ouviu-os ele a oficiais que o cercavam, e os iam dizendo servilmente, em voz respeitosa:

Kissliakov, ministro adjunto das Vias de Comunicação.

Rudnev, governador de Moscovo.

O príncipe Trubetzkói, chefe da chancelaria diplomática do Quartel-General.

Mussine-Púchkine, membro do Conselho de Estado.

O coronel Cailleaux, adido militar francês.

O príncipe Galítzine.

O príncipe Manssírev.

As damas elegantes que se amontoavam ao longo do cais cobriam de flores Kornilov, que avançava. Uma flor cor-de-rosa prendeu-se-lhe nas agulhetas da farda. com um gesto indeciso, um pouco contrafeito, Kornilov sacudiu-a. Um velho cossaco barbudo do Ural, começou gaguejando, um discurso, em nome dos doze exércitos cossacos. Lisstnítzki não conseguiu ouvir-lhe o fim, porque o empurraram contra uma parede, por pouco lhe não arrancando a correia de suspensão do sabre. Depois do discurso de Rodítchev, membro da Duma do Estado, Kornilov reatou o seu caminho, apertado no meio da multidão. Vários oficiais, dando as mãos uns aos outros, formaram uma cadeia protectora, mas foram levados de vencida. Dezenas de mãos estendiam-se para Kornilov. Uma senhora gorda, esguedelhada, que o não desamparava, tentava beijar-lhe a manga da farda verde-clara. À saída do cais, por entre um barulho ensurdecedor de gritos de boas-vindas, Kornilov foi erguido do chão e levado em triunfo. com um brusco movimento de um ombro, Lisstnítzki afastou um senhor importante e conseguiu agarrar uma das botas de polimento de Kornilov, que lhe luzia em frente dos olhos, e dextramente lhe meteu o ombro por sob a perna. Não lhe sentia o peso, sufocado pela comoção, esforçando-se apenas por manter o equilíbrio e o passo certo, avançando arrastado lentamente pela multidão, atordoado pela gritaria das pessoas e pelo som da música. Fora da estação, endireitou rapidamente a camisa, que na barafunda se lhe enrodilhara. Descidos uns degraus, estava na praça. Viu diante a multidão, as fileiras verdes das tropas, um esquadrão de cavalaria cossaca. De mão na pala do boné, piscando os olhos húmidos, Lisstnítzki tentava em vão dominar a tremura incoercível dos lábios. Mais tarde, recordar-se-ia dos estalidos das máquinas fotográficas, da loucura da multidão, das paradas dos alunos das escolas militares e do generalzinho de face mongol, muito direito, esbelto, a vê-los desfilar.

No dia seguinte, Lisstnítzki regressou a Petrogrado. Estendido na cama superior, com o capote por cima, pôs-se a fumar, pensando em Kornilov:

«Com risco da própria vida, evadiu-se do cativeiro, como se soubesse que a pátria tinha necessidade dele. Que face! Talhada em pedra, sem um traço supérfluo ou comum... O mesmo, quanto ao carácter. Tudo nele é claro e meditado. No momento preciso conduzir-nos-á. É estranho, mas nem sequer sei o que ele é politicamente. Será monárquico? Uma monarquia constitucional... Se todos nós estivéssemos tão seguros dele como ele próprio!»

Mais ou menos à mesma hora, em Moscovo, num corredor do Grande Teatro, durante um intervalo da sessão da Conferência de Estado, dois generais, um delgado, de

tipo mongol, e o outro forte, de cabeça solidamente implantada entre os ombros, cabelo em escova e orelhas coladas ao crânio, que se tinham afastado dos outros, passeavam de um lado para o outro numa estreita faixa do pavimento, conversando a meia-voz

- Esse parágrafo da declaração prevê a supressão das comissões nas unidades do exército?

- Prevê.

- A frente única, a coesão são absolutamente forçosas. Sem a aplicação das medidas que eu indiquei, não há salvação possível. O exército está organicamente incapacitado de se bater. Tal como está, não só não conquistará qualquer vitória, como não será capaz de aguentar uma pressão por pouco séria que seja. As unidades estão corrompidas pela propaganda bolchevique. E aqui, na retaguarda? É ver como os operários reagem a qualquer tentativa de os meter na ordem: greves e manifestações. Os membros da Conferência obrigados a andar a pé!... Que vergonha! O nosso papel imediato é conseguir a militarização da retaguarda, a instituição de castigos severos, a exterminação impiedosa de todos os bolcheviques, fautores de paralisação. Posso, a partir de agora, contar com o seu apoio, Aleksei Makímovitch?

- Estou a seu lado, sem reservas.

- Tenho a certeza disso. Como vê, é preciso agir com decisão e firmeza, ao passo que o governo se contenta com frases sonoras deste teor: «Pelo ferro à custa de sangue, esmagaremos qualquer tentativa dos que, como nos dias de Julho, atentaram contra o poder do povo.» Não. O nosso hábito é agir primeiro e falar depois. Eles fazem o contrário. Pois bem... está próximo o tempo em que eles recolham os frutos da sua política de meias medidas. Não estou disposto a participar deste jogo desonesto. Fui sempre e continuo a ser partidário da luta franca; a tagarelice não é própria do meu carácter.

O generalzinho havia parado, torcendo um botão do dólman do interlocutor; em seguida reatou, gaguejando levemente, de comovido:

- Desaçaimaram a sua democracia revolucionária, e agora, com medo dela, suplicam-nos que tiremos da frente unidades seguras, para as colocarmos próximas da capital, e simultaneamente, por complacência para com essa democracia, não se atrevem a empreender a mínima acção efectiva. A cada passo que dão para diante, dão outro para trás... Só pela consolidação total das nossas forças, por uma moral muito forte, é que conseguiremos arrancar concessões ao governo. Ou então... pois bem, veremos! Não hesitarei em desguarnecer a frente de batalha, a fim de os alemães lhes darem uma boa lição.

- Falámos com Dutov. Os cossacos dão-lhe o apoio necessário, Lavr Gueórguievitch. Resta-nos apenas examinar a questão da coordenação das nossas acções futuras.

- Depois da sessão, espero-o no meu gabinete com os outros. Qual é o estado de espírito das suas tropas, no Don?

O general forte apoiou o queixo quadrado, bem escanhado, contra o peito, e olhou tristemente em frente, com ar duvidoso. Respondeu, e, enquanto o fazia, as comissuras dos lábios tremiam-lhe sob a bigodaça:

- Já não tenho a mesma confiança de antigamente nos cossacos... E, seja como for, é difícil apreciar o estado de espírito deles. É necessário um acordo. Os cossacos terão que fazer algumas concessões aos colonos de outras regiões. Estamos a tomar medidas para o conseguir, mas não respondo pelo êxito. Receio que o conflito de interesses entre uns e outros provoque uma ruptura... terra... É em volta dela que os pensamentos de uns e de outros giram.

- É forçoso pôr à sua disposição unidades cossacas de confiança, para obviar a toda a casta de acidentes internos. Quando eu voltar ao Quartel-General, falarei no caso a Lukómsski. Por certo acharemos maneira de enviar para a frente alguns regimentos do Don.

- Muito reconhecido eu lhe ficaria.

- Falaremos, pois, hoje, da coordenação das acções futuras. Creio firmemente no triunfo do nosso projecto. Mas a sorte é pérfida, general... Se, contra o que penso, ela me virar as costas, posso esperar que me dê asilo nas suas terras do Don?

- Não só asilo, como protecção. Os cossacos têm uma reputação antiga de hospitalidade.

E, pela primeira vez desde o começo da conversa, Kalédine, atamane do Don, teve um sorriso que lhe varreu do olhar desconfiado a fadiga que o toldava.

Uma hora mais tarde, lia ele, perante a Conferência, a «Declaração dos Doze Exércitos Cossacos».

A partir daquele dia, no Don, no Kúbano, no Téreke, no Ural, no Ussúri, em todas as regiões cossacas, de fronteira a fronteira, de stanitsa a stanitsa, se começou a tecer a teia de aranha negra da grande conspiração

XV

A uma verstá de distância das ruínas de uma aldeola destruída pela artilharia por ocasião dos combates de Junho, à beira de um bosque, as trincheiras zigzagueavam caprichosamente. Um esquadrão cossaco especial ocupava o sector à orla do bosque.

Por trás de um aglomerado verde de álamos e de bétulas novas, um jazigo de turfa, explorado durante algum tempo antes da guerra, punha uma mancha cor de ferrugem. Uns pilriteiros exibiam com alacridade as suas bagas vermelhas. À direita, por trás de um grupo saliente de árvores, passava uma estrada esburacada pelas granadas; na orla do bosque, viam-se ervas daninhas, miserandas, rasgadas pelas balas, tocos de árvores carbonizados, e a lama amarela dos parapeitos; em todas as direcções, as brechas das trincheiras corriam através dos campos nus. À retaguarda, o jazigo de turfa, ainda com marcas do trabalho, e a própria estrada destruída cheiravam a vida, a actividade suspensa; mas à orla do bosque, o terreno apresentava aos olhos humanos um quadro triste e desolado.

Naquele dia, Ivane Alekcêievitch, o antigo mecânico do moinho de Mokhov, tinha ido à povoação próxima, onde se encontravam os serviços do primeiro destacamento, e só voltou à noite. Ia ele a recolher-se ao abrigo, topou com Zakhar Koroliov, que vinha em sentido oposto, espetando com o sabre os sacos de terra, agitando os braços numa dobadoira, quase correndo. Ivane Alekcêievitch afastou-se para o deixar passar, mas Zakhar agarrou-lhe um botão do dólman e segredou-lhe, rebolando os olhos de um amarelo doentio:

- Já sabes? A infantaria, à nossa direita, vai-se embora. São capazes de ir abandonar a frente.

A barba de Zakhar, que lembrava um metal negro, estava desgrenhada, e os olhos exprimiam-lhe avidez, ansiedade, angústia.

- Quê? Abandonam a frente?

- Que se vão embora, vão. Porquê é que eu não sei.

- Talvez vão ser substituídos. Vamos perguntar isso ao comandante do pelotão.

Zakhar voltou para trás e dirigiu-se para o abrigo do comandante do pelotão, escorregando no chão húmido e lamacento.

Uma hora depois, o esquadrão, rendido por infantaria do Exército, alcançava a aldeola. No outro dia de manhã, os cossacos reapossavam-se dos seus cavalos e partiram para a retaguarda, a marchas forçadas.

Uma chuva começava a cair. As bétulas vergavam-se tristemente. A estrada metia por um bosque. Ao sentirem a humidade e o acre e melancólico cheiro das folhas velhas do ano anterior, os cavalos resfolegaram e romperam a avançar com mais vivacidade. As pérolas róseas das dafnes molhadas brilhavam nas moitas, as flores alvas do trevo, lavadas pela chuva, eram de um brilho luminoso. O vento fazia tombar pesadamente gotas grossas de água sobre os cavaleiros. Os capotes e os bonés, como crivados de chumbo de caça, negrejavam. O fumo do tabaco ordinário flutuava por sobre as fileiras.

- O diabo sabe para onde nos levam.
- Se calhar, divertias-te nas trincheiras!
- Seja como for, para onde nos levarão?
- Uma transferência qualquer.
- Não tem o ar disso.
- Dá mais uma cigarrada, e adeus desgosto.
- Eu o desgosto levo-o na sacola...
- Meu capitão, pode-se cantar uma cantiga?
- Pode, pois!... Começa tu, Arkhip.

Um qualquer de uma das primeiras filas pigarreou e principiou:

Findo o serviço, os cossacos voltavam.

De dragonas nos ombros, e cruzes ao peito.

Vozes roucas entraram molemente, mas logo se calaram. Zakhar Koroliiov, que ia ao lado de Ivane Alekcêievitch, empinou-se nos estribos e gritou em tom de troça:

- Eh, súcia de velhos ceguinhos! É assim que vocês cantam lá na terra? Para o que vocês servem é para lamuriar à porta de uma igreja, de mão estendida à caridade. Raio de cantores estes!...

- Canta lá tu, então!
- O pescoço dele é curto de mais; não lhe chega para a voz.
- Estavas com prosápias, e agora calas-te!

Koroliiov apanhou com uma das mãos a barba negra e piolhenta, cerrou por um momento os olhos, agitou com violência as rédeas, e lançou:

Alegrai-vos, valentes cossacos do Don...

Literalmente sacudido por aquele apelo, o esquadrão berrou:

Trazeis honra e glória!

E o canto ergueu-se por sobre as árvores molhadas e a estrada:

Mostrai a todos os vossos amigos

Como o inimigo sabemos bater!

Batemo-lo sem romper as fileiras.

Sempre obedecendo à voz do comando.

Onde o pai-comandante nos manda que vamos

Aí nos batemos, com os sabres e as lanças!

Todo o caminho o percorreram cantando, felizes de se terem retirado do «cemitério dos lobos». Nessa mesma tarde tomaram um comboio que partiu em direcção a Pskov. Na terceira paragem que tiveram, souberam que o esquadrão, com as outras unidades do 3.º Corpo, se dirigia para Petrogrado, para reprimir os motins que haviam começado. Tal notícia pôs ponto nas conversas. Por largo espaço, um silêncio sonolento pairou no interior dos vagon vermelhos.

- Cáímos do fogo no lume! - disse o trangalhadaças de Borchtchov, exprimindo o pensamento da maioria.

Na paragem seguinte, Ivane Alekcêievitch, que era, desde Fevereiro, o presidente permanente da comissão do esquadrão, procurou o respectivo comandante.

- Os cossacos estão inquietos, meu capitão.

O capitão olhou demoradamente a covinha funda do queixo de Ivane Alekcêievitch, e replicou-lhe, sorrindo:

- Inquieto também eu o estou, meu caro.

- Para onde nos levam?

- Para Petrogrado.

- Para reprimir os motins?

- Pensavas, se calhar, que para participar deles!

- Nós não queremos nem uma coisa nem outra.

- Mas, precisamente, ninguém nos pergunta o que nós queremos.

- Os cossacos...

- Os cossacos quê? - interrompeu-o o capitão, irritado. - Eu sei muito bem o que os cossacos pensam. Julgas que esta missão me é agradável? Aqui tens isto, para leres ao esquadrão. Na próxima paragem, falarei aos homens.

O capitão estendeu-lhe um telegrama, e pôs-se a mastigar com visível repugnância, fazendo uma careta, uns pedaços de carne de conserva, cobertos de bolinhas de gordura.

Tornou Ivane Alekcêievitch para o seu vagom, de telegrama na mão, a escaldá-la como uma brasa.

- Chamem os homens dos outros vagons.

Já o comboio ia em andamento, continuavam ainda alguns cossacos a subir para o vagom dele. Juntaram-se uns trinta.

- O capitão recebeu um telegrama. Li-o agora mesmo.

- Que é que ele diz? Lê-o lá!

- Lê, não te demores.

- É o armistício?

- Calem-se!

No meio de um silêncio absoluto, Ivane Alekcêievitch leu em voz alta o apelo do generalíssimo Kornilov. Depois, a folha de papel, com as palavras aglomeradas pelo telégrafo, passou de mão em mão.

«Eu, general Kornilov, comandante supremo, declaro perante o povo inteiro que o meu dever de soldado, a minha abnegação de cidadão da livre Rússia e o meu amor patriótico sem reservas me obrigaram, nestes momentos graves da existência da pátria, a não me submeter às ordens do Governo Provisório e a manter o comando supremo do Exército e da Marinha. Apoiado nesta decisão por todos os comandantes das frentes, declaro a todo o povo russo que prefiro a morte à destituição do meu posto de comandante supremo. Um verdadeiro filho do povo russo cai no seu posto e sacrifica à pátria o que mais precioso tem, a vida.

Nestes momentos verdadeiramente terríveis da história da pátria, com o caminho das duas capitais por assim dizer aberto a um movimento vitorioso do inimigo, o Governo Provisório, esquecendo inclusivamente o grande problema da existência independente do país, agita perante o povo o espectro terrífico da contra-revolução, que ele próprio fomenta, pela sua incapacidade de governar, a sua fraqueza no poder, a sua irresolução na acção.

Não sou eu, autêntico filho do meu povo, que, conforme todos sabem, consagrei a minha vida inteira a servi-lo sem reservas, não sou eu quem deixará de defender as grandes liberdades do grande futuro do meu povo. Agora, porém, esse futuro está em mãos fracas e sem vontade. O inimigo arrogante, usando da corrupção e da traição manda na nossa terra como se fosse sua, e ameaça não só a liberdade, mas a própria existência do povo russo. Despertaí, homens da Rússia, e mergulhai os olhos no abismo sem fundo para que a nossa pátria está a ser irresistivelmente arrastada.

A fim de impedir qualquer espécie de alterações, de evitar qualquer efusão de sangue russo, qualquer guerra interna, esquecendo as injúrias e as ofensas, dirijo-me, perante o povo todo, ao Governo Provisório, para lhe dizer que venha ele ao Quartel-General, onde a sua liberdade e a sua segurança serão garantidas pela minha palavra de honra, para trabalhar comigo numa organização da defesa nacional que, assegurando a liberdade, possa conduzir o povo russo a um grande futuro, digno de um poderoso povo livre

General Kornilov».

O comboio parou na estação seguinte. Enquanto esperavam que ele voltasse a partir, os cossacos, agrupados junto dos vagon, discutiam o telegrama de Kornilov, e outro de Kerénski que o capitão lhes viera ler, em que se declarava Kornilov traidor e contra-revolucionário. Sentiam-se desorientados. Por seu lado, o comandante do esquadrão e os oficiais comandantes dos pelotões não sabiam que pensar.

- Tudo se me baralha na cabeça - queixava-se Martine Chamil. - Vá lá perceber-se qual dos dois é o traidor!

- Descompõem-se uns aos outros, e o exército é que paga.

- Que mais hão-de eles inventar?

- Todos querem é o penacho.

- Bulham os grandes e quem se trama são os cossacos.

- Isto anda tudo sem rei nem roque... É uma desgraça!

Um grupo de homens foi ter com Ivane Alekcêievitch e exigiu-lhe:

- Vai falar com o capitão, para sabermos o que havemos de fazer.

Foram dali todos direitos à carruagem do comandante do esquadrão. Os oficiais estavam reunidos, a deliberar, Ivane Alekcêievitch entrou.

- Meu capitão, os homens perguntam o que se vai passar.

- Eu vou já lá.

O esquadrão esperava, aglomerado junto do primeiro vagom. O capitão penetrou na multidão, abriu caminho até ao meio, e levantou uma das mãos.

- Nós não estamos sob as ordens de Kerénsski, mas sob as do comandante-chefe e dos nossos chefes imediatos. É assim, ou não? Devemos, portanto, cumprir sem protesto a ordem dos nossos superiores e prosseguir até Petrogrado. O que podemos é, uma vez chegados à estação de Dnô, esclarecer a situação com o comandante da 1.^a Divisão do Don. Depois, veremos. Peço aos cossacos que não percam a cabeça. Temos que pensar na época em que vivemos!

Falou ainda, demoradamente, do dever militar, da pátria, da revolução, esforçando-se por tranquilizar os homens, e respondendo evasivamente às perguntas deles. E assim alcançou o que queria: enquanto ele perorava, engatou-se uma locomotiva ao comboio. Os cossacos é que ficaram sem saber que dois oficiais do esquadrão, ameaçando o chefe da estação com as suas armas, haviam conseguido antecipar a partida; e nessa ignorância subiram para os vagons.

Um dia inteiro o comboio se arrastou em direcção a Dnô. Mais uma vez parou durante a noite e foi desviado para uma via de resguardo, para deixar passar os comboios de cossacos do Ussúri e do Regimento do Daguestão. Os vagons do Regimento do Daguestão passaram, de luzes todas acesas, na escuridão opalina da noite. Ouviam-se o ruído das vozes guturais, o gemido da zurná (*Instrumento de sopro, usado no Cáucaso e na Ásia Central*), melodias exóticas.

Era meia-noite quando o esquadrão reatou a viagem. A locomotiva pouco potente havia muito tempo que estava postada ao lado do depósito da água, sob a luz turva da lanterna. O maquinista, fumando, olhava pela sua janela, como se esperasse o que quer que fosse. Um dos cossacos do primeiro vagom, inclinou-se todo para fora e gritou:

- Eh lá! Ou arrancas, ou apanhas um tiro.

O maquinista cuspiu o cigarro, sem responder, seguindo-lhe a trajectória curva, tossicou, e ripostou por fim:

- Vocês não podem dar tiros em toda a gente: E virou-lhe as costas.

Passados alguns minutos, a locomotiva deu um esticão aos vagons, que entrechocaram; e os cavalos, aos quais a sacudidela fizera perder o equilíbrio, percutiram os pavimentos com os cascos. O comboio passou por diante do depósito da água, dos raros rectângulos de luz das janelas iluminadas e das moitas escuras das bétulas. Depois de terem dado a ração aos cavalos, os cossacos haviam adormecido; apenas um ou outro se mantinha acordado, fumando à beira das portas entreabertas, olhando o céu majestoso, pensando na sua vida.

Ivane Alekcêievitch, que estava deitado ao lado de Koroliov, olhava através da nesga da porta as estrelas dispersas deslizando.

Após ter reflectido todo o dia, havia tomado a decisão de, a todo o custo, impedir o esquadrão de prosseguir até Petrogrado; deitado ao lado de Koroliov, cogitava na maneira de convencer os cossacos a agir conforme lhes parecesse.

Já antes da declaração de Kornilov, ele tivera a clara consciência de que os cossacos não o deviam seguir, e o instinto dizia-lhe que também nada tinham a ganhar em defender Kerénsski; à força de dar voltas à cabeça, chegara a esta conclusão: que não devia deixar chegar o esquadrão a Petrogrado, e, se ele tivesse de se bater, que fosse contra Kornilov, embora não em favor de Kerénsski e do seu governo, mas sim do que a ele se seguisse. Que o governo que desejava se sucederia ao de Kerénsski era para ele mais que certo. Durante o Verão tinha ido a Petrogrado, à secção militar da Comissão Executiva do Soviete, enviado pelo esquadrão, por virtude de um conflito entre os soldados e o capitão; tinha observado o trabalho da Comissão, conversado com camaradas bolcheviques, e dissera de si para consigo: «Em este esqueleto estando coberto de carne operária, será ele o verdadeiro governo. Mesmo que isto te custe a vida, Ivane, agarra-te a ele, agarra-te como uma criança às mamas da mãe!»

Deitado em cima de uma manta, evocava naquela noite, mais do que de costume, com uma paixão que nunca sentira por mais ninguém, o homem sob a orientação do qual havia encontrado o seu duro rumo. Meditando no que devia dizer aos cossacos, recordava as opiniões de Chtókman a respeito deles e repetia-as, como quem bate num prego: «O povo cossaco é essencialmente conservador. Quando quiseses convencer os cossacos da justeza das ideias bolcheviques, não te esqueças, age com prudência, reflecte, adapta-te cuidadosamente às circunstâncias. A princípio, reagirão como Michka Kochevói contra ti, e como tu próprio havias reagido contra mim, mas não desanimes, cava o teu buraco obstinadamente, e o triunfo será nosso.»

Ivane Alekcêievitch estava convencido de que o seu esforço para convencer os cossacos a não seguirem Kornilov esbarraria em certas objecções da parte deles, mas no dia seguinte, mal começou com cuidado a dizer no vagom que se devia exigir o regresso à frente de batalha, de preferência a irem bater-se contra irmãos em Petrogrado, os cossacos aquiesceram logo, decidindo com entusiasmo recusarem-se a prosseguir a viagem. Zahkar Koroliov e um cossaco da stanitsa de Tchernichévsskaia, Turíline, eram os cúmplices mais activos de Ivane Alekcêievitch. Todo o dia, indo de vagom em vagom, eles falaram aos homens, e um pouco antes da noite, num momento em que o comboio afrouxava o

andamento ao passar por uma estaçõzinha, Pchenítchnikov, o sargento do terceiro pelotão, precipitou-se para o vagom de Ivane Alekcêievitch.

- O esquadrão desce na próxima estação! - bradou-lhe ele, numa agitação enorme. - De que te serve seres o presidente da Comissão, se não sabes o que os cossacos querem! Já chega de sermos parvos! Não vamos mais longe. Os oficiais põem-nos a corda ao pescoço, e tu ficas na mesma! Foi para isto que te elegeram? E ainda por cima te pões a rir?

- Há muito tempo que tu devias ter dito isso - retorquiui-lhe Ivane Alekcêievitch, sorrindo.

Quando o comboio voltou a parar, foi ele o primeiro a saltar do vagom. Acompanhado de Turfline, dirigiu-se ao chefe da estação:

- Escusas de pensar na continuação da viagem. Nós saímos aqui.

- Como é lá isso? - atirou o chefe da estação, atrapalhado. - Eu tenho instruções... uma ordem de marcha ..

- Cala o bico! - interrompeu-o asperamente Turfline. - Puseram-se à procura da Comissão da estação, e, quando a encontraram, explicaram o caso ao presidente, um telegrafista alto e ruivo; alguns minutos depois, o maquinista arrumava, solícito, o comboio numa via de resguardo.

Apressaram-se os cossacos a colocar as pranchas e a apear os cavalos. Ivane Alekcêievitch estava de pé, ao lado da locomotiva, de pernas abertas, limpando o suor da sua cara sorridente. Lívido, o comandante do esquadrão acercou-se dele.

- Que estás tu a fazer?... Tu sabes que...

- Pois sei! - interrompeu-o Ivane Alekcêievitch. - E tu, capitão, caladinho! - E empalidecendo, de narinas arfando, acrescentou sem papas na língua: - Já gritaste o que tinhas a gritar, rapaz! Agora, é a nossa vez. São assim as coisas!

- O general Kornilov... - gaguejou o capitão, coradíssimo.

Mas Ivane Alekcêievitch, fixando os olhos nas botas gastas, profundamente enterradas na areia friável, fez um gesto despiciente com uma mão e aconselhou-o:

- Pendura-o ao pescoço como medalha, que nós não o queremos para nada.

O capitão deu meia volta sobre os calcanhares e abalou a correr para a sua carruagem.

Uma hora mais tarde, sem nenhum oficial, mas em perfeita formação de combate, o esquadrão abandonava a estação a caminho do sudoeste. Ivane Alekcêievitch assumira o comando e ia no pelotão da frente, ao lado dos metralhadores, com o seu ajudante, o pequeno Turfline.

Orientando-se a custo por um mapa tirado ao capitão, os cossacos alcançaram a aldeia de Goréloiê, onde decidiram passar a noite. Ao fim de uma discussão colectiva, tomaram a decisão de voltar para a frente de batalha, e, no caso de lhes pretenderem travar o passo, de se baterem.

Pearam os cavalos, postaram sentinelas, e deitaram-se para dormir. Não acenderam qualquer lume. O moral da maior parte deles era baixo, de modo que se deitaram sem as conversas e os gracejos habituais, cada qual dissimulando o seu pensamento.

«Que acontecerá se eles se arrependerem e decidirem tornar para trás?» disse para consigo Ivane Alekcêievitch, com alguma inquietação, enrolando-se no capote.

Como se lhe tivesse adivinhado a apreensão, Turíline acercou-se dele:

- Estás a dormir, Ivane?

- Ainda não.

Turíline sentou-se-lhe aos pés, de cigarro luzindo, e sussurrou:

- Os homens estão desassossegados... Tomaram uma decisão, e agora temem-na. Não achas... que fomos um pedaço longe de mais? Ha?

- Depois se verá - respondeu Ivane Alekcêievitch. - Tu, ao menos, não tens medo?

Turíline coçou a nuca abaixo do boné, e sorriu de esguelha.

- Para falar com franqueza, sossegado não estou... A princípio, senti-me forte, mas não tardou que me assustasse.

- É na altura de pagar que o avarento se mostra. Que queres tu, Ivane? Quem tem a força são eles.

Um bocado se conservaram sem falar. Na aldeia extinguíam-se as luzes. Uns patos grasnavam algures, nas angras dos pântanos marginados de salgueiros, a perder de vista.

- Olha uma patal disse Turíline, pensativo, para logo de novo se calar.

O silêncio brando e caricioso da noite pesava sobre o prado. O orvalho cobria a erva. Um vento leve soprava para o acampamento cossaco os cheiros misturados das plantas dos pântanos, de junco podre, do solo lamacento, da erva molhada. De espaço a espaço, uma peia metálica tinia, ou o barulho da queda de um cavalo, que se atirava para o chão, a relinchar e a rebolar-se na erva. Depois, novamente um silêncio dormiente pesava, ou ouvia-se o apelo de um pato selvagem, ao longe, muito ao longe, quase imperceptível, e mais perto a resposta da fêmea. Nas trevas, soava um rumor potente, precipitado, de asas invisíveis. Era a noite. Era o silêncio. Era a humidade brumosa dos prados. A oeste, na base do céu, uma massa de nuvens violáceas parecia fermentar. E por sobre a velha região de Pskov, ao alto, como uma advertência incessante, como uma estrada larga e luzente, a

Estrada de Bati (*A Via Láctea, ou Estrada de Santiago. O Khan Bati chefiava as bordas tártaras que invadiram a Rússia no século XIII*).

O esquadrão retomou a marcha ao alvorecer, e atravessou a aldeia de Goréloiê; demoradamente, as mulheres e as crianças que saíam com as vacas para os pastos o seguiram com o olhar. Ao cimo de uma colina, que o sol nascente banhava de cor de tijolo, Turíline, que se havia virado para trás, tocou com o pé o estribo de Ivane Alekcêievitch.

- Repara naqueles cavaleiros que vêm atrás de nós... Envolto num manto de poeira, três cavaleiros haviam ultrapassado a aldeia e acercavam-se a galope.

- Esqua-drão! Alto! - comandou Ivane Alekcêievitch.

Com a rapidez habitual, os cossacos pararam, em forma de quadrado cinzento. A um pouco mais de meia verstá, os cavaleiros meteram a trote. Um deles, um oficial cossaco, tirou um lenço de um bolso e agitou-o acima da cabeça. Os cossacos não despegavam os olhos dos advenientes. O oficial que vinha à frente trazia uniforme de campanha, e os dois outros, que guardavam certa distância dele, envergavam tcherkesskas.

- De que se trata? - inquiriu Ivane Alekcêievitch, avançando-lhes ao encontro.

- Vimos negociar - replicou o oficial, fazendo continência. - Quem tomou o comando do esquadrão?

- Fui eu.

- Trago plenos poderes da 1ª Divisão dos Cossacos do Don, e estes senhores, que me acompanham, representam a Divisão Indígena. - Com os olhos designou os dois montanheses, esticou as rédeas do cavalo e acariciou-lhe o pescoço molhado e reluzente de espuma. - Se quer negociar, mande apeiar o esquadrão. Tenho instruções orais do major-general Grekov, comandante da Divisão, a transmitir-lhes.

Apearam-se os cossacos. Os delegados apearam-se por seu turno, mergulharam por entre os cossacos, e estacaram a meio. O esquadrão arredou-se um pouco, formando em redor deles um círculo.

Foi o oficial cossaco o primeiro a falar:

- Cossacos! Estamos aqui para vos convidar a reflectir e para evitar as ruins consequências do vosso acto. O Estado-Maior da Divisão soube ontem que, por virtude de uma propaganda criminosa, os senhores abandonaram, por decisão própria, o comboio em que iam, e mandou-nos aqui para lhes transmitir a ordem de regressarem sem demora à estação de Dnô. As tropas da Divisão Indígena e outras unidades de cavalaria ocuparam ontem Petrogrado; acabámos de receber o telegrama com a notícia. A nossa guarda-avanzada entrou na capital, ocupou os edifícios governamentais, os bancos, o telégrafo, as centrais telefónicas, e todos os locais de importância. O Governo Provisório está em fuga e

considerado como deposto. Reflitam, compatriotas. O caminho por que tomaram é o da perdição! Se não quiserem submeter-se à ordem do general comandante da divisão, serão mandadas forças armadas contra os senhores. O vosso acto é considerado como uma traição, como uma recusa de execução de uma ordem de combate. Só a submissão total poderá impedir uma efusão de sangue fraterno.

Ao aparecimento dos delegados, Ivane Alekcêievitch, em vista do estado de espírito dos cossacos, havia compreendido a necessidade de entabular negociações, porque uma pura recusa de negociar acarretaria por força consequências negativas. Por isso, após um instante de reflexão e um consequente sinal a Turíline, ele havia mandado apegar os cossacos, e se aproximara dos delegados. Durante a alocação do oficial, os cossacos mantiveram-se carrancudos, de cabeça baixa, e alguns murmurando entre si. Zakhar Koroliou sorria de viés, de barba preta caída sobre a camisa, como um jacto de metal; Borchtchov brincava com o chicote e olhava de soslaio; Martine Chamil acariciava as bochechas com uma mão suja, piscando os olhos; atrás dele, via-se a face amarela e simplória de Bagrov; o metralhador Krássnikov, pregueava as pálpebras, em ar de expectativa; Turíline respirava ruidosamente; Obnízov, de cara toda sardenta e de boné atirado para trás, sacudia a cabeça ornada da sua longa poupa, como um toiro a esquivar-se ao jugo; o segundo pelotão inteiro mostrava-se cabisbaixo, como se rezasse; os homens mantinham-se calados, respirando ruidosamente e a custo, com a perturbação, como uma vaga, percorrendo-lhes as faces...

Ivane Alekcêievitch percebeu que chegara o momento crítico: uns minutos mais, e o oficial bem-falante virava-lhe o esquadrão do avesso. Era preciso, custasse o que custasse, desfazer a impressão causada pelas palavras dele, abalar a resolução, ainda inexpressa, mas já formada no espírito dos cossacos. Levantou um braço, e passou sobre a multidão os olhos esbugalhados, estranhamente brancos.

- Rapazes! Esperem um bocado! - E, dirigindo-se ao oficial: - Traz o telegrama consigo?

- Qual telegrama? - obtemperou o oficial.

- O que diz que Petrogrado foi tomado.

- O telegrama?... Não. O telegrama para quê?

- Ah, não o traz!...

Como um só homem, o esquadrão emitiu um suspiro de alívio. Muitos dos cossacos ergueram a cabeça e viraram para Ivane Alekcêievitch os olhos esperançados. Este gritava com a sua voz rouca, reencontrada a sua malícia, a sua segurança, a sua cólera, concitando vitoriosamente a atenção geral.

- Não o trazes, ha? E devíamos acreditar em ti? Querias, então, intrujar-nos?

- Era uma mentira! - rosnou o esquadrão.

- O telegrama não veio dirigido a mim, cossacos! - E o oficial espalmava as mãos no peito, em atitude convincente.

Simplemente, ninguém o escutava. Sentindo que reconquistara a simpatia e a confiança no esquadrão, Ivane Alekcêievitch prosseguiu, cortante como um diamante num vidro:

- E, mesmo que Petrogrado tenha caído, nós é que não vamos com vocês. Não queremos bater-nos contra os nossos. Não iremos contra o povo. Querem acirrar-nos uns contra os outros? Na! Deixámos de ser imbecis. Não estamos dispostos a impor um regime de generais. Tenho dito!

A multidão dos cossacos rompeu a falar toda ao mesmo tempo, agitando-se e berrando.

- É assim mesmo.

- Acertou em cheio.

- Pois então!...

- Ala, Suas Nobrezas! Ala, que se faz tarde!

- Olhem o raio de compadres que nos mandaram!

- Há três regimentos de cossacos em Petrogrado em Petersburgo e parece que hesitam em ir contra o povo.

- Ivane, escusas de ter cerimónias contra eles. Eles que se ponham a andar!

Ivane Alekcêievitch fitou os delegados: o oficial cossaco esperava com paciência, cerrando os lábios, com os dois montanhesez atrás dele, de ombro contra ombro. Os olhos oblíquos de um deles, um jovem e esbelto oficial inguche, de braços cruzados sobre a sua elegante tcherkesska, brilhavam por sob o gorro preto; o outro, um osseta arruivado, mais velho, com um dos pés negligentemente avançado e uma das mãos pousada no punho da espada, considerava os cossacos com um olhar irónico e penetrante. Ivane Alekcêievitch ia declarar interrompidas as negociações, mas o oficial cossaco antecipou-se-lhe; depois de algumas palavras trocadas em voz baixa com o inguche, gritou:

- Cossacos do Don! Vocês consentem que este representante da Divisão Selvagem lhes diga umas palavras?

Sem esperar pela resposta, o inguche avançou para o meio do círculo que os cossacos formavam, com o andar suave que lhe davam as botas sem tacões, a endireitar nervosamente o boldrié estreito e ornamentado.

- Irmãos cossacos! Para que é preciso tanto aranzel? Podemos conversar sem nos zangarmos. Vocês não querem o general Kornilov? Vocês querem a guerra? Pois de acordo. Travaremos guerra. Não temos medo! Não temos mesmo medo nenhum Hoje mesmo nós os esmagaremos. Atrás de nós, estão dois regimentos de montanheses. É verdade! Não há necessidade de fazer barulho. Barulho para quê? - Ao princípio mantivera-se ostensivamente sereno, mas para o fim as frases tinham-lhe começado a sair ardentes e violentas, com um ou outro termo da sua língua materna a misturar-se-lhe ao discurso inseguro e gutural. - Quem vos engana é esse cossaco, um bolchevique, e vocês seguem-no! Ba! Pois eu não vejo? Prendam-no! Desarmem-no!

Com gesto atrevido, designou Ivane Alekcêievitch, agitando-se, muito pálido, a gesticular apaixonadamente no meio do círculo estreito. O companheiro, o osseta arruivado, mais velho, conservava uma tranquilidade glacial; o oficial dava esticões ao fiador da espada. De novo os cossacos se calaram, de novo se lhes lia a indecisão nos olhos. Ivane Alekcêievitch não despegava os dele do oficial inguche, dos seus dentes alvos como os de um animal selvagem, do traço de suor cinzento que lhe atravessava obliquamente a fronte esquerda, a pensar com angústia que deixara passar a ocasião de interromper com uma palavra as negociações, e arrastar com ele os cossacos. Foi Turíline quem salvou a situação. Saltou para o meio do círculo, agitou furiosamente os braços, todo ele sacudido de tremuras, a espumar de raiva, e desatou a berrar em voz rouca, com tal ímpeto que lhe saltaram os botões da gola da camisa:

- Bichos nojentos!... Miseráveis!... Súcia de patifes!... Eles fazem-lhes namoro, como se vocês fossem putas, e vocês arrebitam logo as orelhas. O que eles querem é servir-se de vocês!... E vocês que fazem? Que fazem, digam lá?... Quando os deviam rachar, escutam-nos! O que devíamos era cortar-lhes a cabeça, sangrá-los. Enquanto vocês para aí conversam, estão a cercar-nos!... Vão ceifar-nos à metralhadora... É mesmo a altura de comícios!... Enquanto as tropas deles se aproximam, vão-nos eles embarrilhando... Ah-ah-ah, cossacos isto! Só para o que vocês servem é para andar atrás das mulheres.

- A cavalo! - rugiu Ivane Alekcêievitch, em voz tonitruante.

A ordem dele reboou por sobre a multidão como a explosão de uma granada. Precipitaram-se os cossacos para os cavalos. E, num minuto, o esquadrão estava formado em colunas.

O oficial cossaco corria para todos os lados:

- Oiçam, cossacos!

Ivane Alekcêievitch desprendeu a carabina do ombro, apoiou com firmeza no gatilho o indicador direito, de grossas articulações, e bradou, retezando as rédeas do cavalo, que curveteava:

- As negociações acabaram. Agora quem quiser falar connosco, é nesta língua.

E brandiu a carabina, em atitude significativa.

Pelotão após pelotão, o esquadrão pôs-se em marcha. Olhando para a retaguarda, os cossacos viram os delegados, que haviam tornado a montar, discutirem entre eles. Franzindo os olhos, o inguche explicava o que quer que fosse com ardor, erguendo as mãos; e o forro de seda da manga arregaçada da tcherkesska reluzia-lhe, de uma brancura de neve.

Ao virar-se para trás uma vez mais, Ivane Alekcêievitch, viu aquela mancha ofuscante da seda, e, sem perceber porquê, foi como se de súbito se lhe representasse diante, como um cavalo, o Don agitado pelo vento seco, com as suas ondas de crinas verdes, e as asas brancas, inclinadas, de uma gaivota roçando-as.

XVI

Logo em 29 de Agosto Kornilov compreendeu, pelos telegramas que recebeu de Krimov, que o golpe estado militar havia abortado.

Às duas horas da tarde, um oficial enviado por Krimov, chegou ao Quartel-General. Kornilov teve com ele uma demorada conversa, e, após ela, chamou Romanóvski e disse-lhe, amachucando nervosamente um pedaço de papel:

- Está tudo a desabar. Perdemos a partida... Krimov não conseguirá concentrar a tempo o seu Corpo perto de Petrogrado. Lá se vai o momento propício. O que parecia tão fácil de realizar esbarra em milhares de obstáculos... Temos que admitir que falhámos... Repare... Veja a disposição das tropas.

Estendeu a Romanóvski um mapa em que estavam indicadas as posições mais recentes dos comboios do 3.º Corpo e da Divisão Indígena, e uma crispação percorreu-lhe a cara enérgica, marcada pela insónia.

- Toda esta choldra dos caminhos-de-ferro nos cria dificuldades. Não percebem que em caso de êxito lhes mandarei enforcar um homem em cada dez. Aqui tem o relatório de Krimov.

Enquanto Romanóvski lia, passando uma mãozorra pela cara oleosa e opada, Kornilov pôs-se a escrever rapidamente:

«Ao atamane Alekcei Maxímovitch Kalédine, em Novotcherkassk.

O conteúdo do seu telegrama ao Governo Provisório chegou ao meu conhecimento. Tendo esgotado a paciência num combate infrutífero contra os desleais e os traidores, perante a catástrofe que ameaça a pátria, os gloriosos cossacos defendem, de armas na mão, a vida e a liberdade do país, que cresceu e se desenvolveu graças aos seus esforços e ao seu sangue. Manter-nos-emos em contacto estreito por algum tempo. Peço-lhe que aja em conformidade comigo, como lhe indiquem o amor da pátria e a honra cossaca.

658. 29-8-17.

General Kornilov.»

. Mande este telegrama sem demora - disse ele a Romanóvski, mal acabou de escrever.

- Quer que eu mande outro ao príncipe Bagratione, para ele continuar a avançar pelas estradas?

- Mande, mande.

Com expressão sonhadora, após um silêncio, Romanóvski acrescentou:

- Na minha opinião, Lavr Gueórguievitch, não temos razão até agora para pessimismos. Está a apreciar os acontecimentos com exagero.

Atirando a mão direita para todos os lados, Kornilov tentava apanhar uma borboletazinha cor de malva que esvoaçava em torno dele. Os dedos cerravam-se-lhe em vão, enquanto que a face se lhe mantinha atenta e um pouco tensa. A borboleta vacilava nas correntes de ar, descia de asas abertas, esforçava-se por alcançar a janela escancarada. Tendo conseguido finalmente apanhá-la, Kornilov teve um suspiro de alívio e deixou-se cair contra as costas da cadeira.

Esperava Romanóvski uma réplica à sua objecção; mas Kornilov, com um sorriso melancólico e evocativo contou:

- Sonhei esta noite que comandava uma brigada de uma divisão de atiradores. Atacávamos nos Cárpatos. Cheguei a uma herdade com o meu estado-maior. Veio ao nosso encontro um velho ruteno, com o seu fato de cerimónia. Ofereceu-me leite, e disse-me, num alemão muito correcto, tirando o chapéu de feltro branco: «Bebe, general. Este leite tem extraordinárias propriedades curativas.» Bebi, e vi sem espanto o ruteno bater-me familiarmente num ombro. Em seguida, caminhámos por umas montanhas, que já não eram os Cárpatos, mas outras quaisquer, no Afeganistão, ao longo de um caminho de cabras... Isso mesmo: um caminho de cabras. Por sob os nossos pés rolavam pedras, calhaus castanhos, e por baixo de nós, por detrás de uma garganta, avistava-se uma sumptuosa paisagem meridional, banhada pela luz de um sol branco...

Uma corrente de ar, provinda da janela, agitava os papéis em cima da secretária. O olhar toldado e longínquo de Kornilov errava algures, do outro lado do Dniepr, por sobre as vertentes dos vales, salpicadas das manchas dos prados.

Romanóvski seguiu aquele olhar, e ele próprio, com um imperceptível suspiro, pousou os olhos no brilho vivo do Dniepr, que a falta do vento tornava como que de vidro, e nos campos vaporosos, que a proximidade do Outono brandamente esfumava.

XVII

As unidades do 3.º Corpo de Cavalaria e da Divisão Indígena, que haviam sido enviadas para Petrogrado, convergiam numa enorme extensão ao longo de oito linhas de caminho-de-ferro. Revelh, Vesenberg, Narva, Iamburg, Gátchina, Somrino, Víritsa, Tchudovo, Gdob, Novgorod, Dnô, Pskov, Luga, e todas as estações intermédias, bem como as de resguardo, estavam peçadas de comboios, que se deslocavam com lentidão ou se quedavam bloqueados. A influência moral do Alto Comando sobre os regimentos era nenhuma, e os esquadrões, separados, perdiam toda a ligação entre si. Aumentava a confusão o facto de o 3.º Corpo e a Divisão Indígena, que lhe fora adjunta, se deverem fundir num exército, durante o próprio movimento; para isso, era preciso deslocar e reunir certas unidades, reagrupar certos comboios. Tudo isto originava situações sem saída, ordens absurdas, com frequência contraditórias, e aumentava a tensão e o nervosismo.

Não admirava ser lentamente que as tropas de Kornilov avançavam para Petrogrado, dada a oposição dos operários e dos empregados dos caminhos-de-ferro com que esbarravam, constantemente obrigadas, como eram, a vencer novos obstáculos, acumulando-se nos entroncamentos, desorganizando-se.

Nos seus vagons vermelhos, ao lado dos cavalos esfomeados e desselados, homens esfomeados amontoavam-se: cossacos do Don, do Ussúri, de Orenburg, de Nertchinssk, do Amur, inguches, tcherkesses, ossetas, daguestanianos. Os comboios paravam durante horas nas estações, os cavaleiros saíam em massa dos vagons, enchiam os cais, como gafanhotos, obstruíam as vias, devoravam tudo o que se pudesse comer e restasse dos comboios anteriores, assaltavam as casas dos habitantes, pilhavam os armazéns de víveres.

Por todos os lados eram faixas amarelas e vermelhas de cossacos, capotes elegantes dos dragões, tcherkesskas dos montanhese. Nunca a natureza monótona do norte havia visto tão rica profusão de cores.

Em 29 de Agosto, perto de Pavlovssk, a 3.ª Brigada da Divisão Indígena, sob o comando do príncipe Gagárine, entrou em contacto com o inimigo. Chegados a um ponto em que as calhas tinham sido levantadas, os regimentos inguche e tcherkess, que formavam a vanguarda da divisão, tinham descido do comboio e continuado a cavalo em direcção a Tsársskoi e Sielo. Algumas patrulhas inguches avançaram mesmo até à estação de Somrino.

Os dois regimentos progrediam vagarosamente. Tendo repellido a Guarda, esperavam agora a chegada das outras unidades da divisão, as quais, por sua vez, esperavam em Dnô que pudessem partir; algumas nem sequer ainda ali tinham chegado.

O príncipe Bagratione, comandante da Divisão Indígena, encontrava-se numa propriedade a pouca distância da estação, e esperava que as outras unidades se concentrassem, sem se arriscar a tomar pela estrada até Víritsa.

Em 28 de Agosto, recebera ele do Estado-Maior da frente uma cópia deste telegrama:

«Peço que se transmita ao comandante do 3.º Corpo de Exército e aos comandantes da 1.ª Divisão do Don, da Divisão do Ussúri e da Divisão Indígena do Cáucaso, a ordem seguinte do comandante-chefe: se, por virtude de obstáculos imprevistos, as tropas encontrarem dificuldade em prosseguir o seu avanço pelo caminho-de-ferro, o comandante-chefe ordena-lhes que o continuem a cavalo. 27 de Agosto de 1917. N.º 6411.

Romanovskí.»

À roda das 9 horas da manhã, Bagratione informou telegraficamente Kornilov de que recebera às 6 horas e 40 minutos, por intermédio do coronel Bagratúni, chefe do Estado-Maior da Região Militar de Petrogrado, uma ordem de Kerénsski para fazer recuar todas as tropas, e que, por outro lado, os comboios da divisão estavam bloqueados entre as estações de Gatchka e de Orédej, porque os caminhos-de-ferro, em conformidade com as ordens do Governo Provisório, não lhes forneciam o pessoal necessário. A isto, Kornilov respondeu:

«Ao príncipe Bagratione. Prosseguir o avanço pelo caminho-de-ferro. Se isto for impossível, alcançar Luga pela estrada e colocar-se à inteira disposição de general Krimov.»

Não obstante isto, Bagratione não se atreveu a continuar pela estrada, e deu ordem ao seu estado-maior para tornar a subir para o comboio.

O regimento em que Evguéni Lisstnítzki antes servira progredia para Petrogrado com os outros regimentos que constituíam a 1.ª Divisão Cossaca, pela linha Revel-Vesenberg-Narva. No dia 28, às 5 horas da tarde, um comboio que transportava dois esquadrões do regimento chegou a Narva, onde o seu comandante foi informado de que era impossível tornar a partir durante a noite, porque a via havia sido danificada entre

Narva e lamburg, de que já uma unidade do batalhão ferroviário para ali se dirigira em comboio especial, e de que o comboio poderia prosseguir viagem no dia seguinte de manhã, se a reparação se conseguisse efectuar. com vontade ou sem ela, não teve o comandante do comboio outro remédio senão conformar-se. A praguejar, voltou para a sua carruagem, informou os oficiais do que se passava, e instalou-se para beber chá. Caiu a noite, negra de breu. Um vento húmido e penetrante soprava do lado do golfo. Nos vagon, os cossacos discutiam em voz baixa, e os cavalos, excitados pelos apitos das locomotivas, percutiam as tábuas dos pavimentos com os cascos. À retaguarda do comboio, a voz fresca de um cossaco cantava, lamentosa, na escuridão:

Adeus cidade e aldeia.

Adeus, minha terra natal!

Adeus rapariga fresca!

Adeus, minha tília azul!

Outrora deitado, da tardinha, à alvorada,

Era a minha querida que eu cingia com as mãos.

Agora, de pé, da tardinha à alvorada,

É a carabina que eu aperto nas mãos...

Um homem saiu de detrás da massa enorme do armazém das mercadorias. Parou, escutou a canção, examinou as vias, estriadas de riscos de luz amarela, e dirigiu-se sem hesitação para o comboio. Os passos dele soavam brandamente nas chulipas, e tornavam-se surdos na terra argilosa, calcada a maço. No momento em que ele passava por trás do último vagom, o cossaco que cantava de pé à porta, calou-se para o interpelar:

- Quem és tu?

- E a ti que te importa? - replicou o outro, de mau modo, e afastando-se.

- A passear à noite, ha? Olha que nós aos ladrões atiramos-lhes. Andas a ver se pilhas alguma coisa?

Sem tornar resposta, o homem alcançou o meio do comboio, enfiou a cabeça pela abertura de uma porta e perguntou:

- Que esquadrão é este?

- Disciplinar! - gracejaram no escuro algumas vozes.

- Estou a falar a sério: que esquadrão é este?

- O segundo.

- Onde está o quarto pelotão?

- No sexto vagom a contar da cabeça do comboio.

Ao lado do sexto vagom, três cossacos fumavam, um de cócoras, os outros dois de pé. Em silêncio fitaram o homem que deles se acercava.

- Saúde, cossacos!

- Saúde! - replicaram eles, observando a cara do recém-chegado.

- Nikita Dúguine está vivo? Está aqui?

- Sou eu - respondeu com a sua voz de tenor o homem acorado, que se levantou e esmagou sob um tacho a ponta do cigarro. - Não te reconheço. De que unidade és tu? Onde vens? - Estendia a cara barbuda, buscando ver as feições do desconhecido de capote e boné velhos de soldado; e de súbito emitiu um grito de admiração:

- Iliá! Buntchuk! Meu velho! Onde diabo vens tu?

Apertou na mão rugosa a mão peluda de Buntchuk, e disse-lhe em voz baixa, curvando-se para ele:

- Os rapazes, aqui, estão connosco. Não tens que ter medo. Onde vens tu? Fala lá, diabo!

Buntchuk apertou a mão aos outros cossacos, e respondeu na sua voz de cana rachada, um pouco rouca:

- Venho de Petrogrado. Tive dificuldade em os encontrar. Trata-se de uma coisa importante. Precisamos de conversar. Sinto-me contente de te ver são e salvo, irmão.

- Conversar? - disse a voz cantante do tenor barbudo. - És oficial e não desprezas a nossa companhia? Obrigado, Iliá. Deus te proteja. Não costumamos ouvir muitas palavras amáveis. E um riso de bom-rapaz tremia-lhe na voz.

Buntchuk respondeu, em tom brincalhão:..

- Pronto, pronto! Mesmo com essa barba até ao umbigo, não deixas de brincar.

- A barba pode-se cortar quando se queira. Mas conta lá. Que se passa em Petrogrado? Há por lá motins?

- Entremos para aqui propôs Buntchuk em tom resoluto.

Subiram para o vagom. Dúguine sacudi um dos cossacos pelos pés e disse a meia voz:

- A pé, rapazes! Está aqui uma pessoa amiga que nos veio ver. Vá, despachem-se, militares, depressa.

Os cossacos ergueram-se, resmungando. Uma mãozorra que tresandava a tabaco e a suor de cavalo palpou com precaução, na sombra, a cara de Buntchuk, que se havia sentado numa sela; e uma voz de baixo, pastosa como um óleo pesado, perguntou:

- És o Buntchuk?
- Sou. E tu és o Tchikamássov?
- Sou, sim. Olá, meu velho!
- Olá!
- Vou num instante chamar os rapazes do terceiro pelotão.
- Vai lá!... Vai.

O terceiro pelotão apareceu quase inteirinho; apenas dois homens não vieram, por terem ficado com os cavalos. Os cossacos cerravam-se à roda de Buntchuk, estendendo-lhe as mãos ásperas, inclinando-se para ele, para lhe verem o carão grave. Tratavam-no uns por Buntchuk, outros por Iliá Mítritch, outros por Iliúcha; mas todas as vozes exprimiam a mesma calorosa fraternidade.

Fazia agora no vagom um calor abafado. Manchas de luz dançavam nas paredes de tábuas, sombras monstruosas vacilavam e aumentavam, a lanterna fumarenta de azeite emitia uma luz baça.

Fizeram sentar Buntchuk de modo a que a luz lhe batesse, e dispuseram-se em torno dele, os que estavam mais perto agachados, os outros de pé. Dúguine, o tenor, pigarreou para aclarar a voz.

- Recebemos a tua carta ainda não há muito tempo, Iliá Mítritch, mas gostaríamos que nos disseses o que devemos fazer agora, e que nos aconselhasses. Levam-nos para Petrogrado; que havemos nós de fazer?

- O que acontece é isto, Mítritch - principiou de pé à porta do vagom, um cossaco, com uma arcada pendente do lobo de uma orelha, o mesmo que um dia havia irritado Lisstnítzki, quando este proibira que se aquecesse o chá nas chapas de protecção das trincheiras. - Passam por aqui propagandistas de toda a casta, que nos dizem: «Não vás para Petrogrado», e que nos explicam que não nos devemos bater contra irmãos, e mais isto, e mais aquilo, sempre do mesmo género. Escutá-los escutamos; mas a confiança neles é que não é muita. Não sabemos o que eles pretendem de nós. Ninguém os conhece. Se nos recusarmos a ir, Kornilov manda os tcherkesses, e o sangue correrá à mesma. Mas tu és como nós; és um cossaco; em ti temos mais confiança; e até te agradecemos muito teres-nos escrito cartas e mandado jornais de Petrogrado... É que falta papel para enrolar o tabaco, e com os jornais...

- Que estás tu para aí a dizer, que palermices são essas, cabeça de burro? - interrompeu-o outro cossaco com indignação. Como não sabes ler, julgas que toda a gente é tão estúpida como tu? Como se nos servissemos só dos jornais para fazer cigarros! Antes disso, líamo-los de ponta a ponta, Iliá Mítritch.

- É só abrir a boca e falar, o malandro, o safado!

«Para fazer cigarros» tem piada!

- Quando se é parvo daquela maneira!...

- Irmãos! - E o cossaco da argola na orelha tentava justificar-se. - Não é isso que eu queria dizer. Está claro que primeiro os líamos...

- Também os lías, tu?

- Eu não aprendi a ler... Quero eu dizer que se começava por lê-los, e só depois é que nos servíamos deles para enrolar o tabaco...

Sentado na sela, Buntchuk fitava os cossacos, com o seu sorriso discreto; como não gostava de falar sentado, pôs-se de pé e, de costas voltadas para a lanterna, começou com lentidão e esforço:

- Vocês não têm nada que fazer em Petrogrado. Não há motins nenhuns. Sabem vocês para que os mandam ir para lá? Para derrubar o Governo Provisório... Aí está! E quem os manda? O general tsarista Kornilov. E para que quer ele derrubar Kerénsski? Para lhe tomar o lugar. Atenção, cossacos! Querem tirar-lhes um jugo de madeira, para lhes porem um jugo de aço. Entre dois males, devemos escolher o menor. Não é isto verdade? Julguem-no vocês mesmos. No tempo do tsar, batiam-lhes nas ventas e faziam-lhes dar na guerra o corpinho ao manifesto, em proveito de outros. com Kerénsski, continuam a dar o corpinho ao manifesto, mas já não lhes batem nas ventas. Outra coisa será quando os bolcheviques tomarem o poder. Os bolcheviques não querem a guerra. Se o poder estivesse nas mãos deles, haveria paz imediatamente. Eu não sou a favor de Kerénsski, o diabo o leve, que são todos feitos da mesma massa. Buntchuk sorriu, limpou com uma manga o suor da testa, e prosseguiu: Mas exorto-os a não verter o sangue dos operários. Se Kornilov ganhasse, a Rússia mergulhava em sangue até aos joelhos, e seria muito mais difícil arrancar-lhe o poder a ele, para o pôr nas mãos do povo trabalhador.

- Espera aí um bocado, Iliá Mítritch!... - disse um cossaco baixo, tão baixo e atarracado como Buntchuk, que saiu de uma das últimas filas. Pigarreou, esfregou as mãos grandes, que mais pareciam raízes de um velho castanheiro, lavadas pela chuva, e fixou em Buntchuk o olhar risonho, verde-claro e suave como as folhas novas. - Falaste-nos em jugos... E os bolcheviques, em tomando o poder, que jugo é que nos põem?

- Olha lá! Tu punhas um jugo a ti próprio?

- A mim próprio, como?

- Pois claro! com os bolcheviques, quem é que estará no poder? És tu, se fores eleito, ou Dúguine, ou aquele companheiro lá do fundo. O poder eleito, o soviete. Percebes?

- Mas em cima, quem é que está?

- É a mesma coisa. Está quem for eleito. Se fores tu eleito, estás tu.

- Ora! Estás a falar a sério, Mítritch?

Desataram os cossacos a rir e a falar todos ao mesmo tempo; e até a sentinela saiu um momento da porta, para intervir na conversa.

- Mas a respeito da terra, que querem eles?

- Não querem tirá-la à gente?

- E a guerra, acabam com ela? Ou talvez eles prometam isso, apenas para nós votarmos por eles.

- Fala-nos com franqueza, sem esconderes nada.

- Estamos mesmo às escuras.

- Ontem, vimos nós um marinheirozito que veio para aí choramingar a favor de Kerénsski. Agarrámo-lo pelos cabelos e pusemo-lo a andar. O estupor.

«Vocês são todos contra-revolucionários» gritava ele.

- E nós que nem sabemos o que isso quer dizer, nem com que se come!

Buntchuk virava-se para todos os lados, perscrutando os cossacos com atenção, à espera de que eles sossegassem. A incerteza que a princípio tivera do êxito da sua empresa tinha-lhe desaparecido; seguro agora do moral dos homens, tinha a certeza de que, custasse o que custasse, impediria o comboio de ir além de Narva. Ao apresentar-se na véspera à comissão do Partido para o distrito de Petrogrado, e ao oferecer-se para o trabalho de agitação nas unidades da 1.^a Divisão do Don a caminho da capital, estava seguro de ter êxito; ao chegar, porém, a Narva sentira tal segurança afrouxar-lhe. Sabia que aos cossacos se não devia falar com as palavras de toda a gente, e aterrorizava-o a ideia de não encontrar talvez a linguagem adequada; havia nove meses que regressara à, massa operária, de novo se sentia radicado nela, e habituara-se, ao falar, a ser entendido por meias palavras; mas, com os seus compatriotas, precisava de empregar uma linguagem diferente, a linguagem do terrunho, e de ter uma agilidade de lagarto e uma maior força de persuasão, não só para estimular os cossacos, mas para os inflamar, para lhes destruir o medo da desobediência, acumulada neles pelos séculos, para destruir a rotina, convencê-los das suas razões, arrastá-los com ele.

Ao começar a falar, ele próprio sentia na voz uma hesitação que a tolhia, uma afectação, como se aquelas palavras descoloridas lhe fossem estranhas; assustava-o a pouca força dos seus argumentos, e dolorosamente excogitava, à procura de grandes blocos de palavras pesadas, com que fosse capaz de quebrar, de demolir... Em vez disso, com uma amargura inexprimível lhe parecia que da boca só lhe saíam frases leves como bolas de sabão, e que os pensamentos se lhe baralhavam na cabeça, impotentes e moles. O suor

alagava-o, e respirava com dificuldade. Falava, e, enquanto o fazia, um pensamento o não largava: «Confiaram-me um papel tão importante, e vou estragar tudo... Não consigo ligar duas razões... Que se passa comigo? Outro qualquer, no meu lugar, falaria e convenceria mil vezes melhor... Oh, diabo, que falta de habilidade a minha!»

A interpelação do cossaco do olhar verde e suave, que havia falado em jugos, arrancara-o àquele seu quebranto medonho, e a conversa que se seguira permitira-lhe espezinhar-se, refazer-se; aqueceu, ele próprio admirado do afluxo extraordinário de forças que lhe adveio, e da riqueza de palavras brilhantes, cortantes, percucientes, que lhe acudiu; escondendo a excitação sob uma aparência de serenidade, implacavelmente derribava as perguntas pérfidas, conduzindo a conversa como um cavaleiro dominando um cavalo coberto de espuma, que pela primeira vez montasse.

Perguntavam os cossacos:

- Mas ouve lá: que mal há numa Assembleia Constituinte? E o teu Lénine, não foram os alemães que o trouxeram? Onde o foram eles buscar? Caiu do céu?

- Mítritch, vieste aqui por ti mesmo, ou foram outros que te mandaram?

- A que mãos irão parar as terras dos Exércitos Cossacos? Porque dizes tu que se vivia mal no tempo do tsar?

- Os mencheviques não são também a favor do povo?

- Se nós temos a nossa assembleia cossaca, que é um poder popular, para que nos servirão os soviets?

Separaram-se à meia-noite, depois de haverem decidido convocar no dia seguinte de manhã os dois esquadrões para um comício. Buntchuk ficou no vagon, para dormir. Tchikamássov ofereceu-lhe um lugar ao lado dele. Ao benzer-se, no momento de se deitar, disse-lhe:

- Talvez tu te deites sem receio, Iliá Mítritch; mas desculpa: nós temos piolhos, meu velho. Se os apanhares, não nos leves isso a mal. Criamos tantos que é de meter raiva. É cada um, do tamanho de uma vitela de Kholmogóri! - E, após um silêncio, acrescentou: - De que nação é Lénine, Iliá Mítritch? Quero eu dizer: onde nasceu ele, onde foi criado?

- Lénine? É russo.

- Ah!

- É verdade. É russo.

- Não, irmão! Vejo que não sabes grande coisa a respeito dele - disse Tchikamássov, na sua voz de baixo, em tom de condescendência. - Sabes de que terra ele é? Da nossa. É um cossaco do Don, da circunscrição de Salssk, da stanitsa de Velikoknhájesskaia, estás a

perceber? Parece que foi artilheiro. De resto, vê-se-lhe bem na cara que é um cossaco do Baixo-Don: pelas maçãs do rosto salientes, pelos olhos.

- A quem ouviste tu essa?

- Aos cossacos, em conversa uns com os outros.

- Não, Tchikamássov. É russo, da região de Simbirssk.

- Não te acredito. Não acredito. Pugatchov não era cossaco? E Stepane Rázine? E Ermak Timofêievitch? É sempre o mesmo. Todos os que levantaram os pobres contra o tsar eram cossacos. Faz-me pena, Mítritch, ouvir uma coisa dessas.

Buntchuk sorriu.

- Diz-se então que ele é cossaco?

- Está claro que é cossaco; o que é é que por enquanto não o diz. Eu, quando olho para uma cara, nunca me engano. - Tchikamássov acendeu um cigarro, e tossiu, pensativo, atirando contra a cara de Buntchuk uma baforada espessa de fumo de tabaco forte. - Há só uma coisa que me espanta, e sobre isto as discussões são tais que até se tem chegado a jogar à pancada: é que se ele, Vladimir Ilitch, é um cossaco como nós, um artilheiro, onde é que ele foi arranjar uma instrução daquelas? Diz-se que no começo da guerra foi aprisionado pelos alemães, e que na Alemanha estudou muito, que aprendeu todas as ciências, mas que, quando começou a revoltar os operários e a meter num chinelo os sábios deles, lhes fez um medo mortal. Então eles disseram-lhe: «Volta para a tua terra, com essa grande cabeça que tens, e que Deus te proteja, porque senão armas entre nós uma desordem tamanha que nem a nossa vida inteira chegaria para a remediar.» E foi assim que, por medo de ele lhes revoltar os operários, o mandaram para a Rússia. Oh-oh! Aquilo, meu irmão, é um finório. - E, tendo dito estas últimas palavras com alguma vaidade, Tchikamássov acrescentou, contente, na obscuridade: - Tu nunca o viste, Mítritch, pois não? É pena. Parece que tem uma cabeçorra enorme. - Depois tossiu, expeliu pelas narinas uma baforada de fumo arruçado, e prosseguiu, puxando as derradeiras fumaças: - As mulheres deviam fazer mais tipos destes. Um espertalhão, digo-to eu! Ainda há-de atirar outros de cangalhas, além do tsar. Suspirou. Não Mítritch, não discutas: Lénine é um cossaco... Para que serve esconder isso? Na região de Simbirssk não nascem homens daqueles.

Buntchuk não replicou; e, durante muito tempo, se quedou sorridente, de olhos abertos.

Não conseguiu dormir, realmente devorado pelos piolhos que, por baixo da camisa o assaltavam, como uma sarna ardente, exasperadora; ao lado dele, Tchikamássov suspirava e coçava-se, enquanto um cavalo agitado, empinando-se, ajudava a não o deixar adormecer.

Estava ele, finalmente, a mergulhar no sono, quando os cavalos, furiosos, romperam a lutar uns contra os outros, a percutir o chão com os cascos, relinchando ameaçadoramente.

- Aí, quieto, diabo!... Aí-oh, bicho maldito! - gritou Dúguine na sua voz de tenor ensonada, levantando-se e batendo no cavalo mais próximo com o primeiro objecto pesado a que deitou mão.

Atormentado pelos piolhos, Buntchuk virava-se e revirava-se; irritado por verificar que dificilmente adormeceria, pôs-se a pensar no comício do dia seguinte. Tentando imaginar a forma que assumiria a resistência dos oficiais, sorriu de si para consigo: «O mais certo, se os cossacos protestarem em massa, é porem-se a andar. Mas quem sabe lá? Pelo sim, pelo não, vou pôr-me em contacto com a comissão da guarnição.» Ocorreu-lhe um episódio da guerra, um ataque em Outubro de 1915; depois, como se à memória lhe fosse grato haver enveredado por aquele caminho familiar e gasto, com maligna insistência lhe acudiram fragmentárias imagens: faces, posições monstruosas de mortos russos e alemães, vozes várias dialogando, troços de paisagens sem cor, desvanecidos pelo tempo, pensamentos inexpressos, inexplicavelmente retidos, ecos confusamente perceptíveis de bombardeamentos, a crepitação tão sua conhecida da metralhadora, com o rumor da fita, uma música heróica, o desenho apenas um pouco apagado, mas bonito, doloroso de recordar, da boca de uma mulher que tinha amado, e novamente, retalhos da guerra, mortos, os montículos deprimentes da terra sobre os covais...

Buntchuk agitou-se, levantou-se, sentou-se, e disse em voz alta, ou pensou tê-lo dito: «Até morrer, estas recordações não me largarão; e isso não sucederá só comigo, mas com todos os que salvarem a pele. Mutilaram-nos, deram-nos cabo da vida!... Malditos! Malditos sejam!... Nem mesmo a morte lhes lavará o crime!...»

Lembrou-se de Lucha, uma garota de doze anos, filha de um metalúrgico de Petrogrado, morto na guerra, camarada seu, com quem em tempos havia trabalhado em Tula. Era de noite e numa avenida. Ela estava sentada num banco, franzina e angulosa na sua adolescência, de pernas magras, abertas, fumando com ar desafiador. Na face cansada, os olhos revelavam-lhe fadiga, e lia-se-lhe amargura nas comissuras dos lábios pintados, alongados por uma maturidade precoce. «Não me reconhece?» perguntara-lhe ela em voz áspera, com um sorriso postiço e profissional; erguera-se do banco, e amargamente rompera a chorar, de cabeça apoiada a um braço dele, como uma criança sem defesa.

A esta recordação, uma onda de ódio mortal, como um gás asfixiante, sufocou-o; empalideceu, rilhou os dentes, soltou um gemido. Demoradamente esfregou o peito cabeludo, de lábios a tremerem-lhe; o ódio que refervia dentro dele pareceu-lhe uma bola ardente de escórias fundentes, que o não deixava respirar e lhe cerrava o coração.

A noite inteira não conseguiu dormir. De manhãzinha, amarelento, mais carrancudo que nunca, dirigiu-se à comissão dos empregados do caminho-de-ferro, a quem convenceu a não deixarem o comboio cossaco sair de Narva, e uma hora depois largou em cata dos membros da comissão da guarnição.

Voltou para o comboio, eram oito horas. Sentia no corpo toda a frescura doce da manhã, confusamente contente, ao mesmo tempo, das probabilidades de êxito do seu propósito, do sol que ultrapassava o telhado ferrugento do armazém das mercadorias, e da voz agradável de uma mulher que cantava por ali, algures. Antes do nascer do Sol, caíra uma breve e forte chuvada. A terra arenosa do espaço entre as calhas estava empapada, sulcada de regueiras delgadas e salpicada de minúsculas crateras, quase enxutas, semelhantes a marcas de bexigas, nos pontos em que haviam caído as últimas gotas, e exalava um cheiro adocicado de humidade.

Um oficial de capote e botas enlameadas, que vinha de dar uma volta ao comboio, caminhava ao encontro dele. Buntchuk, que reconheceu o capitão Kalmíkov, retardou um pouco o passo, hesitante sobre o que fazer. Ao cruzarem-se, Kalmíkov estacou, com um fulgor frio nos olhos pretos e oblíquos.

- Tenente Buntchuk? Estás em liberdade? Desculpa-me, mas não te estendo a mão...

Apertou com força os lábios e meteu as mãos nas algibeiras do capote.

- Antecipaste-te a mim - replicou Buntchuk em tom trocista - Também eu não fazia tenção de te estender a minha.

- Estás então aqui para salvar a pele? Ou não vieste antes de Petrogrado, da parte desse querido Kerénsski!

- Isso que é? É um interrogatório?

- É a legítima curiosidade pela sorte de um camarada que desertou

Buntchuk dissimulou um sorriso e encolheu os ombros.

- Posso sossegar-te: não venho da parte de Kerénsski. Mas em face do perigo comum, unem-se todos de um modo comovente. Que vens tu, então, fazer aqui? Sem dragonas de oficial, com um capote de soldado...De narinas frementes, Kalmíkov considerava a figura curva de Buntchuk, com desprezo e pena. És um caixeiro-viajante político? Adivinhei?

E, sem esperar pela resposta, abalou a grandes passadas.

Em frente do vagom em que havia passado a noite, Buntchuk encontrou Dúguine.

- Que andas tu a fazer por aqui? O comício já principiou.

- Quê?

- É o que te digo. O nosso comandante de esquadrão, o capitão Kalmíkov, que estava em Petrogrado, chegou numa locomotiva, e convocou os soldados. Há um instantinho que foi para lá, para lhes falar.

Buntchuk demorou-se um bocado mais com Dúguine, a quem perguntou havia quanto tempo Kalmíkov fora enviado a Petrogrado. E assim soube que havia cerca de um mês.

«É um desses estranguladores da revolução que Kornilov enviou a Petrogrado, com o pretexto de estudar o lançamento de bombas» pensou ele, rapidamente, enquanto se dirigia com Dúguine para o local do comício. «Um bom kornilovista, portanto. Bem, vamos a ver!»

Por detrás do armazém das mercadorias, os dólmanes e os capotes cossacos formavam uma barreira verde-acinzentada. No meio, cercado dos outros oficiais, de pé em cima de uma barrica, Kalmíkov gritava em voz forte e clara:

- Até à vitória final! Mostrar-nos-emos dignos da confiança depositada em nós. Vou ler-lhes o telegrama que o general Kornilov dirige aos cossacos.

Tirou apressadamente de uma algibeira do capote uma folha de papel amachucada, e trocou algumas palavras com o comandante do comboio.

Buntchuk e Dúguine aproximaram-se e misturaram-se à multidão cossaca.

«Cossacos, queridos compatriotas!» leu Kalmíkov com convicção e calor. «Não foi à custa do sangue dos nossos antepassados que as fronteiras do Estado Russo se alargaram e firmaram? Não deve a grande Rússia a sua força à vossa decidida valentia, às vossas grandes acções, aos vossos sacrifícios, ao vosso heroísmo? Filhos livres do Don tranquilo, do belo Kúbano, do fogo Téreke, águias poderosas das estepes e das montanhas do Ural, de Orenburg, de Astracã, do Semirétchkiê, da Sibéria, da Transbaicália, do Amur e do Ussúri, haveis sempre mantido a honra e a glória das vossas bandeiras, e a terra russa está cheia de lendas que relatam os altos feitos dos vossos pais e dos vossos avós. É agora a vossa vez de ajudar a pátria. Acuso o Governo Provisório de indecisão nos seus actos, de incapacidade e inaptidão para governar, e de consentir que os alemães ajam no nosso país com inteira liberdade, como o prova a explosão de Kazanhe, que fez ir pelos ares mais de um milhão de granadas e destruiu doze mil metralhadoras. Mas há mais. Acuso certos membros do governo de puros e simples traidores à pátria, e disso apresento esta prova: quando da reunião governamental de 3 de Agosto, no Palácio de Inverno, a que assisti, Kerénsski e

Savínkov declararam-me que eu não podia falar à vontade, visto que, segundo eles, havia entre os ministros homens pouco seguros. É claro que um tal governo conduz o país à sua perda, que um tal governo não é digno de confiança, e que é impossível, com ele, salvar a desgraçada Rússia... Foi por isso que ontem o Governo Provisório exigiu de mim, no interesse do inimigo, o abandono do meu posto de comandante-chefe do Exército, e eu, cossaco, fui obrigado, pela minha consciência e pela minha honra, a responder a essa exigência com uma recusa, preferindo a morte no campo de batalha à vergonha e à traição à pátria. Cossacos, cavaleiros da terra russa! Haveis prometido seguir-me, para salvação da pátria, quando eu o julgasse necessário. A hora chegou, porque a pátria está em perigo de morte! Não me submeto às ordens do Governo Provisório, e, para salvar a livre Rússia, ergo-me contra ele e contra esses conselheiros irresponsáveis que vendem a pátria. Cossacos, mantende a honra e a glória dos valentes exércitos cossacos, assim salvando a pátria e a liberdade conquistada pela revolução. Obedecei-me e executai as minhas ordens! Segui-me. 28 de Agosto de 1917. General Kornilov, comandante-chefe.»

Kalmíkov calou-se, dobrou a folha de papel, e depois exclamou:

- Os agentes dos bolcheviques e de Kerénsski entravam o avanço das nossas unidades por caminho-de-ferro. Recebemos do comandante-chefe ordem de, no caso de o avanço por via férrea se mostrar impossível, nos dirigirmos para Petrogrado a cavalo. Partimos hoje mesmo. Preparem-se para abandonar o comboio.

Abrindo caminho à força com os cotovelos, Buntchuk alcançou o meio da multidão; sem se acercar do grupo dos oficiais, bradou em voz estentória, de comício:

- Camaradas cossacos! Fui enviado para junto de vós pelos operários e pelos soldados de Petrogrado. Estão a conduzi-los para uma guerra fratricida, com o fito de esmagar a revolução. Se vocês querem combater o povo, se vocês querem restaurar a monarquia, então vão... Mas os operários e os soldados de Petrogrado esperam que vocês não sejam Cains. Envia-lhe uma ardente saudação fraterna e gostariam de ver em vocês não inimigos, mas aliados...

Não o deixaram concluir. Um tumulto medonho estalou. Como se projectado de lá pela tempestade dos gritos, Kalmíkov saltou da barrica. Todo inclinado para diante, foi direito a Buntchuk a passo rápido; e, chegado ao pé dele, deu meia volta sobre os calcanhares.

- Cossacos! O tenente Buntchuk desertou da frente o ano passado, como vocês sabem. Vamos dar ouvidos a um tal cobarde, a um tal traidor?

O tenente-coronel Súkine, comandante do sexto esquadrão, cobriu a voz de Kalmíkov com a sua, poderosa, de baixo:

- Prendam esse canalha! Enquanto nós vertíamos o nosso sangue, estava ele a salvo na retaguarda. Prendam-no!

- Não há pressa!

- Deixem-no falar!

- Toda a gente tem o direito de falar. Deixem-no explicar-se.

- Prendam-no!

- Não queremos desertores!

- Fala, Buntchuk!

- Mítritch! Explica lá tu!

- Foral!

- Cala-te, parvalhão!

- Fala, fala, Buntchuk. Abate-lhes a proa! Vamos a isso!

Um cossaco alto, sem boné, de cabeça à escovinha, membro da Comissão Revolucionária do regimento, trepou para cima da barrica. com ardor, exortou os cossacos a não obedecerem ao general Kornilov, estrangulador da revolução, disse quanto era pernicioso uma guerra contra o povo, e terminou, dirigindo-se a Buntchuk:

- E tu, camarada, não cuides que nós somos como os senhores oficiais e que te desprezamos. Estamos contentes por te ver entre nós e respeitamos-te como representante do povo, e também porque no tempo em que foste oficial não vexavas os soldados e eras para nós como um irmão. Nunca foste grosseiro para nós; e não julgues que, por não termos instrução, não compreendemos essas coisas: até os animais compreendem as boas palavras, quanto mais os homens! Respeitamos-te, e pedimos-te que transmitas aos operários e aos soldados de Petrogrado que não ergueremos a mão contra eles.

Um clamor de aprovação subiu, semelhante a um fragor de tímbores; depois, gradualmente se atenuou, até se restabelecer o silêncio.

De novo em cima da barrica, Kalmíkov barafustava, de torso inclinado para diante. Falava da glória e da honra do velho Don, da missão histórica dos cossacos, do sangue derramado em comum pelos oficiais e pelos soldados, ofegando e de uma palidez mortal.

Seguiu-se-lhe um cossaco robusto e loiraço, com um discurso quezilhento contra Buntchuk; mas não chegou a acabá-lo: puxaram-no pelas mangas e obrigaram-no a descer.

Saltou para cima da barreira Tchikamássov; agitando os braços, como se estivesse a rachar lenha, bradou:

- Não vamos. Não saímos do comboio. O telegrama diz que os cossacos prometeram apoiar Kornilov; mas a nós ninguém nos perguntou nada. Não prometemos nada. Quem prometeu foram os oficiais do Conselho da União dos Oficiais Cossacos. O general Grekov, que anda para aí a abanar o rabo, que vá sozinho ajudar Kornilov.

Os oradores sucediam-se a um ritmo cada vez mais rápido. Buntchuk não se movia, com a ampla fronte vergada, a face de um vermelho cor de tijolo, o sangue pulsando-lhe com violência nas fontes e no pescoço. A atmosfera electrizada espessava-se. Mais qualquer coisinha, um acto irreflectido, e o sangue correria.

Os soldados da guarnição acorriam em massa à estação; e os oficiais abandonaram o comício.

- Meia hora mais tarde, Dúguine, arquejando, veio ter com Buntchuk.

- Que devemos fazer, Mítritch?... Kalmíkov está a tramar qualquer coisa. Estão a tirar as metralhadoras do comboio, e mandaram um estafeta a cavalo.

- Vamos lá! Arranja uns vinte cossacos. Depressa!

Perto da carruagem do comandante do comboio, Kalmíkov e três outros oficiais carregavam as metralhadoras em cima de cavalos. Buntchuk foi o primeiro a aproximar-se deles; depois de se ter virado para os cossacos, meteu a mão direita na respectiva algibeira do capote e dela sacou um revólverzito de oficial, novinho em folha, muito reluzente.

- Kalmíkov, estás preso. Mãos ao ar!

Kalmíkov saltou do cavalo, levou a mão à cinta, ao coldre, mas não teve tempo de tirar dele o revólver: uma bala assobiou-lhe por sobre a cabeça; antes, porém, de haver atirado, Buntchuk novamente gritara, em voz surda e má:

- Mãos ao ar!

E outra vez o cão do revólver se ergueu lentamente, até meia altura, ameaçador. Kalmíkov seguiu-lhe o movimento, de olhos franzidos, e com esforço levantou os braços, fazendo estalar os nós dos dedos.

Contrariados, os oficiais entregaram os revólveres.

- Também querem que lhes demos os sabres? - perguntou respeitosamente um jovem alferes metralhador.

- Também.

Os cossacos descarregaram os cavalos e recolheram as metralhadoras ao vago.

- Ponham aqui sentinelas de guarda a estes - disse Buntchuk a Dúguine. - Tchikamássov prenderá os outros e os trará para aqui. Estás a ouvir, Tchikamássov? Tu e

eu, vamos levar Kalmíkov à comissão revolucionária da guarnição. Capitão Kalmíkov, faz o favor de ir à frente.

- Bom trabalho! bom trabalho! - disse com admiração um oficial, que saltou para o vagon e ficou a seguir com os olhos Buntchuk, Dúguine e Kalmíkov, que se afastavam.

- Meus senhores, isto é uma vergonha! Portámo-nos como crianças. Ninguém se lembrou de atirar contra aquele safado no momento preciso. No momento em que ele ameaçava Kalmíkov com o revólver, era só atirar, e estava o caso arrumado!

E o tenente-coronel Súkine fitava os oficiais com indignação, de dedos tão trémulos que não conseguia tirar um cigarro da cigareira.

- É que eles são um pelotão inteiro... - observou o jovem alferes com expressão culpada. Eles tinham-nos fuzilado.

Os oficiais fumavam, em silêncio, entreolhando-se de espaço a espaço, aturdidos pela rapidez do que se passara.

Um pedaço Kalmíkov caminhou sem dizer uma palavra, mordiscando uma ponta do bigode preto. A bochecha esquerda, abaixo do malar, ardia-lhe como se tivesse levado uma bofetada. Os habitantes que viam passar o grupinho miravam-no com espanto, e paravam, conversando a meia voz. Sobre Narva, o céu toldado ia perdendo as cores, a anunciar o anoitecer. As folhas caídas das bétulas, que o mês de Agosto ia deixando atrás de si, pareciam, entre as calhas, lingotes de ouro vermelho. Gralhas-das-torres esvoaçavam em torno da cúpula verde da igreja. Para lá da estação, por detrás dos campos que o crepúsculo escurecia, era já noite, começava a soprar de lá um vento frio, e nuvens esfarrapadas, cor de chumbo, corriam de Narva em direcção a Pskov e a Luga, pelas frinchas do céu sem caminhos; por sobre uma invisível fronteira, a noite repelia o crepúsculo.

Passada a estação, Kalmíkov virou-se bruscamente e escarrou direito à cara de Buntchuk.

- Bandalho!

Buntchuk desviou-se do escarro, franziu os sobrolhos, e a custo se dominou, para não levar a mão direita à algibeira em que tinha o revólver.

- Marcha!... - pronunciou ele com esforço. Recomeçou Kalmíkov a andar, proferindo insultos e palavrões medonhos.

- És um traidor! Um traidor! Hás-de pagar tudo! - berrava ele, com frequência virando-se e dando um passo para Buntchuk.

- Faz o favor de marchar!... - repetia este de cada vez. E Kalmíkov prosseguia, cerrando os punhos, avançando aos sacões, como um cavalo com pulmoeira. Chegaram ao depósito da água. Kalmíkov rilhou os dentes e bradou:

- Vocês não são um partido. O que são é a escória da sociedade. Por quem são vocês dirigidos? Pelo Grande Estado-Maior Alemão! Bolcheviques... Aaah! Abortos! Abortos! O que vocês são não é um partido, mas uma choldra, que se vende como as putas. Choldra! Choldra!... Venderam a pátria! O que se devia era enforcá-los todos... Ooooh! Mas lá se chegará. Não foi por trinta marcos, não, que Lénine vendeu a Rússia, mas por mais de um milhão... E escondeu-se... O bandido!...

- Encosta-te a essa parede! - gritou Buntchuk, em voz arrastada, gaguejando.

Dúguine, inquieto, quis interpor-se.

- Iliá Mítritch, espera aí! Que vais tu fazer? Espera aí!... - De face ensombrecida, deformada pela fúria, Buntchuk precipitou-se contra Kalmíkov e agrediu-o com brutalidade numa fonte. Calcando-lhe aos pés o boné, que lhe fizera saltar da cabeça, arrastou-o até ao muro de tijolo escuro do reservatório da água.

- Encosta-te aí.

- Que estás tu a fazer? Tu... Eu proíbo-te de me bateres!... Não tens o direito de me bater!...uivava Kalmíkov, tentando resistir.

As costas embateram-lhe surdamente na parede do reservatório. Então, empertigou-se, compreendeu.

- Queres-me matar?

Inclinado para diante, Buntchuk procurava empunhar rapidamente o revólver, cujo cão se prendera ao forro da algibeira.

Kalmíkov deu um passo, e, num movimento vivo, abotoou o capote de cima a baixo.

- Atira, filho de uma cadela! Atira!... Vê como sabem morrer os oficiais russos... Em frente da mor...

A bala entrou-lhe pela boca. Por trás do reservatório da água, o eco repetiu-lhe um grito agónico. Kalmíkov oscilou, como se fosse avançar outro passo, levou a mão esquerda à cabeça, e caiu, dobrado em dois, cusbindo no peito alguns dentes sujos de sangue, com um estalido breve da língua. Mal as costas, que ainda tentou endireitar, lhe tocaram as pedras molhadas, Buntchuk disparou segunda vez. Kalmíkov torceu-se, rebolou para um lado, encolheu a cabeça entre os ombros, como uma ave para dormir, e emitiu um curto soluço.

Dúguine alcançou Buntchuk na primeira encruzilhada.

- Mítritch... Que fizeste tu?... Para que o mataste?

Buntchuk agarrou Dúguine pelos braços, mergulhou-lhe nos olhos o olhar de aço, inflexível, e disse-lhe numa estranha voz, surda e serena:

- Ou os matamos a eles, ou eles a nós! Não há meio termo. É sangue por sangue! Ou o deles ou o nosso... Percebes? É preciso destruir, esmagar como víboras os homens como Kalmíkov. E os que se apiedarem deles fuzilam-se... percebes? Que tens tu que choramingar? Endurece! Torna-te mau! Se Kalmíkov estivesse por cima, fuzilava-nos a nós, sem tirar o cigarro da boca. E tu, tu... O choramingas!

Durante um bom pedaço a cabeça de Dúguine tremeu-lhe, bateram-lhe os dentes, e os pèzorros, calçados de botas arruçadas de gastas, lhe hesitaram.

Em silêncio caminhavam pelo leito da rua vazia. De espaço a espaço, Buntchuk virava-se para trás. Por sobre eles, muito baixas, nuvens escuras e leves corriam para leste. A um canto por uma nesga aberta, naquele céu de Agosto, lavado pela chuva da véspera, a Lua, como um olho verde, espreitava de esguelha. Na encruzilhada seguinte, um soldado e uma mulher de xaile branco pelos ombros cerravam-se um contra o outro. O soldado abraçava a mulher, murmurava-lhe o que quer que fosse, e ela, empurrando-lhe o peito com as mãos, inclinava a cabeça para trás, e dizia-lhe baixo, em voz entrecortada, com um riso jovem e abafado: «Não te acredito! Não te acredito!»

XVIII

O general Krimov, convocado por Kerénsski, suicidou-se em Petrogrado, em 31 de Agosto

Então, várias delegações e comandantes das unidades do Exército de Krimov acorreram ao Palácio de Inverno, a submeterem-se. Homens que pouco tempo antes se erguiam contra o Governo Provisório curvavam-se agora diante de Kerénsski e afirmavam-lhe o seu fiel apoio.

Moralmente destroçado, o Exército de Krimov agonizava: por inércia, as suas unidades continuavam a avançar para Petrogrado, mas aquele movimento perdera qualquer significado, dado como a tentativa do golpe de Kornilov se desfizera, terminada em fogo-de-vista a explosão reaccionária; e o chefe do Governo Provisório, que, mesmo assim, perdera naqueles últimos dias as suas belas faces bochechudas, ensaiava atitudes napoleónicas, de pernas apertadas nas suas grevas, e afirmava em conselho de ministros «uma inteira estabilização política».

Na véspera do suicídio de Krimov, fora nomeado comandante supremo o general Alekcêiev. Consciente da terrível ambiguidade da sua posição, o correcto e escrupuloso Alekcêiev começara por recusar a nomeação, só por fim a aceitando, movido pelo desejo de aliviar a sorte de Kornilov e de quantos, de uma forma ou de outra, haviam participado da organização do movimento sedicioso.

Logo em seguida, por linha directa, tinha entrado em comunicação com o Quartel-General, para saber qual a atitude de Kornilov em relação à sua nomeação e à sua próxima chegada.

As negociações, fastidiosas, prosseguiram, com algumas interrupções, pela noite fora.

Naquele mesmo dia, Kornilov havia reunido à sua volta os oficiais do seu estado-maior e as pessoas mais devotadas. À pergunta que ele lhes fez, sobre a utilidade da continuação da luta contra o Governo Provisório, a maioria pronunciou-se afirmativamente.

- Peço-lhe que me dê a sua opinião, Alekssandr Serguêievitch - disse Kornilov, dirigindo-se a Lukómsski, que desde o começo da conferência não abrira a boca.

Em termos ponderados, mas firmes, este declarou-se contra o prosseguimento da acção.

- Capítular? - interrompeu-o com brusquidão Kornilov. Lukómsski encolheu os ombros.

- O caso impõe-se por si próprio.

A discussão durou ainda uma meia hora. Fazendo um visível esforço de vontade para se dominar, Kornilov manteve-se calado. Uma hora após ter encerrado a sessão, convocou Lukómsski.

- Tem razão, Alekssandr Serguêievitch. - Fez estalar os dedos, fitos no vago os olhos apagados, sem brilho, como que cobertos de cinza. - Toda a resistência seria estúpida e criminosa.

Demoradamente tamborilou com os dedos no tampo da mesa, de ouvido atento, como que escutando o tumulto dos próprios pensamentos. E, depois de uma pausa, inquiriu:

- Quando chega Mikhail Vassílievitch?

- Amanhã.

Alekçêiev chegou em 1 de Setembro. Na noite desse mesmo dia, por ordem do Governo Provisório, prendeu Kornilov, Lukómsski e Romanóvsski. Antes de os mandar recolher ao Hotel Metrópole, onde deviam manter-se sob vigilância, Alekçêiev tivera uma conversa a sós com Kornilov. Ao sair do gabinete dele, vinha profundamente perturbado, a custo dominando os nervos. A Romanóvsski, que havia querido falar com Kornilov, lhe embargara o passo a mulher deste:

- Desculpe-me. Mas Lavr Gueórguievitch pediu-me para não deixar entrar ninguém.

Romanóvsski lançou-lhe um olhar rápido à face descomposta, e retirou-se de pálpebras batendo-lhe e maçãs do rosto vermelho.

No dia seguinte, o general Denikine, comandante da frente do sudoeste, o seu chefe de estado-maior, o general Markov, o general Vanóvsski, e o general Erdéli, comandante do Exército Especial, foram presos em Berditchev.

Foi em Bikhov, no liceu das raparigas, que terminou sem glória o movimento de Kornilov, estrangulado pela História. Terminou ele, mas alguma coisa dele nasceu: pois onde foi, senão ali, que germinaram os planos da guerra civil futura e da grande ofensiva contra a revolução?

XIX

Uma manhã cedo, num dos últimos dias de Outubro, o capitão Lisstnítzki recebeu do coronel comandante do regimento ordem de se dirigir com o esquadrão a pé para a Praça do Palácio de Inverno.

Lisstnítzki deu as suas instruções ao sargento-ajudante, e vestiu-se à pressa.

Os oficiais levantaram-se, bocejando e praguejando.

- Mas que há?

- São os bolcheviques.

- Qual dos senhores me tirou as balas?

- Onde vamos nós?

- Não ouvem tiros?

- Quais tiros? Isso são alucinações auditivas.

Desceram os oficiais para o pátio. O esquadrão formou.

Lisstnítzki fê-lo sair do pátio em marcha acelerada. A Perspectiva Névsski estava deserta. Ouviam-se, efectivamente, algures, alguns tiros isolados. Um automóvel blindado ia e vinha através da Praça do Palácio, que os cadetes da Escola Militar patrulhavam. Nas ruas havia um silêncio de deserto. O esquadrão foi acolhido ao portão principal do palácio por um destacamento de cadetes e pelos oficiais cossacos do quarto esquadrão. Um deles, o comandante, dirigiu-se a Lisstnítzki:

- O esquadrão veio todo consigo?

- Veio. Porquê?

- É que o segundo, o quinto e o sexto esquadrões não estão aqui: os homens recusaram-se a vir. O grupo de metralhadores é que está connosco. E os seus cossacos?

Lisstnítzki teve um breve gesto de desalento.

- Isto está mau. E o primeiro e quarto esquadrões?

- Não vêm. Sabe que se espera para hoje um movimento dos bolcheviques? O diabo é que sabe o que acontecerá! - E suspirou, melancolicamente. - O que eu queria era raspar-me para o Don, ver-me livre desta embrulhada...

Lisstnítzki mandou entrar o esquadrão dele no pátio. Os cossacos enfeixaram as armas e dispersaram, no enorme recinto, vasto como a parada de um quartel. Reunidos numa ala afastada do Palácio, os oficiais fumavam e discutiam.

Um regimento de cadetes e o batalhão feminino chegaram uma hora mais tarde. Os cadetes instalaram-se no vestíbulo do Palácio. As «mulheres de choque» conservaram-se aglomeradas no pátio. Os cossacos andavam à volta delas, proferindo graçolas pesadas. O sargento Arjanov descobriu uma atarracada, de capote acanhado, e deu-lhe uma palmada nas costas.

- O que tu devias, tiazinha, era fazer meninos. Isto é negócio de homens
- Porque não os fazes tu? - ripostou a «tiazinha» em voz grave, mostrando os dentes.
- Vocês estão, então, connosco, minhas queridas? - repetia Tiukóvnov, um velho-crente femeeiro.
- Devíamos era dar-lhes com um chicote!
- Olhem os soldados de pernas abertas!
- Era melhor que estivessem em casa. Quem as mandou vir para cá?
- Isto são espingardas de dois canos, de modelo comunitário!
- Pela frente, soldados, mas por trás, meio padre, meio uma coisa que eu cá sei... Dá-me é vontade de cuspir.

- Eh, lá tu, mulher de choque! Mete o cu para dentro, ou ferro-te uma coronhada nele.

Riam os cossacos às gargalhadas, divertidos a olhar para as mulheres. Mas cerca do meio-dia a alegria sumiu-se. As «mulheres de choque», por pelotões, trouxeram da praça grossos barrotes de pinho, e barricaram o portão principal. Comandava-as uma mulheraça de porte masculino, que trazia uma cruz de São Jorge no capote de corte elegante. Na praça, o automóvel blindado intensificava as suas idas e vindas, e os cadetes carregavam para dentro, a braço, caixas de cartuchos e fitas de metralhadoras.

- Agora, rapazes, atenção!
- Mas vamos, então, bater-nos?
- Que é que tu julgavas? Que te tinham trazido para aqui para te meteres com o batalhão feminino?

Em torno de Lagútine havia-se formado um grupo: patrícios dele, das aldeias de Bukanóvsskaia e de Slachtchóvsskaia. Discutiam e moviam-se de um lado para o outro. Os oficiais tinham desaparecido. Só estavam agora no pátio os cossacos e as «mulheres de choque». Junto ao portão, havia metralhadoras abandonadas pelos homens; a humidade embaciava-lhes os escudos de protecção.

Para a tardinha, pôs-se a cair uma chuva miúda. Os cossacos começaram a agitar-se.

- Que raio é isto? Mandam-nos para aqui e deixam-nos sem comida?
- Temos de ir à procura de Lisstnítzki.
- Pois então vai lá! Está no Palácio, e os cadetes não nos deixam entrar.
- Temos de mandar alguém em cata da cozinha: é preciso que ela apareça.
- E para isso se delegaram dois cossacos.
- Vão sem carabinas, não lhas vão tirar! - aconselhou Lagútine.

Esperaram-se duas horas. Nem da cozinha nem dos dois delegados havia notícia. Soube-se mais tarde que uns soldados do Regimento de Semionóvski tinham apanhado a cozinha no momento em que ela saía do pátio da casa que servia de boleteo ao esquadrão e a haviam feito voltar para trás. Um pouco antes do crepúsculo, as «mulheres de choque», agrupadas ao pé do portão principal, formaram em linha de atiradores; a coberto dos barrotes de pinho, principiaram a atirar por sobre a praça. Os cossacos não tomaram parte no fogo: fumavam e aborreciam-se. Lagútine reuniu o esquadrão junto ao muro, e disse, lançando olhares inquietos para as janelas do Palácio:

- Ora bem, cossacos! Nós não temos nada aqui que fazer! Ou nos vamos embora, ou pagamos pelos outros. Não tarda que comecem a atirar contra o Palácio; e nós porque estamos aqui? Oficiais não se vê um... Que raio de mal fizemos nós, para morrermos assim? Vá, vamo-nos embora; não há razão nenhuma para aqui ficarmos! Quanto ao Governo Provisório, que se lixe! Que dizem vocês, rapazes?

- Se saírmos do pátio, os guardas-vermelhos liquidam-nos à metralhadora.
- Não escapa um! Não pode ser...
- Depois é que é tarde para pensar.
- O melhor é ficarmos aqui até ao fim.
- Estamos como os vitelos: é a hora do estábulo.
- Façam vocês como quiserem; o nosso pelotão vai-se embora.
- E nós a mesma coisa!

- Temos que mandar alguém falar com os bolcheviques: se eles não nos tocarem, também nós lhes não tocaremos.

O primeiro e o quarto esquadrão juntaram-se a eles. A deliberação não demorou muito. Três cossacos, um de cada esquadrão, saíram pelo portão principal, e voltaram uma hora depois, acompanhados de três marinheiros. Estes saltaram por sobre os barrotes que barricavam a entrada, e atravessaram o pátio com uma desenvoltura forçada; aproximaram-se dos cossacos e cumprimentaram-nos. Um deles, um rapaz novo e bem-parecido, de

bigode preto, o capote todo desabotoado e a boina deitada para a nuca, enfiou pelo meio da multidão dos cossacos.

- Camaradas cossacos! Nós somos os representantes da Frota Revolucionária do Báltico, e vimos propor-lhes que abandonem o Palácio de Inverno. Não lhes compete a vocês defender os filhos dos burgueses, os cadetes. Nem um só soldado apareceu para defender o Governo Provisório, e os vossos irmãos cossacos do 1.º e do 4.º Regimento juntaram-se a nós. Os que quiserem vir connosco coloquem-se à esquerda!

- Pois sim, irmão! - replicou um sargento do primeiro esquadrão, dando um passo para ele. - Irmo-nos embora íamos nós com prazer. Mas se os bolcheviques desatam a atirar-nos para cima?

- Camaradas! Em nome da Comissão Revolucionária de Petrogrado, prometemos-lhes uma segurança total. Ninguém lhes fará mal.

Outro marinheiro, bexigoso e atarracado, juntou-se ao do bigode preto. Considerou os cossacos, rodando o pescoço de toiro, e deu um murro no peito, que arqueou por sob a blusa.

- Nós acompanhamo-los. Não há motivo para desconfianças, porque não somos vossos inimigos; os proletários de Petrogrado não são vossos inimigos; os vossos inimigos estão ali...

Com um polegar indicou o Palácio, e um sorriso ruim descobriu-lhe os dentes cerrados.

Os cossacos hesitaram; algumas «mulheres de choque» acercaram-se, escutaram a arenga, e, depois de os fitarem, tornaram para o portão.

- Eh, vocês, mulheres! Vocês vêm connosco? bradou um cossaco alto e barbudo.

Não se ouviu resposta.

- Peguem nas carabinas e para a frente é que é o caminho! disse Lagútine com decisão.

Os cossacos foram buscar as carabinas e formaram.

- Levamos as metralhadoras, ou não? - perguntou um cossaco metralhador ao marinheiro do bigode preto.

- Levem. Não vamos deixá-las aos cadetes (*jogo de palavras, porquanto, por um lado, cadetes são os alunos das escolas militares, e, por outro, cadete se chamava o principal partido da burguesia russa, o partido Constitucional Democrata, cujas iniciais, K. D., se lêem em russo Ká-Dé*).

Quando os cossacos se preparavam para partir, os oficiais dos três esquadrões apareceram na sua totalidade. Formavam um grupo compacto e não despegavam os olhos dos marinheiros. Uma vez formada, a coluna pôs-se em movimento. O grupo dos

metralhadores ia à cabeça, com as suas metralhadoras, cujas rodinhas rangiam sobre as pedras molhadas. O marinheiro sem capote ia à frente do pelotão da vanguarda do primeiro esquadrão. Um cossaco robusto e loiro da stanitsa de Fedossêievsskaia agarrava-se-lhe a uma manga e dizia-lhe em voz comovida e culposa:

- Tu com certeza não julgavas que nós tínhamos vontade de ir contra o povo! Foi por estupidez que para aqui viemos. Se soubéssemos, julgas tu que tínhamos vindo? E abanou com tristeza a cabeça, com a sua grande poupa. Julgas tu que tínhamos vindo? Meu Deus!

O quarto pelotão foi o último a partir. Estacou ao portão, em que todo o batalhão feminino se havia aglomerado. Um cossaco enorme subiu acima de uns barrotes e agitou gravemente o indicador direito, escuro e de unha comprida.

- Oiçam lá, atiradores! Nós vamo-nos embora, e vocês, com a vossa estupidez de mulheres, ficam cá! Está bem. Mas cuidado, nada de brincadeiras: se nos atirarem pelas costas, voltamos atrás e cortamo-las aos pedacinhos. Parece-me que falei claro. bom, está bem. Então, adeus, até à próxima!

Saltou dos barrotes e, a correr, juntou-se aos outros, olhando para trás de vez em quando.

Iam os cossacos a meio da praça, quando um deles, que olhara à retaguarda, disse com emoção:

- Olhem, rapazes! Um oficial vem connosco!

Muitos viraram a cabeça para ver, enquanto continuavam a andar. Um oficial alto atravessava a praça a correr, segurando o sabre e gesticulando.

- É Atarchtchíkov, do terceiro esquadrão.

- Quem?

- Aquele alto, que tem uma verruga num olho.

- Quer vir connosco.

- É um bom tipo.

Atarchtchíkov aproximava-se com rapidez, e via-se-lhe a distância bailar um sorriso na face. Os cossacos faziam-lhe sinais e riam-se.

- Corre mais depressa, capitão!

- Mais depressa!

Ao portão do Palácio, um tiro isolado estalou como uma bofetada. Atarchtchíkov ergueu os braços no ar, inclinou-se para trás, e caiu de costas, de pernas vergadas; a cabeça bateu-lhe no chão; tentou ainda levantar-se. Como a uma voz de comando, os três esquadrões voltaram-se para o Palácio e apontaram as metralhadoras. Houve um rumor das

respectivas fitas. Mas ao portão não se via ninguém, por detrás dos barrotes de pinho. Dir-se-ia que o tiro afugentara as «mulheres de choque») e os oficiais que um instante antes lá estavam. Os três esquadrões tornaram a formar-se rapidamente, e de novo partiram, acelerando o passo. Dois cossacos do pelotão da cauda acorreram do sítio em que Atarchtchíkov havia caído. Muito alto, para o esquadrão todo o ouvir, um deles gritou:

- Foi atingido na espádua esquerda. Está morto.

Os passos soaram fortes e mais nítidos. O marinheiro sem capote comandou:

- À esquerda, em frente... marchel...

E a coluna virou à esquerda, deixando atrás de si o Palácio silencioso.

XX

O Outono avançava. Chovia. Era raro o sol exangue mostrar-se por sobre Bikhov. Em Outubro começaram as emigrações das aves selvagens. Os apelos tristes e angustiosos dos grouns ressoavam, mesmo à noite, por sobre a terra fria e negra. Os bandos migradores fugiam a toda a pressa das primeiras geadas e dos ventos altos e frios que sopravam do norte.

Havia mês e meio que os prisioneiros de Bikhov, que ali estavam desde o caso de Kornilov, esperavam pelo julgamento. A vida deles estabilizara-se, assumindo uma forma, se não habitual, pelo menos pautada e rigorosa. De manhã, depois da primeira refeição, os generais davam o seu passeio; ao voltarem dele, abriam a correspondência, recebiam as visitas dos parentes ou amigos, almoçavam, e, após a sesta, cada qual trabalhava no seu quarto; à tardinha, reuniam-se nos aposentos de Kornilov e longamente conversavam.

No liceu de raparigas, transformado em prisão, a vida não era desprovida de conforto.

A guarda exterior era assegurada por soldados do batalhão de São Jorge, e a guarda interior por turquemenos. Se, em certa medida, esta guarda limitava a liberdade dos prisioneiros, por outra, em contrapartida, apresentava uma vantagem importante: é que estava organizada de tal modo que eles podiam fugir com facilidade e sem risco, quando quisessem. Durante toda a sua estadia em Bikhov, se mantiveram em contacto constante com o mundo exterior, influenciando a opinião burguesa, exigindo que se acelerasse a instrução do processo e se apressasse o julgamento, baralhando as provas do levantamento, sondando o estado de espírito do corpo dos oficiais, e preparando a evasão para o caso de as coisas caminharem mal.

Preocupado em manter a fidelidade dos seus devotados turquemenos, Kornilov pôs-se em contacto com Kalédine, e este, a seu pedido, mandou para o Turquestão vários vagons de trigo, para as famílias indigentes. Para ajudar as famílias dos oficiais que tinham participado no seu movimento, Kornilov dirigiu uma carta violentíssima aos grandes banqueiros de Moscovo e de Petrogrado, os quais não tardaram em lhe enviar algumas dezenas de milhares de rublos, com receio de revelações comprometedoras da parte dele. Até ao mês de Novembro, seguiu-se entre ele e Kalédine uma correspondência abundante.

Numa carta a Kalédine, dos meados de Outubro, inquiria da situação no Don e da forma como os cossacos poderiam reagir à sua aparição entre eles. E a resposta de Kalédine foi alentadora.

A revolução de Outubro abalou o solo sob os pés dos prisioneiros de Bikhov. Logo no dia seguinte partiram estafetas em todas as direcções, e oito dias mais tarde, em conformidade com a inquietação de certas pessoas quanto à sorte dos prisioneiros, o general Dukhónine, que a si próprio se nomeara comandante-chefe, recebeu uma carta de Kalédine, a pedir-lhe instantemente que libertasse, sob palavra, Kornilov e os outros. O Conselho da União dos Exércitos Cossacos e a Comissão Directiva da União dos Oficiais do Exército e da Marinha faziam diligências no mesmo sentido, junto do Quartel-General. Dukhónine ia arrastando o caso.

No dia 1 de Novembro, Kornilov escreveu-lhe. As notas de Dukhónine à margem da carta dele são o testemunho claro da importância do Quartel-General, que perdera por completo a autoridade sobre o exército e vivia os seus últimos dias numa completa prostração.

«Prezado Nikolai Nikoláievitch!

A sorte colocou-o numa situação tal que depende do senhor mudar o curso dos acontecimentos, que tomaram por um rumo catastrófico para o país, por virtude, principalmente, da indecisão e da complacência do Alto-Comando. O momento de ousar ou ir-se embora, sob pena de arcar com a responsabilidade da ruína do país e da vergonha da desagregação definitiva do exército, chegou para o senhor.

Segundo as informações incompletas, fragmentárias, que me chegam, nem por ser muito séria, a situação é ainda desesperada. Mas virá a sê-lo, se o senhor deixar os bolcheviques apoderarem-se do Quartel-General, ou reconhecer a autoridade deles.

As unidades de que o senhor dispõe ou sejam o batalhão de São Jorge, meio corrompido pela propaganda, e o fraco regimento turquemenos, são mais que insuficientes.

Prevendo os acontecimentos que se vão seguir, considero indispensável que tome sem tardança as medidas necessárias não só para proteger o Quartel-General, como para garantir a organização da luta contra a anarquia que nos ameaça.

Estas medidas são as seguintes:

- 1.^a Transferência imediata para Moguilev de um dos regimentos checos e do regimento de lanceiros polaco.

Nota de Dukhónine: *O Quartel-General não as considera como suficientemente seguras. Estas fazem parte das primeiras que estabeleceram o armistício com os bolcheviques.*

2.^a A ocupação de Orcha, de Smolenssk, de Jlóbine e de Cornei por unidades do corpo de exército polaco, previamente reforçado por elementos de artilharia tirados das baterias polacas da frente.

Nota: *Para a ocupação de Orcha e de Smolenssk concentrámos a 2.^a Divisão do Kúbano e a Brigada dos Cossacos de Astracã. No próprio interesse da segurança dos internados, não é desejável retirar de Bikhov o regimento da 1.^a Divisão polaca que lá se encontra. As unidades dessa 1.^a Divisão têm quadros fracos, e por isso não representam uma força real. O Corpo de Exército Polaco está decidido a não se imiscuir nas questões internas da Rússia.*

3.^a Concentração na linha Orcha-Moguilev-Jlóbine de todas as unidades do Corpo de Exército Checoslovaco e do Regimento Kornilov, a pretexto de transferência para Petrogrado e para Moscovo, e de uma ou duas divisões cossacas, escolhidas entre as mais seguras.

Nota: *Os cossacos tomaram a decisão irrevogável de não se baterem contra os bolcheviques.*

4.^a Concentração na mesma zona de todos os automóveis blindados ingleses e belgas, empregando exclusivamente neles oficiais.

5.^a Concentração em Moguilev e num ponto próximo, sob uma boa guarda, de uma reserva de carabinas, de cartuchos, de metralhadoras, de carabinas automáticas e de granadas de mão, para as distribuir aos oficiais e aos voluntários que aí se deverão reagrupar.

Nota: *Isto pode ocasionar excessos.*

6.^a Estabelecimento de uma ligação estável e de um acordo preciso com os atamanes dos exércitos do Don, de Térek e do Kúbano e as Comissões polacas e checoslovacas. Os cossacos pronunciaram-se nitidamente em favor do restabelecimento da ordem no país; quanto aos polacos e aos checos, a sua própria existência depende do restabelecimento da ordem na Rússia.

De dia para dia, as notícias que chegavam eram mais alarmantes. Em Bikhov, a inquietação aumentava. Os automóveis dos amigos de Kornilov não paravam entre Moguilev e Bikhov; exigia-se de Dukhónine a libertação dos internados. O Conselho da União dos Exércitos Cossacos chegava mesmo às francas ameaças.

Esmagado pelo peso dos acontecimentos, Dukhónine hesitava. A 18 de Novembro, deu ordem de se transferirem os presos para o Don, e imediatamente a anulou.

No dia seguinte de manhã, um automóvel coberto de uma espessa camada de lama estacou em frente da entrada principal do liceu-prisão de Bikhov. O condutor abriu-lhe cerimoniosamente a porta e dele saiu um oficial já velho, de porte distinto, que apresentou ao oficial da guarda papéis com o nome do coronel do estado-maior Kussónski.

- Venho do Estado-Maior. Sou portador de uma mensagem pessoal para o general Kornilov. Onde posso encontrar o comandante da guarda?

O comandante, que era o tenente-coronel Erhardt do regimento turquemenos, conduziu imediatamente o oficial à presença de Kornilov. Depois de se ter apresentado, Kussónski declarou, separando as palavras, com uma pontinha de afectação:

- Dentro de quatro horas, Moguilev será entregue sem combate pelo Alto-Comando. O general Dukhónine encarregou-me de lhe fazer saber que é indispensável que todos os internados abandonem Bikhov sem demora.

Após ter interrogado Kussónski acerca da situação em Moguilev, Kornilov convocou o tenente-coronel Erhardt e disse-lhe, apoiando com firmeza a mão esquerda na borda da mesa.

- Liberte imediatamente os generais. Os turquemenos devem estar prontos a partir à meia-noite. Eu parto com o regimento.

Todo o dia os foles de campanha arquejaram, bufaram, as brasas cintilaram, os martelos bateram, e os cavalos excitados lelincharam nas suas estalas. Os turquemenos ferravam os cavalos, consertavam os arreios, limpavam as carabinas.

No decurso do dia, os generais deixaram, um após outro, o lugar da sua detenção. E já tarde, pela meia-noite escura, com a cidadezinha de província a dormir profundamente, sem uma luz acesa, começaram a sair cavaleiros, em filas de três, do pátio do liceu das raparigas. As suas silhuetas cor de carvão recortavam-se contra o fundo cinzento do céu. Semelhantes a aves negras, de penas eriçadas, friorentamente curvados nas selas e de bonés enfiados nas cabeças, encafuavam nos capuzes as faces carregadas e luzidias como azeite. No meio da coluna, ao lado do coronel Kinguélgue, comandante do regimento, Kornilov baloiçava-se, curvado, num cavalo alto e delgado. Do vento frio que soprava nas ruazinhas de Bikhov a face arrepiava-se-lhe, e, piscando os olhos amendoados, fitava o céu estrelado.

O ruído dos cascos ferrados de novo ressoou nas ruas, até se perder na orla da cidade.

XXI

Havia dois dias que o 12.º Regimento batia em retirada, lentamente e a combater, bem entendido, mas batendo em retirada. As carretas dos exércitos russo e romeno alongavam-se pelas estradas de terra solta. As unidades austro-húngaras, reunidas, envolviam os exércitos que retiravam, num movimento de flanco, procurando fechar-se sobre eles em tenaz.

Para o fim da tarde, soube-se que o regimento e a Brigada Romena, sua vizinha, estavam ameaçados de cerco. Ao pôr do sol, o inimigo tinha expulsado os romenos da aldeia de Khovinévsski e avançado até à cota 480, confinante com o desfiladeiro de Golche.

Durante a noite, o 12.º Regimento, reforçado por uma bateria de montanha a cavalo, recebeu ordem de tomar posição no vale.

Depois de ter instalado os seus postos avançados, preparava-se para um recontro. Nessa noite, Michka Kochevói e o tonto de Aleksei Bechniak, seu patrício, estavam de guarda num posto de escuta. Tinham-se escondido numa concavidade do terreno, ao lado de um poço abandonado e destruído, e respiravam o ar frio e cortante. Uns bandos tardios de patos selvagens atravessavam de espaço a espaço o céu nevoento e ralo, lançando aqui e além gritos tímidos. Exasperado de não fumar, Kochevói dizia entre dentes:

- A vida é esquisita, Aleksei... As pessoas andam às apalpadelas, como se fossem cegas, encontram-se, separam-se, de vez em quando uma esmaga outra... À força de vivermos assim, mesmo à beira da morte, acabamos por perguntar a nós próprios para que serve toda esta pena. Cuido que não há nada no mundo mais terrível que o interior dos homens, que nunca se consegue iluminar até ao fundo... Por exemplo, agora mesmo, estou deitado ao teu lado, mas não sei o que tu pensas, nem nunca na minha vida o saberei, e a vida que tu deixaste para trás não a conheço, como tu não conheces nada da minha... Talvez me apeteça matar-te, e tu, como estás a ver, dás-me um biscoito, sem de nada suspeitares... As pessoas não sabem grande coisa de si próprias. Este Verão, estive eu no hospital. O meu vizinho de cama era um soldado de infantaria, um rapaz de Moscovo. Admirava-se de tudo, e fazia-me perguntas sobre a vida dos cossacos, e mais isto e mais aquilo. Julgam eles que os cossacos só sabem o que seja o seu chicote, que são selvagens, e

que em vez de alma têm uma garrafa; e, afinal, nós somos como todos os homens: gostamos das mulheres como os outros, acariciamos as raparigas, choramos as nossas mágoas, e não nos alegramos das desgraças alheias... Que te parece, Aleksei? Eu, meu rapaz, tornei-me ávido de viver: quando penso em todas as belas mulheres que há no mundo, aperta-se-me o coração. E quando digo para comigo que nunca as poderei possuir todas, apetece-me gritar de tristeza. Tornei-me tão terno para as mulheres que gostava de as afagar a todas, até não poder mais... Montava as galdérias, montava as mais safadas, desde que fossem bonitas... Foi uma linda ideia, não haja dúvida, organizar a vida assim: impingem-nos uma mulher uma vez por todas, e temos de a aturar até à morte... Não há-de a gente aborrecer-se? E esta guerra, então, que eles inventaram!...

- Que tal está o toiro cobridor! - rosnou Bechmiak, sem malícia.

Deitado de costas, Kochevói não replicou; demoradamente olhou o espaço vazio por sobre ele, sorrindo sonhadoramente e acariciando com as mãos, com uma inquieta ternura, a terra fria, desesperadamente indiferente.

Uma hora antes de deverem ser rendidos, foram apanhados pelos alemães. Bechniak, que ainda tivera tempo de disparar, flectiu as pernas, rilhando os dentes, numa reverência mortal: uma baioneta alemã rasgara-lhe as entranhas e a bexiga, e vibrava com força, espetada na coluna vertebral. Kochevói foi derrubado com uma coronhada. Um robusto soldado do Landsturm carregou-o às costas e assim andou com ele meia verstá. Ao recuperar a consciência, sentiu que o sangue o afogava, respirou, e reunindo todas as forças que tinha, sem custo se safou das costas do alemão. Atiraram contra ele uma salva de tiros. Mas a noite e os arbustos favoreceram-no, e fugiu.

Quando a retirada cessou e as forças russo-romenas evacuaram a bolsa em que estavam, o 12.º Regimento foi rendido, enviado para a retaguarda, a algumas verstás do seu antigo sector, mas mais à esquerda. Uma ordem do dia prescreveu-lhe uma missão de polícia: patrulhar as estradas, impedir que os desertores alcançassem a retaguarda, prendê-los, sem hesitação em utilizar as armas, e mandá-los sob escolta para o Estado-Maior da Divisão.

Um dos primeiros a ficar de guarda foi Michka Kochevói. Uma manhã, com outros três homens, saiu da aldeia, e, em conformidade com as indicações do ajudante, tomaram posição não longe da estrada. Esta contornava um bosquezinho e perdia-se na planície irregular, dividida em talhões para ser lavrada. Os cossacos vigiavam, revezando-se. À tarde, notaram um grupo de uma dezena de soldados que caminhava em direcção a eles, com a intenção evidente de evitar a aldeia, que dali se avistava, no sopé da colina. Chegados à altura do bosquezinho, os soldados estacaram, acenderam cigarros,

visivelmente consultando-se, e depois tornaram a partir, numa direcção muito diferente: para a esquerda, em ângulo recto.

- Chamamo-los? - disse Kochevói, emergindo do milheiral.

- Disparamos para o ar.

- Eh, lá! Parem aí!

Os soldados, que estavam a umas dezenas de ságenas dos cossacos, suspenderam a marcha por um momento, mas logo reataram o caminho, como que contrariados.

- Aaalto! - bradou um dos cossacos, e despejou de enfiada um carregador para o ar.

Os quatro cossacos romperam a correr, de baioneta apontada, para alcançar os soldados, que caminhavam com toda a pachorra.

- Porque diabo não param vocês? A que unidade pertencem? Onde vão? Os vossos papéis? - exclamou o sargento Kolitchev, ao chegar ao pé deles.

Os soldados pararam. Três deles empunharam sem pressa as carabinas.

O último dobrou-se para o chão e apertou com um fio de telefone a sola solta de uma das botas. Todos eles vinham incrivelmente porcos e esfarrapados. Os capotes cheios de espinhos castanhos de mato, mostravam que eles haviam dormido na floresta. Dois deles traziam bonés de Verão, e os outros gorros de lã, de um cinzento sujo, de presilhas desabotoadas e gastas. O primeiro, aparentemente o chefe, alto e curvado como um velho, berrou em voz impertinente e fanhosa, com as bochechas flácidas a tremerem-lhe:

- Que é que vocês querem? Alguém os chateia? Porque não nos deixam em paz?

- Os papéis? - cortou o sargento, com postiza serenidade.

Um soldado de olhos azuis, vermelho como um tijolo acabado de cozer, tirou do cinturão uma granada de mão, agitou-a diante do sargento, e disse-lhe, rápido, à maneira da gente de larosslav, ao mesmo tempo que se virava para os companheiros:

- Aqui tens, pequeno, os nossos papéis! São isto! Uma ordem de missão permanente. Pensa na carcaça, porque, se te atiro com isto, nunca mais achas nem o fígado nem o baço. Compreendeste? Compreendeste ou não? Compreendeste? .

- Deixa-te de parvoíces - proferiu o sargento, carregando o cenho, e dando um empurrão no peito ao soldado. - Deixa-te de parvoíces e não penses em nos meter medo, que medo sabemos nós o que é. Mas, já que são desertores, vamos a voltar para trás, até ao Estado-Maior. Eles é que sabem como se trata com tipos como vocês.

Consultaram-se os soldados, entreolhando-se, e ergueram as carabinas. Um deles, magro e de bigode preto, que tinha ar de ser mineiro, rosnou, relanceando o olhar de Kochevói para os outros cossacos:

- Cuidado ou apanham uma espetadela de baioneta!... Ala! Ponham-se a andar! Por Deus que ao primeiro que avance, atiro!...

O soldado dos olhos azuis agitava a granada por sobre a cabeça; o alto e curvado roçou com a ponta enferrujada da baioneta o capote do sargento; o que tinha ar de mineiro praguejava e erguia a coronha da carabina contra Kochevói, cujo dedo tremia no gatilho da sua, que por sua vez lhe tremia, encostada à anca. Um dos cossacos agarrara um soldado baixinho pelas abas do capote, e sacudia-o, deitando olhadelas para trás, com receio de apanhar algum tiro pelas costas.

As folhas secas do milheiral rumorejavam ao vento. No extremo da planície irregular, os contrafortes das montanhas surgiam com todos os tons do azul. Vacas amarelas erravam nos prados em torno da aldeia. Por trás da floresta, o vento levantava em turbilhão uma poalha de geada. O pálido dia de Outubro era sonolento e doce, e da paisagem, salpicada por um sol avaro, exalavam-se serenidade e mansidão. E, perto da estrada, aqueles homens excitados por uma cólera absurda estavam prestes a envenenar com o seu sangue a terra semeada, gorda, e que a chuva empapava.

Um pouco apaziguados depois de terem feito muita bulha, puseram-se os soldados e os cossacos a falar mais pacificamente.

- Há três dias que nos retiraram das nossas posições. Nós não somos desertores. E vocês raspam-se. É uma vergonha. Abandonaram os camaradas. Quem aguentará a frente de batalha? Raio de gente que vocês são!... Ao meu lado, caiu morto à baioneta um camarada, e vens-me tu dizer que nós não sabemos o que é a guerra. Eu é que gostava que tu o soubesses como nós! dizia Kochevói, com irritação.

- Não vale a pena mais conversa interrompeu-o outro cossaco. Vamos ao Estado-Maior, e acaba-se com isto.

- Deixem-nos passar, cossacos, ou juro que disparo repetia em voz persuasória o soldado que tinha ar de mineiro.

O sargento abria os braços, com expressão desolada:

- Não podemos fazer isso, irmãozinhos! Mesmo que nos matem, vocês não conseguirão passar: o nosso esquadrão está acolá, na aldeia...

O soldado alto e curvado passava da ameaça à persuasão e da persuasão à súplica humilde. Por fim, remexeu na sacola suja, tirou dela uma garrafa revestida de palha entrançada, e disse baixo, com uma piscadela de olhos servil a Kochevói:

- Aqui têm vocês dinheiro, cossacos... e uma vodka alemã... e ainda se arranja mais qualquer coisinha. . Deixem-nos passar, em nome de Cristo... Eu tenho filhos em casa; percebes?... Estamos derreados; não podemos mais... Até quando vai isto durar?... Meu

Deus!... Vocês não podem, realmente, deixar-nos passar? Tirou rapidamente do cano de uma bota uma bolsinha de tabaco e dela duas notas amachucadas que meteu à força numa das mãos de Kochevói. Pega lá, pega lá. Oh, Senhor!... Não te rales; passamos bem sem dinheiro... O dinheiro não tem importância... passamos sem ele... Pega lá! E ainda não é tudo.

A arder de vergonha, Kochevói recuou, de mãos atrás das costas, a abanar negativamente a cabeça. O sangue subira-lhe à cabeça e as lágrimas aos olhos. «Foi por causa de Bechniak que perdi a cabeça... Que é que me deu?... Eu, que sou contra a guerra, a não deixar passar estes homens! com que direito?... Mãe do Céu, que estou eu a fazer? Cachorro de mim!»

Chamou o sargento à parte e disse-lhe, sem lhe fitar os olhos:

- Deixemo-los lá ir! Que te parece, Kolitchev? Deixamo-los, ha?...

Como se cometesse um acto vergonhoso, de olhar igualmente fugidio, o sargento respondeu:

- Eles que vão à vontade! Que diabo queres tu que se faça deles? Talvez não tarde muito, estaremos nós nas mesmas condições... Não vale a pena armarmos em espertos.

E, voltando-se para os soldados, gritou-lhes com indignação:

- Súcia de malandros! Nós a tratarmo-los como bons rapazes, e vocês a quererem-nos dar dinheiro! Acham vocês que não temos que chegar? Estava vermelhíssimo. Guarda lá a bolsinha, ou levo-te ao Estado-Maior!

Prosseguiram os cossacos o seu caminho. Kochevói olhou, ao longe, as ruazinhas desertas da aldeia, e gritou aos soldados, que por seu lado prosseguiam o deles:

- Eh, burros! Onde é que vocês vão, pelo campo a descoberto? Há ali um bosquezinho; fiquem ali o resto do dia, e abalem só à noite. Ou querem topar outra patrulha e serem presos?

Os soldados olharam à roda, pararam por um momento, indecisos, e como lobos, atrás uns dos outros, abalaram, numa bicha cinzenta e suja, até desaparecerem por entre uns choupos na concavidade de um vale.

No início de Novembro, começaram a chegar aos cossacos os primeiros rumores contraditórios sobre a revolução de Petrogrado. As ordenanças do Estado-Maior, em geral bem informadas, afirmavam que o Governo Provisório tinha fugido para a América, mas que Kerénsski fora preso por uns marinheiros, que depois de lhe raparem o cabelo e o pintarem com alcatrão, o haviam passeado durante dois dias pelas ruas de Petrogrado, como uma prostituta.

Um pouco mais tarde, ao chegar a notícia oficial do derrubamento do Governo Provisório e da tomada do poder pelos operários e pelos camponeses, os cossacos fecharam-se num silêncio vigilante. Muitos deles regozijavam-se, por pensarem que a guerra não tardaria a acabar; não obstante, uma inquietação alastrava, devida a uns vagos rumores, segundo os quais o 3.º Corpo de Cavalaria, com Kerénsski e o general Krassnov, avançava contra Petrogrado, apoiado no sul por Kalédine, que parecia ter conseguido conduzir para o Don alguns regimentos cossacos.

A frente ruía. Já em Outubro os soldados fugiam em grupinhos isolados, sem organização. Em fins de Novembro, porém, era às companhias, aos batalhões, aos regimentos, que abandonavam as suas posições. Algumas unidades partiam sem nada, mas a maioria delas levava o material todo, pilhava os armazéns, fuzilava os oficiais, roubava o que calhava, e rolava em multidão tumultuária pelas estradas que conduziām às respectivas terras.

Em tais condições, era insensato incumbir o 12.º Regimento de prender os desertores. Por isso o tinham mandado retomar as suas posições, onde ele em vão tentava tapar os buracos e as brechas abertas pela infantaria que abandonava as linhas. Em Dezembro, foi ele retirado da frente, alcançou em formação de marcha a estação mais próxima, embarcou todo o seu material, metralhadoras, reservas de cartuchos e cavalos, e mergulhou no interior da Rússia, refervente de combates...

O comboio atravessou a Ucrânia, em direcção ao Don. Não longe de Znamenka, os guardas-vermelhos tentaram desarmá-lo. As negociações duraram meia-hora. Kochevói e mais cinco cossacos, presidentes das comissões revolucionárias dos esquadrões, pediram que os deixassem passar armados.

- Para que precisam vocês das armas? - perguntavam os membros do soviete da estação.

- Para combatermos os nossos burgueses e os nossos generais! Para ir ao pêlo a Kalédine! - retorqui Kochevói, em nome de todos.

- As armas são nossas, são do Exército Cossaco. Não as damos a ninguém! diziam os cossacos, indignados.

Deixaram-nos passar. Em Kremetchug, de novo os quiseram desarmar. Só lhes deram passagem depois de as metralhadoras terem sido apontadas das portas encarnadas dos vagons para a estação, e de um dos esquadrões se haver postado em linha de atiradores ao longo da via férrea. Perto de Ekaterinosslov, após uma troca de tiros com um destacamento de guardas-vermelhos, o regimento foi parcialmente desarmado: apreenderam-lhe as metralhadoras, mais de cem caixas de cartuchos, os aparelhos

telefónicos e vários rolos de arame. Mas, quando lhes sugeriram que prendessem os oficiais, os cossacos recusaram-se. Só perderam um em todo o trajecto: Tchirkóvsski, oficial às ordens do regimento, que foi condenado à morte pelos próprios cossacos e executado pelo Cabeludo e por um marinheiro guarda-vermelho.

Em 17 de Dezembro, antes do anoitecer, na estação de Sinelníkovo, fizeram-no sair do vagon em que ia.

- Era mesmo este que traía os cossacos? - inquiriu com ar satisfeito, o marinheiro, que era bexigoso, pertencia à frota do mar Negro, e estava armado de uma máuser e de uma carabina japonesa.

- Achas que nos enganámos? Não, não nos enganámos: é ele mesmo! - retorquiu o Cabeludo, em voz estrangulada.

O oficial, um jovem capitão, olhava em torno, como um bicho acossado, e passava pelos cabelos uma mão húmida, insensível ao frio que lhe regelava a face e às dores das coronhadas. O Cabeludo e o marinheiro afastaram-se um pouco com ele.

- É por causa de malandros como este que as pessoas se revoltam, e que há revolução... Então, queridinho, não tremas assim, que te desbagoas todo disse-lhe entre dentes o Cabeludo, que tirou o boné e se benzeu. Aguenta-se, senhor capitão.

- Estás pronto? - perguntou o marinheiro, brincando com a máuser, com um sorriso garoto que lhe descobriu os dentes brancos.

- Estou pronto!

O Cabeludo benzeu-se outra vez, lançou uma olhadela de esguelha ao marinheiro, que havia avançado uma perna, e apontava a pistola, franzindo os olhos com expressão concentrada, sorriu sem amenidade e atirou primeiro que ele.

Perto de Tcháplino, o regimento foi envolvido por acaso num combate entre anarquistas e ucranianos, em que perdeu três homens, e só a grande custo se conseguiu safar, depois de ter libertado as linhas, peçadas pelos vagon de uma divisão de atiradores.

Três dias mais tarde, o primeiro comboio do regimento chegava à estação de Milerovo, onde os cossacos se apearam.

Os outros comboios tinham ficado bloqueados em Lugansk.

Reduzido a metade (os que haviam parado em Lugansk tinham voltado para as suas terras pelos seus próprios meios) o regimento chegou finalmente à aldeia de Kárguine. No dia seguinte, os cossacos venderam em leilão o seu espólio de guerra, os cavalos tomados aos austríacos e que tinham trazido da frente, e dividiram entre si o dinheiro do regimento e os equipamentos.

Kochevói e os outros cossacos de Tatársski para lá partiram ao entardecer do mesmo dia. Ao alcançarem o alto da colina que se segue a Kárguine, avistaram em baixo a aldeia, a mais bela aldeia do Alto-Don, dominando a curva branca do Tchir gelado. O fumo borbotava em rolos, que logo se desfaziam, da chaminé da fábrica de moagem a vapor; a praça estava negra de gente; os sinos tocavam para o ofício da tarde. Para lá da colina de Kárguine, distinguiam-se com dificuldade os cimos dos salgueiros da aldeia de Klimóvski, e mais além, por trás do cinzento-azulado, cor de absinto, do horizonte coberto de neve, o sol poente flamejava, imprecisamente, com a sua luz púrpura, invadindo metade do céu.

Os dezoito cavaleiros passaram em frente do cabeça das três macieiras selvagens, e a trote mais vivo, que lhes fazia ranger as selas, tomaram a direcção nordeste. A noite gélida escondia-se, como uma ladra, por detrás da crista da colina. Os cavaleiros embuçavam-se nos capuzes dos capotes, e de quando em quando metiam os cavalos a galope. Os cascos ressoavam com uma dureza tal que feria os ouvidos. Em baixo a estrada plana corria para o sul; de ambos os lados dela, uma película de neve rija, que um degelo recente adelgaçara, mas se agarrava ainda aos caules das ervas, brilhava ao luar, com fugitivos reflexos cor de greda.

Em silêncio, os cavaleiros estimulavam as montadas. A estrada corria para o sul. A floresta circundava a oriente o barranco de Dubovénki. A rede dos rastos das lebres cintilava sob as patas dos cavalos. Por sobre a estepe, como um elegante cinto cossaco, entalhado, a Via Láctea abraçava o firmamento.

QUINTA PARTE

I

Ía o Outono de 1917 muito adiantado quando os cossacos começaram a voltar da frente de batalha. Khrisstónia, envelhecido, regressou com três camaradas do 52.º Regimento. Depois apareceram Anikuchka, imberbe como sempre, os artilheiros Tomíline e Iakov-o-Ferradura, em seguida Martine Chamil, Ivane Alekcêievitch, Zakhar Koriolov, e o pernilongo Borchtchov, todos por si próprios licenciados; em Dezembro, quando já ninguém o esperava, surgiu Mitka Korchunov, seguido, uma semana mais tarde, pelo grupo todo dos cossacos do 12.º Regimento: Michka Kochevói, Prokhor Zikoy, Andrei Kachúline, filho do velho Kachúline, Epifane Makssáiev e Égor Siníline.

Fédote Bodóvsskov, o que parecia um kalmuk, chegou directamente de Veróneje, onde abandonara o regimento, montado num lindo cavalo isabel que tomara a um oficial austríaco; e durante muito tempo teve que contar como se havia escapulado, nas barbas dos destacamentos de guardas-vermelhos, graças à ligeireza do animal, por entre as aldeias do distrito de Veróneje, completamente desorganizadas pela revolução. Merkulov, Petro Melekhov e Nikolai Kochevói, que haviam largado em Kaménsskaia o 27.º Regimento, passado para os bolcheviques, chegaram após ele. Foi por estes que a aldeia soube que Grigóri Melekhov, que nos últimos tempos servira no 2.º Regimento da reserva, aderira aos bolcheviques e tinha ficado em Kaménsskaia, bem como Makcime Griáznov, o estoira-vergas, antigo ladrão de cavalos, que se sentia no 27.º Regimento nas suas sete quintas, ligado aos bolcheviques pela novidade daquela era de perturbação e de esperança numa vida sem limitações. Constava que Makcime arranjara um cavalo de uma espantosa fealdade e de um ímpeto bravio não menos espantoso; dele se dizia que era baixo, mas comprido, e da cor ruça dos bois, com uma listra de pêlos prateados, de nascença, ao longo de toda a espinha. Falava-se pouco de Grigóri, até por desejo de não falar, visto como o caminho dele e o da aldeia se haviam separado, sem se saber se alguma vez voltariam a juntar-se.

As propriedades a que os homens tornavam, donos delas ou outros cuja volta se esperava, transbordavam de alegria. Duro, impiedoso era o desgosto surdo e familiar dos que haviam perdido para sempre os pais ou próximos parentes. Muitos cossacos, faltavam, caídos nos campos da Galícia, da Bucovina, da Prússia Oriental, dos Cárpatos, da Roménia,

e cujos cadáveres apodreciam sob as salvas dos canhões. Já os montões de terra sobre as fossas comuns se cobriam de ervas maninhas, abatiam de chuvada para chuvada, desapareciam sob a neve movediça. Por mais que algumas mulheres cossacas saíssem à rua em cabelo, de mãos em pala sobre os olhos, nunca mais elas cessariam de esperar pelos que lhes eram queridos. Por mais que as lágrimas lhes corressem dos olhos inchados e baços, nunca mais elas aliviariam as suas mágoas! Por mais que elas gemessem nos dias dos aniversários e nas refeições funerárias, nunca o vento de leste lhes faria chegar as vozes à Galícia, à Prússia Oriental, aos montões de terra acumulada sobre as fossas comuns!...

A erva some os covais; com o tempo se somem as dores. O vento apagou os passos dos que partiram; o tempo apagará a dor sangrenta e a memória das que não voltaram nem voltariam a ver os seus amados, porque a vida humana é curta e estreito o pedaço de erva que nos cabe pisar...

Ao ver o irmão do seu defunto marido, Martine Chamil, acariciar a mulher grávida, amimar os filhos e dar-lhes presentes, a mulher de Prokhor Chamil batia com a cabeça contra a terra dura, mordida o solo batido. Esmurraçava o chão, rastejando, convulsa, e ao lado dela, em magote, como borregos, os filhos berravam, de olhos aterrorizados fitos nela.

Rasga, pobre mulher, a gola da tua última camisa! Arranca os cabelos, que a vida sem alegria, a vida cruel te embranqueceu; morde os lábios até te sangrarem; torce as mãos, que o trabalho te deformou; espoja-te no limiar da tua casa vazia! A tua casa já não tem amo, nem tu marido, nem os teus filhos pai; pensa que ninguém tornará a acariciar-te, e que nem os teus órfãos nem ninguém te livrará do trabalho arrasante e da miséria; que ninguém, à noite, te cerrará a cabeça contra o peito, quando te deitares, vencida pelo cansaço; que ninguém mais te dirá, como ele outrora te dizia: «Não te apoquentes, Anisska, que cá nos arrançaremos.» Não acharás outro marido, porque o trabalho, as necessidades e os filhos te secaram, te desfearam; os teus filhos ranhosos, seminus, não acharão novo pai; tu própria lavrarás, estorroarás o campo, arquejando do esforço excessivo para ti, ceifarás e carregarás o trigo no carro, erguendo-lhe os feixes pesados com a forquilha de três dentes, e sentirás no baixo-ventre qualquer coisa rasgar-se-te, e te torcerás nos teus trapos, a perder sangue.

A arrumar a velha roupa branca do filho, a mãe de Aleksei Bechniak chorava lágrimas amargas, que parcamente lhe corriam dos olhos; aspirava-a profundamente, mas só a última camisa dele, que Michka Kochevói trouxera, é que dele ainda guardava, por entre as pregas, o cheiro do suor; a velha encafuvava a cabeça nela, estremecendo e gemendo lamentosamente, enquanto as lágrimas lhe iam deixando marcas no tecido de algodão com o carimbo da tropa.

Órfãos também o estavam as famílias de Manítzkov, de Afonka Ozérov, de Evlánti Kalínine, de Likhóvidov, de Ermákov e de outros cossacos.

Só a Stepane Asstakhov ninguém chorava, nem disso se lembraria. A casa dele, meia em ruínas, de portas e janelas pregadas com tábuas, escura mesmo no Verão, estava vazia. Akcínia vivia em lagodnói, e nem na aldeia se ouvia falar grande coisa dela, nem ela lá aparecia nunca, o que queria dizer que ir lá lhe não interessava.

Os cossacos das stanitsas da parte superior do distrito do Donetz regressavam em bandos, às aldeias inteiras. No mês de Dezembro, os da stanitsa de Viochénsskaia tinham voltado quase todos.

Dia e noite, grupos de dez a quarenta cavaleiros atravessavam a aldeia de Tatársski, a caminho da margem esquerda do Don.

- Onde são vocês, militares? - perguntavam os velhos assomando às portas.

- Do rio Tchórnaia.

- De Zimóvnaia.

- De Dubrovka.

- De Rechetóvski.

- De Dudárevka.

- De Gorókhovka.

- De Alinovka.

- Já estão fartos de se baterem? - diziam-lhe perfidamente os velhos.

Alguns, bem dispostos e serenos, respondiam a isto, sorrindo:

- Já cá temos a nossa conta, avô. Basta o que basta.

- Para miséria, já chega. Voltamos para casa.

Outros, mais azedos, mais ruins, diziam, de mistura com todas as pragas que sabiam:

- Vai lá tu ver, velho, que vens de rabo entre as pernas.

- Que queres tu saber? Importa-te?

- Vocês por aqui falam de mais.

Nos fins do Inverno, começavam a surgir os primeiros germes de guerra civil à roda de Novotcherkassk, mas as stanitsas e as aldeias do Alto-Don mantinham uma tranquilidade de ossuário. Nas propriedades, no entanto, desenrolavam-se surdas lutas familiares, que por vezes vinham à tona: é que os velhos não se entendiam com os regressados da frente.

Daquela guerra, em vias de desenvolvimento perto da capital da Região do Exército do Don (*Ou seja Novotcherkassk, a que antes se alude*), mal ainda se tinha ouvido falar; as

peessoas perdiam-se na embrulhada das novas tendências políticas, esperavam pelos acontecimentos, atentas.

Em Tatársski viveu-se em sossego até ao mês de Janeiro. Os homens que haviam voltado da frente descansavam ao lado das mulheres, engordavam, sem se aperceberem de que bem perto os espreitavam penas e misérias mais amargas que as que haviam sofrido durante a guerra.

II

Em Janeiro de 1917, Grigóri Melekhov fora promovido a tenente por feitos em combate, e nomeado comandante de pelotão do 2.º Regimento da reserva.

Em Setembro, a seguir a uma pneumonia, obtivera uma licença; uma vez restabelecido, depois de mês e meio passado em casa, comparecera perante a comissão médica do distrito, e fora reenviado para o regimento. Após a revolução de Outubro, havia recebido o comando de um esquadrão. Desta época se podia datar a reviravolta nele produzida pelos acontecimentos e pela influência das suas relações com um dos oficiais do regimento dele, o tenente Efime Izvárine.

Grigóri travara conhecimento com ele no próprio dia em que regressara da licença; desde então com ele convivia constantemente, no serviço ou fora do serviço, por ele sendo influenciado sem disso se dar conta.

Efime Izvárine era filho de um cossaco abastado da stanitsa de Gurondóvsskaia; frequentara o Instituto Militar de Novotcherkassk, e fora enviado para a frente, para o 10.º Regimento Cossaco do Don; ali havia servido cerca de um ano, obtivera, como ele gostava de dizer, «a cruz de São Jorge dos oficiais no peito e catorze estilhaços de granada em todos os sítios honestos e desonestos do corpo», e por fim, para coroar a sua curta carreira, tinha ido parar ao 2.º Regimento da reserva.

Era um homem de capacidades excepcionais, de dotes incontestáveis, muito mais cultivado que a maioria dos oficiais cossacos, e autonomista cossaco encarniçado. A revolução de Fevereiro despertara-o e permitira-lhe revelar-se; ligara-se aos círculos cossacos de tendência separatista, e fazia uma propaganda hábil em prol da autonomia geral da Região do Exército do Don, do restabelecimento do sistema de governo existente no Don antes da dominação do povo cossaco pela autocracia. Conhecia admiravelmente a História, tinha a cabeça ardente, mas o espírito claro e sensato, e descrevia quadros de uma beleza exaltadora sobre a liberdade que o Don bem-amado conheceria mais tarde, quando o governasse a Assembleia Regional soberana, quando não houvesse um só russo no interior da Região, e quando o povo cossaco, com os seus postos estabelecidos ao longo das fronteiras do estado, falasse de igual para igual, sem ter de se desbarretar, com a Ucrânia e com a Grande-Rússia, com elas praticando comércio e trocas. Izvárine dava volta

às cabeças dos simples cossacos e dos oficiais pouco instruídos. Foi assim que Grigóri caiu sob a influência dele. A princípio haviam tido discussões apaixonadas; mas Grigóri, meio iletrado, não tinha armas que chegassem para o adversário, de modo que Izvárine com facilidade o vencia naqueles torneios oratórios. Discutiam em geral a um canto da caserna; e a simpatia dos auditores pendia sempre para Izvárine, que se lhes impunha pela argumentação, ao falar-lhes da independência futura, com isso tocando a maior parte dos cossacos abastados do Baixo-Don no mais íntimo, no mais recôndito de *sí* próprios.

- Mas como viveremos nós sem a Rússia, se não temos mais nada além do trigo? - perguntava Grigóri.

Com paciência, Izvárine replicava-lhe:

- Eu não penso numa existência independente e isolada exclusivamente da Região do Don. Penso numa federação, numa união com o Kúbano, o Terek e o Cáucaso é rico em minerais. Assim, teríamos tudo.

- E carvão?

- Temos a bacia do Donetsk pertinho.

- Mas essa pertence à Rússia.

- A quem ela pertence, em que território está, é isso ainda para discutir. Mas, mesmo que a bacia do Donetsk ficasse nas mãos da Rússia, a perda para nós não seria grande. A nossa união federativa não se basearia na indústria. Por natureza, somos um país agrário; o carvão necessário para a nossa magra indústria à Rússia o compraríamos. E não seria só o carvão, mas muito mais o que compraríamos aos russos: madeiras, objectos manufacturados, e outras coisas; em troca, fornecer-lhes-íamos nós toda a espécie de cereais e petróleo.

- Mas que vantagem temos nós em nos separarmos deles?

- Uma imediata. Antes de mais nada, libertarmo-nos da sua tutela política, restaurando o nosso próprio regime, destruído pelos tsares russos, e expulsando todos os estrangeiros. Dentro de dez anos, mandando vir máquinas do estrangeiro, teremos elevado de tal modo a nossa economia que seremos dez vezes mais ricos do que somos agora. Esta terra é nossa, foi regada pelo sangue dos nossos antepassados, alimentada pelos seus corpos; e nós, oprimidos pela Rússia, defendemos-lhe os interesses durante quatrocentos anos sem pensarmos em nós. Temos saídas para o mar. Teremos o exército mais forte e mais apto para combater, de forma que nem a Rússia nem a Ucrânia ousarão atentar contra a nossa independência.

De estatura média, esbelto, largo de ombros, Izvárine era um cossaco típico: de cabelos ondulados, a atirarem para amarelo, da cor da aveia pouco madura, a face crestada,

e a testa oblíqua e branca, porque o tom escuro da cara lhe parava à altura das sobrancelhas claras. Tinha voz de tenor, aguda e dócil, e o hábito de, quando falava, erguer em ângulo a sobrancelha esquerda e torcer o narizinho arqueado, de um modo seu especial, como que para fungar.

O passo enérgico, a segurança do porte, e o ar franco com que fitava tudo com os seus olhos castanhos distinguiam-no dos outros oficiais do regimento. Os cossacos tinham por ele um evidente respeito, talvez mesmo maior que pelo comandante.

Izvárine tinha longas conversas com Grigóri, que ao ouvi-lo sentia de novo vacilar-lhe sob os pés um terreno ainda pouco firme, como antes em Moscovo, na clínica de olhos do Dr. Sneguiriov, ao escutar Garanja.

Pouco depois da revolução de Outubro se travou entre eles o seguinte diálogo, em que Grigóri inquiriu com cuidado Izvárine acerca dos bolcheviques:

- Ora diz-me cá, Efime Ivânitch. Na tua opinião, os argumentos dos bolcheviques são justos, ou não são?

Erguendo as sobrancelhas e franzindo do seu modo engraçado o nariz, Izvárine deu uma gargalhada:

- Os argumentos deles? Ah-ah!... Mas, meu caro, parece que nasceste agora... Os bolcheviques têm o seu programa, as suas perspectivas, as suas esperanças. Segundo o seu ponto de vista, os bolcheviques têm razão, tal como nós, segundo o nosso. Sabes como o partido bolchevique se chama? Não sabes? Como é que tu não sabes uma coisa destas? Partido operário social-democrata russo. Compreendes? Operário! Por enquanto, fazem namoro aos camponeses, fazem namoro aos cossacos; mas o principal, para eles, é a classe operária. Para essa, o triunfo deles seria uma verdadeira libertação, mas, para os camponeses, uma nova escravidão, se é que não pior. Igualdade é coisa que não existe na vida. Se eles ganharem, será bom para os operários, e mau para os outros. Se a monarquia voltar, será bom para os proprietários e outros que tais, e mau para os outros. Ora nós não queremos nem os bolcheviques nem a monarquia. Do que nós precisamos é de um governo nosso, e, antes do mais, de sacudirmos todas as tutelas, quer seja a de Kornilov, quer seja a de Kerénski, quer seja a de Lénine. Não precisamos desses sujeitos para nada. Deus nos proteja dos nossos amigos, que para os nossos inimigos havemos nós de chegar sozinhos.

- Mas a maior parte dos cossacos é pelos bolcheviques... pois não sabes?

- Gricha, meu amigo, tens de compreender isto, que é essencial: por ora os cossacos e os camponeses acompanham os bolcheviques. E sabes porquê?

- Porque é então?

- Porque...Izvárine franziu o nariz, torceu-o todo a um lado, e disse, a rir: Porque os bolcheviques são pela paz, pela paz imediata, e os cossacos estão fartos da guerra até aqui.

E levou uma das mãos ao pescoço tisonado e firme. Depois, baixou a sobancelha e exclamou:

- É por isto que os cossacos seguem os bolcheviques e acertam o passo com eles. Mas, mal a guerra a-ca-be, e os bolcheviques estendam as unhas para as terras cossacas, o caminho do povo cossaco afastar-se-á do deles. Isto é indiscutível, e historicamente inevitável. Entre a forma de vida actual dos cossacos e o socialismo, remate da revolução bolchevique, há um abismo intransponível...

- Devo-te dizer... - murmurou surdamente Grigóri - que não compreendo nada... Custa-me desenredar tudo isto... Sinto-me perdido, como no meio de uma tempestade de neve em pleno campo...

- Assim não te desenrascas. A vida te obrigará a ver os factos com clareza, e não só te obrigará como te arrastará à força para um lado ou para outro.

Passou-se isto num dos últimos dias de Outubro. Em Novembro, Grigóri encontrou por acaso outro cossaco, que havia de vir a desempenhar um papel importante na história da revolução no Don, Fiodor Podtiólkov; e, após um curto período de hesitação, venceram nele as suas antigas ideias.

Naquele dia, desde o meio-dia que caía uma chuva miúda. Para o fim da tarde houve uma aberta, e Grigóri decidiu ir visitar Drozdov, seu patrício, aspirante do 28.º Regimento. Um quarto de hora depois, limpava ele a sola das botas à entrada da casa de Drozdov, e batia. Drozdov não estava só no compartimento, cheio de plantas carnosas enfezadas e de móveis velhos; sentado numa cama de campanha, de oficial, de costas para a janela, estava um cossaco robusto e corpulento, com divisas de sargento-ajudante de artilharia da Guarda. Curvado, de pernas largamente abertas, enfiadas em calções de fazenda preta, tinha as mãozorras, cobertas de pêlos ruivos, pousadas nos joelhos redondos e vastos. O dólman muito apertado cingia-lhe as ancas, franzia-se-lhe nas axilas, quase lhe estalava no peito arqueado. Ao rangido da porta, virou o pescoço grosso e sanguíneo, considerou com frieza Grigóri, e logo ocultou sob as pálpebras inchadas, nas suas fendas estreitas, o brilho glacial dos olhos.

- Não se conhecem? É quase um vizinho nosso, Gricha: Podtiólkov, de Usst-Khopérskaia.

Grigóri e Podtiólkov apertaram as mãos, sem uma palavra. Sentou-se Grigóri, e disse ao dono da casa:

- Sujei-te o chão. Não ralhas comigo por isso?

- Não, está sossegado. A hospedeira o lava... Queres chá?

Baixo, irrequieto como uma enguia, Drozdov bateu no samovar com uma unha amarelada do tabaco, e acrescentou, pesaroso:

- Tens de o beber frio.

- Não quero. Não te incomodes.

Grigóri ofereceu um cigarro a Podtiólkov. Durante um pedaço, em vão este tentou, com os dedos grossos e vermelhos, tirar um de entre os outros, apertados como estavam, e comentou, irritado e corado:

- Não consigo agarrar este estupor!

Lá fez rolar um, finalmente, para cima da tampa da caixa; e ergueu então para Grigóri os olhos franzidos por um sorriso que lhe estreitava ainda mais as fendas das pálpebras. Aquela sem-cerimónia agradou a Grigóri, que lhe perguntou:

- De que aldeia és tu?

- Sou de Krutóvski - respondeu prontamente Podtiólkov. - Foi lá que me criei. Mas nos últimos tempos vivi em Usst-Kalinóvsskaia. Conheces Krutóvski? Já ouviste falar? Fica quase paredes-meias com Elánskaia. E a aldeia de Plechakóvski, conheces? Logo a seguir avista-se Matvéiev, e mesmo ao lado Tiukovnévski, que faz parte da nossa stanitsa. Pois bem, depois, é a região em que eu nasci: as aldeias de Krutóvski, de Cima e de Baixo.

O tempo todo que durou a conversa, tão depressa tratou Grigóri pela segunda pessoa do singular como pela do plural, falando à vontade, e chegando mesmo de uma vez, já mais familiarizado com ele, a bater-lhe num ombro com a sua mão pesada. Na cara grande, o seu tanto bexigosa, o bigode meticulosamente enrolado luzia-lhe, e os cabelos, acamados com água, tufavam-se-lhe em torno das orelhas pequenas e encaracolavam-se-lhe levemente do lado esquerdo. Causaria uma impressão agradável, se não fossem o grande nariz proeminente e os olhos. À primeira vista, estes nada tinham de extraordinário; mas, à força de os fitar, Grigóri sentiu que eles pesavam em cima dele como chumbo. Pequenos, redondos como zagalotes, brilhavam no meio das suas fendas estreitas como por trás de seteiras, fazendo baixar os olhares alheios e sendo capazes de fixar demoradamente um mesmo ponto, com dura tenacidade.

Grigóri, que o observava com curiosidade, notou uma característica de Podtiólkov: é que quase não piscava as pálpebras. Nas conversas, enquanto o interlocutor falava, fitava nele um olhar triste; mas, ao falar ele próprio, os olhos saltitavam-lhe de objecto para objecto, com as sobrancelhas curtas, queimadas pelo sol, constantemente baixadas e imóveis. De longe em longe, deixava cair as pálpebras superiores, inchadas, para logo as erguer bruscamente, olhando as pessoas em torno com os seus olhos como zagalotes.

- É interessante esta época, rapazes! - começou Grigóri, dirigindo-se ao dono da casa e a Podtiólkov. - Mal a guerra acabe, iniciaremos uma vida nova. Na Ucrânia, a Rada (*A «Rada Central», constituída em 4 (17) de Março de 1917 em Kiev, proclamou, em 7 (20) de Novembro do mesmo ano, a independência da Ucrânia e a formação da República Popular da Ucrânia. Contra ela, no mês seguinte, em 12 (25) de Dezembro, o 1.º Congresso Pan-Ucraniano dos Sovietes, reunido em Kharkov, proclamou a República Soviética da Ucrânia. A guerra civil da Ucrânia, que então começou, deveria durar até 1921.*), e na nossa terra, a Assembleia Regional.

O atamane Kalédine corrigiu Podtiólkov a meia voz.

- É o mesmo. Qual é a diferença?

- Com efeito, não há diferença - concordou Podtiólkov.

- E adeus, nossa mãezinha Rússia - continuou Grigóri, repetindo uma frase de Izvárine, para ver como reagiriam Drozdov e aquele homenzarrão da artilharia da Guarda - Teremos o nosso próprio governo e as nossas próprias leis. Acabam-se os ucranianos na terra cossaca; rua com eles! Traçaremos a nossa fronteira, e fica proibida a entrada! Viveremos como antigamente, como os nossos antepassados. Na minha opinião, a revolução serve-nos às maravilhas. Que te parece, Drozdov?

A isto, Drozdov sorriu, e, agitando-se todo, replicou:

- Com certeza que há-de ser melhor. Os mujiques adquiriram força demasiada; deixarão de mandar na nossa terra. E, depois, que diabo, os atamanes designados (*Como já se disse em nota anterior, os chefes dos exércitos cossacos eram designados pelo governo, e, habitualmente oficiais gerais de origem não cossaca*) são todos alemães: von Taube, von Grabbe e companhia! E toda a terra a davam a esses senhores do Estado-Maior!... Agora, vamos respirar.

- E a Rússia aceitará isso? - atirou Podtiólkov, sem encarar nenhum dos dois.

- Não tenhas medo, que aceita - assegurou Grigóri.

- E continua a ser a mesma coisa... A mesma sopa, nem mais grossa, nem mais rala.

- Como é lá isso?

- É assim mesmo. - Podtiólkov moveu os olhos de zagalote um pouco mais vivamente do que era hábito, e acabou por fixá-los com dureza em Grigóri. - Os atamanes continuarão a chuchar do povo trabalhador, e nós a pormo-nos em sentido diante de Suas Nobrezas, para lhes recebermos os punhos nas ventas. Ora esta!... Uma bela vida... Melhor é atarmos uma pedra ao pescoço e atirarmo-nos à água!

Grigóri levantou-se, deu alguns passos no quarto estreito, várias vezes se roçando pelos joelhos afastados de Podtiólkov, até que acabou por parar e lhe perguntou:

- Que havemos então de fazer?

- Ir até ao fim.

- Até qual fim?

- Já que começámos, é continuarmos. Visto que deitámos abaixo o tsar e a contra-revolução, é preciso que o poder passe para as mãos do povo. Tudo o mais, são contos para entreter crianças. No tempo antigo era-se oprimido pelos tsares; agora, se já não forem os tsares, serão outros que nos oprimirão e nos farão gemer...

- Qual é então a tua opinião?

De novo os olhos duros percorreram o quarto estreito, como se buscassem maior espaço.

- Um poder popular... eleito. Se nos metemos entre as unhas dos generais, aí temos nós outra guerra, que é coisa de que não precisamos. É necessário que um poder assim se estabeleça por toda a parte, no mundo inteiro: que o povo nunca mais seja oprimido, nem o matem em guerras. De outro modo, que é que teremos? Podes virar do avesso uns calções esburacados, que não é com isso que os buracos desaparecem. - Podtiólkov deu uma palmada sonora em cada joelho, e sorriu maliciosamente, mostrando os dentes pequenos e unidos. - Temos de cortar com o tempo antigo, se não queremos que nos ponham uns arreios piores do que eram os do tsar.

- E quem nos governará?

- Nós mesmos! - E Podtiólkov animou-se. - Tomamos o poder, e pronto, aí está o nosso governo. Basta que nos desapertem um pouco a cilha, que nós nos saberemos livrar de todos os Kalédines.

Grigóri havia estacado em frente da janela embaciada; durante um bom bocado olhou para a rua, onde umas crianças se entretinham num jogo complicado, para os telhados molhados das casas fronteiras, para os ramos cinzentos-pálidos de um álamo desnudo do jardim; deixara de ouvir a discussão entre Drozdov e Podtiólkov; e penosamente buscava um caminho próprio por entre a confusão dos seus pensamentos, formular um juízo, tomar uma decisão.

Assim esteve uma dezena de minutos, a desenhar em silêncio monogramas nas vidraças. Lá fora, por sobre o telhado de uma casa baixa, o sol murcho da proximidade do Inverno consumia-se, a entrar no ocaso: era agora, em equilíbrio ao alto do telhado, de um vermelho viscoso, e dir-se-ia que de um momento para o outro ia tombar, rolar para o outro lado. As folhas mortas, ásperas, batidas pela chuva, vinham arrastadas do jardim municipal, e o vento, que soprava da Ucrânia, que soprava de Luganssk, de momento para momento mais forte, rugia por sobre a stanitsa.

III

Novotcherkassk tornara-se o centro de atracção de todos os que fugiam da revolução bolchevique. Os grandes generais, os antigos senhores do destino do exército russo desfeito afluíam para o Baixo-Don, na esperança do apoio dos cossacos reaccionários, e pensando lançar, a partir daquela praça-forte, a sua ofensiva contra a Rússia Soviética.

Em 2 de Novembro, o general Alekcêiev chegou a Novotcherkassk, acompanhado do capitão Chaprone. Depois de uma conferência com Kalédine, resolveu organizar destacamentos de voluntários. Vindos do norte, oficiais, cadetes das escolas militares, homens dos batalhões de choque, estudantes, soldados sem categoria, e dentre os cossacos, os contra-revolucionários mais activos, ou simplesmente gente em cata de aventuras e de soldos altos, mesmo que fossem pagos em rublos de Kerénsski, constituíram o esqueleto do futuro Exército Voluntário,

Os generais Denikine, Lukómsski, Markov e Erdéli chegaram nos últimos dias de Novembro. Por essa época, os destacamentos de Alekcêiev já contavam mais de mil homens.

Em 6 de Dezembro, apareceu Kornilov; havendo abandonado a sua escolta turquemenas, viajava disfarçado até à fronteira da região do Don.

Kalédine, que no Don conseguira juntar quase todos os regimentos cossacos das frentes romena e austro-alemã, dispusera-os ao longo da grande via de caminho-de-ferro Novotcherkassk-Tchertkovo-Rostov-Tikhorétzkaia. Os cossacos, porém, fatigados por três anos de guerra, tinham regressado da frente num estado de espírito revolucionário, e não mostravam nenhum desejo especial de se baterem contra os bolcheviques. Os regimentos tinham à roda de um terço do seu efectivo normal de cavaleiros. Os menos desfalcados, o 27.º, o 44.º e o 2.º da reserva, encontravam-se na stanitsa de Kaménskaia, para onde igualmente seriam enviados mais tarde de Petrogrado o Regimento Atamánsski e o regimento cossaco, ambos da Guarda. Os 58.º, 52.º, 43.º, 28.º, 12.º, 29.º, 35.º, 10.º, 39.º, 23.º, 8.º, e 14.º Regimentos, e as 6.ª, 32.ª, 28.ª, 12 e 13.ª Baterias, tudo proveniente da frente, foram repartidos por Tchertkovo, Milerovo, Líkhaia, Glubókaia e Zvérevo, bem como pela região mineira. Os regimentos cossacos dos distritos do Khopr e de Usst-

Medvéditzkaia mantiveram-se algum tempo nas estações de Filónovo, de Uriupínsskaia e Sebríákov, e depois dispersaram-se.

Uma vontade poderosa arrastava os cossacos para os seus lares e não havia forças que pudessem conter essa espontânea atracção. De todos os regimentos do Don, apenas o 1.º, o 4.º e o 14.º se haviam conservado em Petrogrado, e não se conservaram lá muito tempo.

Kalédine esforçava-se por dissolver certas unidades particularmente pouco seguras, ou por isolá-las, fazendo-as enquadrar pelas mais sólidas.

Em fim de Novembro, quando pela primeira vez experimentara enviar tropas da frente contra a revolucionária Rostov, os cossacos, ao chegarem a Akssaísskaia, haviam-se recusado a ir mais longe e arrepiaram caminho. A organização em larga escala de unidades constituídas por «pedaços» deu os seus resultados: em 27 de Novembro, Kalédine sentia-se apto a lançar uma ofensiva com sólidas unidades voluntárias e forças cedidas por Alekcêiev, que nessa data já havia reunido vários batalhões.

Em 2 de Dezembro, Rostov foi tomada de assalto pelos voluntários. Após a chegada de Kornilov, o centro da organização do Exército Voluntário foi para lá transferido. Kalédine ficou só. Dispôs as unidades cossacas nas fronteiras da região, fê-las avançar até Tsáritzine e até ao limite do distrito de Saratov, mas para as situações urgentes, que necessitavam de soluções rápidas, utilizava apenas destacamentos de oficiais guerrilheiros; só neles o poder militar, cada vez mais caduco e mais impotente, se podia apoiar.

Para dominar os mineiros do Donetz foram mandadas tropas recrutadas de fresco. Na circunscrição de Makêievka, onde estavam também unidades do 58.º Regimento cossaco regular, se tornou célebre o capitão Tchernétsov. As tropas de Semiléto e de Grekov, mais diversas unidades, organizavam-se à pressa em Novotcherkassk; ao norte, no distrito do Khopr, constituía-se o «Corpo Stenka Rázine», com oficiais e guerrilheiros. Mas três colunas de guardas-vermelhos progrediam em direcção à região. Na previsão de um embate, acumulavam-se forças em Kharkov e em Voróneje. As nuvens engrossavam e escureciam por sobre o Don. Os ventos traziam da Ucrânia o eco do troar dos canhões.

IV

Branças-amareladas e mamudas, as nuvens deslizavam como barcos por sobre Novotcherkassk. No azul-celeste, exactamente por cima da cúpula reluzente da catedral, um cirro crespo, de astracã cinzenta, flutuava, imóvel; a cauda longa baixava-lhe às ondas, que se lhe tingiam de um tom de prata rosado, algures, por sobre a aldeia de Kriviansska.

O sol nascia pálido, mas dos reflexos dele as janelas do palácio dos atamanes flamejavam. Os telhados de chapas metálicas reluziam, e o Ermak (*Ermak Timofëievitch, conquistador da Sibéria, morto em 1584*) de bronze, estendendo para o norte a coroa da Sibéria, ainda estava molhada da chuva da véspera.

Um pelotão de cossacos a pé subia a encosta de Krechtchénski. O sol brincava nas baionetas das carabinas. Os passos cadenciados e quase inaudíveis dos cossacos mal feriam o silêncio límpido da manhã, só quebrado por algum raro peão, ou, de espaço a espaço, por alguma tipóia bamboleante.

Foi nessa manhã que Iliá Buntchuk chegou a Novotcherkassk, no comboio de Moscovo. Foi a última pessoa a apear-se, aconchegando o seu velho sobretudo de meia estação; havia perdido o hábito dos trajes civis, e sentia-se neles pouco à vontade.

No cais passeavam um polícia e duas garotas que se riam, não se percebia de quê. Buntchuk entrou na cidade, de mala sobraçada, uma mala barata, horrivelmente estragada. Até à ponta da rua, quase não se cruzou com pessoa nenhuma. Ao fim de meia hora, após ter atravessado obliquamente a cidade toda, estacou em frente de uma casita meio em ruínas. Sem qualquer reparação já nem se sabia desde quando, aquela casa fazia pena a quem a olhasse. Do tempo que sobre ela pesava, o telhado tinha-lhe ido abaixo, as paredes inclinavam-se-lhe, as portadas das janelas pendiam, de esguelha, e os caixilhos das vidraças, de empenados, faziam lembrar paralíticos. Ao abrir a cancela, Buntchuk deitou à casa e ao pátiozinho um olhar comovido, e a passo rápido alcançou o patamar.

O corredor estreito estava meio ocupado por uma arca, cheia de objectos diversíssimos, numa quina da qual, na escuridão, Buntchuk bateu com o joelho esquerdo; mas, sem sentir a dor, empurrou uma porta. O compartimentozinho baixo estava vazio. Abriu a porta do seguinte, mas, não vendo ninguém, nem entrou. O cheiro para ele terrivelmente familiar, que só aquela casa tinha, deu-lhe um atordoamento. Numa olhadela

relanceou todo o compartimento: o pesado armário dos ícones no canto principal, a cama, a mesinha, com o seu espelho picado de velho, sobranceiro a ela, as fotografias, algumas decrépitas cadeiras de fundo de palhinha, a máquina de costura, e, sobre a chaminé do fogão, o samovar baço domuito uso. De coração a bater-lhe subitamente mais depressa e aspirando o ar como se sentisse abafado, Buntchuk virou-se, pousou a mala no chão, e olhou a cozinha; o fogão abaulado, pintado de verde, tinha o mesmo ar acolhedor; por trás da cortina de chita, um velho gato preto e branco fitava-o, com os olhos chispando-lhe de uma curiosidade inteligente, quase humana; as visitas deviam ser raras. A loiça suja espalhava-se em desordem em cima da mesa; ao lado desta, num banquinho, estava um novelo de lã e uma meia por acabar, sobre que reluziam quatro agulhas de fazer malha.

Nada, em oito anos, havia mudado. Era como se ele tivesse partido dali na véspera. Correu ao patamar da entrada. À ponta do pátio, uma velha alquebrada, vergada por quanto havia vivido e sofrido, saía do barracão das arrecadações. «A minha mãe!... É possível?... Mas é ela?...» De lábios tremendo-lhe, Buntchuk precipitou-se-lhe ao encontro. Havia tirado o chapéu, e amarrotava-o numa das mãos.

- Quem procura? Procura alguém? - perguntou a velha, com inquietação, sem avançar, de mão em pala por sobre as sobranceiras arruçadas.

- Mamã! - exclamou em voz surda Buntchuk. Então não me conheces?

Dirigiu-se a ela, de pernas agora vergando-se-lhe; tinha-a visto cambalear, à exclamação dele, como se esta fosse uma punhada; com certeza ela gostaria de correr direita a ele, mas as forças traíam-na, pelo que avançava aos sacões, como se lutasse contra o vento. Buntchuk amparou-a, ia ela a cair, e, sem cessar de bater as pálpebras, incapaz de se dominar, enchia-lhe de beijos a cara miúda e engelhada, e os olhos perturbados pelo receio e por uma alegria desmedida.

- Iliúcha!... Iliúchenka!... Meu filho! Não te reconheci... Meu Deus, donde vens tu?... - murmurava a velha procurando endireitar-se e aguentar-se nas pernas fracas.

Entraram em casa. E aí, passados os primeiros minutos de profunda comoção, outra vez Buntchuk se sentiu contrafeito naquele sobretudo que não tinha sido feito para ele, e que o incomodava, lhe apertava as axilas, lhe entravava os movimentos. com alívio o tirou, e sentou-se à mesa.

- Julgava não voltar a ver-te vivo! . Ao tempo que eu não te via! Meu filho querido! Como havia eu de te reconhecer, da maneira que estás mais forte e mais velho!

- E tu, mamã, como vais? - perguntou Buntchuk, sorrindo.

Ela atrapalhava-se no que dizia, não parava, a pôr a mesa, a aquecer o samovar, enfarruscando de carvão a cara banhada em lágrimas, constantemente tornando ao filho, a

acariciar-lhe as mãos, numa tremura, a cerrar-se-lhe contra um ombro. Aqueceu água, e ela própria lhe lavou a cara; foi-lhe buscar roupa branca, que o tempo amarelecera, ao fundo da arca, serviu de comer ao querido recém-vindo, e até muito tarde se quedou, sem o desfrutar, a fazer-lhe perguntas, abanando a cabeça com gravidade.

Davam duas horas no campanário próximo quando Buntchuk se deitou. Rapidamente adormeceu. E, enquanto dormia, o presente sumiu-se: era o estudantinho turbulento da escola profissional, tinha-se fatigado de correr, deitara-se, e não tardaria que a mãe abrisse a porta da cozinha, para o inquirir em tom severo: «Iliúcha, estudaste as lições para amanhã?» Por isso ele dormia com um sorriso nos lábios, de inquietação e de felicidade.

Várias vezes durante a noite a mãe se abeirou dele, lhe compôs a roupa da cama, lhe beijou a testa ampla, que uma mecha de cabelo claro cruzava, para de cada vez, sem fazer barulho, se ir embora.

Buntchuk abalou no dia seguinte. De manhã recebeu a visita de um camarada, de capote de soldado e boné cinzento-esverdeado, novinho, com quem conversou em voz baixa, após o que fez a mala a toda a pressa, atirando-lhe para dentro umas peças de roupa que a mãe havia lavado, e enfiou o sobretudo, com uma careta de contrariedade. Brevemente se despediu, prometendo voltar um mês depois.

- Onde vais tu, Iliúcha?

- Vou a Rostov, mamã, a Rostov. Mas não tardo a estar cá de novo... Não... Não te apoquentes, mamã disse-lhe ele para a animar.

Num impulso, ela tirou do pescoço uma cruzinha que trazia, e pô-la ao do filho, a quem abençoou e beijou, e, com os dedos frios e trémulos, compôs-lhe o cordão por baixo da gola da camisa.

- Leva-a, Iliúcha. É a cruz de São Nicolau da Mirlicia. Protege-o e salva-o, santo intercessor, cheio de misericórdia, olha por ele e guarda-o .. Só o tenho a ele... - murmurou ela, apertando a cruz contra os olhos, que lhe ardiam.

Abraçou o filho com arrebatamento, e não foi capaz de se conter: os cantos dos lábios puseram-se-lhe a tremer, até lhe descaírem amargamente; uma gota, e depois outra, quentes como a chuva da Primavera, caíram numa das mãos peludas de Buntchuk. Ele despegou do pescoço os braços da mãe e saiu a porta, com a face ensombrecida.

A estação de Rostov estava apinhada de gente. As pontas de cigarros e as cascas de sementes de girassol davam pelos tornozelos das pessoas. Na praça em frente da estação, soldados da guarnição vendiam utensílios militares, tabaco, objectos roubados. Uma

multidão complexa, a de quase todos os portos meridionais, circulava com lentidão, barulhentemente.

- Cigarros Ass-molov, em maço e avulso! - berrava um garoto.

- Vendo-lhe isto barato, senhor cidadão... - disse em voz baixa de conspirador a Buntchuk um oriental de aspecto suspeito, apontando com o olhar uma aba saliente do gabinardo.

- Sementes de girassol secas e torradas! Cá estão as sementes de girassol! - ganiam em todos os tons raparigas e mulheres à porta da estação.

Seis marinheiros do Mar Negro, falando e rindo alto, atravessaram a multidão. Vinham de farda de parada, fitas, botões doirados, e calças de boca larga, salpicadas de lama. Para eles passarem, todos se afastavam respeitosamente. Buntchuk abriu caminho a custo.

- De ouro? Um raio que te parta! Isso o que é é ouro de samovar... Ou julgas que eu sou parvo? - dizia ironicamente um soldadinho enfezado de uma unidade de telegrafistas.

Brandindo uma corrente de duvidoso ouro maciço, o vendedor replicou-lhe com indignação:

- Onde tens tu os olhos?... É ouro, pois! Ouro de moeda! Pertencia ao juiz de paz, já que queres saber tudo. Vai para o diabo, piolhoso. Querias ver a marca?... E isto não queres?

- A Marinha não está com eles... Não digas tolices! proferiu alguém ao lado.

- E porque é que não está com eles?

- Vem nos jornais daqui...

- Miúdo, traz cá isso!

- Eu votei na lista cinco (*Tinha o número cinco a lista dos candidatos bolcheviques A Assembleia Constituinte, nas eleições de Novembro de 1917*). Nem eu podia fazer outra coisa. Era a única séria...

- Mamaliga! (*Papas de milho a que em geral se adiciona leite, que se comem na Roménia e no sul da Rússia*). Cá está a boa mamaliga! Vamos a isto!

- Foi o comandante do comboio que o garantiu: vamo-nos embora amanhã.

Buntchuk descobriu o edifício da Comissão Central do Partido e subiu ao primeiro andar. Um operário guarda-vermelho, armado de uma carabina japonesa, de baioneta calada, barrou-lhe o caminho.

- Quem procura, camarada?

- O camarada Abrámson. Está cá?

- Terceira porta à esquerda.

Um homem baixo, de grande nariz, escuro como um escaravelho, com os dedos da mão esquerda enfiados por baixo do avesso do casaco e agitando a compasso a direita, censurava fortemente um velho ferroviário:

- Não pode ser! Isso não é organização. com métodos de propaganda dessa ordem, o que se obtém é o contrário do que se pretende.

A avaliar pela expressão dele, de confusão e de culpa, o ferroviário queria dizer qualquer coisa, justificar-se, mas o homem baixo e escuro não o deixava abrir a boca; visivelmente tomado de uma extrema irritação, gritava, sem ouvir o interlocutor e esquivando os olhos dos dele.

- Afaste imediatamente Mitchenko das suas funções. Não podemos ficar indiferentes ao que se passa entre vocês. Verkhótzki será julgado em conselho de guerra. Está preso? Ha? Vou insistir para que o fuzilem concluiu com dureza.

Virou para Buntchuk a cara afogueada e perguntou com brusquidão, ainda não serenado:

- Que quer o senhor?

- O senhor é Abrámson.

- Sou.

Buntchuk estendeu-lhe os documentos de identificação e uma carta de um dos camaradas mais categorizados de Petrogrado, e sentou-se perto dele, no parapeito da janela.

Abrámson leu com atenção a carta, sorriu, de ar carrancudo, confuso por causa da anterior invectiva, e disse:

- Espere um bocado, que já falo consigo.

Mandou embora o ferroviário, que estava alagado em suor, e saiu, para voltar um minuto depois com um militar alto, de cara rapada, marcado no queixo pela cicatriz azul de uma sabrada, e que tinha o porte característico dos oficiais de carreira.

- Este é um dos membros da nossa Comissão Militar Revolucionária. E o senhor, camarada... desculpe-me: esqueci-me do seu nome...

- Buntchuk.

- O camarada Buntchuk . A sua especialidade são então as metralhadoras?

- Exactamente.

- Pois é isso mesmo o de que necessitamos! - atirou o militar, com um sorriso, que lhe avermelhou a cicatriz em toda a sua extensão, do queixo ao lobo da orelha.

- Pode organizar-nos rapidamente um grupo de metralhadoras com operários guarda-vermelhos? - inquiriu Abrámson.

- Posso tentar. É questão de tempo.

- E de que tempo precisa? Uma semana? Duas? Três? - quis o militar saber, curvado para Buntchuk, com o seu sorriso cordial.

- Uns dias.

- Ótimo.

Abrámson esfregou a testa e proferiu com manifesta irritação:

- As unidades da guarnição estão por completo desmoralizadas. Praticamente, não valem nada. Aqui, camarada Buntchuk, é como em toda a parte, julgo eu: a nossa esperança são os operários. Os marinheiros ainda passam; mas os soldados

- É por isso, como deve compreender, que gostaríamos de ter metralhadores de confiança - Cofiou os anéis da barba, com os seus reflexos azulados, e indagou, solícito: - Qual é a sua situação material? bom! Nós vamos tratar disso. Já almoçou hoje? Não, está claro!

«Como tu deves ter passado fome na tua vida, irmão, para distinguires imediatamente o farto do que o não está, e muitas mágoas e medo com certeza sofreste, para teres essa mecha branca no cabelo!» cogitou Buntchuk com comovida ternura, fixando a mancha, do lado direito, que contrastava com o resto da cabeleira preta de Abrámson. E ao lado do guia, enquanto se dirigia para casa de Abrámson, ia ainda pensando: «Ora aqui está um homem! É um bolchevique! Firme, mas bondoso e humano, não obstante. Não hesita em assinar a pena de morte de um sabotador, de um Verkhótzki qualquer, e é capaz de se preocupar com um camarada e de se interessar por ele.»

Ainda sob a impressão calorosa do encontro com Abrámson, chegou a casa deste, algures, à ponta da rua Taganrog; mostrou à dona da casa o bilhete que o outro lhe entregara, almoçou e deitou-se a descansar, num quartinho a abarrotar de livros. Não tardou que adormecesse.

Durante quatro dias, de manhã à noite, Buntchuk instruiu os operários que a Comissão do Partido lhe havia mandado. Eram dezasseis, de profissões, idades, e até nacionalidades diferentes. Dois eram descarregadores: Khvilítchko, ucraniano de Poltava, e Mikháldi, grego russificado; um tipógrafo: Stepanov; oito metalúrgicos; o mineiro Zélenkov, vindo das minas de Paramonov; um padeiro: o frágil arménio Guevorkiantz; um serralheiro qualificado, alemão da Rússia: Ivane Rebínder; e dois operários dos armazéns do caminho-de-ferro. O décimo sétimo bilhete de convocação foi uma rapariga de casaco acolchoado e botarras muito grandes quem o trouxe.

Enquanto aceitava o sobrescrito fechado que ela lhe estendeu, Buntchuk disse-lhe, sem suspeitar do motivo por que ela ali estava:

- Na volta, poderá passar pelo Estado-Maior?

Ela sorriu e ripostou sem segurança, compondo com um gesto inábil uma larga mecha de cabelos que lhe caía do lenço:

- Mandaram-me para aqui, dirigida ao senhor... fez uma pausa ligeira, a dominar a sua perturbação para o grupo de metralhadores.

Buntchuk corou até às orelhas.

- Que é que eles pensam? Estão malucos? Isto é um batalhão feminino, ou quê?... Desculpe-me, mas isto não lhe convém: é um trabalho custoso, para que é preciso ter força de homem... Mas que é isto?... Não, não a posso aceitar.

Abriu o sobrescrito com ar de enfado, percorreu rapidamente o bilhete que sucintamente dizia que a camarada Ana Pogudko ficava à disposição dele, e releu umas poucas de vezes a carta anexa de Abrámsen:

«Caro camarada Buntchuk!

Enviamos-lhe a nossa boa camarada Ana Pogudko. Cedemos às suas repetidas instâncias, e esperamos que faça dela uma boa metralhadora. Conheço esta rapariga. Recomendo-lha vivamente e só lhe peço uma coisa, porque é uma militante preciosa, mas apaixonada, um pouco exaltada (ainda com os verdores da juventude): vigie-a, proteja-a de acções irreflectidas.

O cimento do seu grupo, o seu núcleo, é constituído, sem dúvida nenhuma, pelos oito metalúrgicos; chamo a sua atenção para um deles: o camarada Bogovói. É um camarada muito capaz e muito devotado à revolução. Pela forma como é composto, o seu grupo de metralhadores é internacional; por isso, mais apto ele será para o combate.

Acelere a instrução. Segundo certas informações, Kalédine está a preparar-se para nos atacar.

Saudações do camarada

S. Abrámsen»

Buntchuk encarou a rapariga, de pé em frente dele. (Isto passava-se na cave de uma casa da rua de Moscovo, onde se ministrava a instrução.) Uma luz parca sombreava-lhe a cara, esfumava-lhe as feições.

- Está bem! - rematou ele, sem amenidade. - Já que é seu desejo pessoal... e uma vez que Abrámsen o pede... fique.

V

Os alunos apertavam-se em cacho em volta da metralhadora Maxim, curvados sobre ela, apoiando-se nas costas uns dos outros, a observar como as mãos hábeis de Buntchuk a desmontavam. Depois, com movimentos precisos, de uma lentidão calculada, Buntchuk tornava a montá-la, explanava o mecanismo e a função de cada peça, ensinava o manejo da arma, expunha as regras da pontaria, explicava como avaliar o desvio do tiro, e qual o seu alcance máximo. Depois, mostrava como eles se deviam instalar durante o combate, para não se exporem ao fogo do inimigo; ele próprio se estendia por trás da chapa de protecção, cuja pintura de camuflagem estava estalada, falava da escolha da melhor colocação, da posição em que se deviam arrumar as caixas das fitas.

Todos aprendiam com facilidade, à excepção do padeiro Guevorkiantz. Este, por mais que Buntchuk lho repetisse, esquecia-se sempre de como a metralhadora se desmontava e montava, atrapalhava-se, fazia tudo mal, e murmurava, confuso:

- Como é que isto não me sai bem? É que... A culpa é minha... Esta peça deve-se pôr aqui... Mas logo exclamava, desesperado: Lá me enganei eu outra vez!... Mas como é isto?

Bogovói, com a sua cara trigueira, de testa e bochechas marcadas por pontos azuis, de pólvora, punha-se a imitá-lo:

- Ora tu, mais o teu «como é isto»! Isto não te sai bem, porque não tens nada dentro da cabeça. - E mostrava-lhe como se fazia, colocando a peça no lugar próprio. - Desde criança que me interesso pelas coisas militares. - No meio da risada geral, apontava com um dedo os pontos azuis da cara. - Uma vez fabriquei um canhão. Este rebentou e passou-me mesmo resvés. É daí que me vem esta inclinação.

Efectivamente, aprendia com mais facilidade e mais depressa que os outros. Guevorkiantz, ao contrário, era sempre o último. E com a sua voz chorona e exasperada, não cessava de se lamentar:

- Ainda não é assim! Mas como é isto? Não compreendo.

- Isto é que é um burro! isto é que é burro! Não deve haver outro igual em toda a Nakhitchévânhe! (*Cidade fundada por arménios na margem direita do Don, ao lado da de Rostov, e agora englobada nela*) - indignava-se fingidamente o grego Mikhálidi.

- É de uma estupidez rara - concordava o discreto Rebínder.

- Isto não é o mesmo que amassar pão! - chasqueava Khvilítchko.

E todos se riam, embora sem maldade, excepto Stepanov, que se fazia vermelhíssimo e gritava, zangado:

- O que devemos é ensinar o camarada, e não troçarmos dele.

Krutogórov, operário das oficinas do caminho-de-ferro, de mais idade, alto, de braços muito compridos e olhos à flor da face, apoiava-o sempre.

- Vocês riem-se, mariolas, e o trabalho não anda! Camarada Buntchuk, mande calar esta bicharada, ou ponha tudo a andar! Está a revolução em perigo, e eles riem! - dizia ele na sua voz profunda, ao mesmo tempo que brandia um punho enorme.

Ana Pogudko por tudo manifestava uma viva curiosidade. Crivava Buntchuk de perguntas, puxando-lhe pelas mangas do casaco no fio, mirando incessantemente a metralhadora por todos os lados.

- E se a água gelar na metralhadora, que acontece? E o desvio do tiro, se o vento for muito? E isto, que é isto, camarada Buntchuk? - perguntava ela, erguendo para ele os grandes olhos interrogativos, em que brilhava uma luz ardente e inquieta.

Diante dela, ele sentia sempre uma espécie de acanhamento. Como que para se vingar, era exactamente exigente com ela, e de uma acentuada frieza. Mas quando, todas as manhãs, às sete horas em ponto, ela chegava à cave, de mãos friorentamente encarnadas nas mangas do seu capote verde e arrastando as botarras de soldado, invariavelmente sentia uma estranha perturbação. Ela era um pouquinho mais baixa que ele, robusta, de carnes rijas, como é próprio das raparigas sadias habituadas a esforços físicos, de costas talvez um pouco curvadas, e acaso não bonita, se não fossem os grandes olhos ardentes que lhe davam um surpreendente encanto.

Durante os primeiros quatro dias, a bem dizer, ele nem para ela olhara. O compartimento era mal iluminado, e ele não tinha oportunidade nem tempo de lhe observar a cara. Na tarde do quinto dia, saíram da cave juntos. Ela ia à frente; já no último degrau da escada, virara-se para lhe fazer uma pergunta; e a custo ele havia retido uma exclamação, ao vê-la à luz que vinha da rua. Compendo os cabelos com o seu gesto habitual, ela esperava a resposta, de cabeça inclinada e olhos virados para ele. Mas Buntchuk nem a tinha ouvido; subia com lentidão os degraus, tomado de uma sensação de dolorosa volúpia. Do cuidado que punha em compor os cabelos, o que era difícil sem tirar o lenço, as narinas rosadas dela, iluminadas pelo sol poente, freíam de leve. O recorte da boca era, a par, varonil e terno, de uma ternura infantil. Uma penugenzinha sombreava-lhe o lábio superior, revirado, acentuando-lhe a palidez morena da pele.

Buntchuk baixou a cabeça, como se lhe tivessem batido. E disse com ênfase, em forma de brincadeira:

- Ana Pogudko... metralhadora número dois, és linda como a felicidade.

- Que tolice! - ripostou ela, segura de si; e sorriu. - Que tolice, camarada Buntchuk!...

O que eu quero saber é a que horas é amanhã o exercício de tiro.

O sorriso dela tornava-a mais familiar, mais acessível, mais terrena. Buntchuk parou ao lado dela; olhou parvamente para a ponta da rua, que o sol a atolar-se no horizonte inundava de ondas de púrpura, e respondeu com doçura:

- O exercício de tiro? É amanhã. Para que lado vais tu? Onde moras?

Ela disse o nome de uma rua, num dos extremos da cidade. Partiram juntos. Num cruzamento, Bogovói alcançou-os.

- Ouve lá, Buntchuk! Onde é o exercício amanhã?

Enquanto iam andando, Buntchuk explicou que se encontrariam em Tíkhaia Rochtcha e que Krutogórov e Khvilítchko levariam a metralhadora num carro. Deviam lá estar às oito horas. Bogovói acompanhou-os até à terceira encruzilhada seguinte, e aí despediu-se deles. Alguns minutos, Buntchuk e Ana Pogudko caminharam em silêncio. Por fim, olhando-o de esguelha, ela perguntou-lhe:

- O senhor é cossaco?

- Sou.

- Foi oficial?

- Fui. E que oficial!

- Onde é.

- De Novotcherkassk.

- Há muito tempo que está em Rostov?

- Há poucos dias.

- E antes disso?

- Estive em Petrogrado.

- Desde quando é membro do Partido?

- Desde 1913.

- E a sua família onde está?

- Em Novotcherkassk - resmoneou ele sucintamente; e com um gesto a interrompeu.

- Espera aí. Ora vamos lá a saber: és de Rostov?

- Não. Há algum tempo que vivo aqui; mas nasci na região de Ekaterinosslov.

- Agora quem faz as perguntas sou eu... És ucraniana?

Ela hesitou um instante, mas foi com firmeza que respondeu:

- Não.

- És judia?

- Sou. Porquê? Conhece-se pela maneira de falar?

- Não.

- Então como percebeste que eu sou judia?

Ele retardou o passo, para o acertar pelo dela, e respondeu:

- Pelas orelhas, pelo feitio das orelhas, e pelos olhos. Mas não tens muito da tua raça...

Reflectiu um momento e acrescentou:

- É bom que estejas connosco.

- Porquê? - inquiriu ela, com interesse.

- É que os judeus têm fama... e eu sei que muitos operários pensam isso, visto que eu próprio sou operário - acrescentou - é que os judeus têm fama de mandar os outros, mas evitar eles próprios de combater. Não é verdade; e o teu caso brilhantemente o prova. Tens estudos?

- Tenho. Acabei o ano passado o liceu. E tu, que ilustração tens? Pergunto-te isto porque a tua linguagem não é de um operário.

- É que eu tenho lido muito.

Caminhavam devagar. Ela fez um desvio propositado por umas ruas mais estreitas e, depois de ter brevemente falado de si própria, recomeçou a fazer-lhe perguntas acerca da aventura de Kornilov, do estado de espírito dos operários de Petrogrado, da revolução de Outubro.

Alguns, num cais qualquer, estalou um ruído, como que molhado, de tiros, uma metralhadora cortou convulsivamente o silêncio. Ana não perdeu a oportunidade de perguntar a Buntchuk:

- De que sistema é aquela metralhadora?

- Lewis.

- A fita deve estar velha. Não deve?

Buntchuk não respondeu, com a atenção presa no tentáculo alaranjado de um projector, que um orvalho cor de esmeralda salpicava, e que, lançado de uma draga ancorada, atingia o alto do céu, incendiado pelo sol poente.

Após três horas de caminhada pela cidade deserta, separaram-se à porta da casa de Ana.

Buntchuk regressou ao seu quarto, reconfortado por uma satisfação íntima, cujo significado não apreendia por completo. «É uma bela camarada, uma rapariga inteligente.

Fartámo-nos de conversar e isso acalentou-me o coração. Estes anos todos endureceram-me; preciso de travar relações amigáveis com as pessoas, para não ficar seco como uma bolacha de soldado...» pensou ele, enganando-se a si mesmo, e percebendo que se enganava.

Abrámson, que acabava de voltar de uma sessão da comissão militar revolucionária, interrogou-o sobre a preparação dos metralhadores, e em especial da de Ana Pogudko:

- Como é que ela vai? Se aquilo não é para ela, podemos mudá-la para outro trabalho, substituímo-la.

- Não. Porquê? - assustou-se Buntohuk. - É uma rapariga competentíssima.

Tinha uma vontade quase irresistível de falar dela, e só com grande esforço se conteve de o fazer.

VI

Em 25 de Novembro, ao meio-dia, as tropas de Kalédine, trazidas de Novotcherkassk, foram concentradas em frente de Rostov. Era o princípio da ofensiva. O destacamento de oficiais de Alekcêiev marchava, disperso, ao longo da linha férrea, dos dois lados dela. No flanco direito, os vultos cinzentos dos cadetes avançavam em filas mais densas. Os voluntários do general Popov, no flanco esquerdo, contornavam um barrancozinho de argila vermelha. Alguns deles, e de longe dir-se-iam pequeníssimos pontos cinzentos, saltavam o barranco e passavam para o outro lado, aí se reagrupavam, esperavam pelos outros, e tornavam a partir.

Uma grande agitação reinava entre os guardas-vermelhos postados nos confins de Nakhitchévanhe. Os operários, muitos dos quais pegavam numa carabina pela primeira vez, manifestavam medo; rastejando, enchiam de lama outoniça os seus capotes pretos; alguns erguiam a cabeça e observavam os vultos dos Brancos, que a distância fazia parecer minúsculos.

De joelhos junto à sua metralhadora, Buntchuk olhava pelo binóculo. Na véspera, trocara o seu absurdo sobretudo de meia estação por um capote, e sentia-se mais sereno, retomados os seus hábitos.

Os guardas-vermelhos abriram fogo, mesmo sem haverem recebido ordem de o fazer. A tensão da espera era-lhes difícil de suportar. Ao primeiro tiro, Buntchuk largou um palavrão e gritou, pondo-se de pé:

- Cessem o fogo!...

Mas o grito dele foi coberto pela crepitação densa do tiroteio; fez um gesto de impotência, e, esforçando-se por se fazer ouvir, ordenou a Bogovói:

- Fogo!

Bogovói encostou a cara sorridente, mas terrosa, à placa de protecção, e premiu o gatilho. O ruído repetido da metralhadora ecoou na cabeça de Buntchuk. Durante um minuto, estendido ao comprido no chão, observou a linha de ataque do inimigo, tentou avaliar a eficácia do tiro, e depois, de um salto, pôs-se de pé, e acorreu às outras metralhadoras

- Fogo!

- Vamos a isso! . Oh-oh-oh-oh! - rosnou Khvilítchko, que virou para Buntchuk a face assustada, mas feliz.

Os homens da terceira metralhadora a contar do centro não eram muito seguros. Buntchuk correu direito a eles. A meio caminho baixou-se, e olhou pelo binóculo: no círculo das lentes embaciadas, viu mexer uns pontinhos cinzentos. Uma salva clara e bem regulada fê-lo atirar-se ao chão: foi então que notou que a terceira metralhadora apontava mal.

- Mais baixo, diabos!... - berrou ele, rastejando ao longo da linha de tiro.

Por sobre ele, as balas soavam, com o seu sibilo mortífero. Os homens de Alekcêiev atiravam com pontarias seguras, como num exercício.

Os metralhadores que, estupidamente, faziam fogo muito alto, achatavam-se contra o chão: o apontador Mikháldi, o grego, apontara ridiculamente mais acima do que devia, e disparava sem descanso, esbanjando a sua reserva de fitas; ao lado dele, verde de medo, Stepanov batia os dentes; atrás dos outros, de cabeça encafuada na terra, as costas em arco e as pernas encolhidas, um ferroviário amigo de Krutogórov parecia uma tartaruga.

Buntchuk arredou Mikháldi, apontou demoradamente, franzindo os olhos, e disparou; a metralhadora trepidante rompeu a crepitar com regularidade nas mãos dele, e os resultados não tardaram: um grupinho de cadetes, que vinha progredindo aos poucos, galgou a rampa, e perdeu um homem no solo argiloso e nu.

Buntchuk voltou para a sua metralhadora. Bogovói, lívido (e as marcas de pólvora pareciam-lhe mais azuis nas faces), deitado de flanco e proferindo palavrões, esticava uma perna ferida.

- Atira, filho da puta!... - urrava um guarda-vermelho de cabelo cor de chama, de gatas ao lado dele. - Atira! Não vês que eles estão a atacar?

A linha de ataque do destacamento de oficiais avançava em movimentos sucessivos, ao longo da rampa, como numa manobra.

Rebínder substituiu Bogovói, fazendo fogo com inteligência e economia, sem se enervar.

À esquerda, Guevokiantz progredia, dando saltos como uma lebre, e gemendo, acachapado contra o solo, a cada bala que por cima dele assobiava:

- Não há nada a fazer!... Isto não dispara!...

Quase sem se baixar, Buntchuk correu ao longo da linha de fogo ziguezagueando.

De longe, viu Ana de joelhos, junto à respectiva metralhadora, com uma mão sobre os joelhos, a observar o inimigo, ao mesmo tempo que compunha uma mecha de cabelos.

- Deita-te! - gritou-lhe Buntchuk, apavorado por causa dela, e sentindo o sangue subir-lhe à cara. - Deita-te, estou-te eu a dizer!

Ela olhou na direcção dele, mas não se moveu. Buntchuk sufocou um palavrão do tamanho de umas casas. Correu para ela, e violentamente a atirou ao chão.

Por trás da placa de protecção, Krutogórov fungava.

- Isto encravou-se! Não dispara! - disse ele a tremer e em voz baixa a Buntchuk. Procurando com os olhos Guevorkiantz, acrescentou em tom sufocado: - Raspou-se, o bandido! Pôs-se na pizeira, o teu ictiossauro pré-histórico... Deu-me cabo do juízo com os gemidos!... Não me deixa trabalhar!...

Guevorkiantz acercava-se, torcendo-se todo, como uma serpente. Tinha suja de lama a escova preta da barba por fazer. Krutogórov fitou-o um instante, rodando para o lado dele o pescoço de toiro, alagado em suor, e berrou, cobrindo com o seu berro o tiroteio:

- As fitas, onde as puseste?... Fóssill... Buntchuk! Buntchuk! Traz-mo cá, que o matol!...

Buntchuk examinou a metralhadora. Uma bala embateu com força na placa de protecção. Ele recuou a mão, como se se tivesse queimado.

Feita a reparação, ele mesmo se pôs a atirar, fazendo acachapar-se os homens de Alekcêiev, que avançavam a correr, sem receio; depois, de rastos, mudou de lugar, procurando com os olhos um abrigo.

O inimigo ia-se aproximando. Pelos binóculos, viam-se os voluntários avançar, de carabina a tiracolo, e só de raro em raro se atirando ao chão. Os guardas-vermelhos, de rojo, já haviam recuperado as carabinas e os cartuchos de três camaradas: os mortos não precisavam de armas... À vista de Ana e de Buntchuk, este estendido contra a metralhadora de Krutogórov, uma bala atingiu um rapaz muito novo, que demoradamente se torceu e rouquejou, agitando contra o chão as pernas cingidas em grevas, até, por fim, apoiado nos braços esticados, se erguer um pouco, a gemer, para logo, após uma última expiração, mergulhar a face na terra. Buntchuk havia virado a cabeça para Ana. Um terror perplexo transparecia nos olhos da rapariga, enormes, dilatados. Fixava, sem pestanejar, as pernas do rapaz morto, nas suas grevas esfiampadas do uso, e nem ouvia Krutogórov, que lhe gritava aos ouvidos:

- Uma fita!... Uma fita!... Dá cá! .. Dá-me uma fita, rapariga!

Com um profundo e impetuoso movimento, as tropas de Kalédine fizeram perder terreno aos guardas-vermelhos. Os capotes pretos destes, em retirada, apareciam e desapareciam nas ruas dos arrabaldes de Nakhitchévanhe. A metralhadora da ponta do flanco direito caiu nas mãos dos Brancos. O grego Mikháldi foi morto à queima-roupa por

um aspirante, e o segundo metralhador crivado de baionetadas como um manequim de treino; dos três homens, só o tipógrafo Stepanov escapou.

A retirada parou, ao partirem das dragas os primeiros tiros de canhão.

- Em linha!... Atrás de mim! - gritava um membro da comissão revolucionária, que Buntchuk conhecia bem, correndo à frente dos seus homens.

A linha dos guardas-vermelhos hesitou um instante, e, fragmentada, passou ao ataque. Três homens passaram quase ao mesmo tempo por Buntchuk e por Krutogórov, por Ana e por Guevorkiantz, cerrados contra ele. Um deles ia a fumar, o segundo, enquanto avançava, batia com a culatra da carabina contra o joelho, e o terceiro examinava com ar atento as abas enlameadas do capote. Um sorriso como que encavacado flutuava-lhe na face, às pontas do bigode, e dir-se-ia, não que caminhava para a morte, mas que voltava de umaomezaina com amigos e que, ao olhar para o capote sujo, considerava a descompostura que a mulher rabugenta lhe daria.

- Eles aí estão! - exclamou Krutogórov, apontando uma sebe ao longe, e por detrás dela os vultos cinzentos em movimento.

- Em posição!

Com a força de um urso, Buntchuk apontou a metralhadora, que desatou a falar a sua rude linguagem.

Ana tapou os ouvidos. Agachou-se e viu o movimento parar de repente por detrás da sebe, donde, um minuto depois, começaram a partir, com intervalos regulares, salvas de tiros, cujas balas passavam por sobre ela, abrindo buracos invisíveis no véu escuro do céu.

As rajadas do tiroteio ressoavam como tambores percutidos, e as fitas franzidas saíam das metralhadoras, torcendo-se como serpentes. Tiros isolados estalavam, com um ruído nítido e seco. O bramido rangente e uivante das granadas despedidas das dragas pelos marinheiros do mar Negro fazia acachapar os homens contra o chão, ao passarem por cima deles. Ana reparou que um dos guardas-vermelhos, um alto, de gorro de astracã e bigode cortado à inglesa, gritava a cada granada que passava, saudando-a e acompanhando-a instintivamente com uma inclinação da cabeça:

- Dá-lhes, Semione. Dá-lhes, Semione! Dá-lhes mais outra!

Efectivamente, as granadas principiaram a cair cada vez mais abundantes. Regulado o tiro, os marinheiros faziam fogo de barragem. Os homens de Kalédine, que aos grupínhos recuavam, eram afogados sob as salvas incessantes. Uma granada rebentou no meio das linhas do inimigo em retirada. A coluna castanha levantada pela explosão dispersou os homens; depois, o fumo diminuiu por sobre a cratera aberta, até se extinguir.

Ana largou o binóculo, deu um grito, tapou com as palmas das mãos sujas os olhos esbraseados pelo terror: vira, com a aproximação que as lentes lhe davam, o turbilhão da explosão e a morte dos homens. Um espasmo amargo constringiu-lhe a garganta.

- Que tens tu? - gritou Buntchuk, curvando-se para ela. Ela apertou os dentes, e as pupilas dilatadas enevoaram-se-lhe.

- Não posso mais...

- Coragem! Tu... Estás a ouvir, Ana? Estás a ouvir?... Não podes estar assim!... Não podes estar assim!... - gritou-lhe ele aos ouvidos, com a sua voz potente.

A infantaria inimiga havia-se aglomerado no flanco direito, numa depressão do terreno, no sopé de uma colinazinha. Buntchuk viu-o, correu com a metralhadora para um lugar mais propício e com ela rompeu a varrê-la.

Tá-tá-tá-tá-tá-tá.. Tá-tá-tá-tá-tá-taque!... atirava, em salvas irregulares, a metralhadora de Rebínder.

A uns vinte metros dali, uma voz rouca, furiosa, gritava:

- As macas! .. Não há macas?... As macas!...

- Apontar!... - cantava a voz arrastada de um veterano da frente, transformado em comandante de secção. - Dezoito... Secção, fogo!

Ao fim da tarde, os primeiros flocos de neve começaram a cair em remoinho sobre a terra lúgubre. Numa hora, uma neve húmida, peganhenta, cobriu o campo e a lama escura dos mortos, que jaziam onde quer que os combatentes, avançando ou recuando, tinham posto pé.

As tropas de Kalédine bateram em retirada.

Durante toda aquela noite, que a neve fria cobria de um branco baço, Buntchuk manteve a guarda às metralhadoras. Krutogórov, enrolado dos pés à cabeça numa manta áspera de cavalo, roubada em qualquer parte, comia uma carne viscosa e fibrosa, cuspia, e praguejava baixinho. Guevorkiantz, abrigado no portão da casa de uma herdade, procurava aquecer os dedos azulados e contraídos pelo frio. Sentado numa caixa de cartuchos, Buntchuk cobria Ana, que tiritava, com uma das abas do capote; de vez em quando pegava-lhe nas mãos frias, que ela apertava contra os olhos, e beijava-lhas. Desajeitadamente, saíam dos lábios palavras de ternura que não estava habituado a dizer:

- Então que é isso?... Mas tu és forte... Ana, ouve-me, sossega!... Ana!... Minha querida!... Minha amiga!... Tu habituas-te. Se o teu orgulho te não consente ires-te embora, tens de te habituar. Não deves é olhar assim para os mortos... Passamos-lhes adiante, e pronto! Não deixes os teus pensamentos à solta; domina-te. Como vês, por mais que tu dissesses o contrário, a mulher em ti veio à tona.

Ana calava-se. As mãos dela cheiravam a terra e a calor feminino.

A intermitências, uma nevezinha miúda continuava a cair, toldando o céu de um véu pálido e caridoso. Um torpor pesado cobria a casa, o campo próximo, a cidade silenciosa.

VII

Os combates em frente de Rostov e na própria cidade duraram dez dias.

Travaram-se nas ruas e nos seus cruzamentos. Duas vezes os guardas-vermelhos abandonaram a estação e duas vezes desalojaram dela o inimigo. Durante aqueles dez dias, nem de um lado nem do outro se fizeram prisioneiros.

Em 26 de Novembro, para o fim da tarde, Buntchuk, ao passar com Ana perto do cais das mercadorias, viu dois guardas-vermelhos fuzilarem um oficial prisioneiro; e, em tom provocador, disse a Ana, que virara a cabeça para o lado:

É assim mesmo! Temos de os matar, de os exterminar sem piedade. Também eles não teriam pena de nós; nem, de resto, nós precisamos da pena deles, como eles não precisam da nossa. com os diabos! Temos de limpar a terra destes parasitas. A regra é deixarmo-nos de sentimentalismos, quando o destino da revolução está em jogo. Fazem muito bem estes trabalhadores.

Três dias depois, caiu doente. Ainda se aguentou de pé um dia inteiro, com uma náusea persistente, uma fraqueza em todo o corpo, e um peso enorme e um rumor de fundição na cabeça.

Os destacamentos de guardas-vermelhos derrotados abandonaram a cidade ao amanhecer de 2 de Dezembro. Amparado por Ana e por Krutogórov, Buntchuk caminhava atrás do carro que transportava a metralhadora dele e os feridos. A cada passo lhe custava mais a aguentar o corpo mole e enfraquecido, movendo, como num sonho, as pernas rígidas como ferro, vendo muito ao longe o olhar confortador e inquieto de Ana, e ouvindo-lhe as palavras como se não fosse ela quem as dissesse.

- Sobe para o carro, Iliá. Estás a ouvir? Compreendes o que eu te digo, Iliúcha? Sobe, peço-to. Tu bem vês que estás doente.

Mas Buntchuk não compreendia as palavras dela, como não compreendia que estava com uma febre tifóide que o demolia. Alheias a ele e estranhamente familiares, ouvia vozes que lhe não atingiam a consciência, e algures, a uma grande distância, os olhos pretos de Ana ardiam, apaixonados e inquietos, e a barba de Krutogórov agitava-se e enfunava-se monstruosamente.

Buntchuk apertava a cabeça entre as mãos, cerrava as palmas delas contra a cara vermelha e escaldante. Parecia-lhe que o sangue lhe ressumava dos olhos, e que o mundo inteiro, infinito, instável, separado dele por um véu invisível, se arqueava, lhe fugia debaixo dos pés. A imaginação delirante figurava-lhe imagens incríveis. E constantemente parava e resistia a Krutogórov, que o queria instalar no carro.

- Não é preciso! Espera aí! Tu quem és? A Ana onde está? Dá-me uma bolinha de terra... A esses é matá-los, à metralhadora, quando eu mandar!... Pontaria directa!... Espera aí! Estou a arder! - rouquejava ele, tentando arrancar das mãos de Ana a mão que ela lhe segurava.

À força o deitaram no carro. Um instante sentiu uma mistura violenta de cheiros diversos, procurou, assustado, recuperar a consciência, dominar-se, e não o conseguiu. Um vazio negro, cheio de silêncio, fechou-se sobre ele. Só, não percebia onde, muito alto, uma luz azulínea de opala ia-se apagando, e aos ziguezagues, como chicotadas, clarões vermelhos entrecruzavam-se.

VIII

Pedaços de gelo, amarelados pela palha, caíam do telhado com um ruído de vidro. Na aldeia, o degelo florescia de poças de água e retalhos de terra, sobre os quais a neve se derreteria; as vacas, a que ainda o pêlo não havia caído, erravam pelas ruas, sorvendo profundamente o ar pelas narinas. Na praça, Martine Chamil tentava apanhar um cavalo lazão, bem nutrido, que lhe tinha fugido. Erguendo a cauda comprida e espessa e fazendo flutuar ao vento a crina revolta, o cavalo escoiceava, atirando com os cascos a neve aquosa para longe, dava voltas à praça, estacava em frente do adro da igreja, cheirava-lhe os tijolos do muro; depois, deixava o dono aproximar-se, fixava os olhos violáceos na vazilha que este *trazia* numa das mãos, e de novo alongava a espinha vertebral num galope furioso.

Janeiro acariciava a terra com os seus dias escuros e húmidos. Os cossacos fitavam o Don, e renunciavam uma cheia precoce. Naquele dia, Mirone Grigórievitch demorou-se muito tempo no pátio das traseiras da casa, a olhar para o prado túrgido de neve e para o gelo verde e cinzento do Don, e pensando: «Estou a ver que também este ano tudo vai ficar numa alagariça, como o ano passado. E a neve que caiu! com certeza que isto há-de pesar à terra: nem ela, por baixo disto, pode respirar.»

Mitka, enfiado no seu dólman cinzento-esverdeado, limpava o estábulo. Era como por milagre que o gorro de pele de carneiro se lhe aguentava todo tombado para a nuca. Os cabelos rijos, húmidos de suor, caíam-lhe sobre a testa. com uma mão suja, que cheirava a estrume, ele atirava-os para trás. À porta da cerca, um bode de pêlos compridos patinhava num montão de excrementos gelados. Os carneiros investiam contra a sebe. Um borrego, maior que a mãe, tentava mamar-lhe nas tetas, enquanto ela o repelia às marradas. Um pouco afastado, um carneiro preto, de cornos tortos, cardava com eles a própria lã.

Em frente da porta da herdade, amarelada de lama, um cão de focinho peludo e sobrolhos amarelos, rebolava-se ao sol. Da parede da casa, por baixo do alpendre, pendiam redes; apoiado à bengala, e sem dúvida cogitando na Primavera próxima e no conserto dos apetrechos de pesca, o avô Grichaka mirava-as.

Mirone Grigórievitch entrou no palheiro, avaliou com olhos de proprietário o número dos fardos, e preparava-se para roçar a palha de milho-miúdo que as cabras tinham

espalhado, quando ouviu umas vozes estranhas. Largou o ancinho em cima de um fardo e saiu ao pátio.

De pernas afastadas, Mitka enrolava um cigarro, segurando entre dois dedos a bolsinha do tabaco, ricamente bordada, presente da amiga. Ao lado dele, estavam Khrisstónia e Ivane Alekcêievitch. Khrisstónia estava a tirar de dentro do seu boné azul do Regimento Atamánsski um papel de mortalhas sujíssimo. Encostado à sebe do pátio, Ivane Alekcêievitch, de capote aberto de par em par, remexia nas algibeiras das suas calças acolchoadas de soldado. Uma sombra de irritação cobria-lhe a face escanhoadada, em que a covinha do queixo punha uma mancha escura: visivelmente, esquecera-se de qualquer coisa.

- Dormiste bem, Mírone Grigóievitch? - atirou Khrisstónia.

- Dormi, graças a Deus, militares.

- Queres fumar uma cigarrada connosco?

- Obrigado. Mesmo agora fumei.

Mírone Grigóievitch apertou as mãos aos dois homens, tirou o gorro de forro vermelho, passou uma mão pelos cabelos brancos, todos eriçados, e sorriu.

- Que bom vento vos trouxe por cá, irmãos da Guarda?

Khrisstónia mediu-o de cima a baixo e não respondeu logo: Começou por lamber demoradamente a orla da mortalha, passando e tornando a passar por ela a língua rugosa como a de um boi, enrolou o cigarro, e disse por fim, em voz baixa:

- É com Mítri que vínhamos falar.

Arrastando os pés, o avô Grichaka passou por eles com umas redes nas mãos. Ivane Alekcêievitch e Khrisstónia cumprimentaram-no, desbarretando-se. O avô Grichaka pôs as redes no patamar da porta e tornou para junto deles.

- Que fazem vocês aqui na aldeia, soldados? Pelos vistos, está quentinho ao pé das vossas mulheres!

- E então? - replicou Khrisstónia.

- Cala-te, Khrisstónia! Como se tu não soubesses! ..

- Juro-te que não sei de que se trata protestou Khrisstónia. Juro-te sobre uma cruz que não sei, avô.

- Chegou um dia destes de Voróneje um comerciante, um conhecido de Serguei Platónovitch Mokhov, ou um parente qualquer, não sei ao certo. Pois disse ele que em Tchertkhovo estava um exército estrangeiro, pelos modos os bolcheviques. A Rússia faz-nos guerra, e vocês estão para aqui, na aldeia! E tu, safado .. Estás a ouvir, Mitka? Porque não respondes? E vocês lá, que é que vocês pensam?

- Não pensamos nada - ripostou Ivane Alekcêievitch, com um sorriso.

- Pois essa é que é a desgraça, que vocês não pensem nada - irritou-se o avô Grichaka. - Vão ser apanhados na rede, como se fossem perdizes. Os mujiques vão invadir a nossa terra, que vocês verão.

Mirone Grigórievitch sorria discretamente; sob as mãos que passava por ela, a barba de Khrisstónia, havia muito tempo por ceifar, crepitava; Ivane Alekcêievitch fumava, fitando Mitka, cujas pupilas de gato luziam, sem se perceber se os olhos verdes lhe sorriam ou exprimiam um ódio insaciado.

Ivane Alekcêievitch e Khrisstónia falaram ainda um pedaço, e depois cumprimentaram os velhos e abalaram; chegados ao portão, chamaram Mitka.

- Porque não foste tu ontem à reunião? - perguntou-lhe com severidade Ivane Alekcêievitch.

- Não tive tempo.

- Mas para ires a casa dos Melekhovs já o tiveste.

Com um movimento da cabeça, Mitka fez descair o gorro para a testa e disse, com uma irritação contida:

- Não fui, e chega. Não se fala mais nisso.

- Estiveram lá todos os combatentes da aldeia, à excepção de Petro Melekhov. Sabes... decidimos mandar delegados à aldeia de Kaménsskaia, ao congresso dos veteranos da frente, no dia 10 de Janeiro. Tirou-se à sorte quem iria e calhou-nos a nós três: a mim, a Khrisstónia e a ti.

- Eu não vou declarou resolutamente Mitka.

-Que estás tu a dizer?

Subitamente ensombrecido, Khrisstónia segurou um botão do dólman de Mitka.

- Separas-te dos teus camaradas? Já não estás de acordo connosco?

- Estás de acordo mas é com o Petro Melekhov... - Ivane Alekcêievitch bateu na manga do capote de Khrisstónia, e acrescentou, muito pálido: - Vamo-nos embora. Não temos nada aqui que fazer... Não vais, então, Mítri?

- Não... Já disse que não; quer isso dizer que não.

- Passa bem! - disse Khrisstónia, virando a cabeça.

- Boa sorte!

Sem o encarar, Mitka estendeu-lhe a mão, que escaldava, e tornou para casa.

- Canalha! - rosnou Ivane Alekcêievitch, cujas narinas arfaram um momento. - Canalha! - repetiu ele, fitando as costas largas de Mitka, que se afastava.

Pelo caminho, de regresso às respectivas casas, foram anunciando a alguns dos veteranos da frente a recusa de Korchunov, e que no dia seguinte partiriam os dois para o congresso.

No dia 8 de janeiro, ao alvorecer, Khrisstónia e Ivane Alekcêievitch abalaram. Iakov-o-Ferradura tinha-se oferecido para os acompanhar. Os dois bons cavalos atrelados ao trenó saíram vivamente da aldeia e alcançaram a colina. O degelo desnudara a estrada. Nos sítios em que a neve desaparecera, os patins colavam-se ao chão, o trenó avançava aos solavancos, e os cavalos encurvavam-se todos, esticando os tirantes. Os três homens iam a pé, atrás do trenó. O Ferradura fazia estalar sob as botas o gelo sonoro. Do frio matinal, a cara dele ia toda vermelha, excepto a cicatriz oval, de um azul cadavérico. Khrisstónia, que havia sido atingido pelos gases alemães em 1916, perto de Dubno, subia a encosta pela berma da estrada, sobre a neve amontoada, granulosa, respirando profundamente e arfando.

Ao alto da colina, o vento soprava mais forte. Fazia mais frio. Os três homens não diziam uma palavra. Ivane Alekcêievitch escondia a cara na gola do seu casaco de pele de cordeiro. O bosquezinho, se bem que ainda distante, aproximava-se. A estrada atravessava-o e desembocava num alto, perto de um dolmen. No bosque, o vento sussurrava como um regato. Pastas de líquenes ornavam, como uma florescência de oiro, os troncos nodosos dos castanheiros. Uma pega pairava algures, a distância. Passou por sobre a estrada, de rabo à banda. O vento batia-a, e ela voava com esforço, com as suas penas pintalgadas cintilando.

O Ferradura, que desde a saída da aldeia se mantinha calado, virou-se para Ivane Alekcêievitch, e disse, separando as palavras (sem dúvida, havia preparado a frase na cabeça):

- Vejam, no congresso, se isto se arranja sem guerra. É coisa que ninguém deseja.

- Está claro que sim - concordou Khrisstónia, enquanto seguia com inveja o voo livre da pega e em pensamento comparava a vida feliz, e despreocupada das aves à dos homens.

Chegaram a Kaménsskaia à tardinha de 10 de Janeiro. Vários cossacos dirigiam-se em magote para o centro da grande aldeia. Sentia-se uma extrema animação. Ivane Alekcêievitch e Khrisstónia conseguiram dar com a casa em que vivia Grigóri Melekhov; ele é que lá não estava. A hospedeira, uma mulher forte e loiraça, disse-lhes que o hóspede tinha partido para o congresso.

- E esse congresso onde é? - perguntou Khrisstónia.

- Com certeza na administração do distrito, ou no correio respondeu a hospedeira, que, sem mais aquelas, lhes deu com a porta na cara.

O congresso estava no auge. A vasta sala, de uma só janela, com dificuldade continha os delegados. Os cossacos amontoavam-se nas escadas, nos corredores, nos compartimentos vizinhos.

- Não me largues - murmurou Khrisstónia, abrindo caminho com os cotovelos.

Ivane Alekcêievitch seguia-o, colado a ele. Quase à entrada da sala do congresso, um cossaco, originário do Baixo-Don, a avaliar pelo sotaque, atravessou-se diante de Khrisstónia.

- Podias passar com mais delicadeza, pedaço de bruto! - disse-lhe ele, sem amenidade.

- Deixa-me mas é passar!

- Podes muito bem ficar por aqui. Vês perfeitamente que não há lugar.

- Deixa-me passar, mosquito, ou escaco-te! - ameaçou Khrisstónia.

Sem custo levantou o cossacozinho do chão, afastou-o para um lado, e prosseguiu caminho.

- Que tal está o urso!

- É forte, o soldado da Guarda! Podiam-no atrelar a um canhão de quatro polegadas.

- Viste como ele levantou o outro?

Apertados uns contra os outros, os cossacos sorriam, considerando com involuntário respeito Khrisstónia, que os ultrapassava a todos de meia cabeça.

Grigóri estava sentado no chão, junto à parede do fundo. Fumava e conversava com um delegado do 35.º Regimento. Ao ver os conterrâneos, o bigode caído, negro como azeviche, tremeu-lhe num sorriso:

- Olha!... Que bom vento os trouxe? Olá, Ivane Alekcêievitch! Estás bom, meu velho Khrisstónia?

- Vamos andando, como se pode.

Khrisstónia sorriu e apertou na mão, de meio archine de largura, a mão de Grigóri.

- Como vai a vida lá na aldeia?

- Vai bem, graças a Deus. Toda a gente te envia cumprimentos. O teu pai manda-te dizer para o ires ver.

- E o Petro?

- O Petro...Ivane Alekcêievitch teve um sorriso contrafeito. O Petro não está connosco.

- Eu sei. E a Natalia? E os pequenos? Vocês viram-nos?

- Estão todos bons e mandam-te cumprimentos. O teu pai é que está zangado por...

Khrisstónia virou a cabeça para examinar a presidência do congresso, que estava por trás de uma mesa. Embora estivesse ao fundo da sala, via toda a gente. Aproveitando um intervalo da sessão, Grigóri continuava a fazer perguntas. Ivane Alekcêievitch falava-lhe da aldeia, contava-lhe toda a casta de notícias, informava-o brevemente da reunião dos veteranos da frente, que o haviam enviado ali, a ele e a Khrisstónia, como delegados; mas, no momento em que lhe ia perguntar o que se passava em Kaménsskaia, um dos homens sentados à mesa, declarou:

- Cossacos, tem a palavra um delegado dos mineiros. Façam o favor de ouvir com atenção e de se manter'em ordem.

Um homem de estatura média compôs os cabelos castanhos, penteados para trás, e principiou a falar. De repente, o zumbido de abelhas do vozeio cessou.

Logo às primeiras palavras do inflamado discurso dele, Grigóri e os outros sentiram a força da convicção daquele homem. Falou da política de traição de Kalédine, que impelia os cossacos à luta contra a classe operária e os camponeses da Rússia, da comunidade de interesses dos cossacos e dos operários, dos propósitos dos bolcheviques no seu combate à contra-revolução cossaca:

- Estendemos uma mão fraterna aos cossacos trabalhadores e esperamos encontrar, nas pessoas dos cossacos combatentes, aliados fiéis na nossa luta contra a cambada dos guardas-brancos. Nas frentes da guerra tsarista, os operários e os cossacos verteram juntos o seu sangue; na guerra contra os passarões da burguesia, acolhidos às asas de Kalédine, devemos estar unidos, e está-lo-emos! De mãos nas mãos, caminharemos para o combate contra os que escravizaram os trabalhadores durante séculos! - atirou ele, em voz de trombeta.

- Fi-lho da pu-ta - murmurou Khrisstónia com um sorriso na boca, apertando com tanta força um cotovelo de Grigóri, que este fez uma careta. - Dá-lhes para baixo!

Ivane Alekcêievitch escutava de boca entreaberta, piscando os olhos atentos, e rosnando:

- Pois então! É assim mesmo!

Depois do delegado, tomou a palavra um mineiro alto que baloiçava como um freixo ao vento. Endireitou-se, como se se desdobrasse, considerou a multidão que o olhava com os seus múltiplos olhos, e demoradamente esperou que sossegasse a barulheira. Como o cabo de um lanchão, era nodoso, forte e seco, de tez esverdengada, como se o tivessem passado a vitríolo. O pó do carvão punha-lhe nos poros da pele pontinhos escuros, indeléveis, e os olhos com pintinhas, embaciados pelas trevas eternas das galerias do ventre

da terra, eram identicamente da cor do carvão. Sacudiu a cabeça, de cabelos curtos, e brandiu os punhos fechados, como para dar uma picaretada.

- Quem foi que restabeleceu na frente a pena de morte para os soldados? Kornilov. Quem quer estrangular-nos por intermédio de Kalédine? É ele. - Rompeu a falar muito depressa, e, subitamente, atirou um berro: - Cossacos! Irmãos! Irmãos! Irmãos! Ao lado de quem vão vocês colocar-se? O desejo de Kalédine é que nos banhássemos em sangue fraterno. Não! Não! Não levarão a deles avante. Por Deus, havemos de esmagá-los! Afogaremos as hidras no mar!

- Filho da puta!... - De boca rasgada num sorriso, Khrisstónia cerrou as mãos, e, não se podendo conter, pôs-se a rir alto. - É assim mesmo! Chega-lhes!

- Cala o bico! Que bicho te mordeu, Khrisstónia? Olha que te põem lá fora! - disse Ivane Alekcêievitch, ameaçador.

Lagútine, de Bukanóvsskaia, primeiro presidente da secção cossaca da Comissão Central Pan-Russa dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados da segunda legislatura, impressionou os cossacos com as suas palavras apaixonadas, descosidas, mas que buliam nos corações. Substituiu-o na tribuna Podtiólkov, que presidia, e a este se seguiu Chtchadenko, um belo rapaz, de bigode aparado à inglesa.

- Quem é este? - perguntou Khrisstónia a Grigóri, estendendo um braço como uma forquilha.

- É Chtchadenko, um dos chefes bolcheviques.

- E aquele além?

- É Mandelhsstame.

- Onde é ele?

- De Moscovo.

- E aqueles acolá quem são? - E Khrisstónia apontava agora o grupo dos delegados do congresso de Voróneje.

- Cala-te um pedaço, Khrisstónia.

- Ora essa! Mas isto interessa-me. Diz-me cá quem é aquele alto, que está ao lado de Podtiólkov?

- É Krivochlíkov, da stanitsa de Elánsskaia, da aldeia de Corbatov. Os que estão por trás dele são dois dos nossos: Kudínov e Donetskov.

- Mais uma perguntinha... E aquele além?... Não! Aquele lá ao fundo, que tem uma poupa de cabelo.

- É Elisséiev .. Não sei é de que stanitsa é - Khrisstónia calou-se, satisfeito. Escutou o novo orador com a mesma atenção sem desfalecimento, e foi o primeiro a bradar, cobrindo todas as outras vozes com a sua, de baixo profundo:

- É assim mesmo!

Depois do cossaco bolchevique Stiókhine, falou um delegado do 44.º Regimento. As frases dele, laboriosas, atrapalhadas, engasgavam-se-lhe na garganta; atirava uma palavra, como se marcasse o ar com um ferro em brasa, e calava-se, de narinas arfando; mas os cossacos ouviam-no com uma grande simpatia, interrompendo-o de espaço a espaço com gritos de aprovação. O que ele dizia encontrava neles, era isso visível, um vivo eco.

- Irmãos! É preciso que o nosso congresso decida este assunto grave, de maneira que o povo não sofra e que tudo acabe bem e à boa paz enunciou ele lentamente, como um gago. Quero eu dizer, que devemos evitar uma guerra sangrenta. Já passámos três anos e meio nas trincheiras; se temos de voltar a bater-nos, por mim digo-lhes que os cossacos já acham que chega...

- Muito bem!

- Apoiado!

- Não queremos mais guerras!

- Temos de nos entender ao mesmo tempo com os bolcheviques e com a Assembleia Regional.

- Às boas, não às más... Não queremos brigas.

Podtiólkov esmurraçou a mesa com ambos os punhos e o barulho cessou. Cofiando a barbicha, o delegado do 44.º Regimento reatou:

- É preciso que o nosso congresso envie deputados a Novotcherkassk, a pedirem que os voluntários e os guerrilheiros, sejam eles quem forem, se vão embora da nossa terra. E os bolcheviques a mesma coisa, porque não têm aqui nada que fazer. Nós mesmos nos encarregaremos dos inimigos do povo trabalhador. Por enquanto, não precisamos deles. Em precisando, nós os chamaremos.

- Isto que ele diz não está bem!

- Está bem, pois!

- Alto lá! Alto lá! Dizes tu que está bem? Mas quando nos virmos transformados em coelhos, talvez seja tarde para pedir socorro. Não podemos tomar os nossos desejos por realidades.

- Queremos o nosso próprio governo.

- O que tu queres é comer o ovo antes de a galinha o pôr. Valha-me Deus! Como há pessoas tão estúpidas!

A seguir, o delegado do 44.º Regimento, Lagútine, inundou a assistência com uma onda de palavras entusiásticas e ardentes. Incessantemente o interrompiam gritos. Alguém propôs suspender a sessão por dez minutos. Mas, mal o sossego se restabeleceu, Podtiólkov lançou à multidão excitada:

- Irmãos cossacos! Durante as nossas reuniões, os inimigos do povo trabalhador não dormem. Nós queremos sempre poupar a cabra e a couve, mas Kalédine é que assim não pensa. Interceptámos uma ordem dele, de prender todos os participantes do nosso congresso. Vou ler-lhes essa ordem.

A leitura da ordem de Kalédine levantou uma onda de indignação na multidão dos delegados. O barulho era cem vezes maior que no mercado de qualquer stanitsa.

- Precisamos de agir, não de discussões!

- Si-lên-cio! Chiiiiu!...

- Silêncio porquê? É preciso é dar-lhes!

- Lobov! Lobov!... Diz tu qualquer coisa!..

- Esperem um bocado!

- Kalédine não é parvo!

Grigóri escutava, em silêncio, olhando as cabeças e as mãos dos delegados que se agitavam, até que por fim, não se sustendo, se ergueu nas pontas dos pés e berrou:

- Calem-se aí, diabos!... Isto é alguma feira, ou quê? Deixem o Podtiólkov falar.

Ivane Alekcéievitch tinha-se travado de razões com um delegado do 8.º Regimento.

Khrisstónia rugia, procurando livrar-se de um camarada de regimento que não o largava:

- Temos de ter cuidado! 'Tu... Que é que tu achas? Ora repara bem, meu amigo! Somos fracos de mais para conseguir alguma coisa sozinhos.

Calou-se a barulheira, como uma rabanada de vento depois de bater nas vagas de uma seara e as vergar, e a voz aguda de rapariga de Krivochlíkov cortou o silêncio:

- Abaixo Kalédine! Viva a Comissão Militar Revolucionária Cossaca!

Houve um sussurro na multidão. Depois, os brados de aprovação juntaram-se num pesado clamor, que atordoou os ouvidos. Krivochlíkov continuava de pé, de mão erguida. Como folhas num ramo, os dedos 'tremiam-lhe de leve. Mal o rugido ensurdecador abrandou, rompeu a gritar, numa voz tão aguda, modulada e penetrante como numa caça ao lobo:

- Proponho que se eleja uma comissão militar revolucionária cossaca. Ficará encarregada de lutar contra Kalédine e de organi...

- Há-á-á-á-á!

Foi como a explosão de uma granada. E pedaços de gesso caíram do tecto.

Começou-se a eleição dos membros da Comissão Revolucionária. Uma parte insignificante dos cossacos, dirigidos pelo delegado do 44.º Regimento e alguns outros, continuava a insistir na necessidade de uma solução amigável do conflito com o governo regional. Mas a maioria da assistência não os apoiava, indignada com a ordem de prisão dimanada de Kalédine, e manifestava-se de preferência por uma oposição activa a Novotcherkassk.

Grigóri não pôde esperar pelo fim das eleições, por o terem chamado com urgência ao estado-maior do regimento. Ao abalar, disse a Khrisstónia e a Ivane Alekcêievitch:

- Quando isto acabar, vão logo dizer-mo. Estou com curiosidade de saber quem será eleito.

Ivane Alekcêievitch apareceu tarde.

O presidente ficou Podtiólkov, e o secretário Krivochlíkov! anunciou ele logo à porta.

- E os outros membros?

- Ivane Lagútine, Golovatchov, Mináev, Kudínov e mais uns tantos.

- E Khrisstónia onde está?

- Foi com os que iam prender as autoridades de Kaménsskaia. Todo ele está em brasa: se lhe cuspissem em cima, até o cuspo fervia. Está terrível.

Khrisstónia só voltou ao amanhecer. Enquanto se descalçava não fazia senão fungar e resmungar baixinho. Grigóri acendeu uma lamparina, e viu-lhe sangue na face cinzenta e a esfoladura de um tiro ao alto da testa.

- Quem foi que te fez isso? Queres que eu te faça um penso? Espera aí, que eu vou buscar com quê.

E saltou da cama em cata de gaze e de uma ligadura.

- Isto passa. Sara por si, como nos cães rosnou Khrisstónia. Foi o chefe do distrito que me disparou um tiro de revólver, íamos nós a entrar em casa dele, como se fôssemos convidados, pela porta principal, e resolveu defender-se. E feriu mais outro. Quis-lhe arrancar a alma, para ver de que é feita a alma de um oficial; os outros é que não me deixaram. Se não fosse isso, eu lhe cantaria... Havia de ficar a saber como era.

IX

No dia seguinte, chegou a Kaménsskaia o 10.º Regimento Cossaco do Don, enviado por Kalédine, para prender todos os participantes do congresso e desarmar as unidades cossacas revolucionárias.

Naquela mesma ocasião, decorria na estação um comício. Uma multidão enorme de cossacos em ebulição reagia por formas diversas ao discurso do orador.

Na tribuna, Podtiólkov dizia:

- Pais e irmãos, eu não estou inscrito em partido nenhum, nem mesmo no bolchevique. Só quero uma coisa: a justiça, a felicidade, a união fraterna de todos os trabalhadores, para que deixe de haver opressão, kulakes (*Camponês rico*), burgueses e ricos, e para toda a gente ser livre... Os bolcheviques é isso que querem, e por isso se batem. Os bolcheviques são operários, são trabalhadores como nós, cossacos. Simplesmente, o que os operários bolcheviques são é mais conscientes que nós. A nós mantiveram-nos às escuras, ao passo que eles, nas cidades, aprenderam a conhecer melhor a vida. É por isso que eu, fiquem sabendo, me sinto bolchevique, sem estar inscrito no partido deles.

O regimento apeou-se do comboio e juntou-se ao comício. Os belos cossacos da stanitsa de Gundoróvsskaia, escolhidos pela sua alta estatura, que constituíam metade do regimento, misturaram-se com os cossacos das outras unidades. Imediatamente uma mudança violenta se lhes operou nos espíritos, e recusaram-se a obedecer ao comandante, que pretendia que eles executassem a ordem de Kalédine. Influenciado pela redobrada agitação desencadeada pelos partidários dos bolcheviques, o regimento começou a efervescer.

Entrementes, uma febre de combate apossava-se de Kaménsskaia: destacamentos cossacos constituídos à pressa iam ocupar ou reforçar as estações conquistadas, e incessantemente partiam comboios em direcção a Zvérevo-Líkhaia. As unidades elegiam novos comandantes. Os homens que não queriam combater abandonavam Kaménsskaia sem dar contas a ninguém. Das aldeias e das stanitsas continuavam a vir delegados. Nas ruas havia uma animação nunca antes vista.

Em 13 de Janeiro, chegou a Kaménsskaia, para entabular negociações, uma delegação do governo branco do Don. Dela faziam parte Aguêiev, Presidente da

Assembleia Regional, e Svietozárov, Ulánov, Karev, Bajólov e o tenente-coronel Kuchnariov, membro dela.

Uma multidão densíssima recebeu-os na estação. Uma escolta de cossacos do Regimento Atamánsski da Guarda conduziu-os ao edifício dos Correios e Telégrafo, onde toda a noite conferenciaram com os membros da Comissão Militar Revolucionária.

Estes últimos eram dezassete. Podtiólkov, que foi o primeiro deles a falar, respondeu com energia ao discurso de Aguêiev, que acusara a Comissão de trair o Don e de estar de acordo com os bolcheviques. A seguir, intervieram Krivochlíkov e Lagútine. O discurso do tenente-coronel Kuchnariov foi frequentemente interrompido por gritos dos cossacos que se acumulavam no corredor. Em nome dos cossacos revolucionários, um metralhador exigiu a prisão da delegação branca.

A conferência não chegou a qualquer resultado. Por volta das duas horas da madrugada, quando isso já era evidente, aprovou-se a proposta de Karev, membro da Assembleia Regional, de ir a Novotcherkassk uma delegação da Comissão Militar Revolucionária, para regular definitivamente os problemas do poder.

Os representantes da Comissão, com Podtiólkov à cabeça, partiram para Novotcherkassk logo após a delegação do governo do Don. Por unanimidade de votos, foram designados, além de Podtiólkov, Kudínov, Krivochlíkov, Lagútine, Skátchkov, Golovatchov e Mináiev. Ficaram como reféns em Kaménsskaia os oficiais do Regimento Atamánsski que haviam sido presos.

X

A tempestade de neve soprava por trás das janelas da carruagem. Montões de neve endurecida, que o vento alisara, ultrapassavam as paliçadas de protecção da linha. Neles as patas das aves haviam deixado as suas estranhas marcas.

Os apeadeiros, os postes telegráficos, a estepe inteira, imensa, opressiva na sua monotonia gelada, iam correndo para o norte.

Podtiólkov, com um casaco de cabedal novo enfiado, ia sentado junto à janela. Em frente dele, estreito de ombros, seco como um adolescente, Krivochlíkov, de cotovelos na sua mesinha, olhava a estepe. A inquietação e a expectativa reflectiam-se-lhe nos olhos límpidos como os de uma criança. Lagútine afagava a barba castanha e rala. O sólido Mináiev aquecia as mãos no tubo de aquecimento e mexia-se constantemente no seu lugar.

Estendidos nas camas superiores, Golovatchov e Skátchkov falavam em voz baixa.

Na carruagem havia algum fumo e fazia mais frio que calor. Os delegados, a caminho de Novotcherkassk, não se sentiam muito seguros de si. A conversa era frouxa. Reinava um quase silêncio, enfadonho. Ultrapassou-se Líkhaia. Então Podtiólkov emitiu uma opinião que era a de todos:

- Isto não serve para nada. Não chegaremos a qualquer acordo.
- É uma viagem inútil - apoiou-o Lagútine.

E de novo, por um bom pedaço, se conservaram calados. Podtiólkov agitava uma das mãos, num gesto como que o de fazer passar a lançadeira através dos fios de um tear. De espaço a espaço mirava os reflexos suaves do casaco de coiro, que lhe parecia lindo.

Novotcherkassk estava perto. Mináiev olhou o Don num mapa, e principiou, a meia voz:

- Estou-me a lembrar de antigamente, quando os cossacos da Guarda acabavam o serviço militar. Entregavam-lhes tudo o que era deles, para eles levarem para casa. Levavam as malas, os cavalos, tudo o que lhes pertencia. O comboio partia. Antes de Voróneje, onde se atravessa o Don pela primeira vez, o maquinista conduzia devagarinho, o mais devagar que podia... Sabia o que fazia. Mas mal o comboio metia pela ponte... oh, rapazes!... era o bom e o bonito! Os homens pareciam autênticos malucos: «O Don! O nosso Don! O Don tranquilo! O nosso rico pai, o nosso pai que nos dá o pão! Hurráaaa!» E, lá do alto atiravam

pelas janelas para a água, por entre os varões de ferro da ponte, os bonés, os capotes velhos, as calças, as fronhas das almofadas, as camisas, tudo que lhes vinha à mão. Era um presente que davam ao Don, ao voltarem da tropa. Só visto! Cobria-se a água de bonés azuis da Guarda, como cisnes ou flores flutuando. Era um hábito muito antigo.

O comboio abrandou o andamento, parou. Os viajantes ergueram-se. Krivochlíkov compôs o cinturão e disse, com um sorriso de esguelha:

- Cá estamos nós na nossa terra!

- Não vejo é ninguém com o pão e o sal acolhedores - comentou Skátchkov, tentando gracejar.

Um capitão cossaco, alto e robusto, entrou na carruagem sem pedir licença. Examinou os membros da delegação com olhos ruins, inquisidores, e anunciou com propositada dureza:

- Encarregaram-me de os acompanhar. Façam o favor de descer depressa do comboio, senhores bolcheviques. Não respondo pela multidão... nem pela vossa segurança.

Fitou mais demoradamente que os outros Podtiólkov, ou antes o seu dólman de oficial, e ordenou, desta vez com uma franca hostilidade:

- Saiam do comboio, depressa!

- Cá estão eles, os malandros, os traidores do povo cossaco! - gritou um oficial de bigodes compridos, no cais cheio de gente.

Podtiólkov empalideceu, e lançou uma olhadela de viés, um pouco perturbada, a Krivochlíkov. Este, que descia atrás dele, sussurrou-lhe ao ouvido, sorrindo:

«O que escutamos, a saudar-nos, não é o doce murmúrio dos louvores, mas os brados selváticos do ódio», como diz o poeta... Estás a reparar, Fiódor?

Embora não tivesse ouvido as últimas palavras, Podtiólkov sorriu também.

Escoltava-os um forte destacamento de oficiais. Uma multidão enfurecida, sedenta de justiça sumária, acompanhou-os até à administração regional. Aquela gente furiosa, que os insultava, não eram apenas oficiais ou cadetes, mas também cossacos, senhoras bem vestidas, estudantes do liceu.

- Como consentem os senhores um escândalo destes? - disse Lagútine, indignado, a um dos oficiais da escolta.

Este mediu-o com olhos rancorosos e rosnou:

- Agradece a Deus ainda estares vivo... Se dependesse de mim... safado... bandalho!

O olhar de censura de outro oficial, mais novo, fê-lo calar.

- Estamos bem tramados! - segredou Skátchkov discretamente a Golovatchkov.

- Parece que nos levam para a força.

Na sala da administração regional não cabia toda aquela gente. Enquanto os delegados se instalavam a uma ponta da mesa, por indicação de um tenente encarregado de os orientar, entraram os membros do governo.

Kalédine atravessou a sala em passo firme, acompanhado por Bogaiévsski. Ia um pouco curvado e caminhava como os lobos, assentando o pé todo no chão. Puxou a cadeira, sentou-se, pousou com um movimento sereno em cima da mesa o seu boné cinzento-esverdeado, em que a insígnia de oficial punha uma mancha branca, alisou os cabelos, e, ao mesmo tempo que com a mão esquerda abotoava a algibeira vasta do capote, inclinou-se levemente para Bogaiévsski, para lhe dizer qualquer coisa. Todos os gestos dele eram lentos e seguros, *de* uma firmeza medida, como é corrente nos homens que se habituaram ao poder, e que durante anos modelaram um porte especial, diferente do dos outros, um certo modo de erguer a cabeça, um certo modo de andar. Havia uma grande semelhança entre Podtiólkov e ele. Bogaiévsski é que, ao lado do representativo Kalédine, fazia figura de insignificante, além do que se mostrava impressionado pela iminência dos debates.

Movendo imperceptivelmente os lábios, que um bigode castanho, caído, sobrepujava, Bogaiévsski disse o que quer que fosse; os olhos vivos e oblíquos luziam-lhe por trás das lunetas. O nervosismo manifestava-se-lhe no modo de endireitar a gola do dólman, no gesto desajeitado e superficial com que sem cessar afluía o queixo enérgico, e no movimento das largas sobancelhas, abertas como asas.

Os membros do governo regional sentaram-se de ambos os lados de Kalédine. Alguns deles tinham já ido a Kaménsskaia: Karev, Svietozárov, Ulánov e Aguêiev; Elatóntzev, Mélnikov, Bossê, Chóchnikov e Poliátov instalaram-se a certa distância.

Podtiólkov viu Bogaiévsski dizer algumas palavras a meia voz a Kalédine. Este, piscando os olhos, encarou Podtiólkov e disse:

- Acho que podemos começar.

Podtiólkov sorriu e expôs em voz alta e clara os propósitos da delegação. Krivochlíkov estendeu por cima da mesa o ultimato preparado pela Comissão Militar Revolucionária, mas Kalédine afastou o papel com a sua mão branca e proferiu com firmeza:

- É absurdo perdermos tempo em fazer ler este documento aos membros do governo, um após outro. Façam o favor de o ler alto. Depois o discutiremos.

- Lê-o lá - mandou Podtiólkov.

A atitude dele era digna, mas estava, nitidamente, pouco à vontade, como os outros membros da delegação. Krivochlíkov ergueu-se. A voz dele, que era aguda como a de uma rapariga, mas um pouco surda, ecoou pela sala apinhada:

«Todo o poder sobre as unidades militares, no respeitante às operações, passa, a partir de 10 de Janeiro de 1918, na Região do Exército do Don, do atamane regional para a Comissão Militar Revolucionária Cossaca do Don.

Todas as unidades mobilizadas contra as tropas revolucionárias devem ser retiradas e desarmadas até 15 de Janeiro deste ano, do mesmo modo que os destacamentos voluntários e as escolas de cadetes e de aspirantes.

Nota: As armas, as munições, e os equipamentos serão entregues ao comissário da Comissão Militar Revolucionária. Os salvo-condutos para a partida de Novotcherkassk serão passados pelo mesmo comissário.

A cidade de Novotcherkassk será ocupada pelos regimentos cossacos designados pela Comissão Militar Revolucionária.

Os poderes dos membros da assembleia regional cessarão a partir de 15 de Janeiro de 1918.

Toda a polícia lá instalada pelo governo regional será retirada das minas e das fábricas da região do Don.

Proclamar-se-á em toda a região do Don, nas stanitsas e nas aldeias, que o governo regional, a fim de evitar uma efusão de sangue, depõe voluntariamente a totalidade dos seus poderes e imediatamente os entrega à Comissão Militar Revolucionária Cossaca da região do Don, até à constituição na região de um governo definitivo dos trabalhadores para toda a população.»

Mal Krivochlíkov se calou, Kalédine perguntou em voz forte:

- Que unidades representam os senhores?

Podtiólkov trocou um olhar com Krivochlíkov e pôs-se a enumerar, como se o fizesse para si próprio:

- O Regimento Atamánsski da Guarda Imperial, a 6.^a bateria, o 44.º Regimento, a 32.^a bateria, o 14.º esquadrão especial... Ia contando pelos dedos da mão esquerda, apoiando neles o indicador direito com tanta força que os magoava. E, como um riso pérfido percorresse furtivamente a sala, Podtiólkov carregou o cenho, pousou na mesa as mãos

cobertas de pêlos ruivos, e levantou a voz. ...O 28.º Regimento, a 28.a bateria, o 12.º Regimento...

O 29.º Regimento soprou-lhe baixinho Lagútine.

- O 29.º Regimento prosseguiu Podtiólkov em voz mais segura e mais forte a 30.^a bateria, a guarnição local de Kaménsskaia, o 10.º Regimento, o 27.º Regimento, o 2.º batalhão a pé, o 2.º Regimento de reserva, o 8.º Regimento, e o 14.º Regimento.

Depois de algumas perguntas insignificantes e de uma curta troca de frases, Kalédine inquiriu, de peito apoiado contra a mesa e os olhos fixos em Podtiólkov:

- Os senhores reconhecem o poder do Soviete dos Comissários do Povo?

Podtiólkov bebeu um copo de água, repôs a garrafa no seu prato, limpou o bigode a uma manga e respondeu evasivamente:

- Isso só o povo todo o pode decidir.

Receoso de que Podtiólkov, na sua simplicidade, dissesse coisas que não devesse dizer, Krivochlíkov interveio:

- Em caso nenhum os cossacos admitirão um órgão em que entrem representantes do «Partido da Liberdade do Povo» (*O Nome oficial do partido contra-revolucionário dos Cadetes, que era o principal partido da burguesia russa*). Somos cossacos e queremos ter a nossa própria administração, uma administração cossaca. Como havemos nós de os compreender, havendo Nakhamkes e outros que tais à testa dos Sovietes? A Rússia depositou confiança neles; também nós a depositamos.

- Os senhores têm relações com eles?

- Temos

Podtiólkov aquiesceu, com um som abafado da garganta, e acrescentou:

- A nós não nos interessam os homens, mas as ideias.

Um dos membros do governo regional perguntou em tom ingénuo:

- É para bem do povo que o Soviete dos Comissários do Povo trabalha?

Podtiólkov lançou-lhe um olhar inquisitivo, sorriu, estendeu o braço para a garrafa, encheu um copo de água, e bebeu com avidez. A sede devorava-o, como um grande fogo interior, que ele tentasse apagar com a água transparente.

Tamborilando com os dedos no tampo da mesa, Kalédine continuava a interrogar:

- Que têm os senhores de comum com os bolcheviques?

- Queremos estabelecer entre nós, na região do Don, uma administração cossaca autónoma.

- Está bem. Mas talvez os senhores saibam que a assembleia regional está convocada para 4 de Fevereiro. Os seus membros serão reeleitos. Os senhores aceitam uma fiscalização recíproca?

- Não! - replicou com dureza Podtiólkov, que havia erguido os olhos. - Se os senhores estiverem em minoria, ditar-lhes-emos a nossa vontade.

- Mas isso é uma violência!

- Pois é.

Bogaiévsski derivou o olhar de Podtiólkov para Krivochlfov, e disse:

- Os senhores reconhecem a assembleia regional?

Foi Podtiólkov quem lhe deu a resposta:

- Na medida em que... Encolheu os ombros largos. A Comissão Militar Revolucionária Regional convocará um congresso de representantes da população, que trabalhará sob a fiscalização de todas as unidades militares. Se esse congresso não nos satisfizer, não o reconheceremos.

- E quem será o juiz? - disse Kalédine, alçando as sobrancelhas.

O povo ripostou Podtiólkov, atirando orgulhosamente a cabeça para trás, e encostando-se ao espaldar da sua cadeira entalhada, com o que fez ranger o cabedal do casaco.

Após uma curta interrupção, Kalédine tomou a palavra. O rumor na sala calou-se; e no meio do silêncio geral, a voz do atamane, baixa e suave como o Outono, ressoou nitidamente:

- O governo não pode depor a totalidade dos seus poderes, como a Comissão Militar Revolucionária Regional exige. O actual governo foi eleito por toda a população do Don, e só ela, e não unidades isoladas, pode exigir de nós a deposição do poder. Sob a influência da propaganda criminoso dos bolcheviques, que procuram impor o seu regime à região, querem os senhores que lho entreguemos. Os senhores são um instrumento cego nas mãos dos bolcheviques. Executam a vontade dos agentes alemães, sem se darem conta da responsabilidade colossal que assumem perante todo o povo cossaco. Aconselho-os a reflectirem, porque estão a preparar calamidades inauditas à sua terra natal, ao afastarem-se do governo, que reflecte a vontade geral da população. O poder não me interessa. A grande assembleia regional vai reunir-se e será ela quem decidirá da sorte do país. Até lá, porém, devo manter-me no meu posto. Pela última vez, aconselho-os a reflectir.

A seguir a ele, falaram membros do governo, cossacos e não cossacos. O socialista revolucionário Bossê despejou sobre a cabeça dos representantes da Comissão Militar Revolucionária um caudal de palavras temperadas de exortações melífluas.

Lagútine interrompeu-o, clamando:

- Exigimos que os senhores entreguem o poder à Comissão Militar Revolucionária! Não vale a pena esperar, visto que o governo regional deseja uma solução pacífica do caso...

Bogaiévski sorriu:

- Isso que quer dizer?...

- Tem de se proclamar por toda a parte que o poder passou para as mãos da Comissão Militar Revolucionária. Esperar mais de quinze dias, para que a vossa assembleia se reúna, é impossível. O povo já está terrivelmente furioso.

Karev tergiversou largamente; Svietozárov tentou um entendimento.

Podtiólkov escutou-os com irritação. Atirou uma olhadela rápida aos amigos, e notou que Lagútine estava pálido e carrancudo, que Krivochlíkov não despegava os olhos da mesa, e que Golovatchov procurava impacientemente dizer qualquer coisa. Alguns instantes depois, Krivochlíkov dizia-lhe baixinho:

- Fala!

Podtiólkov parecia só esperar por isso. Empurrou a cadeira para trás e começou com dificuldade, gaguejando de comovido, buscando grandes argumentos esmagadores, para convencer:

- Não é como os senhores dizem. Se pudéssemos ter confiança no governo regional, eu renunciaria com prazer às minhas exigências... Mas o povo não tem confiança nele! Não somos nós, mas os senhores, quem será responsável pela guerra civil. Porque acolheram os senhores na terra cossaca toda a casta de generais fugitivos? É por isso que os bolcheviques trarão a guerra ao nosso Don tranquilo. Não me submeterei aos senhores. Não estou disposto a isso. Antes terão de passar por cima do meu cadáver. O que nós lhes atiramos à cara são factos. Não acredito que o governo regional possa salvar o Don. Que medidas tomaram os senhores contra as unidades que se lhes não submeteram? Ah-ah! Aí é que bate o ponto! Porque enviaram os senhores os seus voluntários contra os mineiros? Ao procederem assim, provocaram perturbações. Ora digam-me cá: quem garante que o governo regional evite a guerra civil?... Que me respondem a isto? Ao contrário, o povo e os veteranos da frente estão connosco.

Como uma aragem fremente, uma risada percorreu a sala; e exclamações indignadas ergueram-se contra Podtiólkov. Este virou a cara ardente e congestionada para os seus contraditores, e berrou sem ocultar o ódio que em si sentia:

- Riam agora, que amanhã chorarão! - Encarou Kalédine e metralhou-o com os olhos. - Exigimos a entrega do poder aos representantes do povo trabalhador, ou seja a

nós, e o afastamento de todos os burgueses e do Corpo de Voluntários!... E o próprio governo se deve ir embora!

Em atitude fatigada, Kalédine inclinou a cabeça.

- Não faço tenção de abandonar Novotcherkassk, e não sairei daqui!

Depois de uma curta suspensão a sessão recomeçou, com um discurso inflamado de Mélnikov:

- Destacamentos de guardas-vermelhos avançam contra o Don, para destruir a terra cossaca. Arruinaram a Rússia com as suas medidas insensatas, e querem arruinar a nossa terra. Não há na História qualquer exemplo de um país ser governado convenientemente por um punhado de usurpadores e de aventureiros! A Rússia há-de despertar e expulsar estes Otrépieves! *(Alusão a Grigóri Otrépiev, um monge que afirmou ser filho de Ivane o Terrível, e como tal se fez proclamar tsar, sob o nome de Dmitri V Ivánovitch, aqui pois tomado como padrão de impostores)* E os senhores, cegados pela demência deles, querem arrancar-nos o poder, para abrir as portas aos bolcheviques! Não!

- Entreguem o poder à Comissão Militar Revolucionária e a Guarda Vermelha suspenderá a sua ofensiva - contrapôs Podtiólkov.

Mediante autorização de Kalédine, o capitão Cheíne, simples cossaco, promovido àquele posto por feitos em campanha e cavaleiro de São Jorge das quatro classes, saiu do meio da assistência para intervir. Compôs o dólman, como para uma revista, e entrou logo a matar:

- Cossacos, porque os escutamos nós? - gritou ele, na sua voz aguda de comando, cortando o ar com um braço, como se fosse um sabre. com os bolcheviques não queremos nada. - Só traidores ao Don e ao povo cossaco podem falar em entregar o poder aos Sovietes e convidar os cossacos a acamaradar com os bolcheviques. - E designando abertamente Podtiólkov, e a ele expressamente se dirigindo, inclinado para diante, exclamou: - O senhor acredita de facto, Podtiólkov, que o Don o siga, que siga um cossaco iletrado? Os que isso fizerem não irão além de meia dúzia de cossacos turbulentos, sem eira nem beira. Mas eles acordarão, irmão, e te passarão uma corda ao pescoço.

Desataram todas as cabeças na sala a abanar como girassóis sacudidos pelo vento, e houve um clamor aprovativo. Cheíne sentou-se. Um oficial alto, com divisas de tenente-coronel, de pelica curta e escura, bateu-lhe num ombro, comovido. Em torno dele apinharam-se oficiais. Uma voz histérica de mulher guinchou:

- Obrigada, Cheíne! Obrigada!

- Bravo, capitão Cheíne! Bravíssimo! - cacarejou por seu turno em falsete, como um estudantinho, um assistente da galeria, exalçando Cheíne.

Durante largo tempo ainda, os bem-falantes, os acólitos do governo do Don tentaram engodar os membros da Comissão Militar Revolucionária de Kaménsskaia. O ar na sala era fumarento, azulado, sufocante. Lá fora, o Sol terminava a sua jornada. Fios de geada, como caruma de pinheiro, colavam-se às vidraças. Os assistentes sentados perto das janelas ouviam as trindades, e, por entre o uivar do vento, os apitos roucos das locomotivas.

Lagútine não se aguentou; interrompendo um dos oradores do governo regional, dirigiu-se a Kalédine:

- Vejam se se decidem. É já tempo de acabar com isto! A meia voz, Bogaiévski observou-lhe:

- Não se enerve, Lagútine! Beba um golo de água. O enervamento é mau para os pais de família e para as pessoas predispostas a congestões. Além disso, não é razoável interromper os oradores: isto aqui não é um soviete.

Lagútine replicou-lhe com algumas palavras contundentes. Mas logo Kalédine de novo concitou a atenção geral. Conduzia o seu jogo político com segurança, como no começo da sessão, embora sempre esbarrando na cota de pano grosso das respostas de Podtiólkov.

- Dizem os senhores que, se lhes entregarmos o poder, os bolcheviques suspenderão a sua ofensiva contra o Don. Isso, porém, não passa de uma opinião. O que os bolcheviques farão ao chegarem ao Don não o sabem os senhores.

- A Comissão tem a certeza de que os bolcheviques confirmarão o que eu disse. Experimentem! Entreguem-nos o poder, mandem embora os vossos voluntários do Don, e verão: os bolcheviques terminarão a guerra.

Alguns instantes a seguir, Kalédine levantou-se. Havia muito tempo que a resposta dele estava preparada: Tchernétsov havia recebido ordem para concentrar o seu destacamento para atacar a estação de Líkhaia. Mas, para ganhar tempo, interrompeu a sessão com uma manobra habilidosa:

- O governo do Don vai estudar a proposta da Comissão Militar Revolucionária, e dar-lhe-á uma resposta escrita, amanhã, às dez horas da manhã.

XI

A resposta do governo do Don, entregue no outro dia de manhã à delegação da Comissão, era dirigida nos termos seguintes:

«O governo da região do Exército do Don, após ter examinado as exigências da Comissão Militar Revolucionária Cossaca, apresentadas por uma deputação da mesma Comissão, em nome dos regimentos Atamánsski e Cossaco da Guarda, dos 44.º, 28.º e 29.º Regimentos, de unidades dos 10.º, 27.º, 23.º, 8.º, 2.º (da reserva) e 43.º Regimento, do 14.º Esquadrão Especial, das 6.^a (da Guarda), 32.^a, 28.º, 12.^a e 13.^a baterias, do 2.º batalhão de infantaria e da guarnição local de Kaménsskaia, declara que o governo é o representante de toda a população cossaca da região. O governo, eleito por essa população, não tem o direito de depor os seus poderes antes da reunião da nova Assembleia Regional.

O governo da Região do Exército do Don julgou necessário dissolver a antiga Assembleia e promover novas eleições tanto nas stanitsas como nas unidades. A nova Assembleia livremente eleita (com liberdade total de propaganda) por toda a população cossaca, por sufrágio directo, igual e secreto, reunir-se-á na cidade de Novotcherkassk em 4 de Fevereiro, do calendário antigo, do ano corrente, ao mesmo tempo que o congresso de toda a população não cossaca. Só essa Assembleia, órgão legítimo, restaurado pela revolução, como representante da população cossaca da região, terá o direito de destituir o governo regional e designar outro. Terá igualmente essa Assembleia de debater a questão do comando das unidades militares e do destino dos destacamentos e formações voluntárias que protegem o poder governamental. No que respeita ao recrutamento e à actividade do Exército Voluntário, o governo unificado tomou já a decisão de colocar estes dois problemas sob a fiscalização governamental, de colaboração com a Comissão Militar Regional.

Quanto à revocação da polícia que se diz ter sido enviada pelo governo regional para a região mineira, o governo declara que tal assunto será submetido à decisão da Assembleia em 4 de Fevereiro.

O governo declara que só a população da região pode tomar parte na organização da vida da região, e por isso considera indispensáveis, em conformidade com a vontade da Assembleia, todas as medidas assumidas, de luta contra a penetração dos destacamentos bolcheviques armados, que procuram impor o seu regime. É à população, e só a ela, que compete decidir da sua sorte.

O governo não quer a guerra civil, esforça-se por todos os meios por levar as coisas a bom termo por via pacífica, e, com esse fito, propõe à Comissão Militar Revolucionária que participe numa deputação a ser enviada aos destacamentos bolcheviques.

O governo pensa que, se os destacamentos estranhos à região não lhe transpuserem as fronteiras, não haverá guerra, visto que o governo se limita a defender a região do Don, não tem qualquer propósito agressivo, nem pretende impor a sua vontade ao resto da Rússia, mas deseja, em compensação, que nenhum poder alheio imponha a sua ao Don.

O governo garante a plena e inteira liberdade das eleições nas stanitsas e nas unidades militares, podendo todos os cidadãos fazer a propaganda que quiserem e defender os seus pontos de vista a quando das eleições à Assembleia Regional.

A fim de examinar as necessidades dos cossacos em todas as divisões, devem desde já ser nomeadas comissões constituídas por representantes das unidades.

O governo da região do Exército do Don propõe a todas as unidades que enviaram deputados à Comissão Militar Revolucionária que voltem ao seu trabalho normal de defesa da região do Don.

O governo regional recusa-se a admitir que as nossas tropas possam actuar contra ele, tomando assim a iniciativa de uma guerra civil no Don tranquilo.

A Comissão Militar Revolucionária deve ser dissolvida pelas unidades que a elegeram, e todas elas deverão enviar representantes à Comissão Regional já existente, que congrega todas as unidades da região.

O governo regional exige que todas as pessoas presas pela Comissão Militar Revolucionária sejam imediatamente libertadas; e, por outro lado, para assegurar o regresso a uma vida normal na região, a administração deve ser restituída ao desempenho das suas funções.

Porque apenas representa um número ínfimo de unidades cossacas, a Comissão Militar Revolucionária não tem o direito de apresentar exigências em

nome da totalidade das unidades, e, com mais forte razão, em nome de todo o povo cossaco.

O governo regional considera absolutamente inadmissíveis as relações dessa Comissão com o Soviete dos Comissários do Povo e a utilização por ela da ajuda financeira do mesmo Soviete, visto isso significar a extensão da influência dele à região do Don, enquanto que a Assembleia Cossaca e o congresso da população não cossaca da região, do mesmo modo que a Ucrânia, a Sibéria, o Cáucaso, e todos os exércitos cossacos sem exceção, consideraram inaceitável o poder dos Sovietes.

O presidente do governo regional,

Atamane regional adjunto *M. Bogaiévski.*

Os decanos do Exército do Don: *Elatóntzev,*

Poliakov, Mélnikov.»

Os dois membros da Comissão Militar Revolucionária de Kaménsskaia que acompanharam a delegação enviada a Taganrog pelo governo do Don, para negociar com os representantes do poder dos Sovietes, foram Lagútine e Skátchkov. Podtiólkov e os outros ficaram retidos provisoriamente em Novotcherkassk. Entretanto, o destacamento de Tchernétsov, composto de algumas centenas de homens, de uma bateria pesada e de dois canhões ligeiros, ocupava, por uma operação audaciosa, as estações de Zvérevo e de Líkhaia, nas quais deixou, a defender-lhes os flancos, uma companhia e os dois canhões ligeiros, e avançou contra Kaménsskaia. Tchernétsov venceu a resistência das unidades revolucionárias cossacas em frente do apeadeiro de Séverni Donetsk, e tomou Kaménsskaia em 17 de Janeiro. Algumas horas mais tarde sabia-se que os destacamentos de guardas-vermelhos de Stáline tinham desalojado de Zvérevo, e depois de Líkhaia, as guarnições lá deixadas. Tchernétsov ocorreu com um breve choque frontal, pôs em debandada o 3.º Destacamento moscovita, infligiu pesadas perdas ao destacamento de Kharkov e repeliu os guardas-vermelhos para o seu ponto de partida, em pânico retirada.

Depois de ter restabelecido a situação no sector de Líkhaia e retomado a iniciativa, Tchernétsov voltou para Kaménsskaia. Em 19 de Janeiro recebeu reforços de Novotcherkassk, e no dia seguinte decidiu atacar Glubókaia.

Por proposta do tenente Linkov, decidiu-se em conselho de guerra tomar Glubókaia por um movimento envolvente. Tchernétsov não queria atacar paralelamente à linha do caminho-de-ferro, com receio de esbarrar naquele sector com a resistência das unidades da

Comissão Militar Revolucionária de Kaménsskaia e dos destacamentos de guardas-vermelhos vindos de Tchertkovo em seu auxílio.

O movimento principiou à noite. A coluna, comandada pelo próprio Tchernétsov, chegou a Glubókaia antes do amanhecer. Depois de formar impecavelmente, desdobrou-se. Tchernétsov apeou-se do cavalo, para desentorpecer as pernas, e disse em voz sibilante a um dos comandantes de companhia:

- Sem cerimónia, capitão. Está-me a compreender?

As botas rangeram-lhe na neve dura, e empurrou para um lado o gorro de astracã cinzenta, para coçar a orelha rosada com a luva. Sob os olhos claros e audaciosos, tinha olheiras azuladas, de não dormir. O frio franzia-lhe os lábios. Uma penugem de geada cobria-lhe o bigode cortado curto.

Uma vez aquecido, tornou a montar a cavalo, compôs as pregas da sua peliça curta, cinzenta-esverdeada, de oficial, prendeu a arreata à patilha do selim, esporeou o seu baio do Don, e disse, com um sorriso duro e confiante:

- Vamos a isto!

XII

O capitão Izvárine havia fugido do regimento antes do congresso dos cossacos veteranos da frente. Na véspera tinha ido falar com Grigóri, a quem fizera umas vagas alusões ao seu projecto de abalar:

- Na situação actual, é difícil continuar no regimento. Os cossacos sentem-se hesitantes entre os dois extremos: os bolcheviques e o antigo regime monárquico. Ninguém está disposto a apoiar o governo de Kalédine, em grande parte por ele estar agarrado, como um imbecil, ao seu princípio da paridade de representação das populações cossaca e não cossaca, quando do que nós precisamos é de um homem rijo e resoluto, que ponha os estranhos no seu lugar... Enfim, acho que, neste momento, o melhor é apoiar Kalédine, para não se perder tudo definitivamente. Calou-se um instante, e acendeu um cigarro. Tu... parece-me que te converteste à fé vermelha.

- Mais ou menos - concordou Grigóri.

- Com sinceridade, ou para criares popularidade entre os cossacos, como Golubov?

- Não busco popularidade. O que eu busco é uma saída, como toda a gente.

- Pois onde tu estás é num beco sem saída.

- Havemos de ver...

- Receio que um dia nos encontremos como inimigos, Grigóri.

- No campo de batalha não há amigos, Efime Ivânitch disse Grigóri, com um sorriso.

Izvárine demorou-se ainda alguns minutos, depois partiu, e no dia seguinte de manhã havia desaparecido sem deixar rasto.

No dia do congresso, Grigóri recebeu a visita de um homem do Regimento Atamánsski, originário de Lebiági, da stanitsa de Viochénsskaia. Estava ele a limpar e a untar o revólver. O homem esteve com ele um pedaço, e exactamente quando se ia embora, atirou como que por acaso (apesar de só ter vindo para isso, porque sabia que um antigo oficial do Regimento Atamánsski tinha roubado a amante a Grigóri e queria dizer-lhe que havia visto Lisstnítzki na estação):

- Vi hoje na estação um amigo teu, Grigóri Pantelêievitch.

- Que amigo?

- Lisstnítzki. Conhece-lo?

-Quando é que o viste? - perguntou vivamente Grigóri.

- Há uma hora.

Grigóri sentou-se. Sentiu no coração a antiga ofensa, como uma patada de um cão de guarda. Já o não pruíra o mesmo ódio de antes contra o seu inimigo, mas sabia que, se o encontrasse naquela guerra civil incipiente, o sangue correria. Ao ouvir de chofre o nome de Lisstnítzki, percebeu que o tempo não tinha ainda sarado a velha ferida: haviam bastado aquelas palavras inesperadas para ela sangrar de novo. com volúpia pensou na vingança: aquele homem amaldiçoado havia-lhe quebrado o encanto da vida, deixando-lhe, em lugar da grande alegria palpitante de outrora, uma angústia devoradora, insaciável, um frangalho amarelento.

Um pedaço se quedou calado, sentindo o sangue subir-lhe à cara, até que por fim perguntou:

- Não sabes se ele fica por cá?

- Não me parece. Acho que vai para Tcherkassk.

- Aaah!

O homem falou do congresso, pediu notícias do regimento e desandou. Durante uns poucos de dias, Grigóri tentou em vão abafar a dor que lhe queimava a alma. Sentia-se como que entorpecido, lembrando-se de Akcínia mais do que era costume, com um travo amargo na boca e o coração pesado como uma pedra. Pensava em Natalia e nos filhos, mas a alegria que daí lhe advinha figurava-se-lhe embotada, esvaziada pelo tempo. O coração dele com quem estava era com Akcínia, era ela que lhe apetecia, como dantes, com intensidade e com violência. Sob a pressão de Tchernétsov, houve necessidade de abandonar Kaménsskaia rapidamente. Destacamentos díspares da Comissão Militar Revolucionária e esquadrões cossacos dispersos amontoavam-se nos comboios, ou partiam pelos seus próprios meios, abandonando tudo o que era pesado ou incómodo de levar. Era manifesta a desorganização, por falta de um homem firme, capaz de congregar e distribuir aquelas forças, na realidade consideráveis.

O tenente-coronel Golubov, que no decurso dos últimos dias mais uma vez se salientara, não tardou a distinguir-se dentre os comandantes eleitos. Tomou o comando do 27.º Regimento, o mais combativo de todos, e imediatamente restabeleceu nele uma ordem severa. Os homens obedeciam-lhe sem resmungar, por reconhecerem nele o que o regimento não tinha: a capacidade de organizar, de distribuir as funções alheias e desempenhar as suas. E aquele oficial gordo e bolachudo, de olhos arrogantes, brandindo o sabre, gritava aos cossacos que se demoravam a carregar os vagons:

- Que estão vocês a fazer? Isto é alguma brincadeira? Súcia de coirões!... Querem ou não carregar isso?... Em nome da revolução, ordeno-lhes que me obedecem imediatamente!... Quê... Quem é lá esse demagogo? Olha que eu mando-te fuzilar, safado!... Silêncio! Os sabotadores e os contra-revolucionários mascarados que não contem comigo!

E os cossacos submetiam-se. Até mesmo, como antigamente, aquilo agradava a muitos deles, que ainda se não haviam desabituatedo da velha tradição de ser o comandante melhor o que chateia mais. Dos homens como Golutov se dizia: «Aquele, se alguém faz alguma malandrice, arranca-lhe a pele, mas depois, como é um tipo fixe, enfia-lhe outra.»

As unidades da Comissão Militar Revolucionária do Don refluíram e submergiram Glubókaia. Golubov havia assumido o comando de todas as tropas. Em dois magros dias, havia juntado as unidades desfeitas e tomado as medidas necessárias para a defesa daquela posição. Grigóri tinha sido encarregado do comando de um grupo formado de dois esquadrões do 2.º Regimento de reserva e de um esquadrão do Regimento Atamánsski.

Em 20 de Janeiro, ao cair da noite, saía ele da propriedade em que se aquartelara, para ir inspeccionar os postos avançados que haviam sido confiados aos homens do Regimento Atamánsski, Grigóri encontrou, mesmo ao portão, Podtiólkov. Este reconheceu-o.

- És o Melekhov?

- Sou.

- Onde vais?

- Inspeccionar os postos avançados. Há muito tempo que voltaste de Novotcherkassk? Que há de novo?

Podtiólkov franziu os sobrolhos.

- Com os inimigos do povo não há maneira de se chegar a um acordo. Viste a partida que nos fizeram? Está-se a negociar... e, entretimentos, Tchernétsov ataca-nos pelas costas. E Kalédine, que grande pulha! Tenho muito pouco tempo agora, porque preciso de ir ao Estado-Maior.

Despediu-se à pressa de Grigóri, e abalou direito ao centro da aldeia, a grandes passadas.

Já na eminência da sua eleição para a presidência da Comissão Militar Revolucionária, ele havia mudado abertamente de atitude para com Grigóri e outros cossacos seus conhecidos; de vez em quando, uma ou outra nota de superioridade transparecia-lhe na voz. Como uma bebida alcoólica, o poder subira à cabeça do simples cossaco que era.

Grigóri levantou a gola do capote e abalou a passo rápido. A noite anunciava-se fria. Um vento leve soprava do lado da região dos Kirguizes. O céu desanuviava-se. Começava

a cair uma geada forte. Havia um estalido mole de neve. A Lua subia com lentidão, de esguelha, como um inválido a subir uma escada. Por detrás das casas, aureolava a estepe uma bruma violácea. Era a hora crepuscular em que as formas, as linhas, as cores e as distâncias se apagam, em que a luz do dia se mistura já, se funde indissolivelmente à da noite, em que tudo parece irreal, fantástico, movediço, e em que os próprios aromas se atenuam e desmaiam.

Feito o seu giro, Grigóri tornou para a casa. O proprietário, um empregado dos caminhos-de-ferro, de cara espertalhona com sinais de bexigas, apareceu com o samovar e sentou-se à mesa.

- Vocês vão atacar?

- Não se sabe.

- Ou estão a pensar em esperar por eles? -Há-de-se ver.

- Têm vocês inteira razão. Já que não são suficientemente fortes para atacar, o melhor é esperarem. A atitude defensiva é mais proveitosa. Eu próprio combati contra os alemães, na engenharia, de modo que tenho alguns conhecimentos de táctica... Vocês não têm forças suficientes.

- As que temos chegam - volveu-lhe Grigóri, para acabar com a conversa, que lhe começava a cheirar a esturro.

O proprietário, porém, continuou a interrogá-lo, a andar à roda da mesa, enquanto coçava, por baixo do colete de fazenda, a barriga escorrida.

- Artilharia têm muita? Canhões, canhões?

- Tu foste soldado e não conheces o regulamento? - proferiu Grigóri, com uma raiva fria, fitando o proprietário de tal modo que este oscilou, como se fosse desmaiar. - Tu foste soldado e não sabes isto?... Não sabes que não tens o direito de me perguntar quais são os nossos efectivos e os nossos planos? Ora vê lá se queres que eu te leve para te interrogarem!...

- Senhor... oficial!... Ca... caro senhor!... - O proprietário fez-se lívido, desatou a gaguejar, a atrapalhar-se nas frases, mostrando os buracos negros dos dentes estragados na boca entreaberta. - Isto foi uma... uma parvoíce! Desculpe-me!...

Por trás da sua xícara de chá, de olhos postos nele, Grigóri notou que os olhos do outro piscavam como se ele tivesse visto um relâmpago; ao erguerem-se-lhe as pálpebras, a expressão mudava-se-lhe por completo, tornava-se-lhe branda, quase suplicante. A família dele, a mulher e as duas filhas já espigadas, cochichavam. Grigóri não terminou a segunda xícara de chá e recolheu-se ao quarto de cama.

Pouco tardou, chegaram dez cossacos do 4.º esquadrão do 2.º Regimento de reserva, aboletados também ali. Puseram-se ruidosamente a beber chá, a falar e a rir. A pegar no sono, Grigóri ouvia-lhes pedaços da conversa. Um deles discorria (e Grigóri reconheceu a voz do comandante de pelotão Bakhmátchov, da stanitsa de Lugânskaia), ao passo que os outros só de espaço a espaço intervinham com algum comentário.

- Isto passou-se à minha frente. Apareceram três mineiros do distrito de Gorlovka, do poço onze, e começaram a dizer que tinham formado uma organização, e que precisavam de armas, e disseram que os ajudássemos nós em tudo o que fosse possível. Nesta altura, o presidente da comissão, ouvi-o eu com os meus próprios ouvidos e aqui levantou a voz, como se ele próprio replicasse ao interlocutor invisível ripostou-lhes assim: «Dirijam-se a Sábline, camaradas, que nós não temos nada.» Como é isso de não termos nada? Pois eu sei que temos carabinas a mais. Simplesmente, como não eram cossacos, não lhe agradava que eles se metessem nisto.

- E tem razão! atirou outro. Armas podemos nós dar-lhes. Mas como havemos de saber se eles se querem bater ou não? Quando se tratar da terra, por exemplo, hás-de vê-los estender as unhas.

- A gente conhece bem essa casta! - rosnou um terceiro. Bakhmátchov, meditativo, fez ressoar com a colher o copo por que bebia, e disse acentuando as palavras, e percutindo o copo ao compasso delas:

- Não, não podemos dizer isso. Os bolcheviques fazem concessões ao povo todo. Nós é que somos uns bolcheviques frescos! Tão depressa nos virmos livres de Kalédine, os opressores seremos nós...

- Ora, meu caro! - exclamou uma voz débil de contralto, quase infantil. - Tens de compreender que não podemos dar nada. O que temos é uma deciatina de terra boa por cabeça; o resto é argila, barrancos e prados. Que queres tu que a gente dê?

- A ti ninguém te tira coisa nenhuma. Mas há outros que são ricos.

- E a terra comunal?

- Ora muito obrigado! Damos a nossa terra; e a quem a vamos depois pedir?... Sabes o que estás para aí a dizer, tu?

- A terra comunal precisamos nós dela.

Ai não!...

- A avidez é que te faz falar.

- Qual avidez?

- Se calhar, temos também que a partilhar com os cossacos do Alto-Don. As terras deles toda a gente sabe O que são: areia amarela, e mais nada.

- Lá isso é verdade.

- Que há-de a gente fazer?

- Sem uma golada de vodka não se resolve coisa nenhuma.

- Eh, rapazes! Um destes dias, um grupo assaltou um depósito de bebidas, pertinho daqui. Houve um tipo que morreu afogado em vodka.

- Calhava agora uma pinga, para nos animar.

Mesmo dormindo, Grigóri ouviu os cossacos estender as mantas no chão, bocejar, coçar-se, repisar as mesmas histórias de terras e de divisões.

Antes do amanhecer, um tiro estalou por baixo da janela. Os cossacos puseram-se a pé, de um salto. Ao ir para enfiar o dólman, Grigóri teve um trabalhão para acertar com as mangas. A correr se calçou e deitou a mão ao capote. Lá fora, os tiros, agora, choviam como nozes. Um camião passou, com uma grande barulheira. À porta, uma voz aflita berrava:

- Às armas!... Às armas!

Os homens de Tchernétsov tinham levado de vencida os postos avançados e entravam em Glubókaia. Os cavaleiros agitavam-se na obscuridade parda. Soldados de infantaria corriam, martelando o solo com as botas. Instalava-se uma metralhadora a uma esquina. Um destacamento de uns trinta cossacos barrou a rua. Outro atravessou-a rapidamente. Ouvia-se o ruído de preparar as carabinas. No cruzamento adiante, uma voz sonora de comando bradava:

- Terceiro esquadrão, depressa! Quem é que saiu da forma? Silêncio! Os metralhadores para o flanco direito! Estão prontos? Esquaaa-drão!...

Uma bateria surgiu, num rumor de trovoadas. Os cavalos iam a galope. Os condutores brandiam os chicotes. O rangido dos carros de munições, o rumor das rodas, os balanços das carretas dos canhões misturavam-se ao estralejar dos tiros, que crescia à ponta da aldeia. De repente, muito perto, as metralhadoras romperam a ladrar. Uma cozinha de campanha, que se dirigia não se percebia para onde, esbarrou numa estaca atravessada numa paliçada, e virou-se.

- Diabo cego!... Não vêes?... Onde tens tu os olhos?... - gritou um homem, transido de medo.

Grigóri reuniu a custo o esquadrão e a trote o conduziu direito à estação, donde já os cossacos refluíam em massa.

- Para onde vais tu?... - atirou ele, agarrando pela carabina o primeiro que lhe passou ao alcance da mão.

- Lar-ga-me!...E o homem libertou-se. Larga-me, estupor!... Que me queres tu? Não vês que vamos a recuar?

- São mais fortes que nós!

- É um verdadeiro alude!...

- Por onde vamos nós? Para que lado fica Milerovo? - inquiriam vozes ansiosas.

Grigóri tentou formar o seu esquadrão Atamánsski em linha, na orla da aldeia, mas uma nova vaga de fugitivos empurrou-lhe os homens, que se misturaram à debandada e se dispersaram pela rua.

- Alto!... Não fujam!... Ou eu atiro!... - espumava Grigóri, a tremer de raiva.

Ninguém o escutava. Uma rajada de metralhadora varreu a rua; num ápice, os cossacos atiraram-se para o chão, aos molhos, e, depois, rastejando, foram-se aproximando das paredes, a ver se conseguiam alcançar as ruas transversais.

- Não há nada a fazer, Melekhov! - gritou-lhe o sargento Bakhmátchov, ao cruzar-se por ele a correr, e fitando-o de perto nos olhos.

Rilhando os dentes, e brandindo a carabina, Grigóri precipitou-se-lhe no encalço.

O pânico que se havia apossado das tropas terminou por uma fuga desordenada para fora de Glubókaia. Abandonou-se quase todo o material. Finalmente, ao romper do dia, conseguiram-se juntar os esquadrões e contra-atacar.

Escarlate, alagado em suor, Golubov, com a sua peliça curta entreaberta, corria ao longo das linhas de ataque do 27.º Regimento, e berrava, com a sua voz de metal incandescente:

- Acelerem o passo! Não se atirem para o chão!... Para a frente! Para a frente!

A 14.ª bateria tomou posição e instalou as peças; de pé em cima de uma caixa de munições, o comandante olhava pelo binóculo.

O combate principiou por volta das seis horas. As linhas mistas de cossacos e de guardas-vermelhos do destacamento Potrov, de Voróneje, avançavam como um rio caudaloso.

Um vento glacial soprava de leste. A alvorada sanguinolenta ergueu-se por detrás de uma nuvem esfarrapada.

Grigóri deixou metade do esquadrão a proteger a 14.ª bateria e lançou-se ao ataque com a outra metade.

A primeira granada caiu muito aquém das linhas de Tchernétsov. A bandeira rasgada, cor de laranja e azul, da explosão, ergueu-se para o céu. Uma segunda granada rebentou. Uma após outra, as peças regulavam o tiro.

Vzz-vzz-vzz! - soavam as granadas, cortando o ar.

A um segundo de silêncio tenso seguiram-se salvas de carabina, e depois o estouro violento de uma explosão ao longe. As granadas caíam agora pertinho das filas inimigas. Fazendocaretas, no meio do vento áspero, Grigóri pensou com satisfação: «Até que enfim!»

Os esquadrões do 44.º Regimento progrediam na ala esquerda. O regimento de Golubov atacava ao centro. Grigóri estava à esquerda. Os destacamentos de guardas-vermelhos fechavam a marcha, atrás dele. Haviam-lhes distribuído três metralhadoras. O responsável por elas, um guarda-vermelho de pequena estatura, face sombria e largas mãos peludas, regulava bem o tiro, com ele paralisando as manobras do inimigo. Não largava a metralhadora que seguia o movimento dos cossacos do regimento Atamánsski. Uma mulher guarda-vermelha, robusta e de capote, mantinha-se-lhe constantemente ao lado. Ao cruzar pela frente deles, Grigóri pensou, com ira: «O javardo! Mesmo durante a batalha, não pode passar sem a mulher. Havemos de ir longe com uma rapaziada destas! Porque não trouxe ele também os filhos, o colchão e a mobília?...» Naquele instante, o comandante do grupo dos metralhadores acercou-se dele. a endireitar no peito a correia do revólver.

- É o senhor quem comanda o destacamento?

- Sim, sou eu!

- Vou abrir um fogo de barragem no sector do meio esquadrão Atamánsski. Como vê, não deixam passar.

- Vamos a isso! - retorquiu-lhe Grigóri, a quem a berrata, que ouviu perto da metralhadora momentaneamente silenciosa, fez virar-se.

Um metralhador forte e barbudo bradava, com expressão furiosa:

- Buntchuk!... A metralhadora vai-se derreter!... Não pode ser!

A mulher do capote estava de joelhos ao lado dele. Grigóri reparou-lhe nos olhos pretos e ardentes por sob o lenço de lã, e veio-lhe à ideia Akcínia; mirou-a um instante com olhos magoados e pálpebras imóveis, retendo a respiração.

Ao meio-dia, apareceu um estafeta a galope e entregou-lhe uma nota de Golubov, escrita em letras grossas na folha de um caderno, arrancada de qualquer maneira.

«Ordeno-lhe, em nome da Comissão Militar Revolucionária do Don, que abandone as suas posições, com os dois esquadrões sob o seu comando, e vá atacar o flanco do inimigo, na direcção do sector que daqui se avista, um pouco à esquerda do moinho de vento, atravessando o vale Mascare o seu movimento (seguíam-se algumas palavras ilegíveis) Ataque de flanco, mal nós iniciemos o assalto decisivo.

Golubov.»

Grigóri fez recuar os seus homens, mandou-os montar a cavalo, e partiu com eles, tomando cuidado em que o inimigo não pudesse aperceber-se da direcção que tomava.

Fizeram um desvio de umas vinte verstás. Os cavalos mergulhavam as patas na neve espessa que se acumulara no fundo do vale. Nalguns pontos, atascavam-se até ao ventre. Atento aos estrondos do bombardeamento, Grigóri consultava com inquietação o relógio que havia tirado do pulso de um oficial alemão morto na Roménia: tinha receio de estar atrasado. Embora se tivesse orientado por uma bússola, desviara-se demasiado para a esquerda. Ao alto de uma larga vertente, ia-se dar a um campo raso. De flancos encharcados, os cavalos fumegavam. Grigóri deu ordem de apear e foi o primeiro a trepar a vertente. Deixados os cavalos no fundo do vale, com alguns homens a guardá-los, os cossacos seguiram atrás dele. Virou-se um instante à retaguarda, e ao ver os seus soldados a pé, que eram mais de cem, sentiu-se mais seguro de si e mais forte. A cada novo combate descobria, como todos descobriam, o seu instinto gregário. Avaliando a situação num relance, Grigóri compreendeu que se havia atrasado pelo menos meia hora, por não ter contado com as dificuldades do caminho.

Por uma manobra audaciosa, Golubov tinha cortado quase por completo a retirada às tropas de Tchernétsov, cujos flancos circundara, para lançar agora um ataque frontal contra o inimigo assim meio cercado. As salvas de artilharia troavam, a fuzilaria crepitava como chumbo de caça rolando numa frigideira; as granadas caíam como chuva sobre as linhas desfeitas de Tchernétsov, esmagando-as.

- Em li-nhal...

Grigóri atacou de flanco. Os homens dele avançavam como num exercício, sem se lançarem para o chão; mas um hábil metralhador inimigo, com a sua Maxim, acabou por a isso os obrigar; tiveram três mortos.

Por volta das três horas da tarde, uma bala atingiu Grigóri. O chumbo incandescente com a sua cápsula de níquel queimou-lhe a carne, acima do joelho. Grigóri sentiu o embate ardente, reconheceu a náusea característica da perda de sangue, rilhou os dentes. Abandonou as fileiras de rastos, num ímpeto irreflectido pôs-se de pé, e sacudiu com violência a cabeça, que lhe zumbia. A dor da perna aumentou-lhe, por virtude de a bala não ter saído. Era já uma bala morta quando o atingira, e, depois de lhe ter atravessado o capote, as calças e a pele, imobilizara-se num músculo. Como a dor aguda e latejante o impedisse de andar, Grigóri deitou-se. Lembrava-se do ataque do 12º Regimento nas montanhas da Transilvânia, na Roménia, no dia em que havia sido ferido no braço. Revia

nitidamente o Cabeludo, a cara de Michka Kochevói, alterada pela cólera, e Emeliane Grochov a descer a colina a correr, com o tenente ferido.

O ajudante dele, o oficial Pável Liubíchkine, assumiu o comando dos dois esquadrões. E, à sua ordem, dois cossacos levaram Grigóri para junto dos cavalos. Ao ajudarem-no a montar, aconselharam-no com simpatia:

- É preciso pensar a sua ferida.

- E vocês têm algum penso?

Grigóri estava já montado; mas reconsiderou, apeou-se, e baixou as calças; um arrepio percorria-lhe as costas suadas, o ventre, as pernas; pensou rapidamente a feridinha que lhe sangrava, de bordos queimados, como que aberta a canivete.

Retomou pelo caminho desviado por onde tinha vindo, e dirigiu-se, acompanhado da ordenança, para o sítio donde o contra-ataque partira. Olhou as marcas dos cavalos na neve, reconheceu o desenho do vale que havia seguido horas antes com os seus dois esquadrões. Apetecia-lhe dormir, e tudo o resto se lhe afigurava longínquo e inútil, sem perceber porquê.

Mas lá ao alto a fuzilaria continuava, raivosa e desordenada, a bateria pesada do inimigo troava, a proteger a retirada, e ouviavam-se de espaço a espaço as metralhadoras traçando como que uma linha invisível de pontos por sob a soma do combate.

Grigóri andou três verstás no vale. Os cavalos atascavam-se na neve.

- Vamos para cima rosnou ele à ordenança, subindo a vertente nevada.

De longe, os vultos escuros dos mortos no campo de batalha semelhavam corvos. Um cavalo sem cavaleiro galopava, muito pequenino, no gume do horizonte.

O núcleo principal das tropas de Tchernétsov, desgastado, disperso, abandonara o combate, aglomerava-se, e batia em retirada para Glubókaia. Grigóri lançou o seu baio a galope. Notou a distância grupinhos díspares de cossacos. Aproximou-se do primeiro e viu Golubov. Este ia escarranchado descuidadamente na sela, com a sua peliça curta, orlada de astracã ruça, desabotoada, o boné à banda, a testa alagada em suor. Torcendo a bigodaça revirada em gancho, Golubov exclamou em voz rouca:

- Bravo, Melekhov! Mas tu estás ferido, não estás? com os diabos! Não tens nenhum osso tocado? - E, sem esperar pela resposta, acrescentou, sorrindo: - Foi uma senhora derrota! Derrotámo-los em toda a linha!... O destacamento de oficiais ficou pulverizado, e não o tornam a organizar.

Grigóri pediu um cigarro. De todos os lados afluíam cossacos e guardas-vermelhos. Um cossaco separou-se a trote de uma multidão negra no meio da neve.

- Quarenta prisioneiros, Golubov! - gritou ele de longe. - Quarenta oficiais e, entre eles, o próprio Tchernétsov.

- É verdade isso?!

E Golubov, surpreso, voltou-se na sela e despediu a galope, sem poupar as chicotadas ao seu cavalo alto de patas brancas.

Um instante a seguir, Grigóri alcançava-o a trote.

Uma escolta de trinta cossacos pertencentes ao 44.º Regimento e a um dos esquadrões do 27.º enquadrava o grupo denso dos oficiais prisioneiros. Tchernétsov marchava à cabeça deles. Ao tentar fugir aos seus perseguidores, havia deixado cair a sua peliça curta, e não trazia a cobri-lo senão um casaco leve de cabedal. A dragona esquerda faltava-lhe. Uma ferida recente sangrava-lhe por baixo do olho esquerdo. Marchava rápido, a passo certo. O boné descaído para um lado dava-lhe um ar despreocupado e atrevido. Nem uma sombra de medo lhe transparecia na face rosada; era visível haver uns poucos de dias que se não barbeava: um matagal doirado cobria-lhe as bochechas e o queixo. Deitava olhares rápidos e severos aos cossacos que a ele acorriam; e então entre as sobrancelhas, cavava-se-lhe um vinco de amargura e de ódio. Sem falar, riscou um fósforo e pôs-se a fumar, de cigarro a um canto dos lábios duros e rosados.

Os oficiais eram na sua maioria jovens; poucos tinham os cabelos embranquecidos pela geada da idade. Um deles, ferido numa perna, não conseguia acompanhar os outros, e um cossaco baixo e bexigoso, de grande cabeça, empurrava-o, às coronhadas nas costas. Um capitão alto e robusto caminhava ao lado de Tchernétsov. Um tenente e um alferes, de braço dado, sorriam; seguia-os um cadete, sem boné, de cabelos ondulados e ombros largos. Outro trazia pelas costas um capote de soldado, de presilhas solidamente cosidas. Outro ainda, em cabelo também, puxara para os olhos, que eram bonitos, pretos e femininos, o seu capuz vermelho de oficial, cujas abas o vento lhe atirava para trás.

Golubov, que os seguia agora a cavalo, estacou e bradou aos cossacos:

- Escutem bem!... Vocês são responsáveis pela segurança dos prisioneiros, em conformidade com as regras da guerra revolucionária. É preciso levá-los sãos e salvos ao estado-maior.

Chamou um dos cavaleiros, escreveu à pressa uma nota, dobrou-a e entregou-lha.

- Raspa-te! Dá isto a Podtiólkov.

Depois, dirigindo-se a Grigóri, perguntou-lhe:

- Tu vais lá, Melekhov?

E em face da sua resposta afirmativa, aproximou o cavalo do dele e disse-lhe:

- Diz a Podtiólkov que me responsabilizo por Tchernétsov. Entendido?... Diz-lhe isto, ha! Vai lá!

Grigóri ultrapassou o grupo dos prisioneiros e galopou para o estado-maior da Comissão Militar Revolucionária, instalado num campo não longe de uma aldeia. Podtiólkov passeava de um lado para o outro, perto de uma espaçosa tatchanka taurídea (*Carro ligeiro usado principalmente na Ucrânia. Assim armada-, de metralhadoras, as tatchankas foram muito utilizadas durante a guerra civil*) guarnecida de uma metralhadora protegida por uma cobertura verde. Estavam ali vários membros do estado-maior, estafetas, oficiais, cossacos que serviam como ordenanças. Mináiev, como Podtiólkov, acabava de regressar das linhas. Estava instalado no assento do carro, a comer um pão branco que lhe estalava entre os dentes.

- Podtiólkov! - bradou-lhe Grigóri, e afastou-se um pouco. - Vêm aí prisioneiros. Recebeste o bilhete de Golubov?

Podtiólkov agitou com violência a chibata; e de olhos baixos e cara congestionada, desatou a berrar:

- Quero cá saber do que diz Golubov!... Ora uma destas!... Que se responsabiliza por Tchernétsov, um bandido, um contra-revolucionário!... Não concordo! Serão todos fuzilados, e acabou-se!

- Golubov diz que fica por fiador dele.

- Não concordo!... Digo-te eu que não concordo. E chega. O tribunal revolucionário o julgará e o condenará sem delongas. É preciso que os outros percam a vontade de fazer a mesma coisa... Tu sabes prosseguiu ele em tom um pouco mais brando, examinando o grupo de prisioneiros que se acercava quanto sangue ele fez correr? Um autêntico mar!... Sabes quantos mineiros exterminou?... - E, de novo tomado de raiva, movendo os olhos furiosos, repetiu: - Não concordo!...

- Escusas de berrar assim! - Também Grigóri havia erguido a voz, como se a fúria de Podtiólkov o tivesse contagiado. - Há juizes a mais aqui. Era melhor que fosses até à frente de batalha! - Apontou na direcção do inimigo; as narinas fremiam-lhe. - Para brincar com os prisioneiros, são vocês uns valentões!

Podtiólkov afastou-se, apertando a chibata nas duas mãos. Gritou de longe:

- Eu estive lá. Não julgues que me abriguei na tatchanka. E cala-te, Melekhov! Entendes? Não te esqueças de com quem estás a falar. bom! E isso de armares em oficial guarda-o para ti. Quem julga é a Comissão Militar Revolucionária, e seja ele quem for.

Grigóri esporeou o cavalo e alcançou Podtiólkov; esquecendo-se do seu ferimento, saltou da sela, e caiu de costas, com a dor violenta que sentiu. O sangue ardente espirrou

em bica. Levantou-se sem ajuda, foi ao pé-coxinho até à tatchanka, e apoiou-lhe os cotovelos às traseiras.

Os prisioneiros haviam chegado. Uma parte dos soldados de infantaria da escolta misturava-se com as ordenanças e com os cossacos encarregados da guarda do estado-maior. Ainda excitados pelo combate, os cossacos de olhos reluzentes, trocavam comentários sobre os pormenores e o desfecho da batalha.

Avançando penosamente na neve mole, Podtiólkov aproximou-se dos prisioneiros. À frente dos outros, Tchernétsov fitava-o, franzindo com expressão de desprezo os olhos claros e audaciosos, baloiçando-se com desenvoltura sobre a perna esquerda, que afastara, mordida com os seus dentes brancos o lábio rosado, arranhado por dentro. Podtiólkov parou-lhe diante. Todo ele tremia, e os olhos dele, a princípio fixos, percorreram a neve da encosta, depois ergueram-se, cruzaram-se com os de Tchernétsov, intrépidos e desdenhosos, e o ódio violento que neles transluzia fez-lhe baixar os seus.

- Estás preso canalha! - disse Podtiólkov em voz grave e vibrante, recuando um passo; e um sorriso oblíquo cruzou-lhe as faces, como uma sabrada.

- Traidor ao povo cossaco! Safado! Traidor! - sibilou Tchernétsov, por entre os dentes cerrados.

Podtiólkov agitava a cabeça, como que a esquivar-se a bofetadas; as maçãs do rosto tornaram-se-lhe violáceas; de boca aberta, respirava a custo.

A cena que se seguiu decorreu com uma extrema rapidez. Lívido, de dentes à mostra e punhos apertados contra o peito, todo tenso para a frente, Tchernétsov avançou direito a Podtiólkov. Da boca torcida saíam-lhe palavras incompreensíveis à mistura com injúrias terríveis. O que ele dizia só Podtiólkov, que recuou um pouco, o podia ouvir.

- Isto mesmo te há-de suceder um dia... sabes?

Ditas em tom alto, estas palavras as ouviram todos, tanto os oficiais prisioneiros como os homens do estado-maior.

- Queeeê?... - rouquejou Podtiólkov, como se o esgassem, e levou a mão ao punho do sabre.

Fez-se um grande silêncio. A neve estalou distintamente sob as botas de Mináiev, de Krivochlíkov e de alguns homens que se precipitaram para Podtiólkov. Mas este antecipou-se-lhes, rodou o busto à direita, flectiu as pernas, desembainhou o sabre, e rachou a cabeça de Tchernétsov de meio a meio, com uma força tremenda.

Grigóri viu Tchernétsov estremecer, erguer o braço esquerdo acima da cabeça, para aparar o golpe, e a mão cair-lhe, decepada. Viu o sabre mergulhar sem ruído na cabeça inclinada para trás. Primeiro caiu o boné, e depois o corpo, como uma espiga ceifada, de

boca estranhamente contraída e os olhos dolorosamente fechados e enrugados, como se tivessem visto um relâmpago.

Podtiólkov vibrou-lhe ainda mais uma sabrada, e afastou-se em passo pesado e avelhentado, a limpar a lâmina ensanguentada.

Chegado à tatchanka, virou-se para a escolta dos prisioneiros e uivou em voz rouca:

- Matem-nos à sabrada!... Matem esses filhos da puta! Todos!... Não quero prisioneiros!.. Afoguem-nos em sangue, atirem ao coração!

Estalou uma fuzilaria febril. Os oficiais desataram a correr às cegas, atropelando-se. O tenente dos olhos formosos de mulher e do capuz vermelho corria, de cabeça apertada entre as mãos. Uma bala fê-lo dar um salto no ar, como que para transpor um obstáculo. Caiu, e não se levantou mais. Dois cossacos despediam sabrada sobre sabrada no capitão alto e robusto. Ele agarrava-se-lhes às lâminas dos sabres, a gritar como uma criança, com o sangue a escorrer-lhe das mãos retalhadas sobre as mangas do dólman; tombou de joelhos, depois de costas, e rebolou a cabeça na neve; da cara só se lhe viam os olhos injectados de sangue e a boca escura, fendida num grito intérmino. Os sabres voavam, cortando-lhe a cara e a boca escura, e ele continuava a gritar, numa voz flébil, aterrorizada e dolorida. Um cossaco de capote com uma presilha rasgada acorcorou-se sobre ele, e acabou-o com um tiro. O cadete dos cabelos ondulados quase havia conseguido fugir; mas outro cossaco do Regimento Atamánski, alcançou-o e abateu-o com um tiro na nuca. Esse mesmo cossaco alojou uma bala entre as espáduas do tenente que corria, de capote ao vento. O tenente vergou-se, os dedos esgaravatarem-lhe demoradamente no peito, e por fim morreu. Um capitão de cabelos grisalhos caiu redondo; enquanto lutava contra a morte, os pés dele cavaram um buraco profundo, e continuaria ainda a escavar a neve, como um cavalo impetuoso, preso pela arreata, se por dó uns cossacos o não houvessem acabado.

Logo desde o começo da execução, Grigóri tinha abandonado a tatchanka, para, coxeando, se dirigir para Podtiólkov, sem dele despegar os olhos perturbados, cheios como que de uma espécie de lodo. Mináiev agarrou-o pelas costas, torceu-lhe o braço, arrancou-lhe o revólver da mão, fitou-lhe os olhos nos olhos apagados e atirou-lhe:

- Mas que querias tu que se fizesse?

XIII

A crista ofuscante da colina coberta de neve luzia como açúcar ao sol, e no céu azul não havia uma nuvem. A aldeia de Olkhovói Rog alastrava em baixo, como uma manta de retalhos multicolores. À esquerda o rio Sviniúkhí tinha um brilho azul, à direita as herdadezinhas e as colónias alemãs espalhavam-se pela planície, como manchas de bruma, e o rio Ternóvsskaia, vaporoso, mostrava-se numa volta da estrada. A leste, por trás da aldeia, um outeiro mais baixo, cortado de barrancos, subia docemente. Os postes telegráficos, espetados nele como uma sebe, tomavam a direcção de Kachári.

Era um dia de gelo límpido, como se vêem poucos. Colunas de bruma irisada erguiam-se ao lado do sol. O vento soprava do norte. Na estepe, a tempestade assobiava. Mas a imensidade de neve, cingida pelo horizonte, era clara, excepto a leste, mesmo ao fundo, em que dela se exalava um nevoeiro cor de lilás.

Pantelei Prokófievitch, que tinha ido ao encontro de Grigóri a Milerovo, decidira não parar em Olkhovói Rog, e de prosseguir até Kachári, para lá passar a noite. Tinha saído de casa, mal recebera um telegrama de Grigóri, e chegara a Milerovo ao anoitecer de 28 de Fevereiro. Grigóri esperava-o na estalagem. Partidos dali na manhã seguinte, atravessaram Olkhovói Rog por volta das onze horas.

Depois de ferido na batalha de Glubókaia, Grigóri passara uma semana no hospital de Milerovo; mal se encontrou curado, decidiu tornar para casa. Uns cossacos da mesma stanitsa trouxeram-lhe o cavalo. Grigóri abalou, com um sentimento misto de descontentamento e de alegria: descontentamento por ter abandonado a sua unidade no mais aceso da luta pelo poder no Don, e de alegria à ideia de voltar a ver os seus e a aldeia; e, embora pensasse nela, a si próprio escondia o desejo de ver Akcínia.

O encontro dele com o pai foi um pouco frio. Pantelei Prokófievitch, a quem Petro tinha dado volta ao juízo, examinou Grigóri com expressão carrancuda e olhares furtivos, inquietos, cheios de reprovação e de inquietação vigilante. À noite, na estação, demoradamente o interrogou acerca dos acontecimentos que haviam estalado na região. Era visível que as respostas do filho o não satisfaziam. Mordiscava a barba grisalha, mirava as botas de feltro com sola de coiro, e fungava. Não queria discutir; mas com calor tomou a

defesa de Kalédine; num momento de exaltação, como antigamente, mandou calar Grigóri e bateu mesmo no chão com a perna coxa.

- Não venhas cá com histórias! Kalédine esteve na nossa aldeia este Outono. Reuniu-se toda a gente na praça, ele subiu acima de uma mesa, dirigiu-se aos velhos, e predisse, como se o estivesse a ler na Bíblia, que os mujiques entrariam na nossa terra, que haveria guerra, e que, se nós não resistíssemos, nos tirariam tudo e se instalariam aqui. Nessa altura já ele sabia que haveria guerra. Que é que vocês julgam, súcia de patifes? Julgam que ele sabe menos que vocês? Um general instruído como ele é, que comandou um exército, julgas que sabe menos que tu? São uns tagarelas ignorantes como tu que se instalaram em Kaménsskaia e levantam o povo. O teu Podtiólkov quem é? Um sargento? Tem o mesmo posto que eu! Está bem, está!... O que a gente havia de ver!... Não se pode descer mais baixo.

Grigóri não sentia disposição para discutir com ele. Antes do encontro com o pai, sabia o que pensava. E havia ainda outra coisa: é que não conseguia nem encontrar uma desculpa para si, nem esquecer-se da morte de Tchernétsov e da chacina sem julgamento dos oficiais prisioneiros. Os cavalos, atrelados a par um do outro, com facilidade puxavam o trenó. O cavalo de Grigóri, selado, tinha sido preso atrás, e seguia a trote. Grigóri via desfilar os burgos e as aldeias da sua infância: Kachári, Popovka, Kamenka, Níjni-Iablónóski, Gratchov, lassenovka. Durante toda a viagem até à aldeia, pensou, sem ligação e sem ordem, nos acontecimentos recentes, procurando, nem que fosse a traços largos, esboçar um futuro; o pensamento dele, porém, não conseguia ir mais além que a sua licença para ir a casa, e perdia-se num beco sem saída: «Volto a casa, descanso um pedaço, refaço-me da minha ferida, e depois e, mentalmente encolhia os ombros depois se verá. O futuro é que há-de dizer...»

Sentia-se demolido, por toda a fadiga que acumulara durante a guerra. Apetecia-lhe afastar-se daquele mundo fervente de ódio, hostil, incompreensível. Tudo em tal mundo era confuso, contraditório. Como encontraria ele o bom caminho? O chão lamacento fugia-lhe sob os pés, o rumo por que tomara bifurcava-se, não sabia que direcção tomar. Os bolcheviques atraíam-no, era com eles que acamaradava, arrastando outros com ele, mas depois uma dúvida o invadia, e o coração esfriava-lhe. «E se Izvárine tivesse razão? com quem me devo aliar?» Encostado ao espaldar do trenó, Grigóri pensava confusamente nisto. E ao imaginar-se a preparar para a Primavera as grades de esterrear e os carros, a entrançar com ramos de salgueiro comedoiros para os animais, a sair para a planície, com o solo desnudo e seco, a caminhar atrás do arado, cuja trepidação viva e sobressaltos sentiria nas mãos, gulosas de trabalhar, ao segurar-lhe a rabiça, e a respirar o aroma suave da erva

tenra e da terra negra, revolvida, ainda com o seu hálito húmido da neve, sentia um calor na alma. Vinha-lhe um desejo de regressar com os animais para o estábulo, de revolver o feno, de respirar o trevo-de-cheiro murcho, o trigo rasteiro, o picante estrume. Ansiava por paz e por repouso. E por isso, enquanto olhava os cavalos e as costas curvas do pai, enfiado na sua peliça, escondia no olhar severo uma tímida alegria. Tudo lhe evocava a vida quase esquecida de antigamente: o fartum de carneiro da peliça, o ar familiar dos cavalos sempre por almofaçar, um galo, numa aldeia, cantando à entrada de uma adega. A vida naquele buraco perdido afigurava-se-lhe densa e doce como um xarope de lúpulo.

Chegaram à aldeia no dia seguinte, um pouco antes da tardinha. Do alto da colina, Grigóri relanceou um olhar ao Don: ali estava a poça das mulheres, com a sua orla de juncos, como uma veste de zibelina, e acolá o choupo morto; e, reparou, já não se passava o Don no mesmo sítio. Viu a aldeia, os blocos de casas, a igreja, a praça... Ao avistar a propriedade da família, Grigóri sentiu uma onda de sangue subir-lhe à cabeça. Uma vaga de recordações o invadiu. No pátio, a cegonha do poço parecia chamá-lo, com o seu braço de salgueiro cinzento erguido no ar.

- Não sentes os olhos picarem-te?

Pantelei Prokófievitch virara-se, sorrindo, para Grigóri, e Grigóri reconheceu francamente, sem fingimento:

- É verdade que sim... e de que maneira!...

- O que é a nossa terra natal! - disse Pantelei Prokófievitch, com um suspiro de satisfação.

Tomou a direcção do centro da aldeia. Os cavalos desciam a colina velozmente. O trenó ziguezagueava na vertente escorregadia. Grigóri, que adivinhara o propósito do pai, perguntou-lhe, mesmo assim:

- Porque vais tu pelo meio da aldeia? Mete pela nossa rua.

Pantelei Prokófievitch virou-se para ele, sorriu maliciosamente por entre a barba grisalha, e piscou um olho:

- Os meus filhos abalaram simples soldados e voltam oficiais. Não achas que eu sinta orgulho em atravessar a aldeia contigo? Quero que me vejam e que me invejem. Isto, meu filho, é um bálsamo para o meu coração.

Chegado à rua principal, estimulou os cavalos com gritos medidos, inclinou-se a um lado, agitou o chicote desfiado; e os cavalos, ao sentirem a casa próxima, romperam num passo rápido e vivo, como se não tivessem já atrás deles quarenta verstás andadas. Os homens com quem se cruzavam cumprimentavam-nos, e, às janelas e nos pátios, as mulheres punham as mãos em pala sobre os olhos, para verem melhor quem eles eram.

Cacarejando, as galinhas cruzavam a rua, como rolos de cardos. Tudo corria às maravilhas. Atravessou-se a praça. O cavalo de Grigóri, que envesgara os olhos para outro, preso à sebe da casa de Mokhov, relinchou e ergueu a cabeça. Já se via à ponta da aldeia o telhado da casa de Asstakhov. Foi então que na primeira encruzilhada a seguir aconteceu uma fatalidade: um porqueto que ia a *cruzar* a rua atrapalhou-se e enrolou-se sob as patas dos cavalos; emitiu um grunhido, e rolou, pisado, à beira do raminho, chiando e tentando endireitar a espinha partida.

- Diabos te levem! - praguejou Pantelei Prokófievitch, atingindo o porco com o chicote.

Por pouca sorte, este pertencia a Aniútka, a viúva de Afonka Osérov, mulher azeda e desbocada. Não tardou muito em irromper do pátio; e, enquanto compunha o lenço na cabeça, berrava injúrias tão escolhidas que Pantelei Prokófievitch estacou os cavalos e voltou-se para ela.

- Cala-te, estúpida! Que tens tu que berrar assim? Não te fico a dever o teu porco tinhosol!

- Víbora! Diabo! Tínhoso és tu, coxo safadol!.. Faço-te ir ao atamane; vais ver se não faço!... - gritava ela, de braços a dar a dar. - Filho de uma puta, eu te ensinarei a dar cabo dos animais das viúvas de guerra!...

Era de mais. Pantelei Prokófievitch rompeu aos urros, congestionadíssimo:

- Desavergonhada!

- Turco maldito! - ripostou-lhe a viúva imediatamente.

- Cadela! Filha da puta! - atirou-lhe Pantelei Prokófievitch, no tom mais forte da sua voz de barítono.

A Aniútka Osérov, porém, é que as réplicas nunca faltavam.

- Porco estrangeiro! Bode velho! Ladrão! Lembras-te da grade que roubaste? Perseguidor de casadas! - grulhava ela, como uma pega.

- Toma cuidado com o meu chicote, canalha!... Cala a boca!

Naquela altura, Aniútka largou tamanho acervo de injúrias, que Pantelei Prokófievitch, que, no entanto, não era nenhuma criança e já tinha visto muita coisa durante a sua vida, se fez vermelho de vergonha e de repente ficou alagado em suor.

- Avança lá!... Não lhe respondas! - disse Grigóri, irritado, ao ver que, umas após outras, as pessoas iam saindo das casas, ao clamor daquela troca inesperada de palavras entre o velho Melekhov e a honrada viúva Osérov.

- Isto é que é uma língua!... Mais comprida que uma arreata!

Pantelei Prokófievitch cuspiu enojado e excitou os cavalos, como se quisesse esmagar a própria Aniútka. E chegado à esquina seguinte, virou-se para trás, e proferiu, não sem receio:

- Que ganhaste tu em berrar, e em praguejar desta maneira?... Uma víbora é o que tu és!... Hás-de acabar por rebentar, grande estupor! E sinceramente lho desejava. O que eu devia era ter-te esmagado com o teu porco. Ora a minha desgraça de ter topado com um percevejo destes!

Velozmente viram passar-lhes por diante os portais azuis das janelas de casa. Em cabelo e com um dólman sem cinto, Petro abriu-lhe o portão. De lenço branco na cabeça, risonha a face em que os olhos pretos lhe luziam, Duniachka apareceu no patamar.

Petro abraçou o irmão, e por um momento o fitou nos olhos:

- Estás bom de saúde?

- Fui ferido.

- Onde?

- Perto de Glubókaia.

- Para que te terás tu ido meter nisso? Há muito tempo que devias ter voltado para casa.

Afectuosamente sacudiu Grigóri e empurrou-o para Duniachka. Apertando os ombros redondos e fortes da irmã, Grigóri beijou-lhe os lábios e os olhos, depois recuou um passo, e disse, admirado:

- Diabos me levem, Duniachka, se eu era capaz de te reconhecer! Como tu estás mudada! Eu a julgar que virias a ser feia e insignificante!

- Que é lá isso, irmãozinho?...

Duniachka esquivou-se a um beliscão, e afastou-se com um sorriso, que lhe descobriu os dentes brancos e brilhantes, o mesmo sorriso de Grigóri.

Ilínitchna acercava-se, com as crianças ao colo; mas Natalia ultrapassou-a, correndo. Desenvolvera-se e embelezara muito. Os cabelos pretos, lisos e reluzentes, rematados atrás num carrapito pesado, valorizavam-lhe a face, que a alegria purpurejava. Cingindo-se contra Grigóri, desajeitadamente e umas poucas de vezes lhe aflorou com os lábios as faces e o bigode; em seguida, arrancou o filho a Ilínitchna para lho dar.

- Olha o teu filho! - disse-lhe ela, com orgulhosa satisfação.

- Deixa-me cá ver o meu filho!

Ilínitchna arredou Natalia, baixou a cabeça de Grigóri, beijou-lhe a testa, passou-lhe por um momento a mão rude pela cara, e rompeu a chorar, de comoção e de contentamento.

- E a tua filha, Griiicha! .. Aqui a tens!...

Natalia pousou a menina, enrolada num xaile, no braço livre de Grigóri, e este, desorientado, não sabia para quem havia de olhar: se para Natalia, se para a mãe, se para as crianças. O menino, carrancudo, de olhar escuro, era um Melekhov inteirinho, com as suas íris pretas, um pouco graves, o desenho atrevido das sobrancelhas, as fendas das pálpebras amendoadas, as escleróticas globosas e azuladas, a pele morena. Chupando os dedos sujos, mirava obstinadamente o pai. Da filha, Grigóri só enxergava os dois olhinhos atentos, igualmente pretos, porque o xaile lhe encobria o resto da cara.

Sempre com ambos os filhos nos braços, deu um passo em direcção aos degraus da escada; mas uma dor trespassou-lhe a perna.

- Pega neles, Natalia... - disse ele, com um sorriso contrariado, que lhe torceu a boca a uma banda.

No meio da cozinha, Daria estava a arranjar os cabelos. Avançou para Grigóri, sorridente, desenvolta, e, cerrando os olhos, pousou-lhe nos lábios os lábios quentes e húmidos.

- Como tu cheiras a tabaco! - E alçou as sobrancelhas arqueadas, reavivadas a preto, e que pareciam traçadas a tinta-da-china.

- Deixa-me olhar outra vez para ti! Meu filho, meu filhinho! - dizia-lhe a mãe; e Grigóri sorria, de coração alvoroçado, apertava-se-lhe contra um ombro.

No pátio, em que sobressaíam as duas manchas vermelhas do cinto e da copa do boné de Pantelei Prokófievitch, este desatrelava os cavalos, claudicando à roda do trenó. Petro tinha posto o cavalo de Grigóri na cavalaria, e agora, enquanto lhe levava a sela para a casa de entrada, falava com Duniachka, que tirava do trenó um barril de petróleo.

Grigóri despiu o capote e a peliça, que pendurou à cabeceira da cama, e penteou-se. Depois sentou-se num banco e chamou o filho:

- Vem cá, Michatka. Não sabes então quem eu sou?

O pequeno avançou para ele de esguelha, sem tirar os dedos da boca, e parou timidamente ao lado da mesa. De perto do fogão, a mãe olhava para ele com amor e orgulho. Segredou o que quer que fosse à menina, pô-la no chão, e com doçura a empurrou direita ao pai.

- Vai lá ter com ele.

Grigóri agarrou os dois, instalou-os nos joelhos e perguntou:

- Vocês não sabem quem eu sou, minhas avelãzinhas? E tu, Poliúchka, nem sequer conheces o teu paizinho?

- Tu não és o paizinho - ripostou a meia voz o pequeno, encorajado pela presença da irmã.

- Então quem sou eu?

- És um cossaco qualquer.

- Lá isso é verdade! - E Grigóri deu uma gargalhada. - E o teu paizinho onde está?

- Está na vida militar respondeu a menina, abanando a cabeça com convicção. (Era mais desenvolta que o irmão.)

- É assim mesmo, meus filhos. O que ele devia era estar em casa. Em lugar disso, passa o tempo na vadiagem, sabe Deus por onde, e ainda quer que o conheçam! - atirou Ilínitchna com fingida severidade, e sorrindo ao ver sorrir Grigóri. - Não tarda muito que a tua mulher te não queira. Já até pensávamos em lhe arranjar outro marido.

- Que dizes tu a isto, Natalia? Ha? - perguntou Grigóri à mulher, em tom de graça.

Coradíssima, e procurando dominar a sua perturbação em frente da família, Natalia foi-se sentar ao lado de Grigóri, com os olhos doidos de felicidade a devorarem-no, e acarinhando com uma mão rude e ardente uma mão do marido, escorrida e tisonada.

- Daria, põe a mesa!

- Mas ele não tem mulher?

E a rir, Daria dirigiu-se para a chaminé, no seu passo habitual, leve e ondulante.

Não havia perdido nem a esbelteza, nem a elegância. Nas pernas formosas e delgadas, trazia meias de lã cor de violeta, e, nos pés, botas justas e bicudas; a saia de pregas, cor de framboesa, cingia-lhe bem a cintura, e o avental bordado ofuscava de brancura irrepreensível. Grigóri volveu os olhos para a mulher, e notou nela uma certa mudança. Tinha-se preparado a capricho para o receber: uma blusa de cetineta azul, de mangas apertadas, ornadas de rendas nos punhos, moldava-lhe a cinta e enfunava-se-lhe no peito cheio e mole; e a saia azul, de orla pregueadinha e bordada, era larga em baixo, mas conchegada nas ancas. Grigóri reparou-lhe nas pernas robustas, que pareciam feitas ao torno, no ventre rijo, apetecível, nas nádegas largas como as de uma égua bem nutrida, e pensou: «As mulheres cossacas conhecem-se à légua. Quando se arranjam, sabem realçar o que têm. As outras é como se se vestissem com sacos: tanto lhes faz assim como assado...»

Ilínitchna surpreendeu-lhe o olhar e disse com artificiosa gabarolice:

- São assim, na nossa terra, as mulheres dos oficiais! Não ficam nada a dever às senhoras da cidade.

- Que está a dizer, mamã? - interrompeu-a Daria. - Estamos muito longe das senhoras da cidade. Olhe para este meu brinco partido, e que ainda por cima não presta para nada acrescentou ela, com tristeza.

Grigóri pousou uma mão nas costas largas da mulher, costas de trabalhadora, e pensou pela primeira vez: «Uma bela mulher, e que não passa despercebida... Tenho a certeza de que a desejavam; e quem sabe se também ela desejava um homem? E se ela tivesse metido algum na cama, como fazem todas as que têm o marido na tropa?» A este pensamento, o coração bateu-lhe descompassado, e a alma encheu-se-lhe de sujidade. Perscrutou a face rosada e luzidia de Natalia, que cheirava a pomada de pepino. Ao sentir-se observada, ela corou, e murmurou, dominando a perturbação:

- Porque estás tu a olhar assim para mim? Eu fazia-te falta?

- E de que maneira!

Grigóri sacudiu os pensamentos importunos; mas um sentimento de inconsciente hostilidade para com a mulher havia despertado nele.

Pantelei Prokófievitch entrou em casa, resmungando. Rezou uma oração diante dos ícones, e rosnou:

- Haja saúde, aí!

- Deus te salve, velhote... Estás com frio? Estávamos à tua espera: a sopa está quentinha; mesmo agora a tirei do lume - disse Ilínitchna, solícita, e fazendo retinir as colheres.

Pantelei Prokófievitch tirou o lenço vermelho que trazia ao pescoço, bateu uma contra a outra as botas de feltro, de sola de coiro, inteiriçadas pelo gelo. Tirou a peliça, sacudiu as palhetas de neve do bigode e da barba, e proferiu, sentando-se ao lado de Grigóri:

- Eu vinha gelado. Mas aqueci ao atravessar a aldeia . Esmagámos um porco da Aniútka .

- Qual Aniútka? - perguntou com curiosidade Daria, suspendendo o gesto de cortar o grande pão branco.

- A Osérova. Havias de ter visto saltar-me ao caminho a desavergonhada. E o que ela para ali disse! «Patife para aqui, porco para acolá, ladrão, e a grade que tu roubaste!» Que grade seja essa o diabo é que o sabe!

Pantelei Prokófievitch repetiu meticulosamente todos os insultos que Aniútka lhe havia atirado, ocultando, no entanto, os referentes aos seus pecados da juventude com as mulheres casadas. Grigóri sentou-se à mesa, sorrindo. E, para aos olhos dele se justificar Pantelei Prokófievitch concluiu, muito excitado:

- Disse-me parvoíces tais que nem sou capaz de as repetir. O que me apeteceu foi voltar atrás e dar-lhe uma chicotada; mas o Grigóri vinha comigo, e não era bonito fazer uma coisa dessas diante dele.

Petro abriu a porta, e Duniachka entrou, com uma vitela ruiva, malhada de branco na cabeça, à ponta de uma correia.

- Para o carnaval, havemos de comer sonhos com manteiga fresca! - gritou alegremente Petro, empurrando a vitela com um pontapé.

Depois da refeição, Grigóri abriu a sacola e começou a distribuir os presentes.

- Isto é para ti, mamã... - E deu-lhe um xaile quentinho. Ilínitchna recebeu o presente, séria e corada como uma rapariga, pô-lo pelos ombros, virou-se, tornou-se a virar, bandeando-se tanto em frente do espelho que Pantelei Prokófievitch se indignou:

- Uma velha bruxa como tu a ver-se ao espelho dessa maneira! Fuuu!

- Isto é para ti, papá... - atirou rapidamente Grigóri, desembulhando perante a curiosidade de todos um boné novo de cossaco, de galão vermelho e copa um pouco levantada à frente.

- Deus te pague! Eu que tinha tanta precisão de um boné! É coisa que este ano não se encontrava nas lojas... Quando penso que ainda este Verão andei com o velho!... Até tinha vergonha de ir à igreja. Quando muito, para o que serve é para pôr num espantalho; e era com isso que eu andava... - disse Pantelei Prokófievitch em tom resmungão, olhando em torno, como que receoso de que alguém lhe tirasse o presente do filho.

Inclinava a cabeça para se mirar ao espelho, quando surpreendeu o olhar de Ilínitchna -a espreitá-lo; deu meia volta sobre os calcanhares, dirigiu-se para o samovar, e foi diante dele que experimentou o boné, inclinado sobre uma orelha.

- Que estás tu a fazer, velho paspalhão? - jogou-lhe Ilínitchna.

Mas Pantelei Prokófievitch não desarmou:

- Ora essa! É preciso ser estúpida! Isto é um samovar, não é um espelho. Ou é?

À mulher deu Grigóri um corte de lã para uma saia; aos filhos, uma libra de bolinhos de mel; a Daria, uns brincos de prata, com pedrinhas; a Duniachka, tecido para uma blusa; e a Petro, cigarros e uma libra de tabaco.

Enquanto as mulheres tagarelavam, a admirar os presentes, Pantelei Prokófievitch passeava pela cozinha, enfatuado como um pavão, emproando o peito.

- Olhem para o cossaco da Guarda! A data de prémios que eu tive! O primeiro, na revista imperial! A sela, e o equipamento todo! Ah, carago!...

Mordiscando o bigode loiro, Petro enlevava-se no pai; Grigóri sorria. Puseram-se a fumar; Pantelei Prokófievitch deitou uma olhadela inquieta para as janelas e arriscou:

- Antes que os amigos e os conhecidos venham aí, conta lá a Petro o que se passa na frente.

Grigóri teve um gesto desinteressado:

- Batemo-nos.

- Onde estão agora os bolcheviques? - inquiriu Petro. instalando-se melhor.

- Avançam de três lados: de Tikhorétzkaia, de Taganrog e de Voróneje.

- Mas em que pensa, então, a nossa Comissão Revolucionária? Para que os deixam entrar nas nossas terras? Khrisstónia e Ivane Alekcêievitch, que regressaram à aldeia, contaram uma data de porcarias, mas eu não os acredito. Não pode ser...

- A Comissão Revolucionária não tem força. Os cossacos abalam para as suas aldeias.

- Então, é por isso que a Comissão está com os Sovietes?

- Pois claro que sim.

Petro calou-se por um bocado, pegou noutra cigarro, e fitou o irmão.

- E tu de que banda estás?

- Eu sou pelo poder dos Sovietes.

- Estúpido! - estoirou Pantelei Prokófievitch. - Deves explicar-lhe as coisas, Petro.

Petro sorriu, e deu uma palmada num ombro de Grigóri.

- Ele é rebelde. Isto é de família. É como um cavalo antes de ensinado. E se fosses tu a explicar-lhe, pai?

- Ninguém tem nada que me explicar! - irritou-se Grigóri. - Eu não sou cego... Que dizem os homens que voltam da frente?

- Que nos importam a nós os homens que voltam da frente? Não sabes como é esse estúpido do Khrisstónia? Que percebe ele seja do que for? As pessoas perderam a cabeça; não sabem o que hão-de pensar... É uma desgraça! - Petro mordeu o bigode. - Tu vais ver para a Primavera: ninguém entenderá nada de nada... Também nós brincámos aos bolcheviques, na frente; mas agora é a altura de reflectirmos um pouquinho. O que os cossacos deviam dizer a todos os que querem entrar na nossa terra à força é isto: «Não queremos nada alheio; não toquem no que é nosso.» Em Kaménsskaia o que vocês fizeram não tem pés nem cabeça. Acamaradaram com os bolcheviques; e agora eles querem instalar aqui o seu regime.

- Pensa bem, Gricha. Tu não és parvo. Deves compreender que os cossacos foram sempre cossacos e hão-de continuar a ser cossacos. A Rússia piolhosa não há-de mandar em nós. Sabes o que dizem para aí os colonos? *(Ou seja os não cossacos instalados na região)* Que se vai dividir a terra: um pedaço para cada um. Que te parece a ti?

- Aos colonos nativos daqui, que já há muito vivem na região do Don, dar-se-lhes-á terra.

- Merda é que a gente lhes dá. Que lhes faça bom proveito!

E Pantelei Prokófievitch, de punho direito fechado numa figa, demoradamente agitou em frente do nariz curvo de Grigóri o seu polegar comprido e adunco.

Uns passos soaram no patamar. Os degraus cobertos de gelo rangeram. Anikuchka, Khrisstónia e Ivane Tomíline entraram, o último deles com um gorro de pele de lebre de uma altura desmedida.

- Olá, militar! Pantelei Prokófievitch, que é que tu nos ofereces? berrou Khrisstónia.

O berro dele acordou em sobressalto o vitelo, que havia adormecido à beira da chaminé. Ergueu-se nas patas ainda fracas e inseguras, olhou os recém-chegados com os seus olhos de ágata, redondos, e foi sem dúvida o medo que o fez esguichar no chão um fiozinho de mijo. Duniachka sossegou-o com uma palmada no dorso, limpou a poça, e foi buscar um balde de ferro.

- Assustaste o vitelo, grande bruto! - disse Ilínitchna, zangada.

Grigóri apertou a mão aos três homens e convidou-os a sentarem-se. Não tardou que aparecessem outros que habitavam a mesma parte da aldeia. Fumaram tanto que a luz do candeeiro começou a não se ver bem e o vitelo desatou a tossir.

- Raios os partam! - praguejou Ilínitchna à meia-noite, pondo-os na rua. Vão lá para fora para o pátio, se querem fumar. Ala, ala! O nosso militar ainda nem sequer conseguiu descansar. Vão-se lá com Deus!

XIV

No dia seguinte, de manhã, Grigóri foi o último a acordar. Fê-lo emergir do sono o gorjeio sonoro e primaveril dos pardais nos beirais do telhado e nos parapeitos das janelas. Coados pelos interstícios das portadas, os raios de sol dispersavam-se numa poalha de oiro. Os sinos tocavam para a missa. Grigóri lembrou-se de que era domingo. Natalia não estava ao lado dele, mas a cama ainda lhe conservava o calor do corpo. Não devia ter-se levantado havia muito.

- Natacha! - bradou ele.

Foi Duniachka quem acudiu.

- Que queres tu, irmãozinho?

- Abre as janelas e chama a Natacha. Que está a ela a fazer?

- Está na cozinha com a mãe. Ela vem já.

Natalia entrou, a piscar os olhos, por causa da penumbra do quarto.

- Já estás acordado?

As mãos dela cheiravam a massa fresca. Sem se erguer, Grigóri puxou-a para ele, e riu-se, à recordação da noite.

- Levantaste-te tarde?

- Levantei, esta noite fatigou-me - ripostou ela, sorridente, corando, e ocultando a cara contra o peito cabeludo de Grigóri.

Ajudou-o a fazer o penso da ferida, e tirou-lhe da arca as calças de gala.

- Vais pôr as medalhas todas na farda?

- Nada disso! - recusou Grigóri, arrepiado.

Mas Natalia insistiu:

- Põe-nas. O teu pai ficava contente. Além disso, não foi para elas estarem guardadas na arca que tu as ganhaste.

Grigóri cedeu. Saltou da cama, foi buscar a navalha de barba de Petro, barbeou-se, e lavou a cara e o pescoço.

- E a nuca rapaste-a? - perguntou-lhe Petro. -, Oh, diabo, esqueci-me.

- Senta-te, que ta rapo eu.

O pincel frio queimou-lhe o pescoço. No espelho, Grigóri via Petro manejar a navalha, de língua de fora, como as crianças.

- O pescoço emagreceu-te como o dos bois depois de se lavar a terra - disse Petro, com um sorriso.

- Tu bem sabes que o rancho não nos engorda.

Grigóri envergou o seu dólman de alferes, ornado de uma longa enfiada de medalhas, e custou-lhe a conhecer-se ao espelho embaciado: do outro lado do vidro, um oficial alto e magro, negro como um cigano, sósia dele, fitava-o.

- Pareces um coronel! - observou Petro com entusiasmo, sem inveja, tomado de admiração pelo irmão.

Embora o não quisesse, Grigóri sentiu-se lisonjeado com estas palavras. Tomou para a cozinha. Daria encarou-o com um olhar surpreso. Duniachka suspirou:

- Oh, como tu estás bonito!...

Ilínitchna não conseguiu conter as lágrimas. A enxugá-las ao avental sujo, respondia aos gracejos de Duniachka:

- Vê tu, tagarela, se és capaz de deitar ao mundo outros como este! Eu, pelo menos, tive dois filhos, e qualquer deles é alguma coisa na vida.

Natalia não despegava do marido os olhos amorosos, ardentes e enevoados.

Grigóri pôs o capote pelos ombros e dirigiu-se para o pátio. com dificuldade desceu os degraus do patamar, porque a perna ferida o incomodava. «Estou a ver que isto não vai sem a muleta» cogitou ele, agarrando-se ao corrimão.

Tinham-lhe extraído a bala em Milerovo, mas uma crosta castanha cobria-lhe a ferida, e era ela que o impedia de dobrar a perna.

Um gato aquecia-se num poial de terra. Ao lado do patamar, a neve derretera-se ao sol forte e formara uma poçazinha. com atenção e cheio de alegria, Grigóri relanceou o pátio. Lá estava o poste, junto ao patamar, com a roda que lhe haviam fixado ao alto. Desde criança que Grigóri se lembrava daquela roda, que tanto servia às mulheres: era lá que à noite, sem descerem do patamar, punham as bilhas de leite a refrescar, e que, de dia, as punham a enxugar, juntamente com a loiça. Algumas mudanças no pátio eram evidentes: a porta do celeiro tinha sido besuntada de barro amarelo em vez de pintura, de que não se viam vestígios; o armazém estava coberto de novo, de cânhamo que ainda não escurecera; e a pilha de estacas havia diminuído: com certeza se tinham tido de tirar algumas para consertar a paliçada. A abóbada de taipa da adega estava coberta de cinza azulada, e ao alto dela, um galo preto como um corvo, com uma pata friorentamente encolhida, pavoneava-se no meio de uma dúzia de galinhas pintalgadas, destinadas à reprodução. O armazém

abrigava da invernia o material agrícola: os varões dos carros pareciam costelas espetadas, e uma peça metálica da ceifeira mecânica brilhava, banhada pela luz do sol, que sobre ela incidia, através de uma fenda do telhado. Os patos estavam instalados no estrume, junto à cavaliça, bem agasalhados. Um ganso holandês, com a sua poupa, seguiu com o olhar condescendente Grigóri, que passou à beira dele, coxeando.

Depois de tudo ter examinado, Grigóri tornou para casa.

Enchia a cozinha um cheiro bom de manteiga derretida e de pão fresco. Duniachka pelava batatas cozidas para um prato com desenhos. Grigóri deitou uma olhadela às batatas e disse, em tom animado:

- Há melancia salgada?

- Vem cá buscá-la, Natalia! - gritou Ilínitchna. Pantelei Prokófievitch regressou da igreja. Partiu o pão bento em nove partes, cada uma das quais deu a um membro da família. Instalaram-se à mesa. Petro, que como o pai se havia também endomingado, e que engordurara o bigode, sentou-se ao lado de Grigóri. Em frente deles, Daria baloiçava o corpo num banco. Um feixe de sol batia-lhe na face rosada, reluzente de pomada. Franzia os olhos, e com ar descontente baixava os arcos negros das sobrancelhas, que lhe brilhavam do sol. Natalia dava abóbora cozida aos filhos, olhando, sorridente, de vez em quando, para Grigóri. Duniachka estava ao lado do pai. Ilínitchna colocara-se à ponta da mesa, o mais perto possível do fogão. Conforme o hábito dos dias *de* festa, a refeição era copiosa. Havia sopa de couves com carneiro, depois massa, e a seguir carneiro cozido, galinha, pés de carneiro guisados, batatas salteadas, papas de farinha de trigo com manteiga, empada de cerejas, sonhos com natas, melancia salgada. Após ter acabado de comer, Grigóri levantou-se pesadamente, benzeu-se como se estivesse bêbedo, e deitou-se, soprando. Pantelei Prokófievitch ainda ia nas papas: depois de as ter acamado em montão, cavou-lhes um buraco no meio, a que era costume chamar-se poço, vazou nele manteiga cor de âmbar, e pôs-se a comê-las às colheradas, vagarosamente. Petro, que gostava muito de crianças, dava de comer a Michatka, divertindo-se a lambuzar-lhe as bochechas e o nariz com coalhada.

- Não me faças isso, tio.

- E depois?

- Para que me estás tu a lambuzar?

- E depois?

- Olha que eu digo à mamã.

- E depois?

Os olhos escuros de Michatka, os seus olhos de Melekhov, chispavam de cólera, com lágrimas de ofendido à beira de se soltarem; limpou o nariz a uma das mãos e rompeu a berrar, desesperado de convencer o tio:

- Não te chega ainda de me lambuzares?... Estúpido!... Idiota!...

Petro ria-se com satisfação e recomeçava: uma colherada na boca, outra no nariz.

- É mesmo uma criança!... - comentou Ilínitchna a meia voz,

Duniachka fora sentar-se ao lado de Grigóri e contava:

- O Petro é maluco de todo; nem sabe o que mais há-de inventar. Um dia destes foi ao pátio com o Michatka. O menino, que queria fazer as suas necessidades, perguntou-lhe: «Tio, posso ir ali ao lado do patamar?» Então o Petro disse-lhe: «Não, ali não. Vai mais longe.» O Michatka correu até um pedacinho mais longe: «Aqui?» «Não, não. Vai até ao armazém.» E assim por diante, do armazém à cavalaria e da cavalaria à eira. De tal maneira que o menino fez nos calções... Isso é que a Natalia estava furiosa!

- Deixa-me. Quero comer sozinho! - guinchou Michatka. Petro ria-se, de bigode a tremer. Não lhe dava ouvidos.

- Na, rapaz! Eu é que te dou de comer.

- Sou eu!

- Viste os dois porcos no chiqueiro? Pois a avó é que lhes dá a travia.

Grigóri escutava a conversa deles, sorrindo. Pôs-se a enrolar um cigarro. Pantelei Prokófievitch aproximou-se dele.

- Estou a pensar em ir hoje a Viochénsskaia. Fazer o quê?

Pantelei Prokófievitch arrotou à empada de cerejas e afagou a barba.

- Tenho de ir ter com o correeiro. Está-nos a consertar dois arreios.

- Voltas hoje mesmo?

- Ora essa! À tardinha estou cá.

Descansou um bocado, atrelou ao trenó a égua velha, que havia cegado nesse ano, e partiu. O caminho dele atravessava os prados. Duas horas depois estava em Viochénsskaia. Passou pelo correeiro, foi buscar os arreios, e dirigiu-se a casa de um dos seus velhos amigos, que morava ao lado da igreja nova. Este, que era muito hospitaleiro, reteve-o para jantar.

- Estiveste no correeiro? - perguntou-lhe ele enquanto lhe enchia o copo.

- Estive - respondeu Pantelei Prokófievitch em voz arrastada, olhando fito para a garrafa, e fungando como um cão ao pressentir a caça.

- Não ouviste novidade nenhuma?

- Novidade? Não ouvi. Mas que há?

- Kalédine, Alekcei Makcímovitch, esticou o pernil.

- Que estás tu a dizer?

Pantelei Prokófievitch fez-se verde, esqueceu-se da garrafa e do cheiro que o intrigava, e deixou-se cair contra o espaldar da cadeira. Franzindo com tristeza as sobranceiras, o anfitrião prosseguiu:

- Soube-se por um telegrama que acaba de se suicidar em Novotcherkassk. Era o único que valia qualquer coisa em toda a região do Don. Era um valente, um comandante de exército.

- E que grandeza de alma! Esse é que nunca deixaria causar dano aos cossacos!

- Mas olha lá, compadre! Que vai acontecer agora? - disse Pantelei Prokófievitch, desalentado, empurrando o copo.

- Sabe Deus o que será. A coisa vai ser dura. Se um homem dá um tiro em si próprio, não é por se sentir feliz.

- Que o terá levado a isso?

O compadre, homem atarracado, como o são muitas vezes os velhos-crentes, teve um gesto raivoso.

Os homens que tornavam da frente abandonaram-no, deixaram avançar os bolcheviques. E o atamane não suportou isso. Onde se irão arranjar outros como ele? Quem nos defenderá? Formou-se uma Comissão Revolucionária em Kaménskaia, com homens da frente... E aqui... estás ao corrente, cuido eu. Dão-nos ordens: deitar abaixo os atamanes, e eleições de comissões revolucionárias. Então os mujiques levantaram a cabeça. Todos esses carpinteiros, ferreiros, esses bandidos. Porque aqui em Vióchenskaia são como as moscas nos prados.

Pantelei Prokófievitch manteve-se demoradamente calado, de cabeça grisalha tombada. E, ao reerguê-la, o olhar dele era duro e grave.

- Que tens tu nessa garrafa?

- Aguardente que o meu sobrinho me trouxe do Cáucaso.

- Pois, compadre, vaza aqui, e à memória do falecido atamane Kalédine, que Deus tenha em sua santa glória!

Beberam. A filha do anfitrião, alta e sardenta, trouxe-lhes de comer. Pantelei Prokófievitch deitava os olhos à égua, muito triste, à beira do trenó do compadre, mas este sossegou-o:

- Não te rales com o animal. Vou mandar dar-lhe de beber e de comer.

Graças à conversa animada e à garrafa, não tardou que Pantelei Prokófievitch se esquecesse da égua e de toda a gente. Falava sem nexos de Grigóri, discutia com o compadre bêbedo, e nem se dava conta do que dizia. Só ao fim do dia se recompôs. E,

apesar dos pedidos do outro, que queria que ele lá passasse a noite, decidiu pôr-se a caminho. O filho do compadre atrelou-lhe a égua, e o compadre ajudou-o a subir para o trenó. Meteu-se-lhe na cabeça que havia de o acompanhar; e abraçados se instalaram ao lado um do outro. O trenó esbarrou contra o portão, e depois à esquina de cada rua por onde passaram, até que desembocou no prado. Aí, o compadre irrompeu a chorar e deixou-se cair na neve, onde muito tempo se conservou de gatas, a praguejar, sem conseguir pôr-se de pé. Pantelei Prokófievitch meteu a égua a trote, sem reparar no compadre, que se arrastava de joelhos na neve, em que dava bicadas com o nariz, às gargalhadas contentes, e a suplicar em voz rouca:

- Não me faças cócegas!... Faz-me-o favor de não me fazer cócegas!

Espevitada por sucessivas chicotadas, a égua ia a trote veloz, mas inseguro e cego. Pouco tempo volvido, vencido pelo sono, Pantelei Prokófievitch deixou inclinar a cabeça contra o espaldar do trenó e calou-se. Como as rédeas se lhe soltassem das mãos, a égua, deixando de se sentir dirigida, afrouxou o passo. Na primeira curva, abandonou a estrada e tomou o rumo de Máli Grómetchenok. Alguns minutos mais tarde abandonava por seu turno essa direcção. Caminhava agora através dos campos, mergulhando na neve, que era profunda à orla dos bosques, e estremecendo ao descer nas concavidades do terreno. Tendo embatido num arbusto, o trenó estacou. O choque despertou o velho por um momento. Arrebitou a cabeça e rugiu:

- Eh, diabo! - E readormeceu.

A égua atravessou sem complicações o bosque, desceu sem tropeço em direcção ao Don, e encaminhou-se para a aldeia de Semionóvsski, atraída pelo cheiro do fumo do kiziak que o vento trazia de leste.

A meia verstá da aldeia, na margem esquerda do Don, há um fundão; na Primavera, quando as águas baixam, parecem sorver-se por ali. Naquele ponto da margem arenosa, a água surde em vários sentidos, e o rio nunca ali gela. O fundão brilha como um largo crescente verde por entre o gelo, e o caminho através do Don faz um brusco desvio. Ali, ao regressar ao rio, a água trasbordante da Primavera revolteia e rugue, as torrentes juntam-se, e cavam mais o fundo, e, durante o Verão, as carpas se mantêm, a algumas ságenas de profundidade, enredadas nos ramos de uma árvore morta.

Foi para este fundão, para a sua borda esquerda, que a égua do velho Melekhov dirigiu os seus passos cegos. Estava ela apenas a umas vinte ságenas, quando Pantelei Prokófievitch se virou e entreabriu um olho. As estrelas amarelas-esverdeadas como cerejas ainda não maduras, miravam-no do alto do céu negro. «É noite...» pensou ele, nebulosamente, e esticou com violência as rédeas.

- Eh, aí!... Eu já te digo, velha carcaça!

A égua retomou o trote. Aspirou o cheiro da água muito próxima, arrebitou as orelhas, e virou para o dono, indecisa, os olhos cegos. De repente, ouviu o barulho das vagas contra a margem. Emitindo um sopro selvático, atirou-se para um lado e recuou. Corroído por baixo, o gelo cedeu-lhe sob os cascos, e estalou como uma côdea crestada de pão. A égua relinchou sinistramente. com toda a força que tinha, apoiou-se nas patas traseiras, mas sob o movimento agitado dos cascos o gelo estilhaçava-se, e já as patas dianteiras lhe mergulhavam na água. Houve um estalido, uma chapinhadela, o gelo abriu-se, sorveu a égua, que agitou as patas convulsivamente, escouceando contra os varais. Naquele instante, sentindo que qualquer coisa ruim se passava, Pantelei Prokófievitch saltou do trenó e atirou-se para trás. Viu o trenó empinar-se, arrastado pelo peso do animal, de patins cintilando à luz das estrelas, e depois sumir-se na profundidade verde-negra. Misturada a pedaços de gelo, a água silvou brandamente, e por pouco uma vaga o não atingiu a ele. com uma incrível rapidez, recuou sobre o rabo, de um salto se pôs de pé e berrou:

- So-cor-ro, boa gente, que me afo-go!...

Como por encanto, a bebedeira dissipara-se-lhe. Voltou a correr em direcção ao fundão. O buraco aberto luzia vivamente.

O vento e a corrente arremessavam pedaços de gelo para o largo círculo escuro da água, e as vagas sacudiam as suas farripas verdes, e rumorejavam. À roda, havia um silêncio mortal. As luzes de uma aldeia longínqua punham uma mancha amarelada no negrume da noite. As estrelas ardiam, tremiam febrilmente no céu despelado, como sementes joeiradas. Um vento leve enfunava a neve, que assobiava, esvoaçava como uma poalha de farinha na bocarra escura do fundão, em que a água negra fumegava, tentadora e angustiante como antes.

Pantelei Prokófievitch percebeu que era estúpido e inútil gritar. Olhou em torno, e reparou no sítio a que tinha sido levado pela bebedeira, a vibrar de ira contra si mesmo e contra o que se havia passado. Ao saltar do trenó, não largara o chicote, que” conservava em punho. Umass poucas de vezes chicoteou as próprias costas, a praguejar, sem nada, porém, sentir: a peliça de cabedal protegia-o, e despi-la para se castigar era absurdo. Arrancou um tufo de pêlos da barba; fez as contas de cabeça às compras perdidas, ao valor da égua, do trenó e dos arreios, largou uns poucos de palavrões furiosos, e de novo se acercou do fundão.

- Cega do diabo!... - articulou ele em voz trémula e chorosa, dirigindo-se à égua afogada. - Estupor! Afogaste-te e ias-me afogando! Onde a desgraça te havia de fazer vir

parar! Agora, são os diabos que te hão-de atrelar; o que lhes falta é um chicote para tu andares!... Pois aí está o meu!

Ergueu o braço, treslucado, e lançou o chicote de cerejeira para o meio do fundão.

O chicote enfiou a prumo na água e desapareceu.

XV

Depois do esmagamento das tropas revolucionárias cossacas por Kalédine, a Comissão Revolucionária do Don, forçada a transferir-se para Milerovo, enviou ao comandante responsável pelas operações militares contra Kalédine e a assembleia ucraniana contra-revolucionária a seguinte declaração:

«Kharkov. 19 de Janeiro de 1918. N.º 449. Expedido de Luganssk, às 18 horas e 20 minutos.

A Comissão Militar Revolucionária pede-lhe que transmita ao Conselho dos Comissários do Povo em Petrogrado a seguinte resolução da região do Don: com base na resolução do congresso dos veteranos da frente, reunido na stanitsa de Kaménsskaia, a Comissão Revolucionária decidiu:

1. Reconhecer o poder central da República Soviética da Rússia, a Comissão Executiva Central do Congresso dos Sovietes de Deputados Cossacos Camponeses, Soldados e Operários, assim como o Conselho de Comissários do Povo eleito por ela.

2. Constituir um poder regional para a região do Don, com base num Congresso dos Sovietes dos Cossacos Camponeses e Operários.

Nota: *A questão agrária da região do Don será regulamentada por esse mesmo Congresso regional.»*

Ao receberem esta declaração, alguns destacamentos de guardas-vermelhos acorreram em auxílio das tropas da Comissão Militar Revolucionária; e, graças a eles, o destacamento primitivo de Tchernétsov foi destruído e restabelecida a situação. A iniciativa passou para as mãos da Comissão Militar Revolucionária. Após a tomada de Zvérevo e de Líkhaia, os destacamentos guardas-vermelhos de Sábline e de Petrov, reforçados pelas unidades cossacas da Comissão Militar Revolucionária, alargaram a sua ofensiva e repeliram o inimigo para Novotcherkassk.

No flanco direito, no sector de Taganrog, Síverss, que havia sido batido perto de Neklínovka pelo destacamento voluntário do coronel Kutieпов, encontrava-se em Amvrossievka, com um canhão, vinte e quatro metralhadoras e um automóvel blindado a menos. Mas no dia da derrota e da retirada de Síverss, estalara em Taganrog, na fábrica balta, uma insurreição. Os operários expulsaram da cidade os cadetes. Síverss refez-se, passou à ofensiva, e repeliu os voluntários até Taganrog.

O êxito inclinava-se nitidamente para as tropas soviéticas. Cercavam por três lados o Exército Voluntário e o que sobrava dos destacamentos que Kalédine organizara com «restos». Em 28 de Janeiro, Kornilov enviou a Kalédine um telegrama, a informá-lo de que o Exército Voluntário abandonava Rostov e partia para o Kúbano.

Em 29 de Janeiro, às nove horas da manhã, foi convocada para o palácio dos atamanes uma reunião urgente dos membros do governo regional. Kalédine foi o último a aparecer. Sentou-se pesadamente à mesa, e puxou para si uns papéis. Tinha as maçãs do rosto amarelas da insónia, e manchas azuis rodeavam-lhe os olhos tristes e baços: era como se já a putrefacção lhe atingisse e amarelasse a face emagrecida. com lentidão leu o telegrama de Kornilov, e os comunicados dos comandantes das unidades que resistiam ao ímpeto dos guardas-vermelhos, ao norte de Novotcherkassk. Passando brandamente a palma de uma mão, larga e branca, sobre uma pilha de telegramas, sem erguer as pálpebras inchadas, debruadas de azul, disse em voz surda:

- O Exército Voluntário retira. Para defender a região de Novotcherkassk restam cento e quarenta e sete homens.

A pálpebra superior esquerda crispou-se-lhe, numa convulsão, que lhe partiu das comissuras dos lábios cerrados e lhe atravessou a cara, levantou a voz, e prosseguiu:

- A nossa situação é desesperada. Longe de nos apoiar, a população hostiliza-nos. Não temos forças. Toda a resistência é inútil. Não quero vítimas supérfluas, efusão supérflua de sangue. Proponho que deponhamos os nossos mandatos e entreguemos o poder a outros. Resigno ao meu mandato de atamane regional.

Mitrofan Bogaiévski, que estava encostado a uma larga janela, endireitou os óculos, e disse sem mexer a cabeça:

- Também eu resigno ao meu mandato.

- O governo todo demite-se, está bem de ver. Mas fica de pé uma questão: a quem vamos entregar o poder?

- Ao conselho municipal - replicou secamente Kalédine.

- Temos que dar a isto uma fórmula jurídica - observou Karev, frouxamente.

Fez-se um breve silêncio, pesado e embaraçoso. A luz fosca do dia triste de Janeiro desfalecia por trás das janelas embaciadas. Velada pelo nevoeiro e pela geada, a cidade dir-se-ia dormente. Não se ouvia a pulsação habitual da vida. Um rumor de explosões (o eco dos combates que se travavam perto da estação de Súline) paralisava todas as actividades, pesava sobre a cidade como uma ameaça obtusa e indefinida.

Ao passarem por diante das janelas, os corvos crocitavam, secos e duros. Voavam por sobre o campanário branco como por sobre um cadáver. Uma neve recente, de reflexos violáceos, cobria a praça da catedral, que raros transeuntes cruzavam, e em que, de espaço a espaço, um trenó de aluguer passava, deixando atrás de si as linhas escuras das marcas dos patins.

Quebrou o silêncio atónito Bogaiévski, para propor que se redigisse a acta de entrega do poder ao conselho municipal.

- Para isso, precisamos de uma reunião conjunta com ele.

- A que horas convém reunirmo-nos?

- Mais tarde, lá para as quatro.

Como se se sentissem contentes de se ter quebrado o silêncio, os membros do governo romperam a discutir a questão da entrega do poder e da hora da reunião. Tamborilando suavemente e a compasso no tampo da mesa com as suas unhas curvas, Kalédine não dizia palavra. Sob as sobrancelhas descaídas, os olhos dele tinham o brilho turvo da mica. A fadiga, o desgosto, a aflição que o lacerava imprimiam-lhe ao olhar uma expressão pesada e relutante.

- Como um dos membros do governo pronunciasse, em réplica a um interlocutor, um discurso longo e aborrecido, Kalédine interrompeu-o com mal dissimulada irritação:

- Meus senhores, sejamos mais breves. O tempo não espera. Os senhores sabem perfeitamente que foi o falar demasiado que perdeu a Rússia. Suspendo a sessão por meia hora. Meditem e... depois, acabemos o mais depressa possível.

Retirou-se para os seus aposentos. Os membros do governo, aos grupinhos, discutiam baixo. Alguém atirou que Kalédine estava com muito má cara. Bogaiévski, encostado à sua janela, ouviu uma frase pronunciada discretamente:

- Para um homem como Aleksei Makímovitch, a única solução possível é o suicídio.

Bogaiévski estremeceu, e a passo rápido se dirigiu para os aposentos de Kalédine. Pouco tardou, reapareceu acompanhado do atamane.

Decidiu-se que se reuniriam às quatro horas com o conselho municipal, para a entrega do poder e a assinatura do acordo. Kalédine ergueu-se, e os outros a seguir a ele.

Ao despedir-se de um dos homens mais enérgicos do seu governo, reparou que Ianov murmurava qualquer coisa a Karev.

- Que é? - indagou ele.

Ianov aproximou-se dele, um pouco confuso.

- São os membros não cossacos do governo que estão a pedir dinheiro para a viagem.

Kalédine franziu os sobrolhos e ripostou com violência:

- Não tenho dinheiro... E já me chega!

Cada qual partiu para o seu lado. Bogaiévsski, que ouvira o diálogo, chamou Ianov à parte.

- Vem ao meu quarto. Diz a Svietozárov que espere no corredor.

Saíram atrás de Kalédine, que ia a passo rápido, de dorso curvado. No quarto, Bogaiévsski estendeu um maço de notas a Ianov.

- Aqui estão catorze mil rublos. Entrega-os lá.

Svietozárov, que havia esperado por Ianov no corredor, aceitou o dinheiro, agradeceu, fez um cumprimento e encaminhou-se para a saída. No instante em que o porteiro lhe dava o capote, Ianov ouviu um barulho na escada e virou-se. O ajudante de campo de Kalédine, Moldávsski, descia os degraus a correr.

- Um médico! Depressa!

Ianov atirou com o capote e precipitou-se em direcção a ele. O oficial de serviço e as ordenanças, sempre numerosas no corredor, cercavam Moldávsski.

- Que se passa? gritou Ianov, empalidecendo.

- Aleksei Makcímovitch suicidou-se! - disse Moldávsski. que, a soluçar, se lançou de bruços contra o corrimão da escada.

Bogaiévsski correu; os lábios tremiam-lhe, como se tivesse frio. Gaguejou:

- Que há? Que há?

Todos meteram em tropel escada acima, cada qual procurando ultrapassar os outros. Os passos deles eram pesados e sonoros. Bogaiévsski aspirava o ar de boca aberta, e a respiração dele era sibilante. Foi ele quem abriu a porta, e primeiro atravessou a antecâmara e entrou no escritório. A porta que dava do escritório para um quatinho anexo estava escancarada e por ela se escoava um fumo azul e acre, e um cheiro a pólvora queimada.

- Oh! Oh! Aaaaah!... Aliocha! ...Meu querido!... - proferia a mulher de Kalédine em voz despedaçada, que o espanto lhe tornava irreconhecível.

Dando um esticão ao colarinho, como se abafasse, Bogaiévsski entrou. Karev, de dorso vergado, agarrava-se ao puxador dourado e manchado da janela. Por sob a casaca, as omoplatas apertavam-se-lhe e alargavam-se-lhe convulsivamente, e profundos arrepios

agitavam-no de espaço a espaço. Os soluços surdos daquele homem de meia-idade, semelhantes ao urro de um bicho, fizeram vacilar as pernas de Bogaiévski.

Kalédine estava estendido numa cama de campanha de oficial, de mãos cruzadas no peito. Tinha a cabeça ligeiramente virada para a parede, e a fronha branca da almofada, em que a face se lhe apoiava, fazia-lhe sobressair a testa húmida e azulada. Os olhos semicerrados dir-se-iam os de alguém a dormir, e as comissuras graves dos lábios estavam dolorosamente contraídas. Ajoelhada aos pés dele, a mulher soluçava e gritava em voz persistente e selvática, estridente, dilacerante. O revólver de Kalédine estava sobre a cama, e, ao lado do revólver, um fio delgado e sinuoso de sangue alastrava-lhe vivamente na camisa.

O capote dele estava cuidadosamente dobrado nas costas de uma cadeira, junto à cama, e o relógio de pulso pousado na mesinha-de-cabeceira.

Bogaiévski cambaleou, tombou de joelhos, e encostou um ouvido ao peito quente e inerte de Kalédine. Sentiu-lhe o cheiro do suor, acre como o do vinagre. O coração de Kalédine já não batia. Bogaiévski escutava, numa expectativa inexprimível, com toda a sua vida, naquele momento, reduzida à esperança de um ruído, mas o que ouvia era apenas o tiquetaque nítido do relógio em cima da mesinha-de-cabeceira, a voz rouca e entrecortada da mulher do atamane morto, e, através da janela, como uma condenação, o crocitar enervante e esganiçado dos corvos.

XVI

Ao abrir os olhos, Buntchuk viu os olhos pretos de Ana, reluzentes de lágrimas e de riso.

Durante três semanas havia delirado. Durante três semanas vogara por um mundo diferente, impalpável e fantástico. Recuperou a consciência das coisas à tardinha do dia 24 de Dezembro. Havia muito tempo que fitava Ana, com um olhar sério e toldado, esforçando-se por se recordar de tudo o que a ela o ligava, sem o conseguir senão fragmentariamente, de memória entorpecida, resistente, com muitas coisas ainda presas às suas profundezas:

- Quero água ..

Ouviu a própria voz como que vinda de longe, e isto divertiu-o; sorriu.

Ana aproximou-se dele, rapidamente; um riso tímido e contido iluminava-a toda.

- Eu dou-ta disse ela -, afastando a mão que Buntchuk estendia debilmente para o copo.

A tremer, do esforço que fazia para manter a cabeça aprumada, ele bebeu; depois, esgotado, de novo se deixou cair na almofada. Demoradamente a olhou de esguelha, quis dizer o que quer que fosse; mas a fadiga venceu-o, e adormeceu.

E novamente, como da primeira vez, ao reacordar, o que viu primeiro foram os olhos inquietos de Ana, fitos nele, e em seguida a luz cor de açafrão da lâmpada, e o círculo claro que projectava no tecto de tábuas sem pintura.

- Ana, vem cá.

Ela acercou-se, pegou-lhe numa mão. A isto, ele respondeu apertando levemente a dela.

- Como te sentes?

- Parece-me que a língua não é minha, nem a cabeça, nem as pernas, e que tenho duzentos anos - disse ele, pronunciando, com lentidão as palavras.

Um pedaço se manteve calado; mas logo perguntou:

- Estou com um tifo?

- Estás.

Ele passeou o olhar pelo quarto todo, e tornou, de modo confuso:

- Onde estou eu?

Mas ela percebeu-o e sorriu.

- Estamos em Tsáritzine.

- Mas tu... porque estás aqui?

- Eu fiquei aqui contigo - explicou ela, e, como para justificar-se, ou para afastar um pensamento que ele não formulara, imediatamente acrescentou: - Não podíamos deixar-te entregue a estranhos. Abrámsen e os camaradas da comissão pediram-me para tomar conta de ti... Como vês, tive que ser a tua enfermeira.

Ele agradeceu-lhe com os olhos e um gesto vago de uma mão.

- O Krrtogórov?

- Partiu para Lugansk, por Voróneje.

- E o Guevorkiantz?

- Esse... morreu de tifo.

- Oh!...

E calaram-se, como que em homenagem ao defunto.

- Assustaste-me muito. Sabes que estiveste muito mal? - proferiu ela, com doçura.

- E o Bogovói?

- Não sei nada dos outros. Alguns deles foram para Kaménsskaia. Mas, ouve cá, não te faz mal falar? Queres leite?

Buntchuk acenou que não com a cabeça; ainda pouco senhor da sua língua, continuou a inquirir:

- O Abrámsen?

- Partiu para Voróneje há uma semana.

Desajeitadamente, ele moveu-se, teve uma tontura, e o sangue subiu-lhe dolorosamente aos olhos. Ao sentir na testa uma mão fresca de Ana, descerrou as pálpebras. Uma dúvida o atormentava: é que ele estivera inconsciente; quem se teria desempenhado dos cuidados porcos? Teria sido ela? Seria de mais. Corando um pouco, murmurou:

- Foste tu sozinha quem tratou de mim?

- Fui eu, sozinha.

Ele virou-se para a parede, e rosnou:

- Deviam ter vergonha... Os malandros! Terem-te deixado a ti fazer tudo!...

Os ouvidos ressentiam-se-lhe de uma complicação do tifo: ouvia mal. O médico mandado pela comissão de Tsáritzine do Partido havia comunicado a Ana que não se lhe

poderia começar a tratar dos ouvidos senão depois de ele estar completamente restabelecido da doença.

Buntchuk melhorou devagar. Tinha um apetite monstruoso; mas Ana impunha-lhe uma dieta parcimoniosa, o que era motivo frequente de discussões.

- Dá-me mais leite pedia Buntchuk.

- Já chega o que bebeste.

- Dá-me mais, peço-te. Queres que eu morra de fome?

- Iliá, tu bem sabes que não te posso dar mais alimentos que os que deves tomar.

Vexado, ele calava-se, virava-se para a parede, suspirava, durante um bom bocado não dizia palavra. Ela tinha pena dele, mas não cedia. Por fim, ele voltava-se outra vez para ela, mal humorado, o que a ela causava ainda mais pena, e suplicava:

- Não me podes dar couve salgada? Ana, minha querida!... Faz-me esse favor... Isso faz-me mal?... Cantigas dos doutores!

Mas como a recusa dela era categórica, algumas vezes a magoava com expressões duras:

- Não tens o direito de proceder comigo conforme te apetece. Vou chamar a dona da casa e pedir-lho a ela. És uma mulher sem coração, uma mulher detestável! .. Palavra que principio a detestar-te.

- É essa a paga de tudo o que suportei a servir-te de enfermeira! - replicava Ana, se a paciência lhe faltava.

- Eu não te pedi para ficares aqui comigo. Não é sério censurar-me. Aproveitas-te da tua posição. Bem, está bem... Não me dês nada! Deixa-me estostrar... Boa história esta!...

A Ana os lábios tremiam-lhe; mas continha-se, não ripostava, aturava tudo com indulgência.

Só uma vez, após uma questão particularmente violenta, por ela lhe ter recusado uma porção suplementar de pastelinhos, Buntchuk lhe virou as costas e ela reparou, de coração confrangido, que nos olhos dele brilhavam lágrimas.

- És uma verdadeira criança! - exclamou ela.

Correu à cozinha e trouxe uma pratada de pastelinhos.

- Come, come, Iliúcha, meu querido. Pronto, não te aborreças. Olha este, tão coradinho!

E com os dedos trémulos lhe meteu o pastelinho nas mãos.

Buntchuk comoveu-se, quis recusar; mas o apetite pôde mais que ele. Limpou as lágrimas, sentou-se e aceitou o pastelinho. Um sorriso envergonhado transpareceu-lhe na

face magra, coberta de uma barba densa, macia e anelada; e disse, implorando perdão com o olhar:

- Sou pior que uma criança!... Como estás a ver, por pouco ia chorando...

Ela olhou-lhe para o pescoço emagrecido, para o peito côncavo e descarnado, através da camisa desabotoada, para as mãos ossudas; no alvoroço de uma piedade e de um amor que não sentira nunca, com simplicidade e ternura, pela primeira vez, beijou-lhe a testa amarela e seca.

Só quinze dias depois Buntchuk conseguiu andar no quarto. As pernas, da grossura de caniços, vergavam-se-lhe; teve que reaprender a andar.

- Repara, Ana, já ando! - Tentava atravessar o quarto a passo rápido e sem ajuda, mas as pernas não lhe aguentavam o peso do corpo, e o chão fugia-lhe debaixo dos pés.

Era obrigado a apoiar-se a tudo o que apanhava ao alcance das mãos, e sorria, com um largo sorriso, como os velhos, de pele das bochechas translúcidas toda pregueada. E, como os velhos, ria com um riso trémulo, e se deixava cair em cima da cama, esgotado pelo esforço de andar e de rir.

A casa ficava perto do cais. Da janela, viam eles a superfície nevada do Volga, e as florestas do outro lado dele, num largo semicírculo cinzento, e os contornos suaves e ondulados dos campos longínquos. Ana passava longos bocados à janela, a meditar na sua estranha vida, cujo rumo tão bruscamente havia mudado. A doença de Buntchuk tinha-os aproximado extraordinariamente.

A princípio, quando chegara com ele a Tsáitizine, depois de uma comprida e penosa viagem, ela sentira-se oprimida, triste até às lágrimas. Pela primeira vez via de perto, na sua crueza, o reverso da vida em comum com um ser amado. Cerrando os dentes, mudava-lhe a roupa, despiolhava-lhe a cabeça a arder, virava-lhe para um lado e para o outro o corpo de pedra; com repugnância, arrepiada, observava de relance aquele corpo de homem nu e emagrecido, invólucro de uma vida querida, desprovida quase do seu calor. Tudo nela se crispava, se revoltava, sem que, porém, a lama exterior lhe conspurcasse o sentimento que ciosamente guardava. Era a ele que ela se subordinava, ao aprender a dominar a sua dor e a sua perturbação, e ao consegui-lo. Por fim o que sentia era só pena; mas o amor surdia-lhe do mais profundo de si, como a água de uma fonte.

Um dia, Buntchuk disse-lhe:

- Faço-te asco, depois disto tudo... não é verdade?
- Foi uma experiência.
- Uma experiência de quê? De resistência?
- Não. De sentimento.

Buntchuk virou a cara para o lado, e durante algum tempo não foi capaz de reprimir o tremor dos lábios. Não voltaram a falar sobre o assunto. As palavras haviam-se-lhes tornado descoloridas e supérfluas.

Em meados de Janeiro, abandonaram Tsáritzine e abalaram para Voróneje.

XVII

A 16 de Janeiro, à tardinha, Buntchuk e Ana chegaram a Voróneje. Aí se demoraram dois dias, até partirem para Milerovo, para onde se acabava de saber que a Comissão Revolucionária do Don se havia transferido, com as tropas que lhe eram fiéis, após a evacuação forçada de Kaménsskaia, sob a pressão das forças de Kalédine.

Milerovo estava cheio de gente e de agitação. Buntchuk demorou-se lá algumas horas, e de lá abalou para Glubókaia no primeiro comboio. No dia seguinte, assumiu o comando do grupo de metralhadoras, e, na manhã do outro, participava no combate contra o destacamento de Tchernétsov.

A seguir à derrota de Tchernétsov, Ana e ele tiveram inopinadamente de se separar. Uma manhã, ela chegou do estado-maior a correr, um pouco triste.

- Sabes? Abrámson está lá. Quer por força ver-te. E outra notícia mais: parto amanhã.

- Para onde? - atirou Buntchuk, surpreendido.

Abrámson, alguns outros camaradas e eu vamos para Luganssk, para fazermos trabalho de propaganda.

- Deixas o destacamento? - perguntou Buntchuk com frieza.

Ela riu-se, cingiu a ele a face, que se lhe ruborejara:

- Confessa: o que te penaliza não é que eu deixe o destacamento, mas que te deixe a ti. Mas não é por muito tempo. Tenho a certeza de que serei mais útil neste trabalho que em ficar contigo. Cuido que a minha especialidade é mais a propaganda que as metralhadoras... mesmo sob as ordens de um chefe tão experiente como Buntchuk - acrescentou ela, com ar malicioso.

Não tardou que Abrámson aparecesse. Vinha com pressa, numa actividade febril como antes, e, como antes, a mecha branca realçava-se-lhe na cabeleira preta, de um preto do escaravelho ou do alcatrão. Mostrou uma sincera alegria em voltar a ver Buntchuk.

- Aguentas-te nas pernas? Muito bem! Levamos-te a Ana. - Piscou um olho, com expressão cúmplice, como quem soubesse tudo. - Não fazes objecção nenhuma? Não fazes objecções? Bem, bem... Bem, bem, muito bem! Faço-te a pergunta, porque em Tsáritzine se devem ter habituado um ao outro.

- Não te escondo que tenho pena de me separar dela - disse Buntchuk, com um sorriso triste e forçado.

- Tens pena? Não está mal!... Ana, estás a ouvir?

A andar no quarto, apanhou um volume poeirento de Gárine-Mikhailóvski, que tinha caído para trás de uma arca, e logo, num súbito acesso da sua agitação habitual, se foi.

- Vens daí, Ana?

- Vai tu. Eu não me demoro replicou ela do quarto ao lado.

Mudou de roupa de baixo e saiu. Vestia um dólman militar verde, apertado na cintura por um cinturão de coiro, e cujos bolsos superiores os seios lhe enfunavam de leve, e a sua eterna saia preta, passajada nalguns sítios, mas de uma limpeza irrepreensível. A cabeleira pesada, lavada havia pouco, tufava-se-lhe e transbordava do lenço. Enfiou o capote, e disse, afivelando o cinturão, já sem animação, em voz abafada e suplicante:

- Entras hoje no ataque?

- Está claro que sim! Não havia de ficar para aqui de braços cruzados.

- Peço-te.. Ouve: sê prudente! Fazes isso por mim? Ha? Deixo-te um par de meias de lã sobresselentes. Não apanhes frio. Vê se não molhas os pés. Eu escrevo-te de Luganssk.

Os olhos haviam-lhe perdido repentinamente o fulgor. Ao despedir-se dele, confessou-lhe:

- Como vês, custa-me muito deixar-te. Primeiro, quando Abrámson me propôs que eu fosse para Luganssk, entusiasmei-me, mas, agora, sinto que, sem. ti, aquilo será para mim um deserto. É mais uma prova de que, nos dias de hoje, não há lugar para os sentimentos: isto é uma cadeia... Enfim, haja o que houver, adeus!...

Separaram-se sem calor, sem efusões; mas Buntchuk entendeu aquilo como devia entendê-lo: é que ela receava esgotar a sua provisão de firmeza.

Ele acompanhou-a à porta. Ela partiu sem se virar, de ombros a dar a dar, numa atitude de pressa. A ele apeteceu-lhe chamá-la; mas lembrou-se do brilho excessivo, da humidade dos olhos embaciados e fugidios, que lhe notara; fez um esforço de vontade, e gritou-lhe com uma vivacidade postiça:

- Espero que nos tornaremos a ver em Rostov. Adeus, Ana!

Ana virou-se, e depois acelerou o passo.

Depois da partida dela, Buntchuk sentiu com uma intensidade terrível a sua solidão. Reentrou no quarto, mas sem tardar saiu precipitadamente, como se nele se tivesse queimado... Os objectos estavam todos impregnados da presença de Ana, alguns conservavam o cheiro dela: um lenço esquecido, a cartucheira, as malgas de cobre, tudo em que as mãos dela haviam tocado.

Até à noitinha errou pela stanítsa, numa extraordinária agitação, com a sensação de o terem amputado e de que nunca mais se habituaria à sua nova situação. com um olhar esgazeado observava as caras dos guardas-vermelhos e dos cossacos, esforçando-se por se lembrar de alguns; e muitos o reconheciam.

Um cossaco, seu antigo camarada da frente alemã, travou-lhe o passo. Levou-o para o quarto em que estava instalado, convidou-o a jogar as cartas. Em torno da mesa, guardas-vermelhos do destacamento Petrov e marinheiros de Mokhroússov, recém-chegados, jogavam o otchkó. Rodeados de fumo de tabaco, batiam ruidosamente com as cartas na mesa, amachucavam os seus rublos de Kerénsski, praguejavam, berravam sem contenção. Buntchuk sentiu-se abafado, e saiu.

Uma hora após, recebeu ordem de partir para o ataque, e isso aliviou-o.

XVIII

A seguir à morte de Kalédine, a stanitsa de Novotcherkassk havia entregado o poder ao general Nazárov, atamane de campanha do Exército do Don. Em 29 de Janeiro foi ele eleito atamane regional, pelos delegados reunidos em assembleia. Mas só lá estava uma parte ínfima dos delegados, representantes principalmente das stanitsas dos distritos meridionais do Baixo-Don. A isto se chamou a Pequena Assembleia. Apoiado nela, Nazárov decretou a mobilização dos homens dos dezoito aos cinquenta anos. A despeito, porém, das ameaças e do envio de destacamentos armados para as stanitsas, a fim de fazer cumprir a ordem de mobilização, os cossacos pegavam nas armas contra vontade.

No dia em que a Pequena Assembleia abriu, o 6.º Regimento Cossaco do Don, do general Krassnochtchókov, chegou em ordem de marcha a Novotcherkassk, vindo da frente romena, sob o comando do tenente-coronel Tátsine. O regimento avançava a combater desde Ekaterinosslov, e havia rompido o cerco bolchevique. Sofrera reveses em Piatikhodka, em Mejévaia, em Matvêiev-Kurgane e numerosos outros lugares; mas, não obstante isso, os seus efectivos estavam quase completos e não tinha perdido nenhum oficial.

Tinha-se-lhe preparado uma recepção triunfal. Depois da missa, na praça da Catedral, Nazárov felicitou os cossacos por terem mantido a sua disciplina e a sua ordem impressionante, - terem vindo defender o Don pelas armas.

Não tardou que o regimento fosse enviado para a frente, ao sector da estação de Súline; mas, dois dias depois, notícias negras chegaram a Novotcherkassk: sob a influência da propaganda bolchevique, o regimento havia abandonado espontaneamente as suas posições e recusava-se a defender o governo regional.

A assembleia regional trabalhava sem interesse. Toda a gente pressentia qual fosse o resultado da luta. Durante as sessões, Nazárov, o enérgico, o efervescente Nazárov, de testa apoiada nas mãos, parecia imerso em pensamentos penosos.

As últimas esperanças ruíam. Os canhões troavam perto de Tikhorétzkaia. Corria o rumor de que o comandante vermelho do sector, o alferes Avtonómov, se havia deslocado de Tsáritzine para Rostov.

Acossado por Síverss, bombardeado pela retaguarda pelos cossacos da stanitsa de Gnilóvsskaia, o destacamento do capitão Tchernov entrou nesta última cidade. O cerco apertava-se, e Kornilov, compreendendo que não era isento de perigo manter-se em Rostov, nesse mesmo dia havia dado ordem de retirada para a aldeia de Olhguínsskaia.

O dia inteiro os operários atiravam de Temérnik contra a estação e as patrulhas de oficiais. Para o entardecer, uma forte coluna saiu de Rostov. Formou em bicha, para atravessar o Don, semelhante a uma grande serpente negra, e arrastou-se, sinuosa, para Akssai. As companhias desbaratadas caminhavam pesadamente na neve húmida e friável. Viam-se capotes de botões reluzentes de estudantes dos liceus, outros, esverdeados, de alunos das escolas primárias superiores, mas os que eram em maior número eram os de soldados e de oficiais. Coronéis e capitães comandavam secções formadas de cadetes e de oficiais, desde aspirantes a coronéis. Refugiados seguiam os inúmeros carros: pessoas idosas e graves, de sobretudo e galochas. Em torno dos carros trotavam mulheres, que se atascavam na neve profunda, desequilibrando-se nos seus tacões altos.

O capitão Evguéni Lisstnítzki ia numa das companhias do regimento *de* Kornilov, com ele iam o capitão Starobélsski, oficial do activo, de porte rígido, o tenente Botchagov, do regimento de granadeiros de Suvórov-Fanagória, e o tenente-coronel Lóvitchev, veterano desdentado, todo ele coberto de pêlos ruivos, como uma velha raposa.

O crepúsculo ia-se adensando. Nevava. Um vento salgado e húmido soprava da foz do Don. Lisstnítzki avançava maquinalmente, patinhando na neve esmagada, sem desacertar o passo, e fitando as caras dos que ultrapassavam a coluna. Viu passar à beira da estrada o capitão Nejéntzev, comandante do regimento de Kornilov, e o coronel Kutiepov, antigo comandante do regimento de Preobajénsski da Guarda, de capote escancarado e boné atirado para a nuca a pique.

- Capitão Nejéntzev! - gritou o tenente-coronel Lóvitchev, mudando a carabina de um ombro para o outro, num movimento dextro.

Kutiepov virou a face taurina, de testa larga, olhos pretos afastados, e barba em leque; Nejéntzev, por sobre um ombro dele, buscava com o olhar quem o chamara.

- Dê ordem à primeira companhia para acelerar o passo. Neste em que se vai, pouco tardará que gelemos. Levamos os pés molhados, e por este andar...

- Até faz raiva! - atroou Starobélsski, como sempre barulhento e espalhafatoso.

Sem ripostar, Nejéntzev dirigiu-se para a frente dos homens, a discutir com Kutiepov. Pouco depois, Alekcêiev passou-lhes adiante. O cocheiro excitava os cavalos pretos, bem nutridos, de cauda em nó; de sob os cascos deles espirravam palhetas de gelo. De face crestada pelo vento, o bigode rígido e branco, brancas as sobrancelhas espetadas, e

boné enfiado até às orelhas, Alekcêiev ia encostado ao espaldar da caleça, apertando friorentamente, a gola do capote com a mão esquerda. Os oficiais seguiram-lhe com os olhos sorridentes a figura bem conhecida.

Aqui e além, na estrada escavada pelos inúmeros passos, formavam-se poças amarelas. A marcha era custosíssima: a cada momento se escorregava, e a humidade infiltrava-se nas botas. Enquanto avançava, Lisstnítzki escutava a conversa que perto dele se travava. Um oficial, de capote de pele e boné de simples cossaco, dizia na sua voz de barítono:

- Reparou, tenente? O presidente da Duma do Estado, Rodzianko, um velho, e vai a pé!

- A Rússia sobe o seu Calvário...

Outro oficial, que ia a tossir, pigarreou para escarrar, e tentou uma ironia:

- O Calvário!... com a diferença de que, em vez de um caminho pedregoso, temos neve e humidade, e que faz um frio de rachar.

- Quem sabe meus senhores, onde passamos a noite?

- Em Ekaterinodar.

- Na Prússia, um dia, fizemos uma marcha como esta..

- O que eu pergunto é como nos acolherá o Kúbano... Quê?... Está claro que lá não é a mesma coisa...

O tenente Golovatchov pediu a Lisstnítzki:

- Tem aí um cigarro?

Tirou uma das luvas grossas, serviu-se do cigarro, agradeceu, assoou-se como os soldados, e limpou os dedos ao capote.

- O senhor começa a adquirir hábitos democráticos, tenente?... - disse-lhe o tenente-coronel Lóvitchev com um sorriso malicioso.

- Sou obrigado a isso... Até o senhor... A não ser que tenha alguma dúzia de lenços de reserva.

Lóvitchev não retorquiu. Pedacos de gelo esverdengados pendiam-lhe do bigode ruço embranquecido. De espaço a espaço fungava, e o frio que lhe penetrava no capote sem forro obrigava-o a fazer caretas.

«A flor da Rússia!» pensou Lisstnítzki, olhando com uma viva piedade para as fileiras e para a cabeça da coluna, em linha irregular na estrada.

Uns cavaleiros passaram a galope, e, entre eles, Kornilov, no seu cavalo do Don, de patas altas. Durante bastante tempo, a sua peliça curta, verde-clara, de bolsos oblíquos aos

lados, e o seu gorro branco emergiram das fileiras dos homens. À passagem dele os batalhões de oficiais rugiram um potente hurrá.

- Nada disto teria importância se não fosse a família... - Lóvitchev tossiu como um velho, deitou uma olhadela de esguelha a Lisstnítzki, como que em busca de apoio. - A minha família ficou na nossa casa, em Smolensk reatou ele. A minha mulher e a minha filha, uma rapariga. Fez dezassete anos pelo Natal... Está a ver, capitão?

- Siiim...

- O senhor também tem família? É de Novotcherkassk?

- Não. Eu sou do Don. Tenho lá o meu pai.

- Não sei nada delas... Como passarão elas sem mim? - prosseguia Lóvitchev.

Starobélsski interrompeu-o com ira:

- Família toda a gente tem. Não compreendo porque está a choramingar, meu coronel. É in-crível! Mal acabámos de sair de Rostov...

- Starobélsski! Piotr Péetrovitch! O senhor esteve em Taganrog, não é verdade? - exclamou alguém de uma fila de trás.

Starobélsski virou a cara irritada e sorriu com tristeza.

- Ah!... Está na nossa secção, Vladimir Gueórguievitch? Foi transferido? com quem questionou? Ah-ah!... Sim, compreendo .. Estava-me a falar de Taganrog? Sim estive lá... Porquê? Sim, efectivamente... mataram-no.

Lisstnítzki escutava distraidamente, a pensar na sua partida de lagodnói, no pai, em Akcínia. Uma tristeza súbita turvou-lhe o coração, sufocou-o. Avançava as pernas com moleza, reparando na ondulação dos canos das carabinas, de baionetas caladas, no balancear dos gorros, dos bonés, dos capuzes, ao ritmo do passo. Cogitou: «Cada um destes cinco mil homens condenados ao exílio, vai. como eu, carregado de ódio e de uma cólera sem limites. Os crápulas que nos expulsaram da Rússia querem esmagar-nos aqui. A ver vamos... Kornilov há-de levar-nos até Moscovo.»

Naquele momento lembrou-se da chegada de Kornilov àquela cidade, e abandonou-se às recordações desse dia.

Uma bateria avançava, algures, não muito longe, sem dúvida na cauda da companhia. Ouvia-se o resfolegar dos cavalos, o rumor das rodas, cheirava mesmo ao suor dos animais. Lisstnítzki reconheceu imediatamente aquele cheiro familiar. Volveu os olhos atrás, e o comandante, um jovem aspirante, olhou-o e sorriu, como se se conhecessem.

Em 11 de Março, o Exército Voluntário estava concentrado no sector da stanitsa de Olhguínsskaia. Kornilov tardava em passar à acção, à espera da chegada a Olhguínsskaia do atamane de campanha do Exército do Don, o general Popov, que havia deixado

Novotcherkassk pelas estepes do outro lado do Don, à cabeça do seu destacamento de mil e seiscentos cavaleiros, cinco canhões e quarenta metralhadoras.

Na manhã de 13 de Março, Popov, acompanhado do seu chefe de estado-maior, o coronel Sidórine, e de uma escolta de alguns oficiais cossacos, entrou em Olhguínskaia a galope.

Estacou abruptamente o cavalo na praça, diante da casa ocupada por Kornilov, e passou pesadamente a perna por sobre a sela, segurando-se ao botão do arção. Precipitou-se para o ajudar uma das ordenanças, um jovem cossaco de poupa preta, cor morena, e olhos penetrantes como os de uma abecoinha. Popov atirou-lhe as rédeas, e gravemente se dirigiu para a porta de entrada. Sidórine e os oficiais que se haviam apeado seguiram-no. As ordenanças levaram os cavalos para o pátio. Enquanto uma delas, um coxo de certa idade, lhes colocava as manjedoiras portáteis, o outro, o da poupa preta, que sugeria uma abecoinha, travava já relações com uma criada. Devia ter-lhe dito qualquer tolice, porque a rapariga, muito vermelha, com o seu lenço posto graciosamente na cabeça, de pés nus enfiados numas galochas altas, afastou-se dele a rir, chapinhando num charco para se encaminhar para o armazém.

O velho Popov entrou na casa de Kornilov majestosamente. No vestíbulo, atirou o capote para as mãos de um plantão solícito, pendurou o pingalim no bengaleiro, e assoou-se demorada e ruidosamente. O plantão conduziu-o para o salão, acompanhado de Sidórine, a alisar os cabelos enquanto andava.

Todos os generais convocados para a conferência estavam presentes. Kornilov estava sentado a uma mesa, de cotovelos apoiados em cima de um mapa desdobrado. Alekcêiev, muito direito, de cabelos completamente brancos, acabado de barbear, estava à direita dele. Denikine, de olhos vivíssimos, reluzentes de inteligência, trocava algumas palavras com Romanóvski. Lukómski, que se parecia vagamente com Denikine, passeava lentamente pela sala, cofiando a barbicha. Markov estava de pé à janela que dava para o pátio, e observava as ordenanças que tratavam dos cavalos e gracejavam com a criada.

Após algumas palavras de cumprimentos, os recém-chegados acercaram-se da mesa. Alekcêiev fez-lhes algumas perguntas insignificantes sobre a viagem e a evacuação de Novotcherkassk. Nessa altura, entraram Kutiepov e alguns oficiais convidados por Kornilov para participarem da conferência.

De olhos fitos em Popov, que se sentava com serena confiança, Kornilov principiou:

- Diga-nos quais são os efectivos do seu destacamento, meu general.

- Mil e quinhentos cavaleiros, uma bateria, e quarenta metralhadoras com as respectivas guarnições.

- As circunstâncias em que o Exército Voluntário foi forçado a abandonar Rostov conhece-as o senhor. Reunimo-nos ontem em conselho. Tomámos a decisão de alcançar o Kúbano, em direcção a Ekaterinodar; há destacamentos voluntários a operar perto da cidade. Seguiremos o seguinte itinerário...

Kornilov passou sobre o mapa um lápis sem ponta, e reatou, mais depressa: Aproveitaremos a ocasião para pôr do nosso lado os cossacos do Kúbano, e para destruir os pequenos destacamentos de guardas-vermelhos, mal organizados e incapazes de combater, que tentarem opor-se ao nosso movimento.

Virou-se para Popov, que olhava para outro lado, de olhos semicerrados, e concluiu: Propomos-lhe juntar o seu destacamento ao Exército Voluntário e dirigir-se connosco para Ekaterinodar. Não é para nós vantajoso dividirmos as forças que temos.

- Não posso fazer isso! - declarou Popov, em tom cortante e decidido.

Alekcêiev inclinou-se ligeiramente para ele.

- Posso perguntar-lhe porquê?

- Porque não posso abandonar o território da região do Don, para ir ao calhar para o Kúbano. Protegidos ao norte pelo Don, poderemos esperar pelos acontecimentos no sector das hibernações. (*Região situada a oeste de Rostov, a sul do Don*) Não é de recear que o inimigo se lance em operações activas, porque o degelo pode começar de um dia para o outro, e será impossível fazer transpor o Don, não só à artilharia, como à própria cavalaria, ao passo que a partir do sector das hibernações, que é muito rico em forragens e em trigo, podemos travar acções de guerrilhas quando quisermos e nas direcções em que quisermos.

Com uma sólida convicção, Popov continuou a expor os seus argumentos, em contrário da proposta de Kornilov. Tendo parado para respirar fundo, viu que Kornilov se dispunha a falar, e abanou teimosamente a cabeça.

- Deixe-me acabar... Além de tudo isto, há um factor extremamente importante, que nós, o comando, devemos ter em conta: o estado de espírito dos cossacos. - Estendeu a mão branca e papuda, em cujo indicador tinha um anel de ouro, que lhe mergulhava na carne, e prosseguiu, elevando um pouco a voz, ao passo que considerava todos em torno: - Se nos dirigirmos para o Kúbano, corremos os riscos de uma deslocação do destacamento. Podia muito bem acontecer que os homens se recusassem a seguir-nos. Não nos devemos esquecer de que os cossacos constituem o elemento essencial, o elemento mais forte do meu destacamento, e de que estão longe de ter a solidez moral de... digamos, das vossas unidades. Trata-se de homens simplesmente inconscientes. Em resumo, não obedecerão. Não quero arriscar-me à perda do meu destacamento todo martelou Popov -, e de novo impediu Kornilov de o interromper: - Desculpe-me. Disse-lhe qual é a minha decisão, e

permito-me afirmar-lhe que não estou em condições de a modificar. com certeza que não é do nosso interesse dividirmos as forças que temos, mas há uma saída para esta situação. Parece-me que, a partir das considerações que acabo de expor, o Exército Voluntário teria vantagem em alcançar não o Kúbano, porque o estado de espírito dos cossacos do Kúbano me inspira fortes inquietações, mas as planícies do lado de lá do Don, e isto em conjunto com o destacamento cossaco. O Exército Voluntário aproveitaria, assim, este descanso para refazer as suas forças, e completar-se-ia na Primavera com novos quadros voluntários vindos da Rússia...

- Não! - explodiu Kornilov, que ainda na véspera se inclinava para a ideia de se dirigir para as estepes do outro lado do Don, em oposição à opinião de Alekcêiev. - Instalarmos no sector das hibernações não tem ponta por onde se lhe pegue. Somos cerca de seis mil homens...

- No respeitante ao aprovisionamento, permito-me assegurar a Vossa Alta Excelência que o sector das hibernações não é para desprezar. Além disso, o senhor encontrará cavalos nas coudelarias particulares, com o que poderá montar uma parte do seu exército. Deste modo, aumentaria as suas probabilidades de travar uma guerra de movimento. O senhor necessita em absoluto de cavalaria, e a que o Exército Voluntário tem não é muita.

Kornilov, que naquele dia estava cheio de prevenções contra Alekcêievitch. olhou para ele, não obstante. Aparentemente, Alekcêiev hesitava, procurava o apoio de outra autoridade. Foi com grande atenção que o escutaram. Habitado a resolver os problemas de modo rápido, claro e total, o velho general pronunciou-se, em algumas frases sucintas, em favor da partida para Ekaterinodar.

- É por esse lado que nos é mais fácil quebrar o cerco bolchevique e fazer a nossa ligação com o destacamento que opera nas cercanias de Ekaterinodar findou ele.

- E se isso não resultasse, Mikhail Vassílievitch? - perguntou-lhe, prudente, Lukómsski.

Alekcêiev, que se pôs como que a mastigar, passou a mão sobre o mapa.

- Em caso de mau êxito, resta-nos a possibilidade de nos encaminharmos para o Cáucaso, e dispersar o exército em grupos pequenos.

Romanóvsski declarou-se de acordo com ele. Markov proferiu algumas frases apaixonadas. Os argumentos de peso de Alekcêiev pareciam inatacáveis; mas Lukómsski tomou a palavra e equilibrou as opiniões:

- Apoio a proposta do general Popov - declarou ele, escolhendo sem pressa os termos de que se servia. - Esse movimento para o Kúbano topará com grandes

dificuldades, de que cuidado não ser possível apercebermo-nos aqui. Em primeiro lugar, teremos por duas vezes de cortar a linha do caminho-de-ferro...

Os olhares de todos os assistentes seguiram-lhe o trajecto do dedo no mapa. E Lukómsski prosseguiu, com energia:

- Os bolcheviques não deixarão de nos receber condignamente: mandando contra nós comboios blindados. As nossas equipagens são pesadas e temos uma porção de feridos, que não podemos abandonar. O exército, sobrecarregado, será incapaz de um avanço rápido. Além disso, não consigo perceber em que é legítimo apoiarmo-nos para afirmar que aos cossacos do Kúbano os move qualquer disposição amigável para conosco. Depois do exemplo dos cossacos do Don, que também, ao que parecia, não simpatizavam com os bolcheviques, devemos acolher este género de opiniões com a maior prudência e muito cepticismo. Os cossacos do Kúbano padecem do mesmo tracoma bolchevique; dele os contagiou o exército russo, que Deus tenha... Podem muito bem ser-nos hostis. Repito, para concluir, o que penso: devemos encaminhar-nos para leste, para as estepes, e de lá após havermos recuperado forças, ameaçarmos os bolcheviques.

Apoiado pela maioria dos seus generais, Kornilov decidiu orientar-se para oeste de Velikokniájesskaia, provendo de cavalos no trajecto a parte auxiliar do exército, e finalmente dirigir-se para o Kúbano. Levantou a sessão, trocou algumas palavras com Popov, de quem se despediu com frieza, e retirou-se para o seu escritório, seguido de Alekcêiev.

O coronel Sidórine, chefe do estado-maior do destacamento cossaco do Don, saiu ao patamar, fazendo ressoar as esporas, e gritou às ordenanças em voz forte e satisfeita:

- Os cavalos!

Saltando por sobre as poças, e segurando o sabre, um jovem tenente cossaco de bigode loiro, aproximou-se. Parou na base dos degraus do patamar e sussurrou:

- Então, meu coronel?

- Não vai mal - respondeu Sidórine em voz baixa, muito excitado. - O nosso velho recusou-se a ir para o Kúbano. Partimos imediatamente. Estás pronto, Izvárine?

- Estou. Tragam os cavalos.

Já montadas, as ordenanças trouxeram-nos. O jovem cossaco da poupa preta, que fazia lembrar uma abecoinha, disse, olhando para o camarada:

- É bonita, ha? - E deu uma gargalhada. O outro, mais velho que ele, sorriu de leve.

- Como a peste equina.

- E se ela te convidasse para a cama?

- Cala-te, idiota! Estamos na Quaresma.

Izvárine, o antigo companheiro de armas de Grigóri Melekhov, apeou-se do seu cavalo, de garupa baixa e narinas brancas, que tinha uma grande estrela na testa, e deu ordem às ordenanças:

- Saiam para a rua.

Depois de se despedirem de um general qualquer, Popov e Sidórine desceram os degraus do patamar. Uma ordenança que segurava o cavalo de Popov ajudou-o a enfiar o pé no estribo. Brandindo o seu pingalim cossaco, muito simples, Popov meteu o cavalo a trote rápido; seguiram-no as ordenanças, Sidórine e os outros oficiais, de pé nos estribos, ligeiramente inclinados para diante.

Chegados após dois dias de marcha à stanitsa de Metchetínskaia, Kornilov recebeu informações suplementares acerca do sector das hibernações. Tais informações eram más. Convocou os comandantes das unidades de combate e anunciou-lhes a decisão, que havia sido tomada, de alcançarem o Kúbano.

Um oficial de ordenança foi enviado a Popov, a propor-lhe pela segunda vez que se juntasse ao Exército Voluntário. O oficial veio apanhar o Exército com a resposta no sector de Staro-Ivánóvski. A resposta continuava a ser a mesma: delicada e friamente Popov recusava-se, escrevendo que não havia motivos para modificar a sua decisão, e que, entretantes, se conservava no distrito de Salssk.

XIX

Buntchuk tinha partido com o destacamento de Golubov, que por um caminho lateral se propunha investir Novotcherkassk. Em 23 de Fevereiro, o destacamento saiu de Chákhtnaia, passou pela stanitsa de Razdórsskaia, e ao cair da noite atingiu Melikhóvsskaia, que deixou no dia seguinte ao alvorecer.

Golubov levava o seu destacamento em marcha forçada. Reconhecia-se-lhe à cabeça da coluna a figura atarracada; e o chicote dele com impaciência excitava o cavalo. Atravessou-se de noite Besserguenévsskaia, onde se deu aos cavalos um curto descanso, e de novo os vultos dos cavaleiros se recortaram na obscuridade cinzenta, sob o céu sem estrelas, e o gelo fino do caminho estalou pisado pelos cascos.

Perto de Kriviánsskaia, o destacamento perdeu-se, mas não tardou que reencontrassem o caminho. Alvorecia a manhã quando entraram na stanitsa, de ruas ainda desertas. À desbanda de uma pracinha, junto a um poço, um velho cossaco quebrava o gelo de uma selha. Golubov foi direito a ele, e o destacamento parou.

- Saúde, velho!

O velho levou vagarosamente uma luva ao gorro e replicou sem amenidade:

- Viva, aí!

- Diz-me cá, avô. Os homens da stanitsa abalaram para Novotcherkassk? Houve aqui mobilização?

O velho recolheu vivamente o machado, e sumiu-se na sua propriedade, sem dar resposta.

- Em frente! - bradou Golubov; e arrancou, praguejando.

Nesse mesmo dia, a Pequena Assembleia preparava-se para se retirar para a stanitsa de Konsstantmóvsskaia. O novo atamane de campanha do Exército do Don, o general Popov, havia já abandonado Novotcherkassk com as suas tropas, e levado com ele o tesouro do exército. De manhã, soube que Golubov havia deixado Melikhóvsskaia, em direcção a Besserguenévsskaia. A assembleia enviou o capitão Sivólovov a negociar com Golubov as condições da rendição de Novotcherkassk. Os cavaleiros de Golubov penetraram em Novotcherkassk atrás do capitão, sem encontrarem resistência. O próprio Golubov, acompanhado de um grupo compacto de cossacos, chegou a galope, no seu

cavalo coberto de espuma, ao edifício da Assembleia. À porta aglomeravam-se alguns curiosos, e uma ordenança, com um cavalo selado, esperava Nazárov.

Buntchuk saltou do cavalo, pegou na sua espingarda-metralhadora, entrou no edifício da Assembleia com Golubov e todos os outros cossacos. Ao ruído da porta da sala ao abrir-se, os delegados viraram-se e enlivedeceram.

- De pé! - ordenou Golubov com firmeza, como se estivesse numa parada, e, tropeçando da pressa, no meio dos seus cossacos, alcançou a mesa da presidência.

Àquela injunção imperiosa, os membros da assembleia ergueram-se, com um rumor de cadeiras. Só Nazárov se manteve sentado. E a voz dele vibrou colérica:

- Como ousam os senhores interromper a sessão da assembleia?

- Estão presos! Silêncio!

E Golubov, escarlate, precipitou-se para Nazárov, arrancou-lhe do dólman as divisas de general, e regougou:

- De pé, mandei eu! Tomem conta dele! Estás a ouvir? É contigo que estou a falar, com os teus galões doirados!

Entretanto, Buntchuk havia instalado a sua metralhadora a meio da porta. Os membros da assembleia cerravam-se uns contra os outros, como um rebanho de carneiros. Nazárov, Volochínov, o presidente da assembleia, verde de medo, e alguns outros mais passaram por diante de Buntchuk, arrastados por cossacos.

Golubov ia atrás deles, fazendo ressoar o sabre; e malhas vermelhas cobriam-lhe a cara tisonada. Um membro da assembleia agarrou-lhe uma manga.

- Meu coronel, Vossa Graça, para onde nos levam?

Outro passou por sobre um ombro de Golubov uma cabeça esguia e viscosa:

- Estamos livres?

- Vão para o diabo! - gritou Gobulov, com um gesto de impaciência, e, chegado à beira de Buntchuk, voltou-se para os membros da assembleia, e bateu com um pé no chão:

- Vão para o... Quero lá saber de vocês! Ala!...

Rouca e esganiçada, a voz dele ecoou ainda um bom bocado na sala.

Buntchuk passou a noite em casa da mãe, mas no dia seguinte, mal se soube em Novotcherkassk da tomada de Rostov por Síverss, pediu licença a Gobulov para ir para lá, e nessa mesma manhã partiu.

Durante dois dias trabalhou no estado-maior de Síverss, que o conhecia da época em que fora redactor da «Pravda das Trincheiras», e foi à Comissão Revolucionária, onde não encontrou nem Abrámson nem Ana. Havia-se organizado, adjunto ao estado-maior de Síverss, um tribunal revolucionário, para julgar sumariamente os guardas-brancos

prisioneiros. Um dia inteiro Buntchuk ali trabalhou, prestou alguns serviços, tomou parte em buscas; no outro dia, chegava ele à Comissão, já sem esperanças de a encontrar, ouviu na escada a voz familiar de Ana. O sangue inundou-lhe o coração, retardou o passo, e entrou no segundo compartimento, donde provinha um ruído de vozes e o riso dela.

Este compartimento, que havia sido o da secretaria da praça, estava cheio de fumo de tabaco. A um canto, um homem de capote sem botões, com um gorro de orelhas coçadas, escrevia numa secretàriazinha de senhora, rodeado por uma multidão de soldados e de civis, de peliças curtas ou de sobretudos, que fumavam e conversavam, aos grupinhos. Ana estava à janela, de costas para a porta; sentado no peitoril, Abrámson amparava com as mãos cruzadas um joelho dobrado; um guarda-vermelho alto, com tipo de letão, estava de pé junto a ele, de cabeça flectida a um lado. De cigarro na mão, de dedo mínimo espetado, contava, aparentemente, qualquer coisa engraçada: Ana inclinava-se para trás, rindo às escâncaras, um sorriso pagueava a face de Abrámson, os outros assistentes escutavam com atenção sorridente; e a cara rude do guarda-vermelho, cujas feições pareciam talhadas a machado, transpirava malícia, finura, um pouco de maldade.

Buntchuk pousou uma mão num ombro de Ana.

- Viva, Ana!

Ela virou-se. Um rubor subiu-lhe às faces, inundou-lhe o pescoço, até às clavículas, fez-lhe assomar lágrimas aos olhos.

- Onde vens tu? Olha para ele, Abrámson! Ele aqui está, todo fresco, e tu tão apreensivo por causa dele! - balbuciou ela, sem erguer os olhos; mas, não podendo dominar a comoção que a tomou, virou-se para a porta.

Buntchuk apertou a mão ardente de Abrámson, trocou com ele algumas frases, e, sentindo que sorria um sorriso parvo, de felicidade sem limites, sem responder a uma pergunta de Abrámson, cujo sentido nem sequer percebera, acercou-se de Ana. Ela recompusera-se e sorria-lhe também, um nadinha furiosa de se ter deixado dominar pela sua perturbação.

- Mais uma vez, como estás? Como vais tu? Como te sentes? Quando chegaste? Vens de Novotcherkassk? Estavas no destacamento de Golubov? Ah, bem!... Então é isso!

Buntchuk ia-lhe respondendo, sem despegar dela os olhos atentos. E, perante eles, os olhos de Ana cediam e desviavam-se.

- Queres ir um bocado até à rua? - propôs Ana.

Abrámson gritou-lhes:

- Vocês não se demoram? Preciso de falar contigo, camarada Buntchuk. Temos trabalho para ti.

- Volto daqui a uma hora.

Na rua, Ana fitou nos olhos de Buntchuk o seu olhar doce, e disse, com um gesto de aborrecimento:

- Iliá! Iliá! Viste como eu me perturbei estupidamente?... Como uma rapariguinha! Isso explica-se, em primeiro lugar, pela surpresa que tive, e, depois, pela nossa situação ambígua. No fundo, que somos nós um para o outro? «Noivos idílicos?» Sabes que em Luganssk, um dia, Abrámson me perguntou: «Tu vives com Buntchuk?» Eu disse-lhe que não; mas ele é muito observador, e não pode ter deixado de notar o que salta à vista. Não me deu réplica, mas eu percebi nos olhos dele que não me acreditava.

- Fala-me de ti: que fazes tu, e como vais?

- Ora! Fazemos caminhar as coisas como podemos! Formámos um destacamento de duzentos e onze homens. Fizemos trabalho de organização e trabalho político... Mas como queres tu que eu te conte isso, assim à pressa? Ainda estou debaixo da impressão da tua chegada. Onde estás tu?... Onde passas a noite? inquiriu ela bruscamente.

- Para aí... Em casa de um camarada.

Buntchuk atrapalhou-se; mentia: as noites passava-as na sede do estado-maior de Síverss.

- Hoje mesmo vais para a nossa casa. Sabes onde eu moro? Acompanhaste-me até lá um dia.

- Eu procuro. Mas... não vou incomodar a tua família?

- Deixa-te disso. Não incomodas ninguém. Faz-me o favor de não falares assim.

À noite, Buntchuk meteu as suas coisas na sua sacola de soldado e dirigiu-se para a ruazinha em que Ana vivia, nos confins da cidade. Uma mulher idosa acolheu-o à entrada de uma casinha de tijolo. A cara dela lembrava um pouco a de Ana: os olhos de um preto azulado e o nariz adunco eram os mesmos; mas tinha a pele enrugada, terrosa, e a boca descaída denunciava-lhe horrivelmente a velhice.

- O senhor é Buntchuk? - perguntou-lhe ela. - Entre, faça favor. A minha filha falou-me de si.

Mandou entrar Buntchuk para um quartinho, indicou-lhe onde havia de pôr as coisas, e, apontando-lhe o quarto à roda com um dedo deformado pelo reumatismo, disse-lhe:

- É aqui que o senhor ficará. Esta cama é para si.

Falava com um forte sotaque hebraico. Uma adolescente enfezada, de olhos pretos também, morava igualmente ali.

Ana chegou pouco depois, e com ela barulho e animação.

- Não veio ninguém? Buntchuk não está cá?

A mãe respondeu-lhe na língua delas, e Ana encaminhou-se para a porta do quarto a passo firme, mas ligeiro.

- Pode-se entrar?

- Podes, podes.

Buntchuk levantou-se da cadeira e veio ao encontro dela.

- Então já estás instalado? - Olhou-o com olhar sorridente, satisfeito, e acrescentou: - Comeste alguma coisa? Vem daí.

E arrastou-o por uma manga do dólman para o quarto da frente.

- Mamã, este é o meu camarada. Sorriu. Trata-o bem.

- Ora essa! Que estás tu a dizer?... É nosso convidado. Toda a noite por sobre Rostov estalaram tiros, comovagens maduras de acácias rebentando. Uma metralhadora latia de longe em longe, e em seguida tudo reentrava na tranquilidade. E a noite, a noite majestosa e escura de Fevereiro, de novo cobria as ruas de silêncio. Buntchuk e Ana conservaram-se uma porção de tempo sentados no quartinho que tinham arranjado para ele e que era de uma limpeza impecável.

- Era o nosso quarto, da minha irmãzinha e meu - disse Ana. - Vês como a nossa casa é modesta? Vivemos como as freiras. Aqui não há quadros baratos, nem fotografias, mas apenas o essencial para uma estudante do liceu.

No decurso da conversa, Buntchuk inquiriu:

- De que vivem vocês?

Não sem profundo orgulho, Ana replicou-lhe:

- Eu trabalhava na fábrica Assmolov e dava lições

- E agora?

- A mamã faz costura para fora. Para elas duas não precisam de muito.

Buntchuk contou-lhe os pormenores da tomada de Novotcherkassk e dos combates de Zvérevo e de Kaménskaia. E Ana falou-lhe acerca do seu trabalho em Lugansk e Taganrog.

Às onze horas, mal a mãe apagou a luz, foi-se embora.

XX

Em Março, Buntchuk passou a fazer parte do tribunal revolucionário que funcionava adjunto à Comissão Revolucionária do Don. O presidente, alto, de olhos baços, emagrecido pelo trabalho e pelas noites mal dormidas, puxou-o para o vão da janela do seu escritório, e disse-lhe, passando os dedos pelo relógio de pulso (porque estava com pressa de ir para a sessão):

Estás no Partido desde que ano? Ah-ah! Óptimo. Vais comandar o pelotão de execução. A noite passada, mandámos o nosso comandante anterior para o «estado-maior de Dukhónine» (*O general Dukhónine, que era comandante-chefe do Exército Russo no momento da Revolução de Outubro, foi preso pela guarnição revoltada de Moguilev, sede do Grande Quartel-General, e morto pela multidão no vagom em que o haviam metido. O sentido da expressão é, pois, de um sarcasmo cruel*), por concussão. Era um verdadeiro sádico, um patife, um crápula. Não queremos gente dessa. É um trabalho porco; mas é forçoso mantermos intacta a consciência da própria responsabilidade perante o Partido, e preservar... é preciso que me entendas bem (e acentuou estas palavras)... a nossa humanidade. Exterminamos os contra-revolucionários por necessidade, mas não devemos fazer disso espectáculo. Estás a perceber? Vai tomar conta do teu serviço.

E à meia-noite, a três verstás da cidade, Buntchuk, à cabeça de um pelotão de dezasseis guardas-vermelhos, executou cinco condenados à morte. Dois deles eram cossacos da stanitsa de Gnilóvsskaia, e os outros habitantes de Rostov.

Quase quotidianamente, à meia-noite, um camiom transportava os condenados para fora da cidade, abriam-se-lhe as covas à pressa, trabalho esse em que eles mesmos colaboravam com um grupo de guardas-vermelhos, Buntchuk alinhava o pelotão, e lançava em voz metálica, surdamente:

- Contra os inimigos da revolução... e brandia o revolverfogo!...

Ao cabo de uma semana, emagrecera, tornara-se sombrio, e parecia coberto de terra. Os olhos haviam-se-lhe afundado nas órbitas como em buracos, e as pálpebras, que lhe piscavam nervosamente, não lhe escondiam o estado de angústia que o abrasava. Ana só o via à noite. Trabalhava na Comissão Revolucionária, recolhia-se tarde, mas esperava sempre pelas pancadas repetidas que ele batia na janela, a anunciar a sua chegada.

Uma vez, em que ele, como habitualmente, voltava já depois da meia-noite, ela perguntou-lhe, ao abrir a porta:

- Queres comer?

Ele não lhe deu resposta. Cambaleando como um bêbedo, enfiou para o quarto, e atirou-se para cima da cama, sem tirar nem o capote, nem as botas, nem o boné. Ela acercou-se dele, fitou-lhe a cara: os olhos dele estavam hermeticamente fechados, um ricto punha-lhe a descoberto os dentes luzentes de saliva, e os cabelos, que do tifo se lhe haviam tornado ralos, caíam-lhe numa mecha húmida para a testa.

Ela sentou-se-lhe ao lado. A pena dele, a dor laceravam-lhe o coração.

- É custoso, Iliá?

Ele crispou as mãos, rilhou os dentes, virou-se para a parede, e adormeceu sem lhe retorquir. Durante o sono, porém, murmurou palavras indistintas e queixosas, e tentou levantar-se. Ela reparou com terror, e instintivamente estremeceu, que ele dormia de olhos meio abertos e revirados, de esclerótica a luzir-lhe, amarela e inflamada, por entre as pálpebras.

- Tens de deixar isso - disse-lhe ela de manhã. - É melhor estares na frente. Se tu te visses, Iliá! Esse trabalho vai dar cabo de ti.

- Cala-te!... - exclamou ele, de olhos transtornados de raiva.

- Não grites! Ofendi-te?

Buntchuk serenou subitamente, como se toda a ira que nele se acumulara se lhe tivesse esvaziado com aquele grito. Mirou as palmas das mãos com expressão de fadiga, e disse:

- Destruir o lodo humano é um sórdido trabalho. Fuzilar gente, acredita-me, é mau para o corpo e para o espírito... Sabes?... - Pela primeira vez na presença de Ana, praguejou monstruosamente. - Para um trabalho sórdido só servem imbecis e selvagens, ou então fanáticos. Mas que se há-de fazer?... Não há quem não gostasse de caminhar num jardim florido; simplesmente, o diabo leve isto, antes de plantar as árvores e as flores, é necessário limpar! Tem que se estrumar! Tem de se sujar as mãos! Tinha erguido a voz; Ana, sem uma palavra, desviava a cabeça para o lado. Tem de se destruir a sujidade; e todos acham isso repugnante. Agora, aos gritos já, esmurraçava a mesa, piscando os olhos injectados de sangue.

A mãe de Ana apareceu, a deitar uma olhadela para o quarto; imediatamente ele sossegou, e reatou com mais brandura:

- Não abandonarei este trabalho! Nele vejo, nele sinto que sou inteiramente útil. Varro a porcaria. Adubo a terra, para ela se tornar mais rica. Mais fecunda. Um dia

caminharão nela pessoas felizes... Talvez um filho meu, que não existe... - Riu, com aspereza e desgosto. - Quanta desta choldra eu tenho fuzilado!... São carraças . A carraça é um insecto que se agarra à pele... Já com estas minhas mãos matei uns dez... Estendeu as mãos crispadas, cobertas de pêlos pretos, aduncas como as garras de um milhafre; mas logo as deixou cair sobre os joelhos, e murmurou: Ora! Tanto pior! Queimar, despedir faúlhas vale a pena; o fumo é que não serve para nada... Simplesmente, devo dizer-to, estou cansado... Daqui a algum tempo, vou para a frente de batalha... Tens razão.

Ana escutava-o em silêncio; com brandura lhe observou:

- Vai para a frente, ou pega noutro trabalho... mas larga isso, Iliá... ou dás em doido.

Buntchuk virou-lhe as costas, e pôs-se a tamborilar nas vidraças.

- Não! Sou um homem forte . Não penses que há homens de ferro. Somos todos feitos do mesmo material... Homens sem medo da guerra, ou que matam sem ficarem moralmente feridos não os há na vida. Não é pelos que têm galões que o meu coração se compadece... Esses são pessoas conscientes, como tu e eu. Mas ontem, em nove que havia para fuzilar, três eram simples cossacos... trabalhadores .. A um soltei-o... - A voz de Buntchuk tornou-se mais surda, mais indistinta, como se ele se fosse a afastar. - Toquei-lhe as mãos... rudes... como a terra... Todas cobertas de calos... As palmas delas, negras... cheias de gretas e de altos... Bem! Vou-me embora.

Interrompeu-se bruscamente, e, ocultando-se de Ana, esfregou a garganta, que um espasmo constringia como uma corda.

Calçou as botas, bebeu um copo de leite, e abalou. Ana alcançou-o no corredor. Demoradamente conservou entre as mãos a pesada mão dele, e depois apertou-a contra uma face ardente, e fugiu para o pátio.

O tempo aquecia. A partir do mar de Azov, a Primavera entrava pela boca do Don. No fim de Março, destacamentos de guardas-vermelhos ucranianos, repelidos pelos gaidamakes (*Tropas nacionalistas ucranianas adversárias dos bolcheviques, assim chamadas por adopção do nome dos insurrectos ucranianos que no século XVIII lutaram contra a nobreza rural polaca*) e pelos alemães, começaram a aglomerar-se em Rostov. Assassínios, pilhagens, requisições ilegais multiplicaram-se na cidade. A Comissão Revolucionária teve que desarmar algumas unidades completamente corrompidas. O caso não se resolveu sem atritos nem tiros. À roda de Novotcherkassk os cossacos agitavam-se. Em Março, a par dos rebentos dos choupos, começaram as contradições a aumentar nas stanitsas entre cossacos e não cossacos, e aqui e além a estalarem rebeliões e a descobrirem-se conspirações contra-revolucionárias. Mas em Rostov vivia-se uma vida activa, impetuosa: à noite, uma multidão de soldados, de marinheiros e de operários deambulava pela Grande Sadóvaia, fazendo

comícios, tasquinhando sementes de girassol, escarrando para o chão, divertindo-se com mulheres. Trabalhava-se como antes, e como antes se comia, se bebia, se dormia, se morria, se procriava, se amava, se odiava, se aspirava o vento salgado do mar, se vivia sob o domínio das grandes paixões e dos apetites mesquinhos. Duros dias de tempestade anunciavam-se sobre Rostov. Cheirava a terra negra degelada, ao sangue de combates próximos.

Num daqueles bonitos dias inundados de sol, Buntchuk regressou a casa mais cedo que de costume e ficou admirado de lá encontrar Ana.

- Habitualmente chegas mais tarde. Há alguma novidade? Não me sinto bem.

Ela seguiu-o até ao quarto dele. Buntchuk tirou o capote e disse, com um riso trémulo, de felicidade.

- Ana, a partir de hoje, deixo de trabalhar no tribunal.

- Ah, sim? Para onde foste transferido?

- Para a Comissão Revolucionária. Falei hoje com Krivochlíkov. Prometeu mandar-me para um sítio qualquer do distrito.

Cearam juntos. Buntchuk recolheu-se para se deitar. De comovido, não conseguia dormir, a fumar, a dar voltas na cama, a suspirar de contente. Sentia-se alegre por deixar o tribunal: um pouco mais de tempo nele, e ia-se abaixo, não se aguentava. Ao acabar o quarto cigarro, ouviu a porta ranger levemente. Ergueu a cabeça e viu Ana. Descalça, em camisa, ela entrou, acercou-se-lhe da cama, mansamente. Coadada por uma fenda da portada da janela, a luz verde e crepuscular da lua incidia-lhe sobre a convexidade nua de um ombro. Dobrou-se sobre ele, e pousou-lhe uma mão quente nos lábios.

- Chega-te para lá. Cala-te...

Deitou-se-lhe ao lado, e, com um gesto impaciente, atirou para trás uma mecha de cabelos que lhe caíra para a testa, pesada como um cacho de uvas. Os olhos dela tinham o brilho de chamas que um halo azul cerca. E a custo, quase brutalmente, segredou-lhe:

- Posso perder-te de um dia para o outro... Quero amar-te com todas as minhas ganas. - E acrescentou, a tremer toda, de se ver tão resoluta: - Vamos! Depressa!

Buntchuk desatou a beijá-la; e sentiu com terror, com uma vergonha enorme a invadir-lhe a consciência, que não tinha potência.

A cabeça tremia-lhe, as faces escaldavam-lhe, de congestionadas. Ana soltou-se-lhe dos braços, repeliu-o com ira e murmurou com tristeza e repugnância em voz que o desprezo estrangulava:

- Tu, tu és impotente? Ou estás doente? Oooh, é ignóbil! Deixa-me!

Buntchuk cerrou-lhe os dedos com tanta força que eles estalaram de leve, mergulhou-lhe o olhar nos olhos dilatados, pretos e hostis, e disse, gaguejando, e abanando a cabeça como um parálítico:

- Porque me magoas? Porquê? Sim, estou completamente esgotado... Nem disto já sou capaz... Não estou doente... cornpreende-me, compreende-me! Estou esgotado!... Aaaah...

Gemeu surdamente, saltou da cama, acendeu um cigarro. Durante um bom bocado se conservou curvado contra a janela, como se lhe tivessem batido.

Ana levantou-se, passou em silêncio um braço à roda dele, beijou-o serenamente na testa, como uma mãe.

Uma semana depois, escondendo contra um braço de Buntchuk a face ruborejada, de uma vermelhidão ardente, confessou-lhe:

- Eu julgava que tu estivesses esgotado pela tua vida anterior... Não sabia que fosse por causa do teu trabalho.

Com a recordação das carícias, Buntchuk guardaria durante muito tempo a da transbordante e quente solicitude materna da bem-amada.

Não o mandaram para a província. Podtiólkov insistiu para que ele ficasse em Rostov. Naquela época, a Comissão Revolucionária do Don estava cheia de trabalho, preparando-se para o Congresso Regional dos Sovietes e para a batalha à contra-revolução, que recomeçara do outro lado do Don.

XXI

As rãs coaxavam ao desafio por trás dos salgueiros da margem. O Sol entrava no ocaso, encoberto pela colina que se seguia ao rápido do rio. A frescura da noite invadia a aldeia de Setrokov. As casas projectavam na estrada seca enormes sombras oblíquas. Uma manada de cavalos voltava da estepe, envolta numa nuvem de poeira. As mulheres cossacas recolhiam as vacas dos prados, verdascando-as e trocando entre si mexericos. Os cossacozitos de pé ao léu, já tisonados, jogavam ao eixo nas ruazinhas. Os velhos descansavam, postados com gravidade nos bancos de terra que cercavam as casas.

A aldeia findara as sementeiras. Só aqui ou além se semeavam ainda milho-miúdo e girassóis.

Uns homens estavam sentados em troncos de castanheiros derrubados, à beira de uma propriedade, à ponta da aldeia. O proprietário, um antigo artilheiro de face bexigosa, contava uma história da guerra na frente alemã. Os interlocutores, um vizinho velho e um rapaz de cabelo anelado, genro dele, escutavam-no em silêncio. A mulher do proprietário, alta e bonita, majestosa como a esposa de um grande senhor, desceu as escadas do patamar. As mangas arregaçadas da blusa cor-de-rosa, cujo cós trazia metido para dentro da saia, punham-lhe à mostra os braços trigueiros e bem torneados. Trazia um balde numa das mãos; e no andar desembaraçado, de passos largos e elegantes, que só as mulheres cossacas têm, dirigiu-se para a corte das vacas. Os cabelos, atados por um fio branco, encardido, estavam despenteados (tinha acabado exactamente de pôr kiziak no fogão, para o acender no dia seguinte), e as botas enfiadas nos pés sem meias pisavam molemente os rebentos verdes da erva nova que invadia o pátio.

Os homens que estavam sentados nos troncos de castanheiros ouviram o jacto de leite embater na parede do balde. Depois de ter ordenhado, a mulher tornou para casa; apenas um pouco inclinada ao lado, levava o balde na mão esquerda, de braço flectido como o pescoço de um cisne.

- Sioma, vai procurar o vitelo! - atirou ela do limiar da porta, em voz cortante.
- O Mitiachka onde está? - inquiriu o marido.
- O diabo o sabe. Raspou-se.

O proprietário levantou-se pachorrentamente e tomou para o canto da paliçada. O velho e o genro já se haviam encaminhado para a casa deles, quando o outro os chamou:

- Vem ver isto, Dorófei Gavrílitch! Vem cá!

Eles retrocederam. Ele apontou-lhes a estepe, sem dizer uma palavra. Um rolo de poeira purpurina rolava estrada adiante, e, atrás dela, soldados de infantaria, carros de equipamento e cavaleiros.

O velho piscou os olhos e pôs uma mão em pala sobre as sobrancelhas brancas.

- São tropas, não são?

- Mas que é isto? Que raio de gente será esta? - disse o proprietário, com inquietação.

A mulher desceu ao pátio, com um casabeque pelos ombros. Olhou para a estepe, e emitiu um brado angustiado:

- Mas que gente é esta? Ai, Jesus tantos que eles são!

- Não têm o ar de ser boas peças...

O velho demorou-se ainda ali um pedaço, passado o qual retomou o rumo de casa, e gritou ao genro em voz irada.

- Vamo-nos embora! Que tens tu aí que cheirar?

Crianças, mulheres e homens aos grupinhos acorriam à ponta da rua. Na estepe, a uma verstá da aldeia, uma coluna alongava-se estrada fora; o vento fazia chegar de lá às casas um rumor confuso de vozes, de relinchos, de rodas avançando.

- Não são cossacos... Não é gente nossa - comunicou a proprietária ao marido.

Ele encolheu os ombros.

- Está visto que não são cossacos. Desde que não sejam alemães! Não, são russos... Olha: trazem um trapo vermelho!... Ora aí está o que eles são...

Um cossaco alto, do regimento Atamánsski juntou-se a eles. Era visível que estava com febre, cor de areia como se tivesse icterícia. Vestia uma peliça e calçava botas de feltro. Endireitou o gorro de pele e comentou:

- Vocês estão a ver a bandeira deles?... São bolcheviques!

- São, pois.

Uns cavaleiros destacaram-se da colina e aproximaram-se da aldeia a galope. Os homens entreolharam-se e dispersaram em silêncio e as raparigas e as crianças debandaram cada qual para seu lado. Cinco minutos passados, a ruazinha estava deserta. Alguns cavaleiros enfiaram por ela, excitando os cavalos, e estacaram junto aos troncos dos castanheiros em que os três cossacos, um quarto de hora antes, haviam estado sentados. O proprietário estava ao portão. O primeiro cavaleiro, ao que parecia o comandante,

montado num cavalo baio escuro, com um gorro do Kúbano e um laçarote de seda vermelha na camisa cinzenta-esverdeada, com o seu cinturão a apertá-la, parou diante dele:

- Saúde, patrão! Abre a porta.

O antigo artilheiro, com a sua pele bexigosa toda lívida, tirou o boné.

- Mas vocês quem são?

- Abre a porta!... - gritou-lhe o soldado do gorro do Kúbano.

O cavalo baio escuro que mirava ao lado com um olho mau, remoendo o freio na boca, despediu um coice contra a paliçada. O proprietário abriu a porta e os cavaleiros entraram no pátio um após outro.

O homem do gorro do Kúbano saltou levemente do cavalo e avançou para a escada do patamar, com as suas pernas tortas. Enquanto os outros se apeavam, sentou-se despreocupadamente num degrau e puxou pela cigarreira. Pôs-se a fumar, e ofereceu um cigarro ao proprietário. Este recusou-o.

- Não fumas?

- Obrigadinho.

- Vocês aqui não são velhos-crentes?

- Não. Somos ortodoxos... E vocês que são? - interrogou o proprietário, de má catadura.

- Nós? Somos guardas-vermelhos do Segundo Exército Socialista.

Os outros trouxeram os cavalos pelas rédeas até à escada do patamar, e amarraram-nos à balaustrada. Um trangalhada de poupa caída como uma crina, que enredava as pernas no sabre, encaminhou-se para o curral. Abriu a porta com modos de proprietário, baixou-se, passou por debaixo do alpendre do armazém e reapareceu com um carneiro grande, de ancas gordas, seguro pelos cornos.

- Petritchenko, vem cá ajudar-me! - berrou ele com voz de falsete.

Um soldadinho enfiado num capote austríaco, coçado, surgiu. O proprietário confiava a barba e olhava em torno, como se aquele pátio não fosse dele. Não dizia nada; apenas quando o carneiro, de goelas cortadas por uma sabrada, esticou as patas delgadas subiu os degraus do patamar pigarreando.

O homem do gorro do Kúbano e mais dois soldados, um chinês e um russo, que tinha cara de ser oriundo do Kametchatka subiram atrás dele.

- Não te zangues, patrão! - disse-lhe o homem do Kúbano, facecioso, cruzando o limiar da porta de entrada. - Nós pagamos bem!

Bateu nos bolsos das calças e deu uma gargalhada; mas logo se calou, de olhos fitos na proprietária. Esta, de pé ao lado do fogão, de dentes cerrados, olhava para ele com medo.

Ele então virou-se para o chinês e atirou-lhe, esquivando o olhar:

- Eh, chinês, leva lá o paizinho, o paizinho e apontava com um dedo o proprietário. Leva-o lá, para ele dar feno para os cavalos... leva-o lá. Estás a compreender? Nós pagamos bem! A Guarda-Vermelha não pilha. Vai lá, patrão. E na voz dele ressoavam notas metálicas.

O proprietário saiu, acompanhado do chinês e do outro soldado. Mal ia no sopé da escada do patamar, ouviu gemer a mulher. Precipitou-se degraus acima, e, com um empurrão na porta, fez-lhe saltar o encaixe do trinco. O homem do Kúbano tinha agarrado o braço nu da opulenta mulher acima do cotovelo e arrastava-a para o quarto meio às escuras. Ela defendia-se, arqueando-se toda contra o peito dele. Quando a porta se escancarou ia ele cingi-la para a levar à força. De um salto, o patrão protegeu a mulher com o corpo. A voz dele era serena mas firme:

- Recebi-te em minha casa como uma visita... Porque ultrajas a minha mulher? Que é lá isso? Larga-a. Eu não tenho medo das tuas armas. Leva o que quiseres, pilha para aí, mas à minha mulher não sujes. Ou terás primeiro de me matar... E tu, Niúrka - acrescentou ele, virado para a mulher, de narinas a palpitarem-lhe -, vai para casa do pai Dorófei. Não tens nada aqui que fazer.

Com um sorriso de esguelha, endireitando o cinto, o homem do Kúbano disse:

- Estás zangado patrão?... Já não se pode brincar... Eu sou o brincalhão da companhia... Não sabias? Isto era de paródia. Pensei em gracejar com a tua mulher, e ela assustou-se... Já deste o feno? Não tens feno? E os vizinhos?

Abalou assobiando e agitando a chibata. Não tardou que estivesse na aldeia o destacamento todo. Compunha-se de cerca de oitocentos soldados de infantaria e de cavalaria. Para passarem a noite, os guardas-vermelhos instalaram-se fora da aldeia. O comandante do destacamento queria a todo o custo evitar o estacionamento nela, por falta de confiança nos seus soldados heterogêneos e indisciplinados.

Era o destacamento de Tirasspol, do 2.º Exército Socialista: com a sua experiência das batalhas contra os gaidamakes e contra os alemães que cruzavam a Ucrânia, abria passagem, a combater, até à região do Don; havia deixado o seu comboio na estação de Cheptukhovka, mas, para evitar os alemães que se encontravam agora à frente dele e para alcançar a região de Voróneje, ao norte, atravessava em ordem de marcha o território da stanitsa de Migulínsskaia. Sob a influência dos elementos criminosos que eram numerosos

nas suas fileiras, os guardas-vermelhos cometeram roubos em todo o trajecto. Assim, na aldeia de Setrakov, perto da qual haviam acampado na noite de 16 para 17 de Abril, não obstante as recomendações e as ameaças dos comandantes, invadiram a aldeia, degolaram os carneiros, violaram duas mulheres de uma rua mais afastada do centro e, sem qualquer motivo, abriram fogo na praça, com isso ferindo um dos seus. Toda a noite as sentinelas beberam álcool, que havia em todas as carruagens do comboio. Entrementes, três homens de Setrakov, a cavalo, deram o alarme às aldeias das redondezas.

Durante a noite, os cossacos selaram as montadas, armaram-se, constituíram à pressa destacamentos de veteranos da frente de velhos, e sob o comando de oficiais, ou, à falta deles, de sargentos que nas aldeias viviam, dirigiram-se para Setrakov, e, ocultando-se nos barrancos e por trás das colinas, cercaram o destacamento de guardas-vermelhos. Chegaram aos meios esquadrões, de Migulínsskaia, de Kolodézni, de Bogomolov. Os homens de Verkhnetchírsskaia, Napolov, Kalinóvsskaia, lèissk e Kolodézni pegaram em armas.

As estrelas esmoreciam no céu. Ao alvorecer, de todos os lados cavaleiros cossacos se lançaram, urrando, sobre os guardas-vermelhos. Uma metralhadora crepitou um momento; por um momento, uma fuzilaria desordenada e absurda estalou. Depois, passou a ouvir-se apenas o entrechocar dos sabres.

Uma hora volvida, o caso estava arrumado: o destacamento havia sido completamente destruído, com mais de duzentos homens mortos à sabrada ou a tiro, e cerca de quinhentos prisioneiros. Duas baterias de quatro peças cada uma, vinte e seis metralhadoras, mil carabinas e uma grande quantidade de munições caíram nas mãos dos cossacos.

No dia seguinte, as bandeirolas vermelhas dos estafetas, a galope pelas estradas principais e pelos atalhos, floriram o distrito inteiro. Derrubavam-se os soviets e elegiam-se a toda a pressa atamanes. Já atrasados, os esquadrões de Kanjánsskaia e de Viochénskaia chegaram, por seu turno, à stanitsa de Migulínsskaia.

A vinte e tal de Abril, as stanitsas a montante do distrito de Donetsk proclamaram a sua autonomia, constituindo-se em novo distrito, que assumiu a designação de distrito do Alto-Don. Viochénskaia, stanitsa populosa, a segunda da região, a seguir a Mikhailóvsskaia, pela superfície e pelo número das suas aldeias, foi escolhida como capital do distrito. Aldeias houve que foram elevadas à categoria de stanitsas. Foi assim que surgiram as stanitsas de Chumilínsskaia, de Karguínsskaia e de Bokóvsskaia. E o distrito do Alto-Don, que reunia doze stanitsas e um cantão ucraniano, iniciou a sua existência independente. Compreendia: as stanitsas de Migulínsskaia, Chumilínsskaia, Viochénskaia,

Elánsskaia, Karguínsskaia e Bokóvsskaia, mais a região de Ponomarióvsskaia, separadas do distrito de Donetsk; as stanitsas de Usst-Khopérsskaia e Krassnokútsskaia, separadas do distrito de Usst-Medvéditsskaia; e as stanitsas de Bukanóvsskaia, Slachtchóvsskaia e Fedossêievsskaia, separadas do distrito do Khopr. Por unanimidade, foi eleito atamane do novo distrito o general Zakhar Akímovitch Alférov, cossaco da aldeia de Elánsskaia, e que provinha da Academia Militar. Dizia-se que Alférov, membro de uma família de oficiaizinhos cossacos caídos na pobreza, triunfara na sociedade graças apenas à mulher, que era inteligente e enérgica, que fazia dele o que queria, e a quem não tinha deixado parar, até, depois de três reprovações no exame de admissão, ter conseguido entrar na Academia Militar.

Por essa altura, porém, falava-se pouco de Alférov. As pessoas tinham mais em que pensar.

XXII

As águas começavam a baixar. Nos prados, por trás das sebes das hortas, a terra surgia, castanha e viscosa, marcada por todo o sedimento que as cheias deixam: pedaços de caniços, ramos, juncos, folhas mortas e restos de madeira apodrecida. Os salgueiros da floresta inundada da margem do Don verdejavam já, com os seus amentilhos pendentes dos ramos, aos cachos. Os choupos rebentavam, e, à beira das herdades, os gomos dos salgueiros vermelhos que a água rodeava debruçavam-se sobre ela e nela mergulhavam, amarelos e penugentos como avezinhas.

Ao nascer do dia, os patos selvagens, os patos anões e os patos mansos arriscavam-se até às hortas, em busca de alimento, e os mergulhões guinchavam, com a sua voz metálica, nas concavidades do terreno. E, já dia feito, viam-se, à superfície desgrenhada do Don, as vagas acarinharem, acariciarem as cercetas, de ventre branco.

Nesse ano, houve muitas aves migratórias. Os cossacos, ao puxarem as suas nassas para os barcos, de manhã cedinho, quando a aurora cor de vinho avermelha a água, mais de uma vez viram cisnes descansando no rio, ao abrigo da floresta. Mas o mais estranho de tudo foi o que contaram Khrisstónia e o velho Matvei Kachúline: tinham-se dirigido à floresta comunitária, para abaterem alguns castanheiros, quando, ao mergulharem na espessura do arvoredo, surpreenderam numa ravina uma cabra montesa e o seu cabritinho. A cabra, magra, de pêlo castanho a atirar para amarelo, saltou da ravina cheia de cardos e de silvas, e mirou os dois intrusos do cimo do outeiro, durante alguns segundos; com inquietação movia as patas delgadas e afuseladas, enquanto o filho se encostava a ela; à exclamação abafada de espanto de Khrisstónia, refugiou-se tão depressa na mata, que os olhos dos dois homens apenas lhe viram as conchas cinzentas-azuladas e brilhantes dos cascos e a cauda curta, cor de pêlo de camelo.

- Esta agora! - comentou Matvei Kachúline, deixando cair o machado.

Tomado de um tremendo entusiasmo, Khrisstónia quebrou com um rugido o silêncio encantado da floresta:

- Mas é mesmo uma cabra! Uma cabra montesa, carago! Vi-as nos Cárpatos.

- Foi com certeza a guerra que a escorraçou para aqui, a pobrezinha.

Khrisstónia concordou, como era de prever.

- Nem foi outra coisa. E o cabrito, viste-o, avô? Como ele era bonito, o filho da mãe! Parecia mesmo uma criança!

Durante todo o regresso não fizeram mais nada senão falar daqueles bichos que nunca se tinham visto na região. O velho Matvei acabou por ter dúvidas:

- E se não fosse uma cabra?

- Uma cabra era. Era uma cabra, pois então!

- Pode ser... Mas, se era uma cabra, porque não tinha ela cornos?

- E porque queres tu que ela tivesse cornos, por força?

- Eu não quero, nem deixo de querer. O que te pergunto é se ela será mesmo da raça das cabras... Porque não é ela como as outras? Tu já viste cabras sem cornos? Aí é que está! Talvez seja uma espécie de ovelha selvagem...

- Tu o que estás avô, é a tornares-te tarouco! - protestou Khrisstónia. - Vai a casa dos Melekhoves. Vê o pingalim do Gricha. O cabo é um pé de cabra. Ora vai lá ver.

Foi desta maneira que o velho Matvei nesse mesmo dia foi a casa dos Melekhoves. O cabo do pingalim de Grigóri era, efectivamente, forrado com arte de pele de cabra selvagem, com o cascozinho conservado intacto, e com arte idêntica enfeitado de cobre à outra ponta.

Na quarta-feira da sexta semana da Quaresma, Michka Kochevói saiu cedinho para verificar as nassas colocadas perto da floresta. Saiu de casa antes do amanhecer. A terra, encarquilhada pelo frio matinal, estava coberta de uma delgada camada de gelo, e a lama havia gelado. De casaco acolchoado, botas de cano curto, as pernas das calças metidas por baixo das meias brancas, o boné atirado para a nuca, Michka aspirava o ar vivo e cortante, o cheiro enjoativo de humidade que subia da água. Levava ao ombro um remo comprido. Desprende o barco e desatracou, de pé, a grandes remadas.

Rapidamente olhou as nassas, tirou o peixe que estava na última, deixou-a de novo mergulhar na água, arranhou as aberturas de todas, e com lentidão voltou para trás. Decidiu acender um cigarro. O dia mal começava a nascer. A leste, o céu esverdeado da alvorada parecia salpicado de sangue. O sangue reabsorvia-se, escorria sobre o horizonte, transformava-se em ferrugem doirada. Michka seguiu com o olhar o voo lento de um mergulhão e pôs-se a fumar. O fumo enredou-se nos arbustos e subiu obliquamente no espaço. Michka considerou a sua pescaria: três esturjões, uma carpa de oito libras, uma porção de peixes brancos. Pensou:

«Tenho de vender parte dele. A Lúkechka zarolha aceita-mo em troca de pêras secas; sempre servem para a minha mãe fazer compota.»

Enquanto fumava, ia-se aproximando do desembarcadero. Um homem estava sentado junto às sebes das hortas, para as quais ele se dirigia.

«Quem será? cogitou ele, manobrando habilmente o barco.

Era Valete, que estava acorocado contra uma sebe, a fumar um enorme cigarro enrolado em papel de jornal.

Os olhos penetrantes de furão bravo luziam-lhe de sono, e uma moita cinzenta cobria-lhe as faces.

- Que estás tu aí a fazer? - gritou-lhe Michka. O grito dele rolou sobre a água, como uma bola.

- Atraca.

- É por causa do peixe que aí estás?

- Para o que ele me serve!...

Valete tossiu ruidosamente, lançou um jacto de saliva, e ergueu-se sem pressa. O capote, comprido em demasia, caía dele como se pendesse de um espantalho. O boné tinha-o enfiado até às cartilagens pontiagudas das orelhas. Havia pouco tempo que reaparecera na aldeia, com a reputação «infamante» de guarda-vermelho. Quando lhe perguntavam o que tinha feito depois de desmobilizado, respondia evasivamente, esquivando-se a conversas perigosas. Ivane Alekcêievitch e Michka Kochevói eram os únicos que da boca dele sabiam que havia passado quatro meses num destacamento de guardas-vermelhos na Ucrânia, que tinha sido feito prisioneiro pelos gaidamakes, que fugira, que se juntara a Síverss, que se demorara algum tempo com ele em frente de Rostov, e que por fim dera a si próprio licença para descansar e refazer as forças.

Valete tirou o boné, passou as mãos pelos cabelos eriçados, acercou-se do barco, e, olhando em torno, disse em voz sibilante:

- Isto não está bom... não está... Não é agora a altura de se pescar. Pesca-se, pesca-se, e esquece-se tudo o mais...

- Que há de novo? Explica-te lá.

Michka apertou-lhe a mãozinha ossuda na dele que cheirava a peixe, e sorriu cordialmente. A amizade que os unia era antiga.

- Ontem a Guarda-Vermelha foi batida perto de Migulínsskaia. Isto vai começar a sério, irmão... O caso vai ser soado!...

- Quê? E porquê perto de Migulínsskaia?

- Eles passavam pela aldeia, e os cossacos deram-lhe uma sova... Levaram para Kárguine uma quantidade de prisioneiros, e um tribunal marcial está já a trabalhar a toda a força. Hoje há mobilização. Vais ver que os sinos vão tocar esta manhã mesmo.

Michka amarrou o barco, deitou o peixe num bornal e partiu, a dar pontoadas com o remo no chão, de ságena em ságena. Valete trotava a par dele, como um poldro, passava-lhe adiante, a fechar incessantemente as abas do capote, de braços a dar a dar.

- Foi Ivane Alekcêievitch quem mo disse. Acabou há pedacinho de me render: o moinho trabalhou toda a noite. Há muito cereal a moer. Foi pelo patrão que ele o soube. Um oficial veio de Viochénsskaia visitar Mokhov.

- E agora? - Uma sombra de perturbação toldou a face de Michka, que os anos de guerra tinham amadurecido e emagrecido. Deitou a Valete uma olhadela de viés, e repetiu:

- E agora?

- Temos de sair da aldeia.

- Para ir para onde?

- Para Kaménsskaia.

- Mas lá estão os cossacos.

- Mais para a esquerda.

- Mas para onde?

- Para Oblívi.

- Como é que havemos de lá chegar?

- Se quisermos chegar, chegamos! Se não queres, fica cá, que os diabos te levem e te protejam! - E Valete, subitamente, riu-se. «Como? Para onde?» E por acaso eu sei? Em a coisa aquecendo, tu encontrarás o caminho, de qualquer maneira!

- Não te zangues. Que ganhas tu em te zangares? E o Ivane que te disse?

- O Ivane, para o fazer dar um passo...

- Mais baixo... Está uma mulher a olhar para nós.

Miraram de esguelha, com ar desconfiado, uma mulher nova, a nora de Avdêitch, a quem chamavam o Mentiroso, que ia para o campo com as vacas. Na primeira encruzilhada, Michka deu meia volta.

- Onde vais tu? - perguntou Valete surpreendido.

Sem se virar, Michka rosou:

- Vou recolher as nassas.

- Para quê?

- Para não se perderem.

- Então vamos? - exultou Valete.

Michka agitou o remo e bradou-lhe de longe:

- Vai a casa de Ivane Alekcêievitch, enquanto eu recolho as nassas. Já lá vou ter.

Ivane Alekcêievitch avisara já alguns amigos. O filho dele tinha ido a casa dos Melekhoves, e trouxera com ele Grigóri. Khrisstónia aparecera espontaneamente, como se lhe tivesse cheirado a desgraça. Michka não tardou em chegar, e a conversa principiou. Todos falavam ao mesmo tempo, apressadamente, à espera que os sinos soassem de um momento para o outro.

- Temos de nos ir imediatamente! A altura de nos raspamos é agora! - afirmou Valete, muito excitado.

- Mas por que razão, afinal, é que devemos partir? - observou Khrisstónia.

- Ora essa! Vai haver mobilização. E cuidas tu que depois nos escapamos?

- Eu não apareço, e acabou-se.

- Vêm-te eles buscar!

- Mais devagar! Eu não sou nenhum vitelo, que me deixe levar por uma corda.

Ivane Alekcêievitch, que tinha mandado a sua mulher zarolha sair de casa, rosnou, colérico:

- Quanto a virem-te buscar, podes ter a certeza que vêm... O Valete tem razão. Simplesmente, para onde havemos de ir? O problema é esse.

- Foi isso mesmo o que eu disse - suspirou Michka.

- Enfim, que é que vocês cuidam? Que eu estou mais apressado que vocês? Vou sozinho. Não preciso de companhias destas. «E como é, e por que motivo, e para quê?...» Vocês vão ver, quando lhes deitarem as unhas, e os meterem na prisão como bolcheviques!... Querem brincar? Numa altura destas!.. Vocês verão como o diabo as arma!

Com expressão concentrada e uma espécie de tranquila irritação, Grigóri dava voltas entre os dedos a um prego ferrugento que arrancara da parede. com frieza interrompeu Valete:

- Não fales tanto! Para ti não é o mesmo que para nós: não tens nada nem à frente nem atrás de ti, e abalas quando te apetecer. Mas nós precisamos de reflectir. Eu tenho mulher e dois filhos... O cheiro da pólvora conheço-o melhor que tu! - Os olhos pretos luziram-lhe de súbito, de modo ruim; e gritou, pondo à mostra os dentes cerrados de carnívoro. - Gasta o cuspo que entendas... Valete eras, Valete continuas! Não tens mais senão a roupa que trazes...

- Para que estás tu a piar? Queres mostrar que és oficial? Não berres! Vai à merda! - exclamou Valete.

O focinho de ouriço enlivedeceu-lhe, os olhinhos ruins, que ele tinha muito próximos, não paravam de se lhe mover, o olhar dele tinha uma expressão penetrante e selvática e até a lâ cinzenta das faces lhe parecia mexer.

Grigóri havia descarregado sobre ele a cólera que sentia, da sua tranquilidade quebrada, da comoção sentida ao saber por Ivane Alekcêievitch da intrusão de guardas-vermelhos na região. com a réplica de Valete ficou furioso de todo. Levantou-se de um salto, como se o tivessem agredido, precipitou-se contra Valete, que se agitava no seu banco, e disse-lhe, a custo sustendo a mão desejosa de bater.

- Cala-te, safado! Ranhoso. Aborto! Desde quando mandas tu aqui? Põe-te a andar e não tornes cá. Põe-te a andar, que cheiras mal. E cala-te, ou vais ver como eu me despeço de ti...

- Deixa-o, Grigóri! Vê o que fazes! - interveio Michka, que lhe afastou o punho do nariz franzido de Valete.

- O que tu devias era perder esses hábitos cossacos... Não tens vergonha?... É uma vergonha, Melekhov! Uma vergonha!

Valete ergueu-se e dirigiu-se para a porta, a tossir, com ar confuso. Ao ir transpô-la, não se conteve sem se voltar para trás, e atirar a Grigóri, que sorria, com ar maldoso:

- E estava isto na Guarda-Vermelha!... Um polícia!... Fuzilámos muitos tipos assim!

Grigóri perdeu completamente a cabeça com isto: empurrou Valete para a casa de entrada, apoiando os pés nos tacões das suas botas velhas de militar, e ameaçou-o com voz cheia de ódio:

- Raspa-te, ou arranco-te as pernas!

- Mas que raio de coisa é esta? Vocês são garotos, ou quê?

Ivane Alekcêievitch abanou a cabeça em atitude desaprovadora e deitou a Grigóri uma olhadela hostil.

Michka mordida os lábios, sem articular palavra: era visível o esforço que fazia para sufocar as palavras severas que lhe estavam a querer sair da boca.

- Porque se mete ele onde não é chamado? Porque se irritou ele desta maneira? - disse Grigóri para se justificar, não sem atrapalhação. - E como Khristónia olhasse para ele com simpatia, Grigóri sorriu-lhe, com simplicidade, infantilmente.

- Por pouco não lhe bati!... Também não era grande habilidade! Um murro, e estava liquidado!

- Mas que decidem vocês? É preciso decidir o que se há-de fazer.

Ivane Alekcêievitch sentiu-se comprometido sob o olhar insistente de Michka Kochevói, que acabara de dizer isto, e respondeu a custo:

- Que queres tu, Mikhail?... Grigóri tem uma certa razão: não podemos abalar de qualquer forma. Temos família... Tens de compreender... - acrescentou rapidamente, ao notar o movimento de impaciência de Michka. - Talvez não haja nada... Como é que

havemos de o saber? Bateram-nos em Setrakov; é possível que os outros se acomodem... Basta-nos esperar um pedacinho, para vermos mais claro. De resto, também eu tenho mulher e um filho, que não têm nada que vestir, nem farinha que comer... Como é lá isso? Fazer a trouxa e partir? E quem olhava por eles?

Michka teve um movimento arreliado das sobranceiras e fitou os olhos no chão de terra batida.

- Vocês não querem então ir?

- Eu prefiro esperar. Para partir, a todo o tempo é tempo... E vocês que pensam, tu, Grigóri, e tu, Khrisstónia?

- Eu acho que... esperar.

Sentindo um apoio inesperado em Ivane Alekcêievitch e em Khrisstónia, Grigóri animou-se:

- É o que eu digo, está claro; e foi por isso que me arreliei com o Valet. Isto não é como deitar uma árvore abaixo, ou é? Uma, duas, e já está!... Temos de pensar bem... de pensar. É a minha opinião.

Tlão-tlão-tlão-tlão!... O barulho dos sinos invadiu a praça, as ruas, os becos, rolou sobre a superfície lisa e castanha das águas da cheia, sobre os promontórios de cré, ainda húmidos, da colina, dispersou-se na floresta, em ruídos menores, como lentilhas, e findou num gemido. E logo recomeçou, insistente, o seu toque a rebate: tlão-tlão-tlão-tlão!...

- Pronto, estão-nos a chamar! - comentou Khrisstónia, cujos olhos piscavam sem cessar. - Eu meto-me num barco e passo para o outro lado, para a floresta. Depois, que me agarrem!...

- Que fazemos, então? - inquiriu Michka, levantando-se pesadamente, como um velho.

- Nós não partimos já - respondeu Grigóri por todos os outros.

Mais uma vez Michka moveu as sobranceiras, sacudi para trás a sua poupa densa e doirada, toda em anéis.

- Adeus!... Pelo que vejo, os nossos caminhos separaram-se.

Ivane Alekcêievitch teve um sorriso conciliador:

- Tu és novo, Michka, e fogoso... Cuidas que os nossos caminhos nunca mais se encontrarão. Hão-de encontrar-se! Podes ter a certeza disso!...

Michka despediu-se deles e foi-se embora. Atravessou o pátio, e dele passou para a eira do vizinho. Como se soubesse que Michka passaria por ali, Valet acocorara-se à beira de um fosso; pôs-se de pé e foi ao encontro dele.

- Então?

- Recusaram-se.

- Eu já sabia. São uns fracos... Quanto a Grichka... é um bandalho, o teu camarada! Nem ele próprio é capaz de gostar de si mais que uma vez por ano! Vexou-me, o malandro! Tem a sorte de ser mais forte que eu... e de eu não ter ali a minha carabina... Tinha-o morto... rematou em voz de cana rachada.

Michka, que avançava ao lado dele, mirou-lhe a grenha eriçada e pensou: «E é o que tinha feito, o furão!»

Iam apressados. Cada badalada que soava era neles como uma chicotada.

- Vamos passar pela minha casa, para arranjar provisões, e ala! Vamos a pé. Deixo cá o cavalo. E tu levas alguma coisa?

- Eu trago tudo comigo - disse Valete, com um sorriso torcido. - Não tenho palácios nem domínios... Ficam-me cá quinze dias de salário, e é tudo. O gordo do Serguei Platónovitch é que se vai lambar. Todo ele se há-de rebolar de gozo, de eu não aparecer a buscar o que é meu.

Calou-se o rebato. Nada agora quebrava o silêncio matinal, ainda enviscado de sono. As galinhas escarafunchavam na cinza, à borda da estrada; vitelos atulhados de erva nova vagueavam ao longo das sebes. Michka voltou-se: os homens açodavam-se em direcção à praça do mercado. Alguns iam a abotoar as fardas, enquanto andavam. Um cavaleiro atravessou a praça, num relâmpago. A multidão acumulava-se em frente da escola; as saias e os lenços de cabeça das mulheres contrastavam com o preto dos uniformes cossacos.

Uma mulher com duas selhas nas mãos parou, para não passar por diante deles, e disse-lhes com mau-humor:

- Passem, se não querem que eu lhes cruze o caminho. (*É superstição que cruzar o caminho alheio dá azar*)

Michka cumprimentou-a; e ela, com um sorriso a luzir-lhe por sob as sobrancelhas espessas, lançou-lhe:

- Os homens estão-se a encaminhar para a praça, e tu vens de lá? Porque não vais para lá. Mikhail?

- Tenho que fazer em casa.

Chegaram ao beco. Via-se o telhado da casinha de Michka, com o seu pombal, que o vento batia, fazendo baloiçar o ramo seco de cerejeira dele pendente. As velas do moinho giravam sem força ao alto da colina, e tiras rasgadas delas agitavam-se, do mesmo modo que um pedaço de chapa despegado ao telhado pontiagudo.

A luz do sol era pálida mas quente. Uma brisa fresca soprava do lado do Don. À esquina da rua, no pátio de Arkhip Bogatíriov, velho alto, com o seu ar de velho-crente,

antigo artilheiro da Guarda, as mulheres barravam de greda e caiavam, para a Páscoa, uma grande cabana redonda. Uma delas amassava a greda com esterco. Ia e vinha, à roda, de saia toda arregaçada levantando com dificuldade as pernas de pantorrilhas carnudas, em que se notavam as marcas vermelhas das ligas. Segurava a saia com as mãos; as ligas, que tinham subido para cima dos joelhos, mergulhavam-lhe profundamente na carne.

Era uma mulher galante: embora o sol ainda estivesse baixo, um lenço protegia-lhe a cabeça. As duas outras mulheres, as noras de Arkhip, ao alto de escadas, caiavam as paredes, abaixo do telhado cuidadosamente coberto de caniços cortados junto à raiz. De antebraços nus até ao cotovelo, manejavam os seus pincéis de fibra, e pinguinhos brancos salpicavam-lhes as caras tapadas até aos olhos. Cantavam as três em coro, de vozes muito afinadas. A mais velha, Maria, que era viúva e andava abertamente atrás de Michka, bonita mulher, apesar das sardas, era quem comandava o canto com a sua voz grave, célebre na aldeia, cheia e forte, quase masculina:

- Ninguém sofre como ele...

As outras duas secundavam-na e as três vozes iam tecendo a canção ingénua e lamentosa, a amarga canção da mulher:

Como o meu querido na guerra.

Quando o seu canhão carrega,

É em mim que pensa sempre.

Michka e Valete caminhavam ao longo das sebes, atentos à continuação da canção que um relincho modulado, no prado, interrompera.

Uma carta me chegou, a dizer-me

Que o meu querido está morto.

Morreu, morreu o meu querido,

E sob um arbusto repousa...

Maria virou-se, de olhos cinzentos e ardentes a luzirem-lhe por sob o lenço, olhou Michka e sorriu, com a face radiante toda salpicada de pintinhas brancas. E cantou, com a sua voz de peito, vibrante de amor:

O cabelo loiro dele

O vento o despenteou,

*E os olhos, como dois poços,
Um corvo preto os comeu.*

Afectuoso como era sempre com as mulheres, Michka sorriu-lhe também, e disse a Pelágueia, a filha de Arkhip, que era a que amassava a greda.

- Arregaça mais a saia, que não vejo bem tudo. Ela piscou os olhos:

- Se quisesses, vias.

Empoleirada na sua escada, de mãos nos quadris, Maria deitou uma olhadela à roda e atirou, arrastando a voz:

- Onde vens tu, querido?

- Fui à pesca.

- Não te vás embora. Vem ao armazém.

- Cuidado com o teu sogro, desavergonhada!

Maria deu um estalo com a língua, e, a rir às escâncaras, sacudiu sobre Michka o pincel embebido em cal. E no dólman e no boné dele caíram gotas brancas.

- Podias ao menos ceder-nos o Valete. Ajudava-nos a arranjar a cabana! - gritou a outra nora de Arkhip, com um sorriso que lhe pôs à mostra uma fiada de dentes brancos como açúcar.

Maria disse o que quer que fosse a meia voz; e as três mulheres desataram às gargalhadas.

- Cadela aluada! - proferiu Valete, carregando os sobrolhos, e apertando o passo.

Com um sorriso terno e langoroso, Michka corrigiu-o:

- Aluada, não; só alegre. Vou-me, e deixo a amiga. - Abriu a portinha do pátio da sua própria casa, e de si para consigo pensou, como na canção: «Perdão e adeus, tormento meu.»

XXIII

Depois da partida de Michka, os companheiros conservaram-se um bocado calados. Os sinos, tocando a rebate, reboavam por sobre a aldeia, fazendo tremer as vidraças da casa. Ivane Alekcêievitch olhava da janela. O armazém projectava no chão uma sombra matinal e ténue. A erva crespa estremecia sob a geada. Mesmo através da vidraça, o céu era de um azul profundo. Ivane Alekcêievitch fitou Khrisstónia, que estava cabisbaixo.

- Talvez isto fique por aqui. Eles foram batidos em Mingulínsskaia; não tornarão a aparecer.

- Na!... - E um frémito percorreu Grigóri da cabeça aos pés. - Agora é que começou! Vamos até à praça?

Ivane Alekcêievitch pegou no boné e perguntou, atormentado de dúvidas:

- Mas, rapazes, não estaremos nós enferrujados? O Mikhail é desinquieto, mas é um rapaz de juízo... E as censuras que ele nos fez...

Nenhum dos outros lhe retorquiu. Saíram todos em silêncio, e desandaram para a praça.

Pelo caminho, Alekcêievitch olhava pensativo o chão. Sentia-se apoquentado, porque tinha violentado a própria consciência, não agindo como ela lho ditava. A razão tinham-na Valete e Michka: era necessário partir, e sem hesitação. As justificações que para si próprio arranjara para o que havia feito eram de pouco peso, e uma voz trocista e sensata desfazia-as no seu íntimo, como um cavalo desfaz com os cascos a camada delgada de gelo de uma poça. Em última análise, resolveu com firmeza passar-se para os bolcheviques na primeira ocasião, e tal resolução foi nele amadurecendo à medida que avançava; mas dela não deu conta nem a Grigóri nem a Khrisstónia, por confusamente se aperceber de que o sentir deles era diferente, e já deles desconfiando. Todos os três haviam rejeitado a proposta de Valete e se tinham recusado a partir, invocando a família que tinham, quando o certo é que todos eles sabiam que esse pretexto não era convincente, nem podia servir de justificação. Agora, todos eles se sentiam encavacados perante os outros, como se tivessem cometido qualquer acto feio e vergonhoso. Iam calados. Mas em frente da casa de Mokhov, incapaz de suportar por mais tempo aquele silêncio pesado, Ivane Alekcêievitch disse, em tom de recriminação para si próprio e para os outros:

- Temos de reconhecer isto: ao voltarmos da frente, éramos bolcheviques; e agora só no que pensamos é em nos acachaparmos. Os outros que façam a guerra por nós; nós ficamos com as nossas mulheres...

- Cá por mim, já fiz a guerra; nesta altura, que a façam os outros - lançou Grigóri, virando-se.

- Ora essa! Então eles comportam-se como bandidos, e nós havemos de ter de os acompanhar? Raio de Guarda-Vermelha! Violam as mulheres, roubam o que é dos outros! É preciso saber-se o que se faz. Quem é cego esbarra em tudo.

- Tu viste tudo isso, Khrisstónia? - disse Ivane Alekcêievitch, irritado.

- É o que as pessoas dizem.

- Aah!... As pessoas...

- Agora, caluda! Podem-nos ouvir.

A praça estava toda florida de faixas e de bonés vermelhos. Aqui e além, apareciam, como ilhotas, gorros coçados de pele preta. Toda a aldeia ali se encontrava. Exceptuavam-se as mulheres. Estavam os veteranos, os homens que haviam regressado da guerra, e os imediatamente mais novos. Nas primeiras filas estavam os mais idosos, apoiados às suas bengalas: juizes de honra, membros do conselho da igreja, curadores das escolas e o mordomo. Grigóri procurou com os olhos a barba prateada do pai. O velho Melekhov estava ao lado do compadre Mirone Grigórievitch Korchunov. O avô Grichaka estava à frente deles, de uniforme de parada, com todas as suas condecorações, dobrado sobre um bordão nodoso. Ao outro lado de Mirone Grigórievitch, Grigório viu Avdêitch, por alcunha o Mentiroso, com a sua cara vermelha como uma maçã, Matvêi Kachúline, Arkhip Bogatíriov e Atiópine-Tsatsa, com um boné cossaco; mais adiante, em hemicírculo, uma enfiada de caras conhecidas: Égor Siníline, o Barbudo, Iakov-Ferradura, Andréi Kachúline, Nikolai Kochevói, Bortchok, alto como um ulmeiro, Anikuchka, Martine Chamil, Gromov, o moleiro das pernas altas, Iakov Kolovêidine, Merkulov, Fédote Bodóvsskov, Ivane Tomíline, Epifane Makssáiev, Zakhar Koriolov, e Antip, o filho de Avdêitch-o-Mentiroso, rapaz de nariz em sela. Ao atravessar a praça, Grigóri avistou o irmão Petro do outro lado da assembleia. Petro, em camisa, com as fitas pretas e cor de laranja das suas cruzes de São Jorge, gracejava com Alekcêi Chamil, o maneta. À sua esquerda, Grigóri viu luzir os ombros de Mitka Korchunov, a acender um cigarro no de Prokhor Zikov. Este ajudava-o, rebolando os olhos de vitelo, e soprava, para avivar o lume, de boca em cu de galinha. Atrás dele, comprimiam-se alguns jovens cossacos; no meio da multidão, Nazar, o presidente da Comissão Revolucionária da aldeia, estava sentado por trás de uma mesinha vacilante, cujos pés mergulhavam na terra insegura e húmida; de pé ao lado dele, Grigóri

reparou num tenente, que não conhecia, de boné cinzento-esverdeado, com o seu distintivo, dólman com dragonas, e um calção de montar, apertado e cor de caqui, que se apoiava à mesa com uma das mãos. O presidente da Comissão Revolucionária dizia-lhe, com expressão atrapalhada, o que quer que fosse; levemente flectido ao lado, com uma grande orelha inclinada para a barba dele, o tenente escutava-o.

Enchia a praça um ruído doce de colmeia. Os cossacos discutiam, gracejavam, mas as faces deles eram graves. Não podendo mais suportar aquela demora, um deles bradou, em voz quase de garoto:

- Vamos a começar! De que se está à espera? Está aqui quase toda a gente!

O oficial endireitou-se, com grande à-vontade, tirou o boné, e principiou, com toda a simplicidade, como se estivesse em família:

- Senhores veteranos, e os outros que estiveram na guerra, todos sabem o que se passou na aldeia de Setrakov?

- Quem é este? Onde veio ele? - rosnou Khrisstónia.

- É de Viochénsskaia. Veio de Tchórnaia-Retchka. Acho eu que se chama Soldátov...
- elucidou uma voz.

- Um destes dias, um destacamento da Guarda-Vermelha chegou a Setrakov - prosseguiu o tenente. - Os senhores sabem que os alemães ocuparam a Ucrânia; continuando na sua progressão, repeliram os guardas-vermelhos para a Região do Exército do Don, do outro lado do caminho-de-ferro. Então, os guardas-vermelhos decidiram passar pelo território de Migulínsskaia. Ocuparam Setrakov e desataram a pilhar os bens dos cossacos, a violar as mulheres, a fazer prisões ilegais, e tudo o mais. Quando as aldeias próximas souberam o que se passava, os cossacos atacaram os pilhos de armas na mão. Metade do destacamento foi destruída, a outra metade feita prisioneira. Os homens de Migulínsskaia apoderaram-se de riquíssimos despojos. As stanitsas de Migulínsskaia e de Kazánsskaia sacudiram o jugo dos bolcheviques. Os cossacos, novos e velhos, levantaram-se para defender o Don tranquilo. Em Viochénsskaia, a Comissão Revolucionária foi expulsa e elegeu-se um atamane da stanitsa; o mesmo sucedeu na maioria das aldeias. - Neste momento do discurso, ergueu-se um rumor surdo do grupo dos veteranos. - Por toda a parte se formaram destacamentos. Também os senhores devem formar um, com os que estiveram na guerra, para proteger a stanitsa de uma nova incursão das hordas selváticas dos pilhos. Devemos reconstruir a nossa própria administração. Não queremos cá o regime vermelho, que só trás a desordem, e não a liberdade. Não consentiremos que os mujiques desonrem as nossas mulheres e as nossas irmãs, que injuriem a nossa fé

ortodoxa, que profanem as nossas santas igrejas, que roubem o que é nosso... Não é assim, senhores veteranos?

Na praça, reboou um unânime «muito bem!». O tenente pôs-se a ler uma proclamação policopiada. Deixando os seus papéis em cima da mesa, o presidente raspou-se. A multidão escutava, sem perder uma palavra. Nas últimas filas, os homens, chegados havia pouco da frente conversavam em voz baixa.

Mal o oficial principiara a ler, Grigóri havia saído dali, e vagarosamente se dirigira para casa, cortando pela esquina da casa do padre Vissarione. Mirone Grigórievitch, ao vê-lo abalar, deu uma cotovelada em Pantelei Prokófievitch:

- O teu filho mais novo vai-se embora. Estás a ver?

Pantelei Prokófievitch saiu a coxear do meio da multidão, e em voz a par autoritária e suplicante chamou:

- Grigóri!

Este estacou, voltou-se a um lado, mas sem olhar à retaguarda.

- Vem cá, filho!

- Porque abalas tu? Volta para trás! - gritaram outras vozes; e um paredão de faces virou-se para Grigóri.

- E ainda por cima oficial!

- Tem pouco de que se orgulhar!

- Andou de gorra com eles.

- Bebedor de sangue cossaco!...

- É um vermelho!

Grigóri ouvia aquilo, de dentes cerrados e visivelmente lutando consigo próprio; um minuto mais, e ir-se-ia sem olhar para trás.

Pantelei Prokófievitch e Petro suspiraram de alívio quando viram Grigóri hesitar e tornar para o meio da multidão, sem erguer os olhos.

Os velhos da aldeia foram os reis do dia. Mirone Grigórievitch Korchunov foi eleito atamane, com incrível rapidez. Saiu do seu lugar e avançou para o centro do círculo, de sardas cinzentas na face branca; e, muito impressionado, recebeu das mãos do atamane anterior o bastão com ponta de cobre, símbolo do poder. Até então nunca havia sido atamane; quando pensavam em o eleger, começava por apresentar objecções, e recusava pretextando a sua ignorância e o não ser digno de tal honra. Desta vez, porém, os velhos encorajaram-no, bradando-lhe:

- Aceita o bastão! Não recuses, Korchunov!

- És o nosso principal proprietário.

- Não esbanjarás os bens da aldeia.
- Vê lá, não bebas o que é nosso, como o Semione.
- Ora!... Há-de fazer como os outros.
- Com a herdade dele, tem com que nos reembolsar.
- Tosquiávamo-lo como um carneiro!...

Esta eleição imperiosa, esta situação à beira da guerra era tão extraordinária, que Mirone Grigórievitch aceitou, sem se fazer rogar muito. Não se procedeu como habitualmente. Em princípio, o atamane da stanitsa estava presente, convocavam-se os eleitores, e os nomes dos candidatos eram postos à votação; desta vez, tudo foi simples e rapidíssimo: «Os que votam em Korchunov passem para a direita!» E a multidão inteira deslocou-se para a direita, com excepção do sapateiro Zinóvi, que não gostava de Mirone Grigórievitch e ficou sozinho, imóvel onde estava, no meio da praça, como um tronco de árvore calcinado num prado.

Antes que Mirone Grigórievitch tivesse compreendido o que se passara, meteram-lhe o bastão nas mãos, e ouviu muitas vozes berrarem, umas distantes, outras mesmo junto aos ouvidos dele.

- Deves-nos uma rodada!
- Toda a gente votou em ti! .
- Tem de se regar isto!
- Vamos levantar o atamane em peso!

O tenente interrompeu a berrata e habilmente conseguiu que a assembleia passasse à resolução dos problemas práticos. Apresentou a questão da eleição do comandante do destacamento, e, por certo por ter ouvido falar de Grigóri em Viochénsskaia, disse, para o lisonjear e lisonjear a aldeia:

- Seria bom que o comandante do vosso destacamento fosse um oficial. Isso é uma garantia de um máximo de êxito e de um mínimo de perdas nos combates. Heróis nesta aldeia não faltam. Não quero impor-lhes a minha vontade, cossacos, mas, por mim, recomendo-lhes o tenente Melekhov.

- Qual deles?
- Eles são dois.

O oficial relanceou a multidão com o olhar, e parou-o na última fila, em Grigóri, que estava de cabeça baixa. E a sorrir atirou:

- Grigóri Melekhov!... Que dizem vocês, cossacos?
- Que seja em boa hora!
- Eu estou de acordo!

- Grigóri Pantelêievitch! Rapaz de uma canal!

- Vem aqui para o meio de nós! Vem cá!

- Os anciões querem-te ver!

Empurrado pelas costas, Grigóri avançou para o centro da assembleia, muito vermelho e a olhar à roda, como um bicho acoissado.

- Comanda os nossos rapazes! - proferiu Matvei Kachúline, batendo no chão com a bengala, depois do quê se benzeu. - Comanda-os, que eles serão à tua roda como um bando de patas à roda de um pato. Como o pato guarda as patas, e as defende dos homens e das aves de rapina, assim tu os guardarás. E vê lá se ganhas mais quatro cruces. Deus te salve!

- Pantelei Prokófievitch, aquilo é que é um filho!...

- É uma cabeça de oiro! Tem qualquer coisa lá dentro, o animal!

- Diabo coxo, oferece-nos ao menos de beber!

- Ah-ah-ah!... Temos de regar o acontecimento!

- Senhores anciões! Silêncio! Talvez se possam designar duas ou três classes, em vez de se recorrer aos voluntários. Voluntários haverá ou não...

- Três classes!

- Cinco!

- São precisos voluntários!

- Vai tu! Quem é que te agarra?

Quatro velhos do alto da aldeia avançaram para o tenente, que estava a conversar com o novo atamane. Um deles, um velhinho desdentado a quem chamavam o Cogumelo, era conhecido como um demandista inveterado. De tantas vezes ir ao tribunal, a égua branca que tinha acabara por aprender o caminho, e bastava-lhe a ele, em estando bêbedo, atirar-se para dentro do carro e gritar na sua voz de falsete: «Vamos ao tribunal!», para ela por si própria se dirigir para a stanitsa... De boné na mão, acercou-se do tenente. Os outros três, um dos quais era Guerassime Boldírev, grande proprietário rural que todos estimavam, ficaram para trás. O Cogumelo, que entre outros talentos tinha o de falar bem, principiou:

- Vossa Nobreza!

- Que desejam, senhores anciões? - replicou o tenente, inclinando-se com amabilidade, e estendendo para eles uma grande orelha carnuda de lobo.

- Vossa Nobreza não está com certeza muito bem informado acerca do homem que nos indicou para comandante do nosso destacamento. Nós, que somos velhos, protestamos contra a sua decisão, e somos competentes para isso. Recusamo-lo.

- Recusam porquê? Mas que há, então?

- Recusamo-lo, porque não podemos ter confiança num homem que serviu na Guarda-Vermelha como comandante de unidade e que voltou apenas há dois meses, por estar ferido.

O tenente corou. Do afluxo do sangue, as orelhas dele pareciam inchadas.

- Não pode ser! Nunca ouvi falar disso... Ninguém me disse nada nunca a esse respeito...

- A verdade é que estive com os bolcheviques - confirmou gravemente Guerassime Boldírev. - Nós não temos confiança nele.

- É preciso substituí-lo. Sabe o que dizem dele os cossacos novos? «No primeiro combate, trai-nos.» Aí está o que eles dizem!

- Senhores anciães! - bradou o tenente, erguido na ponta dos pés, e dirigindo-se aos velhos, que deitavam olhadelas maliciosas aos homens que haviam estado na guerra. - Senhores anciães! Elegemos para comandante do destacamento Grigóri Melekhov; mas não haverá para isso qualquer impedimento? Acabam de me declarar que neste Inverno estava ele na Guarda-Vermelha. Os senhores são capazes de lhe confiar os filhos e os netos? E vocês, irmãos da frente, seguirão de coração sossegado um chefe como este?

Os cossacos, atordoados, calavam-se. Mas, de súbito, levantou-se um clamor, feito de gritos e de exclamações, em que não se conseguia perceber uma palavra. Ao fazer-se de novo silêncio, depois das vociferações, um velho de sobrancelhas espessas, Bogatíriov, avançou para o meio da multidão; cumprimentou a assembleia, tirando o boné, e olhou em torno.

- Com a minha modesta cabeça, penso que não devemos confiar esse posto a Grigóri Pantelêievitch. Essa falta cometeu ele, de que nós todos ouvimos falar. Ele que ganhe a nossa confiança, que resgate o seu erro, e depois se verá. Lá soldado sabemos nós que é bom... Mas o nevoeiro pode esconder o Sol: não podemos ver bem os méritos que ele tem, porque o tempo que estive com os bolcheviques os esconde aos nossos olhos.

- Ele que sirva mas é como simples cossaco! - lançou o jovem Andrei Kachúline, com calor.

- Petro Melekhov, para comandante do destacamento!

- Para as fileiras, Grichka!

- Olhem do que a gente escapou!

- Mas eu não lhes pedi nada! Eu não preciso de vocês! - berrou Grigóri de uma das últimas filas, vermelho de comoção. E, agitando os braços, repetiu: - Eu é que não quero. Vão para o diabo! Não preciso de vocês!

Enfiou as mãos nos bolsos fundos das calças largas e abalou, de dorso curvado, em passo pentalta.

Atrás dele gritava-se:

- Eh, lá! Não te excedas!

- Não arrebitas tanto o nariz adunco, desavergonhado!

- Oh-oh!

- É o sangue turco que te ferve.

- Tem sempre uma resposta para dar! Pois se até aos oficiais, na frente, ele respondia!

Queriam vocês que aqui...

- Volta cá!

- Ah-ah-ah-ah!...

- Agarrem-no! Ah! Vamos a isso! À côa, à côa!

- Mas porque perdem vocês tempo com ele? Ao tribunal é que o devemos levar!

O sossego tardou em se restabelecer. No ardor das discussões, haviam-se trocado sopapos: um homem sangrava do nariz, e a outro, um jovem, aparecera-lhe do pé para a mão um alto num olho. Uma vez tudo serenado, procedeu-se à eleição de outro comandante do destacamento. A escolha recaiu em Petro Melekhov, que enrubescou de vaidade. Naquele momento, o tenente, como um cavalo fogoso contra uma sebe demasiado alta, esbarrou num obstáculo imprevisto: nenhum voluntário se resolvia a inscrever-se. Os cossacos recentemente chegados da frente, que se haviam mantido numa prudente reserva perante tudo o que se passara, hesitavam, não queriam inscrever-se, e respondiam com brincadeiras:

- Então, Anikei, não te inscreves?

- Sou muito novo ainda... Não vês que não tenho bigode?... - lamuriou Anikuchka.

- Não armes em parvo! Queres-nos cobrir de ridículo? - urrou-lhe o velho Kachúline a um ouvido.

Anikuchka fez um gesto como que para sacudir um mosquito:

- Inscreve o teu filho.

- Já está.

Prokhor Zikhov! bradou uma voz da mesa.

- Presente!

- Queres-te inscrever?

- Não sei...

- Inscrito!

Mitka Korchunov aproximou-se da mesa com expressão grave e disse simplesmente:

- Inscrevam-me lá.

- Não há mais voluntários?... Fédote Bodóvsskov... e tu?

- Eu tenho uma hérnia, senhores anciães...- murmurou Fédote em voz imperceptível, baixando com modéstia os olhos amendoados como os dos kalmuques.

Os combatentes romperam a rir, e, de mãos nas costelas, o cumularam de troças.

- Leva a tua mulher contigo!... Em a hérnia te saindo, ela que ta meta para dentro.

- Ah-ah-ah-ah!... - soava atrás dele, à mistura com tosses, enquanto os dentes brilhavam e os olhos risonhos luziam como azeite.

À outra ponta da assembleia, outro chasco se ergueu, como um melharuco:

- Levamos-te como cozinheiro. Se a sopa que fizeres for má, fazemos-ta emborcar até a hérnia te chegar ao chão.

- É da maneira que não poderás correr. Para uma retirada até convém.

Os anciães, indignados, ralhavam:

- Já chega! Já chega! Que lhes teria dado, para esta chacota?

- É mesmo altura de largar graçolas!

- Vocês não têm vergonha, rapazes? - censurou um deles, pretendendo chamá-los à ordem. - E Deus, ha? Deus não lhes perdoa isto. Há gente a morrer, e vocês... E Deus?

- Ivane Tomíline! - chamou o tenente; e olhou à roda.

- Eu sou artilheiro - replicou Tomíline.

- Queres-te inscrever? Nós também necessitamos de artilheiros.

- Está bem, inscrevo-me!

Zakhar Koriolov, Anikuchka e alguns outros chucharam-no:

- Fazemos-te um canhão com o tronco de um salgueiro.

- Carregamo-lo com abóbora, e metes-lhe batatas a servir de metralha.

No meio de risota e de troças, inscreveram-se sessenta homens. Khrisstónia foi o último a apresentar-se. Abeirou-se da mesa e articulou com lentidão:

- Pois também me inscrevo. Simplesmente, digo-o já, bater-me não me bato.

- Nesse caso, para que te inscreves? - inquiriu o tenente, com irritação.

- Para ver, meu tenente. Eu quero ver.

- Inscrevam-no lá - disse o tenente, encolhendo os ombros.

Era quase meio-dia quando dispersaram. Havia decidido acorrer logo no dia seguinte em auxílio da gente de Migulínsskaia.

No dia seguinte de manhã, dos sessenta voluntários reuniram-se apenas uns quarenta na praça. Petro, de capote e botas altas, muito elegante, passou em revista os seus cossacos. Alguns deles tinham cosido de novo nos ombros as patilhas azuis com o número do seu

antigo regimento, e outros apresentavam-se sem elas. As selas estavam sobrecarregadas de coisas, e a comida, a roupa branca, os cartuchos que eles haviam trazido da frente enchiam sacos e trouxas. Nem todos tinham carabina, mas quase todos possuíam uma arma branca.

As mulheres, as raparigas, os garotos, os velhos tinham vindo despedir-se deles. Caracolando no seu cavalo bem nutrido, Petro formou o seu meio esquadrão, considerou os cavalos de cores diversas e os cavaleiros, uns de capote, outros de uniforme sem ele, outros ainda de impermeável de pano grosso. Deu ordem de abalada.

O destacamentozinho subiu a encosta a passo, com os homens voltando-se com tristeza para trás, para a aldeia. Um qualquer da última fila deu um tiro para o ar. Chegado ao alto da colina, Petro enfiou as luvas, torceu o bigode loiro como o trigo, e colocando o cavalo de modo a que ele avançasse de esguelha, e até mesmo marcando passo sem avançar, gritou a sorrir, de boné na mão esquerda:

- Esqua-drão, atenção!... A trote!...

Os cossacos empinaram-se nos estribos, brandiram os chicotes e tomaram a trote. O vento anunciador de chuva batia-lhes nas caras, e fazia flutuar as caudas e as crinas dos cavalos. Todos desataram a conversar e a gracejar. Como o cavalo alto de Khrisstónia tivesse escorregado, o dono deu-lhe uma chicotada e largou um palavrão; o cavalo ergueu o pescoço, tomou o freio nos dentes e saiu da forma.

O bom humor conservou-se até à stanitsa de Karguínsskaia.

Os homens estavam persuadidos de que não haveria guerra, e de que o caso de Migulínsskaia havia sido uma incursão acidental dos bolcheviques em território cossaco.

XXIV

Chegou-se a Kárguine antes do anoitecer. Na stanitsa não havia um só combatente: tinham partido todos para Migulínsskaia. Petro mandou apeiar o seu destacamento na praça, em frente da loja do comerciante Levótchkine, e dirigiu-se para a residência do atamane. Assomou à porta a recebê-lo um oficial de grande estatura, forte corpulência e cor tisonada. Vestia uma camisa comprida e larga, sem platinas, apertada na cintura por um cinto de coiro do Cáucaso, e umas calças cossacas, de listras, metidas por dentro de meias brancas de lã. Um cachimbo pendia-lhe de uma das commissuras dos lábios delgados. Os olhos brilhantes dele olhavam de esguelha e com ar suspicaz. A fumar, de pé à entrada da porta, observava Petro, que se acercava. A sua figura maciça e as ondas de ferro do peito e dos braços, que lhe enfunavam a camisa, revelavam-lhe uma força descomum.

- É o senhor atamane da aldeia?

O oficial soltou de sob o bigode caído uma baforada de fumo, e respondeu em voz de barítono.

- Sou. Sou eu o atamane da aldeia. A quem tenho a honra de falar?

Petro disse o nome. Inclinando um pouco a cabeça, o atamane apertou-lhe a mão:

- Likhóvidov, Fiódor Dmítrievitch.

Fiódor Likhóvidov, cossaco da aldeia de Gussino-Likhovidóvsski não era um homem qualquer. Antigo aluno do Instituto Militar, depois de ter terminado os seus estudos, havia desaparecido por muito tempo. Alguns anos passados, regressara à aldeia e resolvera, com autorização das autoridades superiores, recrutar voluntários entre os homens livres do serviço activo. Reuniu uma centena de estoira-vergas na região da stanitsa de Karguínsskaia, tal como ela era então, e levou-os com ele para a Pérsia, onde se manteve um ano; o destacamento dele constituía a guarda pessoal do Xá. Durante a revolução persa, fugiu com este, dissolvido o destacamento, e reapareceu em Kárguine quase tão inopinadamente como da vez anterior; trazia com ele alguns dos homens, três puros-sangue árabes da coudelaria do Xá, e ricos despojos: tapetes preciosos, objectos raros, sedas de cores sumptuosas. Durante um mês entregou-se a uma pândega rasgada, semeou muitas moedas de ouro persas, e galopou de aldeia em aldeia no seu magnífico cavalo, branco como a neve, de pernas delgadas e pescoço de cisne; montado nele, subia os

degraus da loja de Levótkhine, sem se apegar pagava o que comprava, e saía por outra porta. E de novo, tão bruscamente como reaparecera, voltou a desaparecer, e com ele o seu companheiro inseparável e sua ordenança, Panteliúchka, o bailarino, de Gussino-Lukhovidóvski como ele, além dos cavalos e tudo o mais que havia trazido da Pérsia. Seis meses depois, a presença de Likhóvidov foi assinalada na Albânia. Os conhecidos dele receberam de Durazo bilhetes-postais ilustrados, representando paisagens azuis de montanhas, com selos estranhos. A seguir, dali passou para a Itália, percorreu os Balcãs, esteve na Roménia, na Europa Ocidental, e é de crer que tivesse ido até Espanha. Um véu de mistério cobria o nome de Likhóvidov. Acerca dele, corriam por todas as aldeias os rumores e as suposições mais diversas. com segurança, só se sabia que estava ligado aos meios monárquicos, que mantinha relações em Petrogrado com altos funcionários, e que ocupava uma posição de destaque na «União do Povo Russo» (*Organização monárquica, extremista e anti-semita, da Rússia tsarista*); quanto, porém, às missões por ele desempenhadas no estrangeiro, ninguém sabia nada.

Novamente de regresso, assentou arraiais em Penza, junto do governador-geral da região. Os amigos de Kárguine receberam então uma fotografia dele que por muito tempo os fez, de admiração, abanar a cabeça e dar estalidos com a língua. «Sim, senhores!» - «Vai em progresso, o Fiódor Dmítrievitch!» com quem ele se dá, ha!» com efeito, na fotografia, sorridente, com a sua tez morena e o seu nariz aquilino, que o faziam assemelhar a um sérvio, Fiódor Dmítrievitch estendia uma mão à mulher do governador, para a ajudar a subir para um landó. Por seu lado, o governador sorria-lhe com simpatia, como a um amigo; o cocheiro, de costas largas, empunhava as rédeas, como que a custo, de braços retesados; parecia que de um momento para o outro os cavalos iam partir e tomar o freio nos dentes. com uma das mãos, Likhóvidov tocava com elegância o gorro felpudo, e com a outra segurava, como se fosse uma xícara, um cotovelo da dama.

Após alguns anos de ausência, no fim do ano de 1917, Likhóvidov reapareceu em Kárguine, onde se fixou, na aparência para se demorar. Trazia com ele a mulher, uma ucraniana, ou uma polaca, e o filho; instalou-se numa casinha de quatro compartimentos, na praça, e nela passou o Inverno a meditar misteriosos planos. Durante aquele Inverno, que foi excepcionalmente mau no Don, deixou as janelas escancaradas, para enrijarem, ele e a família, com grande pasmo de toda a gente.

Na Primavera de 1918, a seguir aos acontecimentos de Setrakov, foi eleito atamane. Foi então que ele mostrou a vastidão das suas aptidões. com a eleição dele, a stanitsa caiu em mãos tão duras que, ao cabo de uma semana, os próprios velhos torciam a venta. Também instruiu os seus cossacos, que durante os discursos que fazia na assembleia da stanitsa

(falava bem, posto como a Natureza lhe não regateara menos o espírito que a força física), os veteranos berravam como uma manada de toiros: «É assim mesmo, Vossa Honra. Apoiado!» Muito bem!»

O novo atamane governava com rudeza; foi a notícia da batalha de Setrakov chegar a Kárguine, e logo no dia seguinte todos os combatentes da stanitsa para lá partiam. De entrada, os não cossacos (que constituíam um terço da população) não tinham querido partir, e outros mais haviam protestado; mas na assembleia da stanitsa Likhóvidov triunfou: os anciãos assinaram um decreto, proposto por ele, de expulsão de todos os «mujiques» que não tomassem parte na defesa do Don. E, no dia seguinte, dezenas de vagons apinhados de soldados, cantando e tocando harmónio, dirigiram-se para Napolov, no território do burgo de Tchernétzkaia. Dentre os não cossacos, apenas alguns soldados jovens, comandados por Vassíli Storojenko, veterano do 1.º Regimento de Metralhadoras, se passaram para os guardas-vermelhos.

Pelo seu simples modo de andar, Likhóvidov havia reconhecido em Petro um oficial tarimbeiro. Não o convidou a entrar, e disse-lhe, em tom de familiaridade condescendente:

- Não, meu amigo, vocês não têm nada que fazer em Migulínsskaia. Fez-se tudo sem vocês. Recebemos ontem um telegrama. Voltem, pois, para a aldeia, e esperem por ordens. É preciso dar um abanão nos vossos cossacos. Uma aldeia grande como a vossa é, e dá só quarenta combatentes! É preciso ensinarem-se esses javardos! Trata-se da pele deles! Até à vista. Passe bem!

Reentrou em casa, deslocando com surpreendente ligeireza o corpo poderoso, e arrastando as solas das botas de cano baixo, muito simples. Tornado Petro para o meio da praça, os cossacos cumularam-no de perguntas:

- Então?

- Que há?

- Vamos para Migulínsskaia?

A sorrir, sem esconder a sua satisfação, Petro respondeu:

- Voltamos! Não precisaram de nós.

Os cossacos precipitaram-se direitos à sebe, e também eles sorriam ao desprender os cavalos. Khrisstónia emitiu mesmo um suspiro, como se se sentisse aliviado de um grande peso, e bateu num ombro de Tomíline.

- Cá voltamos nós para casa, artilheiro!

- As mulheres devem estar com saudades nossas. Abalamos já.

Trocadas opiniões, decidiram não passar ali a noite, e partirem sem tardança. Abandonaram a stanitsa sem formatura. Ao passo que tinham vindo de má vontade,

raramente metendo a trote, agora estimulavam os cavalos e iam rápidos. De vez em quando galopavam o seu pedaço; a terra endurecida pela falta de água ressoava surdamente sob os cascos dos cavalos. Do outro lado do Don, relâmpagos azuis quebravam-se por trás das cristas longínquas das colinas.

Chegaram à aldeia, era meia-noite. Quando iam a descer a colina, Anikuchka disparou a sua carabina austríaca, e depois deu-se uma salva, para anunciar a chegada do destacamento. Os cães responderam ladrando em toda a aldeia, e um dos cavalos, ao sentir a cavalaria próxima, soltou um relincho rouco e trémulo.

Os cavaleiros dispersaram-se pela aldeia.

Ao deixar Petro, Martine Chamil disse-lhe com um suspiro de alívio:

- Já chega. Isto assim é melhor.

Petro sorriu na escuridão e dirigiu-se para casa.

Foi Pantelei Prokófievitch quem apareceu, para lhe desselar o cavalo e levá-lo para a cavalaria. Entrou em casa ao mesmo tempo que Petro.

- Vocês já não se vão bater?

- Não.

- Deus seja louvado! Se nunca mais em tal coisa se falasse!

Daria levantou-se, toda quente da cama. Serviu de comer ao marido. Grigóri saiu do quarto, meio vestido; coçando o peito de pêlos pretos, perguntou ao irmão, franzindo os olhos com expressão trocista:

- Então, vocês venceram?

- O que eu vou é vencer o resto da sopa.

- Sempre é melhor que nada. A sopa não aguenta muito sobretudo se eu te der uma ajuda.

Até Sábado Santo não se falou mais em guerra; mas, nesse dia, chegou um estafeta a galope de Viochénskaja, deixou o cavalo coberto de espuma ao portão da propriedade de Korchunov, e precipitou-se em direcção à entrada da casa, de sabre a dar a dar.

- Que notícias há? - inquiriu Mirone Grigóievitch, à porta.

- Tenho de falar com o atamane. É o senhor?

- Sou.

- Convoque imediatamente os seus homens. Podtiólkov avança com os guardas-vermelhos pelo cantão de Nagolinsk. Está aqui a ordem.

Virou do avesso a dobra do boné, encharcada em suor, e dela tirou um sobrescrito.

Ao ouvir a conversa, o avô Grichka acercou-se, compondo os óculos no nariz; Mítka apareceu, vindo do pátio. Os três leram em conjunto a ordem do atamane do distrito.

Encostado à balaustrada ornamentada, o estafeta limpava a uma manga as manchas de poeira da cara queimada.

Os cossacos saíram da aldeia no dia de Páscoa, depois do jantar festivo. A ordem do general Alférov era terminante, e ameaçava de exclusão da qualidade de cossaco os que lhe desobedecessem. Por isso, não foram quarenta, como antes, mas cento e oito os que partiram contra Podtiólkov, e, entre eles, alguns velhos a quem abrasava o desejo de jogar as cristas com os vermelhos. Matvei Kachúline, com o seu nariz gelado, lá ia ao lado do filho. Avdêitch, o Mentiroso, pavoneava-se numa das primeiras filas, na sua égua ruim, e todo o caminho divertiu os outros com as suas histórias incríveis; também o velho Makssáiev lá ia, com mais outros de barba branca... Os jovens iam porque não podiam fazer outra coisa, e os velhos porque lhes apetecia.

Grigóri Melekhov formava na última fila, com o capuz do impermeável descido sobre o boné. Do céu nublado a chuva caía. As nuvens rolavam por sobre a estepe vicejante. Uma águia voava muito alto, mesmo por baixo das nuvens. Planava, batia de tempos a tempos as asas, punha-se ao direito do vento, deixava-se levar por ele, e derivava para leste, cada vez mais pequena, à medida que se afastava, com a luz acariciando-lhe o corpo castanho e baço.

A estepe era de um verde húmido. Tufos de artemísia do ano anterior, semelhantes a troços de terra arroteada, e antoninas vermelhas assomavam aqui e além, e um ou outro dólmen recortava-se, azulado, contra o fundo das colinas.

Ao descerem a encosta que levava a Kárguine, os cossacos encontraram um rapazito que levava os bois a pastar. Caminhava a agitar o chicote, e de pé ao léu. Vendo os cavaleiros, havia parado para os ver bem, a eles e aos cavalos, todos sujos, de cauda em nó.

- Onde és tu? - perguntou-lhe Tomíline.

De Kárguine respondeu com vivacidade o garoto, sorrindo por baixo da camisa com que cobria a cabeça.

- Os homens saíram de lá?

- Saíram. Foram escorraçar os guardas-vermelhos. Vocês não têm tabaco para eu fazer um cigarro? Ha, tio?

- Queres tabaco? - disse-lhe Grigóri, parando o cavalo.

O garoto aproximou-se dele. As calças arregaçadas estavam-lhe ensopadas, e as listras vermelhas brilhavam. Encarou com insolência Grigóri, que tirava a bolsinha do tabaco de uma algibeira, e disse-lhe, numa bela voz de tenor:

- Já a seguir, quando principiarem a descer, verão os mortos. Ontem, os nossos cossacos, que levavam os prisioneiros para Viochénsskaia, deixaram-nos estendidos ali...

Eu andava aqui ao lado a guardar os animais. Do alto do monte de areia, vi como os derrubaram à sabrada. Oh! Foi terrível! Quando eles ergueram os sabres, os outros desataram a berrar e a correr... Depois fui ver, olhei... Um tinha um ombro cortado, respirava muito depressa, e via-se-lhe o coração bater no meio do sangue, e o fígado dele era muito azul... Foi terrível! - repetiu ele, surpreendido de que os cossacos se não horrorizassem com a sua narrativa, ou, pelo menos, parecendo-lhe isso, perante as caras frias e impassíveis de Grigóri, de Khrisstónia e de Tomíline.

Pôs-se a fumar, passou uma mão pelo pescoço molhado do cavalo de Grigóri, disse: «Obrigadinho», e tornou para junto dos bois.

Os cadáveres dos guardas-vermelhos chacinados jaziam, levemente cobertos de lama, numa ravina pouco profunda, lavada pela água, ao lado da estrada. Os cossacos repararam numa cara azul-escura, que parecia vazada em estanho, com sangue coalhado nos lábios, e um pé negro que emergia de uma perna de umas calças azuis, acolchoadas.

- Podiam tê-los alinhado um pouco melhor... Súcia de malandros! - murmurou surdamente Khrisstónia, que de súbito chicoteou o cavalo e abalou a galope, para alcançar Grigóri no sopé da colina.

- Bom! Agora também há sangue na terra do Don - articulou Tomíline, de faces a tremerem-lhe num sorriso.

XXV

Buntchuk tinha com ele, como servente da metralhadora, um cossaco de Tatársski, Makcimka Griáznov. Makcimka tinha perdido o cavalo num combate contra o destacamento de Kutieпов, e desde então entregara-se inteiramente à bebida e ao jogo. Quando o cavalo lhe caiu morto debaixo dele, aquele cavalo de pêlo vermelho, do vermelho do pêlo dos bois, com uma listra prateada ao longo da espinha, tirou-lhe a sela e arrastou-a durante quatro verstás; vendo, porém, que assim não escaparia vivo à ofensiva dos brancos, guardou-lhe apenas o rico peitoral, mais o cantil, e resolveu licenciar-se. Mais tarde, reapareceu em Rostov, e não tardou que perdesse ao jogo o sabre de prata que tirara a um capitão cossaco morto pelas suas próprias mãos, bem como o que lhe restava dos arreios do cavalo, as calças e as botas de pele de cabrito, em termos de se apresentar nu ao grupo de Buntchuk. Este vestiu-o e aceitou-o. Talvez Makcimka se tivesse emendado, se não fosse uma bala que o atingiu na cabeça durante o combate que havia começado perto de Rostov: um dos seus olhos azuis esvaziou-se-lhe sobre a camisa e uma fonte de sangue jorrou-lhe da caixa craniana, aberta como uma lata de conservas. E foi como se Makcimka Griáznov, cossaco da stanitsa de Viochénskkaia, antigo ladrão de cavalos, e desde havia pouco beberão por desgosto, nunca tivesse existido à superfície da terra.

Buntchuk fitou-lhe o corpo estorcido pela agonia, e limpou-lhe cuidadosamente o sangue que espirrara do buraco da cabeça e salpicara o cano da metralhadora.

Urgia recuar. Buntchuk apoderou-se da metralhadora. Makcimka ficou ali, e começou a arrefecer sobre a terra ardente, expostas ao sol as costas tisonadas, porque, no momento de morrer, o sofrimento lhe fizera puxar a camisa para cima.

A secção de guardas-vermelhos, exclusivamente composta de soldados que tinham vindo da frente turca, entrincheirou-se no primeiro cruzamento de ruas. Um soldado careca, com um gorro de Inverno meio rasgado, ajudou Buntchuk a instalar a metralhadora, enquanto os outros construíram uma espécie de barricada na ruazinha.

- Agora, podem vir! - disse um barbudo, sorrindo e perscrutando o horizonte próximo, por detrás de uma colina.

- Vamos mas é varrê-los!

A um rapagão vigoroso que arrancava as estacas de uma paliçada, uma voz lançou:

- Força, Samara!

- Eles aí estão! Estão a aparecer! - gritou o careca, que havia trepado para o telhado de um armazém de vodka.

Ana estendeu-se ao lado de Buntchuk. Os guardas-vermelhos acachaparam-se por trás da sua trincheira provisória.

Naquele momento, à direita, uma dúzia de guardas-vermelhos passou a correr no beco próximo, como perdizes à orla de um campo, e desapareceu por detrás de uma casa de esquina. Um deles ainda teve tempo de gritar:

- Eles avançam a galope! Atirem!

Instantaneamente, o cruzamento das ruas ficou deserto e silencioso; ao fim de um minuto, surgiu um cossaco a cavalo, de boné com uma fita branca, cerrando a carabina contra o quadril, no meio de um turbilhão de poeira. com tanta força puxou as rédeas, que o cavalo dele vergou as patas traseiras. Buntchuk ainda teve tempo de disparar a pistola. Mas já o cossaco, cingido ao pescoço do cavalo, abalara a galope para donde viera. Junto da metralhadora, os soldados hesitaram: dois deles desataram a correr ao longo da paliçada e deitaram-se ao chão, por trás do portão de uma propriedade vizinha.

Era evidente que de um momento para o outro perderiam a cabeça e fugiriam. Aquele silêncio extremamente tenso e aqueles olhos desvairados não pressagiavam a mínima firmeza...

De tudo o que se seguiu, Buntchuk só uma coisa guardaria na memória, viva e palpável: Ana, de súbito de lenço atirado para a nuca e os cabelos despenteados, irreconhecível pela comoção que lhe esvaziava a cara de sangue, olhando em torno, de baioneta apontada para a casa por trás da qual o cossaco se sumira, e gritando em voz entrecortada e irreconhecível também: «Sigam-mel», e imediatamente rompendo a correr, cambaleando e tropeçando.

Buntchuk pôs-se de pé. Um grito mudo torcia-lhe a boca. Arrancou a carabina ao soldado mais próximo, correu atrás de Ana, com uma horrível tremura nas pernas, arquejante, com a face negra, do enorme esforço impotente que fazia para bradar, para a chamar, para a fazer voltar para trás. Ouvia a respiração dos homens que o seguiam, e sentia, em todo o seu ser, que estava iminente qualquer coisa irreparável, um monstruoso desenlace. Havia compreendido que o gesto de Ana não arrastaria os outros, que era um gesto insensato, desrazoado, condenado.

Perto da esquina da rua, esbarraram nos cossacos que chegavam a galope e atiraram uma salva desordenada. As balas sibilaram. Como uma lebre ferida, Ana emitiu um grito queixoso, e caiu de braço estendido e olhos dementados. Buntchuk não viu que os

cossacos viravam as costas, repelidos por alguns dos dezoito homens do seu grupo, que o exemplo de Ana inflamara. Ela, só ela, que se lhe estorcia aos pés, é que ele via. Sem sentir o que as suas próprias mãos faziam, virou-a de lado, para a erguer e a levar, e viu um fio de sangue que lhe saía do flanco esquerdo e pedaços da blusa dela colados à ferida, e convenceu-se de que se tratava de uma ferida de bala dum-dum, e de que Ana estava perdida, e de que o que lia nos olhos dela, velados de tristeza, era a morte. Alguém lhe deu um encontrão. Transportaram Ana para a propriedade próxima e deitaram-na à fresca, sob o alpendre do armazém.

O soldado careca enchia a ferida de pedaços de algodão, que tirava ensopados e negros de sangue. Buntchuk conseguiu dominar-se, e desabotoou a gola da blusa de Ana, rasgou a própria camisa, comprimiu-lhe contra a ferida os pedaços de tecido, e reparou que a cara de Ana se tornava de uma grande palidez e que a boca negra lhe tremia, de sofrimento. Os lábios dela sorviam avidamente o ar; asfixiava: o ar saía-lhe pela ferida. Então, Buntchuk rasgou a camisa dela, pondo-lhe impudicamente a descoberto o corpo banhado em suor mortal. com dificuldade, lá se conseguiu comprimir a ferida com um tampão.

Ao fim de alguns minutos, Ana recuperou os sentidos. Os olhos dela, afundados nas órbitas enegrecidas fixaram-se em Buntchuk, para logo se lhe esconderem sob as pálpebras, que estremeciam.

- Água! Estou a arder! - gritava ela, agitando-se e gemendo. - Quero viver! Iliá-á-á-á!... Meu querido!... Aaah!

Buntchuk apoiou os lábios inchados às faces escaldantes de Ana e vazou-lhe no peito a água de um cantil. A água encheu-lhe as fossas supraclaviculares e enxugou imediatamente. O fogo da morte queimava-a. Por mais água que Buntchuk vazasse, ela debatia-se, furtava-se-lhe das mãos.

- Estou a arder!... Isto queima-me!...

Esgotada, a arrefecer gradualmente, disse com toda a nitidez:

- Iliá, mas porquê? Como vês agora, tudo é simples... És um homem estranho!... Tudo é simples... Iliá... Meu querido, tens de dizer à minha mãe... Tu sabes... - Entreabriu os olhos, que se lhe fechavam e tinham agora uma expressão risonha, e, esforçando-se por vencer a dor e a angústia, acrescentou em voz indistinta, como se algo a estrangulasse: - Primeiro, foi uma sensação... de choque e de queimadura... Agora, arde-me tudo... Sei que vou morrer... E, crispando a face, ao ver o pobre gesto de negativa de Buntchuk: Não te importes!... Ah, como me custa respirar!...

Falava depressa, atropelando as palavras, nas pausas que a sufocação lhe deixava, como se quisesse dizer tudo o que a oprimia. com um desmedido terror, Buntchuk reparou que a cara se lhe tornava mais clara, translúcida, amarela junto às fontes. Então fitou-lhe os braços que lhe tombavam inertes ao longo do corpo, e viu-lhe as unhas adquirirem-lhe um tom azul-rosado, de ameixa.

- Água... No peito... Tenho calor!

Buntchuk foi à casa próxima buscar água. Ao voltar, já não ouviu, sob o alpendre, o estertor de Ana. O sol baixo iluminava-lhe a boca contraída pelo derradeiro espasmo, e uma mão, ainda quente, como um molde de cera, apoiada contra a ferida. Devagar, ele cingiu-lhe os ombros e ergueu-a, fixando-lhe um instante o nariz, que se lhe tornara mais pontiagudo, e na base do nariz as sardas enegrecidas, e procurando-lhe sob as espessas sobrancelhas pretas o brilho arrefecido das íris. A cabeça de Ana descaía cada vez mais, e as últimas pulsações animaram-lhe o pescoço delgado de rapariga.

Buntchuk pousou-lhe os lábios nas pálpebras escuras e semicerradas, e chamou:

- Minha amiga! Ana!

Depois, pôs-se de pé. Bruscamente virou as costas e abalou, muito hirto, de braços imóveis, cerrados contra as ancas.

XXVI

Durante vários dias ele viveu num delírio semelhante ao do tifo. Ia e vinha, fazia o que tinha a fazer, comia, dormia, mas tudo isso como que numa meia sonolência, embrutecedora e tórpida. Olhava sem compreender, com os olhos inchados e atônitos, o mundo em redor, sem reconhecer os amigos, com o ar de um homem completamente bêbedo, ou que acabasse de sair de uma doença esgotante. Desde o dia da morte de Ana que todos os sentimentos se lhe haviam embotado: não queria nada, não pensava em nada

- Come, Buntchuk! - diziam-lhe os camaradas; e ele comia, movendo pesada e preguiçosamente os maxilares, de olhar fito.

Vigiavam-no e falavam em o mandar para o hospital. No dia seguinte, um metralhador perguntara-lhe:

- Estás doente?

- Não.

- Mas que tens tu? Sentes alguma coisa?

- Não.

- Fuma, então, um cigarro. Não a podes ressuscitar, irmão. Não dês cabo de ti.

À hora de dormir, diziam-lhe:

- Deita-te. É a altura disso. E ele deitava-se.

Quatro dias ele se manteve neste estado de ausência, longe das realidades. No quinto dia, Krivochlíkov encontrou-o na rua e agarrou-o por um braço:

- Ah, és tu! Andava à tua procura. - Krivochlíkov, que não sabia o que se passara com Buntchuk, batia-lhe num ombro, com um sorriso inquieto: - Que é que tu tens? Não bebeste, não? Sabes que vão mandar uma expedição para o distrito do norte? Foi eleita uma comissão de cinco membros. É Fiódor quem a dirige. A nossa única esperança são os cossacos do norte. Sem isso, estamos perdidos. Isto vai mal! Queres vir? Precisamos de propagandistas Vens connosco?

- Vou respondeu sucintamente Buntchuk.

- Ainda bem. Partimos amanhã. Passa por casa do pai de Orlov. Ele te porá a par de tudo.

Sem sair da sua prostração, Buntchuk preparou-se para partir, o que fez no dia seguinte, primeiro de Maio.

Por essa época a situação do governo soviético do Don era francamente desesperada. As forças alemãs de ocupação progrediam, vindas da Ucrânia, e o levantamento contra-revolucionário alastrara a todas as stanitsas, a todos os distritos do Baixo-Don.

Popov percorria os terrenos de hibernação e deles ameaçava Novotcherkassk. O Congresso Regional dos Sovietes, que se reuniu de 10 a 13 de Abril em Rostov, por várias vezes foi interrompido, porque os cossacos insurrectos do distrito de Tcherkassk avançaram sobre Rostov, cujos subúrbios ocuparam. Os últimos focos ainda acesos da revolução eram nos distritos do Khopr e de Usst-Medvéditskaia, e era para aí, a acolherem-se ao seu calor, que se dirigiam, desesperados, Podtiólkov e todos os que já não acreditavam no apoio dos cossacos do Baixo-Don. A mobilização falhara, e Podtiólkov, eleito havia pouco presidente do Conselho dos Comissários do Povo do Don, havia decidido, por iniciativa de Lagútine, dirigir-se para o norte, a fim de mobilizar três ou quatro regimentos de veteranos da frente, e lançá-los contra os alemães e a contra-revolução do Baixo-Don.

Com Podtiólkov à cabeça, constituíra-se então uma comissão de mobilização extraordinária de cinco membros. Em 29 de Abril, tiraram-se do Tesouro Público dez milhões de rublos em oiro e em notas imperiais, para cobrir as despesas da mobilização, organizou-se à pressa um destacamento para guardar esse dinheiro, apelando para isso, principalmente, para os cossacos da antiga guarnição local de Kaménsskaia, recrutaram-se alguns propagandistas cossacos, e no primeiro de Maio, sob o fogo dos aeroplanos alemães, a expedição partiu, em direcção àquela cidade.

As linhas de caminho-de-ferro estavam atravancadas pelos comboios dos guardas-vermelhos em retirada desde a Ucrânia. Os insurrectos cossacos cortavam as pontes e faziam descarrilar os comboios. Todas as manhãs os aeroplanos alemães apareciam por cima da linha Novotcherkassk-Kaménsskaia, girando e descendo sobre ela como um bando de milhafres; crepitavam as metralhadoras, e os guardas-vermelhos dispersavam-se em torno dos vagons; tiros isolados estalavam, e o cheiro das escórias metálicas misturava-se por sobre as estações ao cheiro acre da guerra e da ruína. Os aeroplanos subiam a uma altura incrível; mas os atiradores continuavam demoradamente ainda a esvaziar as suas caixas de cartuchos; e as botas dos guardas-vermelhos, que avançavam rentes ao comboio, mergulhavam na areia, coberta, como as ravinas em Novembro, de folhas de castanheiros, cor de oiro.

Tudo tinha a marca de uma destruição sem limites: nos taludes, vagons queimados e deslocados acabavam de arder, e os isoladores dos postes telegráficos, brancos como açúcar, enredavam-se nos fios arrancados. Muitas casas estavam em ruínas; ao longo da linha, os guardas-vermelhos haviam sido sacudidos como que por um furacão.

Durante cinco dias, a expedição progrediu direita a Milejovo. Na manhã do sexto dia, Podtiólkov convocou os membros da comissão para a sua carruagem.

- Não podemos continuar assim. Temos de abandonar aqui todas as bagagens e ir pela estrada.

- Que mosca te mordeu? - exclamou Lagútine, admirado. - Antes de termos chegado a Usst-Medvéditskaia, os brancos ter-nos-iam cortado o caminho.

- É muito longe - disse Mríkhine, também hesitante.

Krivochlíkov, que havia pouco se juntara à expedição, calava-se, embiocado num capote com as guarnições da gola desbotadas. Tinha febre, o quinino punha-lhe zumbidos nos ouvidos, e a cabeça abrasava-lhe e doía-lhe. Não tomava parte na deliberação, encolhido em cima de um saco de açúcar. A febre toldava-lhe o olhar.

Krivochlíkov chamou-o Podtiólkov, sem despegar os olhos do mapa.

- Que queres?

- Não ouves de que estamos a falar? Temos de partir pela estrada, ou eles apanham-nos, e acabou-se tudo. Que te parece? Tu, que sabes mais que nós, diz lá.

- Partir pela estrada seria possível.. - começou com lentidão Krivochlíkov; mas de súbito pôs-se a bater os dentes, como um lobo, arrepiado por um acesso de febre.... - seria possível, se tivéssemos menos bagagens.

Podtiólkov estendeu um mapa da região ao lado da porta. Mríkhine segurava-lhe os cantos. O vento impertinente que soprava do ocidente estremecia e fazia rumorejar o mapa, quase lho arrancando das mãos.

- Aqui está por onde nós passaremos. Ora olhem! - E o dedo amarelado de Podtiólkov desenhou um caminho oblíquo no mapa. - Estão a ver a escala? São cento e cinquenta verstás, duzentas quando muito. Ha?

- É verdade, carago! - concordou Lagútine.

- Que achas tu, Mikhail?

Krivochlíkov encolheu os ombros, desinteressado.

- Não vejo nisso inconveniente.

- Vou dizer imediatamente aos homens para descerem do comboio, para não perder tempo - atirou Mríkhine, olhando os outros com expressão interrogativa.

E como nenhuma objecção se lhe contrapusesse, saltou da carruagem.

O comboio em que ia a expedição de Podtiólkov estava parado, naquela manhã escura e chuvosa, não longe de Bélaia Kalitva. No seu vagom, Buntchuk estava deitado, de cabeça debaixo do capote. Os companheiros faziam chá, riam e trocavam chalaças.

Vanka, o brincalhão, o farsista de Migulísskaia, tinha resolvido mangar com o metralhador Ignat:

- Tu, Ignat, de que região és? - perguntou-lhe ele em voz de cana rachada, rouca do tabaco.

- De Tambov - respondeu-lhe o pacífico Ignat, na sua voz suave de baixo.

- De Morchtchanssk, não?

- Não De Chatz.

- Ah-ah-ah... A rapaziada de Chatz é valente: não tem medo de se bater a sete contra um. Não foi na tua aldeia que se matou um vitelo para uma festa com um pepino?

- Pronto, já chega!

- Ah, é verdade, já me esquecia. Isto não foi na tua aldeia. Mas foi lá que taparam os buracos da igreja com coscorões e a quiseram deslocar encosta abaixo sobre ervilhas. Foi, ou não foi?

A água fervia na chaleira, e isto livrou por um bocado lenat da troça de Boldírev. Mas, mal todos se sentaram para comer, aquilo recomeçou, com mais força.

- Ienat, porque tiras tu tão pouco porco? Não gostas?

- Gosto, gosto.

- Olha, aqui tens cu. É bom.

Houve uma gargalhada geral. Um engasgou-se e desatou a tossir, sem conseguir dominar a tosse. Foi uma algazarra. Todos davam patadas no chão. Ao cabo de um minuto, Ignat disse com irritação, em voz abafada:

- Come-o tu, miserável! Que queres tu de mim com o teu cu?

- Não é o meu. É o do porco

- Para o diabo os dois!

Boldírev replicou devagar, na sua voz rouca, em tom indiferente:

- Para o diabo? Não estás bom da cabeça! Foi benzido no dia de Páscoa. Diz antes que tens medo de comer de mais na Quaresma .

Um belo cossaco de cabelos castanhos-claros, cavaleiro de São Jorge das quatro classes, conterrâneo de Boldírev, meteu-se na conversa:

- Acaba com isso, Ivane! Pode-te vir desgraça de falares com um mujique. Depois de comer o cu do porco, pode-lhe apetecer o de um javali. Como lho havias tu aqui de arranjar?

Buntchuk estava deitado, de olhos fechados. Sem ouvir o que eles diziam, revivia o que se havia passado, com uma dor sempre igual, ou talvez mesmo mais intensa.

Na obscuridade torva dos olhos fechados, a planície agitava-se-lhe, coberta de neve, com a crista das colinas arborizadas, castanha ao fundo; sentia um vento frio, e via Ana ao lado, os seus olhos pretos, as linhas varonis e doces da sua boca querida, as sardas entre as sobrancelhas, a ruga sonhadora da testa.... Não percebia as palavras que lhe saíam dos lábios: eram indistintas, e incessantemente interrompidas por palavras e por risos que provinham de outro lado; mas pelo brilho dos olhos dela, pelo frémito das pálpebras, adivinhava o que ela dizia. E eis que outra Ana lhe surgia: amarela e azulada, com sulcos de lágrimas nas faces, o nariz aguçado, e aquele horrível vinco de dor nos lábios.

Ele dobrava-se, beijava-lhe as covas negras dos olhos frios...

Naquele momento, emitiu um gemido, comprimiu a boca com uma das mãos, para abafar um soluço. Ana não o deixava um instante. A imagem dela não se modificava nem desvanecia com o tempo. A cara, a figura, o andar, os gestos, as expressões, o movimento das sobrancelhas dela, tudo aquilo se conglomerava sucessivamente e a refazia inteira, viva. Ele recordava-lhe a conversa impregnada de um romantismo sentimental e tudo o que com ela vivera. E a intensidade das recordações aumentava-lhe o sofrimento.

Logo que receberam ordem de sair do comboio, os outros acordaram-no. Ele ergueu-se, juntou com indiferença as suas coisas, e saiu. Depois, ajudou a descarregar o comboio. Em seguida, sempre alheado, subiu para um carro.

Caía uma chuva miúda. Ao longo da estrada, a erva curta estava ensopada. Era a estepe. O vento soprava nas colinas e nos vales. As aldeias seguiam-se, próximas, distantes, os lugarejos. Eles iam deixando para trás o fumo das locomotivas, os blocos vermelhos dos edifícios da estação. Uma coluna de quarenta e tal carros alugados em Bélaia Kalitva estendia-se ao longo da estrada. Os cavalos avançavam com lentidão. A terra negra misturada de argila, molhada pela chuva, retardava o avanço. A lama colava-se às rodas, enrolada em novelos como que de algodão negro. Os mineiros da circunscrição de Bélaia Kalitva precediam e seguiam em multidão a fiada de carros, fugindo para leste, para se furtarem à arbitrariedade cossaca. com eles levavam as famílias, seus pobres bens.

Os destacamentos de guardas-vermelhos de Romanóvski e de Chtchadenko, que já haviam suportado muito, juntaram-se à expedição, perto da estação de resguardo de Grátchi. As caras dos homens eram terrosas, marcadas pelos combates, pelas insónias, pelas privações. Chtchadenko dirigiu-se a Podtiólkov. A sua bela cara, de bigode cortado à inglesa e nariz seco e delgado, estava emaciada. Ao passar à beira dele, Buntchuk ouviu-o dizer em tom amargo e fatigado, de sobrolhos franzidos:

- Que me estás tu a dizer? Como se eu não conhecesse os meus rapazes! Isto vai mal; e ainda por cima com os alemães atrás de nós, os malandros! Quando é que tu agora arranja homens?

A seguir à conversa com ele, Podtiólkov, carrancudo e ao que parecia um pouco desanimado, voltou para o seu carro, e pôs-se a falar com exaltação a Krivochlíkov, que se havia levantado do assento. Buntchuk viu Krivochlíkov, apoiado a um cotovelo, e cortando o ar com a outra mão, lançar algumas frases entrecortadas, e, após isso, Podtiólkov, serenado, saltar para o carro, que rangeu sob os seus seis pudes de peso. O cocheiro chicoteou os cavalos, e a lama espirrou sob as rodas.

- Depressa! - gritou Podtiólkov, pregueando os olhos, e abrindo ao vento o casaco de cabedal.

XXVII

Havia vários dias que a expedição mergulhava no interior do distrito de Donetsk, em direcção da stanitsa de Krassnokútsskaia. Por toda a parte, as populações das aldeias ucranianas acolheram os guardas-vermelhos com satisfação; vendiam-lhes víveres e forragens, e de bom grado os albergavam; mas ao falarem-lhes eles em lhes alugarem cavalos para irem para Krassnokútsskaia, os ucranianos hesitavam, coçavam a nuca, e acabavam por recusar.

- Pagamos-te bem. Porque não queres? - perguntou Podtiólkov a um.

- É que a minha vida não vale menos que o dinheiro.

- A que vem a tua vida para aqui chamada? Aluga-nos cavalos e um carro.

- Na, não posso.

- Porque é que não podes?

- Vocês vão para terra cossaca?

- Vamos. E depois?

- A coisa pode desandar. Sei lá! Não aconteceria desgraça aos meus animais? Se perco os cavalos, que farei eu de mim? Não, amigo, não quero.

Quanto mais a expedição se aproximava de Krassnokútsskaia, tanto mais Podtiólkov e os companheiros se sentiam inquietos. E também no estado de espírito das populações se manifestava uma mudança: ao passo que nas primeiras aldeias os haviam recebido com satisfação, mostravam-lhes agora, visivelmente, reserva e desconfiança. Vendiam-lhes os víveres de má vontade, e esquivavam-se a responder-lhes às perguntas. A juventude já não se lhes aglomerava à roda dos carros, como um cinto multicolor. Olhavam-nos por detrás das vidraças, com expressão carregada e malevolente, e sumiam-se, mal eles apareciam.

- Vocês são cristãos, ou não? - perguntavam-lhes os cossacos da expedição. - Que têm vocês que olhar para nós como os mochos?

Numa aldeia do cantão de Nagolinssk, Vanka Bodírev, irritado com o acolhimento das pessoas, atirou com o boné para o chão no meio da praça, e gritou, com a sua voz rouca, depois de ter verificado que nenhum superior estava próximo:

- Vocês são homens, ou são diabos? Porque não dizem vocês nada, seus filhos de puta? Nós derramamos o nosso sangue pelos vossos direitos e vocês não nos olham a

direito nos olhos! É uma vergonha um comportamento destes. Agora, camaradas, é a igualdade: deixou de haver cossacos e ucranianos; nada de desconfianças! Galinhas e ovos imediatamente! Pagamos em rubles imperiais.

Uma meia dúzia de ucranianos observava a fúria de Boldírev, sem se mover e de cabeça baixa, como cavalos engatados a uma charrua.

Nenhum deles lhe respondeu à arenga inflamada.

- Khokholes (*Designação desdenhosa dada pelos russos aos ucranianos, como já se esclareceu em nota anterior*) vocês eram, khokholes continuam a ser, súcia de safados. O que me apetecia era escacá-los. Não haver para aí uma doença que os rebentasse, cambada de burgueses pançudos! - Outra vez Boldírev atirou ao chão o boné coçado, e, do ilimitado desprezo, se fez roxo: - Nem neve em pleno Inverno, se nós a pedíssemos, vocês eram capazes de nos dar!

- Não berres! - disseram-lhe apenas os ucranianos, abalando cada qual para seu lado.

Na mesma aldeia, uma velha perguntou a um guarda-vermelho:

- É verdade que vocês vão pilhar tudo e degolar todos os homens?

Sem pestanejar, o cossaco ripostou-lhe:

- É verdade. Mas não é a todos; é só aos velhos.

- Oh, meu Deus! Mas para que farão vocês isso?

- Para os comermos com kacha: o carneiro agora não presta; não é tenro; mas um velho num panelão faz um destes caldos!...

- Talvez vocês digam isso a brincar!

- É disparate, avó. Está a dizer parvoíces - interveio Mríkhine.

E, quando ficaram sós, repreendeu severamente o chalaceador.

- Devias compreender que não se pode gracejar em qualquer altura e com toda a gente. Podtiólkov, se te ouvisse, partia-te a cara. Porque semeias tu o pânico? Agora vai ela para aí espalhar que nós degolamos os velhos.

Podtiólkov encurtava cada vez mais as paragens e as noites. Apressava-se consumido pela inquietação. Na véspera do dia em que a expedição ia penetrar no território de Krassnokútsskaia, teve uma longa conversa com Lagútine, e comunicou-lhe o que pensava:

- Não devemos ir longe de mais, Ivane. Tão depressa estejamos em Usst-Khopérsskaia, temos que nos pôr a trabalhar. Começaremos o recrutamento imediatamente. Daremos cem rublos de soldo, mas com a condição de eles trazerem cavalo e equipamento; o dinheiro do povo não é para se esbanjar. De Usst-Khopérsskaia, subiremos, passando pela tua terra, em direcção a Bukanóvsskaia, Slachtchóvsskaia,

Fedossêievsskaia, Kumiljénsskaia, Glazunóvsskaia e Skurichénsskaia. Quando chegarmos a Mikhailovka, teremos uma divisão. Achas que conseguiremos arranjar gente?

- Arranjar, arranjam, se por lá estiver tudo sossegado.

- Cuidas que também por lá já a coisa principiou?

- Como o hei-de eu saber? - Lagútine cofiou a barba rala e acrescentou em voz queixosa: - Já vamos atrasados. Tenho medo de não chegarmos a tempo, Fedia. Os oficiais fazem o seu trabalhinho. Precisávamos de ir mais depressa.

- Como vamos, já vamos suficientemente depressa. Mas não tenhas medo. Não devemos ter medo. - Podtiólkov fez uma expressão severa. - Com homens para dirigir, como é que se pode ter medo? Havemos de lá chegar! Havemos de passar! Daqui a quinze dias, baterei os brancos e os alemães! Quando abandonarmos o território do Don, hão-de eles estar bons para os diabos os levarem! - Calou-se um momento, sorveu avidamente o cigarro, e desvendou o seu pensamento secreto: - Se chegarmos demasiado tarde, tudo estará acabado para nós e para o poder dos Sovietes no Don. Ah, se nós pudéssemos chegar a tempo! É o movimento dos oficiais chegar lá primeiro, e estamos quilhados.

No dia seguinte à noite, a expedição penetrou no território da stanitsa de Krassnokútsskaia. Um pouco antes da aldeia de Alekcêievsski, Podtiólkov, que ia com Lagútine e Krivochlíkov num dos primeiros carros, viu passar um rebanho na estepe.

- Vamos interrogar o pastor - propôs ele a Lagútine.

- Vão lá - aprovou Krivochlíkov.

Lagútine e Podtiólkov pularam do carro e encaminharam-se para o rebanho. A pastagem estava queimada pelo sol, de erva castanha e luzente, muito curta, pisada pelos cascos dos animais, excepto ao longo da estrada, onde brilhavam tufos amarelos de colza e as espigas cabeludas da aveia-doida. Esmagando na palma de uma das mãos uma flor de absinto, e aspirando-lhe o aroma acre, Podtiólkov acercou-se do pastor.

- Saúde, paizinho!

- Deus o salve.

- Estás a guardar o rebanho?

- É verdade.

O velho fitou-o, franzindo a moita das sobrancelhas cinzentas e agitando o pau.

- Então isso como vai - atirou Podtiólkov, como é hábito.

- Vamos andando, com a ajuda de Deus. Que notícias há?

- Nenhumas. Vocês quem são?

- Somos militares. Voltamos para as nossas casas.

- E donde são?

- De Usst-Khopérskaia.

- Um tal Podtiólkine não está com vocês?

- Está connosco, está.

O pastor empalideceu, visivelmente assustado.

- De que tens tu medo, avô?

- Como querem vocês, amigos, que eu não tenha medo? Dizem que vocês degolam todos os cristãos.

- São patranhas! Quem é que espalha isso?

- Foi o atamane que o disse anteontem na assembleia. Talvez ele o tenha ouvido dizer também; ou talvez tenha recebido algum papel do governo. Em todo o caso, disse que esse Podtiólkine está aí, a aparecer com kalmukes, e que vão degolar toda a gente.

- Vocês já têm atamanes? - disse Lagútine, atirando uma olhadela a Podtiólkov.

Este mordida com os caninos amarelos uma hastezinha de erva.

- Elegemos o atamane um dia destes. O soviete está fechado.

Ia Lagútine fazer nova pergunta, quando um enorme toiro pelado saltou para cima de uma vaca e a fez ir abaixo com o seu peso.

- Ele vai-lhe partir a espinha, o bicho malvado! - gritou o pastor, que, com uma vivacidade inesperada para a idade que tinha, se precipitou direito ao rebanho. - É a vaca da Nasstenka!... Vai dar cabo dela!...Eh, lá! Eh, lá! Sai daí!

Podtiólkov regressou para o carro, baloiçando os braços. Como bom camponês, Lagútine havia parado a olhar com inquietação a vaquinha débil, esmagada no chão pelo toiro, e a pensar invencivelmente: «E é que lhe vai mesmo partir a espinha, se é que não lha partiu já! Ai, o bicho danado!»

Só voltou para o carro depois de certo de a vaca não ter a espinha partida. «Que vamos nós fazer? Será possível que o regime dos atamanes já tenha sido restabelecido na outra margem do Don?» cogitava ele de si para consigo. Mas logo de novo a atenção se lhe distraiu para um toiro de raça, muito perto da estrada. O toiro cheirava uma vaca preta, alta e corpulenta, abanando a cabeça de ampla frente. A barbeta pendia-lhe até aos joelhos, e todo o corpo dele, comprido, potente, sólido, estava tenso como uma corda. As patas mergulhavam-lhe, como estacas, na terra mole. Involuntariamente, Lagútine admirava-o, acariciando-lhe com o olhar a pelagem com malhas arruivadas. E atravessando-lhe o enxame dos pensamentos inquietos, um pensamento dominou-o por um momento: «Era um assim que nós precisávamos na stanitsa; os nossos são magrinhos.» E suspirou. Ao aproximar-se do carro, reparou nas caras graves dos homens e pensou no itinerário que deveriam seguir agora.

Esgotado pela febre, Krivochlíkov, o sonhador, o poeta, dizia a Podtiólkov:

- Corremos diante da vaga contra-revolucionária, queremos andar mais depressa que ela, mas já ela nos ultrapassa. Está visto que a não travaremos. Avança como a maré numa costa baixa.

De todos os membros da comissão, só Podtiólkov parecia dar-se conta de toda a complexidade da situação. Conservava-se sentado, imóvel, inclinado para diante, incessantemente gritando ao cocheiro:

- Mais depressa.

Uma canção ergueu-se nos últimos carros, e logo se calou. Da cauda do comboio provinham gargalhadas e berraria que cobriam o ruído das rodas.

As informações dadas pelo pastor confirmaram-se. A expedição encontrou um cossaco, veterano da frente, que se dirigia com a mulher para a aldeia de Svétchnikov. Conservava as platinas e o distintivo no uniforme. Podtiólkov interrogou-o e ainda mais apreensivo ficou.

Ultrapassou-se Alekcêievski. A chuva começou a cair. O céu estava toldado, excepto a leste, onde se via uma nesga de um azul-marinho, iluminada por um sol oblíquo.

Mal se começou a descer em direcção à aldeia taurídia de Rubáchkine, viram-se homens fugir na colina oposta, e partirem carros a toda a velocidade.

- Raspam-se. Têm medo de nós... - comentou Lagútine, perturbado, fitando os outros.

Podtiólkov bradou:

- Façam-nos voltar para trás! Chamem-nos, carago!

Os cossacos puseram-se de pé e agitaram os bonés. Um deles lançou em voz tonitruante:

- Eh, lá! .. Onde vão vocês?... Esperem aí!...

A expedição entrou a trote na aldeia. O vento soprava em turbilhão na praça deserta. Numa propriedade, uma velha ucraniana atirava umas almofadas para dentro de um carro, numa gritaria. O marido, descalço e sem boné. segurava os cavalos pelas rédeas.

Em Rubáchkine, soube-se que o estafeta mandado por Podtiólkov havia sido aprisionado por uma patrulha cossaca e conduzido para o outro lado da colina. Era claro que os cossacos não estavam longe. Após uma curta deliberação, decidiu-se arrepiar caminho. Podtiólkov, que a princípio insistira em que se continuasse o movimento para a frente, agora hesitava.

Sacudido por um acesso de febre, Krivochlíkov não dizia palavra.

- E não seria melhor prosseguirmos? - perguntou Podtiólkov a Buntchuk, que assistia à reunião.

Buntchuk encolheu os ombros com desinteresse. Era-lhe absolutamente indiferente prosseguir ou retroceder, desde que se não parasse e que ele pudesse furtar-se à mágoa que o não largava. Podtiólkov, que andava de um lado para o outro à beira do carro, pôs-se a explicar a vantagem que haveria em ir até Usst-Medvétitskaia. Mas um dos cossacos agentes de propaganda interrompeu-o com brusquidão:

- Estás doido? Para onde nos queres tu levar? Ao encontro dos contra-revolucionários? Deixa-te de graças, meu velho! Vamos para trás! A ninguém apetece morrer. Que é aquilo? Estás a ver? E apontou a colina.

Todos olharam: ao alto dela desenhavam-se nitidamente os vultos de três cavaleiros.

- É uma patrulha deles! - exclamou Lagútine.

- Lá estão mais!

Ao longe, na colina, outros cavaleiros haviam surgido. Reuniam-se em grupinhos, dispersavam-se, ocultavam-se, reapareciam. Podtiólkov deu ordem de recuar. Tornou-se a passar por Alekcêievski. Evidentemente avisada pelos cossacos, a população escondeu-se ou fugiu, mal assomaram os primeiros carros da expedição.

Era o começo da noite. A chuva caía, insistente, miúda, fria. Os homens, encharcados, tremiam. De carabina em punho, caminhavam ao lado dos carros. A estrada contornava um cabeço, descia para um vale, seguia-o por um bocado, e logo subia, serpenteando. Nas cristas das colinas, as patrulhas cossacas continuavam a aparecer e a desaparecer. Acompanhavam a expedição, o que só fazia aumentar o nervosismo dos guardas-vermelhos.

Perto de uma ravina que cortava o vale, Podtiólkov saltou para o chão e atirou brevemente aos outros: «Preparem-se!» E também ele, de carabina pronta, se pôs a caminhar ao lado do carro. A água primaveril contida por uma barragem punha um brilho azul no fundo da ravina. Na lama à roda viam-se pegadas de animais que ali tinham ido beber. Na orla da barragem, desmoronada aqui e além, cresciam ervas bravias e campainhas, e mais abaixo, junto à água, espadanas raquíticas e juncos pontiagudos, que rumorejavam sob a chuva. Podtiólkov receava uma emboscada ali; mas os seus batedores não avistaram ninguém.

- Não há perigo, por agora, Fiódor - sussurrou-lhe Krivochlíkov, que lhe havia feito sinal de lhe querer falar. - Eles não atacam já. Vão atacar-nos esta noite.

- É isso mesmo o que eu penso.

XXVIII

As nuvens adensavam-se a ocidente. Estava cada vez mais escuro. Muito longe, por sobre o Don, ziguezagueavam relâmpagos e clarões alaranjados estremeciam, como asas de aves feridas. Uma nuvem negra abafava a claridade pálida e desbotada do crepúsculo. Como uma malga cheia de silêncio até à borda, a estepe escondia nas pregas das suas ravinas os reflexos tristes do fim do dia. Aquele entardecer tinha o que quer que fosse de outonal. A própria erva, ainda sem flor, exalava um estranho cheiro de podridão.

Enquanto avançava, Podtiólkov ia aspirando os aromas indistintos, mas vários, da erva húmida. De longe em longe parava, para soltar os pedaços de lama que se lhe colavam aos tacões, fazendo ranger o coiro molhado do casaco aberto.

Já a noite havia descido por completo, quando eles chegaram à aldeia de Kaláchmkov, do cantão de Poliakovo-Nagolinssk. Os cossacos do destacamento abandonaram os carros e dispersaram-se por diversas casas, para dormir. Muito inquieto, Podtiólkov deu ordem para se postarem sentinelas, mas os homens só de má vontade obedeceram. Três deles recusaram-se mesmo.

- É preciso julgá-los em conselho de camaradas! - enfureceu-se Krivochlíkov. - Recusa de execução de uma ordem de combate! Têm de se fuzilar!

Vencido pelo desalento, Podtiólkov replicou-lhe, com um gesto de amargura:

- Eles estão desmoralizados. Nem se defenderão. Estamos perdidos, Michatka!...

Lagútine juntou alguns homens conforme pôde, e com eles organizou patrulhas em torno da aldeia.

Podtiólkov foi de casa em casa recomendar aos cossacos que lhe eram mais devotados:

- Não durmam, rapazes, ou somos apanhados.

Toda a noite ele a passou sentado a uma mesa, de face entre as mãos, com grandes suspiros roucos. Ao amanhecer, adormeceu, de cabeça caída de borco no tampo da mesa. Mas não tardou que um guarda-vermelho chamado Robert Frachenbruder, vindo da propriedade próxima, o acordasse. Tinham-se iniciado os preparativos de partida. Era já dia. Podtiólkov ergueu-se. Na casa de entrada, encontrou a caseira, que voltava de ordenhar as vacas.

- Há cavaleiros ao alto da colina - disse-lhe ela, em tom indiferente.

- Onde?

- Além, por trás da aldeia.

Ele precipitou-se para o pátio: ao alto da colina, para lá da rede branca do nevoeiro que flutuava sobre a aldeia e sobre os salgueiros dos jardins, viu fortes destacamentos cossacos. A trote ou a galope moderado cercavam a aldeia, apertando-lhe o cerco cada vez mais.

Daí a pouco, tinham os cossacos da expedição afluído ao carro de Podtiólkov, na herdade em que ele havia passado a noite.

Vassili Miróchnikov, robusto cossaco de Migulínsskaia, de poupa caída para a testa, chamou Podtiólkov à parte, e disse-lhe, baixando os olhos:

- Ouve, camarada Podtiólkov... Vieram de acolá uns delegados - e com um gesto indicou a colina - e encarregaram-nos de te dizer que ou depomos imediatamente as armas e nos rendemos, ou eles passam ao ataque.

- Quê?... Meu filho de uma cadela!... Que me estás tu a dizer? - Podtiólkov agarrou Miróchnikov pelas bandas do capote, repeliu-o com um empurrão, e correu para o carro; aí, pegou na carabina pelo cano, e gritou aos cossacos, em voz rouca e dura: - Rendermo-nos?... Não há negociações possíveis com os contra-revolucionários. Estamos em guerra com eles? Sigam-me. Em linha de atiradores!

Saíram do pátio, de roldão, até à extremidade da aldeia. Perto das últimas casas, Mírkhine juntou-se, arquejante, a Podtiólkov.

- É uma vergonha, Podtiólkov! São irmãos nossos e vamos derramar o sangue deles! Não faças isso! Vamos conversar com eles.

Verificando que só uma pequeníssima parte dos seus homens o seguia, e compreendendo com raciocínio frio a fatalidade da derrota, Podtiólkov baixou a carabina e agitou molemente o boné.

- Rapazes, voltamos para trás!

Arrepiaram caminho. O destacamento concentrou-se todo em três pátios contíguos. Não tardou que os cossacos aparecessem na aldeia. Um destacamento de quarenta cavaleiros descia a colina.

Em resposta ao convite deles, Podtiólkov dirigiu-se para fora da aldeia, a fim de negociar as condições da rendição. O grosso das forças do inimigo não havia abandonado as suas posições. Buntchuk alcançou Podtiólkov a meio caminho e fê-lo estacar:

- Rendemo-nos?

- Não podemos fazer outra coisa... Quê... Que queres tu fazer?

- Queres morrer? - disse-lhe Buntchuk, tomado de um tremor.

Em voz aguda, mas surda e débil, exclamou, sem fazer caso dos veteranos que acompanhavam Podtiólkov:

- Diz-lhes que não entregamos as armas!

E, virando-se bruscamente, abalou, brandindo o revólver na mão apertada.

Ao reentrar na aldeia, tentou persuadir os homens a uma surtida, combatendo, até alcançarem o caminho-de-ferro. A maior parte deles, porém, inclinava-se para a conciliação. Uns afastaram-se dele; outros declararam-lhe com hostilidade:

- Bate-te tu, Anika; nós é que não nos batemos contra os nossos irmãos!

- Mesmo sem armas, confiamos neles.

- Estamos na santa Páscoa, e queres que derramemos sangue?

Buntchuk dirigiu-se para o carro dele, ao lado de uma propriedade, estendeu-lhe por baixo o capote, e deitou-se nele de bruços, ao comprido, sem largar a coronha canelada do revólver. Cogitou primeiro em fugir; mas a ideia da evasão, da deserção foi-lhe desagradável; mentalmente, encolheu os ombros e esperou que Podtiólkov voltasse.

Este voltou ao fim de três horas. com ele penetrou na aldeia uma multidão enorme de cossacos. Alguns deles vinham montados, outros de cavalos pelas rédeas, outros ainda a pé; rodeavam de perto Podtiólkov e o capitão Spiridónov, que havia servido antes com ele na mesma bateria e que comandava agora o destacamento especialmente encarregado de o prender. Podtiólkov caminhava de cabeça alta, direito e a passos rígidos, como um homem que tivesse bebido um pouco de mais. Spiridónov falava-lhe com um sorriso finório e pérfido. Atrás dele, um cossaco montado apertava contra o peito o pau grosseiro de uma enorme bandeira branca.

A rua e os pátios em que eles haviam arrumado os carros encheram-se de cossacos. De repente, ergueu-se uma grande algazarra. Entre os recém-vindos, muitos tinham sido companheiros de armas dos homens da expedição de Podtiólkov. A aldeia atroava de exclamações alegres e de risos.

- Eh, velho amigo! Que vento te trouxe aqui?

- Estás bom, estás bom, Prokhor? Deus te salve.

- Por um pouco nos guerreávamos um ao outro. Mas lembras-te, em Lvov, de quando perseguimos os austríacos?

- Compadre Danilo. Eh, compadre! Cristo ressuscitou!

- Em verdade, ressuscitou!

E ouviu-se um beijo sonoro: dois cossacos, cofiando os bigodes, encaravam-se, risonhos, e dando palmadas nos ombros um do outro.

- Ao lado destes, outros conversavam assim:
- Nem sequer conseguimos festejar a Páscoa...
- Mas vocês não festejam a Páscoa. Vocês são bolcheviques!
- Essa agora! Lá por sermos bolcheviques, não deixamos de acreditar em Deus!
- Eh, lá! Estás a brincar!
- Juro-te que não estou!
- E tens a tua cruz?
- Aqui está ela.

Estendendo os lábios, um enorme cossaco guarda-vermelho, de cara larga, desabotoou a gola do dólman, e mostrou uma cruz esverdeada de cobre que lhe pendia contra o peito peludo e tisonado.

Armados de forquilhas e de machados, os velhos que faziam parte do destacamento encarregado de capturar «o rebelde Podtiólkov», entreolharam-se com espanto.

- Mas diziam que vocês tinham renegado a fé cristã...
- Que vocês se tinham vendido ao diabo...
- Ao que nos contaram, vocês pilham as igrejas e matam os popes.
- Mentiras! - afirmou com segurança o guarda-vermelho da cara larga. - São mentiras que lhes impingiram. Eu, antes de partir para Rostov, fui à igreja e comunguei.

- Não me digas! - admirou-se um velhinho enfezado, armado de uma lança de haste serrada pelo meio; e, de satisfação, bateu com as mãos uma na outra.

Um zumbido de vozes animadas enchia a rua e os pátios. Ao cabo de meia hora, alguns cossacos, entre os quais um sargento originário da stanitsa de Bokóvsskaia, atravessaram a multidão.

Os homens do destacamento de Podtiólkov preparem-se para a chamada! clamavam eles.

O capitão Spiridónov, de capote com platinas cinzentas-esverdeadas, tirou o boné, em que a insígnia de oficial luzia como açúcar, e gritou, voltando-se sucessivamente para todos os lados:

- Todos os do destacamento de Podtiólkov, para a esquerda, para o pátio! Os outros, à direita! Irmãos combatentes de guerra: decidimos com a vossa delegação que deporeis todas as vossas armas, porque a população terá medo, enquanto elas estiverem na vossa posse. As carabinas e as mais armas deverão ser colocadas nos carros; nós as guardaremos cuidadosamente. Vamos dirigir o vosso destacamento para Krassnokútsskaia, e aí, no Soviete, as armas vos serão restituídas integralmente.

Houve entre os guardas-vermelhos uma agitação surda, e, num dos pátios, algumas exclamações.

Korótkov, da stanitsa de Kumchátsskaia, prorrompeu a gritar:

- Não se entregam as armas!

E nas ruas e nos pátios apinhados estalou um rumor de tempestade.

Os homens de Spiridónov afastaram-se para o lado direito da rua, e os guardas-vermelhos, que não se moveram, ficaram reduzidos a uma multidão desorientada e em desordem. De capote sobre os ombros, Krivochlíkov olhava em torno, como um bicho acossado. Lagútine torcia os lábios. Ergueu-se um barulho confuso de vozes.

Firmemente decidido a não depor as armas, Buntchuk aproximou-se, rápido, de Podtiólkov, de carabina na mão, prestes a disparar.

- Não se entregam as armas! Estás a ouvir?

- Agora, já é tarde - murmurou Podtiólkov, amarrotando nervosamente nas mãos a lista dos homens.

Esta lista passou para as mãos de Spiridónov. Este percorreu-a rapidamente e perguntou:

- Há aqui cento e vinte e oito homens... Onde estão os outros?

- Ficaram pelo caminho.

- Ah, sim!... Está bem. Dá-lhes ordem de depor as armas.

Podtiólkov foi o primeiro a soltar o coldre do revólver, e, ao entregá-lo, disse em tom dificilmente audível:

- O meu sabre e a minha carabina estão no carro.

O desarmamento principiou. Vagarosamente, os cossacos apresentavam as carabinas, mas atiravam os revólveres por cima das sebes, ou ocultavam-nos nos pátios.

- Todos os que não entregarem as armas serão fuzilados! - bradou Spiridónov, com um sorriso rasgado.

Instigados por Buntchuk, alguns guardas-vermelhos, recusaram-se a entregar as carabinas; foram desarmados à força.

Um metralhador provocou um grande alvoroço, fugindo velozmente da aldeia com a culatra da metralhadora. Aproveitando a confusão, vários homens esconderam-se. Imediatamente Spiridónov constituiu uma escolta, mandou cercar e revistar todos os que estavam ao pé de Podtiólkov, e em seguida tentou fazer uma chamada nominal. Mas os prisioneiros respondiam de má vontade, e alguns gritaram:

- Não vale a pena chamar. Toda a gente está aqui.

- Levem-nos para Krassnokútsskaia!

- Acabem com isto depressa, camaradas!

Selada e mandada, sob forte escolta, para Kárgtiine, a caixa do destacamento, Spiridónov mandou alinhar os prisioneiros e comandou, mudando repentinamente de atitude e de tom:

- A dois de fundo! À... esquerda, esquerda! O ombro direito para a frente, marcha! Silêncio na forma!

Um murmúrio percorreu as filas dos guardas-vermelhos, que começaram a marchar sem ordem, com moleza, e não tardaram a misturar-se todos e a marchar numa confusão.

Podtiólkov, que acabara por suplicar aos seus homens para deporem as armas, esperava ainda, sem dúvida, que tudo terminasse bem. Mas, mal os prisioneiros saíram da aldeia, os cossacos da escolta principiaram a empurrá-los com os cavalos. Buntchuk, que ia à esquerda, recebeu sem motivo uma chicotada de um velho cossaco, de barba de um ruivo de labareda, com uma argola, enegrecida pelo tempo, numa orelha. A ponta do chicote atingiu-o numa face. Buntchuk virou-se, de punhos cerrados; mas outra chicotada, mais forte ainda, forçou-o a mergulhar no meio do bando. Fez isto sem pensar no que fazia, pelo instinto animal de conservação, e ali, apertado entre os corpos dos camaradas que avançavam em grupo compacto de roda dele, pela primeira vez, depois da morte de Ana, torceu os lábios num sorriso nervoso, surpreendido por verificar quão intenso e tenaz era em todos o desejo de viver.

Começaram a bater nos prisioneiros. Furiosos perante os seus inimigos desarmados, os velhos atiravam-lhes os cavalos para cima, e, inclinando-se das selas, agrediam-nos à chicotada e com a face dos sabres. Instintivamente, todos os atingidos procuravam alcançar o centro da mole, empurrando-se e berrando.

Um rapagão guarda-vermelho, originário do Baixo-Don, bradou, agitando os braços no ar:

- Se nos querem matar, matem-nos já, em vez de se divertirem à nossa custa!

A voz de Krivochlíkov soou:

- Que é dela, a vossa palavra?

Os velhos serenaram. A um dos prisioneiros que perguntou: «Para onde nos levam vocês?» um dos homens da escolta, um jovem combatente, que visivelmente sentia simpatia pelos bolcheviques, replicou:

- Temos ordem de os levar para Ponomariov. Não tenham medo, irmãos. Ninguém lhes faz mal.

E chegaram à aldeia de Ponomariov.

Spiridónov instalou-se com dois cossacos à porta de um armazém; e, de cada homem que passava por diante dele, inquiria:

- Nome, apelido e lugar de nascimento? Veio a vez de Buntchuk.

- Nome?

Spiridónov apoiou a ponta do lápis no papel e deitou uma olhadela à cara sombria, de testa larga, do guarda-vermelho; mas vendo que este avançava os lábios para escarrar, dobrou o corpo todo a um lado e gritou:

- Passa lá, safado! Podes bem morrer sem dar o nome.

Estimulado pelo exemplo de Buntchuk, Ignat, o homem de Tambov, recusou-se também a responder. Outro mais decidiu morrer anónimo e entrou a porta, de lábios cerrados.

O próprio Spiridónov fechou o cadeado, e ali postou as sentinelas.

Enquanto em frente do armazém se dividiam as provisões e as armas tiradas dos carros da expedição, um tribunal militar, constituído à pressa com os representantes das aldeias que haviam participado da captura de Podtiólkov, reunia-se numa casa próxima.

Presidia um homem atarracado, de sobrelhas amarelas, o capitão Vassíli Popov, da stanitsa de Bokóvsskaia. Estava sentado a uma mesa, por baixo de um espelho enfeitado de toalhas bordadas, de cotovelos afastados e boné atirado para a nuca a pique. Os olhos dele perscrutavam com severa bonomia as caras dos membros do tribunal. Discutia-se que castigo se havia de aplicar.

- Que vamos nós fazer deles, senhores anciões? - repetia Popov.

Com uma inclinação do corpo, segredou qualquer coisa ao capitão Sénine, que lhe estava sentado ao lado. Este sacudiu a cabeça vivamente, em sinal de concordância. As pupilas de Popov contraíram-se, as chispas alegres apagaram-se-lhe aos cantos dos olhos, e, estes, mudados, agora com um brilho duro e frio, quase se lhe sumiram por trás das pestanas ralas.

- Que vamos nós fazer destes traidores à nossa querida pátria, que queriam pilhar as nossas propriedades e destruir o povo cossaco?

Fevraliov, um velho-crente idoso da stanitsa de Miliutínsskaia, pôs-se de pé de um salto, como se tivesse molas.

- Têm de se fuzilar! A todos! - Agitava a cabeça como um possesso, olhando os outros com um olhar vesgo, com expressão de fanático, gritando em voz estrangulada: - Nada de piedade para os inimigos de Cristo. Há ali judeus, e é preciso matá-los! Matá-los!... Temos de os crucificar!... Temos de os queimar!...

A barbicha esfiampada e mal semeada tremia-lhe, e os cabelos brancos, ainda ruivos aqui e além, desgrenhavam-se-lhe. Sentou-se, arquejante, cor de tijolo, de lábios húmidos.

- E se os deportássemos?... - propôs sem firmeza outro membro do tribunal, chamado Diatchenko.

- É fuzilá-los!

- A pena de morte!

- É também a minha opinião!

- É preciso fuzilá-los diante de toda a gente.

- Têm de se arrancar as ervas ruins!

- À morte!

- Evidentemente que se têm de fuzilar! Para quê discutir mais? - disse Spiridónov com irritação.

A cada grito, as comissuras da boca do capitão Popov descaíam mais, tornavam-se-lhe de pedra, e as feições endureciam-lhe, fazendo-lhe perder o ar parrana de homem farto, satisfeito de si e dos outros.

- Fuzilá-los!... Escreve lá!...- ordenou ele ao secretário, deitando-lhe uma olhadela por cima do ombro.

- Mas Podtiólkov e Krivochlíkov... inimigos desta categoria... também se fuzilam? É pouco! - bradou com violência um velho cossaco atarracado que estava sentado perto da janela e não cessava de regular a torcida do candeeiro prestes a apagar-se.

- Esses, como chefes, serão enforcados - replicou brevemente Popov, e virando-se para o secretário: - Escreve: «Sentença. Nós, abaixo assinados...»

O secretário, que igualmente se chamava Popov, e era parente afastado do capitão, baixou a cabeça, de cabelo loiro muito acamado, e a caneta começou-lhe a ranger.

- Não há petróleo que chegue... - proferiu alguém, que suspirou.

A chama tremelicava. Fumegava a torcida. No meio do silêncio, ouvia-se uma mosca no tecto, enredada numa teia de aranha, a caneta raspando o papel, e a respiração de um membro do tribunal, difícil e ruidosa.

SENTENÇA

A 27 de Abril (10 de Maio) de 1918, os representantes seguintes das stanitsas de Karguinóvsskaia, Bokóvsskaia e Krassnokútsskaia:

De Vassilévvsskaia Stepane Makssáiev

» Bokóvsskaia Nikolai Krujiline

» Fómine Fiódor Kumov

» Vérkhne-Iablanóvsskaia Alekssandr Kukhtine

» Níjnê-Dulénskaia Lev Siniov

» Ilínskaia Semione Volótsskov

« Konkóvsskaia Mikhail Popov

» Vérkhne-Dulénskaia Iakov Ródine

» Savosstiánov Alekssandr Frolov

Da stanitsa de Miliutínskaia Makcime Fevraliov

De Nikoláiev Mikhail Grochov

Da stanitsa de Krassnokútsskaia Iliá Elávine

Do khutor de Ponomariov Ivane Diatchenko

» Evlântiev Nikolai Krivov

» Malakhov Luka Emiliánov

De Novo-Zémtzov Matvei Konovalov

» Popov Mikhail Popov

» Astakhov Vassili Chtchególhkov

» Orlov Fiódor Tchekúnov

» Klimo-Fiodoróvsskaia Fiódor Tchukávine

sob a presidência de V. S. Popov,

DECIDIRAM:

1) Todos os bandoleiros e traidores ao povo trabalhador, cujos nomes constam da lista que se segue, ou sejam, ao todo, 78 homens, serão fuzilados, com exceção de dois deles, Podtiólkov e Krivochlíkov, que, como chefes de bando, serão enforcados.

2) O cossaco Antone Kalivéntsov, da aldeia de Mikhailóvsskaia, é absolvido, por falta de provas.

3) Os foragidos do destacamento de Podtiólkov, presos na stanitsa de Krassnokútsskaia, Konsstantine Mélnikov, Gavril Mélnikov, Vassíli Mélnikov, Akssénov e Verchínine, sofrerão a pena prevista pelo primeiro parágrafo da presente decisão (pena de morte).

4) A sentença será executada amanhã, 28 de Abril (11 de Maio), às 6 horas da manhã.

5) A guarda dos prisioneiros é confiada ao capitão Sénine, à disposição do qual serão postos, hoje às 11 horas da noite, dois cossacos armados por cada aldeia. Os membros do tribunal militar são responsáveis pela execução deste ponto; cada aldeia fornecerá um contingente para a execução da sentença; de cada aldeia serão enviados ao lugar da execução cinco cossacos.

Asssinaram este original:

O Presidente do Destacamento Militar V. S. Popov.

O Secretário A F. Popov.

LISTA DOS MEMBROS DO DESTACAMENTO
DE PODTIÓLKOV CONDENADOS
PELO TRIBUNAL MILITAR À PENA DE MORTE, EM 27 DE ABRIL
DE 1918 (DO ANTIGO CALENDÁRIO)

Seguem-se duas páginas com tabelas onde estariam as stanitzas e os nomes dos condenados. Mantiveram-se as tabelas mas não estão completamente preenchidas, pois não foi possível (por ignorância, admito-o) digitalizar as tabelas convenientemente.

Nota do digitalizador

<i>Nº</i>	<i>Stanitzá</i>	<i>Nome e apelido</i>	<i>Condenação</i>
1	Usst-Khópérsskaia	Fiódor Podtiólkov	Enforcado
2	Elánsskaia	Mikhail Krivochlíkov	Enforcado
3	Kazánsskaia	Avraame Kakúrine	<i>Fuzilado</i>
4			<i>Fuzilado</i>

5	<i>Fuzilado</i>
6	<i>Fuzilado</i>
7	<i>Fuzilado</i>
8	<i>Fuzilado</i>
9	<i>Fuzilado</i>
10	<i>Fuzilado</i>
11	<i>Fuzilado</i>
12	<i>Fuzilado</i>
13	<i>Fuzilado</i>
14	<i>Fuzilado</i>
15	<i>Fuzilado</i>
16	<i>Fuzilado</i>
17	<i>Fuzilado</i>
18	<i>Fuzilado</i>
19	<i>Fuzilado</i>
20	<i>Fuzilado</i>
21	<i>Fuzilado</i>
22	<i>Fuzilado</i>
23	<i>Fuzilado</i>
24	<i>Fuzilado</i>
25	<i>Fuzilado</i>
26	<i>Fuzilado</i>
27	<i>Fuzilado</i>
28	<i>Fuzilado</i>
29	<i>Fuzilado</i>
30	<i>Fuzilado</i>
13	<i>Fuzilado</i>
32	<i>Fuzilado</i>
33	<i>Fuzilado</i>
34	<i>Fuzilado</i>
35	<i>Fuzilado</i>
36	<i>Fuzilado</i>
37	<i>Fuzilado</i>
38	<i>Fuzilado</i>
39	<i>Fuzilado</i>

40	<i>Fuzilado</i>
41	<i>Fuzilado</i>
42	<i>Fuzilado</i>
43	<i>Fuzilado</i>
44	<i>Fuzilado</i>
45	<i>Fuzilado</i>
46	<i>Fuzilado</i>
47	<i>Fuzilado</i>
48	<i>Fuzilado</i>
49	<i>Fuzilado</i>
50	<i>Fuzilado</i>
51	<i>Fuzilado</i>
52	<i>Fuzilado</i>
53	<i>Fuzilado</i>
54	<i>Fuzilado</i>
55	<i>Fuzilado</i>
56	<i>Fuzilado</i>
57	<i>Fuzilado</i>
58	<i>Fuzilado</i>
59	<i>Fuzilado</i>
60	<i>Fuzilado</i>
61	<i>Fuzilado</i>
62	<i>Fuzilado</i>
63	<i>Fuzilado</i>
64	<i>Fuzilado</i>
65	<i>Fuzilado</i>
66	<i>Fuzilado</i>
67	<i>Fuzilado</i>
68	<i>Fuzilado</i>
69	<i>Fuzilado</i>
70	<i>Fuzilado</i>
71	<i>Fuzilado</i>
72	<i>Fuzilado</i>
73	<i>Fuzilado</i>
74	<i>Fuzilado</i>

E três mais, que não declinaram a sua identidade.

O secretário terminou a lista dos condenados, pôs dois pontos no fim da sentença e passou-a, com uma caneta, ao seu vizinho mais próximo.

- Assina!

Konovalov, representante da aldeia de Novo-Zémztov, que envergava um capote de gala, de fazenda alemã, cinzenta, e gola vermelha, dobrou-se sobre a folha, com um sorriso encavacado. Segurou na caneta de estudante, toda roída na ponta, com os dedos calosos e escuros, sem os dobrar, e disse:

- É que eu não sou muito de letras...

E, com esforço traçou um grande «K».

Seguiu-se-lhe Ródine, que também assinou com pouca segurança, franzindo as sobrancelhas e a suar do esforço. Outro, que começou por sacudir a caneta no ar, para ganhar ânimo, escreveu o nome, de ponta da língua de fora. Popov traçou o dele numa letra larga e floreada, posto o quê se levantou e limpou a cara suada ao lenço de assoar.

- Tem de se juntar a lista à sentença - disse ele com um bocejo.

- Kalédine há-de agradecer-nos isto do outro mundo - comentou Sénine, com um sorriso juvenil, de olhos no secretário, que enxugava a lista húmida de tinta à parede caiada de branco.

Ninguém retorquiu ao gracejo. E todos saíram em silêncio.

- Senhor Jesus!... - suspirou alguém na casa de entrada.

XXIX

Naquela noite salpicada de estrelas amarelas-pálidas, pouco se dormiu no armazém a estalar de cheio. As conversas rapidamente se extinguíam. Os homens abafavam, do ar rarefeito e da inquietação.

Logo ao anoitecer, um dos guardas-vermelhos pediu para sair.

- Abre a porta, camarada. Preciso de fazer as minhas necessidades.

Despenteado, de pés desnudos, a camisola a sair-lhe das calças, de cara colada ao buraco da fechadura, repetia:

- Abre lá, camarada!

- Camarada teu é o diabo - acabou por lhe responder uma das sentinelas.

- Abre, irmãozinho! - suplicou então o homem, mudando de tratamento.

A sentinela encostou a carabina à parede, escutou o rumor das asas de um bando de patos selvagens, que cruzava a escuridão em busca de alimento, acendeu um cigarro, e apoiou os lábios à fechadura:

- Mija nas calças, meu velho. Não é numa noite que as estragas, e, amanhã de manhã, mesmo de calças molhadas podes entrar no Paraíso...

- Estamos todos lixados!... - articulou o guarda-vermelho, desesperado, afastando-se da porta.

Os homens estavam sentados ombro contra ombro. A um canto, Podtiólkov esvaziava as algibeiras e rasgava uma porção de rublos de papel, rosnando pragas. Ao acabar, descalçou-se, bateu no ombro de Krivochlíkov, que estava sentado ao lado dele, e disse-lhe:

- Intrujaram-nos, está visto! Intrujaram-nos, carago! É uma vergonha, Mikhail! Quando eu era garoto, muitas vezes fui caçar para o outro lado do Don com a escopeta do meu pai; entrava na floresta e parecia-me ela uma barraca verde... Aproximava-me do pântano, e os patos lá estavam... Sempre que falhava um tiro, sentia tamanha vergonha que me apetecia berrar... Também agora sinto vergonha: falhei o golpe. Tivéssemos nós partido três dias antes, e não estaríamos agora aqui, à espera da morte. Tínhamos virado de cangalhas toda a contra-revolução.

Krivochlíkov sorriu no escuro, descobrindo dolorosamente os dentes:

- Diabos os levem! Podem-nos matar! Não tenho medo de morrer... «Mas receio que no outro mundo Nos não reconheçamos um ao outro... Seremos estranhos um ao outro, Fedia... É terrível!...

- Cala-te! - censurou-o Podtiólkov pondo as suas mãos zorras a arder nos ombros do companheiro. - A questão não é essa...

Num canto qualquer, Lagútine falava da aldeia natal e do avô, que o tratava pela alcunha de «Faca», por causa da cara comprida que ele tinha, e o havia chicoteado um dia em que o apanhou no meloal de um vizinho.

Assim, a noite toda, as conversas se entremearam, incoerentes e sem nexos.

Buntchuk havia-se instalado mesmo ao lado da porta, e avidamente aspirava o vento que se encanava pelos interstícios dela. Rememorando a sua vida, como se tirasse cartas de um baralho, por um momento se lembrou da mãe, mas foi como se uma agulha ardente o trespassasse, e logo dela afastou o pensamento, para pensar em Ana, em dias mais recentes... Isto deu-lhe um grande alívio, uma apaziguante satisfação. A ideia da morte não o assustava. Já não sentia como outrora aquele indefinível arrepio ao longo da espinha vertebral, aquela angústia devoradora à ideia de perder a vida. Preparava-se para a morte como para um repouso sem alegria, após uma viagem amarga e dolorosa, quando a fadiga é tal e o corpo sofreu tanto que já nada consegue impressionar.

Ao lado dele, havia conversas alegres e tristes sobre mulheres, sobre o amor, sobre as grandes e as pequenas alegrias que cada uma delas havia entretecido no coração de cada qual.

Falava-se das famílias, dos parentes, dos amigos... Diziam uns que os trigos estavam bonitos, que as gralhas-calvas já se podiam ocultar nos campos, dos olhos dos homens. Outros manifestavam saudades da vodka e da liberdade e injuriavam Podtiólkov. Mas já o sono os cobria com as suas asas negras: fisicamente e moralmente esgotados, foram adormecendo, deitados, sentados, de pé.

Ao começo da manhã, um homem rompeu a soluçar, sem se perceber se a dormir ou se acordado, horripelantemente, como choram as pessoas rudes, que desde a infância esqueceram o gosto salgado das lágrimas. E imediatamente o silêncio do sono se interrompeu, e as vozes desataram a gritar:

- Cala-te, miserável!

A palavra «maricas» soou de vários pontos ao mesmo tempo.

- Cala-te, ou corto-te as goelas!

- Um pai de família, que não aguenta as lágrimas!...

- Há quem esteja aqui a dormir... e ele não tem vergonha!

O que chorava assoou-se ruidosamente e serenou.

O silêncio restabeleceu-se por completo. Aqui e além, luziam cigarros; mas os homens agora não diziam palavra. Cheirava a suor masculino, a corpos sadios amontoados, a fumo de tabaco, e ao doce e inebriante orvalho caído durante a noite.

Na aldeia, um galo cantou a anunciar o dia. Ouviram-se passos e um estalido metálico.

- Quem vive? - disse uma das sentinelas em voz baixa.

Outro qualquer respondeu com brandura, em voz juvenil, depois de ter pigarreado.

- Somos nós. Vamos abrir as valas para os homens de Podtiólkov.

E no armazém estabeleceu-se uma grande agitação.

XXX

O destacamento de Tatársski, comandado pelo tenente Petro Melekhov, chegou a Ponomariov em 11 de Maio, ao alvorecer.

Os cossacos do Tchir iam e vinham pelas ruas; alguns deles conduziam os cavalos aos bebedoiros; outros dirigiam-se em magotes para uma extremidade da aldeia. Petro fez parar o destacamento no centro dela e mandou appear. Uns poucos de homens acercaram-se dele.

- Onde vêm vocês, cossacos? perguntou um.

- De Tatársski.

- Já chegam um bocado tarde... Podtiólkov foi aprisionado sem vocês.

- Onde estão eles?... Já os levaram daqui?

- Estão acolá... E o cossaco apontou o telhado inclinado do armazém, e acrescentou a rir: Estão ali como galinhas numa capoeira.

Khrisstónia, Grigóri Melekhov e mais outros tinham-se aproximado.

- Para onde os vão levar? inquiriu Khrisstónia.

- Para o cemitério.

- Como é isso?... Que raio de história é essa? exclamou Grigóri, agarrando o homem por uma aba do capote.

- Arranje outra coisa melhor. Vossa Nobreza - replicou com insolência o cossaco, soltando-se com facilidade da mão rija de Grigóri. - Olhe, veja, já alçaram ali um baloiço. E apontou uma forca, erguida entre dois salgueiros enfezados.

- Repartam os cavalos pelos pátios! - ordenou Petro.

As nuvens cobriam o céu. De vez em quando, caía uma gota de chuva. Homens e mulheres encaminhavam-se em massa para a extremidade da aldeia. Informada de que a execução devia ser às seis horas, a população dirigia-se para ali alegremente, como se fosse para um espectáculo raro e divertido. As mulheres haviam-se vestido como para uma festa, e muitas levavam os filhos com elas. A multidão cercava o pátio, comprimia-se à roda da forca e da longa vala de perto de dois archines de fundura. As crianças patinavam na argila húmida; os homens, aos grupos, discutiam animadamente a execução; as mulheres cochichavam, com ar aflito.

Sério e ensonado, chegou o capitão Popov. Fumava, mastigando o cigarro, de dentes sólidos à mostra. Em voz rouca, ordenou aos homens da escolta:

- Mandem afastar as pessoas da vala. Digam a Spiridónov para trazer o primeiro grupo.

Consultou o relógio, arredou-se uns passos, a observar a multidão, que os guardas empurravam e se afastava do lugar do suplício, para formar um semicírculo denso e multicolor.

Spiridónov, com um grupo de cossacos, dirigiu-se rapidamente para o armazém. No caminho, cruzou-se com Petro Melekhov.

- Da vossa aldeia há voluntários? Voluntários para quê?

- Para executar a sentença.

- Não, não há! - respondeu Petro com brusquidão, desviando-se de Spiridónov, que lhe barrava a passagem.

Arranjaram-se, no entanto, voluntários: alisando com a palma de uma mão os cabelos espetados que lhe assomavam por sob a pala do boné, Mítka Korchunov acercou-se pesadamente de Petro, com os olhos cor de junco a luzirem-lhe por entre as pálpebras semicerradas:

- Eu vou... Porque disseste tu que não há voluntários? Eu estou de acordo com o castigo disse ele com um sorriso, e baixando os olhos. Dá-me cartuchos. Tenho só um carregador.

Além dele, apresentaram-se como voluntários Andrei Kachúline, cuja face pálida o ódio crispava, e Fédote Bodóvsskov, o que tinha cara de kalmuk.

Um murmúrio, um rugido contido atravessou a enorme multidão compacta, apinhada ombro contra ombro, quando o primeiro grupo de condenados, cercado da sua escolta de cossacos, saiu do armazém.

À frente vinha Podtiólkov, descalço, com os seus vastos calções de fazenda preta e o seu casaco de cabedal, escancarado. Assentava com segurança os pezorros brancos na lama, escorregando de espaço a espaço, e estendendo o braço esquerdo para restabelecer o equilíbrio. Krivochlíkov, de uma palidez mortal, arrastava-se penosamente atrás dele. Tinha os olhos secos e brilhantes, e a boca torcia-se-lhe dolorosamente. Tanto se curvava, para manter o capote nos ombros, que parecia ter um frio terrível. Por uma razão desconhecida, tinham deixado aos dois o fato; os outros, porém, traziam só a roupa branca. Lagútine, a passinhos miúdos, seguia Buntchuk que caminhava pesadamente. Todos estavam descalços. As ceroulas rasgadas de Lagútine descobriam-lhe uma coxa amarela, de pêlos ralos. Pudicamente, ele segurava-as, e tremiam-lhe os lábios. Buntchuk olhava, por sobre as

cabeças dos homens da escolta, a distância envolta em nuvens. Os olhos frios e duros piscavam-lhe, o que lhe dava uma expressão de expectativa inquieta; e com uma mãozorra metida pela abertura da camisa afagava o peito coberto de pêlos espessos. Tinha o ar de esperar qualquer coisa irrealizável e reconfortante... Alguns conservavam na face uma aparente indiferença. Orlov, o velho bolchevique de cabelos brancos, baloiçava os braços em ar de desafio e escarrava direito aos pés dos cossacos. Mas dois ou três homens mostravam no olhar uma tamanha e tão surda angústia, um tal terror nas caras descompostas, que os próprios soldados da escolta, ao notarem-no, viravam deles a cabeça.

Avançavam rápidos. Podtiólkov amparava agora Krivochlíkov, que escorregava. Aproximaram-se da multidão, em que alvejavam os lenços das mulheres e por todos os lados sobressaíam as manchas vermelhas e azuis dos bonés dos homens. Podtiólkov lançou-lhe uma olhadela baixa e praguejou horrendamente em voz alta; e de súbito disse a Lagútine, cujo olhar furtivamente captara:

- Que é?

- É que embranqueceste nestes dias... Parece que um cão te mijou em cima...

- Há motivo para ter embranquecido... - replicou-lhe Podtiólkov com um suspiro triste; e repetiu, limpando o suor da testa estreita: - Há motivo para se embranquecer, com graças dessa espécie... Os lobos embranquecem nas jaulas; eu sou um homem.

Não trocaram nem mais uma palavra. A multidão cerrava-se contra eles. E eles viam à direita a vala comprida, orlada de um monte de argila. Spiridónov comandou:

- Alto!

Imediatamente Podtiólkov deu um passo em frente, e passeou o olhar fatigado pelas primeiras filas da multidão, em que se viam barbas brancas e grisalhas. Os veteranos da frente estavam atrás, roídos de vergonha. Em voz abafada, mas perceptível, mal mexendo o bigode caído, Podtiólkov disse:

- Escutem, anciães. Consintam-nos, a Krivochlíkov e a mim, que vejamos como os nossos camaradas recebem a morte. Matem-nos depois a nós. Gostávamos de ver os nossos amigos, os nossos camaradas, e amparar os que fraquejem.

Era tal o silêncio, que se ouvia a chuva bater nos bonés...

Um pouco afastado, o capitão Popov sorriu, pondo à mostra uma enfiada de dentes amarelados pelo tabaco; não levantou qualquer objecção. Vários velhos gritaram desordenadamente:

- Está consentido!

- Deixem-nos para o fim!

- Afastem-nos da vala.

Krivochlíkov e Podtiólkov penetraram por entre a multidão, que se afastou diante deles, para lhes dar passagem. Ao fim de alguns passos, estacaram, apertados por todos os lados por gente, perscrutados por centenas de olhos ávidos, enquanto eles próprios observavam os cossacos que desajeitadamente alinhavam os guardas-vermelhos de costas para a vala. Podtiólkov via-os bem; mas Krivochlíkov precisava de se empinar nos bicos dos pés, esticando o pescoço delgado e por barbear.

Buntchuk era o último à esquerda. Um pouco curvado, respirava a custo, sem erguer os olhos, fixos no chão. Ao lado dele, Lagútine dobrou-se para cobrir com a fralda da camisa as ceroulas rasgadas; o terceiro era Ignat, de Tambov; e o seguinte, Vanka Boldírev, irreconhecível, envelhecido pelo menos vinte anos. Podtiólkov procurou quem fosse o quinto, e só com dificuldade reconheceu Matvei Sakmátov, da stanitsa de Kazánsskaia, que desde Kaménsskaia havia partilhado com ele alegrias e tristezas. Dois outros homens surgiram e viraram as costas à vala. Petro Lissíkov riu com insolência, provocadoramente, berrou obscenidades e ameaçou a multidão silenciosa com um punho sujo e cerrado. Koretzov não disse uma palavra. O último foi necessário arrastá-lo à força. Dobrava-se para trás, de pernas inertes, pendentes, deixando um sulco no chão, agarrado aos cossacos que o seguravam, sacudindo a cabeça inundada de lágrimas, a soluçar, muito esgançado:

- Deixem-me, irmãos! Deixem-me, por amor de Deus!

- Irmãos! Amigos! Meus irmãozinhos! Que vão vocês fazer?

- Ganhei quatro cruzeiros contra os alemães... Tenho filhos... Eu estou inocente, meu Deus!... Porque fazem vocês isto?...

Um cossaco alto, do Regimento Atamánsski, atirou-o com uma joelhada para a beira da vala. Só então Podtiólkov reconheceu quem ele era, e sentiu-se horrorizado: era um dos guardas-vermelhos mais intrépidos, um cossaco de Migulínsskaia, da classe de 1910, um belo rapaz de bigode loiro, cavaleiro de São Jorge das quatro classes. Puseram-no de pé, mas ele caiu; rastejava aos pés dos outros, colando-lhes os lábios secos às botas com que eles o agrediam, e rouquejava, numa terrível voz estrangulada:

- Não me matem! Tenham dó de mim! Eu tenho três filhos... uma filhinha... Meus amigos, meus irmãos!...

Abraçou-se aos joelhos do homem do Regimento Atamánsski, mas este libertou-se dele com um movimento rápido, e deu-lhe com toda a força num ouvido com um tacão ferrado. Um fio de sangue espirrou do outro ouvido e correu-lhe para a gola branca da camisa.

- Alinhem-no com os outros! - bradou Spiridónov, furioso.

Conforme puderam, uns cossacos levantaram-no, colocaram-no de pé e afastaram-se de corrida. Em frente, os homens do pelotão prepararam-se para atirar. A multidão emitiu um grito breve, e logo se calou. Uma mulher soltou um guincho agudo.

Buntchuk quis ver, tornar a olhar mais uma vez o céu velado de cinzento, e a terra triste que durante vinte e nove anos havia pisado. Levantou os olhos e deu, a quinze passos, com os cossacos em formação cerrada: um deles, alto, de olhos verdes semicerrados, com uma poupa, que lhe assomava de sob a pala do boné, tombada para a testa branca, inclinado para diante, de lábios apertados, visava-lhe o meio do peito. Mesmo antes de a salva estalar, Buntchuk ouviu um grito estridente; virou a cabeça: uma mulher nova, de cara coberta de sardas, havia saído da multidão e fugia para a aldeia, cerrando com uma das mãos um filho contra o peito, e com a outra tapando-lhe os olhos.

Disparada a salva, que estalou desordenada, já com os oito guardas-vermelhos caídos uns sobre os outros, alguns homens do pelotão precipitaram-se para a vala.

Reparando que o guarda-vermelho que ele visara se estorcia e mordida um braço, Mitka Korchunov atirou de novo e disse a meia voz a Andrei Kachúline:

- Olha este malandro: mordeu um braço até fazer sangue, e morreu sem dizer palavra.

Outros dez condenados, empurrados à coronhada, acercaram-se da vala...

Depois da segunda salva, as mulheres prorromperam aos berros e dispersaram-se, estonteadas, puxando os filhos pelas mãos. Também os homens começaram a abalar. O espectáculo abominável daquela exterminação, com os gritos e os arquejos dos moribundos e a grita dos que esperavam pela sua vez, pungente e de um desmedido horror, fazia fugir as pessoas. Só os veteranos da frente, habituados à morte, e os velhos mais raivosos ali ficaram.

Ininterruptamente foram trazidos novos grupos de guardas-vermelhos, despidos e descalços. Revezavam-se os voluntários do pelotão, as salvas estalavam, esparsas, e soavam, secos, os tiros isolados com que se acabavam os feridos. Nos intervalos cobria-se rapidamente a camada anterior de cadáveres.

Podtiólkov e Krivochlíkov dirigiam-se aos que esperavam pela sua vez, procuravam encorajá-los; mas as palavras deles já não produziam o efeito antigo, porque aqueles homens, cujas vidas daí a pouco se quebrariam como o pecíolo de uma flor, pensavam noutras coisas.

Ao abrir passagem por entre a multidão para voltar para a aldeia, Grigóri Malekhov cruzou-se com Podtiólkov. Este deu um passo atrás, e pregueou os olhos:

- Também tu aí estás, Melekhov?

Uma palidez azulada invadiu as faces de Grigóri, que estacou.

- Estou. É como vês...

- Pois vejo... - Podtiólkov teve um sorriso de esguelha e observou que uma onda de ódio assomava na cara lívida de Grigóri. - Fuzilas, então, os teus irmãos? Viraste a casaca?... Olha como tu és!...Avançou para Grigóri e murmurou: Serves uns e outros. É quem dá mais! Olha, tu!...

Grigóri agarrou-o por uma manga e ripostou-lhe, em tom rouco:

- Lembras-te da batalha de Glubókaia? Lembras-te de como fuzilaram os oficiais?. . Foi por ordem tua que os fuzilaram. Ha? Agora, é a tua vez. Não chores! Não és só tu que podes dar cabo da pele dos outros. Estás tramado, Presidente do Conselho dos Comissários do Povo do Don! Malandro, que vendeste os cossacos aos judeus! Compreendes? Ou queres que to explique melhor?

Khrisstónia puxou Grigóri, a quem a ira dementava, e levou-o com ele.

- Vamos para ao pé dos cavalos. Vamo-nos embora. Nem tu nem eu temos nada aqui que fazer. Meu Deus, como as pessoas são!...

Partiram, mas logo pararam para escutar Podtiólkov. Rodeado de veteranos da frente e de velhos, este bradava em voz aguda e apaixonada:

- Vocês são ignorantes e cegos! Cegos é o que vocês são! Os oficiais enganam-nos e fazem-nos matar irmãos. Julgam vocês que por nos matarem isto acaba? Não acaba! Hoje são vocês os mais fortes, mas amanhã os fuzilados serão vocês! O poder dos Sovietes há-de implantar-se na Rússia toda. Vocês hão-de lembrar-se do que eu lhes estou a dizer. Estão a verter sangue inutilmente! São uns imbecis!

- Havemos de nos ver livres dos outros como de vocês! - lançou-lhe um velho.

- Não se pode fuzilar toda a gente, avô - retorquiu-lhe Podtiólkov com um sorriso. - Vocês não podem matar a Rússia em peso. Cuidado com as vossas cabeças! Quando se arrependerem, será tarde de mais.

- Tu não nos ameaces!

- Não estou a ameaçar. Estou a mostrar-lhes o caminho. Quem é cego és tu, Podtiólkov. Moscovo tapou-te os olhos.

Sem escutar mais, Grigóri alcançou, quase a correr, o pátio em que o cavalo dele estava, enervado pela fuzilaria. Apertou-lhe a cilha, e abalou a galope, acompanhado por Khrisstónia; e ambos desapareceram, sem se voltarem, do lado oposto da colina.

Entrementes, em Ponomariov, o fumo dos tiros continuava a soltar-se das carabinas: os cossacos de Viochénsskaia, de Karguínsskaia, de Bokóvsskaia, de Krassnokútsskaia e de

Miliutínsskaia fuzilavam os cossacos de Kazánsskaia, de Migulínsskaia, de Razdórsskaia, de Kumchátsskaia e de Baklanóvsskaia...

A vala encheu-se até acima. Cobriram-na de terra. Acamaram esta com os pés. Dois oficiais, de máscara preta, pegaram em Podtiólkov e em Krivochlíkov e conduziram-nos para a forca.

De cabeça brava e orgulhosamente erguida, Podtiólkov subiu ao banco, desabotoou a gola da camisa, libertando assim o pescoço grosso e tísido, e, sem um músculo se lhe crispar, enfiou-o na argola da corda passada com sabão. Um dos oficiais ajudou Krivochlíkov a subir ao banco dele e pôs-lhe a corda ao pescoço.

- Deixem-me dizer uma última palavra antes de morrer - pediu Podtiólkov.

- Fala lá!

- Podes dizer! - exclamaram os veteranos da frente.

Podtiólkov estendeu um braço para a multidão, agora rala:

- Como vêem, já não há muita gente que nos queira ver morrer. Aos que se foram embora a consciência atormenta-os. Lutámos pelo povo trabalhador, pelos seus interesses, contra os generais, os cães, sem pouparmos as nossas vidas, e agora é pelas mãos de vocês que vamos morrer. Mas não os amaldiçoamos. Vocês foram miseravelmente enganados. O poder revolucionário voltará, e vocês hão-de compreender de que lado está a verdade. O que vocês deitaram para essa vala foram os melhores filhos do Don tranquilo...

Um clamor ergueu-se, e a voz de Podtiólkov tornou-se mais indistinta. Um dos oficiais aproveitou o momento para com rapidez lhe puxar o banco. O corpanzil pesado de Podtiólkov caiu e os pés tocaram-lhe no chão. O nó que lhe apertava a garganta esganava-o e obrigava-o a virar a cara para o céu. Esticando os dedos dos pés, empinou-se na terra húmida e calcada, aspirou uma baforada de ar, e, relanceando sobre a multidão os olhos exorbitados, disse debilmente:

- Vocês ainda não sabem enforcar... Comigo, Spiridónov, não tocavas tu com os pés no chão...

A saliva corria-lhe abundantemente da boca. Os oficiais mascarados e os cossacos mais próximos repuseram-lhe a custo o corpo pesado e inerte em cima do banco.

Krivochlíkov, por seu lado, não conseguiu acabar o seu discurso. O banco dele voou-lhe de debaixo dos pés e foi esbarrar numa pá. Por um bom bocado se baloiçou, seco e musculado, quer tão encolhido que os joelhos flectidos lhe tocavam no queixo, quer esticado, num espasmo... Estava vivo ainda, agitado por convulsões e a mover a língua negra e pendente, quando pela segunda vez retiraram o banco de sob os pés de Podtiólkov. De novo o corpo deste caiu pesadamente, uma costura rebentou-lhe num ombro do casaco

de cabedal, e de novo os dedos dos pés lhe tocaram no chão. A multidão soltou um grito surdo. Alguns homens afastaram-se, a benzer-se. Tamanha foi a perturbação, que todos os que restavam se quedaram um instante imóveis e fascinados, de olhos fitos com terror na cara de Podtiólkov, cor de ferro.

Mas Podtiólkov estava mudo, estrangulado pelo nó. Só lhe mexiam os olhos, de que lhe escorriam fios de lágrimas; e, para aliviar o sofrimento que sentia, de lábios torcidos, com todas as forças que lhe restavam se retesava, dolorosa e horrivelmente.

Alguém teve a ideia de lhe escavar a terra por baixo dos pés, e com rapidez tirou algumas pásadas. A cada uma delas, o corpo de Podtiólkov esticava-se, alongava-se-lhe o pescoço, e a cabeça, de cabelo um pouco encaracolado, se lhe dobrava para as costas. com dificuldade a corda lhe aguentava os seis pudes de peso. Estalava ao alto, na travessa da forca, e baloiçava brandamente, e Podtiólkov com ela, para todos os lados, como que para mostrar aos seus assassinos a sua face de um roxo carregado e o peito molhado por uma torrente ardente de saliva e de lágrimas.

XXXI

Michka Kochevói e Valete só deixaram Kárguine passadas duas noites. O nevoeiro, como uma espuma sobre a estepe, redemoinhava nos vales, mergulhava nas concavidades do terreno, lambendo os contrafortes dos barrancos, rodeando os dólmenes e tornando-os brilhantes. As codornizes gritavam na erva nova. E a Lua flutuava no céu, como um nenúfar aberto num tanque orlado de espadanas e de juncos.

Caminharam até ao amanhecer. As Pleiades já se haviam apagado. O orvalho caía. Indo próximo de Níjnê-Iablonóvsskaia, a três verstás da aldeia, ao alto de uma colina foram apanhados por uns cossacos.

Seis cavaleiros haviam-lhes seguido o rasto. Eles tentaram esconder-se, mas a erva era baixa e a lua luzia... Prenderam-nos .. Fizeram-nos arrepiar caminho. Percorreram todos uma centena de ságenas em silêncio. De repente, estalou um tiro . Valete mergulhou obliquamente, trocando as pernas, como um cavalo assustado pela própria sombra. Não caiu, a bem dizer; antes se deitou, atabalhoadamente, de cara enfiada num tufo de absinto azulado.

Michka andou durante cinco minutos, sem consciência do próprio corpo, de ouvidos zumbindo e pernas como se não fossem dele. Por fim, perguntou:

- Porque não atiram, filhos da puta? Porque me deixam morrer aos poucos?

- Anda, anda. E caluda! - replicou-lhe com mansidão um dos cossacos. - O mujique matámo-lo, mas a ti perdoamos-te. Foste do 12.º Regimento, durante a guerra?

- Fui.

- Pois ainda podes servir de novo nele. És novo. Andaste um pouco desencaminhado; mas a desgraça não é grande. Eles te curarão.

A «cura» de Michka foi confiada ao tribunal militar da stanitsa de Karguínsskaia, três dias depois. Este tribunal só condenava a duas penas: à morte, ou a ser vergastado. Os condenados à morte eram levados de noite para fora da stanitsa, para a falda oposta do Cabeço de Areia; e os que se tinha esperança de emendar recebiam as vergastadas em público.

No domingo de manhã, mal se postou o banco corrido no meio da praça, as pessoas começaram a juntar-se. Não tardou que a praça estivesse apinhada, bem como cheias de

gente as janelas, os montões de tábuas ao lado dos armazéns, e os telhados das casas de habitação e das lojas. O primeiro a ser vergastado foi Alekssándrov, o filho do pope de Grátchi. Pela reputação que tinha de ardente bolchevique, deviam-no ter fuzilado; mas o tribunal condenou-o só a vinte vergastadas, dado o pai ser um bom pope, que todos respeitavam. Baixaram-lhe as calças, estenderam-no no banco, um cossaco sentou-se-lhe em cima das pernas (os braços tinha-os ele amarrados), e dois outros cossacos, armados de varas de salgueiro, tomaram posição cada um de seu lado dele. Depois do castigo, Alekssándrov levantou-se, sacudiu o corpo, puxou as calças para cima, e pôs-se a fazer vénias à multidão em redor. Tão contente se sentia de o não terem fuzilado, que fazia vénias e agradecia:

- Obrigado, senhores anciães!

- Só te faz bem à saúde! - atirou-lhe um qualquer.

Foi de tal ordem a galhofa na multidão, que os próprios condenados, que esperavam perto dali, num armazém, não se aguentaram que não sorrissem.

Michka recebeu também vinte vergastadas, bem puxadas, como a sentença estabelecia. Mas, mais que a dor física, o punziu a vergonha. A aldeia em peso, velhos e novos, estava ali, de olhos fitos nele. Ao puxar as calças, disse, quase chorando, a um dos cossacos que o haviam vergastado:

- Não é justo.

- Porquê?

- A cabeça é que pensava, e foi o cu que pagou... É uma vergonha para toda a minha vida.

- Não faças caso; a vergonha não é como o fumo: não faz arder os olhos - ripostou-lhe o cossaco, à laia de consolação; e acrescentou, para o lisonjear: - És forte, rapaz: dei-te as vergastadas com toda a gana, de propósito, a ver se gritavas, e não o consegui. Um destes dias vergastei um, que se borrou. Quer dizer que é fraco das tripas.

No dia seguinte, em conformidade com a sentença, Michka partiu para a frente.

Valete foi enterrado dois dias depois: dois cossacos de Níjnê-Iablonóvsskaia, mandados pelo atamane da aldeia, cavaram uma cova profunda, e, sentados à borda dela se demoraram um bom bocado a fumar, de pernas pendentes para dentro.

- A terra aqui é dura - disse um.

- Parece ferro. Nunca foi lavrada; endureceu com o tempo.

- É verdade... Este tem sorte em ser enterrado aqui, numa boa terra, e num alto... É um sítio ventoso e seco, e sol não falta... Não é tão cedo que apodrece.

Olharam o corpo de Valete, encolhido sobre a erva, e ergueram-no.

- Descalçamo-lo?

- Que raio de pergunta! As botas dele ainda estão boas.

Lançaram-no à terra, segundo o costume cristão: de cabeça para o ocidente; e sobre ele atiraram a terra escura e espessa.

- Fazemos-lhe um montão por cima? - inquiriu do outro o mais novo, mal a cova ficou tapada.

- Não vale a pena; deixa lá - replicou-lhe o outro, e suspirou. - Quando os anjos tocarem para o Juízo Final, mais depressa ele se levanta...

Quinze dias volvidos, a sepulturazinha estava coberta de tanchagem e de absinto novo, a aveia-doida assomava dela, e invadiam-na a colza com as suas opulentas flores amarelas, o trevo-de-cheiro com os seus cachos, e o tomilho e o eufórbio odoríferos. Pouco tempo depois, um velho da aldeia próxima veio-lhe abrir um buraquinho à cabeceira, e nele espetou uma estaca de castanho aplainada de fresco, com um ícone ao alto. A face triste da Virgem luzia debilmente na sombra da cobertura triangular, e na cornija podia-se ler em floreadas letras eslavónicas, pintadas a preto:

**Nestes pobres dias de perturbação,
Não julgueis, irmãos, nenhum vosso irmão.**

Foi-se o velho embora, e o ícone ali ficou na estepe, comovendo quem passava pelo seu aspecto melancólico, despertando-lhe no coração uma inexprimível angústia.

Em Maio, duas abetardas, que ali travaram luta, destroçaram o absinto azul e quebraram as hastes do escalracho já a amadurecer: eram dois machos que se batiam por uma fêmea, pelo direito à vida, ao amor, à reprodução. E não tardou que, ao lado do ícone, sob um torrão de terra, por trás de um tufo ressequido e despedaçado de absinto, a fêmea pusesse nove ovos cinzentos-azulados, que chocou sob o calor do corpo, defendendo-os com as suas asas luzidias.

FIM DO SEGUNDO VOLUME



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

